Roberto de Mattei

"O Cruzado do século XX – Plinio Corrêa de Oliveira"

Tradução do original italiano: Leo Daniele
Revisão e projecto gráfico: António Carlos de Azeredo
Livraria Civilização Editora, Porto, 1997

ÍNDICE GERAL

PREFÁCIO

do Cardeal Alfons M. Stickler S.D.B. *

Nos períodos de crise e de confusão que a História frequentemente registra, as biografias dos homens eminentes podem às vezes, mais do que os abstractos volumes de moral ou de filosofia, indicar o recto caminho.

Com efeito, os princípios devem ser vividos em concreto e quanto mais as condições dos tempos são hostis à encarnação histórica dos valores perenes, tanto mais se torna necessário conhecer a vida de quem colocou tais valores no centro da própria existência.

Isto sucedeu, no nosso século, com Plínio Corrêa de Oliveira, o grande pensador e homem de acção brasileiro do qual o Prof. Roberto de Mattei, com a competência que lhe é própria, compôs a primeira biografia na Europa a um ano da morte daquele, ocorrida em São Paulo, a 3 de Outubro de 1995.

Com a coerência da sua vida de autêntico católico, Plínio Corrêa de Oliveira confirma-nos a fecundidade da Igreja. De facto, para os verdadeiros católicos, as dificuldades dos tempos constituem ocasiões em que eles se destacam na História, para nela afirmar a perenidade dos princípios cristãos. Foi o que fez o eminente pensador brasileiro, mantendo alta, na era dos totalitarismos de todas as cores e expressões, a sua fidelidade inamovível ao Magistério e às instituições da Igreja. Ao

lado da sua fidelidade ao Papado, apraz-me recordar um traço característico da sua espiritualidade que se manifestou na devoção a Maria Auxiliadora, a Nossa Senhora do Rosário e da vitória de Lepanto, por ele venerada na Igreja salesiana do Sagrado Coração de Jesus, em São Paulo.

Lembro-me ainda com satisfação de ter estado entre os apresentadores na Itália da obra magistral de Plínio Corrêa de Oliveira, "Nobreza e elites tradicionais análogas nas alocuções de Pio XII", que na minha opinião constitui, ao lado de "Revolução e Contra-Revolução", um dos frutos mais altos do pensamento deste ilustre brasileiro.

Congratulo-me por fim com o autor desta obra, Prof. Roberto de Mattei, ao qual me ligam sentimentos de amizade e de consonância de ideais, pela mestria com que conseguiu apresentar-nos a figura e obra de Plínio Corrêa de Oliveira, de quem se mostra digno discípulo na Europa.

Todos os fundadores e personalidades de relevo na história da Igreja sofreram incompreensões e calúnias. Não admira, pois, que também Plínio Corrêa de Oliveira tenha sido objecto, e possa continuar a sê-lo no futuro, de campanhas difamatórias, alimentadas habilmente por aqueles que se opõem ao seu ideal de recristianização da sociedade. Tais campanhas caluniosas também atingiram, no nosso século, muitas outras associações católicas, contra as quais se quis lançar a pecha demoníaca de "seitas". É interessante notar que tais campanhas se tornam tanto mais agressivas quanto maior é a fidelidade católica das associações atingidas. Isso demonstra que o verdadeiro alvo das acusações é a Igreja, à qual se pretende negar o papel de "Mestra da Verdade" recentemente reafirmado pelo Santo Padre João Paulo II na encíclica Veritatis Splendor. É lamentável que a essas campanhas injuriosas, promovidas pelos inimigos da Igreja, se prestem por vezes católicos que se pretendem ortodoxos.

Faço votos de que esta biografia de Plínio Corrêa de Oliveira dissipe críticas e incompreensões e constitua um ponto de referência ideal para todos aqueles que, com generosidade, querem dedicar as próprias energias ao serviço da Igreja e da Civilização Cristã.

Tal obra de serviço à Igreja não requer apenas rectidão doutrinal, mas também vida interior e um especial espírito de penitência e de sacrifício, proporcionado à gravidade da hora presente.

Com a sua vida e obra, Plínio Corrêa de Oliveira dá-nos claro exemplo disso.

Asseguro as minhas orações e a minha bênção para todos aqueles que se farão imitadores e propagadores desse espírito e dessa visão autenticamente católica do mundo.

Alfons Maria Card. Stickler
Roma, 2 de Julho de 1996
Festa da Visitação de Nossa Senhora

* O Cardeal Alfons Maria Stickler, salesiano, nasceu em Neunkirchen (Áustria) em 1910. A sua particular vocação para o estudo das ciências jurídicas conduziu-o ao magistério no Pontifício Ateneu Salesiano, do qual foi, de início, Decano da Faculdade de Direito Canónico e, posteriormente, Reitor de 1958 a 1966. Pondo ao serviço da Santa Sé os seus elevados dotes académicos, após ter dirigido o Instituto de Altas Ciências Latinas foi nomeado Prefeito da Biblioteca Vaticana. Em 1983, João Paulo II elevou-o à dignidade episcopal e em seguida, ao nomeá-lo Cardeal com o título diaconal de São Jorge em Velabro, fê-lo Bibliotecário e Arquivista da Santa Igreja. É autor de importantes estudos teológicos e canónicos traduzidos em numerosas línguas.

ELENCO DAS ABREVIATURAS

AAS Acta Apostolicae Sedis, Typographia Vaticana, Cidade do Vaticano-Roma, 1909

BSS Bibliotheca Sanctorum, Instituto Giovanni XXIII, Roma, 1961-1970, 10 vol.
Catholicisme Catholicisme hier, aujourd'hui, demain, org. G. Jacquemet, Letouzey et Ané, Paris, 1947 ss.
DB Dictionnaire de la Bible, org. F. Vigouroux, Letouzey et Ané, Paris, 1895-1912, 10 vol.
DDC Dictionnaire de Droit canonique, Letouzey et Ané, Paris, 1935-1965, 7 vol.
DHBB Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro 1930-1983, org. Fundação Getúlio Vargas, Forense-Universitária-Finep, Rio de Janeiro, 1984, 4 vol.
DM Dizionario di Teologia Morale, dirigido pelos Cardeais Francesco Roberti e Pietro Palazzini, Studium, Roma, 1961
DENZ-H Heinrich Denzinger, Enchiridion Symbolorum, sob a direcção de Peter Hunermann, EDB, Bolonha, 1995
DHGE Dictionnaire d'Histoire et de Géographie Ecclésiastiques, Letouzey et Ané, Paris, 1912 ss.
DIP Dizionario degli Istituti di Perfezione, dirigido por Guerriero Pelliccia e Giancarlo Rocca, Edizioni Paoline, Roma, 1974 ss.
DR Pio XII, Discorsi e Radiomessaggi, Tipografia Vaticana, Cidade do Vaticano, 1959, 21 vol.
DSp Dictionnaire de Spiritualité, Beauchesne, Paris, 1937-1994, 16 vol.
DTC Dictionnaire de Théologie Catholique, Letouzey et Ané, Paris, 1909-1972, 33 vol.
EB Encyclopaedia Britannica, H. Hemingway Benton Publisher, Chicago, 1975, 30 vol.
EC Enciclopedia Cattolica, Sansoni, Florença, 1949-1954, 12 vol.
ER Enciclopedia delle Religioni, Vallecchi, Florença, 1970-1976, 6 vol.
GAF Grande Antologia Filosofica, org. Umberto Antonio Padovani, Marzorati, Milão, 1954,
GER Gran Enciclopedia Rialp, Ediciones Rialp, Madrid, 1971-1976, 24 vol.
HKG Handbuch der Kirchengeschichte, Herder, Freiburg im Bresgau 1965-1973, 9 vol.; tr. it. Storia della Chiesa, Jaca Book, Milão, 1975 1980, 13 vol.
IP Insegnamenti Pontifici, org. pelos monges de Solesmes, tr. it., Paoline, Alba, 1957-1965, 14 vol.
LTK Lexikon für Theologie und Kirche, Verlag Herder, Friburgo, 1957-1965, 10 vol.
NDB Neue Deutsche Biographie, Duncker & Humblat, Berlim, 1953 ss.
PG Patrologiae Cursus Completus, Series Graeca, org. Jacques-Paul Migne, Migne, Parisiis, 1857 1866, 164 vol.
PL Patrologiae Cursus Completus, Series Latina, org. Jacques-Paul Migne, Migne, Parisiis, 1844 1864, 226 vol.
TRE Theologische Realenzyklopädie, de Gruyter, Berlim-Nova York, 1977 ss.

Roberto de Mattei

O cruzado do século XX – Plinio Corrêa de Oliveira

Plinio Corrêa de Oliveira nasceu em São Paulo, Brasil, a 13 de Dezembro de 1908 e foi na mesma cidade que veio a falecer, com 87 anos, a 3 de Outubro de 1995. Destacou-se desde muito novo como eminente pensador católico e intrépido homem de acção. Foi deputado à Constituinte de 1934, professor catedrático na Pontificia Universidade Católica de São Paulo, jornalista e escritor. E autor de dezanove livros e milhares de artigos.

Ao longo de quase todo o século XX, defendeu o Papado, a Igreja e o Ocidente cristão contra os totalitarismos nazi e comunista, contra a influência deletéria do american way of life e contra o processo de "autodemolição" da Igreja Católica. Nele se inspiraram as Associações de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP), disseminadas por 26 países dos cinco continentes, que formam hoje a mais vasta

rede de associações de inspiração católica dedicadas a combater o processo revolucionário que investe contra a Civilização Cristã.
Herdeiro da escola contra-revolucionária de De Maistre, De Bonald e Donoso Cortés, Plínio Corrêa de Oliveira é considerado por muitos como um dos maiores pensadores católicos deste século.
O livro de Roberto de Mattei é a primeira biografia dedicada à sua figura.

Roberto de Mattei nasceu em Roma em 1948. Formado em Ciências Políticas pela Universidade "La Sapienza" de Roma, foi assistente na mesma Faculdade do Prof. Augusto Del Noce e, posteriormente, do historiador Armando Saitta. Desde 1986 é catedrático de História Moderna na Faculdade de Letras da Universidade de Cassino. Jornalista e escritor, é autor de numerosos livros e artigos, traduzidos também no estrangeiro. Fundou e preside o Centro Cultural Lepanto, associação de leigos católicos que tem como finalidade defender os princípios e as instituições da Civilização Cristã.

* * *

INTRODUÇÃO

"Querendo ou não, todos estamos
a escrever as nossas biografias.
E no dia do Juízo,
o volume será aberto e lido"

As páginas que seguem visam aproximar o leitor italiano e europeu da figura de um eminente pensador e homem de acção, destinado a ser recordado como um grande protagonista do século que se encerra: Plínio Corrêa de Oliveira.

Apesar dos seus escritos, traduzidos em numerosas línguas, e da sua obra, espalhada por 26 países dos cinco continentes, Plínio Corrêa de Oliveira raramente é mencionado nas grandes enciclopédias e nos textos didácticos, nem falam dele os meios de comunicação social e os "formadores de opinião". Esta é a melhor prova do seu alheamento das modas culturais do tempo e também a razão que me leva a escrever estas páginas e o editor a publicá-las.

Não tenho a pretensão de traçar uma biografia completa de Plínio Corrêa de Oliveira, que para ser exaustiva deveria ser monumental, nem de expor o conjunto do seu corpus doutrinário, ainda em fase de publicação. Não pretendo tampouco traçar a história, igualmente vasta e em pleno desenvolvimento, das Sociedades de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, por ele inspiradas e hoje espalhadas pelo mundo. Para tudo isso faltam-me tempo e forças.

Proponho-me, simplesmente, oferecer ao leitor uma introdução ao pensamento e à obra de Plínio Corrêa de Oliveira, que permita formular um juízo acerca desta grande personalidade, amada e odiada com igual calor, mas geralmente desconhecida ou deliberadamente ignorada. Trata-se, pois, de uma primeira proposta de abordagem da sua pessoa, à espera de que outros desenvolvam todos os aspectos de uma figura tão poliédrica e tão rica.

"Querendo ou não –escreveu Plínio Corrêa de Oliveira– todos estamos a escrever as nossas biografias. E no dia do Juízo, o volume será aberto e lido" (1).

(1) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Seriedade", in Catolicismo, n° 485 (Maio 1991).

Todos os homens devem procurar dar um sentido ao livro da sua vida, do qual Deus é o primeiro e verdadeiro autor. A nossa existência no tempo terá significado, apenas na medida em que corresponda aos misteriosos desígnios

traçados para cada um de nós desde toda a eternidade. A utilidade dos livros biográficos está em ajudar-nos nesse difícil caminho, através dos exemplos vivos dos que nos precederam. "Verba movent, exempla trahunt"[1]: o exemplo dos homens que escreveram as suas biografias no "cristianismo vivido" da própria existência, pode contribuir para orientar também a nossa vida e o nosso futuro. Espero que seja este o principal fruto da minha obra dedicada ao Prof. Doutor Plínio Corrêa de Oliveira.

(2) Adolfo TANQUEREY, "Compendio di Teologia Ascetica e Mistica", Desclée, Roma 1928, p. 27.

Considero um dom da Providência ter podido encontrar Plínio Corrêa de Oliveira pessoalmente e numerosas vezes, entre 1976 e 1995. Sem tal conhecimento directo, que me marcou profundamente, este livro não teria sido possível.

ROBERTO DE MATTEI

Nota:

O presente estudo foi feito com espírito objectivo e científico, através de um escrupuloso controlo de documentos. As principais fontes por mim consultadas para o estudo da obra de Plínio Corrêa de Oliveira, além dos 19 livros por ele publicados, foram os mais de 2500 artigos e ensaios editados pelo semanário **O Legionário** (1927-1947), pelo mensário **Catolicismo** (1951-1995) e pelo jornal **Folha de S. Paulo** (1968-1993). Um primeiro panorama das suas principais actividades é-nos oferecido pelo livro "Meio século de epopeia anticomunista" (Editora Vera Cruz, São Paulo 1980), **"Um Homem, uma Obra, uma Gesta. Homenagem das TFPs a Plínio Corrêa de Oliveira"** (Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, s. d.) e pela obra de João S. CLÁ DIAS, "Dona Lucilia" (Artpress, São Paulo, 1995), dedicada a Lucilia Ribeiro dos Santos, mãe do nosso biografado. Merece também ser lembrada, pela seriedade da pesquisa, a tese de doutoramento de Lizâneas DE SOUZA LIMA, "Plínio Corrêa de Oliveira. Um Cruzado do século XX" (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 1984).

De grande importância são, naturalmente, os escritos inéditos que se pode consultar, entre os quais o **Auto-retrato filosófico**, («Catolicismo», n° 550, Outubro 1996) bem como os numerosos testemunhos daqueles que tiveram a ocasião e o privilégio de conhecer pessoalmente Plínio Corrêa de Oliveira.

Desejo também agradecer vivamente a todos aqueles que contribuíram para a publicação deste volume. Entre eles, pelas preciosas indicações e sugestões, de que foram pródigos, agradeço especialmente aos senhores Armando Alexandre dos Santos, Julio Loredo, José Messias Lins Brandão, Juan Miguel Montes, Stefano Nitoglia, Francisco Javier Tost Torres, José Antonio Ureta, Guido Vignelli, Leo Daniele, António Carlos de Azeredo, João Luis Vidigal e José Narciso Soares.

Capítulo I

"QUANDO AINDA MUITO JOVEM..."

"Quando ainda muito jovem
considerei enlevado as ruínas da Cristandade.
A elas entreguei o meu coração
voltei as costas ao meu futuro,
e fiz daquele passado carregado de bênçãos
o meu porvir...".

1. Os últimos esplendores da *douceur de vivre*

"Quem não viveu antes de 1789 não sabe o que foi a douceur de vivre" (1). Este dito de Talleyrand poderia de algum modo aplicar-se também à Belle Époque, que precedeu a Primeira Guerra Mundial.

(1) A célebre frase de Talleyrand é citada, entre outros, pelo historiador francês Guizot nas suas memórias (François GUIZOT, "Mémoires pour servir à l'histoire de mon temps", M. Lévy, Paris, 1859-1872 (8 vv.), vol. I, p. 6). Já no fim do século XVII, como lembra Paul Hazard, "na França reinava a boa educação, a cortesia, a cultura, a doçura de viver" (P. HAZARD, "La crise de la conscience européenne" (1680-1715), Bouvin & C., Paris, 1935, vol. I, p. 77).

É muito difícil para o homem do século XX compreender o sentido e o alcance desta célebre frase. Com efeito, o nosso século transcorreu sob a égide da "amargura de viver", que tem hoje expressões notórias como o fenómeno das "depressões" e o espantoso aumento dos suicídios, até entre os muito jovens. Para o homem contemporâneo, mergulhado no hedonismo e incapaz de experimentar autênticas alegrias espirituais, a expressão douceur de vivre possui um significado meramente natural e reduz-se à amarga satisfação que nasce do consumo e gozo dos bens puramente sensuais.

Pelo contrário, a douceur de vivre, na acepção que lhe deu Talleyrand, tem um sentido mais profundo e subtil. Tratava-se de uma brisa que pairava sobre todo o corpo social, desde os tempos remotos da Idade Média. As origens dessa alegria de viver remontam à Civilização Cristã medieval e prendem-se à concepção cristã da existência, que une indissoluvelmente a felicidade do homem à glória de Deus.

A doutrina católica e a experiência quotidiana ensinam-nos o quanto é dramática a vida humana. Pois bem: o esforço, o sofrimento, o sacrifício, a luta, podem causar uma alegria interior que chega a inundar de felicidade este vale de lágrimas que é a nossa existência. Fora da Cruz não existe verdadeira felicidade nem é possível a doçura, mas apenas a procura de um prazer cego e desordenado, votado à amargura e ao desespero.

Pode-se dizer da alegria o que São Bernardo dizia da glória, que é como uma sombra: se corremos atrás dela, foge-nos; se dela fugimos, corre atrás de nós. Não há verdadeira alegria a não ser em Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é, à sombra da Cruz. Quanto mais o homem é mortificado, tanto mais é alegre. Quanto mais procura os prazeres, tanto mais se torna triste.

Por isso, nos séculos de apogeu da Civilização Cristã, ele era alegre: basta pensar na Idade Média. E, quanto mais se vai `descatolicizando', tanto mais tristonho vai ficando.

De geração em geração, esta mudança foi-se acentuando. O homem do século XIX, por exemplo, já não tinha a deliciosa douceur de vivre do século XVIII. Entretanto, possuía muito mais paz e bem-estar interior que o de hoje! (2)

(2) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Ambientes, costumes, civilizações", in **Catolicismo, n° 29 (maio 1953)**.

A douceur de vivre não era o gozo desenfreado ou o "comodismo" moderno, mas um reflexo do Amor divino na sociedade humana, um raio de luz divina que iluminava uma sociedade ainda ordenada em Deus, pelo menos nas suas estruturas exteriores, comunicando-lhe uma profunda alegria espiritual. Esta douceur de vivre, que Talleyrand considerava já extinta com a Revolução Francesa, continuou de algum modo a pairar sobre a Europa até às vésperas da primeira guerra mundial.

A Belle Époque trouxe uma explosão de optimismo e de confiança eufórica nos mitos da razão e do progresso, simbolizada pela coreografia do ballet Excelsior (3). Mas a Belle Époque foi também um estilo de vida aristocrático e ordenado, que ainda reflectia, nos alvores do século XX, muitos aspectos do modo de ser do Ancien Régime.

(3) Excelsior é o nome da ingénua ópera alegórica de Luigi Menzotti (1835-1905), com música de Romualdo Marenco (1841-1907), que entusiasmou plateias –e não apenas as italianas– por cerca de vinte anos após o triunfo da primeira representação em Milão, em 1881. Nesta, a

abertura do canal de Suez, o túnel do Cenísio, a concórdia das nações, eram celebradas, pelas piruetas das dançarinas, como o auge da ascensão e a apoteose do progresso.

A Belle Époque era o sonho da construção da civilização moderna que abria o século; mas era também aquela sociedade ainda vincadamente patriarcal que teve um dos seus últimos reflexos na monarquia austro-húngara, herdeira das glórias do Sacro Império. A Europa positivista e a Europa católica e monárquica conviviam na aurora do século; o continente europeu contava ainda quatro impérios e quinze grandes monarquias (4).

(4) Cfr. Roberto DE MATTEI, "1900-2000. Due sogni si succedono: la costruzione, la distruzione", Edizioni Fiducia, Roma, 1990, pp 11-15.

A intensidade luminosa dos quadros dos impressionistas e os romances psicológicos de Paul Bourget reflectem bem a atmosfera daqueles anos. Uma sociedade cosmopolita cujo principal instrumento era a conversação, uma arte que requeria garbo, amabilidade, diplomacia e na qual se demonstrava o autêntico savoir-vivre (5).

(5) Cfr.Duque de LÉVIS-MIREPOIX, Conde Félix DE VOGÜE, "La politesse. Son rôle, ses usages", Les Editions de France, Paris, 1937, p. 1. Cfr. também Verena VON DER HEYDEN-RYNSCH, "Europeüsche Salons", Artemis & Winkler Verlag, Munique, 1992, p. 227 e sobre o tema em geral, Camille PERNOT, "La politesse et sa philosophie", PUF, Paris, 1996.

Paris, a Cidade-Luz, é o símbolo desta época, reconhecida por todos como a capital de um mundo ideal que dilata os seus confins para além da França, e até da Europa. Em qualquer lugar onde se estenda o influxo da civilização europeia, é ainda à França que se reconhece o primado da língua, da cultura e da moda.

Entre as "ilhas francesas" no mundo, uma, nos inícios do século, brilhava particularmente entre todas: São Paulo, no Brasil, uma das cidades que melhor soube integrar os valores da própria tradição com os da cultura francesa. Noutro trópico e noutro hemisfério, soube cultivar o que de melhor produziu a Belle Époque: o bom gosto, o requinte das maneiras, a elegância sem afectação. Sobre o quadro de fundo dos imensos horizontes tropicais iluminados pelo Cruzeiro do Sul, um último lampejo do Ancien Régime brilhava em corações que, com simplicidade, a mãe de todas as virtudes, conservavam uma fidelidade cheia de saudades, para com aquela Civilização Cristã que tinha iluminado o seu país e o mundo.

A palavra *saudade* exprime alguma coisa a mais que a palavra *nostalgia*. É a lembrança e ao mesmo tempo o desejo de um bem ausente, um sentimento incomunicável e velado pela melancolia, típico da alma contemplativa e intuitiva do povo português e do brasileiro (6). Saudade, a saudade paulista, de um Brasil cristão e europeu, no exacto momento em que os Estados Unidos começavam a exercer a sedutora atracção da "modernidade". Saudade das antigas maneiras, fiel aos princípios distantes, dos quais a Europa parecia oferecer um último e já desbotado reflexo.

(6) Cfr. o verbete "Saudade", in "Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira", Editorial Encicloplédia, Lisboa-Rio de Janeiro, 1945, vol. 28, pp. 809-810. A filóloga portuguesa Carolina MICHAELIS DE VASCONCELOS (1851-1925) salientou a plena equivalência entre o termo português "saudade" e o alemão "Sehnsucht" ("A Saudade portuguesa", Renascença portuguesa, Porto, 1922).

2. Brasil, uma vocação de grandeza

Visitando o Brasil nos anos 30, Stefan Zweig ficou maravilhado com esta terra, que considerou destinada a tornar-se "um dos factores mais importantes do futuro desenvolvimento do mundo" (7).

(7) Stefan ZWEIG, "Brasile, Terra dell'avvenire", tr. it. Sperling & Kupfer, Milão, 1949, p. 10; cfr. também Errani SILVA BRUNO, "História e Tradições da Cidade de São Paulo", Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1954, 3 vol.; Affonso A. DE FREITAS, "Tradições e reminiscências paulistanas", Governo do Estado de São Paulo, São Paulo, 1978 (3a ed.); Luiz GONZAGA CABRAL, S.J., "Influência dos Jesuitas na colonização do Brasil", in "Jesuítas no Brasil", vol. III, Companhia Melhoramentos de S. Paulo, São Paulo, 1925.

O que impressiona em primeiro lugar no Brasil é a grandeza das superfícies e dos horizontes. A extensão deste País, com os seus 8.511.965 quilómetros quadrados, corresponde a mais de metade da América do Sul. As grandes montanhas que descem a pique sobre o mar, as florestas de vegetação luxuriante, o caudaloso rio Amazonas que, com uma bacia de mais de cinco milhões de quilómetros quadrados, constitui o mais vasto sistema fluvial da terra, transmitem-nos a imagem de um país que tem super-abundância de tudo: da natureza, das luzes, das cores, a ponto de fazer pensar, segundo a comparação de Rocha Pita, num verdadeiro "paraíso terrestre".

"Em nenhuma outra região o céu se mostra mais sereno, nem madruga mais bela a aurora; o sol em nenhum outro hemisfério tem os raios mais dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes; as estrelas são as mais benignas e mostram-se sempre alegres; os horizontes, ou nasça o sol, ou se sepulte, estão sempre claros; as águas, ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações nos aquedutos, são as mais puras; é, enfim, o Brasil terreal paraíso descoberto" (8).

(8) Sebastião DA ROCHA PITA (1660-1738), "História da América Portuguesa", in E. WERNECK, Antologia Brasileira, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1939, p. 210.

O vasto território brasileiro está perpetuamente revestido de luz "como um diamante a cintilar nas sombras do Infinito. (...) A sua refulgência abre no silêncio dos espaços uma claridade inextinguível, fulva, ardente, branda ou pálida. Tudo é sempre luz. Descem do sol as luminosas vagas ofuscantes, que mantêm na terra a quietação profunda. A luz tudo invade, tudo absorve" (9).

(9) José PEREIRA DA GRAÇA ARANHA (1868-1931), "A esthética da vida", Livraria Garnier, Rio de Janeiro-Paris, 1921, p. 101.

Esta luz, que difunde uma claridade inextinguível e parece conservar a terra numa atmosfera de recolhida quietude, reveste aqueles grandes espaços com uma misteriosa dimensão espiritual. Quase se diria que a extensão luminosa dos horizontes predispõe a alma para uma vocação sublime.

A data de nascimento do Brasil é 22 de Abril de 1500, quando as naus com as suas brancas velas –onde refulgia a cruz rubra da Ordem de Cristo– da armada portuguesa, comandada por Pedro Alvares Cabral, lançaram âncoras em terras brasileiras. O primeiro gesto dos descobridores foi plantar uma Cruz na praia e fazer celebrar o sacrifício incruento do Calvário no território descoberto. Desde então, o Brasil foi a Terra de Santa Cruz (10). A constelação do Cruzeiro do Sul parecia selar nos céus esta cena, que ficaria impressa para sempre na alma brasileira. "O Cruzeiro do Sul, emblema heráldico da Pátria, através da sua doce luz recorda para sempre, durante a noite, a perpetuidade do pacto de aliança. Ela diz palavras de imortal esperança à nação cristã que cresce sobre a Terra da Santa Cruz" (11). Desde então, observou um diplomata italiano "o perfume originário do cristianismo difundiu-se em todos os rincões da terra brasileira, como se tivesse sido espargido de uma só vez, para sempre" (12).

(10) "O Brasil nasceu cristão. `Ilha de Vera Cruz', o chamou o seu primeiro historiador, que foi também um dos seus descobridores" (Padre Serafim LEITE, S.J., "Páginas de História do Brasil", Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1937, p. 11). O cronista da expedição, Pero Vaz de Caminha, escreve ao soberano: "Não podemos saber se existe ouro, prata, metais ou ferro; não os vimos. Mas a terra por si mesma é rica (....) Todavia o melhor fruto que se poderá tirar será, a nosso

ver, de levar aos seus habitantes a salvação de suas almas" (cit. in Roger BASTIDE, "Il Brasile", tr. it., Garzanti, Milão, 1964, p. 13; texto da carta de Pero Vaz de Caminha in Jaime CORTESÃO, "A expedição de Pedro Alvares Cabral", Livrarias Ailland e Bertrand, Lisboa, 1922, pp. 233-256).

(11) Yves DE LA BRIÈRE, "Le règne de Dieu sous la Croix du Sud", Desclée de Brouwer & C., Bruges-Paris, 1929, p. 20.

(12) Roberto CANTALUPO, "Brasile euro-americano", Istituto per gli Studi di Politica Internazionale, Milão, 1941, p. 89.

A Cruz, como recorda o P. Serafim Leite, S. J. "era um símbolo e uma promessa. Mas não era ainda a semente. Esta viria, prolífica e abundante, quase meio século depois, em 1549, com a instituição do Governo Geral e a chegada dos Jesuítas" (13). Naquele ano, seis missionários da Companhia recém fundada por Santo Inácio, acompanharam o governador Tomé de Souza, enviado por D. João III de Portugal para evangelizar a nova terra (14). Estes, observou Stefan Zweig, trouxeram "consigo a coisa mais preciosa que é necessária para a existência de um povo e de um país: uma ideia, e precisamente a ideia criadora do Brasil" (15).

(13) Pe. S. LEITE, S.J., "Páginas de História do Brasil", cit., pp. 12-13. "Sem desconhecer o concurso dos demais, pode-se, sem receio, emitir esta proposição exacta: a história da Companhia de Jesus no Brasil, no século XVI, é a própria história da formação do Brasil nos seus elementos catequéticos, morais, espirituais, educativos e em grande parte coloniais. A contribuição dos outros factores religiosos não modifica sensivelmente estes resultados" (p.14).

(14) O Regimento de 17 de dezembro de 1548, em que o Rei de Portugal D. João III traçava ao seu governador Tomé de Souza as regras de governo a que devia ater-se no Brasil, afirmava: "A razão principal que me há levado a mandar povoar a citada terra do Brasil foi que a gente do país se convertesse à nossa santa fé católica" ("Regimento de Tomé de Souza", Biblioteca Nacional de Lisboa, Arquivo da Marinha, liv. 1 de ofícios, de 1597 a 1602). Cfr. também padre Armando CARDOSO, S.J., "O ano de 1549 na história do Brasil e da Companhia de Jesus", in Verbum, n.° 6 (1949), pp. 368-392.

(15) S. ZWEIG, "Brasile. Terra dell'avvenire", cit., p. 35. Cfr. Carlos SODRE LANNA, "Gênese da Civilização Cristã no Brasil", in Catolicismo, n.° 519 (março 1994), pp. 23-24; idem, "A epopeia missionária na formação da Cristandade luso-brasileira", in Catolicismo, n.° 533 (Maio de 1995), pp. 22-23.

Os jesuítas infundiram uma alma naquela terra potencialmente riquíssima –e não só em bens materiais– mas até então adormecida. "Esta terra é a nossa empresa" (16), declarou o P. Manuel da Nóbrega (17), que, com o P. José de Anchieta (18) pode ser considerado o fundador do Brasil. Do descobrimento até aos nossos dias os missionários desenvolveram uma "obra sem exemplo na história" (19), de cristianização e, ao mesmo tempo, de civilização das terras brasileiras. Os jesuítas catequizaram os nativos, reunindo-os em aldeamentos, abriram as primeiras escolas, construiram colégios, igrejas, estradas, cidades (20). Quando os huguenotes tentaram apropriar-se da nova terra, os padres Nóbrega e Anchieta foram os inspiradores das operações militares contra os protestantes franceses que desembarcaram na Baía de Guanabara (21). No centro da orla marítima da esplêndida baía reconquistada pelos portugueses (22), foi fundada uma pequena cidade destinada a tornar-se a capital: o Rio de Janeiro, em que parecem confluir, numa síntese irrepetível, todas as belezas naturais do Brasil: montes, colinas, florestas, ilhas, enseadas (23). A capital dos domínios portugueses na América, São Salvador da Bahia, foi uma das "células genéticas" (24) do Brasil, juntamente com São Paulo, São Sebastião do Rio de Janeiro e as capitanias de Pernambuco e Maranhão.

(16) Cit. in Antonio DE QUEIROZ FILHO, “A vida heróica de José de Anchieta”, Edições Loyola, São Paulo, 1988, p. 43.

(17) O Padre Manuel da Nóbrega nasceu no Minho, Portugal, a 18 de Outubro de 1517 e morreu no Rio de Janeiro em 18 de Outubro de 1570. Graduou-se em Direito Canónico e Filosofia

em Coimbra. Entrou para a Companhia de Jesus em 1544 e em 1549 foi enviado por Santo Inácio ao Brasil onde foi o primeiro superior da missão jesuítica e primeiro Provincial. A sua missão desenvolveu-se por quase vinte anos e terminou com sua morte.

(18) Nascido em 19 de Março de 1534 em La Laguna (Canárias), o beato José de Anchieta morreu em Reritiba (hoje Anchieta) em 9 de Junho de 1597. Em 1551 entrou para a Companhia de Jesus e dois anos depois embarcou para o Brasil com um grupo de missionários que seguiam o governador português Duarte da Costa. Ordenado sacerdote em 1566, participou da fundação de São Paulo (1554) e do Rio de Janeiro (1567) e tornou-se, em 1578, Provincial do Brasil, desenvolvendo um infatigável apostolado que lhe valeu o título de "Apóstolo do novo Mundo". Foi beatificado por João Paulo II em 1980. Cfr. ALVARES DO AMARAL, "O Padre José Anchieta e a fundação de São Paulo", Conselho Estadual de Cultura, São Paulo, 1971.

(19) S. LEITE, S.J., "História da Companhia de Jesus no Brasil", Livraria Portugália, Lisboa, 1938, vol. I.

(20) Ao lado dos jesuítas, desenvolveram o seu apostolado os beneditinos (1582), os carmelitas (1584), os capuchinhos (1612) e outras ordens religiosas. Os jesuítas, expulsos em 1760 pelo Marquês de Pombal, voltaram ao Brasil em 1842. Sobre os 40 mártires jesuítas de 1570, cfr. Mauricio GOMES DOS SANTOS, S. J., "Beatos Inácio de Azevedo e 39 companheiros mártires", in Didaskalia, n.° 8 (1978), pp. 89-155; pp. 331-366 (tradução do estudo feito pelo departamento histórico da Congregação dos Santos).

(21) Conselheiro dos Padres Nóbrega e Anchieta, foi um aristocrata italiano, Giuseppe Adorno, da família dos Doges genoveses, que havia posto a sua fortuna e a sua vida ao serviço da nova pátria lusitana, após ter sido obrigado a abandonar a sua cidade. Além de Adorno, transferiram-se para o Brasil no século XVI os Acciaiuoli (Accioly), os Doria, os Fregoso, os Cavalcanti (Cavalcanti d'Albuquerque).

(22) C. SODRÉ LANNA, "A expulsão dos franceses do Rio de Janeiro", in Catolicismo, n.° 509 (Maio 1993), pp. 22-24.

(23) O Rio de Janeiro, do ponto de vista de seu panorama, pode considerar-se como uma síntese do Brasil. É o coração do Brasil que continua ali a palpitar, apesar de que a capital oficialmente ter sido transferida para Brasília. Há alí uma misteriosa síntese do País, um convite a um futuro carregado de misteriosas promessas" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Meditando sobre as grandezas do Brasil**", in Catolicismo, n.° 454 (Outubro 1988).

(24) O insígne historiador do Brasil, Sr. João Ribeiro, chama com enérgica exactidão células genéticas do tecido do Brasil os seguintes pontos do seu território: Bahia, Pernambuco, São Paulo, Rio e Maranhão. Ora, destas cinco células genéticas, duas (...) foram exclusivamente obra da Companhia: São Paulo, que ela criou por suas mãos, e o Rio de Janeiro, que contra tudo e contra todos ela conseguiu que se fundasse. As outras três - Bahia, Pernambuco e Maranhão - receberam dos Jesuítas o máximo da sua expansão". (L. G. CABRAL, S.J., "Jesuítas no Brasil (século XVI)", Companhia Melhoramentos de São Paulo, São Paulo, 1925, p. 266).

O imenso território foi dividido em doze capitanias hereditárias, das quais derivaram a maioria dos Estados que constituiriam a Federação brasileira (25). Os donatários, munidos de amplas prerrogativas e mercês, eram escolhidos pelo rei de Portugal, entre "as pessoas melhores. Ex-navegadores, combatentes, personagens da corte" (26). O Brasil continuou a ser parte integrante do Reino de Portugal, mesmo durante o período em que a Coroa portuguesa esteve unida à espanhola (1580-1640).

(25) Homero BARRADAS, "As capitanias hereditárias. Primeiro ensaio de um Brasil orgânico", in Catolicismo, n° 131 (Novembro 1961).

(26) Pedro CALMON, "História do Brasil", Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1959, vol. I, p. 170.

A consciência nacional brasileira começou a formar-se nas lutas contra os holandeses que conseguiram estabelecer-se na Bahia (1624-1625) e, mais estavelmente, no Recife (1630-1654) (27). Quando esta última posição holandesa se rendeu ao exército luso-brasileiro, já existia um povo unido. "As guerras holandesas tiveram o condão de consolidar num tipo até então desconhecido, os elementos diversos da colonização" (28).

(27) Cfr. Lúcio MENDES, "Calvinistas holandeses invadem cristandade luso-americana", in Catolicismo, n.° 427 (Julho 1986), pp. 2-3; id., "Martírio e heroísmo na resistência ao herege invasor", in Catolicismo, n.° 429 (Setembro 1986), pp. 10-12; Diego LOPES SANTIAGO, "História da Guerra de Pernambuco", Fundação do Património Histórico e Artístico de Pernambuco, Recife, 1984. Neste período, muitos oficiais italianos, sobretudo napolitanos, lutaram no Brasil (cfr. Gino DORIA, "I soldati napoletani nelle guerre del Brasile contro gli olandesi (1625-1641)", Riccardo Ricciardi Editore, Nápoles, 1932). Quando em 1624, a Companhia das Indias Ocidentais holandesas fez ocupar a Bahia, Filipe IV enviou uma frota, da qual fazia parte um contingente napolitano, guiado por Carlo Andrea Caracciolo, Marquês di Torrecuso. Outro chefe napolitano, o Conde de Bagnoli Gian Vincenzo Sanfelice, defendeu com êxito em 1638 a Bahia, invadida pelos calvinistas holandeses, que aspiravam formar um Estado protestante na América meridional. Entre o Brasil e o Reino de Nápoles sempre houve um fecundo intercâmbio (cfr. por exemplo: Paolo SCARANO, "Rapporti politici, economici e sociali tra il Regno delle Due Sicilie e il Brasile (1815-1860)", Società Napoletana di Storia Patria, Napoles, 1958).

(28) P. CALMON, "Storia della Civiltà brasiliana", tr. it. Industria Tipografica Italiana, Rio de Janeiro, 1939, p. 52.

O primeiro "tipo" aristocrático brasileiro foi o dos senhores de engenho, cultivadores da cana de açúcar, cuja produção constituiu, durante toda a época colonial, a mais típica cultura brasileira, no quadro feudal das capitanias (29).

(29) A cana-de-açúcar, produto ideal para um país que inicia o seu desenvolvimento, era cultivada, no fim do século XVI, ao norte e ao sul do Brasil. O centro do cultivo era o estado de Pernambuco, cujo porto do Recife se tornou no século XVII o maior empório de açúcar de todo o mundo (P. CALMON, "Storia della Civiltà brasiliana", cit., p. 85). Cfr. também Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "No Brasil Colônia, no Brasil Império e no Brasil República: gênese, desenvolvimento e ocaso da Nobreza da terra", apêndice à edição portugesa de "**Nobreza e elites tradicionais análogas nas alocuções de Pio XII ao Patriciado e à Nobreza Romana**", Livraria Civilização Editora, Porto, 1993, pp. 159-201.

As plantações da cana e os engenhos –pequenas refinarias em que trabalhavam os escravos, construídas nas proximidades dos cursos de água– foram o início da civilização agrícola brasileira. A casa-grande, herdade do senhor de engenho, parecia uma fortaleza militar (30). Os senhores de engenho constituíram o elemento aglutinador da resistência contra as invasões dos holandeses, inimigos da Fé e do Rei (31). Fora já a aristocracia rural quem organizara a defesa contra os franceses e ingleses, que anos antes tentaram estabelecer-se no Brasil.

(30) Gilberto FREYRE, "Casa-Grande e Senzala", Editora José Olympio, São Paulo, 1946 (5a. ed.), vol. I, p. 24.

(31) A conquista das terras tem sobretudo um caráter guerreiro. "Todo latifúndio desbastado, toda sesmaria `povoada', todo recinto construído, todo engenho de açúcar `fabricado', tem como premissa necessária uma difícil empresa militar. Do norte ao sul, as fundações agrícolas e pastoris fazem-se com a espada na mão" (Francisco José OLIVEIRA VIANA, "O Povo Brasileiro e a sua Evolução", Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, Rio de Janeiro, 1922, p. 19).

O ciclo da cana de açúcar foi a actividade primária agrícola e industrial, nos primeiros dois séculos da vida nacional. No século XVIII, após a inesperada descoberta de ouro em Minas Gerais, este metal assumiu o primeiro lugar na produção económica do País.

Os bandeirantes (32), herdeiros directos dos descobridores, pela prodigiosa coragem e espírito de aventura, foram os protagonistas do ciclo do ouro e das pedras preciosas. A cavalo, com a bandeira à frente, tendo a guerra como forma de vida, remontavam o curso dos rios, escalavam as montanhas, aventuravam-se rumo ao interior à procura do ouro e das pedras preciosas.

(32) Sobre os bandeirantes, cfr. a imponente "História geral das Bandeiras Paulistas" (São Paulo 1924-1950, 11 volumes) de Affonso DE TAUNAY, resumida in "História das Bandeiras Paulistas", Edicões Melhoramentos, São Paulo, 1951, 2 vol.; cfr. também J. CORTESÃO, "Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil", Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958; Ricardo ROMAN BLANCO, "Las bandeiras", Universidade de Brasilia, Brasilia, 1966.

Na segunda metade do século XVIII, depois dos ciclos sócio-económicos do açúcar e do ouro, teve início a terceira grande era, a do café, que até 1930 foi a principal fonte de riqueza da economia brasileira.

No século XIX o Brasil adquiriu a sua independência, mas de modo diverso das outras nações latino-americanas: não através da luta armada, mas mediante a constituição de um império a cujo trono ascendeu D. Pedro I de Bragança, filho do Rei de Portugal.

A 7 de Setembro de 1822, em São Paulo, D. Pedro proclamou a independência do Brasil, sendo promulgada dois anos depois a primeira Constituição. O seu sucessor, D. Pedro II (33) foi um soberano extraordinariamente culto e empreendedor, cujo longo e pacífico reinado se encerrou com a revolução republicana, logo depois da abolição da escravatura (34). O Império perdeu o apoio da aristocracia fundiária, a qual julgara errónea ou prematura a libertação dos escravos. Em 15 de Novembro de 1889, após um golpe de estado incruento, a República foi proclamada, no Rio de Janeiro.

(33) Dom Pedro II (1825-1891) desposou em 1843 a princesa Teresa Cristina, irmã de Ferdinando II Rei das Duas Sicílias. Sua filha mais velha, Isabel (18461921) casou-se com o príncipe Gastão de Orleães, Conde d'Eu, de quem teve três filhos: Pedro de Alcântara, Luís e António. Tendo o primeiro renunciado, em 1908, aos direitos de sucessão, por si e por sua futura descendência, tornou-se herdeiro do Trono o irmão Dom Luís de Orleães e Bragança (1878-1920), casado com a princesa Maria Pia de Bourbon-Sicília (cfr. Armando Alexandre DOS SANTOS, "A Legitimidade Monárquica no Brasil", Artpress, São Paulo, 1988). Sobre dom Pedro II, cfr. Heitor LYRA, "História de dom Pedro II: 1825-1891", Editora Nacional, São Paulo, 1940. "Dom Pedro foi um soberano magnânimo, generoso e justo, um modelo de patriotismo e de cultura, de zelo e de probidade, de tolerância e de simplicidade. Foi sábio e filântropo. Membro do Institut de France e das principais sociedades científicas e literárias estrangeiras, foi um protector das artes, das ciências e das letras. Prestou ajuda material à educação de muitos brasileiros ilustres; este grande mecenas nunca lhes fechou a bolsa" (S. RANGEL DE CASTRO, "Quelques aspects de la civilisation brésilienne", Les Presses Universitaires de France, Paris, s. d., pp. 29-30). Cfr. também Leopoldo B. XAVIER, "Dom Pedro e a gratidão nacional", in Catolicismo, n° 491 (dezembro 1991).

(34) Uma primeira lei de 1871, denominada "lei do ventre livre", concedia a liberdade aos filhos nascidos de mãe escrava a partir dos 21 anos de idade. Em 1885 foi aprovada a "lei dos sexagenários", que emancipava os escravos com mais de 65 anos. A 13 de maio de 1888, sob o ministério conservador de João Alfredo Corrêa de Oliveira, a princesa Isabel, Condessa d'Eu e Regente imperial, durante a ausência do pai em viagem pela Europa, sancionou a lei que abolia definitivamente a escravidão. Naquele momento, o Brasil tinha uma população de 14 milhões de habitantes com pouco mais de 700.000 escravos; o fenómeno da escravidão estava na realidade extinguindo-se espontaneamente. Sobre a abolição da escravidão cfr. PLÍNIO CORRÊA DE OLIVEIRA, "A margem do 13 de maio", in Legionário, n° 296 (15 de Maio de 1938). Cfr. também Robert CONRAD, "Os últimos anos da escravatura no Brasil, 1850-1888", Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978 (2a. ed.); Emilia VIOTTI DA COSTA, "A abolição", Global, São Paulo, 1982.

"Os brasileiros –escreveu o historiador italiano Guglielmo Ferrero– viram a monarquia cair docemente, sem efusão de sangue, como terminam os belos dias de verão, calmos e luminosos" (35).

(35) Cit. in S. RANGEL DE CASTRO, "Quelques aspects de la civilisation brésilienne", cit., p. 29.

Em 1891, o Império do Brasil tornou-se a República dos Estados Unidos do Brasil, com uma nova bandeira onde se lia o mote positivista "Ordem e Progresso" (36). "Estava então o Brasil no começo de uma época que se requintaria em fazer do `progresso' um deus e da `ciência' uma deusa das suas elites intelectuais" (37). A República era constituída por uma Federação de estados autónomos, cada qual com um parlamento e um governo próprios. O Estado separou-se da Igreja, foi instituído o matrimónio civil, alterada a política económica. Os primeiros anos do século caracterizaram-se, no Brasil, por um clima de euforia e de optimismo, devido às esperanças levantadas pela mudança institucional e pelo progresso económico e social do País (38). Foi o "período áureo" da I República (39).

(36) Guglielmo Ferrero conta haver visitado no Rio de Janeiro, na rua Benjamin Constant um "templo da Humanidade", "conversando agradavelmente de muitas coisas com o grande sacerdote, o senhor Teixeira Mendes" (G. FERRERO, "Fra i due mondi", Fratelli Treves Editori, Milão, 1913, p. 187).

(37) G. FREYRE, "Ordem e Progresso", 2 vol., Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1974, (3a. ed.), vol. I, p. 515. Cfr. também Ronald M. SCHNEIDER, "Order and Progress. A Political History of Brasil", Westview Press, Boulder (Colorado), 1991.

(38) Na chefia do estado sucederam-se Prudente de Morais (1894-1898), Campos Sales (1898-1902), Rodrigues Alves (1902-1906), Afonso Pena (1906-1909), Nilo Peçanha (1909-1910), Hermes de Fonseca (1910-1914), enquanto a política externa brasileira foi constantemente dirigida neste período pelo Barão do Rio Branco (1845-1912).

(39) "Foi o 'período áureo' da Primeira República, se quisermos dar uma definição à época, à maneira dos historiadores antigos..." (Plínio DOYLE, "Brasil 1900-1910", Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1980, vol. I, p. 14). Na aurora do século o Brasil tinha 17.318.556 habitantes, dos quais 60% viviam no campo.

3. São Paulo, ilha europeia no continente americano

O centro propulsor da vida política, económica e social do Brasil já era, na aurora do século, o Estado de São Paulo.

Desdobrando-se num planalto a oitocentos metros sobre o nível do mar, a cidade passou, dos cerca de 50 mil habitantes em 1880, aos mais de 340 mil em 1910 (40).

(40) ibid., p. 180.

Um rio amplo e lento, o Tietê, banha um dos seus flancos, e uma cadeia de montanhas, a Serra da Cantareira, enriquece-a com as suas águas. As casas eram de um único andar, espremidas umas contra as outras: mas as ruas já tinham sido alargadas de modo a formar amplas vias arborizadas; e, no lugar das casas coloniais, surgem palacetes, construções modernas, amplas avenidas. São Paulo surge como uma cidade europeia no hemisfério sul, destinada a um grande futuro.

Em correspondência enviada de São Paulo, em Julho de 1911, um escritor que se esconde sob o pseudónimo de "Italicus" descreve-a como uma cidade que vive na época anterior e prepara o seu pleno florescimento (41).

(41) ITALICUS, "Dove vive un milione di italiani. Lo stato di São Paulo in Brasile", in L'Illustrazione italiana, n.° 34 (20 de Agosto de 1911), pp. 177-200. A revista dedica um amplo artigo ao Estado de São Paulo em que a terça parte da população é italiana. A colónia italiana em

1911 compreende cerca de um milhão de almas, dos quais seiscentos mil trabalham nas fazendas ou outras empresas agrícolas, cento e trinta mil vivem na capital, os outros residem no interior do Estado (p. 181).

"São Paulo desenvolveu-se em vinte anos com uma celeridade norte-americana. Era uma cidadezinha conhecida quase exclusivamente pela sua Faculdade de Direito. Toda a sua vida resumia-se aos estudantes e todas as coisas tinham o andamento a um tempo solene e calmo de uma cidade do interior (...).

"Agora, tornou-se uma cidade fremente e buliçosa por causa do trabalho. Grandes comércios e grandes indústrias estabeleceram-se em poucos meses; os bancos possuem um movimento opulento, o jornalismo, que em cinco anos se transformou, ombreia com o europeu" (42).

(42) Ibid.

Uma febre de trabalho e de iniciativas devora a cidade, enquanto o movimento dos carros eléctricos, inaugurados em 1901, atinge em 1910 a cifra vertiginosa de trinta milhões de passageiros. "Rumoreja a cidade, em febril movimento. Ondeia como um rio a imensa populaça. E, maculando o olhar azul do firmamento, erguem-se as chaminés, golfejando fumaça" (43).

(43) BATISTA CEPELOS, "O fundador de S. Paulo", in E. WERNERCK, in Antologia Brasileira, cit., p. 326.

As razões dessa ascensão extraordinária são, como observa Stefan Zweig, as mesmas causas geopolíticas e climáticas que quatrocentos anos antes tinham levado Nóbrega a escolher esta localização como a mais própria para uma rápida irradiação em todo o Brasil (44). Desde o século XVII os paulistas demonstravam ter mais energia e capacidade que os outros brasileiros. "Verdadeiros `repositórios' da energia nacional, os paulistas conquistaram e descobriram o país, semper novarum rerum cupidi, e esta apetência de risco, de progresso e de expansão, ao longo dos séculos sucessivos, transferiu-se para o comércio e a indústria" (45).

(44) S. ZWEIG, "Brasile, Terra dell'avvenire", cit., pp. 227-228.

(45) ibid., p. 228.

São Paulo, a cidade dos fazendeiros, "gente que tinha mais orgulho da fazenda que da cidade, e quando pensava na cidade situava essa cidade na Europa, a rigor em Paris" (46), tem o aspecto e a alma de uma grande cidade, para a qual confluem culturas e modos de ser europeus. A nota de fundo permanece a bondade e o espírito universal português, que permite a fusão e o amálgama de elementos tão diversos. Se à frente da ascensão económica estão sobretudo os imigrantes italianos (47), francesa é a cultura, a cortesia, a vida social (48).

(46) E. SILVA BRUNO, "História e Tradições da Cidade de São Paulo", cit., vol. III, p. 1315.

(47) Esta imigração em massa coincide com o fim da escravidão. A grande maioria dos imigrantes italianos que chegaram ao Brasil radicou-se em São Paulo. Quase todos os operários da nascente indústria paulista concentravam-se sobretudo no bairro do Brás, cuja artéria principal era a Caetano Pinto. Em 1881 chegava ao Brasil, aos vinte e sete anos, Francesco Matarazzo, acompanhado da esposa Filomena e de dois filhos. Em 1910, ele possuia o maior complexo industrial da América do Sul, as Indústrias Reunidas F. Matarazzo. Cfr. Vincenzo GROSSI, "Storia della colonizzazione europea nel Brasile e della emigrazione italiana nello Stato di São Paulo", Società Editrice Dante Alighieri, Milano, 1914; Angelo TRENTO, "Là dov'è la raccolta del caffé. L'emigrazione italiana in Brasile, 1875-1940", Antenore, Pádua, 1984; “A presença italiana no

Brasil", Rovílio COSTA e Luis Alberto DE BONI, ed. it. de A. TRENTO, Fondazione Giovanni Agnelli, Turim, 1991.

(48) O Conde de Gobineau conta que num colóquio com o Imperador este lhe perguntou: "Em resumo, o que achou dos brasileiros?", ele respondeu: "Bem, o brasileiro é um homem que quereria apaixonadamente viver em Paris" (Carta a Mme de Gobineau em 7 de junho de 1869, cit. in Georges RAEDERS, "Le comte de Gobineau au Brésil", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1934, p. 53). "Parece que quase não existe brasileiro que não fale francês" observa por sua vez, admirada, Ina VON BINZER, governante alemã da família Prado ("Os Meus Romanos. Alegrias e Tristezas de uma educadora alemã no Brasil", Editora Paz e Terra, São Paulo, 1991, p. 18).

Percorrendo a Rua 15 de Novembro, a via mais elegante do assim chamado Triângulo, encontram-se lojas com nomes de origem inconfundível: Au Printemps, Au Louvre, Au Palais Royal. A livraria Garraux, um dos pontos de encontro da São Paulo elegante, importa da Europa não somente livros, mas champagne francês, vinho do Reno, chocolate suíço, ao passo que o bairro elegante da cidade se chama Champs Elysées (49).

(49) Cfr. Paulo CURSINO DE MOURA, "São Paulo de outrora", Editora Itatiaia Limitada, Belo Horizonte, 1980, p. 19.

Na sua viagem à América do Sul, em 1911, Georges Clémenceau refere esse aspecto: "A cidade de São Paulo é tão curiosamente francesa em alguns dos seus aspectos que, por toda uma semana, não tive a sensação de encontrar-me no estrangeiro. (...) A sociedade paulista (...) apresenta o duplo fenómeno de se orientar decisivamente rumo ao espírito francês e de desenvolver paralelamente todos os traços da individualidade brasileira, que determinam o seu carácter. Certamente o paulista tende a ser paulista desde o mais fundo da sua alma. Paulista tanto no Brasil como na França, ou em qualquer outro lugar. Isto posto, digam-me se alguma vez existiu, sob as roupagens de um comerciante ao mesmo tempo prudente e audaz, que soube valorizar o café, um francês de modos mais corteses, de prosa mais agradável e de delicadeza de espírito mais aristocrática" (50). Vandeano de origem e de temperamento, mas protestante e republicano, Clémenceau vê reflectidos no Brasil os paradoxos da sua alma e as contradições da Belle Époque: espírito aristocrático e positivismo ingénuo, confiança nos "imortais princípios" da Revolução Francesa e nostalgia da civilização e das maneiras do Ancien Régime.

(50) Georges CLEMENCEAU, "Notes de Voyage dans l'Amérique du Sud", Utz, Paris, 1991 (1911), pp. 231-232. Um volume do Barão D'ANTHOUARD publicado naquele mesmo ano de 1911, com o título "Le progrès brésilien. La participation de la France" (Plon-Nourrit, Paris, 1911), o autor observa que o Brasil (...) adere no fundo do seu ser ao movimento das idéias na França" (ibid., p. 41). "O brasileiro mostra pela cultura francesa uma forte atracção que não tem par; acompanha com a mais viva simpatia o nosso movimento intelectual, lê e conhece todos os nossos autores; é também sensível à nossa produção artística. Em resumo, a França é o país ao qual dirige todos os seus sonhos, o país do bem-estar e do prazer, da elegância e do luxo, da novidade e das grandes descobertas, dos sábios, dos artistas, dos filósofos" (ibid., p. 375).

"Naquele ambiente –todo feito de esplendores e cerimónia, realçado pela nobre e alegre nota francesa– permanecia vivo, em matéria de primeira importância como o convívio social, o velho aroma de moralidade cristã, que Portugal nos legara, país com o qual o Brasil formara, ainda não havia muito, um reino unido. Assim, marcada por tais características, a aristocracia paulistana harmonizou alguns dos seus elementos fundamentais típicos: fé, vida social e selecção" (51).

(51) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. I, p. 85. Os Ribeiro dos Santos são lembrados entre as famílias que se distinguiam nas recepções da aristocracia paulista. "Respira-se um ar recolhido de intimidade de família nessas cerimónias em que entretanto estadeavam fardões,

grã-cruzes, diamantes e jóias" (Wanderley PINHO, "Salões e Damas do Segundo Reinado", Livraria Martins, São Paulo, 1942, 4a. ed., p. 112).

O ano de 1900 tinha começado em São Paulo com um acontecimento mundano que selava a aliança entre as duas dinastias que simbolizavam a elite económica e social da cidade no fim do século: o casamento entre a bela Eglantina, filha do Conde António Alvares Penteado, e o jovem António Prado Jr., filho do Conselheiro António Prado, prefeito nos dez anos áureos de São Paulo, entre 1898 e 1908.

Alguns anos depois, outro casamento, menos mundano e mais recolhido, unia duas antigas famílias do Brasil: o de João Paulo Corrêa de Oliveira e Lucília Ribeiro dos Santos, celebrado por Mons. Francisco de Paula Rodrigues, em 15 de Julho de 1906, na capela do Seminário Episcopal de São Paulo (52).

(52) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. III, pp. 209-210. Ao casamento estavam presentes, entre outros, o conde António Alvares Penteado com a esposa Anna Paulina Lacerda; Manoel António Duarte de Azevedo (1831-1912), presidente do Senado e do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; o historiador Affonso d'Escragnolle Taunay (1875-1958), futuro presidente do Instituto Histórico e Geográfico e historiador das Bandeiras. Mons. Francisco de Paula Rodrigues, nascido em 3 de Julho de 1847 e morto em 21 de Junho de 1915, foi figura de proa da vida religiosa paulista. Cónego da catedral de São Paulo (1874), Arcediago (1878), foi depois vigário geral da diocese, que governou ad interim após a morte do Bispo D. José de Camargo Barros (1906).

A família recebeu logo a bênção de dois filhos, Rosée e Plínio, que a mãe ofereceu a Deus antes de nascerem (53).

(53) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. II, p. 67. A irmã de Plínio, Rosenda Corrêa de Oliveira, chamada Rosée, nascida em 6 de Julho de 1907 e falecida em 1993, casaria com um agricultor de Minas, António Castro Magalhães.

Plínio Corrêa de Oliveira nasceu a 13 de Dezembro de 1908. Era domingo, e os sinos da igreja de Santa Cecília pareciam celebrar o acontecimento com o seu repicar festivo. Foi baptizado nessa igreja no dia 7 de Junho de 1909 (54). Os seus pais, João Paulo Corrêa de Oliveira e Lucília Ribeiro dos Santos, pertenciam a antigas famílias daquela aristocracia rural que se tinha formado espontaneamente no Brasil desde o fim do século XVI e que, pela sua posição social e esmerada educação, pode ser equiparada à nobreza europeia do mesmo período.

(54) A igreja de Santa Cecília foi construída em 1884. Em 1895, Dom Joaquim Arcoverde, então Bispo de São Paulo, tinha criado a paróquia de Santa Cecília, nomeando como vigário o Padre Duarte Leopoldo e Silva, seu futuro sucessor no governo da Diocese. Em 1901 sucede-lhe o Padre Benedito de Souza.

Os Corrêa de Oliveira descendiam dos senhores de engenho, os primeiros colonizadores do Brasil, "os bem-nascidos, os nobres do seu tempo" (55). João Alfredo Corrêa de Oliveira (56), irmão do avô de Plínio, Leodegário, havia traçado o inesquecível perfil daquelas "gerações fortes que amavam a terra, na qual viam resplandecer o ouro da sua liberdade e independência, e da qual extraíam como colheita riqueza e virtudes. (....) Para estas gerações a terra herdada era um fideicomisso de família e um brasão ao qual se dava mais valor que à vida, na mesma medida que a honra" (57). João Alfredo, nascido a 12 de Dezembro de 1835, dotado de extraordinária inteligência, foi professor de Direito na Faculdade de Recife, e percorreu as mais brilhantes etapas da carreira política do tempo: foi deputado durante várias legislaturas, com apenas 35 anos ministro do Império, no gabinete conservador do Barão de Rio Branco, senador vitalício do Império, conselheiro de Estado e finalmente Presidente do Conselho de Ministros. Nesta qualidade, em 13 de Maio de 1888, colocou a sua

assinatura sob a da Princesa Isabel, Regente imperial, na célebre Lei Aurea que aboliu a escravidão no Brasil. Depois da proclamação da República, foi membro de relevo do Directório Monárquico brasileiro e presidente do Banco do Brasil. Veio a falecer aos 87 anos no Rio de Janeiro, a 6 de Março de 1919.

(55) Fernando de AZEVEDO, "Canaviais e Engenhos na vida política do Brasil", in "Obras Completas", 2a. ed., vol. XI, Edições Melhoramentos, São Paulo, s. d., p. 107.

(56) Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "**João Alfredo Corrêa de Oliveira**", in Diário de São Paulo, 21 de dezembro de 1936, in J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. III, pp. 215-216. Neste artigo, o jovem sobrinho descreve com grande penetração psicológica a evolução intelectual do tio da posição de liberalismo intransigente a um catolicismo sincero e praticante.

(57) João Alfredo CORRÊA DE OLIVEIRA, "O Barão de Goiana e sua Época Genealógica", in "Minha Meninice & outros ensaios", Editora Massangana, Recife, 1988, p. 56.

A família materna de Plínio, os Ribeiro dos Santos, pertencia ao grupo tradicional dos "paulistas de quatrocentos anos" (58), fundadores da cidade de São Paulo, e descendia de famosos bandeirantes. Entre os seus antepassados maternos destacava-se o bisavô Gabriel José Rodrigues dos Santos, professor na Faculdade de Direito e deputado no Parlamento imperial, considerado um dos mais brilhantes oradores e publicistas do seu tempo (59). A filha, Dª Gabriela Ribeiro dos Santos, mãe de Lucília, frequentava o famoso salão de Dª Veridiana, uma das senhoras mais influentes da sociedade paulista (60). No início do século, a "chácara" de Dª Veridiana, um palacete em estilo Renascença no bairro de Higienópolis, era o centro da vida social e intelectual de São Paulo, juntamente com a Vila Penteado, palacete Art Nouveau que o Conde António Alvares Penteado mandara construir no mesmo bairro pelo arquitecto Carlos Ekman.

(58) Os Quatrocentões "são alguma coisa a mais do que o nobre, do 'verdadeiro senhor', do aristocrata, são os autores e os censores do almanaque Gotha brasileiro. São os detentores e os dispensadores da brasilidade. Para estes, o mundo começou há quatrocentos anos, quando os primeiros portugueses e suas famílias, das quais descendem, desembarcaram no Brasil. O quatrocentão é amável, gentil e orgulhoso. Têm um senso aguçado da casta e é inacessível: eles, que constituem 70 por cento da classe dirigente política do país, defendem-se por todos os meios da sociedade" (Corrado PIZZINELLI, "Il Brasile nasce oggi", Eli, Milão, 1955, p. 284).

(59) Sobre Gabriel José Rodrigues dos Santos (1816-1858), cfr. J.S.CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. I, p. 45, vol II, pp. 19-26. A obra mais completa dessa figura é a de Paulo do VALLE, "Biographia do dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos", publicada com os seus "Discursos Parlamentares", A.J. RIBAS (tip. Paula Brita, Rio de Janeiro), 1863.

(60) Veridiana Valeria Prado (1825-1910), filha do Barão de Iguape, António, desposou Martinho da Silva Prado (1811-1891) e teve quatro filhos, destinados a desenvolver um papel influente na vida brasileira: António (1840-1929), Martinico (1843-1906), Caio (1853-1889) e Eduardo (1860-1901). Verdadeira "matriarca" da família, morreu em 1910 aos 85 anos de idade. Cfr. Darrell E. LEVI, "A Família Prado", Cultura 70, São Paulo, 1977, p. 63. Os Prado, com os Penteado, "simbolizavam a casta económica e industrial de São Paulo, durante a Primeira Republica" (ibid., p. 104).

4. Do coração das mães ao coração dos filhos: Dona Lucília Ribeiro dos Santos

Lucília Ribeiro dos Santos (61), mãe de Plínio, nasceu em Pirassununga, São Paulo, a 22 de Abril de 1876, sendo a segunda de cinco filhos. A sua infância transcorreu num ambiente doméstico tranquilo e aristocrático, iluminado pela figura dos pais António (1848-1909), um dos melhores advogados de São Paulo naquela época, e Gabriela (1852-1934). Em 1893, a família transferira-se para São Paulo, residindo num palacete no bairro dos Campos Elíseos. Aqui, com trinta anos de idade, Lucília conhecera e desposara o advogado João Paulo Corrêa

de Oliveira (62), oriundo de Pernambuco, no Nordeste brasileiro e que se mudara para São Paulo, talvez por sugestão do tio, o Conselheiro João Alfredo.

(61) Sobre esta extraordinária figura remetemos para a biografia citada de J. S. CLÁ DIAS, com um prefácio do Padre Antonio ROYO MARÍN O.P. "Trata-se - como escreve este último - de uma autêntica e completíssima Vida de Dona Lucília, que pode equiparar-se às melhores `Vidas dos Santos' aparecidas até hoje no mundo inteiro" (ibid., p. 11).

(62) João Paulo Corrêa de Oliveira, nasceu em 1874, morreu em São Paulo em 27 de janeiro de 1961. Mais que da figura do pai, a quem foi ligado por um longo e afetuoso convívio, a vida de Plínio Corrêa de Oliveira foi iluminada especialmente pela mãe, assim como Lucília tinha o próprio modelo no pai, António Ribeiro dos Santos.

Quando esperava o nascimento de Plínio, o médico anunciou a Dª Lucília que o parto iria ser arriscado e que provavelmente ela ou o menino morreriam. Perguntou-lhe se não preferiria que lhe praticassem o aborto, para não arriscar a própria vida. Dª Lucília de modo tranquilo, mas firme, respondeu: "Doutor, esta não é uma pergunta que se faça a uma mãe! O Sr. nem deveria sequer tê-la cogitado!" (63) Este acto de heroísmo reflecte bem o que foi a sua vida inteira.

(63) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. I, p. 123.

"A virtude –escreve Mons. Trochu– passa facilmente do coração das mães ao coração dos filhos" (64). "Educado por uma mãe cristã, corajosa e forte –escreveu o Padre Lacordaire da sua mãe– a religião tinha passado do seu seio para mim, como um leite virgem e sem amargura" (65).

(64) Cón. François TROCHU, "Le Curé d'Ars", Librairie Catholique Emmanuel Vitte, Lyon-Paris, 1935, p. 13. De Santo Agostinho, São Bernardo, São Luiz de França, até São João Bosco e a Santa Teresinha do Menino Jesus, é altíssimo o número dos santos que reconheceram na virtude das mães a fonte da própria. Como observa Mons. Delassus, nas origens da santidade frequentemente se encontra uma mãe virtuosa (cfr. Mons. Henri DELASSUS, "Le problème de l'heure présente", Desclée de Brouwer, Lille, 1904, (2 vol.), tr. it. vol. II, pp. 575-576).

(65) P. BARON, "La jeunesse de Lacordaire", Cerf, Paris, 1961, p. 39. Cfr. também Geneviève GABBOIS, "Vous êtes presque la seule consolation de l'Eglise", in Jean DELUMEAU (org.), "La religion de ma mère. Le rôle des femmes dans la transmission de la foi", Cerf, Paris, 1992, pp. 314-315.

Em termos análogos Plínio Corrêa de Oliveira atribuiu a Dª Lucília o cunho espiritual que desde a infância selou a sua vida:

"A minha mãe ensinou-me a amar Nosso Senhor Jesus Cristo, ensinou-me a amar a Santa Igreja Católica" (66). "Eu recebi dela, como algo que deve ser tomado profundamente a sério, a Fé Católica Apostólica Romana, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Nossa Senhora" (67).

(66) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Un uomo, un'ideale, un'epopea" in Tradizione, Famiglia, Proprietà, n° 3 (1995), p. 2.

(67) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. III, p. 85. "Havia um aspecto em mamãe que eu apreciava muito: o tempo inteiro, e até o fundo da alma, ela era senhora! Em relação aos filhos, guardava uma superioridade materna que me fazia sentir o quanto eu andaria mal, caso transgredisse a autoridade dela, e como semelhante atitude, de minha parte, lhe causaria tristeza, por ser ao mesmo tempo uma brutalidade e um malefício. Senhora ela o era, pois fazia prevalecer a boa ordem em todos os domínios da vida. Sua autoridade era amena. As vezes mamãe castigava um pouco. Mas mesmo em seu castigo, ou em sua repreensão, a suavidade era tão saliente que confortava a pessoa. Com Rosée, o procedimento era análogo, embora mais delicado, por se tratar de menina. A reprimenda, entretanto, não excluia a benevolência, e mamãe estava sempre aberta a

ouvir a justificação que seus filhos lhe quisessem dar. Assim a bondade constituía a essência do senhorio dela. Ou seja, era uma superioridade exercida por amor à ordem hierárquica das coisas, mas desinteressada e afectuosa em relação àquele sobre quem se aplicava" (ibid., vol. II, pp. 16-17).

Numa época em que Leão XIII havia exortado a colocar no Coração de Jesus "toda a esperança, a pedir-Lhe e esperar d'Ele a salvação" (68), a devoção que caracterizou a vida de Dª Lucília foi a do Sagrado Coração de Jesus, que é por excelência a devoção dos tempos modernos (69). Uma igreja dedicada ao Coração de Jesus erguia-se não longe da casa dos Ribeiro dos Santos (70). A jovem mãe visitava-a todos os dias, levando consigo Plínio e a sua irmã Rosée. Foi aqui, no clima sobrenatural que caracterizava as igrejas de outrora, observando a mãe em prece, que se formou no espírito de Plínio aquela visão da Igreja que o marcou profundamente. "Eu percebia–recordaria Plínio Corrêa de Oliveira- que a fonte do seu modo de ser estava na sua devoção ao Sagrado Coração de Jesus, por meio de Nossa Senhora" (71). Dª Lucília permaneceu sempre fiel à devoção da sua mocidade. Nos últimos anos da sua vida, quando as forças já não lhe permitiam dirigir-se à igreja, permanecia longos períodos em oração, até altas horas da noite, diante de uma imagem de alabastro do Sagrado Coração de Jesus, entronizada no salão principal da sua moradia (72).

(68) Leão XIII, Enciclica Annum Sacrum, de 25 de Maio de 1889, in "Le Fonti della Vita Spirituale", (1964), vol. I, p. 198. A consagração do género humano ao Sagrado Coração, anunciada por Leão XIII na sua Encíclica, ocorreu em 11 de Junho de 1890.

(69) A devoção ao Sagrado Coração está exposta em três magistrais documentos pontifícios: Encíclicas Annum Sacrum (1889) de Leão XIII; Miserentissimus Redemptor (1928) de Pio XI; Haurientis Aquas (1956) de Pio XII. O Seu grande apóstolo no século XIX foi o jesuíta francês Henri Ramière (1821-1884), que difundiu e desenvolveu em todo o mundo a associação "Apostolado da Oração". No Brasil, o grande propagador da devoção ao Sagrado Coração foi o Padre Bartolomeo Taddei nascido em San Giovanni Roveto, Itália, em 7 de Novembro de 1837. Ordenado Sacerdote em 19 de Abril de 1862, em 13 de Novembro do mesmo ano entrou para o noviciado da Companhia de Jesus e foi destinado ao novo Colégio de S. Luiz de Gonzaga, em Itú, no Brasil. Ali fundou o "Apostolado da Oração" e começou a difundir a devoção ao Sagrado Coração que foi o centro da sua vida. Quando morreu, em 3 de Junho de 1913, o número dos Centros do "Apostolado da Oração", por ele promovidos em todo o Brasil, ascendia a 1390 com cerca de 40.000 zeladores e zeladoras e 2.708.000 associados. Cfr. Luigi ROUMANIE s.s., "Il P. Bartolemo Taddei della compagnia di Gesù apostolo del S. Cuore in Brasile", Messaggero del Sacro Cuore, Roma, 1924; Aristide GREVE, S. J., "Padre Bartolomeu Taddei", Editora Vozes, Petrópolis 1938. Sobre a devoção ao Sagrado Coração cfr. a obra clássica de Auguste HAMON, "Histoire de la dévotion au Sacré-Coeur", Beauchesne, Paris, 1923-1945, 5 vol. e a obra recente de Francesca MARIETTI, "Il Cuore di Gesù. Culto, devozione, spiritualità", Editrice Ancora, Milão, 1991.

(70) A igreja do Sagrado Coração, edificada no bairro dos Campos Elíseos, foi construída entre 1881 e 1885, e confiada aos salesianos. O Padre Gaetano Falcone foi por longos anos o estimado Reitor do Santuário. Nesta igreja, em que se destacava na nave lateral direita uma bela imagem dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora, desenvolveu-se a devoção do jovem Plínio por Nossa Senhora Auxilium Christianorum de Lepanto e do Santíssimo Rosário.

(71) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. I, p. 214.

(72) Ibid., vol. III, pp. 91-92. Dª Lucília implorava habitualmente a protecção divina, rezando o Salmo 90 e uma "novena irresistível" ao Sagrado Coração de Jesus (ibid., pp. 90-91).

As notas dominantes da alma de Dª Lucília eram a piedade e a misericórdia. A sua alma caracterizava-se por uma extraordinária capacidade de afecto, de bondade, de amor materno, que se projectava para além dos dois filhos que a Providência lhe deu.

"Ela possuía uma enorme ternura –dizia Plínio Corrêa de Oliveira– foi afectuosíssima como filha, afectuosíssima como irmã, afectuosíssima como esposa, afectuosíssima como mãe, como avó e mesmo como bisavó. Ela levou o seu afecto até onde lhe foi possível. Mas, eu

tenho a impressão de que alguma coisa nela dá a nota tónica de todos esses afectos: é o facto de ela ser, sobretudo, mãe! Ela possui um amor transbordante não só para com os dois filhos que teve, como também para com filhos que ela não teve. Dir-se-ia que ela era feita para ter milhões de filhos, e o seu coração palpitar do desejo de conhecê-los" (73).

(73) Ibid., vol . III, p. 155.

Quem não conheceu Dª Lucília pode intuir a sua fisionomia moral por meio de algumas expressivas fotografias e através dos numerosos testemunhos dos que a recordam nos últimos anos da sua avançada idade (74). Ela representava o modelo de uma perfeita dama, que teria encantado um São Francisco de Sales à procura da figura exemplar que imortalizou com o nome de Filotéia (75). Pode-se imaginar que Dª Lucília educasse Plínio no espírito daquelas palavras que São Francisco Xavier dirigiu certa noite ao seu irmão, quando o acompanhava a uma recepção: "Tenhamos boas maneiras, ad majorem Dei gloriam".

(74) J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. II, p. 173. "Entre as suas qualidades estava o contínuo senso da oposição inconciliável entre o bem e o mal, como lembra o sobrinho Adolpho Lindenberg: Manteve esta polarização em alto grau: uma acção é óptima, outra é péssima. Chamava-me muito a atenção o fundamental horror que ela sempre teve ao pecado. Para a minha óptica de menino ou de mocinho, mais do que esta ou aquela virtude, sobressaía nela esta postura: a noção de um bem pelo qual temos de nos entusiasmar e sacrificar, e a noção do mal, que é hororroso, que se odeia e se despreza".

(75) O Santo saboiano ensina na sua célebre obra como uma alma pode viver no mundo sem embeber-se do espírito do mundo: "Deus –afirma ele–quer que os cristãos, plantas vivas da Igreja, produzam frutos de devoção, cada qual segundo a própria qualidade e devoção" (São Francisco DE SALES, "Filotéia ", parte I, cap. III).

A perfeição das boas maneiras é o fruto de uma ascese que só se pode alcançar com uma educação aprimorada através de séculos ou com um exímio esforço de virtude, tal como se pode encontrar com frequência nos conventos contemplativos, nos quais se ministra às jovens noviças uma educação que, sob este ponto de vista, se poderia considerar régia. Além disso, o homem é feito de corpo e de alma. A vida da alma manifesta-se de forma sensível através do corpo, e a caridade exprime-se em actos externos de cortesia. A cortesia é um rito social alimentado pela caridade cristã, que também se ordena à glória de Deus. "A cortesia é para a caridade o que a liturgia é para a oração: o rito que a exprime, a acção que a encarna, a pedagogia que a suscita. A cortesia é a liturgia da caridade cristã" (76).

(76) Roger DUPUIS, S. J., Paul CELIER, "Courtoisie chrétienne et dignité humaine", Mame, Paris, 1955, p. 182.

Lucília Ribeiro dos Santos encarnava o que de melhor havia no espírito da antiga aristocracia paulista. Na cortesia da sua mãe, expressão da sua caridade sobrenatural, o jovem Plínio via um amor à ordem cristã levado às suas últimas consequências e uma repulsa igualmente radical pelo mundo moderno e revolucionário. Desde então, as maneiras aristocráticas e a afabilidade no trato foram uma constante da sua vida. Plínio Corrêa de Oliveira, que nos seus modos fazia lembrar o Cardeal Merry del Val, o grande Secretário de Estado de São Pio X, célebre pela sua humildade de alma e a perfeição das suas maneiras, sabia proceder magnificamente em sociedade. A sua compostura era exemplar, a sua conversação inesgotável e fascinante.

A Providência dispôs que estas qualidades se alimentassem e renovassem num convívio quotidiano que se prolongou até 1968, quando Dª Lucília morreu, aos 92 anos de idade.

5. Primeira visão da Europa

As viagens à Europa constituíam um momento privilegiado na formação cultural das elites brasileiras no início do século. Para a família de Plínio a ocasião apresentou-se com a necessidade que Dª Lucília teve de passar por uma intervenção cirúrgica no velho continente.

Sofrendo de cálculos biliares, a família soube que um conhecido clínico alemão, o professor August Bier (77) médico pessoal do Kaiser, operava a vesícula com uma nova técnica que desenvolvera. Em Junho de 1912, Lucília Corrêa de Oliveira embarcou, pois, no porto de Santos, acompanhada não apenas pelo seu marido João Paulo e pelos filhos Plínio e Rosée, mas também pela mãe Gabriela, irmãos, cunhados e sobrinhos, formando um grupo familiar que durante dez meses abandonou os seus afazeres para visitar as principais cidades europeias.

(77) Professor de Cirurgia em Kiel, Greifswald, Bona e Berlim, August Bier (1861-1949) é conhecido na história da medicina por ter introduzido o uso de uma técnica terapêutica especial (bierterapia), concebida essencialmente para os processos inflamatórios agudos e crónicos. Cfr. Martin MULLER, "Sub voce", in NDB, vol. II (1955), pp. 230-231. Dª Lucília manteve com ele uma amigável correspondência até a morte deste, em 1949 (J. CLA DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. II, pp. 31-32).

Nos primeiros dias de Julho, a jovem mãe foi operada pelo professor Bier, em Berlim. A sua convalescença transcorreu no balneário de Binz, na ilha de Rügen; dirigiu-se depois a Wiesbaden e Colónia. Transcorreu assim o verão de 1912, naquela Alemanha florescente do pré-guerra à qual o Príncipe de Bülow, nas suas Memórias, aplica os versos de Schiller: "A alegria reinava nas salas de Tróia / antes que caísse o alto rochedo" (78).

(78) Príncipe Bernhard VON BÜLOW, "Memorie", vol. III, "Guerra mondiale e catastrofe", tr. it. A. Mondadori, Milão, 1931, p. 121 (são os primeiros dois versos da Cassandra de Schiller).

Foi um verão frio e chuvoso, em que nevou em Paris, enquanto a "questão do Oriente", com a guerra dos Balcãs, ocupava as primeiras páginas dos jornais. No início de Setembro, o Kaiser visitava oficialmente a Suiça, e em Viena realizava-se um grande Congresso Eucarístico, com a presença do Imperador Francisco José e de toda a Corte. Uma ampla rede de vínculos dinásticos cobria a Europa, dominada pela figura dos dois imperadores Francisco José e Guilherme II. Várias gerações de príncipes e soberanos encontraram-se em Munique, por ocasião da morte do nonagenário regente Luitpold da Baviera, conhecido como o "patriarca dos que reinavam", trasladando-se depois a Berlim, em 24 de Maio de 1913, para o faustoso casamento da princesa Vitória Luísa de Hohenzollern, filha do Imperador Guilherme II, com Ernesto Augusto de Brunschwig Lüneberg, Duque de Cumberland.

Dona Lucília e a sua família passaram aquele inverno em Paris, onde permaneceram até ao fim de Março de 1913, tendo-se hospedado no Hotel Royal, na Avenida Friedland. De Paris foram a Génova, com a intenção de seguir viagem até Roma e ver o Papa Pio X, mas a notícia de uma epidemia na Cidade Eterna alterou o programa. Tomaram o caminho de volta, desembarcando no porto de Santos a 17 de Abril de 1913.

A viagem à Europa foi memorável para o pequeno Plínio, que então contava quatro anos. A Catedral de Colónia, que há sete séculos guarda as relíquias dos Reis Magos, com as suas majestosas torres ponteagudas, foi o seu primeiro encontro com as maravilhas da arte gótica. As margens do Reno cravejadas de castelos, os Alpes nevados, os esplendores de Notre-Dame e de Versalhes; a costa da Ligúria, espectacular varanda sobre as doçuras do Mediterrâneo, permaneceram profundamente impressos na sua alma. Ele teria podido dizer de cada monumento da Civilização Cristã que visitou com a sua família, naquela ocasião, aquilo que escreveu depois sobre a Catedral de Colónia: "Algo de misterioso, que pede toda a minha alma é que ela seja inteiramente conforme às maravilhas da Igreja Católica! É uma escola de pensamento, de vontade e de sensibilidade. É um modo de ser que dali se evola, e para o qual eu sinto que nasci. É algo muito maior do que eu, muito anterior a mim. Algo que vem de séculos nos quais eu era nada. Vem da mentalidade católica de homens que me antecederam e que também tinham, no fundo da alma, esse mesmo desejo do inimaginável. E eles até conceberam o que eu não concebi e fizeram o que eu não fiz. Mas é um desejo tão alto, tão

universal, tão correspondente aos anelos profundos de tantos e tantos homens, que o monumento ficou para todo o sempre: a Catedral de Colónia!" (79).

(79) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O inimaginável e o sonhado", in Catolicismo, n° 543 (Março de 1996), p. 28.

Haveriam de transcorrer quase quarenta anos até que Plínio voltasse à Europa, mas as raízes do velho continente já se encontravam plantadas no seu coração, quando estalou a primeira guerra mundial.

6. O crepúsculo da *Belle Époque*

Em Janeiro de 1919 abriu-se, na galeria dos espelhos do Castelo de Versalhes, a Conferência de Paz (80) que encerrava um conflito sem precedentes na História, quer pelo custo humano de mais de oito milhões de mortos, quer pela amplitude das suas repercussões políticas e sociais.

(80) Sobre Versalhes: Pierre RENOUVIN, "Le Traité de Versailles", Flammarion, Paris, 1969; Michel LAUNAY, "Versailles, une paix bâclée", Complexe, Bruxelas 1981; Pierre MILZA, "De Versailles à Berlin 1919-1945", Armand Colin, Paris, 1996.

A Alemanha passou por modificações materiais e morais, mas o grande derrotado da guerra foi o Império Austro-Húngaro (81).

(81) Sobre Versalhes: Pierre RENOUVIN, "Le Traité de Versailles", Flammarion, Paris, 1969; Michel LAUNAY, "Versailles, une paix bâclée", Complexe, Bruxelas 1981; Pierre MILZA, "De Versailles à Berlin 1919-1945", Armand Colin, Paris, 1996.

Por meio da sua destruição, o objectivo de um restrito círculo de homens políticos, filiados na maçonaria, era o de "republicanizar a Europa" e completar assim "sobre o plano nacional e internacional a obra da Grande Revolução, que havia ficado interrompida" (82). Tendo começado como uma guerra clássica, a Primeira Guerra mundial terminou, segundo o historiador húngaro François Fejtó, como uma guerra ideológica que tinha como finalidade o desmembramento da Áustria-Hungria (83).

(82) François FEJTÓ, "Requiem pour un empire défunt. Histoire de la destruction de l'Autriche-Hongrie", Lieu Commun, Paris, 1988, pp. 308, 311. "O grande desígnio oferecido pela elite política e intelectual aos soldados das trincheiras era de estirpar da Europa o último vestígio do clericalismo e do monarquismo" (p. 315). Sobre o papel da maçonaria, cfr. ibid., pp. 337-349.

(83) Cfr. F. FEJTÓ, "Requiem pour un empire défunt", cit., pp. 306-313. Sobre a primeira guerra mundial: Leo VALIANI, "La dissoluzione dell'Austria-Ungheria", Il Saggiatore, Milão, 1985; Gian Enrico RUSCONI, "Il rischio 1914 - Come si decide la guerra", Il Mulino, Bolonha, 1987; P. RENOUVIN, "La prima guerra mondiale", Lucarini, Roma, 1989. O ano em que "a guerra toma a sua conotação ideológica permanente", segundo Furet, é 1917 (François FURET, "Le passé d'une illusion", Robert Laffont, Paris, 1995, p. 73). A Revolução de Fevereiro, que leva à abdicação o czar Nicolau II, e depois a de Outubro, que vê o advento de Lenine, derrubam o secular império czarista e aplainam o caminho para uma nova Rússia que rompe com as raízes do seu passado. No mês de Abril, o presidente Wilson arrasta a América para a guerra, proclamando a cruzada democrática contra o autocratismo. Em 8 de Janeiro de 1918, o mesmo Wilson publica os "catorze pontos" que prevêm entre outras coisas a fundação de uma "Sociedade das Nações" que garanta a paz mundial.

Os tratados de 1919-1920, que impunham ou favoreciam a transformação dos regimes monárquicos da Alemanha e da Áustria em repúblicas parlamentares, instituiam, "mais do que uma paz europeia, uma revolução europeia" (84). O mapa político da Europa, traçado pelo Congresso de Viena, foi redesenhado segundo o novo critério da "autodeterminação dos povos", enunciado pelo presidente americano Wilson. Sobre as ruínas do império austríaco, enquanto a Alemanha se encaminhava para se tornar a única grande potência da Europa Central, surgiam novos estados "multinacionais" como a República Checa e o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, depois Jugoslávia.

(84) F. FURET, "Le passé d'une illusion", cit, p. 74. Sobre o fim do Império dos Habsburgos, cfr. Zybnek A. B. ZEMAN, "The Break-up of the Habsburg Empire 1914-1918", Oxford University Press, Londres-New York, 1961; Edward CRANKSHAW, "The fall of the House of Habsburg", Longmans, Londres, 1963; Adam WANDRUZKA, "Das Haus Habsburg" Herder, Viena, 1983 (1978).

Plínio Corrêa de Oliveira intuiu como o fim do Império dos Habsburgos selaria o fim da antiga civilização europeia. A Áustria encarnava a seus olhos a ideia medieval do Sacro Império Romano, o programa da Reconquista e da Contra-Reforma, que se opunham ao mundo nascido da Revolução Francesa.

"O Catolicismo –afirma Leão XIII com a sua soberana e decisiva autoridade– não se identifica com qualquer forma de governo, e pode existir e florescer, quer numa monarquia, quer numa aristocracia, quer numa democracia, quer ainda numa forma mista, que contenha elementos de ambas. O destino do Catolicismo não estava, pois, ligado ao das monarquias europeias. Isto não obstante, é incontestável que estas monarquias, ao menos nos seus traços fundamentais, estavam estruturadas segundo a doutrina católica. O liberalismo quis aboli-las e substituí-las por uma ordem diversa. A transformação que ele operou foi, de monarquias aristocráticas de inspiração católica, em repúblicas burguesas e liberais de espírito e mentalidade anti-católicos" (85).

(85) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Terceiro acto", in Legionário, n° 421 (6 de Outubro de 1940).

Se não surpreendem em Plínio Corrêa de Oliveira as raízes culturais francesas, ligadas à vida intelectual e social da São Paulo do tempo, pode causar espanto o verdadeiro entusiasmo que desde então manifestou pela Áustria dos Habsburgos. As raízes do amor do jovem brasileiro pelo Império Austríaco eram, desta vez, sobrenaturais. A Áustria, que recolhera a herança do Sacro Império Romano carolíngio, constituía a seus olhos a expressão histórica por excelência da Civilização Cristã. Entre os séculos XVI e XVII, face ao protestantismo em expansão no Norte da Europa e à cultura laica e pré-iluminista que surgia, o Império dos Habsburgos era o símbolo da fidelidade à Igreja. Numa época em que o valor das dinastias primava sobre o dos Estados, o nome dos Habsburgos encarnava a Contra-Reforma católica. Sob uma mesma bandeira combatiam os conquistadores ibéricos que penetravam no interior da América Latina e os guerreiros que defendiam as fronteiras do Império cristão, atrás das muralhas de Budapeste e de Viena. Foi na capital austríaca que teve lugar, em 1815, o Congresso que deveria sancionar a restauração da ordem europeia, transtornada pela Revolução Francesa e por Napoleão. O Império dos Habsburgos constituiu, até à sua queda em 1918, o principal alvo do ódio anticristão das sociedades secretas e das forças revolucionárias. Plínio Corrêa de Oliveira defendeu sempre o seu insubstituível papel histórico.

"Viena – escreveria logo após a segunda guerra mundial–deve ser a capital de um grande Império Alemão, ou de uma monarquia dual Austro-húngara. Qualquer coisa que não seja isto, representará para a influência católica, na bacia danubiana, um prejuízo irreparável" (86).

(86) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "7 dias em Revista", in Legionário, n° 570 (11 Julho 1943). "Neste sentido, é preciso ter, especialmente, força e prudência. Força para destruir dentro e fora da Alemanha tudo quanto deve ser destruído. Prudência, para não destruir o que não deve ser destruído, para não exarcerbar o que deve continuar vivo. Os erros de Versailles não

devem mais se repetir. Nunca, nunca mais, dentro do mundo germânico, deveremos pôr como pólo central a Prússia e Berlin. O verdadeiro consiste em trasferir este pólo para Viena. Nisto, mais que em quaisquer medidas de outra natureza, está o segredo de boa parte do problema" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "7 dias em Revista", in Legionário, n° 632 (**17 setembro 1944**).

7. A ascensão do mito americano

Os historiadores têm sublinhado as graves consequências que teve, no plano geopolítico, o desmembramento do Império Áustro-Húngaro. Mas ainda não se colocaram à luz as consequências que isto trouxe no plano das mentalidades e dos costumes. Foi como um sopro vital que, de maneira imprevista, se enfraqueceu na Europa. A atmosfera de estabilidade e segurança que, como recorda Stefan Zweig (87) marcava a Belle Époque, dissolveu-se rapidamente. Um vento de incerteza e inquietude tomou de assalto o velho continente. Até 1914, ninguém contestava a superioridade da Europa. Após a guerra, ela "duvida de si mesma, da legitimidade do seu domínio, da superioridade da sua civilização e do seu futuro" (88). Obras de títulos antes impensáveis, como "O declínio da Europa" do geógrafo Albert Demangeon e "O crepúsculo do Ocidente" do escritor alemão Oswald Spengler, tornam-se verdadeiros best-sellers.

(87) "Tentou-se encontrar uma fórmula cómoda para definir o período que precede a primeira guerra mundial, o tempo em que crescemos. Creio ser o mais conciso possível dizendo: foi a idade de ouro da segurança; (...) Ninguém acreditava em guerras, em revoluções e subversões. Todo acto radical e toda a violência parecia então impossível na idade da razão" (S. ZWEIG, "Il mondo di ieri', tr. it. Mondadori, Milão, 1946, pp. 9, 10).

(88) René REMOND, "Introduction à l'histoire de notre temps" Seuil, Paris, 1974, vol. III, "Le XX siècle de 1914 à nos jours" p. 52. Cfr. também Carlo CURCIO, "Europa, storia di un'idea", 2 vols., Vallecchi, Florença, 1958, vol. II, pp. 789-880; Jean GUIFFAN, "Histoire de l'Europe au XX siècle, 1918-1945", Editions Complexe, Bruxelas, 1995.

Consolidava-se no mundo o "mito americano" (89). "Enquanto a Europa parecia afundar-se no caos, raiava sobre a América o zenith do esplendor wilsoniano. Os Estados Unidos tinham atingido o seu apogeu" (90). A América encarnava uma nova way of life, que tinha o seu modelo cintilante e artificial em Hollywood, a cidade californiana sede do novo império do cinema. Nos anos 20, les années folles ou, segundo a fórmula britânica, os Roaring Twenties, a Europa sofreu transformações sociais que modificaram profundamente hábitos e costumes dos seus habitantes. A americanização foi imposta sobretudo pelo cinema (91), que se transformou no divertimento mais popular, ao lado dos desportos de massa como o futebol e o box, os quais a rádio e a imprensa propagavam.

(89) Cfr. Apêndice I da II parte de Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Nobilìty and Analogous Traditional Elites in the Allocutions of Pius XII**", Hamilton Press, 1993, "The United States: An Aristocratic Nation Whithin a Democratic State", pp. 135-330. Cfr. também A. Frederick MARK, "Manifest Destiny and Mission in American History", Alfred A. Knopf, Nova York, 1963; Ernest LEE TUVESON, "Redeemer Nation: The Idea of America's Millennial Role", University of Chicago Press, Chicago, 1968. Na segunda metade do século XX, enquanto o processo revolucionário avançava, os Estados Unidos exerceram um papel semelhante ao da Europa nos séculos precedentes. Plínio Corrêa de Oliveira, lembra um seu discípulo, "aproximava este papel ao desenvolvido pela Áustria no século XIX". Assim como o império dos Habsburgos representava o principal alvo da internacional liberal do tempo, o império americano acabou constituindo-se no vilão da internacional progressista, que vê nele o símbolo do conservadorismo e do anti-comunismo. Neste novo contexto, eles "passaram a sustentar as atitudes anticomunistas dos U.S.A., bem como a pressão sobre o Governo feita por algumas forças internas do País para obter uma política firme contra o expansionismo sino-soviético. Esta sua posição não implicava, nem mesmo de longe, a aceitação da american way of life com consentimento à influência liberalizante do

americanismo. Implicava só a objectiva constatação de que os U.S.A. são hoje uma potência sem a qual é impossível esperar impedir o avanço político-militar do comunismo internacional" (Júlio Loredo, carta ao autor).

(90) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A dynamite de Christo", in Legionário, n° 321 (5 Novembro 1938).

(91) Nos anos vinte, os seus heróis são Charlie Chaplin, Buster Keaton, Douglas Fairbanks, Rodolfo Valentino, Gloria Swanson, Mary Pickford.

O novo estilo de vida, que representava a antítese do espírito da Belle Époque, não dizia respeito apenas às classes altas, mas estendia-se às classes médias e a uma ampla camada da classe operária. Um dos seus símbolos era a emancipação da mulher que, em muitos países europeus, como a França e a Itália, ainda não votava, mas apresentava uma imagem de si mesma "moderna" e agressiva, bem diversa do tipo feminino tradicional. É uma nova mulher, que corta os cabelos "à la garçonne", usa saias e mangas cada vez mais curtas, conduz o seu próprio automóvel, enquanto o paradigma masculino é constituído pelo homem prático e dinâmico, que busca o sucesso, na esteira do self-made man americano. O mito do dinheiro impõe-se implacavelmente à sociedade, a par de uma desenfreada procura do prazer. A vida passa por uma forte democratização sob todos os pontos de vista: o trato social, as modas, a linguagem.

Também no Brasil, nos anos 20, se começava a notar uma transformação nas tendências. "Esse decénio foi, –recordará Plínio Corrêa de Oliveira– para nós, o da `vida flauteada', dos gastos fabulosos, do café a preço alto, das viagens incessantes à Europa, das orgias e da despreocupação. (...) A estagnação mental brasileira era completa. O famoso jazz band, o shimmy, o cinema e o desporto, monopolizavam todos os espíritos" (92). Definirá o "americanismo" como "um estado de espírito subconsciente, com aflorações conscientes, que erige o gozo da vida em supremo valor do homem e procura ver o universo e organizar a existência de modo propriamente delicioso" (93).

(92) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A dynamite de Christo", cit.

(93) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O coração do sábio está onde há tristeza**", in Catolicismo, n° 85 (Janeiro 1958), p. 2.

No Centro de São Paulo, as salas superiores dos grandes armazéns Mappin expõem ao público móveis ingleses, mais modernos e "higiénicos" que os franceses. O futebol começa a atrair a simpatia dos jovens, enquanto uma nova visão hedonista da vida tem o seu símbolo no Rio de Janeiro, a cidade das praias e do carnaval. A Semana de Arte Moderna que teve lugar em São Paulo, em 1922, com o patrocínio da elite social paulista (94), ensaiava a revolução na arquitectura, cujo símbolo será Oscar Niemeyer, arquitecto comunista que projectaria a nova capital, Brasília. Neste mesmo ano foi construído em São Paulo o prédio Martinelli, o maior da América do Sul; o arquitecto russo Gregori Warchavchik lança o international style que iria alterar as características típicas dos centros urbanos brasileiros (95), enquanto Le Corbusier se tornava o ideal dos novos arquitectos da América Latina. A transformação radical da cidade, em menos de vinte anos, reflectiu a modificação igualmente profunda dos costumes e das ideias (96). Mas a família Corrêa de Oliveira em que, sob o influxo materno, se formava o jovem Plínio, ainda representava uma orla do Ancien Régime que sobrevivia e se opunha às vagas da modernidade.

(94) J. de AZEREDO SANTOS, "Semana de arte moderna: precursora dos 'hippies '", in Catolicismo, n° 256 (Abril 1972), p. 7.

(95) Em 1925 Warchavchik publicou no Correio da Manhã do Rio o artigo “Acerca da Arquitectura moderna" em que apresentava Le Corbusier ao público brasileiro. Foi ele que construiu a primeira "casa modernista" do Brasil, na rua Santa Cruz, em São Paulo.

(96) A urbanização de São Paulo mudou sob a administração de Fábio Prado (1935-1938), mas sobretudo sob Francisco Prestes Maia (1896-1965), prefeito de São Paulo de 1938 a 1945, e

novamente de 1961 a 1965. A sua filosofia urbanística foi exposta em obras como "São Paulo, metrópole do século XX" (1942) e "O plano urbanístico da cidade de São Paulo" (1945).

8. Uma concepção militante da vida espiritual

Em Fevereiro de 1919, com dez anos, Plínio Corrêa de Oliveira iniciou os seus estudos no Colégio São Luís, da Companhia de Jesus, no qual estudavam os filhos da classe dirigente tradicional de São Paulo (97). Entre a educação materna e a do colégio houve, como convém, continuidade e desenvolvimento. Nos ensinamentos dos jesuítas Plínio reencontrou o amor pela vida métodica, que já lhe tinha sido inculcado pela governante Mathilde Heldmann (98), e sobretudo, aquela concepção militante da vida espiritual a que a sua alma aspirava profundamente (99).

97) O Colégio São Luiz foi fundado em 1867 em Itú e transferido para São Paulo, instalando-se num imponente edifício no n° 2324 da avenida Paulista. Era então reitor do Colégio o Padre João Baptista du Dréneuf (1872-1948) (cfr. A. GREVE, S.J., "Fundação do Colégio São Luiz. Seu centenário, 1867-1967', in "A.S.I.A.", n° 26 (1967), pp. 41-59). Entre os seus professores o jovem Plínio teve o Padre Castro e Costa, que o acompanhou na batalha em defesa da Acção Católica e que ele depois reencontrou em Roma, nos anos 50 (cfr. J. CLA DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. II, p. 259).

(98) Mathilde Heldmann era originária de Regensburg, e tinha sido governante em algumas casas aristocráticas europeias. "Um dos maiores benefícios que mamãe nos fez foiFraulein" comentou várias vezes Plínio Corrêa de Oliveira (J. CLA DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. I, p. 203).

(99) Sobre a concepção "militante" da espiritualidade cristã, cfr. Pierre BOURGUIGNON, Francis WENNER, "Combat spirituel", in DSp, vol. II, 1 (1937), coll. 1135-1142; Umile BONZI DA GENOVA, "Combattimento spirituale", in EC, vol. IV (1950), col. 37-40; Johann AUER, "Militia Christi", in DSp, vol. X (1980), col. 1210-1233.

Teve no colégio o primeiro choque com o mundo e o primeiro campo de batalha. Nele, o jovem Plínio encontrou as "duas cidades" agostinianas, confundidas como o grão e o joio, o trigo e a palha, de que fala o Evangelho (100), e compreendeu como a vida do homem sobre a terra é uma dura luta, em que "não será coroado quem não tiver combatido" (101). "Vita militia est" (102). Que a vida espiritual do cristão seja um combate é um dos conceitos sobre os quais mais insiste o Novo Testamento, sobretudo nas Epístolas paulinas. "O cristão nasceu para a luta" (103), afirma Leão XIII. "A substância e o fundamento de toda a vida cristã consiste em não secundar os costumes corruptos do século mas em combatê-los e resistir-lhes com constância" (104).

(100) Mt. 13, 24-27.

(101) II Tim. 11, 5.

(102) Jo, 7, 1.

(103) Leão XIII, Encíclica Sapientiae Christianae de 10 de Janeiro de 1890, in , vol. III, "La pace interna delle nazioni", (1959), p. 192.

(104) Leão XIII, Encíclica Exeunte iam anno, de 25 de Dezembro de 1888, in "Le fonti della vita spirituale", cit., vol. II, pp. 345, 358 (pp. 337-359).

De Santo Inácio, Plínio aprendeu que "a alma de qualquer homem é um campo de batalha, no qual lutam o bem e o mal" (105). Todos possuímos, como consequência do pecado original, inclinações desordenadas que nos convidam ao pecado; o demónio procura favorecê-las e a graça divina ajuda-nos a vencê-las, transformando-as em ocasião de santificação. "Entre as forças que o levam para o bem ou para o mal está, como fiel da balança, o livre arbítrio humano" (106). Plínio era certamente um dos rapazes paulistanos da sua geração que o Padre Burnichon, visitando o Colégio São Luís em 1910, descreve como "sérios, graves, reflectidos. A sua fisionomia dificilmente se ilunina, o riso parece ser-lhes pouco familiar; por

outro lado eles podem, segundo me asseguraram, permanecer num mesmo lugar durante cinco horas, a escutar discursos académicos; isto acontece-lhes de vez em quando. Em definitivo, a raça recebe do seu clima uma maturidade precoce que tem as suas vantagens e os seus inconvenientes, e, por outro lado, uma fleuma habitual que não exclui as impressões vivas e as explosões violentas" (107).

(105) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Lutar varonilmente e lutar até o fim**", in Catolicismo, n° 67 (Julho 1956), p. 2.

(106) Ibid.

(107) Joseph BURNICHON, "Le Brésil d'aujourd'hui", Perrin, Paris, 1910, p. 242.

O jovem Plínio notou no Colégio São Luís a oposição radical entre o ambiente familiar e o dos colegas, já permeado de malícia e imoralidade. Como acontece com frequência nas escolas, os jovens que se impunham aos outros eram os mais maliciosos: a pureza era objecto de desprezo e chacota, a vulgaridade e a obscenidade eram consideradas sinal de varonilidade e de sucesso. Ele reagiu a essa situação com todas as suas forças. Compreendeu que aquilo que estava a suceder não era um caso isolado mas a consequência de uma mentalidade oposta à da sua família. Se aceitasse essa mentalidade, perderia, com a pureza, os ideais que desabrochavam no seu coração. Compreendeu que o fundamento de tudo aquilo que ele amava era a religião, e escolheu o caminho de uma luta sem quartel em defesa da concepção de vida em que fora educado. Foi assim que se formou nele uma convicção, que com o passar dos anos encontrou fundamentos cada vez mais racionais:

"Era a concepção contra-revolucionária da religião como uma força perseguida que nos ensina as verdades eternas, que salva a nossa alma, que conduz para o Céu e que imprime na vida um estilo que é o unico estilo que torna a vida digna de ser vivida. Então, a ideia de que era preciso, quando fosse homem, emprender uma luta, para derrubar essa ordem de coisas que eu reputava revolucionária e má, para estabelecer uma ordem de coisas que era a ordem de coisas católica" (108).

(108) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Memórias", inéditas.

Plínio terminou os seus estudos secundários em 1925, aos 17 anos. Mais tarde, evocando as angústias e o isolamento interior por ele vividos naqueles anos, vai deter-se na consideração da aguda crise que constituiu um dos aspectos mais importantes da história da humanidade no século XIX e uma das causas da sua profunda incoerência.

"A atitude do século XIX perante a Religião e a Moral foi uma atitude essencialmente contraditória. (...) A Religião e a Moral não eram consideradas necessárias e obrigatórias para todos os seres humanos, em todas as idades. Pelo contrário, para cada sexo, cada idade, cada condição social, havia uma situação religiosa e uma conduta moral oposta à que o século XIX preceituava para sexo, idade e condição social diferente. O século XIX admirava a `fé do carvoeiro', na sua simplicidade e na sua pureza. Mas ridicularizava como preconceito inconsciente a Fé do cientista. Admitia a Fé nas crianças. Mas condenava-a nos jovens e nos homens adultos. Quando muito, tolerava-a na velhice. Exigia a pureza para a mulher. E exigia a impureza para o homem. Exigia a disciplina para o operário. Mas aplaudia o espírito revolucionário do pensador" (109).

(109) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Discurso no encerramento do ano de 1936, no Colégio Arquidiocesano de São Paulo**", in Echos, n° 29 (1937), pp. 88-92.

Nessa ocasião, voltando-se para os colegas da sua geração, Plínio lançará um vibrante apelo à luta e ao heroísmo:

"Concebemos a vida, não como um festim, mas como uma luta. O nosso destino deve ser de heróis e não de sibaritas. É esta verdade sobre a qual mil vezes meditamos, que hoje vos venho repetir (...). Colocai Cristo no centro das vossas vidas. Fazei convergir para Ele todos os vossos ideais. Diante da grande luta, que é a nobilíssima vocação da vossa geração, repetia o Salvador a frase famosa: Domine, non recuso laborem" (110).

(110) Ibid.

Em 1926, Plínio Corrêa de Oliveira, seguindo as tradições familiares, inscreveu-se na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Jovem de espírito contemplativo e de grandes leituras, ao lado da cultura jurídica começou a cultivar a filosófica, moral e espiritual. Entre as obras lidas nestes anos que marcaram profundamente a sua formação estavam o "Tratado de Direito Natural" do Padre Luigi Taparelli d'Azeglio (111) e "A Alma de Todo o Apostolado", de D. João Baptista Chautard (112). Esta obra, que foi um dos seus livros predilectos, constituía precioso antídoto à "heresia da acção" (113) que começava a caracterizar aquela época. A ela, D. Chautard contrapõe a vida interior, que define como "o estado de uma alma que reage para controlar as suas inclinações naturais, e se esforça para adquirir o hábito de julgar e regular-se em tudo segundo os ditames do Evangelho e os exemplos de Jesus Cristo. (114)"

(111) Sobre o padre jesuíta Luigi TAPARELLI D'AZEGLIO (1793-1862) autor do célebre "Tratado teórico de direito natural", La Civiltà Cattolica, Roma, 1949, 2 vol. (1840-1843), em que as relações entre direito, moral e política são agudamente analisadas à luz da doutrina católica, cfr. Robert JACQUIN, "Taparelli", Lethielleux, Paris, 1943 e a voz de Pietro PIRRI, S.J., in EC, vol. XI (1953), col. 1741-1745.

(112) Dom Jean-Baptiste CHAUTARD, "L'âme de tout apostolat", Office Français du Livre, Paris, 1947. "É impossivel ler as admiráveis páginas deste livro, cuja unção lembra por vezes a `Imitação de Cristo', sem perceber os tesouros de delicadeza que a sua grande alma guardava" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Almas delicadas sem fraqueza e fortes sem brutalidade**", in Catolicismo, n° 52 (Abril de 1955). Dom Jean Baptiste Chautard nasceu em Briançon em 12 de Março de 1858. Foi religioso cisterciense da estrita observância, eleito em 1897 abade da Trapa de Chambaraud (Grenoble) e em 1899 de Sept-Fons (Moulins). No seu longo governo, foi obrigado a ocupar-se dos problemas temporais relativos à sua ordem e defendeu-a contra a política anti-religiosa do seu tempo. Perfeito modelo da união entre a vida contemplativa e activa traçada em "A alma de todo apostolado", chegou a impor-se, com a sua personalidade, ao ministro Clémenceau, convencendo-o a mitigar a sua atitude contra as ordens contemplativas. Morreu em Sept-Fons a 29 de setembro de 1935.

(113) A "heresia da acção", entendida como uma visão do mundo activista e naturalista que desconhece o papel decisivo da graça na vida do homem, era uma das características do "americanismo católico" de fins do século XIX, condenado por Leão XIII na Carta Testem Benevolentiae de 22 de Janeiro de 1899 (in Acta Leonis XIII, vol. XI, Roma, 1900, pp. 5-20). Cfr. Emanuele CHIETTINI, "Americanismo", in EC, vol. I (1950), col. 10541056; G. PIERREFEU, "Américanisme", in DSp, vol. I (1937), col. 475-488; H. DELASSUS, "L'américanisme et la conjuration anti-chrétienne", Desclée de Brouwer, Lille, 1899; Thomas McAVOY "The Americanist Heresy in Roman Catholicism" 1895-1900, University of Notre Dame Press, Notre Dame (Ind.), 1963; Robert CROSS, "The emergence of Liberal Catholicism in America", Harvard, University Press, Harvard, 1967; Ornella CONFESSORE, "L'americanismo cattolico in Italia". Studium, Roma, 1984.

(114) J.-B. CHAUTARD, "L'âme de tout apostolar", cit., p. 14.

Plínio Corrêa de Oliveira amou e viveu profundamente este espírito, desde os anos da adolescência. Mesmo dedicando-se desde muito jovem à acção e ao apostolado público, nunca se esqueceu de procurar a vida interior, por meio de um exercício assíduo e constante das faculdades da alma.

O ideal da restauração da Civilização Cristã, apontado por São Pio X, parecia longínquo, perante o panorama confuso dos anos 20, que viam o nascimento e a difusão do comunismo e do fascismo e a afirmação de uma way of life americana a opor-se radicalmente ao modo de ser tradicional. Mas, no coração do jovem estudante brasileiro, ao longo desses anos, formara-se a consciência de uma vocação (115). Esta ligava-se de forma misteriosa e providencial à missão inacabada do grande Papa, que desde a sua primeira encíclica E supremi

Apostolatus, de 4 de Outubro de 1903, tinha escolhido a divisa "Instaurare omnia in Christo" (Ef. 1, 10) como programa do seu pontificado e meta para o século XX que se iniciava.

(115) Illos quos Deus ad aliquid eligit, ita praeparat et disponit ut id ad quod eliguntur, inveniantur idonei" (S. Tomás DE AQUINO, "Summa Theologica", III, 27, 4c). A vocação é a forma especial na qual Deus quer que os seus eleitos se desenvolvam. Eleitos, isto é escolhidos e portanto preparados e dispostos para serem idóneos em relação ao fim a que Deus os destina desde toda eternidade.

Restaurar em Cristo "não só o que pertence propriamente à divina missão da Igreja de conduzir as almas a Deus, mas também aquilo que (...) deriva espontaneamente daquela divina missão: a Civilização Cristã, no conjunto de todos e de cada um dos elementos que a constituem" (116).

(116) S. PIO X, Encíclica Il fermo proposito de 11 de Junho de 1905, in vol. IV, "Il laicato", (1958), p. 216.

O próprio Plínio Corrêa de Oliveira haveria um dia de definir a sua própria vocação com estas palavras:

"Quando ainda muito jovem, considerei enlevado as ruínas da Cristandade. A elas entreguei o meu coração. Voltei as costas ao meu futuro e fiz daquele passado carregado de bênçãos, o meu Porvir..." (117).

(117) Estas palavras de Plínio Corrêa de Oliveira aparecem, escritas de próprio punho, como epígrafe do livro "Meio século de epopeia anticomunista", cit.

Capítulo II

"O LEGIONÁRIO NASCEU PARA LUTAR..."

"Qual o ideal inicial do Legionário? (...) Não tinhamos dúvida sobre esse ideal. Era o Catolicismo, plenitude de todos os ideais verdadeiros e nobres (...)".

1. A importância da Igreja Católica na vida do Brasil

A atmosfera religiosa no Brasil dos anos 20 ainda estava impregnada da profunda e benéfica influência do pontificado de São Pio X (1). A luta contra o modernismo promovida pelo Papa Sarto trouxera novamente, ao menos na aparência, a paz interna à Igreja Católica, que se apresentava como uma grande força unida em volta do Papa e dos próprios Bispos. No dia 11 de Dezembro de 1905, São Pio X nomeou o primeiro Cardeal latino-americano, na pessoa do Arcebispo brasileiro D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti(2).

(1) Sob São Pio X, a vida religiosa no Brasil teve um grande impulso. No seu pontificado, ampliou as arquidioceses de duas para sete, quatro prelaturas nullius e três prefeituras apostólicas (cfr. Manoel ALVARENGA, "O Episcopado Brasileiro", A. Campos, São Paulo 1915, pp. 11, 94-95).

(2) D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti nasceu cm 17 de Janeiro de 1850 em Pernambuco e foi ordenado sacerdote em 4 de Abril de 1874. Em 1890, foi nomeado Bispo de Goiás e recebeu a sagração em Roma. Foi Bispo de São Paulo de 1894 a 1897, sucedendo a D. Lino Deodato de Carvalho e foi depois Arcebispo do Rio de Janeiro, até à morte, em 18 de Abril de

1930. "Neste príncipe da Igreja, primeiro Cardeal brasileiro e latino-americano, ao sangue ameríndio (Arcoverde) e ao português dos Albuquerque unia-se o sangue italiano, aliás italianíssimo, no valor cultural da palavra, dos Cavalcanti do século XVI" (G. FREYRE, "Padroni e schiavi. La formazione della famiglia brasiliana in regime di economia patriarcale", tr. it. Giulio Einaudi, Turim, 1965, p. XIII).

O Cardeal Arcoverde, que desde 1897 era Bispo do Rio de Janeiro, aplicou-se em infundir novas energias ao catolicismo do seu país. A partir de 1921 a sua saúde teve acentuado declínio e passou a ser coadjuvado, cada vez mais estreitamente, pelo seu auxiliar D. Sebastião Leme da Silveira Cintra (3) que, após a sua morte em 1930, foi seu sucessor e um dos mais jovens Cardeais do Sacro Colégio.

(3) D. Sebastião Leme da Silveira Cintra nasceu em Espírito Santo do Pinhal, no Estado de São Paulo, a 20 de Janeiro de 1882. Após completar os seus estudos em Roma no Colégio Pio Latino-Americano e na Universidade Gregoriana, foi ordenado Sacerdote na Cidade Eterna em 28 de Outubro de 1904. Foi então trasferido para São Paulo, como coadjutor na paróquia de Santa Cecilia, e nomeado director do Boletim Eclesiástico. Foi figura de relevo na Confederação Católica, organismo destinado a coordenar todas as associações de acção católica no âmbito da Diocese. Em 4 de Janeiro de 1911 foi sagrado Bispo de Ortósia, na mesma capela do Colégio Latino-Americano de Roma no qual havia sido ordenado Sacerdote e destinado à diocese do Rio de Janeiro, como Bispo-auxiliar do Cardeal Arcoverde. Sob indicação deste último, em Abril de 1916 foi designado para a diocese de Olinda (que dois anos depois tornou-se Arquidiocese de Olinda e Recife). Em 1921, devido às graves condições de saúde do Cardeal Arcoverde, foi nomeado arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro, com direito à sucessão. Com a morte do Cardeal Arcoverde, em Abril de 1930, foi elevado por sua vez a Arcebispo e Cardeal. Morreu em 17 de Outubro de 1942 no Rio de Janeiro. Uma biografia não exaustiva é de autoria da Irmã Maria Regina DO SANTO ROSARIO, O.C.D.., "O Cardeal Leme (1882-1942)", Livraria José Olympio, Rio de Janeiro, 1962.

No início dos anos 20 começou no Brasil um movimento de reacção ao positivismo imperante. Tal movimento teve uma expressão rumorosa na conversão ao catolicismo de Jackson de Figueiredo (4), jovem intelectual que em 1921, com o apoio do Bispo-auxiliar D. Sebastião Leme, fundou no Rio de Janeiro o periódico A Ordem e, em 1922, o Centro D. Vital. A própria escolha do nome do Bispo D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira (5), o grande "Santo Atanásio brasileiro" (6), dava testemunho das posições de Jackson, que se definiu abertamente como reaccionário e ultramontano. A característica do seu apostolado foi, como assinala Plínio Corrêa de Oliveira, "a noção meridianamente clara que ele teve, de que o grande problema religioso do Brasil era, em essência, o combate ao indiferentismo geral" (7).

(4) Sobre Jackson de Figueiredo (1891-1928), cfr. Francisco IGLESIAS, "Estudo sobre o pensamento reaccionário: Jackson de Figueiredo", in História e Ideologia, Perspectiva, São Paulo, 1981, pp. 108-158; Cléa DE FIGUEIREDO FERNANDES, "Jackson de Figueiredo, uma trajectória apaixonada", Editora Forense Universitária, Rio de Janeiro, s. d. (provavelmente 1987-1988); António Carlos VILLAÇA, in "O pensamento católico no Brasil" (Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1975) o define como "um agitador ideológico" (p. 11) que "representou no Brasil o pensamento de Joseph de Maistre" (p. 12). No décimo aniversário da sua morte, no número 321 de O Legionário (5 de Novembro de 1938), Plínio Corrêa de Oliveira dedicou à figura de Jackson de Figueiredo um artigo ("A Dynamite de Christo") e uma página inteira com escritos do Padre Ascânio Brandão e de Alceu Amoroso Lima. Sobre o catolicismo ultramontano no Brasil cfr. também Riolando AZZI, "O altar unido ao trono. Um projecto conservador", Edições Paulinas, São Paulo, 1992; Tiago A. LARA, "Tradicionalismo católico em Pernambuco", Edições Massangana, Recife, 1988.

(5) D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira nasceu em 27 de Novembro de 1844 em Pedras de Fogo (Pernambuco) e estudou no seminário de Olinda e de Saint-Sulpice em Paris. Em 16 de Julho de 1863 entrou, com o nome de Frei Vital Maria de Pernambuco, para a Ordem dos Capuchinhos. Em 2 de Agosto deste mesmo ano foi ordenado Sacerdote em Paris, e no mês de

Novembro voltou ao Brasil, onde ensinou filosofia no seminário de São Paulo. Sob proposta do Imperador D. Pedro II, em 17 de Março de 1872 foi sagrado Bispo de Olìnda na Catedral de São Paulo. Violentamente atacado por uma campanha caluniosa promovida pelas lojas maçónicas, em 1874 foi preso e condenado pelo governo regalista do Visconde do Rio Branco. Após a amnistia, concedida no ano seguinte, foi a Roma para esclarecer o seu comportamento a Pio IX, junto ao qual fora pesadamente caluniado. Morreu em Paris, em 4 de Julho de 1878, de uma morte misteriosa que deixa a suspeita de ter sido por envenenamento. Em 1882 os seus restos foram trasportados para o Brasil e sepultados na Basilica da Penha, em Recife. O processo para a sua beatificação, encaminhado em 1953, foi reaberto em 1995 após o nihil obstat da Santa Sé. Cfr. Antonio Manoel DOS REIS, "O Bispo de Olinda D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira perante a História", Typographia da Gazeta de Noticias, Rio de Janeiro, 1878; F. Louis DE GONZAGUE O.M.C., "Une page de l'histoire du Brésil, Monseigneur Vital", Librairie Saint-François, Paris, 1912; Fr. Felix de OLIVOLA, "Um grande brasileiro. D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, Bispo de Olinda", Imprensa Industrial, Recife, 1937 (3° ed.); Ramos DE OLIVEIRA, "O conflito Maçónico-Religioso de 1872", Editora Vozes, Petrópolis, 1952. Plínio Corrêa de Oliveira dedicou a D. Vital uma série de cinco artigos em O Legionário, em **Agosto e Setembro de 1944**. "Na vida religiosa do povo brasileiro, o nome de D. Vital foi como um grande facho de luz. Ele simboliza a fé intrépida, a altaneria apostólica, a indestrutível coerencia da vida com a doutrina, da acção com o pensamento, ao serviço da Santa Igreja Católica" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 587 (7 de Novembro de 1943).

(6) A. M. DOS REIS, "O Bispo de Olinda", cit., p. IV.

(7) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Mais um aniversário", in O Legionário, n° 373 (5 de Novembro de 1939).

"O Brasil –recordará ainda Plínio Corrêa de Oliveira–nunca atravessou uma quadra mais asfixiante, sob o ponto de vista espiritual, moral e intelectual, do que os longos anos de estagnação que precederem o apostolado jacksoneano. (...) Foi dentro deste cenário que Jackson surgiu. E surgiu com a missão providencial de dinamitar a pedreira cinzenta e informe da despreocupação do ambiente, semeando inquietação e luta, na placidez letal e vergonhosa do Brasil de então. (...) Jackson, no amorfismo da sociedade de então, foi um reivindicador estrepitoso e épico, dos direitos da Igreja. (...) O apostolado de Jackson ecoou pelo Brasil inteiro, e, do norte ao sul, do fundo do sertão ao litoral, almas e almas, formando legiões e multidões, acorreram sob a bandeira autêntica e exclusivamente católica que esse grande paladino levantara" (8).

(8) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Dynamite de Christo", cit.

Entre 1925 e 1930 o movimento católico, que no Brasil abarcava o conjunto de diversos grupos e associações religiosas espalhadas por todo o País e por todas as classes sociais, teve um extraordinário impulso, encaminhando para a vida interior e o apostolado legiões inteiras de jovens. As Congregações Marianas (9) constituíam –também no Brasil– a espinha dorsal deste fecundo movimento católico.

(9) As Congregações Marianas foram instituídas e promovidas pela Companhia de Jesus, com o fim de formar cristãos escolhidos, de qualquer estado de vida e devoção. No livro de ouro das Congregações figuram Santos como Francisco de Sales, Afonso Maria de Ligório, Luiz Maria Grignion de Montfort, e valorosos defensores da Civilização cristã como D. João d'Áustria, João Sobieski, Gabriel Garcia Moreno. A primeira Congregação Mariana no Brasil, após o retorno da Companhia de Jesus, foi instituída em 31 de Maio de 1870. Entre 1870 e 1928 foram fundadas mais de 250 Congregações. Em fins de 1927, foi fundada em São Paulo a primeira Federação Diocesana para unir e orientar as Congregações Marianas. À sua cabeça foi posto, em 1930, o Padre Irineu Cursino de Moura. Cfr. Pedro Américo MAIA, S.J., "História das Congregações Marianas no Brasil", Edições Loyola, São Paulo, 1992. Cfr. também Clemente ESPINOSA, S.J., "Magisterio Pontificio sobre las Congregaciones Marianas", El Mensajero del Corazón de Jesús, Bilbao, 1965, 2a. ed.

No início dos anos 30, o "movimento mariano" distinguia-se pela amplitude da sua irradiação e pela intensidade do seu fervor. Era estimulado particularmente por outra grande figura da época, ao lado do Cardeal Leme: D. Duarte Leopoldo e Silva (10), Arcebispo metropolitano de São Paulo, figura hierática e austera, que durante trinta anos permaneceu à frente da Arquidiocese.

(10) D. Duarte Leopoldo e Silva nasceu em Taubaté, no Estado de São Paulo, a 4 de Abril de 1867. Ordenado Sacerdote em Outubro de 1892, em 1894 torna-se pároco da igreja de Santa Cecília em São Paulo. Recebeu a consagração episcopal das mãos de São Pio X em Roma, em Maio de 1904 e foi nomeado Bispo de Curitiba em Outubro do mesmo ano. Em Dezembro de 1906 foi trasferido para a Diocese de São Paulo, em substituição ao Bispo D. José de Camargo Barros, morto num naufrágio. Foi então elevado a Arcebispo, a 7 de Junho de 1908, após a constituição da nova Arquidiocese de São Paulo. Obtém da Santa Sé, pelos seus méritos, os títulos de Conde romano, assistente do Sólio Pontifício, Prelado Doméstico de Sua Santidade. Governou a Arquidiocese até 13 de Novembro de 1938, dia da sua morte. Logo no início do seu episcopado tinha querido resumir num símbolo a grande missão do povo paulista a ele confiado erigindo uma nova Catedral em São Paulo, que fosse "uma escola de arte e um estímulo a pensamentos mais nobres e mais elevados, (...) uma catedral opulenta, que, testemunhando a fartura de nossos recursos materiais, seja também um hino de acção de graças a Deus Nosso Senhor" (cit. in ARRUDA DANTAS, "D. Duarte Leopoldo", Sociedade Impressora Pannartz, São Paulo, 1974, p. 42). A nova catedral de São Paulo foi inaugurada só em 1954. Cfr. Sonia DIAS, Sérgio FLAKSMAN, "Duarte Leopoldo e Silva", in DHBB, vol. IV, pp. 3150-3151. Cfr. também o volume que recolhe os seus escritos e discursos pastorais, "Escolas Profissionaes do Lyceu Salesiano S. Coracão de Jesus", São Paulo, 1921 e o estudo biográfico de Júlio RODRIGUES, "D. Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo. Homenagem do Clero e dos Católicos da Arquidiocese, por ocasião do Jubileu de sua Sagração Episcopal", Instituto Anna Rosa, São Paulo, 1929.

Cfr. também Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Um Bispo providencial", in O Legionário, n° 323 (20 de Novembro de 1938); "0 grande D. Duarte", in O Legionário, n° 374 (12 de Novembro de 1939); "D. Duarte", in O Legionário, n° 535 (8 de Novembro de 1942) e "O discurso que fez junto à sepultura do nosso grande Cardeal", in O Legionário, n° 533 (25 de Outubro de 1942).

Atravessando de carro eléctrico o centro da cidade, o jovem Plínio deparou-se com o anúncio de um congresso da mocidade católica, que teria lugar em São Paulo, de 9 a 16 de Setembro de 1928. Foi para ele a descoberta de um mundo cuja existência desconhecia. O congresso desenvolveu-se num clima de grande entusiasmo no histórico Mosteiro de São Bento, contando com a presença do novo Núncio pontifício, D. Bento Aloisi Masella (11). Sendo já congregado mariano no Colégio São Luís, Plínio entrou então para a Congregação Mariana da Legião de São Pedro, anexa à paróquia de Santa Cecília, encontrando nela o ideal de dedicação a que aspirava profundamente. A congregação, fundada em 26 de Dezembro de 1926 por Mons. Marcondes Pedrosa (12), vigário da paróquia, e colocada sob a protecção de Nossa Senhora da Anunciação, editava um boletim com o título O Legionário e chegou a contar até cem congregados.

(11) Benedetto Aloisi Masella nasceu em Pontecorvo (Itália) em 29 de Junho de 1879, de nobre família que já havia dado um Cardeal à Igreja, e morreu em Roma a 1 de Outubro de 1970. Ordenado Sacerdote em 1902, após haver frequentado a Pontifícia Academia Eclesiástica, foi secretário e regente da Nunciatura em Lisboa (1905-1908), Núncio apostólico no Chile (1919-1926) e no Brasil (1927-1946) até à sua promoção ao cardinalato. Bispo Suburbicário de Palestrina, Cardeal em 1946, Prefeito da S. Congregação dos Sacramentos, arcipreste da Basílica Lateranense, Camerlengo da Santa Igreja Romana na sede vacante dos pontificados de Pio XII e de João XXIII. Participou activamente na preparação do Concilio e foi nomeado legado pontifício para a coroação de Nossa Senhora de Fátima em 1946.

(12) Paulo Marcondes Pedrosa nasceu em São Bento do Sapucaí (SP) em 6 de Novembro de 1881 e morreu em São Paulo em 29 de Abril de 1962. Ordenado Sacerdote em 1904, foi

coadjutor, e depois pároco, até 1932, da Igreja de S. Cecília, Monsenhor e Camareiro secreto em 21 de Abril de 1920. Em 27 de Abril de 1932 entrou para a Ordem Benedetina no mosteiro de São Bento, do qual foi Prior.

O início da actividade pública de Plínio Corrêa de Oliveira situa-se neste período. Fundou, com um grupo de jovens congregados marianos, a Acção Universitária Católica (AUC), no interior do próprio centro do positivismo político e jurídico que era a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Por ocasião da cerimónia de formatura, ousou aquilo que até então nunca acontecera em qualquer universidade estatal, no Brasil. Quis fazer celebrar a Missa, que tradicionalmente concluía o curso dos estudos superiores, não na igreja de São Francisco, contígua à Faculdade, mas no pátio interno desta. Celebrou o vigário geral da Diocese, Mons. Gastão Liberal Pinto, e pregou o P. Leonel Franca, da Companhia de Jesus (13). Quando, em 11 de Dezembro de 1930, Plínio Corrêa de Oliveira se formou em Direito e Ciências Políticas, o seu nome já era "muito conhecido e admirado no seio da juventude católica brasileira" (14). Desde então passou a ser familiarmente conhecido como o "doutor Plínio" (15).

(13) Sobre o Padre Leonel Franca, S.J. (1893-1948), considerado por muitos como o "pai espiritual" da intelectualidade brasileira deste período, cfr. Luiz Gonzaga DA SILVEIRA D'ELBOUX, S.J., "O Padre Leonel Franca S.I.", Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1953, p. 173; Heliodoro PIRES, “Leonel Franca, apóstolo do Brasil moderno", in Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 13 (1953), pp. 911-921. Cfr. também A. C. VILLAÇA, "O pensamento católico no Brasil", cit., pp. 123-133. O Padre Franca, cujas obras completas estão recolhidas em quinze volumes, é autor de estudos como "A Igreja, a Reforma e a Civilização" (1922) e "A crise do mundo moderno" (1940) que constituem originais reflexões sobre a crise do nosso tempo à luz da doutrina católica. Fundou e dirigiu durante oito anos a Universidade Católica do Rio, a primeira do Brasil. "Pedagogo, apologeta, mestre espiritual, viveu para a história da filosofia e para a filosofia da história" (A C. VILLAÇA, "O pensamento católico no Brasil", p. 124).

(14) O Legionário, n° 70 (14 de Dezembro de 1930).

(15) No Brasil, onde se costuma, como nalguns países europeus, atribuir o título de "doutor" a todos os que completaram curso superior, usa-se frequentemente este título. Plínio Corrêa de Oliveira iniciou a sua vida pública logo após a sua formatura, antes de tornar-se deputado e professor universitário.

2. A "guinada" histórica de 1930

A Revolução dos anos 30 foi para o Brasil aquilo que para a Europa foi a Primeira Guerra mundial, ou seja, uma ruptura histórica entre duas épocas. Concluiu-se o período da "República Velha" (16) (1889-1930) e abriu-se a era de Getúlio Vargas.

(16) Sobre a "República Velha", cfr. José Maria BELLO, "História da República: 1889-1954" (Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959, 4a. ed.). Um estudo interessante, mas geralmente subestimado, é o de Charles MORAZE, "Les trois âges du Brésil" (A. Colin, Paris, 1954). Uma das críticas mais profundas à "República Velha" foi feita por um monárquico, José Maria DOS SANTOS, logo depois da Revolução de 30: "A política geral do Brasil" (J. Magalhães, São Paulo, 1930). Dois outros estudos de carácter geral contendo importantes informações são os de Sertório DE CASTRO, "A República que a revolução destruiu" (F. Bastos, Rio de Janeiro, 1932) e de DORMUND MARTINS, "Da república à ditadura" (Typ. São Benedicto, Rio de Janeiro, 1931).

Até então, o poder tinha sido exercido pelo eixo São Paulo-Minas Gerais, isto é, pela aliança dos dois principais Estados produtores do Brasil (17). Este predomínio exprimia-se na fórmula "café com leite" (o Estado de Minas Gerais estava também dedicado à pecuária), segundo a qual representantes políticos de São Paulo e de Minas se alternavam na Presidência da República. O esquema não conheceu variações substanciais até 1930, quando o presidente em fim de mandato, Washington Luís, indicou para seu sucessor, em vez do candidato mineiro,

outro expoente paulista, Júlio Prestes de Albuquerque. O Estado de Minas coligou-se então com o Rio Grande do Sul, fazendo causa comum em torno do nome de Getúlio Vargas (18), presidente deste último Estado desde Janeiro de 1928.

(17) A partir de 1906 torna-se importante também o Rio Grande do Sul, cuja economia não era caracterizada por um produto único, como no caso de São Paulo e de Minas. Muito mais débeis eram os outros 17 Estados da Federação. Cfr. Joseph LOVE, "Rio Grande do Sul and brazilian Regionalism 1882-1930", University Press, Stanford, 1971; id., "A locomotiva. São Paulo na Federação brasileira 1889-1937", Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982; John D. WIRTH, "O fiel de balança. Minas Gerais na Federação brasileira 1889-1937", Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

(18) Nascido em 1883 no Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas foi deputado e ministro federal, depois governador do Estado do Rio Grande do Sul (1918-1930). Conquistou o poder em 1930 e exerceu-o de maneira ditatorial até 29 de Outubro de 1945, quando foi destituído por um golpe de estado incruento. No pós-guerra, Vargas continuou a ser politicamente activo. Foi senador, fundou em 1946 o Partido Trabalhista e em 1950 foi eleito presidente da República. Acossado pela oposição, suicidou-se em Agosto de 1954. O seu itinerário político, que culminou com a criação do Estado Novo (1937-1945) apresenta muitas analogias com o de Juan Domingo Perón na Argentina (1946-1955). Sobre Vargas, cfr. entre outros Thomas E. SKIDMORE, "Brasil: de Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930-1964)", Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1988; Paulo BRANDI, Dora FLAKSMAN, verbete Vargas, in DHBB, vol. IV, pp. 3436-3505.

O clima de tensão política agravou-se em consequência do crash da Bolsa de Nova York e das suas repercussões sobre a economia brasileira. A famosa "quinta-feira negra" de Wall Street, em 24 de Outubro de 1929, foi a espoleta da crise mundial. Em consequência, desabaram as cotações internacionais do café brasileiro: as receitas em moeda estrangeira desceram de 67 milhões de esterlinas em 1929 para 41 milhões em 1930 (19). As reservas de ouro, que em Setembro de 1929 eram de 31 milhões de esterlinas, não passavam de 14 milhões em Agosto de 1930, e em Dezembro do mesmo ano praticamente já não existiam (20).

(19) A. TRENTO, "Le origini dello Stado populista. Società e politica in Brasile 1920-1945", Franco Angeli, Milão, 1986, pp. 106-107.

(20) Nelson WERNECK SODRÉ, "História da burguesia brasileira", Vozes, Petrópolis, 1983, p. 243.

Nesta situação de crise, as eleições presidenciais foram vencidas, a 1 de Março de 1930, por Júlio Prestes. Mas estabeleceu-se um clima de agitação popular, que explodiu em Outubro com um pronunciamento militar. A partir de Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife, o movimento estendeu-se a todo o País. Em menos de um mês, o governo foi obrigado a ceder. O presidente Washington Luís foi forçado a tomar o caminho do exílio e, no início de Novembro, Getúlio Vargas foi nomeado chefe do governo provisório.

A ascenção de Vargas ao poder foi uma verdadeira ruptura com o passado, e selou uma mudança substancial do papel do Estado, que se colocou, a partir daquele momento, como agente regulador da actividade económica do país (21). A aristocracia rural, que tinha guiado a sociedade brasileira através de séculos, perdeu a influência política, tendo sido substituída por novos interesses industriais e financeiros (22). A instauração da República, em 1889, tinha sido uma Revolução apenas política, conservando inalterada a organização social brasileira. O movimento de 1930 teve consequências muitos mais profundas (23).

(21) A. TRENTO, "Le origini dello Stato populista", cit., p. 121.

(22) Robert J. HAVIGHURST, J. Roberto MOREIRA, "Society and Education in Brazil", University of Pitsburgh Press, Pitsburgh, 1919, p. 42.

(23) A revolução dos anos 30 foi preparada pelo chamado "tenentismo", movimento dos oficiais subalternos do exército (os tenentes) que foram protagonistas entre os anos vinte e 1934 de agitações e revoltas, culminando no episódio de rebelião da coluna Prestes, do nome de seu comandante Luís Carlos Prestes. Composta por cerca de um milhar de homens, a coluna percorreu

até Fevereiro de 1927, quando se internou na Bolívia, cerca de 25.000 km., levando a guerrilha a vários Estados do Brasil.

3. A Liga Eleitoral Católica

Após a formação do Governo provisório de Vargas, o novo Cardeal do Rio, D. Sebastião Leme, começou a promover um movimento de leigos para dar voz ao povo católico na organização do novo regime político brasileiro. Em 30 de Maio de 1931, a imagem de Nossa Senhora Aparecida foi conduzida triunfalmente ao Rio de Janeiro (24). No dia seguinte, uma multidão de cerca de um milhão de pessoas acompanhou a imagem até à Esplanada do Castelo, onde a aguardavam o chefe de Estado, Getúlio Vargas, e todas as outras autoridades civis e militares.

(24) Gustavo A. SOLIMEO, 1717-1967. "Rainha e Padroeira do Brasil", in Catolicismo, n° 202 (Outubro de 1967); Hamilton d'AVILA, "Três episódios na história da Padroeira nacional", in Catolicismo, n° 418 (Outubro de 1985), pp. 10-12. Cfr. também Júlio BRESTOLONI, C.SS.R., "A Senhora Conceição Aparecida", Editora Santuário, Aparecida-São Paulo, 1984.

A imagem foi colocada sobre o altar e o Cardeal Sebastião Leme proclamou-a oficialmente Padroeira do Brasil. "O nome de Deus está cristalizado na alma do povo brasileiro", afirmou o Cardeal. "Ou o Estado, deixando de ser ateu e agnóstico, reconhece o Deus do povo, ou o povo não reconhecerá o Estado" (25). Entretanto, em 9 de Julho de 1932, eclodiu em São Paulo uma revolta "constitucionalista" que, sem o apoio das outras regiões, sucumbiu depois de poucos meses (26); contudo, os insurrectos paulistas obrigaram o governo a convocar para o ano seguinte eleições para uma nova Constituinte.

(25) "Palavra de S. Eminência", in O Legionário, n° 89 (1 de Novembro de 1931).

(26) Sobre a revolução paulista cfr. entre outros: Hélio SILVA, "1932: a guerra paulista", Civ. Brasileira, Rio de Janeiro, 1976; Stanley E. HILTON, "A guerra civil brasileira", Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982.

Plínio Corrêa de Oliveira, que não tinha participado activamente na revolta, compreendeu, entretanto, a importância da convocação da Constituinte, a qual propiciava ocasião para criar, mais do que um partido, um movimento católico "acima dos partidos" (27).

(27) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Liga eleitoral católica", in O Legionário, n° 111 (15 de Janeiro de 1933). "Ou o Catolicismo conseguirá vencer nas urnas e fazer progredir resolutamente o país no caminho da restauração religiosa, ou o socialismo extremado apoderar-se-á do Brasil para fazer dele a vítima dos numerosos Calles e Lenines que pululam nos bastidores da nossa política sequiosos de `mexicanizar' e 'sovietizar' a Terra de Santa Cruz" (ibid).

Foi o próprio Plínio que, em Outubro de 1932, sugeriu ao Arcebispo de São Paulo, D. Duarte, lançar no Brasil algo semelhante ao que o General De Castelnau tinha realizado em França (28).

(28) O general Edouard de Curières de Castelnau (1851-1944) foi um dos comandantes do exército francês durante a Primeira Guerra mundial, na qual perdeu três filhos. Ex-deputado por Aveyron de 1919 a 1924, dedicou-se, a partir de 1925, à Federação Nacional Católica, da qual foi presidente até à morte, para promover uma acção cívica "no interesse da religião católica, da família, da sociedade e do património nacional". O bastão de Marechal foi-lhe recusado por causa das suas convicções de fervoroso católico. Cfr. o estudo recente de Yves GRAS, "Castelnau ou l'art de commander, 1851-1944", Denoél, Paris, 1990.

Este fundara uma associação que arregimentava os eleitores com a finalidade de orientar o seu voto para candidatos que se empenhassem em respeitar o programa católico. D. Duarte acolheu de bom grado a proposta e tratou do assunto com o Cardeal Leme, convidando o jovem congregado mariano a colocá-la em prática. No mês seguinte, o "Dr. Plínio", como já começava a ser conhecido, dirigiu-se ao Rio de Janeiro, onde falou com dois jovens militantes do movimento católico, Heitor da Silva Costa e Alceu Amoroso Lima. Estes, por sua vez,

abordaram o Cardeal Leme, a quem a proposta pareceu excelente, e encarregou-os de delinear os estatutos da nova associação. Nasceu assim a Liga Eleitoral Católica (LEC) (29), com a finalidade de orientar o voto católico nas eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Esta apresentaria aos candidatos dos vários partidos um conjunto de exigências, denominadas "reivindicações mínimas", para que se comprometessem a agir como católicos no Parlamento. Foi nomeado presidente da LEC Pandiá Calógeras, e secretário-geral, Alceu Amoroso Lima.

(29) Estatuto (1932) e programa (1933) da LEC in Oscar de FIGUEIREDO LUSTOSA O.P., "Igreja e Política no Brasil. Do Partido católico a L.E.C. (1874-1945)", Edições Loyola, São Paulo, 1983, pp. 101-126. Cfr. também Mónica KORNIS, D. FLAKSMAN, "Liga Eleitoral Católica", in DHBB, vol. III, p. 1820.

Em 13 de Novembro a LEC foi instalada também em São Paulo. O Dr. Estêvão Emmerich de Souza Rezende foi designado presidente local, e Plínio Corrêa de Oliveira, secretário. O Cardeal Leme convidou os Arcebispos, Bispos e Administradores-apostólicos do país a formar rapidamente juntas locais. Cada diocese teve assim a sua junta e, nos primeiros meses de 1933, a LEC pôde redigir o seu programa e escolher os seus candidatos ao Parlamento. No fim de Março, D. Duarte escolheu a lista dos quatro candidatos paulistas, tendo nela incluído Plínio Corrêa de Oliveira.

Estes candidatos participaram da Chapa Única por São Paulo (30).

(30) A "Chapa única por São Paulo unido" resultava da coligação de todas as forças políticas ou sociais de primeiro plano da vida paulista do tempo. Destas forças, duas eram de carácter tipicamente partidário; o Partido Democrático, que representava sobretudo a "intelligentsia" urbana e alguns incipientes grupos de esquerda, e o mais antigo PRP (Partido Republicano Paulista), conservador. As correntes de expressão social eram a Associação Comercial, a Federação dos Voluntários, representativa da geração que se insurgira contra Vargas, e a Liga Eleitoral Católica.

Em 3 de Maio de 1933, realizaram-se eleições em todo o país. Para grande surpresa geral, o deputado mais votado em todo o Brasil foi Plínio Corrêa de Oliveira, um congregado mariano que deixara há pouco os bancos universitários (31). Tratava-se de uma "vitória mariana", como consignava o Legionário no título do seu editorial: "Não é preciso dizer que a figura central desta bela página na história das Congregações em São Paulo, foi Plínio Corrêa de Oliveira, o piedoso filho de Maria, o líder da Liga Eleitoral Católica, o candidato mariano à Assembleia Constituinte" (32).

(31) Plínio Corrêa de Oliveira obteve 24.714 votos, 9,5 % do total. A soma dos votos era suficiente para eleger dois deputados e representava o dobro dos obtidos pelo jurista Alcântara Machado, seu antigo professor, segundo colocado. Entre outros eleitos pela Liga Eleitoral Católica foram Andrade Furtado, pelo Ceará; Mons. Arruda Câmara e Barreto Campelo, por Pernambuco; Lacerda de Almeida pelo Paraná; Adroaldo Mesquita da Costa pelo Rio Grande do Sul.

(32) "Uma vitória mariana",in O Legionário, n° 120 (7 de Maio de 1933).

No dia 15 de Novembro, no Palácio Tiradentes do Rio de Janeiro, instalou-se solenemente a terceira Assembleia Nacional Constituinte brasileira. Mas as indicações do Cardeal Leme aos deputados da LEC foram bem precisas. Não se deveria criar uma bancada de parlamentares católicos claramente identificáveis e ninguém no Parlamento deveria assumir um papel de realce como líder católico. Além disso, nenhum deputado deveria pronunciar-se abertamente sobre as reivindicações católicas, porque uma discussão excessivamente "frontal" poderia prejudicar a finalidade da LEC, que era a de modificar a fisionomia laicista do Estado brasileiro. A estratégia escolhida visava obter tal resultado por vias indirectas, em fileiras dispersas. Plínio Corrêa de Oliveira cingiu-se a tais instruções, mas os maiores defensores das propostas da LEC no Parlamento foram, de facto, os expoentes da bancada paulista (33).

(33) Cfr. M. KORNIS, D. FLAKSMAN, "Liga Eleitoral Católica", cit.

Em nome dos deputados católicos de São Paulo, Plínio Corrêa de Oliveira pediu à Constituinte uma homenagem especial à figura do Padre Anchieta, cujo quarto centenário de

nascimento transcorria em 19 de Março de 1934 (34). Defendeu em plenário a liberdade de ensino e o direito de voto para os religiosos, detendo-se sobre o papel benemérito desempenhado no Brasil pela Companhia de Jesus (35). Bastou isto para que, no decurso do debate, ele fosse atacado como "sectário". "Coloco as minhas crenças religiosas –retrucou o Dr. Plínio acima de todos os afectos que possa conceber".

(34) "Se pudéssemos usar uma comparação profana para dar a ideia da importância de Anchieta na nossa história, –escrevia então– diríamos que ele foi para o Brasil o que Licurgo foi para Esparta e Rómulo para Roma: ou seja, um daqueles heróis fabulosos que se encontram na origem de alguns grandes povos, dos quais ergueram as muralhas, construíram os primeiros edifícios e organizaram as primeiras instituições" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A nota da Semana", in O Século, 7 de Setembro de 1932).

(35) Cfr. O Legionário, n° 145 (13 de Maio de 1934).

Os resultados desta incisiva acção da LEC não faltaram. Foram aprovadas pelo Parlamento não apenas as "reivindicações mínimas" da Liga –indissolubilidade do vínculo conjugal (art. 144), ensino religioso nas escolas (art. 153), assistência religiosa às forças armadas e nas prisões (art. 113, n° 6) (36) – mas também numerosas outras exigências entre as quais: a invocação de Deus no preâmbulo da Constituição (37); a assistência estatal às famílias numerosas (art. 138, § d7); o serviço militar dos eclesiásticos prestado sob forma de assistência espiritual ou hospitalar (art. 163, § 3); pluralidade e liberdade dos sindicatos operários (art. 120); a lei contra a propaganda subversiva (art. 113, § 9). A Constituição de 1934 representou o ponto culminante da obra desenvolvida pelo movimento católico e o sucesso da LEC permaneceu único na história do país, como admitiu o ministro brasileiro Paulo Brossard: "A LEC foi a organização extrapartidária que na história do Brasil exerceu a maior influência política eleitoral" (38).

(36) Num artigo para a revista A Ordem, com o título "O sentido da nossa vitória", Alceu Amoroso Lima saudava o dia 30 de Maio de 1934 como "uma data capital na história do catolicismo brasileiro", afirmando que depois da Constituição maçónica de 1823, da positivista de 1891 e da laicista de 1926, com a quarta constituição brasileira "triunfou plenamente o programma católico" (Tristão DE ATHAYDE, "O sentido da nossa vitória", in A Ordem, n° 52 (Junho de 1934), pp. 417, 421-422 (pp. 417-423).

(37) A nova Constituição, que substituía a de 1891 e a de 1926, entrou em vigor em 15 de Julho de 1934 (cfr. Themístocles Brandão CAVALCANTI, "Las constituciones de los Estados Unidos del Brasil", Instituto de Estudios Políticos, Madrid, 1958, pp. 379-533). Com 168 votos contra 37, os constituintes colocaram este preâmbulo: "Nós, os representantes do Povo Brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e económico, decretamos e promulgamos a seguinte Constituição..." (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Deus e a Constituição", in O Legionário, n° 74, 8 de Março de 1931).

(38) Jornal de Minas (Belo Horizonte), 3 de Julho de 1986. Sobre a influência da LEC, e em particular sobre o artigo que punha o Estado "sob a protecção de Deus", cfr. também Thales de AZEVEDO, "A religião civil brasileira. Um instrumento político", Editora Vozes, Petrópolis, 1981, pp. 79-87.

Em 1934 tornou-se possível no Brasil a criação de novas Universidades privadas. Já existia em São Paulo a Faculdade Livre de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento, fundada em 1908 pelos beneditinos, na qual ensinavam personalidades de realce como os professores Alexandre Correia e Leonard van Hacker. Tinha sido reconhecida pelo governo, bem como a Faculdade feminina de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Sedes Sapientiae, mantida pelas Cónegas Regrantes de Santo Agostinho. Ambas as Faculdades, destinadas a fundir-se na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, convidaram Plínio Corrêa de Oliveira a assumir a cátedra de História (39). Viu ele neste facto uma óptima possibilidade que lhe oferecia a Providência para entrar em contacto directo com os jovens. Aceitou o encargo, juntamente com o de professor de História da Civilização no Colégio Universitário, anexo à histórica

Faculdade de Direito e iniciou uma actividade docente que foi durante muitos anos a sua principal ocupação profissional, juntamente com a advocacia.

(39) Em 1946, estas duas instituições juntaram-se na Universidade Católica de São Paulo da qual foi Grão-Chanceler o Arcebispo Vasconcellos Mota e Reitor D. Paulo de Tarso Campos, Bispo de Campinas. No ano seguinte houve a erecção canónica com a outorga do título de "Pontifícia" (cfr. AAS, vol. 39 (1947), pp. 134 ss.).

4. Director do Legionário

O Legionário, órgão oficial da Congregação Mariana da Paróquia de Santa Cecília, dirigido por Mons. Marcondes Pedrosa, era um simples folheto mensal de quatro páginas, quando se iniciou a sua publicação, em 29 de Maio de 1927.

Os temas tratados pelo jornal eram a defesa dos princípios tradicionais e familiares, a tutela dos direitos da Igreja, a formação de novas elites católicas, a luta contra a infiltração comunista. O primeiro artigo de Plínio Corrêa de Oliveira, dedicado à Universidade Católica, apareceu no n° 43, de 22 de Setembro de 1929; o segundo, publicado em Novembro do mesmo ano, com o título "O Vaticano e o Kremlin" (40), já deixa entrever aquele que será um dos temas de fundo do seu pensamento: a impossibilidade de qualquer acordo entre a Igreja Católica e o comunismo. Num artigo com o título "As Nossas reivindicações políticas", no n° de 8 de Janeiro de 1931, conclamava os católicos a exigir do novo governo a defesa dos "direitos da Igreja".

(40) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O Vaticano e o Kremlin", in O Legionário, n° 46 (10 de Novembro de 1929). Cfr. também "A Igreja e o problema religioso na Rússia", in O Legionário, n° 54 (16 de Março de 1930).

Pelo estilo conciso, força polémica e amor à verdade, o jovem congregado mariano, que tinha por modelo grandes publicistas católicos como o francês Louis Veuillot (41) e o brasileiro Carlos de Laet (42), dava mostras de corresponder perfeitamente ao tipo de jornalista indicado por Pio XI na Encíclica Rerum Omnium de 26 de Janeiro de 1933, na qual o Pontífice tinha declarado São Francisco de Sales padroeiro de "todos aqueles católicos que, com publicação de jornais ou de outros escritos, ilustram, promovem ou defendem a doutrina cristã" (43). "Antes de tudo –acrescentava o Pontífice dirigindo-se aos jornalistas católicos– estudem a doutrina católica e cheguem, tanto quanto possam, a dominar a doutrina católica; guardem-se de faltar com a verdade e jamais, sob pretexto de evitar a crítica dos adversários, a atenuem ou dissimulem" (44).

(41) De Louis VEUILLOT (1813-1883), valoroso director do quotidiano L'Univers cfr. as "Oeuvres Complètes", Lethielleux, Paris, 1924-1940. Cfr. também Eugène e François Veuillot, "Veuillot", Lethielleux, Paris, 1902-1913, 4 vol. "Ele compreendeu - escreve São Pio X a François Veuillot - que a força da sociedade está no pleno e completo reconhecimento da realeza de Nosso Senhor Jesus Cristo e na aceitação sem reservas da supremacia doutrinária da Igreja" (Carta "C'est avec", de 22 de Outubro de 1913, in IP, vol. VI, "La pace interna delle nazioni", (1959), p. 299).

(42) Carlos Maximiano Pimenta de Laet (1847-1927) foi brilhante jornalista, professor no célebre Ginásio Pedro II e membro da Academia Brasileira de Letras. Recebeu de São Pio X o título de Conde pelos serviços prestados à causa católica.

(43) AAS, vol. 5 (1923), p. 49

(44) Ibid.

Em 6 de Agosto de 1933, Plínio Corrêa de Oliveira foi convidado a assumir a direcção do Legionário, que naquele mesmo mês se tornou órgão oficioso da Arquidiocese de São Paulo. A publicação não era destinada ao grande público, mas ao movimento católico, a fim de lhe proporcionar orientação doutrinal e operativa. Foi no interior destes ambientes, do norte ao sul do país, que logo se estendeu a vigorosa influência do semanário.

A quem o acusava de ser pouco "caridoso" para com os inimigos, Plínio respondia que a atitude do Legionário era de luta sim, mas defensiva e não ofensiva. "A principal finalidade do Legionário é de orientar a opinião dos que já são católicos" (45).

(45) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Ofensiva?", in O Legionário, n° 181 (29 de Abril de 1935). "E se, para este combate, nos fosse permitido escolher um lema, nós o redigiríamos assim: para com os católicos, caridade e unidade; para com os não católicos, caridade para obter a unidade" (ibid).

Plínio era o autor dos artigos de fundo e da coluna "À margem dos factos", que depois tomou o nome "7 dias em revista". Reuniu em torno de si uma equipa de valorosos colaboradores (46), entre os quais dois jovens Sacerdotes destinados a tornar-se figuras de primeiro plano do Clero brasileiro: o P. António de Castro Mayer (47), assistente eclesiástico do jornal, e o P. Geraldo de Proença Sigaud, S.V.D. (48). Entre os mais brilhantes colaboradores leigos destacava-se José de Azeredo Santos, um jovem congregado natural do Estado de Minas Gerais, que veio do Rio para São Paulo a fim de exercer a profissão de engenheiro (49). A equipa, entre cinco e oito membros, reunia-se regularmente para examinar, à luz da doutrina da Igreja, recortes de jornais e notícias provenientes de todo o mundo. "No quadro redactorial desse semanário –recordará o Prof. Plínio– formou-se gradualmente um grupo de amigos, todos congregados marianos como eu, que nos dedicámos de corpo e alma ao jornalismo católico" (50). Sob o impulso do dinâmico director, em 1936 o jornal transformou-se de quinzenário de duas folhas em semanário de oito páginas, e de simples boletim paroquial passou a ser a voz católica mais influente no país.

(46) Além do doutor Plínio, compunham o grupo de redactores do Legionário: Fernando Furquim de Almeida, José Carlos Castilho de Andrade, José de Azeredo Santos, Adolpho Lindenberg, José Fernando de Camargo, José Gonzaga de Arruda e Paulo Barros de Ulhôa Cintra ("Meio Século de epopeia anticomunista", cit., pp. 431-432).

(47) D. António de Castro Mayer nasceu em Campinas, no Estado de São Paulo, em 20 de Junho de 1904. Formou-se em teologia na Universidade Gregoriana de Roma (1924-1927) onde foi ordenado Sacerdote em 30 de Outubro de 1927. Assistente Geral da Acção Católica de São Paulo (1940), depois Vigário geral da Arquidiocese (1942-1943), em 23 de Maio de 1948 foi sagrado Bispo e nomeado coadjutor, com direito de sucessão, do Bispo de Campos. Governou como Bispo a diocese de Campos até 1981. D. António rompeu com Plínio Corrêa de Oliveira e com a TFP em Dezembro de 1982. O facto tornou-se logo público (Folha da Tarde, 10 de Abril de 1984; Jornal do Brasil, 20 de Agosto de 1984) e liga-se à progressiva aproximação do ex-Bispo de Campos à posição de Mons. Marcel Lefebvre, culminando com a participação do mesmo D. António de Castro Mayer nas consagrações episcopais de Ecône em 30 de Junho de 1988, que o fizeram incorrer em excomunhão latae sententiae. Morreu em Campos em 25 de Abril de 1991.

(48) D. Geraldo de Proença Sigaud nasceu em Belo Horizonte em 26 de Setembro de 1909. Membro da Congregação do Verbo Divino, estudou teologia em Roma (1928-1932) onde foi ordenado sacerdote em 12 de Março de 1932. A 1 de Maio de 1947 foi sagrado Bispo diocesano de Jacarezinho (1947-1961); foi depois Arcebispo Metropolitano de Diamantina (1961-1980). O convívio de Plínio Corrêa de Oliveira com D. Geraldo Sigaud, que durou cerca de trinta anos, iniciou-se em 1935, por ocasião de um retiro espiritual no Seminário do Espírito Santo. "Esta amizade - escrevia o doutor Plínio em 1946 - estendeu-se ao longo de mais de dez anos em que os dois nos encontrámos em as todas situações possíveis: da dor e do júbilo, da esperança e do passageiro desalento, da incerteza e da decisão. Juntos recebemos palmas, juntos recebemos censuras, os nossos corações pulsaram segundo o mesmo ritmo, em presença de todos os assuntos da actualidade, passámos por tudo o que pode unir ou desunir homens" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Padre Sigaud**", in O Legionário, n° 711 (24 de Março de 1946). A separação, que remonta provavelmente já a meados dos anos sessenta, foi anunciada oficialmente pelo próprio Arcebispo de Diamantina, em 2 de Outubro de 1970 quando, saindo de uma audiência com o presidente da República Emilio Garrastazu Medici, declarou que a TFP se tinha distanciado dele por causa do seu apoio à reforma agrária promovida pelo governo e à reforma litúrgica de Paulo VI. A TFP respondeu imediatamente com um longo comunicado de imprensa em que sublinhava o contraste entre a coerência das próprias posições e as de D. Geraldo Sigaud, que se tornaram vacilantes, acentuando "a inteira correcção das suas atitudes face às leis civis e eclesiásticas" ("D.

Geraldo Sigaud e a TFP", in Catolicismo, n° 239, Novembro de 1970). Cfr. também Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Dentro e fora do Brasil...", in Folha de S. Paulo, 11 de Outubro de 1970.

(49) "Jornalista profundo, vivo, brilhante, foi ele na força do termo, um polemista. E como tal fica o seu nome inscrito nos nossos anais, com letras de ouro (...). Se algum dia a História do Brasil contemporâneo for escrita com imparcialidade inteira, o seu nome figurará entre os mais beneméritos" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O prêmio demasiadamente grande**", in Folha de S. Paulo, 17 de Julho de 1973). Iniciou-se desde então uma longa amizade e cooperação que durou quase quarenta anos, até ao dia em que Plínio Corrêa de Oliveira, ajoelhado junto ao leito de dor do amigo moribundo, no Hospital Samaritano de São Paulo, recitou em seu nome a Consagração de São Luís Maria Grignion de Montfort. A José de Azeredo Santos deveram-se, no Legionário e depois em Catolicismo, artigos penetrantes sobre o maritainismo, sobre a política da "mão estendida", sobre a arte moderna e sobre a gnose.

(50) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Kamikaze**", in Folha de S. Paulo, 15 de Fevereiro de 1969.

Os temas abordados ao longo de 1936 foram os mais diversos. A perseguição religiosa na Alemanha, a Revolução na Espanha, a poussée socialista em França, a crise dinástica na Inglaterra, as eleições presidenciais nos Estados Unidos, a falência da Sociedade das Nações, a intensificação da propaganda comunista no mundo constituíram o objecto de análises e comentários inspirados na doutrina da Igreja, sempre profundos e esclarecedores. "Desintoxicar os leitores dos frutos da imprensa neutra, e dar-lhe informação cívica realmente católica, foi o nosso constante escopo" (51).

(51) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Um ano de luta e de vigília", in O Legionário, n° 225 (3 de Janeiro de 1937).

Em Janeiro de 1937, quando foram inauguradas as suas novas impressoras, o Legionário tinha-se tornado o mais influente semanário católico do Brasil, com uma tiragem de mais de 17 mil exemplares.

5. A "guerra civil" europeia

Segundo o historiador francês François Furet, "há um mistério do mal na dinâmica das ideias políticas do século XX" (52).

(52) F. FURET, "Le passé d'une illusion ", cit., p. 44.

Depois da revolução soviética de 1917, o nascimento do Komintern contribuiu para a expansão mundial da nova doutrina bolchevista. As tentativas de revolução comunista violenta no mundo, a começar pelo assim chamado "biénio vermelho" (1919-1921), provocaram entretanto uma forte reacção anticomunista. Na esteira desta reacção, nasceram e consolidaram-se os movimentos "fascistas".

Bolchevismo e fascismo entraram assim quase ao mesmo tempo na ribalta. A dinâmica histórica europeia e mundial, entre 1917 e 1945, foi determinada, segundo Ernst Nolte, pela grande "guerra civil europeia", conduzida entre o comunismo e o nacional-socialismo e, portanto, entre o Terceiro Reich e a União Soviética (53). "O que torna inevitável uma análise comparada do fascismo e comunismo –escreve por sua vez Furet– não é somente a data de nascimento e a entrada em cena simultânea e meteórica de ambos no plano histórico, mas também a recíproca dependência deles" (54).

(53) Ernst NOLTE, "Der europaeische Bürgerkrieg 1917-1945. Nationalsozialismus und Bolschevismus", Propyläen Verlag. Berlim, 1987. Cfr. também Stuart J. WOOLF (org.), "European Fascism", Weidenfeld and Nicolson, Londres, 1968; George L. MOSSE, "Masses and Man. Nationalist and Fascist Perceptions of Reality", Howard Ferty Inc., Nova York. 1980.

(54) F. FURET, "Le passé d'une illusion", cit., p. 39. Cfr. também Alan BULLOCK, "Hitler et Staline. Vies parallèles", tr. fr. Albin Michel/Robert Laffont, Paris, 1994.

Esta íntima relação de dependência, que hoje não está longe de ser um dado histórico assente, foi intuída por Plínio Corrêa de Oliveira que, com absoluta fidelidade ao modelo cristão de sociedade, se recusou a apoiar quer um quer outro dos contendores que ocupavam a cena.

No comunismo ele viu uma concepção diametralmente oposta à católica, mas considerou o nazismo uma falsa alternativa igualmente perigosa. "É incontestável –escreveu– que o comunismo é a antítese do catolicismo. Mas o nazismo, por seu lado, constitui uma outra antítese da doutrina católica, muito mais próximo do comunismo do que qualquer destes do catolicismo" (55).

(55) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "À margem da crise", in O Legionário, n° 315 (25 de Setembro de 1938).

A rejeição da vida "burguesa" em nome de uma concepção místico-heróica da existência e a evocação das tradições guerreiras da Alemanha e da Europa podiam constituir, e de facto constituíram, um apelo sedutor para muitos jovens incapazes de discernir o aspecto tenebroso de uma ideologia saturada de socialismo e de paganismo. Plínio Corrêa de Oliveira compreendeu que o melhor modo de colocar em guarda a juventude do seu país contra o pseudo-misticismo nazi, além de denunciar os seus erros, era o de propor uma visão heróica e sobrenatural do catolicismo. Foi esta bandeira, oposta ao nazismo e ao comunismo, que o Legionário empunhou com galhardia no Brasil.

6. A denúncia do paganismo nacional-socialista

Em 30 de Janeiro de 1933, Adolf Hitler recebeu do presidente Hindenburg o cargo de Chanceler do Reich (56). Depois das eleições do dia 5 de Março para o Reichstag, conduzidas em clima de aberta intimidação, o gabinete nacional-socialista recebeu, por lei, "plenos poderes". Era o dia 23 de Março. Na mesma primavera, o Führer solicitou a celebração de uma Concordata entre a Santa Sé e o novo regime. O acordo foi assinado no Vaticano, em 20 de Julho de 1933 (57). Entretanto, a Santa Sé declarou que a Concordata de nenhum modo deveria ter a aparência de uma aprovação das doutrinas e das tendências do nacional-socialismo (58).

(56) Depois da morte do presidente Hindenburg, a 2 de Agosto de 1934, os poderes de presidente do Reich e de Chanceler foram unificados nas mãos de Hitler. Iniciou-se então a rápida transformação da sociedade em sentido totalitário. Sobre esta evolução, cfr. entre outros: Karl Dietrich BRACHER, "Die deutsch Diktatun", Kiepenheuer und Witsch, Colónia, 1980 (1969); Martin BROSZAT, "Der Staat Hitlers", Deutscher Taschenbuch Verlag, Munique, 1981; Hans-Ulrich THAMER, "Il terzo Reich. La Germania dal 1933 al 1945", tr. it. Il Mulino, Bolonha, 1993.

(57) Os plenipotenciários de Pio XI e de Hitler nas negociações foram respectivamente o Cardeal Eugénio Pacelli, Secretário de Estado, e o Vice-Chanceler do Reich, Franz von Papen. Sobre a Concordata de 1933 e as suas relações entre a Santa Sé e o nacional-socialismo, cfr. Michele MACARRONE, "Il Nazionalsocialismo e la Santa Sede", Studium, Roma, 1947; Friedrich ENGEL-JANOSI, "Il Vaticano fra fascismo e nazismo", Le Monnier, Florença, 1973; Anthony RHODES, "The Vatican in the Age of Dictators 1922-1945", Hodder and Stoughton, Londres, 1973; Robert GRAHAM, "Il Vaticano e il nazismo", Cinque Lune, Roma, 1975; Giacomo MARTINA, "Storia della Chiesa", vol. IV, "L'età contemporanea", Morcelliana, Brescia, 1995, pp. 129-218.

(58) Cfr. Osservadore Romano de 27 de Julho de 1933. "Pode-se certamente levantar a questão se a conclusão da Concordata com o Reich havia efectivamente contribuído, como depois foi muitas vezes afirmado, à Machtbefestigung (consolidação do poder) nazi, uma manobra realizada para a conquista do poder. Certo é que a Concordata, que foí subscrita por Pacelli não sem preocupação, fornece ao governo da Igreja uma base juridicamente incontestável e ao mesmo tempo a efectiva possibilidade de, no período posterior, lançar em rosto continuamente ao regime da Alemanha os arbítrios e as violações do direito das gentes" (Bukhart SCHNEIDER, "Pio XII. Pace, opera della giustizia", tr. it. Edizioni Paoline, Roma, 1984, p. 24).

Hitler nomeou Alfred Rosenberg, o homem que representava "a fina flor de todas as forças presentes na NSDAP, hostis à Igreja e ao cristianismo" (59), seu agente para a "vigilância" da educação ideológica do partido e de todas as associações alinhadas. O decénio que vai de 1935 até ao fim do regime caracterizou-se pela crescente exacerbação da luta anti-religiosa, com a supressão progressiva das escolas, das instituições e da imprensa católica, e com a difamação sistemática dos princípios e das instituições da Igreja.

(59) H.-U. THAMER, "Il terzo Reich", cit., p. 550. Com os seus dois panfletos "Aos obscurantistas de nosso tempo" (1935) e "Peregrinos protestantes de Roma" (1937), Rosenberg declarou abertamente a incompatibilidade entre nacional-socialismo e cristianismo.

Em 14 de Março de 1937 veio a lume a Encíclica de Pio XI Mit brennender Sorge. Movido pelo desejo de actuar para que "a fé em Deus, primeiro e insubstituível fundamento de toda a religião", permanecesse "pura e íntegra nas regiões germânicas", o Papa condenava os erros do nacional-socialismo, afirmando, entre outras coisas: "Se a raça ou o povo, se o Estado ou alguma das suas emanações, se os representantes do poder estatal ou outros elementos fundamentais da sociedade humana possuem, na ordem natural, um lugar digno de respeito, quem, contudo, os desprende desta escala de valores terrenos, elevando-os à categoria de suprema norma de tudo, mesmo dos valores religiosos, divinizando-os com culto idolátrico, perverte e falsifica a ordem criada e imposta por Deus, está longe da verdadeira fé em Deus e de uma concepção da vida conforme a ela" (60).

(60) Pio XI, Enciclica Mit brennender Sorge, de 14 Março de 1937, in Igino GIORDANI, "Le encicliche sociali dei Papi, da Pio IX a Pio XII", Studium, Roma, 1944, p. 410 (pp. 405-426). O texto da encíclica foi enviado clandestinamente a centenas de cidades e povoados da Alemanha, onde foi impresso e distribuído às várias dioceses. Em 21 de Março de 1937, para sublinhar ao máximo a importância do acontecimento, os Bispos alemães leram em pessoa, do púlpito, a Encíclica de Pio XI. Sobre a Encíclica cfr. Heinz-Albert RAEM, "Pius XI und der Nationalsozialismus. Die Enzyklika "Mit brennender Sorge" vom 14 März 1937", Schöningh, Paderborn, 1979.

A Mit brennender Sorge, pelo seu brilho, por recordar as verdades da fé cristã e a sua oposição ao neopaganismo nazi, pela condenação do racismo e do Estado totalitário, provocou um choque violento sobre a opinião pública alemã e internacional. O Führer encheu-se de espanto e de furor. Mas a encíclica teve o efeito de uma intimação (61). Como recordaria Pio XII, ela "desmascarou aos olhos do mundo aquilo que o nacional-socialismo era na realidade: a apostasia orgulhosa de Jesus Cristo, a negação da sua doutrina e da sua obra redentora, o culto da força; a idolatria da raça e do sangue, a opressão da liberdade humana" (62).

(61) Jean CHÉLINI, "L'Eglise sous Pie XII. La tourmente (1939-1945)", Fayard, Paris, 1983, p. 87.

(62) Pio XII, discurso de 2 de Junho de 1945, in DR, vol. VI, p. 70. Pio XII, neste discurso, traçava um quadro deste combate à Igreja e da resistência oposta pela Santa Sé e pelo povo alemão.

Na Alemanha, distinguiram-se na resistência ao nacional-socialismo sobretudo dois prelados: Konrad von Preysing (63), Bispo de Berlim, e Clemens August von Galen (64), Bispo de Münster. A partir das suas sedes episcopais, ambos intervieram para defender a concepção cristã da pessoa humana e os direitos soberanos de Deus sobre a sociedade e sobre as famílias. "Eu levanto a minha voz –afirmava Mons. Galen no seu sermão de 13 de Julho de 1941, na igreja de São Lamberto em Münster– e na minha qualidade de homem alemão, de cidadão honrado, de ministro da religião católica, de Bispo católico, eu brado: exijamos justiça! Se este brado não for ouvido, nunca será possível restaurar o domínio da justiça soberana. Assim, o nosso povo germânico e a nossa pátria, apesar do heroísmo dos nossos soldados que obtém vitórias gloriosas, irão à ruína por causa da nossa corrupção interna!" (65)

(63) Conde Konrad von Preysing, nasceu em Kronwinckel a 30 de Agosto de 1880 e morreu em 21 de Dezembro de 1950 em Berlim; pertencia a uma família da aristocracia católica desde sempre ao serviço da Igreja. Ordenado Sacerdote em 1912, conheceu em Munique o Núncio

Pacelli que, uma vez tornado Secretário de Estado, o fez nomear Bispo de Eichstat em 1932 e depois de Berlim em 6 de Julho de 1935. Desde 1933, ele manifestou-se como o ponto de referência dos opositores intransigentes do nacional-socialismo, em contraposição com a linha "mórbida" do Cardeal Adolf Bertram, Presidente da Conferência Episcopal. Em 18 de Fevereiro de 1946, foi nomeado Cardeal.

(64) Conde Clemens August von Galen nasceu em 16 de Março de 1873 no castelo de Dinklogc, de uma antiga família católica de Oldenburg. Sacerdote em 1904, foi destinado a Berlim, e depois como pároco de S. Lamberto em Münster, de cuja Sé em 1933 foi designado Bispo. Desde então até 1945, conduziu do púlpito uma luta implacável contra o nazismo, o que lhe valeu o apelativo de "leão de Münster". Nomeado Cardeal no consistório de 18 de Fevereiro de 1946, morreu logo após o seu retorno de Roma a Münster em 22 Março de 1946. A diocese de Münster introduziu a sua causa de beatificação. Cfr. "Clemens August Graf von Galen. Un Vescovo indesiderabile. Le grandi prediche di sfida al nazismo", Rosario F. ESPOSITO, Edizioni Messaggero, Pádua, 1985; Aa. Vv., "Il leone di Münster e Hitler. Clemens August Cardinale von Galen", Mons. Reinhard LETMANN e Mons. Heinrich MUSSINGHOFF, Herder, Roma-Friburgo-Viena, 1996.

(65) Cit. in "Clemens August Graf von Galen. Un Vescovo indesiderabile", cit., pp. 123-124.

A atitude e o tom destes Prelados alemães foram admirados por Plínio Corrêa de Oliveira que, como eles, pertencia à indómita fileira dos defensores da fé. Entre 1929 e 1947 foram publicados no Legionário nada menos que 2.936 artigos contra o nazismo e o fascismo, dos quais 447 de Plínio Corrêa de Oliveira. É importante sublinhar que grande parte destes escritos vieram a lume não apenas antes da guerra, mas também antes da encíclica Mit brennender Sorge, num momento em que muitos equívocos ainda se acumulavam a respeito do nazismo. Na perseguição anti-religiosa hitlerista o Prof. Plínio não viu um aspecto acidental e extrínseco da política do Terceiro Reich, mas a consequência lógica de uma visão do mundo antitética à católica. "A realidade é que a política anti-religiosa do Terceiro Reich é um carácter essencial deste, um traço fundamental do seu conteúdo ideológico ou, melhor ainda, o sentido profundo e a própria razão de ser do nazismo" (66).

(66) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Falsificação", in O Legionário, n° 397 (21 de Abril de 1940).

Plínio Corrêa de Oliveira reconstruiu aquilo a que chamou "genealogia dos monstros", traçando as ancestralidades do nacional-socialismo, de Lutero até Hitler. "O protestantismo produziu na Alemanha um processo evolutivo de ideias filosóficas e factos político-sociais, que, paralelamente ao liberalismo e em aparente antagonismo com este, gerou com uma lógica de ferro (verdadeira se não fossem erradas as suas premissas) o nazismo. (...) O nazismo é o resultado de uma evolução profunda, a sua política anti-religiosa faz parte integrante do seu pensamento, e esse pensamento é tão visceralmente anti-religioso, que eu não teria espanto maior com a conversão da maçonaria em associação de piedade, do que a transformação do Partido Nazi em baluarte dos ideais católicos na Europa Oriental" (67).

(67) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Genealogia de monstros", in O Legionário, n° 302 (29 de Junho de 1938). Ele acrescenta: "No elemento germânico em geral, o protestantismo, além do vírus do liberalismo, inoculou outro veneno, que são as teorias da força. Estas teorias (aliás muito aparentadas com a concepção democrática da vitória sistemática das maiorias) é que geraram toda a concepção militarista e brutal da política internacional de Frederico II e de muitos dos Hohenzollern, e, depois, criaram o Império de Bismarck, a paixão militarista alemã, as escolas filosóficas alemãs do século XIX e, por fim, como produto arquetípico da filosofia nietcheana, o hitlerismo" (ibid). Sobre as raízes culturais do nacional-socialismo, cfr. Edmond VERMEIL, "Les doctrinaires de la Révolution allemande", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1948; Peter VIERECK, "Metapolitics. The roots of the nazi mind", Capricorn Books, Nova York, 1961 (1941); G. L. MOSSE, "The crisis of German Ideology", Grasset & Dunlap, Nova York, 1964; Nicholas GOODRICK-CLARKE, "The occult roots of Nazism", The Aquarian Press, Wellingborough, 1985;

Luciano PELLICANI, "La società dei giusti. Parabola storica dello gnosticismo rivoluzionario", Etaslibri, Milão, 1995, pp. 371-387.

Plínio Corrêa de Oliveira não deixou de denunciar o antisemitismo nazi, mostrando a substancial diferença existente entre este e as medidas de cautela historicamente tomadas pela Igreja nos confrontos com o povo judeu. "As medidas de prudência que se recomendam em relação aos judeus são legítimas e até necessárias quando o judeu não é convertido, ou quando se converteu com o intuito evidente de `épater le bourgeois'. Mas essa precaução dirige-se exclusivamente contra os erros doutrinários do judeu, e não contra a sua raça em si, que é a raça na qual se encarnou o Verbo. Convertido sinceramente, o judeu é um filho dilecto da Santa Igreja" (68). Estando assim as coisas, a Igreja determinou "com incessante energia, que nunca se faltasse com a caridade para com o antigo povo de Deus. O nazismo, pelo contrario, é para com os judeus, de uma crueldade brutal e inútil" (69). "Preciso seria que na Alemanha surgisse um novo São Bernardo, que invocasse para o povo de Israel aquela misericórdia que nem a sua grande Vítima lhe negou" (70).

(68) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Uma velha ambição dos Judeus", in O Legionário, n° 308 (7 de Agosto de 1938).

(69) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em revista, in O Legionário, n° 232 (21 de Fevereiro de 1937).

(70) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em revista, in O Legionário, n° 215 (25 de Outubro de 1936). Noutros artigos mostra como a perseguição anti-semítica de Hitler contribuiu de maneira indirecta, mas poderosa, para a realização do sonho sionista. "O que os dirigentes do sionismo não conseguiram, obteve-o Hitler com a sua campanha anti-semítica, povoou Tel-Aviv, a nova cidade hebraica da Palestina, hoje dotada de inúmeros melhoramentos e de grande conforto. O 'lar nacional' dos Judeus, encheu-o o Sr. Hitler" (id., 7 dias em revista, in O Legionário, n° 599 (30 de Janeiro de 1944).

7. Fidelidade à Igreja e independência intelectual

Em 19 de Março de 1937, três dias depois da Mit brennender Sorge, Pio XI condenava solenemente também o comunismo por meio da Encíclica Divini Redemptoris. Ao lado do nacional-socialismo, o comunismo representava o outro grande inimigo continuamente denunciado pelo Legionário, sobretudo depois da guerra civil em Espanha (71) mostrar ao mundo a sua autêntica face, levantando uma "chama de ódio" e uma "feroz perseguição" (72).

(71) Sobre a guerra civil espanhola cfr. Léon DE PONCINS, "Histoire secrète de la Révolution espagnole", G. Beauchesne, Paris, 1938; José M. SANCHEZ, "The Spanish civil war as a Religious tragedy", University of Notre Dame Press, Notre Dame (Indiana), 1987; Mario TEDESCHI (org.), "Chiesa cattolica e guerra civile in Spagna", Guida, Nápoles, 1989; Javier TUSELL, Genoveva GARCIA QUEIPO DE LLANO, "El Catolicismo mundial y la guerra de España", BAC, Madrid, 1992.

(72) Pio XI, "Alocução aos refugiados espanhóis em 14 de Setembro de 1936", in IP vol. V (1958), "La pace internazionale", cit., p. 223.

"O que na Espanha se discute, é se o Mundo deve ser governado por Jesus Christo, ou por Karl Marx. Toda a civilização católica, todos os princípios de moral, todas as tradições, todas as instituições de que se orgulham os ocidentais, desaparecerão irremediavelmente se vencer o comunismo" (73). "Um dia virá, em que, sobre os escombros do hitlerismo, do comunismo, do obregonismo mexicano, perguntaremos triunfantes: Calles, Hitler, Lenine, Estaline, Lunatcharski onde estais? E só nos responderá o silêncio dos túmulos" (74).

(73) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Reflexões em torno da Revolução Hespanhola ", in O Legionário, n° 224 (27 de Dezembro de 1936).

(74) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "À margem dos factos", in O Legionário, n° 187 (22 de Dezembro de 1935).

Mas a crítica de Plínio Corrêa de Oliveira ao totalitarismo era bem diversa da posição individualista e liberal que participava nos mesmos erros que pretendia denunciar. O liberalismo, por certo também ele em plena decadência, nunca teria podido constituir uma autêntica alternativa ao nazismo ou ao comunismo.

"Tanto o erro liberal, de conceder liberdade ao bem e ao mal, quanto o erro totalitário de oprimir igualmente o bem e o mal, são graves e procedem da mesma raiz. Em presença da Verdade que é a Igreja, tanto o Estado liberal quanto o Estado totalitário tomam uma atitude idêntica à de Pilatos, perguntando 'quid est veritas' - `o que é a Verdade?' O agnosticismo, o indiferentismo entre a verdade e o erro, o bem e o mal, é sempre uma fonte de injustiças. E o católico não pode pactuar, nem com uma, nem com outra coisa" (75).

(75) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A liberdade da Igreja no dia de amanhã", in O Legionário, n° 549 (14 de Fevereiro de 1943).

"Quem hipertrofiar o papel do Estado será necessariamente socialista, quaisquer que sejam as máscaras que procure afivelar no rosto. E o fundo da vertente socialista é o comunismo. Quem hipertrofiar os direitos do indivíduo ou dos outros grupos será necessariamente individualista, e o fundo dessa vertente é a anarquia.

"Da anarquia completa, que seria o nihilismo, ou da anarquia estável e organizada que é o totalitarismo, devemos libertar-nos formando para nós uma consciência católica vigorosa e firme, na qual não haja lugar para complacências para com erros de qualquer jaez" (76).

(76) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Comunismo", in O Legionário, n° 552 (7 de Março de 1943).

"Os católicos devem ser anti-comunistas, anti-nazis, antiliberais, anti-socialistas, anti-maçónicos, etc..., porque são católicos" (77).

(77) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Pela grandeza e liberdade da Acção Católica", in O Legionário, n° 331 (13 de Janeiro de 1939).

No Brasil, desde 1933, tinha começado a desenvolver-se o movimento "integralista", fundado por Plínio Salgado (78), com os seus "camisas verdes", que imitavam as milícias do fascismo europeu. O seu chefe, partindo da premissa de que "o progresso do espírito humano, realiza-se ao ritmo das revoluções", definia a sua concepção como "revolução integral" (79) e propunha uma reorganização do Brasil baseada no modelo de um Estado sindical-socialista semelhante ao de Mussolini.

(78) Plínio Salgado (1895-1975), após ter-se deixado fascinar, na sua juventude, pelo materialismo histórico e pelo modelo bismarckiano, participou, nos anos 20, da "revolução estética" do modernismo, tornando-se conhecido como romancista e literato de tendência nacionalista. Eleito deputado pelo Estado de São Paulo em 1928, apoiou em 1930 a candidatura de Júlio Prestes contra Getúlio Vargas. Após ter divulgado um Manifesto da Legião Revolucionária (1931), fundou, no início de 1932, a Sociedade de Estudos Políticos (SEP) e em Outubro do mesmo ano, o "movimento integralista" brasileiro (AIB) do qual foi "chefe nacional" até à sua dissolução, por Vargas, em 2 de Dezembro de 1937. Exilado em Portugal entre 1939 e 1945, na sua volta ao Brasil retornou à política, sem nunca mais ter alcançado um papel de primeiro plano a que teria ambicionado. Cfr. "Salgado" de Paulo BRANDI & Leda SOARES, in DHBB, vol. IV, pp. 3051-3061. Sobre integralismo cfr. também Helgio TRINDADE, "Integralismo. O fascismo brasileiro na década de 30", Difel, São Paulo, 1979, 2a. ed.; id; "La tentative Facist au Brésil dans les années trente", Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, Paris, 1988; id., "Integralismo", in DHBB, vol. II, pp. 1621-1628.

(79) H. TRINDADE, "Integralismo", cit., p. 1624.

O integralismo brasileiro, que se pretendia anticomunista e antiliberal, tinha em comum com o liberalismo um agnosticismo substancial (80). "O integralismo, pois, não é católico nem anti-católico. Teísta que é, considera por um prisma de pretensa neutralidade

todas as religiões" (81). Face àquela que, já então, definia como "falsa direita", Plínio Corrêa de Oliveira insistia em que o Catolicismo autêntico era a única solução (82).

(80) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "E porque não Catolicismo?", in O Legionário, n° 189 (19 de Janeiro de 1936); id., À margem de uma crítica", in O Legionário, n° 153 (2 Setembro 1934). "Ao contrário do Estado liberal, o Estado integralista `affirma o espirito'. No entanto, ele não ousa romper de vez com o pior dos preconceitos liberais, que é o agnosticismo oficial" (ib.). Cfr. também "Três rumos...", in O Legionário, n° 157 (28 outubro 1934); "Extremismos", in O Legionário, n° 160 (9 Dezembro 1934).

(81) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Na expectativa", in O Legionário, n° 206 (23 de Agosto de 1936).

(82) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "E porque não o Catolicismo?", cit.

Um juízo igualmente negativo foi expresso por Plínio Corrêa de Oliveira em relação ao fascismo, que então contava no Brasil com um grande número de aderentes e simpatizantes, mesmo entre os católicos e no próprio clero. Se, em 1929, Pio XI assinara com Mussolini o Tratado de Latrão, com a Encíclica Non abbiamo bisogno, de 29 de Junho de 1931 (83) o Papa criticava abertamente as tendências totalitárias do regime e declarava ilícito o juramento de fidelidade ao Duce e à "revolução fascista". As críticas de Plínio Corrêa de Oliveira à doutrina estatista do regime fascista eram análogas às do Pontífice (84). Ele constatava, entretanto, que "na prática, mais de uma vez, Mussolini se tem afastado dessa doutrina" (85) e que neste afastamento está "um dos seus méritos" (86), como ocorreu com a assinatura dos Tratados de Latrão (87).

(83) Pio XI, Enciclica Non abbiamo bisogno del 29 de Junho de 1931 in I. GIORDANI, "Le encicliche sociali dei Papi", cit., pp. 353-374. Cfr. também Pietro SCOPPOLA, "La Chiesa e il fascismo. Documenti e interpretazioni", Laterza, Bari 1971, pp. 264-270; Gianni VANNONI, "Massoneria, Fascismo e Chiesa Cattolica", Laterza, Roma-Bari, 1979.

(84) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Mussolini", in O Legionário, n° 241 (25 de Abril de 1937); "Mussolini e o nazismo", in O Legionário, n° 296 (15 de Maio de 1938).

(85) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Mussolini", cit. A distinção de Plínio Corrêa de Oliveira entre doutrina e prática do fascismo parece-me ter certa analogia com a estabelecida pelo historiador Renzo De Felice entre "fascismo regime" e "fascismo movimento". "O fascismo regime fez a Conciliação, mas o fascismo movimento foi anticlerical, esteve em clara oposição aos valores mais profundos do cristianismo" (R. DE FELICE, "Intervista sul fascismo", de Michael A. LEDEEN, Laterza, Roma-Bari, 1975, p. 104). Do mesmo De Felice, cfr. a monumental biografia de Mussolini, sobretudo os volumes dedicados a "Il Mussolini, Duce" (Einaudi, Turim, 1974-1976).

(86) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Mussolini" , cit.

(87) Sobre os Pactos de Latirão, cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Fides Intrepida", in O Legionário, n° 50 (12 de Janeiro de 1930); "Date a Cesare", n° 52 (9 de Fevereiro de 1930); "No X.° anniversario do tratado de Latrão", in O Legionário n° 335 (12 de Fevereiro de 1939). "O fascismo foi um péssimo regime. O Tratado de Latrão produziu resultados inestimáveis para a Igreja e para a Itália" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Questão romana", in O Legionário, n° 603 (27 de Fevereiro de 1944).

Desde 1937 Plínio Corrêa de Oliveira observou, com crescente preocupação, a progressiva radicalização do fascismo e o seu deslizamento em direcção ao nazismo (88), dificultado, até então, pela presença da Monarquia e sobretudo do Papado. As críticas do Prof. Plínio provocaram certa reacção entre os católicos de origem italiana residentes no Brasil, os quais viram nestes artigos um ataque ao seu país (89). A estes objectastes respondeu ele:

(88) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Italia em via de ser nazificada?", in O Legionário, n° 306 (24 de Julho de 1938); "Para onde caminha o fascismo?", in O Legionário, n° 308 (7 de Agosto de 1938); "Ainda o fascismo", in O Legionário, n° 330 (8 de Janeiro de 1939).

(89) A 27 de Janeiro de 1939 morreu em São Paulo o conte Rodolfo Crespi, que quis ser enterrado de camisa negra e deixou 500.000 cruzeiros para Mussolini.

"O Legionário estará sempre ao lado do Papa. Por isso mesmo, nunca estará contra a Itália. Porque a causa da Itália autêntica, da Itália de Dante, de São Francisco de Assis e de São Tomás, nunca poderá ser dissociada da causa do Papado" (90).

(90) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O exemplo dos russos brancos", in O Legionário, n° 322 (22 de Janeiro de 1939).

Não é fácil compreender hoje todo o alcance da independência intelectual de Plínio Corrêa de Oliveira perante o conformismo daqueles que Jean-Louis Loubet del Bayle definiu como "os não-conformistas dos anos 30" (91), num momento em que a intelligentsia europeia se deixava hipnotizar pela estrela vermelha do Kremlin ou pelo "fascismo imenso e vermelho" cantado por Robert Brasillach" (92). Na esquerda, celebravam os fastos do humanismo soviético os franceses Romain Rolland, Louis Aragon, André Malraux, André Gide, os alemães Heinrich Mann e Bertold Brecht, os ingleses Aldous Huxley e E. M. Forster (93). Alinharam-se com fascismo e o nazismo outros conhecidos intelectuais como Giovanni Gentile, Ezra Pound, Pierre Drieu-La Rochelle, Carl Schmitt, Martin Heidegger.

(91) Jean-Louis LOUBET DEL BAYLE, "Les non-conformistes des années 30", Editions du Seuil, Paris, 1969. Cfr. também R. REMOND, "Les catholiques dans la France des années 30", Editions Cana, Paris, 1979.

(92) Bernard GEORGE, "Brasillach", Editions Universitaires, Paris, 1968, pp. 99-100.

(93) Cfr. F. FURET, "Le passé d'une illusion", cit., pp. 189-364.o

8. "Escolhestes a vergonha e tereis a guerra"

O ano crucial da crise europeia foi 1938. Em 11 de Março teve lugar a invasão da Áustria e a sua ocupação pela Alemanha, que a História registrou com o nome de Anschluss. Este foi o primeiro acto da Segunda Guerra Mundial (94).

(94) Cfr. Gordon Brook-SHEPHERD, "Anschluss. The rape of Áustria", Macmillan & Co., Londres, 1963; Andreas HILLGRUBER, "La distruzione dell'Europa", tr. it. Il Mulino, Bolonha, 1991, pp. 133-152. Decisivo no Anschluss foi o papel do embaixador em Viena Franz von Papen (1879-1969) que em 1933 já tinha aplanado o caminho do poder para Hitler, com as suas pressões sobre Hindenburg. Papen, que se proclamava católico, foi definido por Plínio Corrêa de Oliveira como "o maior traidor da Igreja nos nossos dias" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 516 (2 de Agosto de 1942). Uma confirmação histórica é-nos fornecida por Richard W. ROLFS, "The Sorcerer's Apprentice: the life of Franz von Papen", Lanham, Londres–Nova York, 1996.

Com o Anschluss, o Estado austríaco foi praticamente varrido do mapa da Europa (95). Com "a alma indignada e o coração em sangue", Plínio Corrêa de Oliveira denunciou, em artigo de cinco colunas na primeira página, o "dramático desaparecimento do mapa europeu da Áustria católica" (96).

(95) "Áustria, pobre Áustria eternamente ridicularizada –anota em 20 de Março de 1938 no seu diário o conde Friedrich RECK-MALLENCZEWEN– cujo único erro foi sem dúvida o de se opor ao espírito de domínio da grande Prússia, conservando até ao fim a lembrança do antigo Sacro Império romano-alemão" ("Il tempo dell'odio e della vergogna", tr. it. Rusconi, Milão, 1970, p. 66).

(96) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A conjuração dos Césares e do sinédrio", in O Legionário, n° 288 (20 de Março de 1938). Plínio Corrêa de Oliveira assim exprimiu a sua admiração por Zita d'Áustria (1892-1989), a esposa do último imperador, Carlos: "Soube ela fazer pela causa da monarquia na Europa, à qual é absolutamente dedicada por um puro idealismo e não por um interesse vulgar, muito mais do que os inúmeros soberanos, ex-soberanos ou pretendentes do mundo inteiro. Ela é, neste século de materialismo grosseiro, uma figura enérgica e idealista, que merece o maior respeito de todos os observadores" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O destino trágico de duas grandes dinastias", in O Legionário, n° 247 (6 de Junho de 1937)). Sobre Zita, cfr. G. B. SHEPHERD, "The last Empress,", Harper Collins Publishers, Londres, 1991.

Mussolini, deitando por terra a sua tomada de posição de 1934 quando, para evitar a anexação da Áustria, tinha enviado divisões alpinas à fronteira de Brenner, desta vez aprovou a acção de Hitler. Para celebrar a amizade ítalo-germânica, o Führer realizou uma visita oficial a Itália de 3 a 9 de Maio de 1938. Naquela ocasião, Pio XI recolheu-se a Castelgandolfo, fora do período costumeiro, para, como afirmou, não ter de assistir, "no dia da Santa Cruz", à apoteose "de uma cruz que não é a de Cristo" (97).

(97) M. MACARRONE, "Il Nazionalsocialismo e la Santa Sede", cit., pp. 211-212.

No número 289 do Legionário, de 27 de Março de 1938, apareceu em primeira página uma imagem do Coliseu, com a notícia de que o grande monumento teria sido iluminado em honra da visita de Hitler a Roma. "O Coliseu, testemunha multi-secular do martírio dos primeiros cristãos e da insaciável crueldade do paganismo, será iluminado em honra do perseguidor dos cristãos dos nossos dias e restaurador do paganismo na Alemanha... com uma forte luz vermelha!"

Em 12 de Setembro de 1938, depois da anexação da Áustria, ocorreu a dos Sudetos. Para impedir que a situação se precipitasse, o primeiro ministro britânico Neville Chamberlain deslocou-se pessoalmente a Berchtesgaden para negociar com o Führer. Plínio Corrêa de Oliveira não tinha ilusões: "A guerra –escrevia naquela ocasião– é uma questão de dias, ou de meses, mas fatalmente explodirá (...). Enquanto Hitler estiver no poder, ela será inevitável" (98).

(98) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O verdadeiro sentido do vôo de Chamberlain", in O Legionário, n° 314 (18 de Setembro de 1938).

Para tentar deter a marcha dos acontecimentos, Mussolini propôs, in extremis, uma conferência quadripartida, que se realizou em Munique nos dias 29 e 30 de Setembro de 1938 (99).

(99) Sobre a conferência de Munique e sobre o "apaziguamento", cfr. Martin GILBERT, "The roots of Appeasement", Weidenfeld and Nicolson, Londres, 1966; Charles LOCH MOWAT, "Britain between the wars, 1918-1940", Methuen & Co. Ltd., Londres 1976; Telford TAYLOR, "Munich, the price of peace", Hodder and Stoughton, Londres 1979; Robert ROTSCHILD, "Les chemins de Munich. Une nuit de sept ans: 1932-1939", Perrin, Paris, 1988; R.A.C. PARKER, "Chamberlain and Appeasement", St Martin's Press, Nova York, 1993.

As democracias ocidentais, representadas pelo inglês Chamberlain e pelo francês Daladier, na ilusão de evitar a guerra, procuraram um compromisso a qualquer custo com a Alemanha nazi (100). São conhecidas as palavras com as quais Churchill, chefe da oposição conservadora, no dia seguinte aos acordos de Munique, apostrofou Chamberlain: "Devíeis escolher entre a vergonha e a guerra: escolhestes a vergonha e tereis a guerra".

(100) "Em matéria de humilhação, a França e a Inglaterra não podiam ir mais longe. Beberam o cálice até a última gota. E, quando se lhes anunciou que mediante a ingestão de mais algumas gotas talvez conseguissem a paz, choraram de alegria". (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Os fructos ideológicos da paz", in O Legionário, n° 316, 2 de Outubro de 1938).

Num lúcido artigo dos anos 70 sobre a "détente", Plínio Corrêa de Oliveira assim recordava o acontecimento: "Munique não foi apenas um grande episódio da história deste século. Constitui um acontecimento símbolo da história de todos os tempos: todas as vezes que houver, em qualquer tempo e em qualquer lugar, um confronto diplomático entre belicistas delirantes e pacifistas delirantes, a vantagem sorrirá aos primeiros e a frustração aos segundos. E se houver um homem lúcido, censurará os Chamberlain e os Daladier do futuro com as palavras de Churchill: `Devíeis escolher entre a vergonha e a guerra: escolhestes a vergonha e tereis a guerra"' (101).

(101) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Churchill, o avestuz e a América do Sul**", in Folha de S. Paulo, 31 de Janeiro de 1971.

Menos de seis meses depois, em 15 de Março de 1939, violando os acordos assinados, Hitler invadiu a Checoslováquia e incorporou ao Reich o território da Boémia e da

Morávia, para o qual instituiu um "protectorado". Assim, também a República Checa, uma das criações da paz de Versalhes, desaparecia do mapa da Europa. No mês seguinte falecia Pio XI, já gravemente doente. Em 2 de Março de 1939, o Cardeal Camillo Caccia Dominioni anunciava, da varanda principal da Basílica de São Pedro, a eleição do novo Papa, o Cardeal Eugénio Pacelli, com o nome de Pio XII (102).

(102) Sobre Pio XII (1876-1958) no que se refere aos acontecimentos por nós tratados, cfr. Card. Domenico TARDINI, "Pio XII", Tipografia Poliglotta Vaticana, Cidade do Vaticano, 1960; B. SCHNEIDER, "Pio XII. Pace, opera della giustizia", cit.; A. RHODES, "The Vatican in the Age of Dictators", cit.; J. CHÉLINI, "L'Eglise sous Pie XII", cit.; G. MARTINA, "Storia della Chiesa", vol. IV, "L'età contemporanea", cit., pp. 219-247; Giorgio ANGELOZZI GARIBOLDI, "Pio XII, Hitler e Mussolini. Il Vaticano fra le dittature", Mursia, Milão, 1995. O Cardeal Eugenio Pacelli tinha sido Núncio na Alemanha (1917-1929) e depois Secretário de Estado (1930-1939) antes de ascender ao trono pontifício.

Plínio Corrêa de Oliveira tinha começado aquele ano com uma surpreendente previsão, estampada no primeiro número do ano do Legionário: "Efectivamente, –escrevia– enquanto se vão delimitando todos os campos de batalha, vai-se desenvolvendo um processo cada vez mais claro: o da fusão doutrinária do nazismo com o comunismo. A nosso ver, o ano de 1939 assistirá à consumação desta fusão" (103).

(103) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Entre o passado e o futuro", in O Legionário, n° 329 (4 de Janeiro de 1939). "0 nazismo - tinha ressaltado em 8 de Maio de 1938 - pode ser equiparado sob o ponto de vista internacional, quase ao comunismo. E ainda assim, este `quase' é muito problemático" (id., "Legitima defesa", in O Legionário, n° 295 (8 de Maio de 1938).

Alguns meses depois, em Agosto de 1939, o anúncio do assim chamado pacto Ribbentrop-Molotov "causa repentinamente o efeito de uma verdadeira bomba na opinião pública europeia, estupefacta desta brusca inteligência entre os dois países representantes das duas ideologias que até então mais se tinham combatido" (104).

(104) J. GUIFFAN, "Histoire de l'Europe", cit., p. 195.

O tratado de não agressão entre a Rússia e a Alemanha representava a mais imprevisível "inversão de alianças" dos nossos tempos: "Ninguém que viveu conscientemente aquela experiência –escreve o historiador alemão Andreas Hillgruber– pode esquecer a surpresa e o desconcerto, o choque provocado por um breve comunicado do 'Bureau de informações alemão' no entardecer tardio de 21 de Agosto", confirmado no dia seguinte pela Tass: "O governo do Reich e o governo soviético concertaram a estipulação de um pacto recíproco de não agressão. O ministro das relações exteriores von Ribbentrop viajará quarta-feira, 23 de Agosto, a Moscovo para chegar à conclusão das negociações" (105).

(105) A. HILLGRUBER, "La distruzione dell'Europa", cit., p. 257. O pacto de "não-agressão" tinha validade de dez anos e obrigava as partes a desistir de qualquer ataque `recíproco'. Trazia anexo um `protocolo secreto' que deixava a Hitler o caminho livre para atacar a Polónia, abandonando à URSS o controlo da Estónia, Letónia, Lituânia, Finlândia, Polónia e da Bessarábia. Cfr. Walther HOFER, "Die Entfesselung des Zweiten Weltkrieges", S. Fisher, Frankfurt a. Main, 1964, pp. 73-118; Gerhard L. WEINBERG, "Germany and the Soviet Union, 1939-1941", Brill, Leiden, 1972; Arturo PEREGALLI, "Il Patto Hitler-Stalin e la spartizione della Polonia", Erre Emme Edizioni, Roma, 1989; Juan Gonzalo LARRAIN CAMPBELL, "1939: o Pacto Ribbentrop-Molotov confirmou as denúncias do Legionário", in Catolicismo, n° 532 (Abril de 1995), pp. 22-24.

9. "A guerra mais enigmática deste século"

"Daqui a pouco –tinha escrito Plínio Corrêa de Oliveira já em 1936– somente os cegos o podem contestar, virá um dilúvio internacional: a guerra mundial bate às portas da Civilização ocidental" (106). No início de 1939, traçou, no Legionário, um dramático quadro dos acontecimentos internacionais. "Neste mar tormentoso, –afirmava– navega a nau mística

de São Pedro. Contra ela, se formam misteriosos movimentos de onda, que degenererão rapidamente em tempestade imensa" (107).

(106) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Unidade nacional", in O Legionário, n° 219 (22 de Novembro de 1936).

(107) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Ainda o fascismo", in O Legionário, n° 330 (8 de Janeiro de 1939).

A 1 de Setembro de 1939, depois da recusa poloca de entregar o "corredor" de Dantzig, o exército alemão invadiu a Polónia. Na sua Nota internacional de 3 de Setembro, Plínio Corrêa de Oliveira comentou o acontecimento com as seguintes palavras:

"Tudo leva a crer que a guerra foi resolvida não por um simples pacto de não-agressão, mas por um acordo secreto entre a Rússia e o Reich, do qual deva resultar provavelmente o retalhamento da Polónia. Assim, parecem definir-se as posições como sempre se apresentaram aos que souberam ver: a estreita proximidade ideológica entre o nazismo e o comunismo, traduzida numa aliança militar positiva contra a civilização e a paz. É a guerra, que se inicia, com todo o seu hediondo cortejo de morte, de miséria e de sofrimentos, para tentar impôr à Europa um senhor que é a antítese da civilização católica, e o produto de uma série secular de erros, concretizando o erro contra a Verdade" (108).

(108) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Nota internacional", in O Legionário, n° 364 (3 de Setembro de 1939); cfr. também id., "Ao celebrarmos o advento da Paz, não nos esqueçamos da lição que encerra esta guerra", in O Legionário, n° 666 (13 de Maio de 1945).

Neste mesmo 3 de Setembro, a Grã-Bretanha e a França declararam guerra à Alemanha. Começava a Segunda Guerra mundial, que Plínio Corrêa de Oliveira num artigo a cinco colunas do Legionário definia como "a guerra mais enigmática do nosso século" (109). O enigma era representado pelo véu de aparentes contradições com as quais "as obscuras forças do mal" (110) desenvolviam as suas manobras para destruir tudo quanto ainda sobrevivia da Civilização Cristã. A intenção de Plínio Corrêa de Oliveira continuava a ser a de desmascarar, com acuidade de visão, o mysterium iniquitatis que se enovelava na História que lhe era contemporânea.

(109) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A guerra mais enigmática do nosso século", in O Legionário, n° 381 (31 de Dezembro de 1939). Sobre a Segunda guerra mondial, cfr. as clássicas obras de Winston S. CHURCHILL, "The Second World War", Cassell, Londres, 1948-1954, 6 vols. e Alan John P. TAYLOR, "The origins of the Second World War", Hamish Hamilton, Londres, 1961.

(110) Pio XII, Alocução ao Sacro Colégio em 24 de Dezembro de 1946, in "La pace internazionale", cit., p. 469.

Os primeiros meses do conflito presenciaram um avanço fulminante da Alemanha que ocupou a Polónia, Dinamarca, Noruega, Países Baixos e a França. Em 10 de Junho de 1940, às vésperas da entrada das tropas alemãs em Paris e do armistício entre Hitler e Pétain (111), Mussolini entrou na guerra ao lado do Reich. Entretanto, em Inglaterra, Chamberlain tinha apresentado a sua demissão e tinha sido substituído como primeiro ministro por Winston Churchill. O novo chefe de Governo prometeu ao povo britânico "lágrimas, sacrifícios, sangue e suor" até à vitória final, dizendo à Admiralty House:

"Direi à Câmara dos Lordes o que disse aos que compõem este governo: `não tenho outra coisa a oferecer senão sangue, sacrificios, lágrimas e suor'. (...) Perguntais qual é a nossa politica? Respondo: é a guerra movida por mar, por terra e nos céus, com todo o nosso poderio e com toda a força que Deus nos concederá; fazer a guerra contra uma monstruosa tirania, nunca ultrapassada no obscuro e triste catálogo dos crimes humanos. Esta é a nossa política. Perguntais: qual é o nosso escopo? Posso responder com uma só palavra: é a vitória, vitória a todo custo, vitória apesar do terror, vitória embora possa ser longo e difícil o caminho; pois sem vitória não existe sobrevivência" (112).

(111) "Não compreendemos como se possa desejar o Reinado de Cristo em França apoiando ao mesmo tempo, com desvelos de irmão os que na Alemanha injuriam, vilipendiam e perseguem Nosso Senhor Jesus Cristo. Não se pode ser a um tempo amigo de S. Pedro e de

Herodes" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "As máscaras caíram", in O Legionário, n° 504, 10 de Maio de 1942).

(112) Cit. in M. GILBERT, "Finest hour. Winston S. Churchill, 1939-1941", Heinemann, Londres, 1983, p. 333.

Plínio Corrêa de Oliveira sempre admirou na figura de Churchill, que era protestante, a força de temperamento e firmeza de convicções, quando o estado de espírito generalizado entre os políticos católicos da época parecia ser a disponibilidade para "transigir" e colaborar com o adversário (113).

(113) Cfr. por exemplo Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Quisling, Mosley & C.", in O Legionário, n° 396 (14 de Abril de 1940) em que critica o "grande consórcio internacional Quisling, Mosley, Degrelle, SeyssInquart & Co.".

No fim de Julho de 1940, Churchill, depois de ter repelido todas as propostas de paz, enfrentou a "Batalha da Inglaterra" desencadeada pelo Führer para tentar subjugar o povo inglês. Já no mês de Outubro, a tenacidade da resistência britânica constrangia Hitler a renunciar ao seu projecto (114). A esperança alemã de concluir rapidamente a "guerra relâmpago" dissipava-se com a mesma celeridade com a qual se havia iniciado. A Europa encontrava-se, entretanto, sob o tacão do Führer que anunciava a criação da sua "nova ordem" milenária. O mapa europeu de 1941 parecia confirmar os seus sonhos: sob a forma de Estados anexados, "protegidos", colaboradores ou satélites, a maior parte das nações europeias já gravitava na órbita do Terceiro Reich.

(114) "Durante a guerra - afirmará Pìo XII - o povo inglês suportou mais do que era suportável às possibilidades humanas" (Pio XII, Alocução ao novo Ministro da Grã Bretanha de 30 de Junho de 1947, in DR, vol. IX, p. 137).

Para a Igreja Católica, tratava-se de uma situação radicalmente nova que, como já foi observado, teve um precedente análogo no período do expansionismo napoleónico (115).

(115) J. CHÉLINI, "L'Eglise sous Pie XII", cit., pp. 121-122.

Começava-se a falar da possibilidade de uma invasão nazi do Vaticano e de uma deportação do Pontífice (116). O "silêncio" a respeito do nazismo de que Pio XII foi acusado não nasceu deste temor, mas do receio de provocar, com o seu protesto solene, mais cruéis perseguições contra os católicos e contra os próprios judeus (117). O Papa invocou a sua vocação de árbitro moral, derivada do seu Magistério espiritual. O Tratado de Latrão, que no artigo 24 garantia a neutralidade e a inviolabilidade da Cidade do Vaticano, oferecia-lhe uma liberdade de acção da qual nenhum dos seus predecessores imediatos tinha podido usufruir.

(116) Cfr. G. ANGELOZZI GARIBOLDI, "Pio XII, Hitler e Mussolini", cit., pp. 193-194. No momento em que a Itália entrou na guerra, tinha-se falado de um voluntário exílio de Pio XII num país neutro, para salvaguardar a independência da sua missão de Chefe da Igreja. O Arcebispo de Nova York, Mons. Francis Joseph Spellman, tinha proposto directamente que o Papa encontrasse refúgio num país da América Latina e, segundo Giorgio Angelozzi Gariboldi, "o nome do Brasil tinha sido pronunciado" (ibid., p. 113).

(117) G. ANGELOZZI GARIBOLDI, op. cit., pp. 148-149; A. RHODES, "The Vatican in the Age of Dictators", cit., pp. 337-352.

"Com quem está o Papa?". O Papa, respondia no Legionário Plínio Corrêa de Oliveira a essa pergunta tantas vezes repetida, é o Vigário de Nosso Senhor Jesus Cristo, Mestre infalível da Verdade, soberano de um reino espiritual e indestrutível: "Supremo hierarca de todo o universo, o Santo Padre representa tudo quanto é divino, supra-terreno, imutável, eterno" (118). O Papa não tem, pois, "aliados" nem "inimigos". O Papa não está com Hitler, nem com Estaline. "O Papa está com Jesus Cristo, com a indefectibilidade, com a eternidade. E é o Papa que vai vencer" (119).

(118) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Com quem está o Papa?", in O Legionário, n° 589 (21 de Novembro de 1943). Cfr. também id., "Pastor Angelicus", in O Legionário, n° 568 (27

de Junho de 1943). "A nossa posição entre os dois campos opostos - afirma Pio XII na Radiomensagem de Natal de 24 de Dezembro de 1947 - é alheia a qualquer consideração de ordem temporal. Estar com Cristo ou contra Cristo: eis a questão" (Pio XII, in DR, vol. IX, p. 394).

(119) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Com quem está o Papa?", cit. Cfr. também id., 7 dias em revista, in O Legionário, n° 541 (20 de Dezembro de 1942).

Ao longo da guerra, Plínio Corrêa de Oliveira comentou com dor o bombardeio da Cidade Eterna, sede do Vigário de Cristo (120), e exprimiu reiteradamente a sua união ao Pontífice e à Santa Sé. "Se o Papa sofre, devemos sofrer com ele, devemos lutar por ele, devemos orar por ele. No limiar do ano de 1944, formemos a resolução de nos esmerarmos mais do que nunca, na devoção filial e entusiástica ao Sumo Pontífice" (121).

(120) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O bombardeio de Roma", n° 572 (25 de Julho de 1943); id., 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 597 (16 de Janeiro de 1944). Por ocasião do Natal de 1944, publicou vários artigos comentando a Mensagem de Pio XII (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A mensagem de Natal", in O Legionário, n° 647 (31 de Dezembro de 1944), n° 648 (7 de Janeiro de 1945), n° 649 (14 de Janeiro de 1945), n° 651 (28 de Janeiro de 1945).

(121) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 595 (1° de Janeiro de 1944).

10. A obscura cumplicidade entre nazismo e comunismo

Logo depois do Pacto Molotov-Ribentropp, lucidamente previsto por Plínio Corrêa de Oliveira, este avançou com uma nova e desconcertante previsão: "o pacto russo-alemão foi um acto desajeitado. É possível que, dentro de breve tempo, Hitler e Estaline voltem a ser inimigos, pour épater les bourgeois e para desviar a opinião pública"(122). No dia 18 de Maio de 1941 renovou a previsão, nas páginas do Legionário:

"Como todos vêem, a colaboração russo-alemã está a chegar ao auge, com a intervenção activa da Rússia ao lado da Alemanha na política asiática. O Legionário já tinha previsto há tempo tudo o que está a acontecer agora. Mas exactamente agora, quando esta colaboração parece atingir o seu zenith, permitimo-nos acrescentar aos nossos leitores uma coisa que certamente os surpreenderá: no ponto em que se encontram estas relações, tanto é possível que durem longamente, quanto que de improviso a Alemanha agrida a Rússia, sem que tudo isto desminta a realidade da simbiose nazi-comunista. Qui vivra verra" (123).

(122) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Anti Komitern!", in O Legionário, n° 363 (27 de Agosto de 1939).

(123) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em revista, in O Legionário, n° 453 (18 de Maio de 1941).

Um mês depois, em 22 de Junho, Hitler iniciava, com a "Operação Barbarroxa", uma ofensiva imprevista contra a Rússia soviética, na convicção de a liquidar em poucas semanas, para depois se lançar contra a Inglaterra com todas as suas forças. Os Estados Unidos, entretanto, envolveram-se nas hostilidades, por causa do fulminante ataque japonês a Pearl Harbour em 6 de Dezembro de 1941. Assim se iniciou aquela internacionalização do conflito que em Agosto de 1942 levou também o Brasil a entrar em guerra, ao lado dos aliados (124). Plínio Corrêa de Oliveira quis exprimir o único significado autêntico que poderia ter a intervenção do seu país:

"O Brasil –escreveu– terá a vitória, se combater com a cruz na mão. É com este sinal, que venceremos. (...) Não lutamos para matar: lutamos e matamos para viver. E, para que vivamos precisamos de continuar a luta acesa contra tudo quanto, no Brasil, possa significar descristianização" (125). "O Brasil só será real e genuinamente cristão, sendo católico, apostólico, romano. E, portanto, a nossa civilização só continuará cristã se o Brasil continuar dentro do aprisco da Santa Igreja Romana" (126).

(124) O Brasil foi o único país latino-americano (com excepção do México, porém este só se empenhou em operações aéreas) a participar directamente no conflito, através de um contingente na Itália de 20 a 25.000 homens agregados ao Quinto Exército norte-americano.

(125) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Guerra!", in O Legionário, n° 520 (30 de Agosto de 1942).

(126) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Civilisação Cristã", in O Legionário, n° 546 (24 de Janeiro de 1943).

Em 1942, o desembarque anglo-americano nas costas de Marrocos e da Argélia, constituiu um importante êxito de Churchill, que se opunha, apesar das insistências de Estaline, à abertura de uma segunda frente na Europa (127).

(127) J. GUIFFAN, "Histoire de l'Europe", cit., p. 217.

As forças ítalo-germânicas viram-se obrigadas a capitular em Tunes e os anglo-americanos prepararam um novo desembarque na Sicília, que teve como efeito a derrocada do fascismo, em 24 de Julho de 1943. A Itália, que se transformou num campo de batalha depois do armistício de 8 de Setembro, cindiu-se em duas. Era necessária nova intervenção terrestre para abater a Alemanha. As propostas de Churchill que, não confiando na Rússia, postulavam um desembarque nos Balcãs, desta vez não foram ouvidas. Em 6 de Junho de 1944 ocorreu o desembarque aliado nas costas normandas.

Plínio Corrêa de Oliveira via no desenvolvimento da guerra a confirmação da antiga tese do Legionário sobre a ambígua relação que unia os dois inimigos-irmãos: a Alemanha nacional-socialista e a Rússia comunista. Apontava nestas relações um nexo que ia muito além de uma convergência de interesses políticos ou diplomáticos, mas tocava no fundo recôndito da grande questão do século XX: a luta mortal entre a Igreja Católica e os seus inimigos, animados por um ódio de morte em relação à Civilização Cristã. "Para nós, a opção é só esta: Cristo-Rei ou o Anti-Cristo. E para nós, o Anti-Cristo tanto é o nazismo quanto o comunismo" (128).

(128) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em revista, in O Legionário, n° 519 (23 de Agosto de 1942).

Quando, no início de 1944, o exército alemão é constrangido a retroceder e a derrota de Hitler se configura irreversível, Plínio Corrêa de Oliveira sublinha que, na impossibilidade de vencer, Hitler procurará aplanar o caminho para os soviéticos, mais do que para os ocidentais.

"Esse paladino do anti-comunismo prefere de tal maneira, como desfecho da guerra que não pode vencer, a expansão russa à expansão anglo-americana que, perdendo embora na Rússia zonas territoriais imensas, exércitos inteiros, prefere deixar que isto se dê, a retirar da zona ocidental os exércitos imobilizados na Europa ocupada à espera de uma segunda frente. Cada polegada que Hitler perde na Rússia, perde-a em parte para manter no Ocidente europeu as forças que retardam a abertura da segunda frente. Noutros termos, colocado entre dois adversarios, está nas mãos dele optar pelo avanço de um ou do outro. Optou pelo avanço dos comunistas, e por isso continua plenamente senhor do front ocidental em que tudo está tranquilo, e defende –palmo a palmo, é certo– o front oriental apenas na medida do que lhe é possivel. Retenhamos esta consequência: entre a Rússia e a coligação anglo-americana, Hitler prefere o avanço da primeira. Derrotado, procura influir na configuração do mundo de amanhã. É este o seu último crime" (129).

(129) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O santo do diabo", in O Legionário, n° 601 (13 de Fevereiro de 1944).

Com o prolongamento da guerra, a propaganda de esquerda procurou enfatizar em todo o mundo o papel anti-nazi de Estaline e da Rússia soviética, para apresentá-la como a "libertadora" da Europa Oriental. Plínio Corrêa de Oliveira observava que, enquanto os Aliados se debatiam no atoleiro italiano, a URSS ampliava a frente do Leste, aumentando a sua influência na Europa Central. Os nazis defendiam palmo a palmo a frente italiana, abandonando aos russos províncias inteiras na Europa Oriental. O nazismo "está a cometer a suprema traição de entregar a Europa lentamente aos bolchevistas" (130).

(130) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O discurso de Churchill", in O Legionário, n° 617 (4 de Junho de 1944).

Enquanto a esquadra naval russa avançava até à baía de Riga, nos confins da Prússia Oriental, Hitler, em Dezembro de 1944, lançou contra o Ocidente a ofensiva das Ardenas (131). Todas as reservas disponíveis foram transferidas para o Eifel, sem preocupar-se com o enfraquecimento da frente oriental. A 12 de Janeiro de 1945, a máquina bélica soviética derrotou o exército alemão entre o Memel e os Cárpatos, e em três semanas avançou até ao Oder (132).

(131) Quando o general Guderian avisou Hitler sobre os ameaçadores preparativos soviéticos no Vístula, o Führer recusou peremptóriamente a proposta de suspender a contra-ofensiva (Basil H. LIDDELL HART, "Storia militare della seconda guerra mondiale", tr. it. Mondadori, Milão, 1996, p. 997).

(132) Ibid., pp. 927-935.

"Enquanto prossegue a débacle nazi, –comentava o Prof. Plínio– insistimos em acentuar um aspecto importantíssimo das operações militares. Os nazis, fiéis como sempre à sua simpatia para com o comunismo, defendem muito menos a frente oriental que a frente ocidental ou a frente sul. Decorrem daí uma série de `triunfos' que para a galeria aumentam o prestígio soviético, enquanto os bravos soldados anglo-americanos vão avançando debaixo de metralha autêntica, no norte da França ou no centro da Itália" (133).

(133) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em revista, in O Legionário, n° 625 (30 de Julho de 1944).

Em Fevereiro de 1945, encontraram-se em Yalta Estaline, Roosevelt e Churchill. Invadido em duas frentes, o Terceiro Reich capitulou entre 7 e 8 de Maio, e Hitler suicidou-se no bunker de Berlim. Também o Japão, com as suas forças exaustas, após o lançamento, em Agosto, das duas bombas atómicas americanas sobre Hiroshima e Nagasaki, aceitou a capitulação.

A Segunda Guerra mundial durou exactamente seis anos, desde a invasão da Polónia, em 1 de Setembro de 1939, até à capitulação japonesa em 2 de Setembro de 1945. Neste período, combateu-se em todos os continentes, por terra, mar e ar. Como a Primeira Guerra mundial, também a Segunda foi uma guerra ideológica e revolucionária, cujo fim último, para além dos alinhamentos opostos, era, como tinha antecipado Plínio Corrêa de Oliveira, um violento ataque aos valores e às instituições cristãs.

"Esta guerra –insiste em 13 de Maio de 1945 o pensador brasileiro no Legionário– foi sobretudo uma luta ideológica, em que se procurou apertar entre as farpas de um terrível dilema a opinião católica: ou nazismo ou comunismo. Nossa Senhora, que 'esmagou todas as heresias no mundo inteiro', quis que no mês de Maria se quebrasse uma das pontas: morreu o nazismo. Devemos agora pedir-Lhe que quebre a outra ponta, e esmague o comunismo" (134).

(134) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Regina Pacis", in O Legionário, n° 666 (13 de Maio de 1945).

O antifascismo de Plínio Corrêa de Oliveira nada tinha de comum com o dos progressistas, que se foi consolidando nas pegadas dos Exércitos de Libertação (135). Perante a derrocada do nazismo, olhava já para o adversário seguinte, cuja enorme ameaça sobre o Ocidente percebia bem. A luta contra o comunismo, iniciada nos anos 30, passou a constituir a partir deste momento a nota dominante do seu apostolado.

(135) Sobre a continuidade existente entre fascismo e antifascismo progressista, cfr. Augusto DEL NOCE, "Fascismo e antifascismo. Errori della cultura", Leonardo, Milão, 1995. "O resultado da unidade antifascista, nos termos em que é proposta hoje - escrevia Del Noce em 1971 - não pode ser mais do que um fascismo às avessas, um fascismo dissociado da causa nacional. Encontrar-nos-íamos diante da perfeição do fascismo, como dissolução total" (ibid., p. 98).

Enquanto as tropas soviéticas avançavam em direcção a Berlim, escrevia o Prof. Corrêa de Oliveira: "Derrubado o odioso flagelo nazi, o objectivo consiste em extinguir o comunismo, e a esse objectivo deve-se sacrificar tudo, mas absolutamente tudo o que lógica e lícitamente se possa sacrificar" (136).

(136) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A grande missão", in O Legionário, n° 652 (4 de Fevereiro de 1945).

"A luta contra o comunismo –escreve em 10 de Março de 1946– deve ser mais rija, mais clara, mais irredutível do que nunca" (137). "O socialismo de hoje, –acrescenta alguns meses depois– como o nazismo ontem, como anteontem o liberalismo, ostenta mil faces, sorri com uma à Igreja, ameaça-a com outra, e discursa contra ela com outra ainda. Contra este novo socialismo, como outrora contra o liberalismo, a atitude dos católicos no mundo inteiro, mas sobretudo na Europa, só pode ser uma: combate decidido, franco, inflexível, destemido. O socialismo não é um animal selvagem, susceptível de ser domado e domesticado. E' um monstro apocalíptico, reunindo a falsidade da raposa à violência do tigre. Não nos esqueçamos disto, porque senão os factos acabarão por no-lo ensinar de modo muito doloroso..." (138).

(137) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O discurso do sr. Winston Churchill", in O Legionário, n° 709 (10 de Março de 1946).

(138) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A falsa alternativa", in O Legionário, n° 723 (16 de Junho de 1946).

Como Pio XII, o pensador brasileiro via no retorno à ordem natural e cristã negada pelo totalitarismo moderno o fundamento da reconstrução (139).

(139) A verdadeira paz, segundo Pio XII, não é o resultado de um puro equilíbrio de forças, mas "em seu último e mais profundo significado, uma acção moral e jurídica" (Radiomensagem ao mundo, de 24 de Dezembro de 1943, in IP, "La pace internazionale", cit., p. 398) que se pode obter somente "com os princípios e as normas ditadas por Cristo e colocadas em prática com sincera piedade" (Encíclica Summi maeroris, de 19 de Julho de 1950, in IP, "La pace internazionale", cit., p. 542).

Entretanto, através dos tratados de paz, a Europa voltava ao equilíbrio contraditório de Versalhes. "Raras vezes na história mundial –segundo Pio XII– a espada havia traçado uma linha de divisão tão nítida entre vencedores e vencidos" (140).

(140) Pio XII, Alocução ao Sacro Colégio de 24 de Dezembro de 1946, in IP , "La pace internazionale", cit., p. 463.

Uma Cortina de Ferro, segundo a expressão de Churchill, doravante cindia o continente de norte a sul. A Europa que nascia tinha, assim, tomado um rumo bem diverso do desejado pelo Papa e pela Igreja Romana.

11. A comédia alimentar da ONU

Em 1945, depois da Conferência de Yalta, foi aprovado o estatuto das Nações Unidas, nova organização internacional que deveria substituir a Liga das Nações. Desde o início, Plínio Corrêa de Oliveira previu que ela estava destinada a fracassar pelas mesmas razões que levaram à falência a Sociedade das Nações (141).

(141) Sobre a falência da ONU, sobretudo no que diz respeito à impotência para fazer frente aos crimes de guerra e aos genocídios modernos, cfr. Yves TERNON in "L'Etat criminel. Les Génocides au XX siècle" (Seuil, Paris, 1995), que oferece um quadro impressionante dos grandes extermínios em massa ocorridos no nosso século, do genocídio dos judeus ao dos arménios, dos cambodjanos aos povos dominados pelos soviéticos.

"A Organização da Nações Unidas está fadada ao insucesso, por causa do seu laicismo. (...)

"Só com a `ideia de Deus' nada se faz. Primeiramente, porque Deus não é uma ficção, mas uma realidade, o Ser absoluto. Em segundo lugar, porque desde sempre os povos creram em Deus, ou ao menos em deuses, e nem por isso deixou de haver guerra. É no Cristianismo, que se deve encontrar o remédio. E Cristianismo significa Catolicismo.

"Se a ONU fosse constituída à sombra do Papado, sob a presidência do Vigário de Cristo, por povos cristãos, então a ordem universal não seria uma quimera. Mas nem todos os povos da ONU são cristãos, nem todos os povos cristãos são católicos. Nem todos os povos católicos são dirigidos por governos católicos, e nem é possível que num ambiente destes o Vigário de Cristo exerça uma influência eficaz.

"Nestas condições, o fracasso é inevitável. Já está, no cemitério da História, a defunta Liga das Nações. Ao lado dela, já está aberta outra campa: é para a Organização das Nações Unidas" (142).

(142) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em revista, in O Legionário, n° 762 (16 de Março de 1947). "A ONU ignorou pura e simplesmente a existência do Papado. Repudiou, pois, a única coluna sobre a qual se pode organizar normalmente o Direito Internacional. E fracassou como a Liga das Nações, pela mesma razão por que a Liga das Nações fracassou" (id., "Um ano em revista. A consolidação das instituições democráticas. A paz no mundo", in O Legionário, n° 752 (5 de Janeiro de 1947). Sobre a ONU cfr. também id., "A comédia da O.N. U.", in O Legionário, n° 704 (3 de Fevereiro de 1946).

12. O Islão à conquista da Europa?

Numa hora histórica em que a sombra do Islão se projecta ameaçadoramente sobre a Europa, outra previsão de Plínio Corrêa de Oliveira merece ser recordada (143). A imigração muçulmana, cada vez mais maciça, tem, neste fim de século, um significado simultaneamente religioso e político, dado o estreito nexo que, na religião de Maomé, liga estas duas realidades. Esta perspectiva totalizante tornou-se mais insidiosa pelo facto de o Islão ser uma religião sem dogmas nem magistério, sem igreja nem hierarquia, capaz de adaptar-se de modo proteiforme à realidade social em que se implanta. Plínio Corrêa de Oliveira previu no Legionário, desde os anos 40, a possibilidade deste perigo que hoje está patente.

(143) Cfr. Felice DASSETO - Albert BASTENIER, "Europa: nuova frontiera dell'Islam?", Edizioni Lavoro, Roma, 1988. Sobre a natureza ideológica do islamismo cfr. Stefano NITOGLIA, "Islam. Anatomia di una setta", Effedieffe, Milão, 1994.

Enquanto os olhos dos observadores políticos se concentravam no que acontecia na Europa, lançava ele o seu olhar em direcção ao Oriente onde, em torno do Islão, entrevia os germes da "constituição de um outro vasto bloco político e ideológico oriental anticatólico" (144). "O perigo muçulmano é imenso" (145), escrevia em 1943, e no ano seguinte afirmava: "o problema muçulmano vai constituir uma das mais graves questões religiosas dos nossos dias, depois da guerra" (146).

"O mundo muçulmano possui recursos naturais indispensáveis ao suprimento da Europa. Ele terá em mãos os meios necessários para perturbar ou paralisar a qualquer momento o ritmo de toda a economia europeia" (147).

"Enquanto uma grande e gloriosa nação católica como a Itália sofre assim da circulação das toxinas comunistas em todo o seu organismo, os muçulmanos estruturam-se cada vez mais fortemente (148).

"A Liga Árabe, uma confederação vastíssima de povos muçulmanos, une hoje todo o mundo maometano. É às avessas do que foi na Idade Média a Cristandade. A Liga Árabe age como um vasto bloco, perante as nações não árabes, e fomenta por todo o norte da África a insurreição"(149).

(144) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Neopaganismo", in O Legionário, n° 574 (8 de Agosto de 1943).

(145) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Questão Libanesa", in O Legionário, n° 591 (5 de Dezembro de 1943). "Nos dias de hoje, com homens, armas e dinheiro, tudo se faz. Dinheiro e homens, o mundo muçulmano os possui à vontade. Adquirir armas, não será difícil... e, com isto, ficará uma potência imensa em todo o Oriente, activa, aguerrida, cônscia das suas tradições, inimiga do Ocidente, tão armada quanto ele, que dentro de algum tempo poderá ser absolutamente tão influente quanto o mundo amarelo" (ibid).

(146) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 604 (5 de Março de 1944).

(147) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 635 (8 de Outubro de 1944).

(148) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, 7 dias em Revista, in O Legionário, n° 728 (21 de Julho de 1946).

(149) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Mahome renasce", in O Legionário, n° 775 (15 de Junho de 1947). Sobre o problema islâmico cfr. também Juan Gonzalo LARRAIN CAMPBELL, "Uma coisa é ter vista, outra é visão", in Catolicismo, n° 478 (Outubro de 1990), pp. 11-12; id., "Vinte milhões de Maometanos invadem a Europa", in Catolicismo, n° 524 (Agosto de 1994), pp. 20-22.

13. "0 Legionário nasceu para lutar"

"O Legionário nasceu para lutar" (150).

(150) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "365 dias em revista", in O Legionário, n° 595 (1 de Janeiro de 1944).

De 1933 a 1947, a voz corajosa e frequentemente solitária do Legionário, dirigido por Plínio Corrêa de Oliveira, levantou bem alto a bandeira da Igreja e da Civilização Cristã contra o totalitarismo moderno em todas as suas expressões e variantes. Assim resumiu ele a posição da revista:

"Antes de tudo, amamos sempre o Pontífice Romano. Não houve uma palavra do Papa, que não publicássemos, que não explicássemos, que não defendessemos. Não houve um interesse da Santa Sé, que não reivindicássemos com o maior ardor. Nas nossas palavras, graças a Deus, nenhum conceito, nenhum matiz, que destoasse do Magistério de Pedro numa só virgula, numa só linha sequer. Fomos em toda a linha os homens da Hierarquia, cujas prerrogativas defendemos com ardor estrénuo, contra as doutrinas, que pretendem arrancar ao Episcopado e ao Clero a direcção do laicato católico. Não houve equívocos, nem confusões, nem tempestades que conseguissem deixar no nosso estandarte a mais leve mácula neste ponto. Defendemos em toda a linha o espírito de selecção, de formação interior, de mortificação e de ruptura com as ignomínias do século. Lutamos pela doutrina da Igreja contra os excessos torvos do nacionalismo estatolátrico que dominou a Europa; contra o nazismo, o fascismo e todas as suas variantes; contra o liberalismo, o socialismo, o comunismo e a famosa politique de la main tendue. Ninguém se ergueu em nenhuma parte do mundo contra a Igreja de Deus, que o Legionário (...) não protestasse. Ao mesmo tempo, nunca perdemos de vista a obrigação de alimentar de todos os modos a devoção a Nossa Senhora, e ao Santíssimo Sacramento. Não houve uma só iniciativa católica genuína, que não tivesse todo o nosso entusiástico apoio. Nunca a estas portas bateu quem tivesse em mira apenas a maior glória de Deus, sem encontrar colunas amigas e acolhedoras. Há nesta vida um bom combate a combater. Estamos extenuados, sangramos por todos os membros. Foi nesse combate que nos cansamos, que nos ferimos. Em compensação, não ousamos pedir como prémio senão o perdão de tudo quanto inevitavelmente tenha havido de falível e de humano nesta obra que deveria ser toda para Deus, só para Deus" (151).

(151) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "17 anos", in O Legionário, n° 616 (28 de Maio de 1944).

Dez anos antes de ter estourado a guerra, numa carta a um amigo, Plínio Corrêa de Oliveira escrevera:

"Cada vez mais se acentua em mim a impressão de que estamos no vestíbulo de uma época cheia de sofrimentos e lutas. Por toda a parte, o sofrimento da Igreja se torna mais intenso, e a luta se aproxima mais. Tenho a impressão de que as nuvens do horizonte político estão a baixar. Não tarda a tempestade, que deverá ter uma guerra mundial como simples prefácio. Mas esta guerra espalhará pelo mundo inteiro uma tal confusão, que as revoluções surgirão em todos os cantos, e a putrefacção do triste \`século XX' atingirá o seu auge. Aí,

então, surgirão as forças do mal que, como os vermes, somente aparecem nos momentos em que a putrefacção culmina. Todo o `bas fond' da sociedade subirá à tona, e a Igreja será perseguida por toda a parte. Mas ... `et ego dico tibi quia tu es Petrus, et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam, et portae inferi non praevalebunt adversus Eam'. Como consequência, ou teremos 'un nouveau Moyen Age' ou teremos o fim do mundo" (152).

(152) Cit. in J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. II, p. 181.

Capítulo III

"Esta é a nossa finalidade, o nosso grande ideal.
Caminhamos para a civilização católica
que poderá nascer dos escombros do mundo moderno,
como dos escombros do mundo romano
nasceu a civilização medieval"

EM DEFESA DA ACÇÃO CATÓLICA

1. Pio XI e a Acção Católica

As origens da Acção Católica remontam, em sentido lato, aos anos tempestuosos transcorridos entre a Revolução Francesa e a Restauração, nos quais, perante os crescentes ataques à Igreja e à Civilização Cristã, se tornou cada vez mais premente a necessidade de organizar o laicato católico. Ao ex-jesuíta Nikolaus Albert von Diessbach (1) e ao seu discípulo Pio Brunone Lanteri (2) deve-se a constituição da Amicizia Cristiana e depois da Amicizia Cattolica, as quais integraram o grande apostolado dos leigos católicos dos séculos XIX e XX (3).

(1) Sobre o Padre Nikolaus Albert Joseph von Diessbach (1732-1798) e sobre as Amicizie, cfr. Candido BONA I.M.C., "Le `Amicizie', società segrete e rinascita religiosa (1770-1830)", Deputazione Subalpina di Storia Patria, Turim, 1962; R. DE MATTEI, "Idealità e dottrine delle `Amicizie'", Biblioteca Romana, Roma, 1980.

(2) Sobre Pio Brunone Lanieri (1759-1830), declarado venerável em 1967, além das obras citadas na nota precedente, cfr. R. DE MATTEI, "Introduzione a Direttorio e altri scritti del venerabile P B. Lanteri", Cantagalli, Siena, 1975; Paolo CALLIARI, O.M.V., "Servire la Chiesa. Il venerabile Pio Brunone Lanteri (1759-1830)", Lanteriana-Krinon, Caltanisetta, 1989. Mons. Francesco OLGIATI indicava Pio Brunone Lanteri como "um dos símbolos mais eloquentes do apostolado in generi e da Acção Católica in specie" (Prefácio de lcilio FELICI, `Una bandiera mai ripiegata. Pio Brunone Lanieri, fondatore dei Padri Oblati di Maria Vergine, precursore dell'Azione Cattolica", Tip. Alzani, Pinerolo, 1950, p. 6). Sobre as Amicizie de Diessbach e Lanteri o prof. Fernando FURQUIM DE ALMEIDA dedicou importante série de artigos em Catolicismo.

(3) Para um quadro do apostolado leigo no último século, cfr. Silvio TRAMONTIN, "Un secolo di storia della Chiesa. Da Leone XIII al Concilio Vaticano II, Studium, Roma, 1980, vol. II, pp. 1-54.

Sob o pontificado de Pio IX foram instituídas várias associações leigas para combater o processo de descristianização da sociedade; o Piusverein na Suíça, o Katholischenverein na Alemanha, a Asociación de Laicos na Espanha, a Union Catholique na Bélgica, a Ligue Catholique pour la Défense de l'Église na França, a Catholic Union na Inglaterra, a Opera dei Congressi na Itália. Mas o grande promotor da Acção Católica foi São Pio X (4) que, na Encíclica Il Fermo Proposito (5) e na Carta Apostólica Notre Charge Apostolique (6), indicou com clareza os princípios e os objectivos, condenando o modernismo político e social,

representado na França pelo Sillon de Marc Sangnier (7) e na Itália pela "Democracia-Cristã de Romolo Murri (8).

(4) Assim o define Pio XII na Alocução para a sua beatificação de 3 de Junho de 1951, in DR, vol. XIII, p. 134.

(5) S. Pio X, Encíclica Il fermo proposito de 11 de Junho de 1905, cit.

(6) S. Pio X, Carta Notre Charge Apostolique, de 25 de Agosto de 1910, in IP, vol. VI, "La pace interna delle nazioni", cit., pp. 268-298 e in Lepanto, n° 96-97 (Março-Abril de 1990).

(7) Sobre o Sillon de Marc Sangnier (1873-1950), cfr. as obras do P. Emmanuel BARBIER, "Les démocrates chrétiens et le modernisme", Lethielleux, Paris, 1908, pp. 358-392; id., "Le devoir politique des catholiques", Jouve, Paris, 1909.

(8) Sobre Romolo Muni (1870-1944), cfr. Maurilio GUASCO, "Romolo Murri. Tra la `Cultura Sociale' e il `Domani d'Italia' (1898-1906)", Studium, Roma, 1988; Benedetto MARCUCCI, "Romolo Murri. La scelta radicale", Marsilio, Veneza, 1994.

Depois do breve pontificado de Bento XV, foi eleito Papa, em 6 de Fevereiro de 1922, com o nome de Pio XI, o Cardeal Achille Ratti, ex-Prefeito da Biblioteca Vaticana, que poucos meses antes do Conclave assumira o Arcebispado de Milão. Foi ele quem comunicou à Acção Católica a sua fisionomia jurídica e o seu prestígio na Igreja.

Desde a sua primeira Encíclica Ubi Arcano Dei, Pio XI tinha querido estimular a "santa batalha" daquele "complexo de iniciativas, de instituições e de obras que levam o nome de Acção Católica" (9). Na Encíclica Quas Primas (10), de 11 de Dezembro de 1925, Pio XI tinha exposto o fundamento escriturístico, litúrgico e teológico do Reino social de Jesus Cristo, afirmando que "erraria gravemente quem subtraísse a Cristo-Homem o seu poder sobre todas as coisas temporais" (11) porque, como já havia afirmado Leão XIII (12), "todo o género humano está sob o poder de Jesus Cristo". O Papa denunciava ainda como "a peste da nossa época", o assim chamado "laicismo com os seus erros e os seus ímpios incentivos" (13).

(9) "Dizei aos vossos irmãos no laicato –escrevia o Papa– que quando eles, unidos aos seus Sacerdotes e aos seus Bispos, participam nas obras de apostolado individual e social, a fim de fazer conhecer e amar Jesus Cristo, então mais do que nunca eles são o genus electum, o regale sacerdotium, a gens sancta, o povo de Deus que São Pedro exalta" (Pio XI, Encíclica Ubi arcano, de 23 de dezembro de 1922, in IP, "Il laicato", vol. IV (1958), p. 274). Entre os numerosos textos de Pio XI referentes à Acção Católica, recordamos a carta ao Cardeal Bertram, Arcebispo de Breslaw (1928), a dirigida ao Primaz da Espanha (1929), a enviada ao Arcebispo de Malines (1929), a endereçada ao Episcopado mexicano (1937). Na bibliografia, vejam-se as duas documentadas teses de doutoramento de Walter Scheier, "Laientum und Hierarchie, ihre theologischen Beziehungen unter besonderer Berücksichtigung des Lehramtes unter Pius XI und Pius XII", Pontificium Atheneum Internationale Angelicum, Freiburg im Breisgau, 1964; Jean-Guy DUBUC, "Les relations entre hiérarchie et laicat dans l'apostolat chez Pie XI et Pie XII", Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1967.

(10) Pio XI, Encíclica Quas Primas de 11 de Dezembro de 1925, in IP, vol. VI, "La pace interna delle nazioni", cit., pp. 330-351.

(11) Ibid., p. 339.

(12) Leão XIII, Encíclica Annum Sacrum de 25 de Maio de 1899, in IP, vol. I, "Le fonti della vita spirituale", cit., p. 191.

(13) Ibid., p. 349.

A sua visão da História era análoga à dos seus predecessores:

"Sabeis –afirmava– que tal impiedade não amadureceu num único dia, mas há muito tempo estava incubada nas vísceras da sociedade. Na verdade, começou-se por negar o império de Cristo sobre todos os povos: negou-se à Igreja o direito - que emana do direito de Jesus Cristo - de ensinar os povos, de fazer leis, de governar os povos para os conduzir à eterna felicidade. E pouco a pouco a religião cristã foi igualada a outras religiões falsas e indecorosamente rebaixada ao nível destas; em conseqüência, foi submetida ao poder civil e foi deixada quase ao arbítrio dos príncipes e magistrados; indo mais além, houve quem pensasse substituir por certo sentimento religioso natural a religião de Cristo. Não faltavam Estados os quais julgaram poder dispensar-se de Deus, pondo a sua religião na irreligião e no desprezo do próprio Deus" (14).

(14) Ibid., pp. 343-344.

Pio XI confiava aos católicos a tarefa de recristianizar a sociedade, estendendo e incrementando o Reino de Cristo, e para este fim introduziu a festa litúrgica de Cristo Rei, a ser celebrada anualmente no último domingo do mês de Outubro. "A celebração desta festa –afirmava– constituirá também uma admoestação para as nações, de que o dever de venerar publicamente Cristo e de Lhe prestar obediência, diz respeito não só aos particulares, mas também aos magistrados e aos governantes" (15).

(15) Pio XI, Encíclica Quas Primas, cit., p. 343.

2. A "nova Cristandade" de Jacques Maritain

A obra de Jacques Maritain (16), "Humanismo integral" (17), publicada em 1936, foi o manifesto de uma nova filosofia da História e da Sociedade e oferecia as bases para uma evolução da Acção Católica no sentido oposto ao programa traçado por Pio XI na Quas Primas.

(16) Jacques Maritain nasceu em Paris em 1882 e morreu em Toulouse em 1973. Discípulo do filósofo Henri Bergson, converteu-se ao Catolicismo em 1906, juntamente com a esposa Raïssa, judia de origem russa. Depois de se ter aproximado da Action Française, separou-se de Maurras, aparecendo como o novo maître à penser do mundo católico. Depois de ter passado o período da guerra na América, foi nomeado embaixador de França junto à Santa Sé (1944-1948), para em seguida voltar à América como professor na Universidade de Princeton. Foi a Maritain que Paulo VI dirigiu a "mensagem aos intelectuais" na conclusão do Concilio Vaticano II.

(17) Jacques MARITAIN, "Humanisme intégral. Problèmes temporels et spirituels d'une nouvelle chrétienté", Aubier-Montaigne, Paris, 1936, actualmente in Jacques e Raïssa MARITAIN, "Oeuvres complètes", Editions Universitaires, Friburgo, 1984, vol. VI, pp. 293-642. A obra é a compilação de uma série de conferências proferidas em Agosto de 1934 na Universidade de Santander. Louis SALLERON, na Revue Hebdomadaire de 22 de agosto de 1936, ("Après l'Humanisme intégral? M. Jacques Maritain, marxiste chrétien", in L'Ordre Français, n° 176, Dezembro de 1973, pp. 11-24), desde 1936 denunciava lucidamente como "puramente marxista" a dialéctica de Maritain (ibid., p. 21). Entre os numerosos artigos sobre Maritain de Plínio Corrêa de Oliveira, cfr. "**Maritain e o dogma da sua infalibilidade**", in O Legionário, n° 190 (28 de Novembro de 1943). Para uma análise crítica do pensamento do filósofo francês, cfr. ademais Julio MEINVIELLE, "De Lamennais a Maritain", Theoria, Buenos Aires, 1967 (1945); Leopoldo PALACIOS, "El mito de la nueva cristianidad", Speiro, Madrid, 1952; Rafael GAMBRA CIUDAD, "Maritain y Teilhard de Chardin", Speiro, Madrid, 1969; e os importantes artigos de Civiltà Cattolica do Padre Antonio MESSINEO, S.J.: "Evoluzione storica e messaggio cristiano", n° 102 (1951), pp. 253-263; "Laicismo politico e dottrina cattolica", n° 103 (1952), pp. 18-28; "L'uomo e lo stato", n° 105 (1954), pp. 663-669; "Umanesimo integrale", n° 107 (1956), pp. 449-463, traduzidos com o título "O humanismo integral", nos números 75 (Março de 1957), 76 (abril de 1957), 77 (Maio de 1957) de Catolicismo.

Com efeito, Maritain quis substituir a Civilização Cristã sacral pelo "ideal histórico concreto de uma nova cristandade" (18), uma civitas humana profana, entendida como "um regime temporal ou uma era da civilização cuja forma inspiradora seria cristã e que corresponderia ao clima histórico dos tempos em que entramos" (19). Na base da sua Filosofia da História, que procura uma hipotética "terceira posição" entre "o ideal medieval e o ideal liberal" (20), encontra-se a tese determinista da irreversibilidade do mundo moderno e o postulado marxista do "papel histórico do proletariado" (21).

(18) J. MARITAIN, "Humanisme intégral", cit., pp. 437-526.

(19) Ibid., p. 442.

(20) Ibid., p. 495.

(21) Ibid., pp. 552-554.

Em última análise, o humanismo integral faz seus os princípios da Revolução Francesa, condenados pelo Magistério Pontifício e destinados a infiltrar-se nos ambientes católicos de forma maciça, com toda a vantagem para o socialismo e o "progressismo". A obra do filósofo francês, como observa António Carlos Villaça, "teve enorme repercussão no pensamento católico do Brasil. Foi um divisor de águas. Separou profundamente. Suscitou divergências terríveis. A partir daí o pensamento católico brasileiro diversifica-se: os maritainianos e os antimaritainianos" (22).

(22) A. C. VILLAÇA, "O pensamento católico no Brasil", cit., p. 14.

Apesar da adesão declarada de Maritain ao tomismo, a sua filosofia da história e a sua sociologia convergiam com o neo-modernismo que despontava entre jovens jesuítas e dominicanos. Sacerdotes, como Yves Congar, desde então convenceram-se de que a sua geração deveria "recuperar e transferir para o património da Igreja qualquer elemento de certo valor que pudesse emergir de uma aproximação com o modernismo" (23).

(23) Aidan NICHOLS, "Yves Congar", tr. it. Ed. Paoline, Cinisello Balsamo, 1991, p. 12. O dominicano Yves Congar (1904-1995), aluno do Padre Marie-Dominique Chenu, foi um dos expoentes da "Nouvelle Théologie". Definido como "pai e inspirador do Vaticano II" (Bruno FORTE, Avvenire, 23 de Junho de 1996), foi revestido da púrpura cardinalícia, em Novembro de 1994, por João Paulo II. Cfr. Marie Dominique CHENU, "Une école de théologie. Le Saulchoir", Editions du Cerf, Paris, 1985 (1ª ed. Tournai 1937).

A Acção Católica foi, com o "movimento litúrgico", o sector privilegiado pela infiltração do modernismo, sobretudo político e social (24), que eclodiu, depois de uma surda incubação, no início dos anos 30.

(24) Sobre o modernismo, cfr. Cornelio FABRO, verbete "Modernismo", in EC, vol. VIII (1952), col. 1187-1196; Ramon GARCÍA DE HARO, "Historia teológica del modernismo", Universidade de Navarra, Pamplona, 1972 e, entre as obras favoráveis ao movimento: Emile POULAT, "Histoire, dogme et critique dans la crise moderniste", Casterman, Paris, 1962; Bernard M. G. REARDON, "Roman Catholic Modernism", Stanford University Press, Londres, 1970; Thomas Leslie LOOME, "Liberal Catholicism, Reform Catholicism, Modernism. A contribution to a New Orientation on Modernist Research", Matthias Grünewald Verlag, Mainz, 1979; Gabriel DALY, O.S.A., "Trancendence and Immanence. A study in Catholic Modernism and Integralism", Clarendon Press, Oxford, 1980.

3. O "movimento litúrgico"

O "movimento litúrgico" do século XX aparece-nos mais como um desvio do que como um desenvolvimento daquele outro movimento litúrgico promovido no século precedente pelo abade de Solesmes, D. Prosper Guéranger (25). Este entendia a renovação da vida monástica como um retorno à antiga liturgia romana tradicional, depois das devastações operadas pelo protestantismo e, no seio da própria Igreja Católica, pelo galicanismo e pelo jansenismo. O "movimento litúrgico" (26), que se iniciou na Bélgica (27) e teve o seu principal ponto de referência na abadia alemã de Maria Laach (28), foi, pelo contrário, entendido como uma "irrupção dos leigos na participação activa na vida da Igreja" (29).

(25) Sobre Dom Prosper Guéranger (1805-1875) restaurador da vida monástica em França, cfr. D. Paul DELATTE O.S.B., "Dom Guéranger, Abbé de Solesmes", Plon-Nourrit, Paris, 1909, 2 vol. (2a. ed.) e recentemente Cuthbert JOHNSON O.S.B., "Prosper Guéranger (1805-1875): a liturgical theologian", Pontificio Ateneo S. Anselmo, Roma, 1984. Cfr. também F. FURQUIM DE ALMEIDA, "D. Guéranger, um douto na Lei Divina", in Catolicismo, n° 66 (Junho de 1956) e os verbetes de B. HEURTEBIZE, in DTC, vol. VI (1920), col. 1894-1898 e de Jacques HOURLIER, in DSp, vol. VI (1967), col. 1097-1106.

(26) Sobre o "movimento litúrgico", cfr. Olivier ROUSSEAU, "Histoire du mouvement liturgique", Ed. du Cerf, Paris, 1944; Didier BONNETERRE, "Le Mouvement liturgique", Editions Fideliter, Escurolles 1980; B. NEUNHEUSER, "Movimento liturgico, in "Nuovo Dizionario di

liturgia", D. SARTORE - A.M. TRIACCA, Edizioni Paoline, Roma, 1984; Aa. Vv., "Liturgia: temi e autori. Saggi di studio sul movimento liturgico", de Franco BROVELLI, Edizioni Liturgiche, Roma, 1990. Obras como "Das christliche Kultmysterium" (1932) de D. Odo CASEL; "Vom Geist der Liturgie" (1918), "Liturgische Bildung" (1923), "Die Sinne und die religiöse Erkenntis" (1950) de Romano GUARDINI; "Liturgie und Persönlichkeit" (1933) de Dietrich von HILDEBRAND constituíram os pontos de referência do movimento.

(27) No congresso das associações católicas inaugurado em Malines em 1909 pelo Cardeal Mercier, D. Lambert Beauduin (1873-1960), beneditino de Mont César, tinha sido o primeiro a sustentar uma nova visão horizontal e "comunitária" da liturgia (B. FISCHER, "Das `Mechelner Ereignis'" de 23.9.1909, in Liturgisches Jahrbuch, 9 (1959), pp. 203-219). Foi ele também um dos principais pioneiros do "movimento ecuménico".

(28) Na abadia de Maria Laach, reencontram-se unidos o Abade Herwegen e os seus monges K. Mohlberg e O. Casel, com o jovem Sacerdote ítalo-alemão R. Guardini e os professores J. Dülger e A. Baumstark. Pelo seu impulso, em 1918, tiveram início as três colecções Ecclesia Orans, Liturgiegeschichtliche Quellen, Liturgiegeschichtliche Forschungen.

(29) Erwin ISERLOH, "Il Movimento liturgico" in HKG, tr. it. vol. X/1 (Milão, 1980), p. 237.

Os reformadores tendiam a suprimir a substancial diferença entre o sacerdócio sacramental dos padres e o sacerdócio comum dos leigos, propondo uma visão igualitária e democrática da Igreja. Insinuavam a ideia de uma "concelebração" do sacerdote com o povo (30); sustentavam que se devia "participar" activamente na Missa, dialogando com o sacerdote, com exclusão de qualquer outra forma de legítima assistência ao Santo Sacrifício, como a meditação, o terço ou outras orações privadas; propugnavam a redução do altar a uma mesa; consideravam a comunhão "extra missam", as visitas ao Santíssimo Sacramento, a adoração perpétua, como formas extra-litúrgicas de piedade; manifestavam escassa consideração pelas devoções ao Sagrado Coração, a Nossa Senhora, aos Santos e, de modo geral, pela espiritualidade inaciana e pela doutrina moral de Santo Afonso de Ligório. Tratava-se, numa palavra, de uma "re-interpretação" da doutrina e da estrutura da Igreja, com o fim de as adaptar ao espírito moderno.

(30) Tal princípio, condenado pelo Concilio de Trento (sessão 23, cap. 4, in Denz.-H, n° 1767) foi novamente proscrito por Pio XII (Encíclica Mediator Dei, in AAS, vol. 39, p. 556).

O P. Ariovaldo José da Silva, que traçou uma documentada história do "movimento litúrgico" no Brasil, fixou a data oficial do seu aparecimento em 1933 (31). Naquele ano, um monge beneditino procedente da Alemanha, D. Martinho Michler (32), encarregado de leccionar um curso de liturgia no Instituto Católico de Estudos Superiores, despertou, com as suas aulas, o entusiasmo de alguns estudantes brasileiros (33). Formou-se, no seio da Acção Universitária Católica (AUC) um Centro de Liturgia, cujos trabalhos se inauguraram com um retiro para dezasseis jovens, promovido pelo Sacerdote beneditino numa fazenda do interior do Estado do Rio. Foi aí que, a 11 de Julho de 1933, se celebrou a primeira missa dialogada e versus populum, no Brasil (34). Desde então, D. Martinho Michler começou a dialogar a missa semanalmente com os universitários, no Mosteiro de São Bento, no Rio. "Iniciava-se, assim, o Movimento Litúrgico no Brasil" (35).

(31) José Ariovaldo DA SILVA, O.F.M., "O Movimento litúrgico no Brasil", Editora Vozes, Petrópolis, 1983. Cfr. também D. Clemente ISNARD, O.S.B., "Reminiscências para a História do Movimento Litúrgico no Brasil", apêndice in B. BOTTE, O.S.B., "O Movimento Litúrgico. Testemunho e recordações", Edições Paulinas, São Paulo, 1978, pp. 208-209.

(32) Dom Martinho Michler (1901-1969), foi beneditino em Neusheim, Maria Laach e Santo Anselmo em Roma, recebendo a influência, além de Romano Guardini, de D. Beauduin e de Odo Casel Cfr. d. C. ISNARD O.S.B., "O papel de D. Martinho Michler no Movimento Católico Brasileiro", in A Ordem, n° 36 (Dezembro de 1946), pp. 535-545.

(33) Alceu Amoroso Lima, que confirmou muito dever à influência de Michler (A. AMOROSO LIMA, "Memórias improvisadas", Ed. Vozes, Petropólis 1973, p. 205), aí viu "uma

grande luz para todos" (id., "Hitler e Guardini", in A Ordem, n° 36 (de Dezembro de 1946), p. 550). A esta influência não se subtraiu outro intelectual católico brasileiro, Gustavo Corção, que na sua obra autobiográfica "A Descoberta do Outro" (1944), segundo o Padre José Silva "deixa transparecer a nítida influência das ideias vitalistas de D. Martinho Michler" (J. A. DA SILVA, O.F.M., "O Movimento litúrgico no Brasil", cit., p. 48; cfr. também A. C. VILLAÇA, "O pensamento católico no Brasil", cit., pp. 144-145).

(34) J. A. DA SILVA, O.F.M., "O Movimento litúrgico no Brasil", cit., pp. 41-42; d. C. ISNARD, O.S.B., "O papel", cit., pp. 535-539, que recorda: "Na sala principal ele preparou um altar para a celebração da missa. Mas, para grande surpresa nossa, em vez de encostar a mesa à parede, colocou-a no centro da sala e dispôs um semicírculo de cadeiras, dizendo que ia celebrar de frente para nós. Foi a primeira missa celebrada de frente para o povo no Brasil!" ("Reminiscências", cit., p. 218). "Dom Martinho fez tudo isso com naturalidade, mas naquele momento ele consumava uma revolução dentro de nós, quebrava um tabu, e nos obrigava a segui-lo noutros passos que nos faria dar" (ibid.).

(35) J. A. DA SILVA, O.F.M., "O Movimento litúrgico no Brasil", cit., p. 43.

4. A Acção Católica na encruzilhada

Em carta dirigida em 27 de Outubro de 1935 ao Cardeal Leme e aos Bispos brasileiros, Pio XI expressava o seu desejo de que, também no Brasil, fosse constituída a Acção Católica (36). A Acção Católica Brasileira foi fundada nesse mesmo ano, com o objectivo de efectuar um apostolado "para a difusão e a actuação dos princípios católicos na vida individual, familiar e social" (37). A sua função era a de coordenar todas as associações e obras canónicas já existentes no país, submetendo-as a uma única orientação. Segundo os seus estatutos, ela deveria colocar-se sob a dependência imediata da hierarquia eclesiástica, actuando fora de qualquer organização partidária. Em 4 de Abril de 1937, a Acção Católica foi solenemente instalada na arquidiocese do Rio de Janeiro e Alceu Amoroso Lima, mais conhecido com o pseudónimo de Tristão de Athayde (38), foi nomeado primeiro presidente nacional, sendo a direcção efectiva confiada a uma comissão episcopal composta de cinco membros. O modelo era o italiano, que via as dioceses como núcleos relativamente autónomos dentro das organizações e reagrupava os associados segundo critérios de idade e sexo (39).

(36) Cfr. A Ordem XVI (Janeiro de 1936) pp. 5-11.

(37) M. KORNIS, D. FLAKSMAN, "Acção católica Brasileira (ACB)", in DHBB, vol. I, p. 11.

(38) Alceu Amoroso Lima, conhecido com o pseudónimo literário de Tristão de Athayde, nasceu no Rio de Janeiro em 11 de Dezembro de 1893 e morreu em Petrópolis em 14 de Agosto de 1983. Na sua formação intelectual tiveram profundo papel o evolucionismo de Silvio Romero, o idealismo de Benedetto Croce e o vitalismo de Henri Bergson, a cujas aulas assistiu, em 1913, em Paris. Em 1928 converteu-se ao catolicismo, sob a influência do pensador católico Jackson de Figueiredo e por ocasião da morte deste último sucedeu-lhe como director do Centro D. Vital e da revista A Ordem, dando início a uma nova fase da sua vida, que o viu estreito colaborador do Cardeal Leme, secretário-geral da Liga Eleitoral Católica (1932), primeiro presidente da Acção Católica Brasileira (1935-1945). Sob a influência de Maritain, porém, iniciou uma revisão dos seus princípios filosóficos e políticos a qual o levou a retornar às concepções liberais anteriores à conversão. Nesta perspectiva ideológica, promoveu a organização do Partido Democrata Cristão (PDC) de que redigiu o manifesto, participando em 1949 do assim chamado "Movimento de Montevideu", que tinha o objectivo de organizar a Democracia Cristã em toda a América Latina. Saudou com entusiasmo o Concilio Vaticano II, aceitando a influência das novas tendências do progressismo católico. Para uma análise do confuso e contraditório itinerário intelectual de Amoroso Lima cfr. Cunha Alvarenga (José DE AZEREDO SANTOS), "História das variações do sr. Tristão de Athayde", in Catolicismo, n° 43 (Julho de 1954).

(39) Requisitos necessários definidos nos Estatutos para os militantes da A.C. eram "vida exemplar", observar a "prática dos sacramentos" e aderir aos "programas da ACB e da respectiva organização".

No Brasil já existia, nessa altura, um movimento católico poderoso e organizado, que tinha à sua frente as florescentes Congregações Marianas, nas quais se destacava o jovem Plínio Corrêa de Oliveira. A criação da Acção Católica não foi isenta de problemas, por causa de certo reordenamento estrutural que fatalmente provocou. Ultrapassando as intenções do Pontífice, declarou-se, de facto, uma tendência para absorver na nova estrutura todas as organizações pré-existentes. Os problemas não nasciam apenas de oposições estruturais, mas também do risco de que movimentos de antiga tradição e indiscutível raiz perdessem ou diluíssem a sua específica identidade. Além disso, a Acção Católica, no Brasil como em muitos outros países em que se havia implantado, mostrava-se mais permeável às novas experiências progressistas.

No momento em que a Acção Católica nascia, as Congregações Marianas atingiam o seu pleno desenvolvimento. Nas vésperas de 1938 contavam-se mil Congregações Marianas com 150 mil congregados, dos quais mais de 25 mil eram de São Paulo (40). O P. Irineu Cursino de Moura proclamava "a cruzada moderna do exército de Maria para a restauração das relíquias religiosas do nosso glorioso passado", indicando como líderes e como "apóstolos modernos da Terra de Santa Cruz (...) os Tristão de Athayde, os deputados Mário Ramos e Plínio Corrêa de Oliveira, e tantos outros, que, como leões, se têm batido para que a nossa constituição seja finalmente promulgada em nome de Deus todo-poderoso" (41).

(40) P. A. MAIA, S.J., "História das congregações marianas", cit., p. 61.

(41) Ibid., p. 93.

Tristão de Athayde e Plínio Corrêa de Oliveira figuravam como os indiscutidos líderes católicos do Brasil, em meados dos anos 30 (42). O primeiro, no Rio, presidente da nascente Acção Católica; o segundo, em São Paulo, animador das Congregações Marianas. A vida e o apostolado destes dois homens, entretanto, estavam destinados a separar-se, até se tornarem itinerários simétricos e opostos.

(42) Neste período, como Plínio Corrêa de Oliveira em São Paulo, "Athayde é considerado o grande líder do pensamento católico brasileiro, o coordenador das forças espirituais da Nação. É aclamado como o homem que, pela actividade calma, prudente e frutífera, obteve a maravilhosa vitória para as forças católicas da LEC na Assembleia Nacional Constituinte" (S. Maria ANCILLA O'NEILL, M.A., "Tristão de Athayde and the catholic social movement in Brazil", The Catholic University of America Press, Washington, 1939, p. 118). Plínio conheceu Alceu Amoroso Lima em 1930, como o próprio Amoroso Lima recordou no Legionário (cfr. TRISTÃO DE ATHAYDE, "Bello exemplo", in O Legionário, n° 97, 8 de Maio de 1932).

A Amoroso Lima se deveu a condução da Acção Católica brasileira para as suas posições abertamente maritanistas (43). Ex-discípulo de Bergson, na Sorbonne, depois convertido ao catolicismo, Athayde seguiu uma evolução típica de muitos intelectuais do seu tempo, do filo-tradicionalismo ao progressismo de Maritain e Teilhard de Chardin, cuja obra o reconciliou "com o evolucionismo que estava na espontaneidade do seu pensamento" (44). Se é verdade, como já foi observado, que "D. Vital encarna a negação do ecletismo, do espírito de indefinição" (45), o itinerário eclético de Amoroso Lima representou no Brasil a antítese da coerência católica de D. Vital46, do qual Plínio Corrêa de Oliveira era o legítimo herdeiro.

(43) Cfr. José PERDOMO GARCIA, "El Maritenismo en Hispanoamérica", in Estudios Americanos (Sevilha), n° 11 (1951), pp. 567-592. A. AMOROSO LIMA, "Maritain et l'Amérique Latine", Revue Thomiste, vol. 48 (1948), pp. 12-17; Eduardo Serafim DE OLIVEIRA, "A influência de Maritain no Pensamento de Alceu Amoroso Lima", in A Ordem, n° 78 (1983). "É sobretudo através de Amoroso Lima - observa Villaça - que Maritain vem exercendo uma influência profunda e decisiva na renovação cultural do catolicismo brasileiro" ("O pensamento católico no Brasil", cit., p. 15).

(44) Marieta de MORAIS FERREIRA, Leda SOARES, "Lima, Alceu Amoroso", in DHBB, vol. III, p. 1831.

(45) A. C. VILLAÇA, "O pensamento católico no Brasil", cit., p. 10.

(46) Amoroso Lima tentou, depois, apresentar o fundador do Centro D. Vital, Jackson de Figueiredo, a quem sucedeu, como um "revolucionário inconsciente". "Para as novas gerações, se chamarmos Jackson de revolucionário estaremos mais próximos da verdade do que lhe dando o qualificativo de reacionário de que ele tanto se orgulhava" (TRISTÃO DE ATHAYDE, "Foi à 25 anos", in Diário de Belo Horizonte, 29 de Novembro-1° de Dezembro de 1953). Na realidade, Jackson, como observa José de Azeredo Santos em Catolicismo, representava "um fardo incómodo para aqueles que largaram a sua bandeira em meio do caminho e que trocaram D. Vital e Veuillot pelo infeliz D. La Cerda e por Maritain" (CUNHA ALVARENGA, ou seja, José de Azeredo Santos, "Jackson, um fardo incómodo", in Catolicismo, n° 37 (Janeiro de 1954), p. 4). António Carlos Villaça que define Amoroso Lima "visceralmente um liberal" observa que "se Jackson marcou fundamente a alma de Alceu, não lhe mudou a tendência liberal, que permaneceu intacta" ("O pensamento católico no Brasil", cit., p. 13).

Enquanto o Rio de Janeiro representava o pólo progressista da vida religiosa do país, personificado por Amoroso Lima, em São Paulo desenvolveu-se o pólo tradicional, cuja liderança secular se encontrava, como recorda o P. José Silva "nas mãos de Plínio Corrêa de Oliveira" (47). A ideologia do dirigente paulista, como observa o mesmo Sacerdote, resumia-se bem nesta frase: "Queremos um Brasil verdadeiramente brasileiro? Façamos dele um Brasil verdadeiramente católico. Queremos matar a própria alma do Brasil? Arranquemos a sua fé" (48).

(47) J. A. da SILVA, O.F.M., "O Movimento litúrgico no Brasil", p. 28.

(48) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O Concilio", in O Legiónario (2 de Julho de 1939), p. 2; J. A. da SILVA, O.F.M., "O Movimento litúrgico no Brasil", cit., p. 28.

5. O apogeu do Legionário

No dia 3 de Maio de 1938 foram benzidas as novas oficinas gráficas do Legionário, com a presença do Arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva (49) e da elite eclesiástica, intelectual e social da capital paulista. Foram numerosos os assinantes e simpatizantes da revista que, não podendo participar no acto, enviaram de todo o Brasil mensagens de estima e apoio. Entre estes, merece ser citada por extenso uma carta de D. Octaviano Pereira de Albuquerque, Bispo de Campos, uma das mais ilustres personalidades do Clero brasileiro, que oferece um testemunho eloquente do clima de estima e admiração que rodeava neste período o Legionário. A carta, datada de 18 de Abril de 1938, foi dirigida a Plínio Corrêa de Oliveira:

"Obsequiado constantemente por V. S. com a remessa que se digna de me fazer de seu hebdomadário Legionário cuja leitura prefiro à de outras folhas, sinto-me impelido a trazer-lhe as minhas sinceras felicitações pelo grande bem que ele vai fazendo à sociedade. Mostra V. S., em vista do óptimo emprego da sua actividade intelectual ter recebido modelar educação religiosa desde os seus mais verdes anos e sabido bem dirigir-se por mestres provectos, que o habilitaram a ser director de um orgão católico, ocupando as colunas dele com matéria útil e substanciosa sobre todos os assuntos referentes à religião e às questões sociais da actualidade, sem se ocupar de coisas banais e comesinhas. Depois, tem sempre chamado a minha atenção a gravidade com que são tratados os assuntos políticos, conservando, sem alteração, os seus ideais, mas sem acrimónias para os de campos adversos, evitando discussões inúteis e, quiçá contraproducentes, por gerarem odiosidades pessoais. Com os meus votos de felizes páscoas, peço a Deus que continue a abençoar pessoalmente a V. S., dando-lhe perenemente, coragem, para, "sans peur et sans reproche", propugnar pela causa santa de nossa Augusta Religião. De V. S. muito amigo e admirador" (50).

(49) "É com coração de Bispo e com toda a minha alma –afirmava o Arcebispo– que venho trazer-vos hoje a minha benção, não só pela inauguração das máquinas do nosso jornal mas

sobretudo pela vossa dedicação e o vosso espírito de fé" (cfr. O Legionário, n° 295, 8 de Maio de 1938).

(50) Cit. in O Legionário, n° 296 (15 de Maio de 1938). Uma igualmente significativa bênção especial de Pio XII ao Legionário foi transmitida no ano seguinte ao Dr. Plínio pelo Cardeal Leme que se encontrava em Roma para a coroação do novo Pontífice. Este é o texto da carta, com data de 5 de Abril de 1939: "Meu caro Dr. Plínio. De coração lhe agradeço o carinhoso telegrama que me passou para a Bahia. Com satisfação transmito especial benção que o Santo Padre concedeu ao nosso intrépido Legionário e ao seu benemérito director, verdadeiro homem da imprensa católica, redactores, benfeitores e leitores" (cit. in O Legionário, n° 346, 30 de Abril de 1939).

Outra importante e significativa visita ocorreu no mesmo ano. No verão de 1938, esteve no Brasil o célebre Padre dominicano Réginald Garrigou-Lagrange (51), para participar na Primeira Semana de Estudos Tomistas, que teve lugar no Rio, sob a presidência do Núncio D. Bento Aloisi Masella. O Padre Garrigou-Lagrange viajou depois a São Paulo, onde visitou a equipa do Legionário (52). No número de 18 de Setembro de 1938, uma fotografia mostra Plínio Corrêa de Oliveira junto do dominicano francês. A um pedido do Legionário para comentar a frase "A Igreja não se encontra nem à direita, nem à esquerda", o ilustre teólogo respondeu assim:

"Pessoalmente, sou um homem de direita, e não vejo porque o haveria de esconder. Creio que muitos daqueles que se servem da fórmula citada, fazem uso dela porque abandonam a direita para se inclinar à esquerda, e querendo evitar um excesso, caem no excesso contrário como aconteceu em França nos últimos anos. Creio, também, que é preciso não confundir a verdadeira direita com as falsas direitas, que defendem uma ordem falsa e não a verdadeira. Mas a direita verdadeira, que defende a ordem fundada sobre a justiça, parece ser um reflexo do que a Escritura chama a direita de Deus, quando diz que Cristo está sentado à direita do seu Pai e que os eleitos estarão à direita do Altíssimo" (53).

(51) O Padre Réginald Garrigou-Lagrange nasceu em Auch, próximo de Tarbes, em 1877 e morreu em Roma em 1964. Aluno dos dominicanos Cormier, Gardeil e Arintero, foi um dos maiores teólogos do século XX. Cfr. a vastíssima bibliografia in Angelicum, n° 42 (1965), pp. 200-272. Cfr. também Innocenzo COLOSIO, O.P., "Il P Maestro Reginald Garrigou-Lagrange. Ricordi personali di un discepolo", in Rivista di Ascetica e Mistica, n° 9 (1964), pp. 226-240; Benoit LAVAUD, "Garrigou-Lagrange", in DSp, vol. VI (1967), coll. 128-134.

(52) Cfr. in O Legionário, n° 309 (14 de Agosto de 1938) e n° 310 (21 de Agosto de 1938).

(53) Cit. in O Legionário, n° 313 (11 de Setembro de 1938).

6. Presidente diocesano da Acção Católica

Alguns meses depois, faleceu o Arcebispo de São Paulo. O seu sucessor, D. José Gaspar de Affonseca e Silva (54), representava um tipo humano muito diverso. Se o aspecto de D. Duarte era de um homem grave, que incutia respeito e até temor, o modo de D. José Gaspar tratar as pessoas era afável e atraente. Conhecer o seu verdadeiro modo de pensar e interpretar as suas opções, frequentemente inspiradas em forte senso político e diplomático, nem sempre era fácil. As suas primeiras atitudes não deixaram de suscitar surpresa. Em 11 de Março de 1940 confiou a Plínio Corrêa de Oliveira o mais prestigioso dos encargos: o de Presidente da Junta Arquidiocesana da Acção Católica. No mesmo período, o Padre António de Castro Mayer foi nomeado Assistente Geral da Acção Católica de São Paulo, enquanto o Padre Geraldo de Proença Sigaud foi designado assistente arquidiocesano da Juventude Estudantil, masculina e feminina. Plínio Corrêa de Oliveira tomava assim em mãos a direcção de todas as forças do laicato católico de São Paulo, que então compreendia as organizações estudantis, os homens e as mulheres da Acção Católica e as associações auxiliares como as Pias Uniões, as Ordens Terceiras e as Congregações Marianas (55).

(54) Dom José Gaspar de Affonseca e Silva, segundo Arcebispo de São Paulo, nasceu em Araxá, no Estado de Minas, em 6 de Janeiro de 1901. Foi ordenado Sacerdote em 12 de Agosto de

1923 por D. Duarte Leopoldo e Silva. Depois de ter estudado em Roma na Universidade Gregoriana, foi sagrado Bispo e em 28 de Abril de 1935 recebeu o cargo de auxiliar do Arcebispo de São Paulo. Com a morte de Dom Duarte em Agosto de 1939,

D. José Gaspar sucedeu-lhe como Arcebispo de São Paulo. Morreu num acidente de aviação em 27 de Agosto de 1943. Cfr. "In memoriam de José Gaspar de Afonseca e Silva", Editora Ave Maria, São Paulo, 1944; Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Pobreza edificante**", in O Legionário, n° 578 (5 de setembro de 1943).

(55) "O nosso programa resume-se num lema que aceitamos com entusiasmo, porque é-nos ditado pela própria natureza das coisas, estabelecida pela Providência. É o dístico que se encontra no brasão de armas do Exmo. e Revmo. Sr. Arcebispo Metropolitano: `para que todos sejam um'. (...) A união entre católicos é a justaposicão tranquila de elementos heterogéneos. Ela é a coordenação pacífica de pessoas unidas pela comunhão de ideias, pela comunhão de vida, pela identidade da acção. Que ideias? Que vida? Que acção? Ideias, só as da Igreja. Vida, a vida sobrenatural da graça. Acção, a Acção Católica" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Ut omnes unum sint", in O Legionário, n° 392 (17 de Março de 1940).

Isto não significava necessariamente que existisse uma sintonia de posições entre o novo Arcebispo e a cúpula da Acção Católica que tinha designado. A estratégia de D. José Gaspar consistia em ligar os homens a si através da colaboração, de preferência, a enfrentá-los de viseira erguida, sobretudo estando em presença de personalidades fortes como a de Plínio Corrêa de Oliveira. A morte prematura do Arcebispo de São Paulo não propicia desvendar a verdadeira natureza das relações entre as duas individualidades.

O que é certo é que na pessoa do Prof. Plínio, D. José havia escolhido um profundo e seguro conhecedor dos males que principiavam a infectar a grande organização do apostolado leigo. Graças a esse cargo, Plínio Corrêa de Oliveira que, desde 1938, já havia iniciado a denúncia destes males através do Legionário (56), teve a possibilidade de conhecer melhor e abarcar com um olhar amplo e profundo a variegada realidade católica do país. O jovem presidente dirigiu a associação com mão enérgica, reprimindo os erros doutrinários que afloravam e procurando modificar as novas mentalidades. Depois de três anos de trabalho, os resultados não se fizeram esperar: a Acção Católica paulista conheceu um florescimento sem precedentes. O grandioso Congresso Eucarístico de 1942, em São Paulo, revelou a toda a América Latina as imensas possibilidades do movimento católico brasileiro.

(56) Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "Burocracia", in O Legionário, n° 310 (21 de Agosto de 1938); id., "Sociologite", in O Legionário, n° 311 (28 de Agosto de 1938). Simplesmente os títulos destes artigos já dizem muito!

Proferindo, nesta ocasião, na sua qualidade de presidente diocesano da Acção Católica, o discurso oficial perante um milhão de pessoas, Plínio Corrêa de Oliveira assim delineou o papel histórico da sua pátria:

"A missão providencial do Brasil consiste em crescer dentro das suas próprias fronteiras, em desdobrar aqui os esplendores de uma civilização genuinamente católica, apostólica e romana, e em iluminar amorosamente todo o mundo com o facho desta grande luz, que será verdadeiramente o `lumen Christi' que a Igreja irradia. A nossa índole meiga e hospitaleira, a pluraridade das raças que aqui vivem em fraterna harmonia, o concurso providencial dos imigrantes que tão intimamente se inseriram na vida nacional, e mais do que tudo as normas do Santo Evangelho, jamais farão dos nossos anseios de grandeza um pretexto para jacobinismos tacanhos, para racismos estultos, para imperialismos criminosos. Se algum dia o Brasil for grande, sê-lo-á para bem do mundo inteiro. `Sejam entre vós os que governam como os que obedecem', diz o Redentor. O Brasil não será grande pela conquista, mas pela Fé; não será rico pelo dinheiro tanto quanto pela generosidade. Realmente, se soubermos ser fiéis à Roma dos Papas, poderá nossa cidade ser uma nova Jerusalém, de beleza perfeita, honra, glória e gáudio do mundo inteiro" (57).

(57) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Saudação às autoridades civis e militares**", in O Legionário, n° 525 (7 de Setembro de 1942).

Entretanto, Plínio Corrêa de Oliveira quis levar a sua obra até às suas últimas consequências. Decidiu assim escrever um livro em defesa da Acção Católica, oferecendo um cuidadoso diagnóstico dos males que a afligiam.

Estes males não eram ignorados pelo Núncio Apostólico no Brasil, D. Bento Aloisi Masella, que há tempos observava e apreciava Plínio Corrêa de Oliveira, embora não o conhecesse pessoalmente. Enviou-lhe como emissário da sua confiança o jesuíta italiano Cesare Dainese (58), então reitor do Colégio Loyola de Belo Horizonte, o qual preparou o caminho para um encontro com o Núncio. O colóquio teve lugar pouco depois, no Rio de Janeiro. O Núncio era um homem de sessenta anos, de atitude reservada e perfeita compostura diplomática. Ouviu em silêncio a exposição do presidente da Acção Católica paulista, animou-o tacitamente e encarregou o Padre Dainese de manter relações com ele. Pouco depois o Padre António de Castro Mayer foi promovido a Vigário-Geral da Arquidiocese de São Paulo. A intervenção da nunciatura era evidente e constituía um apoio ao projecto do Prof. Plínio, o qual mergulhou no estudo dos documentos para concluir, quanto antes, a redacção da sua obra.

(58) Cesare Dainese, nascido em Luvigliano (Pádua) em 1894, entrou para a Companhia de Jesus no Brasil, em 1912, iniciando o seu noviciado na Vila Mariana (São Paulo). Depois de ter estudado filosofia em Roma e teologia no Heythrop College, na Inglaterra, foi ordenado Sacerdote em 1927 e em 1930 voltou ao Brasil, onde ocupou os cargos de Reitor no Colégio Anchieta em Nova Friburgo (em 1934-1935 e novamente em 1940-1945), no Colégio António Vieira em Salvador (Bahia) onde foi provincial (1953-1957) e no Colégio Santo Inácio do Rio de Janeiro (1963-1964). Morreu em 1986.

Mons. Castro Mayer recordou mais tarde ter acompanhado toda a redacção do livro e os esforços do autor a fim de que a sua obra fosse perfeitamente objectiva (59). Era necessária, entretanto, a autorização do Arcebispo de São Paulo. Este, tendo em mãos o esboço do volume, ficou perplexo diante da firmeza de posições do líder paulista. Perante as hesitações de D. José Gaspar, Plínio Corrêa de Oliveira, utilizando o canal representado pelo P. Dainese, recorreu ao Núncio, explicando as dificuldades que o seu livro encontrava no seu caminho e pedindo-lhe um prefácio, a fim de superar o impasse. D. Bento Aloisi Masella, depois de ter lido atentamente a obra e compreendido o seu alcance, consentiu de bom grado, recomendando ao Arcebispo de São Paulo não retardar a sua publicação. E assim, D. José Gaspar enviou o texto ao P. Castro Mayer, para que concedesse finalmente, em seu nome, o esperado imprimatur.

(59) Mons. António de Castro Mayer recorda, por exemplo, que a obra de Plínio Corrêa de Oliveira foi lida desde logo pelo Prior do Mosteiro de São Bento, D. Paulo Pedrosa, e pelo citado Padre Cesare Dainese, director da Confederação Nacional das Congregações Marianas (D. Antonio de CASTRO MAYER, Bispo de Campos, "Vinte anos depois...", in Catolicismo, n° 150 (Julho de 1963).

7. "Em Defesa da Acção Católica"

Em Junho de 1943, prefaciado pelo Núncio D. Bento Aloisi Masella e com o imprimatur do Arcebispo de São Paulo, veio a lume "**Em Defesa da Acção Católica**" (60), assinado por Plínio Corrêa de Oliveira na sua qualidade de presidente da Junta Arquidiocesana da Acção Católica de São Paulo. O livro, dividido em cinco partes, constituía a primeira refutação de amplo fôlego dos erros progressistas que serpenteavam no interior da Acção Católica e que se reflectiam na sociedade civil.

(60) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Em defesa da Acção Católica", Ave Maria, São Paulo, 1943.

O livro não constituía um tratado destinado a oferecer uma ideia geral da Acção Católica. "É ele antes -escrevia o autor na introdução- uma obra feita para dizer o que a Acção Católica não é, o que ela não deve ser, o que ela não deve fazer" (61).

(61) Ibid., p. 14.

1) O primeiro problema de fundo que o autor enfrentava era o da "natureza" da Acção Católica. "Em matéria de Acção Católica -escreveu no Legionário- não há um problema mais importante que o da natureza jurídica dessa organização" (62). As novas teses atribuíam a Pio XI a intenção de conferir ao laicato inscrito na Acção Católica um "mandato" inovador no seio da Igreja. Plínio Corrêa de Oliveira examinava a natureza jurídica da associação para demonstrar como o "mandato" conferido pelo Pontífice à Acção Católica de modo algum alterava a sua essência jurídica, idêntica à de numerosas outras obras católicas anteriores ou posteriores ao seu nascimento. O apelo de Pio XI aos leigos, apesar de grave e solene, não era diverso dos convites à colaboração que a Hierarquia lhes dirigiu no decurso da História.

(62) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Rumos da Acção Católica sob o Pontificado de Pio XII", in O Legionário, n° 510 (21 de Junho de 1942).

Na Igreja, acentuava o dirigente paulista, os leigos sempre colaboraram com a Hierarquia, desde os primeiros séculos.

"Qual o historiador da Igreja que ousaria afirmar que houve um século, um ano, um mês, um dia em que a Igreja deixasse de pedir e utilizar a colaboração dos leigos com a Hierarquia? Sem falar nas Cruzadas, tipo característico de Acção Católica militarizada, soleníssimamente convocada pelos Papas, sem falar na Cavalaria andante e nas Ordens de Cavalaria, em que a Igreja investia de amplíssimas faculdades e encargos apostólicos os cavaleiros, sem falar nos inúmeros fiéis que, atraídos pela Igreja para as associações de apostolado por ela fundadas, colaboravam com a Hierarquia, examinemos outros institutos em que a nossa argumentação se torna particularmente firme.

"Como ninguém ignora, existem na Igreja várias Ordens Religiosas e Congregações que só recebem pessoas que não tiveram a unção sacerdotal. Neste número estão, antes de tudo os institutos religiosos femininos, bem como certas Congregações masculinas, como por exemplo a dos Irmãos Maristas. Em segundo lugar existem os muitos Religiosos não Sacerdotes, admitidos a título de coadjutores nas Ordens religiosas de Sacerdotes. Não se poderia negar sem temeridade que, de um modo geral, têm vocação do Espírito Santo os membros destas Ordens e Congregações" (63).

(63) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Em defesa da Acção Católica", cit., pp. 41-42.

2) Um segundo problema, igualmente capital, dizia respeito à natureza das relações entre os leigos e a Hierarquia eclesiástica. Em que consiste a diferença entre o mandato conferido por Deus à Hierarquia, e a actividade desenvolvida pelos fiéis? Pode-se dizer que a Acção Católica tem, enquanto tal, um mandato próprio? Plínio Corrêa de Oliveira respondeu nos seguintes termos:

"1) Sim, se por mandato entendermos uma obrigação de apostolado imposta pela Hierarquia.

"2) Não, se por mandato entendermos que a Acção Católica é elemento de qualquer maneira integrante da Hierarquia e tem portanto parte no mandato directa e imediatamente imposto por Nosso Senhor à Hierarquia" (64).

(64) Ibid., p. 49.

Se por "mandato" se entende toda a ordem imposta legítimamente a um súbdito por uma autoridade, tanto a Hierarquia quanto o laicato o recebem; isto não exclui a existência de uma substancial diferença dos poderes conferidos à Hierarquia e aos leigos. "De Nosso Senhor, recebeu a Hierarquia o encargo de governar. Da Hierarquia, receberam os leigos não funções governamentais, mas tarefas essencialmente próprias a súbditos" (65).

(65) Ibid., p. 52.

Nesta altura, o Dr. Plínio enfrenta o delicado problema da "participação dos leigos no apostolado da Hierarquia", segundo a conhecida definição de Pio XI. Com efeito, ele faz notar que a nova concepção da participação e do mandato que começou a circular nos meios da Acção Católica implicava numa nova "teologia do laicato", que visava subverter em sentido igualitário a própria estrutura de governo da Igreja.

Para Plínio Corrêa de Oliveira não há dúvidas a este propósito; "participação", no sentido que lhe dá o Pontífice e, ainda antes, o Magistério da Igreja, equivale a "colaboração".

O "mandato" da Acção Católica não chega aos fiéis directamente de Deus, mas passa pela Hierarquia. A esta corresponde dirigir a acção dos fiéis e, portanto, também da Acção Católica.

Com efeito, "a missão dos fiéis consiste em exercer, na missão da Hierarquia, a parte de colaboradores instrumentais, ou seja, os fiéis participam do apostolado hierárquico como colaboradores instrumentais" (66).

(66) Ibid., p. 63-64.

"Afirmando que a Acção Católica é uma participação no apostolado hierárquico, quis Pio XI dizer que ela é pura e simplesmente uma colaboração, obra essencialmente instrumental, cuja natureza em nada diverge, essencialmente, da tarefa apostólica exercida pelas organizações estranhas ao quadro da Acção Católica e que é esta uma organização-súbdita, como toda e qualquer organização de fiéis" (67).

(67) Ibid., p. 64.

3) O terceiro ponto, abordado sobretudo nas partes restantes do volume, dizia respeito aos desvios da Acção Católica relativos à liturgia, à espiritualidade e aos métodos de apostolado e de acção.

Sem entrar no problema da "Missa dialogada", que extrapolava o tema do seu livro, Plínio Corrêa de Oliveira aludia às doutrinas que deformavam o ensinamento tradicional da Igreja.

Do ponto de vista da vida interior, o liturgicismo que estava a ser difundido parecia implicar uma "ascese nova", ligada a uma específica "graça de estado", própria da Acção Católica. A liturgia, segundo as novas teses, exerceria sobre os fiéis uma acção mecânica ou mágica tal, que tornaria supérfluo qualquer esforço de colaboração entre o homem e Deus (68). As práticas piedosas (69), mais comuns e todos os esforços da vontade, do exame de consciência até aos Exercícios de Santo Inácio, estavam a ser sistematicamente desencorajados, por serem considerados inúteis e superados.

(68) Ibid., p. 94.

(69) "Estas devoções - observa o Cardeal Palazzini - oferecem preciosas vantagens (indulgências, etc.) e graças particulares de ordem espiritual e também material. Todas produzem efeitos morais e sociais do mais alto interesse. É na prática destas devoções, tão tolamente desprezadas ou negligenciadas pelos espíritos míopes ou cegos, que pequenos e grandes, crianças e adultos, doutores e ignorantes, aprenderam e aprendem a elevar a sua alma acima das vulgaridades ou das torpezas deste mundo" (Pietro PALAZZINI, verbete "Devozione", in EC, vol. IV (1950), col. 1514).

A origem destes erros, segundo o Prof. Plínio, encontrava-se no espírito de independência e de procura dos prazeres que queria livrar o homem do peso dos sacrifícios impostos pelo trabalho da santificação. "Eliminada a luta espiritual, a vida do cristão aparece-lhes como uma série ininterrupta de prazeres espirituais e consolações" (70). Plínio Corrêa de Oliveira lembra a frase de Leão XIII, segundo a qual "a perfeição da virtude cristã está na generosa disposição da alma que procura as coisas árduas e difíceis" (71), e as palavras de Pio XI na Carta Magna Equidem de 2 de Agosto de 1924:

"O desejo desenfreado de prazeres, enervando as forças da alma e corrompendo os bons costumes, destrói pouco a pouco a consciência do dever. De facto, são por demais numerosos, hoje em dia, aqueles que atraídos pelos prazeres do mundo, nada abominam mais vivamente, nada evitam com maior cuidado do que os sofrimentos que se apresentam, ou as aflições voluntárias da alma ou do corpo, e se conduzem habitualmente, segundo a palavra do Apóstolo, como os inimigos da Cruz de Cristo. Ora, ninguém pode obter a beatitude eterna se não renuncia a si mesmo, se não carrega a sua cruz e não segue a Jesus Cristo" (72).

(70) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Em defesa da Acção Catolica", cit., p. 97.

(71) Leão XIII, Enc. Auspicato concessum, 17 de Setembro de 1882.

(72) Cit. in Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "Em defesa da Acção Catolica", cit., pp. 102-103.

Ao lado do espírito de oração, observa ainda Plínio Corrêa de Oliveira, é necessário o de apostolado: mas este começa pelo nosso próximo, para depois estender-se, como os círculos concêntricos, até aos que estão mais longe.

"Não hesitamos em afirmar que, acima de tudo, se deve desejar a santificação e perseverança dos que são bons; em segundo lugar a santificação dos católicos afastados da prática da Religião; finalmente, e em último lugar, a conversão dos que não são católicos" (73).

(73) Ibid., pp. 184-185.

O líder católico paulista sublinhava ainda a importância das "formas" de apostolado. Num momento em que a política da "mão estendida" começava a permear os ambientes católicos, insistia no carácter heróico e sobrenatural do apostolado católico.

"Cumpre esclarecer que, se tanto a linguagem apostólica impregnada de amor e de suavidade quanto a que incute temor e vibra de santa energia, são igualmente justas e devem uma e outra ser utilizadas em qualquer época, é certo que em determinadas épocas convém acentuar mais a nota austera e noutras a nota suave, sem jamais levar esta preocupação ao extremo –o que constituiria um desequilíbrio– de tocar só uma nota e abandonar a outra.

"Em que caso se encontra a nossa época? Os ouvidos do homem contemporâneo estão evidentemente fartos da doçura exagerada, do sentimentalismo acomodatício, do espírito frívolo das gerações anteriores. Os maiores movimentos de massa, na nossa época, não têm sido obtidos pela miragem dos ideais fáceis. Pelo contrário, é em nome dos princípios mais radicais, fazendo apelo à dedicação mais absoluta, apontando as veredas ásperas e escarpadas do heroísmo, que os principais chefes políticos têm entusiasmado as massas até fazê-las delirar.

"A grandeza da nossa época está precisamente nesta sede de absoluto e de heroísmo. Porque não saciar esta louvável avidez com a pregação desassombrada da Verdade absoluta, e da moral sobrenaturalmente heróica que é a de Nosso Senhor Jesus Cristo?" (74).

(74) Ibid., p. 238.

Com a expressão "heresia branca", ele veio a designar mais tarde uma atitude sentimental que se manifestava sobretudo em certo tipo de piedade adocicada e uma posição doutrinal relativista que procurava justificar-se sob o pretexto de uma pretensa "caridade" para com o próximo.

"Digamos a verdade com caridade, façamos da caridade um meio para chegar à verdade, e não nos sirvamos da caridade como pretexto para qualquer diminuição ou deformação da realidade, nem para conquistar aplausos, nem para fugir a críticas, nem para procurar inutilmente contentar todas as opiniões. Do contrário, pela caridade chegaríamos ao erro, e não à verdade" (75).

(75) Ibid., p. 230.

"Outro erro –acrescentava– consiste em ocultar ou subestimar invariavelmente o que há de mal nas heresias, a fim de dar ao herege, a ideia de que é pequena a distância que o separa da Igreja. Entretanto, com isto, esquece-se que se oculta aos fiéis a malícia da heresia, e se abatem as barreiras que os separam da apostasia! É o que sucederá com o uso em larga escala, ou exclusivo deste método" (76).

(76) Ibid., p. 196.

Dizia que algumas pessoas se qualificavam a si próprias como "epiritualistas, cristãos ou católicos livres" com o intuito preciso de "criar os `terrenos comuns' ambíguos para pescarem em águas turvas. Não imitemos os métodos que combatemos, não façamos da perpétua retirada, do uso invariável de termos ambíguos e do hábito constante de ocultar a nossa Fé, uma norma de conduta, que, em última análise, redundaria em triunfo do respeito humano" (77).

(77) Ibid., p. 213.

Ao terminar a longa enumeração dos pontos concernentes a desvios nas doutrinas e nas mentalidades dos ambientes da Acção Católica, Plínio Corrêa de Oliveira concluía:

"Todas elas se ligam, próxima ou remotamente, aos seguintes princípios: uma negação dos efeitos do pecado original; uma consequente concepção da graça, como factor exclusivo da vida espiritual; e uma tendência de prescindir da autoridade, na esperança de que a ordem resulte da conjugação livre, vital e espontânea das inteligências e das vontades. A doutrina do mandato, sustentada aliás por autores europeus, dos quais muitos são dignos de consideração a vários títulos, encontrou um terreno fértil no nosso ambiente, onde deitou frutos que muitos dos seus autores não previam" (78).

(78) Ibid., p. 337.

O livro, num ambiente religioso aparentemente ainda unido e homogéneo, teve o efeito de uma bomba. Contribuiu para despertar a maioria sonolenta, colocando-a de sobreaviso contra a corrente progressista, cujas insidiosas manobras foram bruscamente travadas. "Esse livro –escreveu Dom Geraldo de Proença Sigaud– foi um brado de alarme e um cautério. Brado de alarme, impediu que milhares de fiéis se entregassem, na sua boa fé, aos erros e desmandos do liturgicismo, que avançava como uma onda avassaladora" (79).

(79) D. Geraldo de Proença SIGAUD, "A Encíclica 'Mediator Dei' e um pouco de história da Igreja no Brasil", in O Legionário, n° 803 (28 de Dezembro de 1947).

"Na história da Igreja Católica –comentava a seguir o mesmo Prelado– há livros que foram grandes graças concedidas por Deus ao seu povo. (...) Eles são graças porque o seu conteúdo ilumina a inteligência com luzes extraordinárias. São graças porque estimulam a vontade a proceder de tal sorte que realize a vontade de Deus". Entre estes livros, depois de ter recordado as "Confissões" e a "Cidade de Deus" de Santo Agostinho, a Imitação de Cristo", os "Exercícios Espirituais" de Santo Inácio, o "Tratado da Verdadeira Devoção" de São Luís Maria Grignion de Montfort, D. Geraldo Sigaud, no vigésimo aniversário da sua publicação, inclui também a obra de Plínio Corrêa de Oliveira: "No nosso âmbito nacional, e guardadas as proporções, pode-se dizer que "Em defesa da Acção Católica" foi um livro-graça" (80).

(80) D. G. de Proença SIGAUD, "Um livro que foi uma graça para o Brasil", in Catolicismo, n° 150 (Junho de 1963).

8. Um "gesto de kamikaze"

O autor não ignorava que a publicação de uma obra de tal género equivalia a um gesto de kamikaze: certamente infligia um duro golpe ao progressismo nascente, mas haveria também de expor inevitavelmente a críticas e represálias o grupo do Legionário, comprometendo a sua influência nos ambientes católicos. Foi o que aconteceu exactamente, a partir daquela data.

"Era um gesto de kamikaze. Ou estouraria o progressismo, ou estouraríamos nós. Estourámos nós. Nos meios católicos, o livro suscitou aplausos de uns, a irritação furibunda de outros, e uma estranheza profunda na imensa maioria. A noite densa de um ostracismo pesado, completo, intérmino, baixou sobre aqueles meus amigos que continuaram fiéis ao livro. O esquecimento e olvido envolveram-nos, quando ainda estávamos na flor da idade: era este o sacrífico previsto e consentido. A aurora, como veremos, só voltou a raiar em 1947. Mas o progressismo nascente recebeu com o livro um golpe de que até hoje não se refez" (81).

(81) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Kamikaze", in Folha de S. Paulo, 15 de Fevereiro de 1969.

O Arcebispo de São Paulo, D. José Gaspar de Affonseca e Silva, não escondia privadamente a sua preocupação pela actividade do movimento guiado por Plínio Corrêa de Oliveira, o qual contava com o evidente apoio do Núncio Apostólico (82). Mas veio a morrer de forma imprevista, num acidente aéreo, quando se dirigia ao Rio de Janeiro, em 27 de Agosto de 1943. O seu sucessor, D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta (83), mesmo antes de ser empossado na Séepiscopal foi minuciosamente avisado da situação efervescente em que se encontrava a capital paulista (84).

(82) C. ISNARD, "Reminiscências", cit., p. 221.

(83) D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta nasceu em 16 de Julho de 1890 na ciade de Bom Jesus do Amparo (Minas Gerais). Ordenado Sacerdote em 29 de Junho de 1918, foi sagrado Bispo de Diamantina em 30 de Outubro de 1932. Em 19 de Dezembro de 1935 foi promovido à Arquidiocese de São Luís do Maranhão, que dirigiu até 18 de Agosto de 1944, quando foi chamado a substituir D. José Gaspar de Affonseca e Silva, como Arcebispo de São Paulo. Governou a diocese até 1964, sendo transferido para Aparecida logo depois da Revolução de 31 de Março de 1964. Em Fevereiro de 1946 recebeu a púrpura cardinalícia de Pio XII com o título de São Pancrácio. Morreu em Aparecida do Norte em 18 de Setembro de 1982.

(84) O informante do novo Arcebispo foi, ao que parece, o beneditino D. Paulo Marcondes Pedrosa que já encontrámos como fundador da Congregação Mariana de Santa Cecilia e do Legionário (C. ISNARD, O.S.B., "Reminiscências", cit., p. 223).

D. Carlos Carmelo, cuja visão era oposta à do Legionário, tinha, por outro lado, um temperamento muito diverso do seu predecessor: não era homem de meios termos e encarou a situação de frente. Impôs à equipe do Legionário um "armistício" (85) como desaprovação para os seus dirigentes. Plínio Corrêa de Oliveira perdeu o seu cargo de presidente da Acção Católica; o Padre António de Castro Mayer, vigário-geral da Arquidiocese, foi removido para o bairro de São José do Belém, como simples vigário ecónomo; o P. Geraldo de Proença Sigaud foi enviado para a Espanha (86). Seguiu-se uma tempestuosa campanha de difamação, da qual o Prof. Plínio e os seus amigos não puderam defender-se publicamente, por causa do "armistício" imposto pelo Arcebispo. Por fim, em Dezembro de 1947, Plínio Corrêa de Oliveira foi afastado da direcção do Legionário. No número de 29 de Fevereiro de 1948, apareceu um editorial com o título "Legionário em terceira fase", em que se anunciava o início de uma "nova fase" na existência do semanário, resumida no mote final do artigo, não assinado: "Incipit vita nova" (87). Nem uma palavra sobre Plínio Corrêa de Oliveira, que havia dedicado ao Legionário, com imensa generosidade, quinze anos da sua vida. No mesmo ano, D. Hélder Câmara assumiu o cargo de assistente eclesiástico da Acção Católica Brasileira (88). A atmosfera tinha mudado profundamente.

(85) "Faça-se um armistício total e absoluto nos arraiais contendores! Esta orientação queremos dá-la não em carácter definitivo, mas apenas de emergência, enquanto momentosos assuntos não forem julgados pela Comissão Episcopal da Acção Católica" (cfr. Revista Eclesiástica Brasileira, n° 4, Dezembro de 1944, p. 978). Cfr. também "Armistício", in O Legionário, n° 641 (19 de Novembro de 1944).

(86) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Padre Sigaud**", in O Legionário, n° 711 (24 de Março de 1946).

(87) 0 Legionário, n° 804 (29 de Fevereiro de 1948).

(88) Dom Hélder Câmara tinha participado activamente na Acção Integralista Brasileira, movimento de inspiração fascista de Plínio Salgado, integrando em 1937 o conselho supremo da AIB, composto de 12 membros. Quando, em 1946, o Arcebispo do Rio, D. Jaime de Barros Câmara o quis fazer seu Bispo-auxiliar, encontrou dificuldades de parte da Santa Sé, dada a precedente actividade política como "integralista". O Papa negou a nomeação, que chegou apenas seis anos depois. Nesse espaço de tempo D. Hélder efectuou a sua passagem do integralismo ao progressismo.

O progressismo já exibia as linhas principais daquela que seria a táctica constante dos anos sucessivos. Plínio Corrêa de Oliveira resumiu-a nestes pontos:

"a) Fuga ao debate ou ao diálogo doutrinário. As críticas ao meu livro, explicitadas num ou noutro órgão de imprensa religioso, eram esparsas, pobres em argumentos e ricas em paixão. Por vezes também apareciam implícitas ou veladas em pronunciamentos desta ou daquela personalidade eclesiástica;

"b) Difamação e depois campanha de silêncio e ostracismo. Ao sopro de uma campanha difamatória toda ela verbal, os principais elementos que no Clero e no laicato tinham batido palmas ao meu livro foram sendo gradualmente reduzidos ao silêncio, removidos dos seus postos, e relegados ao ostracismo. Um ostracismo do qual só alguns conseguiram livrar-se emudecendo definitivamente a respeito do assunto;

"c) Para a frente, como se nada tivesse havido. Assim abafada a oposição, só restava à corrente inovadora prosseguir na caminhada, discreta mas resolutamente" (89).

(89) Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "**A Igreja ante a Escalada da Ameaça Comunista. Apelo aos Bispos Silenciosos**", Editora Vera Cruz, São Paulo. 1976, pp. 48-49.

O pequeno grupo do Legionário, entretanto, manteve-se compacto e fiel na tempestade: o mais velho dos seus nove membros tinha 39 anos, o mais jovem 22 (90). A partir de Fevereiro de 1945, este grupo reunia-se, todas as noites sem excepção, na sede da rua Martim Francisco 665, no bairro de Santa Cecília, analisando com preocupação o agravamento da situação religiosa e política no Brasil e no mundo.

(90) Os oito companheiros do Prof. Plínio eram: José de Azeredo Santos, Paulo Barros de Ulhôa Cintra, José Fernando de Camargo, José Carlos Castilho de Andrade, Fernando Furquim de Almeida, José Gonzaga de Arruda, Adolpho Lindenberg, José Benedicto Pacheco Salles.

Plínio Corrêa de Oliveira, guia intelectual do grupo, esforçava-se por infundir neste uma verdadeira e profunda vida interior, na convicção de que a acção e o estudo deveriam alimentar-se nas fontes da oração e do sacrifício. Assim explicava ele a "vida interior":

"Um homem deve estar empenhado numa constante análise de si mesmo. A todo o momento, precisa de saber como está a sua alma: por que está a agir desta ou daquela maneira; se lhe é lícito proceder por este ou aquele modo; se é conforme à moral católica sentir deste ou daquele modo perante determinado acontecimento. Este esforço chama-se `vida', porque é tão intenso e deve ser tão contínuo, que constitui para o homem como que uma existência à parte, que se desdobra num plano mais alto e mais profundo do que a sua existência exterior. E é chamado `vida interior', precisamente porque exige que o homem tenha o hábito ininterrupto de se analisar e se governar a si proprio, agindo e vivendo `dentro de si mesmo', de forma incessante" (91).

(91) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Pio XII**", in O Legionário, n° 553 (19 de Março de 1943).

No estudo, na oração e no fraterno e quotidiano convívio, o grupo ganhou unidade e coesão. Este período catacumbal, que preparava o grupo para novas lutas, durou três anos (92).

(92) "A morte ceifou três lutadores nessas fileiras tão escassas de membros. O primeiro foi o dedicado, o intrépido, o nobre filho de Nossa Senhora, nosso inesquecivel José Gustavo de Souza Queiroz. Lembro também com respeito e saudades a personalidade ardorosa, mas ao mesmo tempo silenciosa e suave, de uma militante da JOC (Juventude Operária Católica) Da. Angélica Ruiz. E o vulto batalhador e tão distinto desse chefe de família modelar, desse cirurgião exímio que toda a cidade de Santos admirou, desse professor universitário saliente, desse pai dos pobres que foi Antonio Ablas Filho" (Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "**Nasce a TFP**", in Folha de S. Paulo, 22 de Fevereiro de 1969). Sobre José Gustavo de Souza Queiroz, cfr. id., "**Bem-aventurados os puros, porque verão a Deus**", in O Legionário, n° 710 (17 de Março de 1946).

Neste período, a antiga equipa do Legionário nunca cessou a batalha polémica contra os erros que circulavam no mundo católico. Um dos principais alvos continuou a ser Jacques Maritain, objecto de ensaios críticos escritos pelo próprio Plínio Corrêa de Oliveira (93) e também por valorosos polemistas como o P. Arlindo Vieira (94) e José de Azeredo Santos (95).

(93) Em 6 de Fevereiro de 1944, Plínio Corrêa de Oliveira publicou e comentou em O Legionário a carta que Maritain enviou ao jornal brasileiro O Diario, para responder às críticas do P. Arlindo Vieira, estampadas em 31.10.1943 no mesmo Legionário (cfr. "**Os "direitos humanos" e O Legionário**", in O Legionário nos. 600 e 601, de 6 e 13 de Fevereiro de 1944). Cfr. também id., "Desfazendo explorações maritainistas", in Catolicismo, n° 42 (Junho de 1954), pp. 5-6; id., "A Comunidade dos Estados Segundo as normas de Pio XII", in Catolicismo, n° 43 (Julho de 1954), pp. 5-6; id., "Tolerar o mal em vista de um bem superior e mais vasto", in Catolicismo, n° 44 (Agosto de 1954), p. 3.

(94) No Rio de Janeiro "a principal figura contra Maritain foi o culto e intrépido jesuíta P. Arlindo Vieira" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Igreja ante a escalada da ameaça comunista", cit., p. 45). O Padre Arlindo Vieira nasceu em Capão Bonito, no Estato de São Paulo em 19 de Julho de 1897. Tendo ingressado na Companhia de Jesus, completou os seus estudos na Europa, em Roma e Paray-le-Monial, antes de voltar ao Brasil onde se dedicou ao magistério e depois às missões populares, viajando aos lugares mais pobres e abandonados do Brasil. Celebrou a sua última missa em Diego Vasconcelos, no dia do patrono da cidade, em 4 de Agosto de 1963. Depois de ter distribuído a comunhão, caiu sobre o altar, onde expirou com grande emoção dos presentes e deixando uma fama de santidade que continua a envolver a sua memória. "As suas semanas eucarísticas vão ser uma renovação espiritual das paróquias. Os vigários disputam a sua presença. Não poucos Bispos do interior de Minas Gerais, de São Paulo, do Estado do Rio de Janeiro recorrem aos seus bons serviços. Sabe cativar o coração do povo com a sua bondade. A sua eloquência empolga. Parece que a sua palavra traz uma verdadeira mensagem sobrenatural" (A. MAIA, S.J., "Crônica dos Jesuitas do Brasil centro-leste", Edições Loyola, São Paulo, p. 212). Sobre o P. Arlindo Vieira cfr. Francisco LEME LOPES, S.J., "A mensagem espiritual do P. Arlindo Vieira S.J." (1897-1963), in Verbum, n° 27 (1970), pp. 3-102; id., "O P. Arlindo Vieira S.J., constante evocação", in Verbum, n° 27 (1970), pp. 403-419.

(95) Em Setembro de 1950, a revista Vozes de Petrópolis publicou um artigo de José de Azeredo Santos, "O rolo compressor totalitário e a responsabilidade dos católicos", no qual criticava as doutrinas de Maritain defendidas por Tristão de Athayde. No número de Dezembro, a Revista Eclesiástica Brasileira reeditou o artigo, explicando em nota que se tratava de questões importantes e oportunas, examinadas com agudeza e bom senso. Mas no mês de Março foi obrigada a publicar uma nota do Cardeal Vasconcellos Motta que não escondia a sua reprovação pelo artigo de Azeredo Santos.

Neste período de isolamento e de incompreeensões, um dos grandes amigos do grupo foi o P. Walter Mariaux (96), um jesuíta alemão de muito destaque que o Prof. Plínio descreveu nestes termos: "Louro, muito alto, hercúleo, exuberante de saúde, gestos largos, mãos de feld-marschall, ele causa sempre uma primeira impressão de robustez e determinação, que aos poucos se vai completando com elementos psicológicos novos. Não conheci personalidade mais rica em aspectos contrastantes e todavia harmónicos" (97).

(96) O Padre Walter Mariaux, nascido em Ülzen, na Alemanha, em 21 de Dezembro de 1894, entrou em 1913 para a Companhia de Jesus e em 1926 tornou-se Sacerdote, iniciando o seu apostolado junto das Congregações Marianas em Colónia (1929) e em Münster (1933). No início de 1935, transferiu-se para Roma, trabalhando junto do Secretariado Central das Congregações Marianas. A sua luta aberta contra o nazismo tornou impossível a sua volta à Alemanha. Assim, em 1940, o Padre Mariaux foi encarregado de desenvolver o apostolado mariano no Brasil, onde, no mesmo ano, conheceu o grupo do Legionário e se ligou a ele. Voltou para a Alemanha em 1949. Esteve em Hannover e depois em Munique, onde, desde 1953, dirigiu o Paulus-Kreis, a célebre congregação Maior Latina e o secretariado nacional das Congregações Marianas. A revista Die Sendung foi expressão do seu apostolado leigo. Morreu em Munique, Baviera, em 30 de Abril de 1963. 0 Padre Mariaux publicou, com o pseudónimo Testis Fidelis, "El Cristianismo en el Tercer Reich", La Verdad, Buenos Aires, 1941, documentada e implacável análise do anticristianisimo nazi. Sobre o Padre Mariaux cfr. Walter FINCKE, "P. Dr. Walter Mariaux S.J.", in Sendung, n° 16 (1963), pp. 97-108; Max von GUMPPENBERG S.J., "Walter Mariaux S.J. Ein Leben im Dienste der Kongregation", in Korrispondenz, n° 13 (1963), pp. 177-181; Héja GYULA, S.J., "Father Walter Mariaux S.J. (1894-1963)", in Acies Ordinata, n.°s 31-32 (1962-1963), pp. 390-395.

(97) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Em Itaicí**", in O Legionário, n° 609 (9 de Abril de 1944).

No ano de 1949, o P. Mariaux, director espiritual da Congregação Mariana do Colégio São Luis, foi transferido para a Europa, pelos seus superiores. Parte dos congregados por ele dirigidos voltaram-se então para o grupo que sob a direcção de Plínio Corrêa de Oliveira se

reunia na Rua Martim Francisco. Nasceu assim o "Grupo da Martim", em que se destacavam os irmãos Vidigal Xavier da Silveira, o Dr. Luiz Nazareno de Assumpção Filho, o Dr. Eduardo de Barros Brotero, o Prof. Paulo Corrêa de Brito Filho e o jovem cónego José Luiz Marinho Villac, futuro reitor do seminário de Campos (98).

(98) O Cónego José Luiz Villac entrou para o seminário em 1950 (o Prof. Plínio foi padrinho da sua ordenação sacerdotal). Durante dez anos foi director do seminário de Jacarezinho e depois do de Campos. Transferindo-se para São Paulo, prestou o seu serviço apostólico à TFP e pôde assistir Plínio Corrêa de Oliveira nos últimos dias da sua vida.

9. Acendeu-se uma estrela na noite...

Em Janeiro de 1947 chegou, imprevista e inesperada, a notícia da elevação do P. Proença Sigaud a Bispo de Jacarezinho (99). Poucos meses depois, o P. António de Castro Mayer foi nomeado coadjutor de D. Octaviano Pereira de Albuquerque, Arcebispo de Campos (100). Os dois sacerdotes, postos de lado por causa do apoio dado ao grupo de Legionário e ao livro "Em Defesa da Acção Católica", viam-se agora honrados com uma manifestação de confiança da Santa Sé, que parecia ter o significado de uma reparação. Plínio Corrêa de Oliveira recordaria o episódio com estas palavras:

"Ainda me lembro de um dia de Janeiro de 1947, em que noticiei aos meus amigos que, segundo uma emissora, Pio XII nomeara Bispo de Jacarezinho o P. Sigaud. Como? O quê? A nossa alegria era grande, mas a dúvida ainda maior. O P. Sigaud, durante o vendaval, fora mandado como missionário para a longínqua Espanha. Voltaria então? Sim, voltaria. E a nossa alegria subiu ao céu como um hino. Uma estrela acendia-se a brilhar na noite do nosso exílio, sobre os destroços do nosso naufrágio!

(99) Dom Geraldo de Proença Sigaud foi sagrado Bispo a 1 de Maio de 1947 pelo Núncio Apostólico. Nessa ocasião, Plínio comparou-o a grandes figuras do episcopado brasileiro como D. Vital e D. Duarte, "modelos de intrepidez e firmeza, de combatividade e de santa audácia". "Tudo se pode dele esperar em matéria de verdadeira e indomável grandeza de alma" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Dominus conservet eum**", in O Legionário, n° 768, 27 de Abril de 1947).

(100) Com a sua morte, em Janeiro de 1949, D. António de Castro Mayer tornou-se Bispo desta importante diocese do Estado do Rio de Janeiro.

"Contra todas as expectativas, outra alegria nos esperava no ano seguinte. Ao chegar eu, numa noite de Março de 1948, à nossa catacumba, um amigo esperava-me à porta, efervescente de júbilo. Contou-me que o Cónego Mayer, que passara durante a tormenta do alto cargo de vigário-geral da Arquidiocese para vigário do distante, e aliás tão simpático bairro de Belenzinho, acabava de nos comunicar a sua nomeação para Bispo-coadjutor de Campos. É inútil dizer com que exultação fomos no mesmo instante felicitá-lo" (101).

(101) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Nasce a TFP", in Folha de S. Paulo, 22 de Fevereiro de 1969.

Em 20 de Novembro de 1947 veio a lume a Encíclica Mediator Dei (102), sobre a sagrada liturgia. Visava corrigir os desvios do movimento litúrgico, desenvolvendo o ensinamento pontifício já iniciado com a Mystici Corporis (103). O Legionário saudou-a com júbilo, publicando na íntegra o texto do importante documento (104).

(102) Pio XII, Encíclica Mediator Dei, 20 de Novembro de 1947, in AAS, vol. 39 (1947), pp. 521-595. Cfr. J. FROGER, "L'encyclique Mediator Dei", in La Pensée catholique, n° 7 (1949), pp. 56-76.

(103) Pio XII, Encíclica Mystici Corporis, 29 de Junho de 1943, in AAS, vol. 35 (1943), pp. 193-248. Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Mystici Corporis Christi**", in O Legionário, n° 585 (24 de Outubro de 1943); Padre José Fernandes VELOSO, "O `liturgismo' condenado pelo Santo Padre Pio XII", in O Legionário, n° 612 (30 de Abril de 1944); Padre Ascanio BRANDÃO, "Falsos profetas", in O Legionário, n° 616 (28 de Maio de 1944).

(104) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Notas e comentários à Encíclica Mediator Dei**", in O Legionário, n° 803 (28 de Dezembro de 1947). "A publicação da Enciclica Mediator Dei constitui assim, para todos nós, motivo de santo e vibrante júbilo" (Idem, "**Fé, união e disciplina**", in O Legionário, n° 800, 7 de Dezembro de 1947). O n° 803 foi o último número do Legionário sob a direcção de Plínio Corrêa de Oliveira; é provável que a publicação destes comentários da Mediator Dei tenha sido a gota que fez transbordar o copo, determinando a destituição do Prof. Plínio e da sua equipa.

No ano seguinte, na Constituição Bis saeculari (105),Pio XII formulava uma definição da "Acção Católica" que apresentava evidente analogia com a já exposta pelo Prof. Plínio. Desde 1947, face à tendência para nivelar as formas de apostolado, reduzindo-as unicamente à Acção Católica, o Pontífice tinha advertido que no "magnífico movimento mundial de apostolado leigo (...) é preciso evitar os erros de alguns que quereriam uniformizar as actividades em benefício das almas e submetê-las a uma fórmula comum" (106). Este modo de agir, insistia o Pontífice, é completamente alheio ao "espírito da Igreja" que "favorece certa multiforme unidade no exercício deste apostolado, dirigindo-o a uma meta comum mediante fraterna colaboração e unindo as forças de todos, sob a direcção dos bispos".

(105) Pio XII, Constitução Apostólica Bis Saeculari de 27 de Setembro de 1948. Cfr. Ludger BRIEN, S.J., "La constitution `Bis saeculari', texte et commentaire", Secrétariat National des Congrégations Mariales, Montréal 1961 (4a. ed.). Mons. A. de CASTRO MAYER, "A Constituição Apostolica Bis Saeculari Die. Repercussões jurídicas. Esclarecimentos doutrinários", (conferência pronunciada em Piracicaba, 9 de Dezembro de 1948), in "Las Congregaciones Marianas. Documentos Pontificios", Zaragoza 1953; cfr. também Fr. Juan Bautista M. FERRE, O.C., "Catolicismo o Capillismo", Emamevica, Madrid 1957; id., "La Acción Católica, Piedra de escandalo", Emamevica, Madrid 1958; Arturo ALONSO LOBO O.P., "Que es y que no es la Acción Católica", Impr. de Aldecoa, Madrid, 1950; id., "Laicología y Acción Católica", Studium, Madrid-Buenos Aires, 1955; Fr. Cyrillus B. PAPALI O.C.D., "De apostolatu laicorum", Teresianum, Roma, 1962, 2a. ed.

(106) Pio XII, "Radiomensagem ao Congresso das Congregações Marianas em Barcelona", 7 de Dezembro de 1947. "É necessário prevenir o erro em que alguns, movidos pelo zelo do bem, podem cair, de querer uniformizar as actividades em benefício das almas e submetê-las todas a uma forma comum, com miopia de concepção de todo alheia às tradições e ao espírito suave da Igreja, herdeira da doutrina de São Paulo: `Há variedade de dons, mas o espírito é o mesmo' (I Cor., 12, 4). E, como nos exércitos da terra, armas e corpos diversos com a sua diversidade asseguram a harmoniosa cooperação comum que leva à vitória, da mesma maneira, junta a outras formas de zelo, por importantes e principais que sejam, a Igreja deseja e anima a existência de organizações de apostolado leigo, (...) que prosperem e se desenvolvam nas suas formas e métodos, sendo no exército de Cristo um belo exemplo da fecundidade do apostolado católico, manifestado em diversas obras e organizações, que trabalham todas intensamente sob a direcção e a protecção do Chefe supremo da Igreja" (ibid; cfr IP, vol. IV, "Il Laicato", cit., p. 488).

Em nenhum texto de Pio XII se pode ler que a Acção Católica seja uma "participação" no apostolado hierárquico (107). "Este apostolado continua sempre apostolado dos leigos, e não se torna apostolado hierárquico, mesmo quando é exercido com um mandato da hierarquia" (108). Para evitar qualquer equívoco e ambiguidade, o Papa utilizou sempre o termo "colaboração".

(107) J.-G. DUBUC, "Les relations entre hiérarchie et laicat", cit., p. 56.

(108) Pio XII, "Discurso ao II Congresso mundial para o apostolado dos leigos", 5 de Outubro de 1957, in DR, vol, XIX, p. 461.

Contra o apostolado dos leigos visto como uma emancipação da Sagrada Hierarquia, afirmou Pio XII:

"Ora, seria erróneo ver na Acção Católica (...) algo de essencialmente novo, uma mudança na estrutura da Igreja, um novo apostolado dos leigos que estaria ao lado do

Sacerdote e não subordinado a ele. Sempre houve na Igreja uma colaboração dos leigos no apostolado hierárquico, subordinado ao Bispo e àqueles aos quais o Bispo tenha confiado as responsabilidades do zêlo pelas almas sob a sua autoridade. A Acção Católica quis dar a esta colaboração somente uma nova forma e organização acidental para o seu melhor e mais eficaz desempenho" (109).

(109) Pio XII, "Alocução aos dirigentes da Acção Católica Italiana", 3 de Maio de 1951, in IP, vol. IV, Il Laicato, cit., p. 879. Cfr. também Pio XII, "Alocução ao Congresso mundial do apostolado dos leigos", 14 de Outubro de 1951, in IP, vol. IV, "Il Laicato", cit., pp. 913 ss.

"Ultimamente começou a surgir daqui e dali e a difundir-se largamente a assim chamada teologia leiga, e introduziu-se uma particular categoria de teólogos leigos, que se professam independentes. (...) Em sentido contrário, é preciso fixar isto; nunca houve, não há e nunca haverá na Igreja um legítimo magistério de leigos, que Deus subtraia da autoridade, da direcção e da vigilância do sagrado Magistério; pelo contrário, a própria negação da submissão oferece argumento convincente e seguro de que os leigos, que falam e agem assim, não são guiados pelo Espírito de Deus e de Cristo" (110).

(110) Pio XII, "Alocução aos Cardeais e Bispos para a canonização de Pio X", 31 de Maio de 1954, in IP, vol. IV, "Il Laicato", cit., pp. 972 ss.

Contra a atribuição do poder sacrificial aos leigos, o Papa ressaltou que:

"É o Sacerdote celebrante e somente ele que, representando Cristo, opera o sacrifício; não o povo, nem os clérigos e nem mesmo os Sacerdotes que, com religiosa piedade, assistem ao celebrante, ainda que todos estes possam participar e participem, de alguma forma, activamente no sacrifício. A participação dos fiéis no sacrifício eucarístico –assim advertimos na nossa Encíclica Mediator Dei sobre a Sagrada Liturgia– não implica outrossim um poder sacerdotal. (...) Com efeito, não faltam aqueles que reivindicam um poder sacrificial no sacrifício da missa a todos aqueles que a ela assistam piedosamente. (...) É preciso fixar firmemente que este sacerdócio comum de todos os fiéis, embora seja elevado e arcano, difere não apenas em grau, mas também essencialmente, do verdadeiro sacerdócio, que consiste em poder operar o sacrifício do próprio Cristo" (111).

(111) Pio XII, "Alocução aos Cardeais e Bispos", 2 de Novembro de 1954, in IP, vol. IV, "Il Laicato", cit., pp. 982 ss.

Como a encerrar o período de ostracismo, uma carta da Secretaria de Estado de 26 de Fevereiro de 1949, assinada pelo então Substituto Mons. João Baptista Montini, comunicava oficialmente a Plínio Corrêa de Oliveira o elogio e a benção de Pio XII pela sua obra "Em Defesa da Acção Católica" (112).

(112) Eis o texto da carta enviada a Plínio Corrêa de Oliveira pela Secretaria de Estado em 26 de Fevereiro de 1949: "Preclaro Senhor. Levado por tua dedicação e piedade filial ofereceste ao Santo Padre o livro "Em Defesa da Acção Católica", em cujo trabalho revelaste aprimorado cuidado e aturada diligência. Sua Santidade regozija-se contigo porque explanaste e defendeste com penetração e clareza a Acção Católica, da qual possuis um conhecimento completo e a qual tens em grande apreço, de tal modo que se tornou claro para todos quão oportuno é estudar e promover tal forma auxiliar do apostolado hierárquico. O Augusto Pontífice de todo o coração faz votos que deste teu trabalho resultem ricos e sazonados frutos, e colhas não pequenas nem poucas consolações. E como penhor de que assim seja, te concede a Bençâo Apostólica. Entrementes, com a devida consideração me declaro teu muito devotado, J. B. Montini".

O livro tinha igualmente recebido a aprovação de seis Arcebispos e quinze Bispos brasileiros (cfr. "Em Defesa da Acção Católica". Aprovações e encómios de autoridades eclesiásticas, São Paulo 1983).

O livro de Plínio Corrêa de Oliveira constituía uma resposta antecipada a muitas teorias errôneas e perigosas que iriam desenvolver-se nos anos sucessivos. Os desvios liturgicistas e laicistas incubados na Acção Católica explodiram por fim como um cancro no pós-Concílio, revelando uma nova concepção da própria Igreja. De resto, já naqueles anos, teólogos de vanguarda como os Padres Yves Congar (113) e Karl Rahner (114) esforçavam-se

por extrair dos desenvolvimentos da "Acção Católica" uma nova "teologia do laicato" igualitária e que implicava o sacerdócio feminino (115).

(113) Yves CONGAR, "Jalons pour une théologie du Laïcat", Cerf, Paris, 1953.

(114) Karl RAHNER S.J., "L'apostolat des laïcs" tr. fr. in "Nouvelle Revue Théologique", vol. 78,1 (1956), pp. 3-32.

(115) "Cada vez que uma pessoa está na posse legítima e habitual de qualquer parte de um poder litúrgico ou jurídico que ultrapassa o direito fundamental de cada baptizado, esta pessoa já não é leiga no sentido próprio do termo e não pertence mais ao simples `povo de Deus'. (...) No sentido estritamente teológico, uma mulher pode perfeitamente pertencer ao `clero', mesmo se a extensão do poder que ela receber for mais limitado do que no caso do homem" (K. RAHNER, op. cit., pp. 5-6).

10. Uma nova bandeira: o Catolicismo

Em Janeiro de 1951, D. António de Castro Mayer fundou, em Campos, o mensário de cultura Catolicismo. O grupo redactorial era coordenado por José Carlos Castilho de Andrade, ex-secretário de redacção do Legionário. Também tinham sido colaboradores do combativo semanário Fernando Furquim de Almeida, que tinha a seu cargo a secção dedicada à história da Igreja; Adolpho Lindenberg, autor dos comentários de economia e de política internacional; José de Azeredo Santos, que se ocupava de filosofia e sociologia na rúbrica Nova et Vetera. Plínio Corrêa de Oliveira abriu o primeiro número de Catolicismo com um artigo, não assinado, destinado a tornar-se um manifesto da Contra-Revolução católica (116). Sublinhando o sentido da festa de Cristo-Rei, escrevia:

"Rei celeste antes de tudo. Mas Rei cujo governo já se exerce neste mundo. É Rei quem possui de direito a autoridade suprema e plena. O Rei legisla, dirige e julga. A sua realeza torna-se efectiva quando os súbditos reconhecem os seus direitos, e obedecem às suas leis. Ora, Jesus Cristo possui sobre nós todos os direitos: promulgou leis, dirige o mundo e julgará os homens. Cabe-nos tornar efectivo o reino de Jesus Cristo, obedecendo às suas leis.

"Este reinado é um facto individual, enquanto considerado na obediência que cada alma fiel presta a Nosso Senhor Jesus Cristo. Com efeito, o reinado de Cristo exerce-se sobre as almas e, pois, a alma de cada um de nós é uma parcela do campo de jurisdição de Cristo-Rei. O reinado de Cristo será um facto social se as sociedades humanas Lhe prestarem obediência.

"Pode-se dizer, pois, que o Reino de Cristo se torna efectivo na terra, em sentido individual e social, quando os homens no íntimo da sua alma e nas suas acções, como nas sociedades, nas suas instituições, leis, costumes, manifestações culturais e artísticas, se conformam com a Lei de Cristo" (117).

(116) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A Cruzada do Século XX**", in Catolicismo, n° 1 (Janeiro de 1951).

(117) Ibid.

Entre 1951 e 1959, com ensaios de grande fôlego publicados em **Catolicismo**, Plínio Corrêa de Oliveira lançou as bases doutrinárias daquela que seria a sua obra prima: "Revolução e Contra-Revolução". A sua visão do reinado social de Cristo é a antítese da concepção maritainista, que abria caminho naqueles anos e que o pensador brasileiro continuou a tomar como alvo de numerosas críticas. A contribuição intelectual do Prof. Plínio, para além dos editoriais, exprimia-se de forma original também numa secção intitulada "**Ambientes, Costumes, Civilizações**", em que, através da análise de quadros, fotografias, desenhos, modas, colocava em foco os valores da civilização cristã e o processo de dissolução que os atingia, iluminando aspectos até então pouco ou nunca considerados pelos escritores contra-revolucionários (118).

(118) Uma colecção completa dos "Ambientes, Costumes e Civilizações", contendo 185 artigos, foi publicada em São Paulo em 1982 pela Artpress Papéis e Artes Gráficas.

Catolicismo, entretanto, começou a ampliar a sua batalha contra o progressismo católico para muito além dos limites da diocese de Campos. A nova revista distinguia-se do Legionário num ponto fundamental: este último era apenas um jornal; a nova publicação preparava-se para ser o órgão de um movimento.

Plínio Corrêa de Oliveira e os seus colaboradores começaram a viajar por diversos países da América do Sul e da Europa a fim de travar contactos em ambientes católicos e anticomunistas de todo o mundo. Pode-se imaginar a emoção do Prof. Plínio quando, pela primeira vez, esteve em Roma, no verão de 1950, por ocasião do Ano Santo. Na Cidade Eterna, reviu o P. Castro e Costa, seu velho professor no Colégio São Luís, foi acolhido com afecto por D. Bento Aloisi Masella, que tinha sido elevado ao cardinalato, frequentou a melhor aristocracia romana, e foi recebido, por fim, pelo Santo Padre e por Mons. João Baptista Montini, Secretário de Estado substituto. Durante a audiência, Mons. Montini, voltando-se para ele e para Mons. António de Castro Mayer que o acompanhava, disse: "professor, quero que saiba que a carta que lhe escrevi não foi um mero gesto de cortesia. Cada um dos seus termos foi pesado atentamente. Tenho prazer de o declarar aqui, em presença do Sr. Dom Mayer" (119).

(119) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, **..."E sobre ti está edificada a Igreja"**, in Catolicismo, n° 151 (julho de 1963).

Voltou a Roma, e à Europa, no verão de 1952. Nesta ocasião, foi convidado pelo Arquiduque Otto de Habsburgo para almoçar na sua residência de Clairfontaine, em França (120). Filho de pais extraordinários como foram os Imperadores Carlos e Zita, o jovem Otto era um príncipe de grande atracção pessoal e inteligência, mas que pelas suas opções políticas acabou por decepcionar as esperanças de muitos contra-revolucionários (121).

(120) Cfr. J. S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. II, p. 52.

(121) Para se ter um quadro da sua visão política, cfr. Otto de HABSBOURG-LORRAINE, "L'idée impériale. Histoire et avenir d'un ordre supranationale", com prefácio de Pierre CHAUNU, Presses Universitaires de Nancy, Nancy, 1989. Ao arquiduque Otto, que na sua obra crítica "a velha aliança do trono e do altar" (p. 218) nega a existência de uma ameaça islâmica para a Europa (pp. 207-209), são substancialmente alheias as ideias de "Cristandade" e de "Revolução", típicas da visão contra-revolucionária.

Pelo contrário, uma grande afinidade de pensamento uniu Plínio Corrêa de Oliveira e o príncipe Dom Pedro Henrique de Orleães e Bragança, Chefe da Casa Imperial brasileira (122). Quando ia a São Paulo, Dom Pedro Henrique visitava o "grupo de Catolicismo", sempre acompanhado por um dos seus filhos. Dois destes, Dom Luís, o primogénito, e Dom Bertrand, passaram a fazer parte do círculo dos discípulos do Prof. Plínio. Pelos seus nomes carregados de ressonâncias históricas, e pela sua piedade e vida exemplar, iriam distinguir-se rapidamente entre os membros eminentes de Catolicismo e, mais tarde, da TFP.

(122) Dom Pedro Henrique de Orleães e Bragança (1908-1981), casado com a princesa Maria Elisabeth da Baviera teve doze filhos. O primogénito, Dom Luiz, nascido em 6 de Junho de 1938, é o actual Chefe da Casa Imperial do Brasil e o legítimo herdeiro dinástico dos direitos à Coroa; em ordem de sucessão seguem o príncipe imperial Dom Bertrand, nascido em 1941, e o Príncipe Dom António, nascido em 1950. Este último desposou a princesa Cristina de Ligne, da qual teve quatro filhos, que estão por sua vez na linha de sucessão ao trono do Brasil: Dom Pedro Luiz (1983), Dom Rafael (1986), Dona Amélia (1984) e Dona Maria Gabriela (1989) (cfr. A. A. dos SANTOS, "Quem é quem na Família Imperial", in "Parlamentarismo sim!", Artpress, São Paulo 1992, p. 259). "No panorama sombrio e ameaçador em que se encontra o País - escreve Armando Alexandre dos Santos - (...), D. Luiz não representa apenas as saudades de um passado remoto e glorioso, ao qual os historiadores sérios hoje são unânimes em fazer justiça. D. Luiz é tambem depositário das esperanças de dias melhores que ainda podem vir" ("A Legitimidade monárquica no Brasil", cit., p. 38).

A partir de 1953, o grupo de Catolicismo começou a promover "semanas de estudo" para amigos e propagandistas do jornal, que chegaram a reunir algumas centenas de jovens

de vários Estados do Brasil. Naquele mesmo ano, veio a lume uma importante "Carta Pastoral, dedicada aos Problemas do Apostolado Moderno" (123), redigida por D. António de Castro Mayer com a colaboração do Prof. Plínio. Tornou-se ela um dos primeiros textos de formação para os jovens que faziam suas as teses do jornal.

(123) Cfr. D. António de Castro Mayer, "Carta Pastoral sobre Problemas do Apostolado Moderno", contendo um catecismo de verdades oportunas que se opõem a erros contemporâneos, Boa Imprensa Ltda., Campos, 1953.

Em 1954, quando celebrou o 400° aniversário da sua fundação, São Paulo era uma cidade de 2.700.000 habitantes que se expandia a um ritmo vertiginoso. Em 25 de Janeiro, o Arcebispo D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Mota inaugurou, na praça da Sé, a nova Catedral, iniciada por D. Duarte quarenta anos antes. Em Agosto daquele ano, o presidente Getúlio Vargas teve como sucessor, após a presidência provisória de João Café Filho, Juscelino Kubitschek, o "presidente bossa-nova" que prometia realizar "50 anos em 5" (124). Catolicismo procurava dissipar aquela atmosfera de optimismo superficial, denunciando a influência crescente do comunismo no Brasil e no mundo e o aumento da imoralidade, cujo sintoma mais evidente era a epidemia mundial do "Rock and Roll" (125). Sublinhando os limites do anticomunismo liberal (126), Plínio Corrêa de Oliveira continuava a indicar no Catolicismo a única solução para os problemas do tempo presente:

"O que é o jornal Catolicismo? Qual o seu lugar na Casa de Deus? Respondendo a esta pergunta, teremos encontrado o nosso próprio lugar junto de Jesus", escrevia, ao comentar a Adoração dos Magos no Santo Natal de 1955. "A nossa obra é principalmente de mirra. Jornal feito para católicos militantes e praticantes... queremos que eles sejam um sal muito salgado, uma luz posta no mais alto da montanha, e muito brilhante. Nesse sentido, Senhor, é a nossa cooperação. É este o presente de Natal que acumulamos durante o ano inteiro, para Vos oferecer. Outros Vos darão o incenso das suas inúmeras obras, capazes de um bem inapreciável. Nós inserimo-nos nessa grande obra queimando em abundância, no solo bem amado do Brasil, a mirra austera mas odorífera do `sim, sim; não, não'" (127).

(124) Cfr. Maria Helma SIMÕES PAES, "A década de 60", Editora Ática, São Paulo 1993, 2a. ed., p. 31. Sobre Juscelino Kubitschek (1902-1976), presidente entre 1956 e 1961, cfr. o verbete de S. PANTOJA e D. FLAKSMAN in DHBB, vol. II, pp. 1698-1717. Cfr. também Juscelino Kubitschek, "Meu caminho para Brasília: cinquenta anos em cinco", Bloch Editores, Rio de Janeiro, 1978; Edgar CARONE, "A quarta República", Difel, São Paulo, 1980. Brasília, a nova capital, iniciada em 1955, foi inaugurada por Kubitschek e pelo seu vice-presidente João Goulart, em 21 de Abril de 1960. Ao lado deles estava D. Hélder Câmara que a exaltou como o "sonho concretizado" (J. KUBITSCHEK, "Por que construí Brasília", Bloch Editores, Rio de Janeiro, 1975, pp. 284-285).

(125) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Primeiro marco do ressurgimento contra-revolucionário**", in Catolicismo, n° 86 (Fevereiro de 1958).

(126) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O anti-comunismo e o reino de Maria**", in Catolicismo, n° 62 (Fevereiro de 1956), pp. 1-2; id., "**Covadonga, monumento de uma epopéia negativista?**", in Catolicismo, n° 66 (Junho de 1956), pp. 1-2.

(127) Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "**Apparuit benignitas et humanitas salvatoris nostri Dei**", in Catolicismo, n° 60 (Dezembro de 1955).

Em 1958, com a morte de Pio XII, fechou-se uma época. Catolicismo, porém, não se desviava da linha de absoluta fidelidade à Tradição católica que já tinha sido a do Legionário.

"O nosso `leit-motiv' deve ser o de que para a ordem temporal do Ocidente, fora da Igreja não há salvação. Civilização católica, apostólica, romana, totalmente tal, absolutamente tal, minuciosamente tal, é o que devemos desejar. A falência dos ideais políticos, sociais ou culturais intermediários está patente. Não se pára no caminho de retorno para Deus: parar é retroceder, parar é fazer o jogo da confusão. Nós só queremos uma coisa: o catolicismo completo" (128).

(128) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A grande esperança de 10 anos de luta**", in O Legionário, n° 666 (13 de Maio de 1945), depois in Catolicismo, n° 173 (Maio de 1965).

A grande meta que Plínio Corrêa de Oliveira indicara no primeiro número do mensário iluminava o horizonte dos anos que se aproximavam:

"Esta é a nossa finalidade, o nosso grande ideal. Caminhamos para a civilização católica que poderá nascer dos escombros do mundo moderno, como dos escombros do mundo romano nasceu a civilização medieval. Avançamos para a conquista deste ideal, com a coragem, a perseverança, a decisão de enfrentar e vencer todos os obstáculos com os quais os cruzados marcharam rumo a Jerusalém. Com efeito, se os nossos antepassados souberam morrer para reconquistar o sepulcro de Cristo, não quereremos nós –filhos da Igreja como eles– lutar e morrer para restaurar algo que vale infinitamente mais do que o preciosíssimo sepulcro do Salvador, isto é: o seu reino sobre as almas e sobre as sociedades, que Ele criou e salvou para que o amem eternamente?" (129).

(129) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Cruzada do Século XX", cit.

Capítulo IV

"Se a Revolução é a desordem,
a Contra-Revolução
é a restauração da ordem.
E por ordem entendemos, a paz de Cristo no Reino de Cristo.
Ou seja, a Civilização Cristã, austera e hierárquica, fundamentalmente
sacral, anti-igualitária e anti-liberal"

REVOLUÇÃO E CONTRA-REVOLUÇÃO

1. "Doutor da Contra-Revolução”

"**Revolução e Contra-Revolução**", obra indissoluvelmente ligada ao nome de Plínio Corrêa de Oliveira, veio a lume em Abril de 1959, por ocasião do centésimo número da revista Catolicismo (1).

(1) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", Boa Imprensa Ltda., Campos, 1959. A obra teve quatro edições no Brasil e numerosas no mundo hispânico, em França, nos Estados Unidos, Canadá, Itália, Alemanha e Roménia. Foi igualmente difundida na Austrália, África do Sul e Filipinas.

A palavra "Revolução", que originariamente indicava o movimento celeste dos astros, assumiu novo significado no século XVIII, sobretudo depois da Revolução Francesa, desde então arquétipo de todas as revoluções, mesmo das que historicamente a precederam. O estudo das revoluções é hoje um tema fundamental do pensamento político (2). "Revolução –afirma o filósofo Augusto Del Noce– é a palavra chave para entender a nossa época" (3) e "a análise da ideia de revolução é o primeiro problema da filosofia" (4). Guerras e revoluções, observa do seu lado Hannah Arendt, "determinaram até agora a fisionomia do século XX" (5). Mas, enquanto as guerras constituem um dos fenómenos mais antigos do passado, "as revoluções em sentido próprio não existiam antes da idade moderna e são o mais recente de todos os grandes fenómenos políticos" (6).

(2) Cfr. entre outras obras Jean BAECHLER, "Les phénomènes révolutionnaires", PUF, Paris, 1970; Karl GRIEWANK, "Der neuzeitliche Revolutionsbegriff. Entstehung und Entwichung"; Europäische Verlagsnstalt, Frankfurt a. Main, 1969; Roman SCHNUR, "Revolution und Weltbürgerkrieg", Duncker u. Hamblot, Berlim, 1983; "L'Europa moderna e l'idea di

Revoluzione", de Carlo MONGARDINI e Maria Luisa MANISCALCO, Bulzoni, Roma, 1990; Charles TILLY, "European Revolutions 1492-1992", Blackwell, Oxford, 1993.

(3) A. DEL NOCE, "Lezioni sul marxismo", Giuffré, Milão, 1972, p. 8.

(4) A. DEL NOCE, "Tramonto o eclissi dei valori tradizionali", Rusconi, Milão, 1971, p. 156.

(5) Hannah ARENDT, "On Revolution", Faber & Faber, Londres, 1963, p. 1.

(6) Ibid., p. 1.

É com o iluminismo que o termo "revolução" muda de significado. Passa a querer dizer: fenómeno ocorrido numa época, destinado a condicionar em profundidade o curso da História. Voltaire fala frequentemente de uma "revolução dos espíritos", de uma revolução das mentes, da qual os filósofos, os iluministas, espalhavam as sementes. "Ela –escreveu em 1769– já está em curso há 15 anos; e em mais 15, depois de ter tido uma manhã tão bela, verá o pleno dia" (7). Este conceito de uma verdadeira regeneração ou palingenésia da sociedade, de facto assumiu o seu significado moderno graças ao que sucedeu em França, entre 1789 e 1795 (8).

(7) François AROUET DE VOLTAIRE, carta de 2 de Março de 1769 in "Oeuvres", Société Litteraire Typographique, Kehl, 1785-1789, vol. XLVI, p. 274.

(8) Sobre a Revolução Francesa, além da clássica síntese de Piene GAXOTTE, "La Révolution française", Complexe, Bruxelas, 1988, cfr. as reedições dos estudos de Augustin COCHIN (1876-1916), "La Révolution et la Libre pensée", Copernic, Paris, 1976 (1924); e "Les sociétés de pensée et la démocratie moderne", Copernic, Paris, 1978 (1925), que influenciaram a "revisão" histórica de François FURET, "Penser la Révolution française", Gallimard, Paris, 1988; F. FURET - Mona OZOUF (org.), "Dictionnaire critique de la Révolution française", Flammarion, Paris, 1988. Sobre as origens culturais: Ernst CASSIRER, "Die Philosophie der Aufklärung", Mohr, Tübingen, 1932; P. HAZARD, "La crise de la conscience européenne", cit.; id., "La pensée européenne au XVIII siècle, de Montesquieu à Lessing", 3 vols., Paris, Boivin, 1946; Daniel MORNET, "Les origines intellectuelles de la Révolution", Colin, Paris, 1933; Bernard GROETHUYSEN, "Philosophie de la Révolution française", Gallimard, Paris, 1956. Sobre o aspecto religioso, cfr. a importante obra de Jean DE VIGUERIE, "Christianisme et Révolution", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1986.

A Revolução, para Plínio Corrêa de Oliveira, não indica a subversão de uma determinada ordem constituída, nem a Contra-Revolução se cifra numa genérica atitude de reacção face a uma realidade à qual se opõe. Ele quer dar a estes vocábulos o sentido preciso que lhe deram, a partir da Revolução Francesa, o Magistério Pontifício e o fecundo filão do pensamento católico que, inspirando-se nesse Magistério e antecipando-o por vezes, foi chamado "contra-revolucionário" (9).

(9) Falta uma exposição orgânica e aprofundada do pensamento da Contra-Revolução católica; tratam do assunto com heterogeneidade de posições: Fernand BALDENSPERGER, "Le mouvement des idées dans l'émigration française (1789-1815)", Plon, Paris 1925, 2 vol.; Dominique BAGGE, "Les idées politiques en France sous la Restauration", P.U.F., Paris, 1952; Jean-Jacques OECHSLIN, "Le mouvement ultra-royaliste sous la Restauration: son idéologie et son action politique (1814-1830)", Librairie générale de droit et de jurisprudence, Paris, 1960; Jacques GODECHOT, "La ContreRévolution, dottrine et action (1789-1804)", P.U.F., Paris, 1961; R. RÉMOND, "Les droites en France", Aubier Montaigne, Paris, 1982; Stéphane RIALS, "Révolution et Contre-Révolution au XIX siècle", Albatros, Paris, 1987; E. POULAT, "Antireligion et Contre-Révolution", in Id., "L'antimaçonnisme catholique", Berg International, Paris, 1994. Possuem, ademais, grande utilidade a série de artigos escritos pelo prof. F. FURQUIM DE ALMEIDA na secção "Os católicos franceses no século XIX", in Catolicismo, desde o n° I (Janeiro de 1951) até o n° 80 (Agosto de 1957).

O autor mais conhecido é o Conde Joseph de Maistre (10), o pensador da Savóia, a quem se deve uma das primeiras reflexões sobre a Revolução de 1789.

(10) Os escritos do Conde Joseph DE MAISTRE (1753-1821) foram recolhidos nas "Oeuvres complètes" contendo as suas obras póstumas e toda a sua correspondência inédita, Vitte e Perrussell, Lyon, 1884-1886, 14 vols.; ed. ne varietur, ibidem, 1924-1928. Apesar da abundância da bibliografia sobre o autor, falta um estudo exaustivo sobre De Maistre. Para uma introdução cfr. a colectânea "Joseph de Maistre tra illuminismo e restaurazione" (org. Luigi MARINO), Centro Studi Piemontesi, Turim, 1975 e Domenico FISICHELLA, "Il pensiero politico di De Maistre", Laterza, Roma-Bari, 1993.

Mas esta escola de pensamento teve muitos expoentes além dos que costumeiramente se mencionam. Ainda antes de De Maistre, o jesuíta Pierre de Clorivière (11) intuiu a profundidade da Revolução Francesa, traçando dela um surpreendente quadro: "A Revolução que vimos desencadear-se –escreve em 1794– apresenta três caracteres principais, previstos nas Sagradas Escrituras: ela foi imprevista, é grande, será geral" (12). Nesta linha encontram-se, no século XIX, autores como Louis de Bonald (13), Juan Donoso Cortés (14), Karl Ludwig von Haller (15), o Cardeal Edouard Pie (16), Mons. Charles Freppel (17) e, no início do nosso século, Mons. Henri Delassus (18), valoroso apologeta a quem Plínio Corrêa de Oliveira votou especial consideração. É preciso não esquecer, ao lado desses autores, o ensinamento dos Papas, sobretudo do Venerável Pio IX e de São Pio X, cuja carta Notre Charge Apostolique, de 1910, pode ser definida, segundo D. Besse, como "a Contra-Revolução em acção" (19).

(11) Do Padre Pierre Joseph PICOT DE CLORIVIÈRE (1735-1820), cfr. os "Etudes sur la Révolution", in "Pierre de Clorivière, contemporain et juge de la Révolution", e com introdução de René BAZIN, J. de Gigord, Paris, 1926. Cfr. também o amplo verbete de Pierre MONIER-VINARD, S.J., "Clorivière", in DSp, vol. II (1953), col. 974-979. Clorivière foi o último jesuíta que pronunciou os seus votos solenes em França antes da supressão da Companhia de Jesus e seria o restaurador dela depois de 1814. Foi introduzida a sua causa de beatificação.

(12) P. de CLORIVIÈRE, "Etudes sur la Révolution", cit., p. 115.

(13) Sobre o Visconde Louis-Ambrois de BONALD (1754-1830), cujas "Oeuvres Complètes" foram publicados por Migne em três volumes (Paris, 1859), cfr. a clássica obra de H. MOULINIÉ, "De Bonald. La vie, la carrière politique, la doctrine", F. Alcan, Paris, 1916; cfr. também Mary Hall QUINLAN, "The historical thought of the Vicomte de Bonald", Catholic University of America Press, Washington, 1953; Robert SPAEMANN, "Der Ursprung der Soziologie aus dem Geist der Restauration. Studien über L. G. A. de Bonald", Kösel, Munique, 1959; C. CONSTANTIN, in DTC, vol. II,1 (1910), col. 958-961.

(14) Sobre Juan Donoso Cortés, Marquês de Valdegamas (1809-1853), veja-se o estudo introdutório que Carlos VALVERDE acrescentou à sua edição das "Obras completas", BAC, Madrid 1970, vol. I, pp. 1-166 (com ampla bibliografia). A carta que Donoso Cortés dirigiu ao Cardeal Fornari em 19 de Junho de 1852 pode ser considerada um dos mais lúcidos manifestos da Contra-Revolução católica do século XIX. O texto original está in J. DONOSO CORTÉS, "Obras completas", cit., vol. II, pp. 746-762.

(15) Karl Ludwig von HALLER (1768-1854) é autor de "Restauration der Staats-Wissenschaft, oder Theorie des natürlich geselligen Zustands; der Chimkre des Küstlich-bürgerlichen entgegensetzt", Steiner, Winterthur, 1816-1834, 6 vol. Cfr. mais recentemente "La Restaurazione della Scienza politica", de Mario SANCIPRIANO, Utet, Turim, 1963-1976, 3 vol. Sobre Haller, veja-se Michel de PREUX, "Charles-Louis de Haller. Un légitimiste suisse", A la Carte, Sierre, 1996.

(16) Sobre o Card. Edouard-Louis PIE (1815-1880) cfr. "Les Oeuvres de Monseigneur l'Evêque de Poitiers" (10 edições, sendo a última de Paris, J. Ledars 1890-94, 10 vol.). Cfr. também Mons. Louis BAUNARD, "Histoire du Cardinal Pie, Evêque de Poitiers", Oudin, Poussielgue, 1886, 2 vols., e os estudos de Etienne CATTA, "La doctrine politique et sociale du Cardinal Pie", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1959, e de Theotime de SAINT-JUST, "La royauté sociale de Notre-Seigneur Jésus-Christ, d'après le cardinal Pie", Ed. Sainte Jeanne d'Arc, Chiré-en-Montreuil, 1988.

(17) Mons. Charles FREPPEL (1827-1891) foi consultor do Concílio Vaticano I, em que sustentou a infalibilidade pontifícia, e desde 1869 Bispo de Angers onde fundou em 1875 a Universidade Católica. Cfr. as suas "Oeuvres polémiques", in 10 vol. (Palme, Paris, 1874-1878) e "La Révolution française", Trident, Paris, 1987 (1889).

(18) Mons. Henri DELASSUS (1836-1921), ordenado Sacerdote em 1862, exerceu o ministério em Lille onde, desde 1874, foi proprietário, director e principal redactor da Semana religiosa da diocese de Cambrai que, com a criação da Diocese de Lille tomou o nome de Semana religiosa da Diocese de Lille e "fez dele um dos baluartes da luta contra o liberalismo, o modernismo e todas as formas de conspiração mundial anticristã" (E. POULAT, "Intégrisme et Catholicisme intégral", Casterman, Tournai, 1969, pp. 258-259). Fez parte do Sodalitium Pianum e São Pio X elevou-o a Prelado Doméstico em 1904, a Protonotário Apostólico em 1911 e ao cargo de decano do capítulo da Catedral de Lille em 1914, reconhecendo, por ocasião do seu jubileu sacerdotal, o zelo com que defendeu a doutrina católica ("Actes de Pie X", Maison de la Bonne Presse, Paris, 1936, t. VII, p. 238). As suas principais obras são "Il problema dell'ora presente", cit., depois refundido em "La conjuration antichrétienne: le temple maçonnique voulant s'élever sur les ruines de l'Eglise catholique" (Desclée, Paris, 1910, 3 vol., com uma carta de prefácio do Cardeal Rafael Merry del Val).

(19) Dom Jean Martial BESSE, "L'Eglise et les libertés", Nouvelle Librairie Nationale, Paris, 1913, p. 53.

O pensamento dos contra-revolucionários, neste sentido, aparenta-se, mas distingue-se, do dos conservadores (20) que têm em Edmund Burke (21) o seu precursor, mas, pelo contrário, entrelaça-se com o dos chamados "ultramontanos", adversários do liberalismo católico e intransigentes defensores do Primado Pontifício no Século XIX, como Louis Veuillot (22) em França, Santo António Maria Claret (23) em Espanha e, na Inglaterra, os grandes convertidos como o Cardeal Henry Edward Manning (24) e o P. Frederick William Faber (25).

(20) Cfr. Pieter VIERECK, "Conservatism", in EB, vol 27 (1986), pp. 476-484; id., "Conservatism from John Adams to Churchill", Greenwood Press, Westport, 1978; John WEISS, "Conservatism in Europe, 1770-1945", Thames and Hudson, Londres, 1977; Russel KIRK, "The conservative mind: from Burke to Eliot", Regnery Gateway, Washington D.C., 1986 (1953).

(21) O nascimento oficial do conservadorismo internacional remonta à publicação da obra de Edmund BURKE (1729-1797), "Reflections on the Revolution in France" em 1790. Sobre Burke a literatura é vastíssima. Limitamo-nos a assinalar as obras de Alfred COBBAN, "E. Burke and the Revolt against the Eighteenth Century", Allen and Unwin, Londres, 1978 (reimpressão da edição de 1929), e "The Debate on the French Revolution (1789-1800)," Adam and Charles Black, Londres, 1960, 2a ed., e recentemente Crawford B. MACPHERSON, "Burke", Oxford University Press, NovaYork, 1980; Michael FREEMAN. "Edmund Burke and the critique of political radicalismo", Basil Blackwell, Oxford, 1980.

(22) Sobre Louis VEUILLOT cfr. nota 41 do cap. II, e entre as obras, "L'illusion libérale", in "Oeuvres", cit., vol. 10, pp. 315-361.

(23) Santo António Maria CLARET (1807-1870). Fundador da Congregação dos Missionários Filhos do Coração Imaculado de Maria, Arcebispo de Santiago de Cuba (1849-1857), confessor da Rainha Isabel II em Madrid, depois um dos protagonistas do Concílio Vaticano I, no qual defendeu a infalibilidade pontifícia. Foi beatificado por Pio XI em 1934 e canonizado por Pio XII em 7 de Maio de 1950. Cfr. "Escritos autobiograficos y espirituales", BAC, Madrid, 1959 e o verbete de Giuseppe Maria VIÑAS, in BSS, vol. II (1962), col. 205-210.

(24) Sobre o Cardeal Henry Edward MANNING (1808-1892), cfr. David NEWSOME, "The convert cardinals: John Henry Newman and Henry Edward Manning", Murray, Londres, 1993.

(25) Sobre o Padre oratoriano Frederick William Faber (1814-1863), cfr. Ronald CHAPMAN, "Father Faber", Burn and Oates, Londres, 1961.

A tantos nomes de expoentes intelectuais é preciso acrescentar pelo menos o de um estadista que simboliza a Contra-Revolução católica do século XIX: o Presidente do Equador, Gabriel García Moreno (26), cuja figura tem não poucas analogias em relação à de Plínio Corrêa de Oliveira.

(26) Gabriel García Moreno (1821-1875), concluiu uma concordata com a Santa Sé durante o seu mandato presidencial (1863), considerada o modelo das concordatas católicas do século passado, e consagrou a República do Equador ao Sagrado Coração de Jesus (1873). "A sua existência foi uma contínua batalha contra as forças políticas adversas tendentes à descristianização e por isso foi objecto de ódio profundo por parte dos inimigos que o fizeram assassinar à entrada da Catedral de Quito" (Silvio FURLANI. sub voce, in DTC, vol. V (1950), col. 1936). Cfr. também Alphonse BERTHE, C.SS.R., "Garcia Moreno. Président de l'Equateur, vengeur et martyre du droit chrétien", Téqui, Paris, 1926, 2 vols.

"Revolução e Contra-Revolução" inscreve-se, pois, num filão católico que marca com a sua história e a sua fisionomia a história moderna. Esta linha de pensamento caracteriza-se pela fidelidade ao Magistério Pontifício em todas as suas expressões e por uma aprofundada meditação sobre o processo histórico desenvolvido pela Revolução Francesa. A obra de Plínio Corrêa de Oliveira, entretanto, não é uma repetição do pensamento contra-revolucionário precedente, mas uma genial reelaboração dessas concepções com novos desenvolvimentos, que fazem do autor um autêntico mestre desta escola no século XX. Com efeito, se por um lado reelaborou e sistematizou, com extraordinária capacidade de síntese, o pensamento precedente, por outro, enriqueceu-o com dimensões novas e inexploradas.

2. A Cristandade no Magistério Pontifício

"Revolução e Contra-Revolução" baseia-se sobre um pressuposto histórico e filosófico em plena harmonia com o Magistério da Igreja: a necessidade de conformar à lei de Cristo não apenas as pessoas individualmente consideradas, mas também a sociedade e os Estados. sobre os quais se exerce a soberania exclusiva do Redentor. Fruto desta obra de cristianização da vida social é a Civilização Católica (27). "A Civilização Católica –afirma o Prof. Plínio–está para a Igreja como a água para a fonte ou a luz para o foco que a irradia" (28).Os povos cristãos, para o pensador brasileiro, formam uma autêntica família, no sentido mais genuíno da palavra. Como a família, também a Cristandade se une por uma comunidade de vida: a vida sobrenatural, que faz de cada fiel um filho adoptivo de Cristo. "O conceito de Cristandade é uma projecção, no terreno natural, da grande realidade sobrenatural que é o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo" (29).

(27) Sobre a Cristandade medieval e a ideia de Cristandade em geral, cfr.: Bernard LANDRY, "L'idée de chrétienté chez les scholastiques du XIII.e siècle", Paris, 1929; Alois DEMPF, "Sacrum Imperium", Oldenbourg, Munique-Berlim, 1929; Christopher DAWSON, "The making of Europe: an introduction to the history of European unity" Sheed and Ward, Londres, 1932; Jean RUPP, "L'idée de chrétienté dans la pensée Pontificale des origines à Innocent III", Les Presses Modernes, Paris, 1939; Raoul MANSELLI, "La `christianitas' medievale di fronte all'eresia", in "Concetto, storia, miti e immagini del medioevo", Vittore BRANCA, Sansoni, Florença, 1973, pp. 91-133; Luigi PROSDOCIMI, "Cristianità medievale e unità giuridica europea", in Aa. vv., "Storia d'Italia. Dalla civiltà latina alla nostra Repubblica", De Agostini, Novara, 1980, vol. IV, pp. 288-312 com ampla bibliografia. Para uma visão de conjunto da Civilização medieval cfr. também Hilaire BELLOC, "Europe and the Faith", com uma introdução de Douglas WOODRUFF. Burn & Oates, Londres, 1962 (1920); Raffaello MORGHEN, "Medioevo cristiano", Laterza, Bari,1962; Giorgio FALCO, "La santa romana repubblica. Profilo storico del Medioevo", Ricciardi, Milão-Nápoles, 1968; Leopold GENICOT, "Le Moyen Age", Casterman, Tournai, 1978 (3.° ed.)

(28) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O crime de Hitler**", in O Legionário, n° 547 (31 de Janeiro de 1943); cfr. também id., "Civilização Cristã", in O Legionário, n° 546 (24 de Janeiro de 1943).

(29) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Cristandade**", in O Legionário, n° 732 (18 de Agosto de 1946).

São Pio X, na Encíclica Il Fermo Proposito, de 11 de Junho de 1905, insistiu em que "a civilização do mundo é a Civilização Cristã, tanto mais verdadeira, mais duradoura, mais fecunda em frutos preciosos, quanto é mais autenticamente cristã" (30), e na Carta Notre Charge Apostolique de 25 de Agosto de 1910 recordava:

"Não se deve inventar a Civilização, nem se deve construir nas nuvens a nova sociedade. Ela existiu e existe: é a Civilização Cristã, é a sociedade católica. Não se trata senão de a instaurar e restaurar incessantemente nas suas bases naturais e divinas, contra os ataques sempre renascentes da utopia malsã, da revolta e da impiedade: Omnia instaurare in Christo (Ef. I, 10)" (31).

(30) S. Pio X, Encíclica Il fermo proposito, in ASS, vol. 37 (1905) p. 745.

(31) S. Pio X, Carta Notre Charge Apostolique, de 25 de Agosto de 1910, cit., p. 612.

A Civilização Cristã, ensina por sua vez Leão XIII, teve uma concreta expressão histórica na Cristandade medieval.

"Tempo houve em que a filosofia do Evangelho governava os Estados. Nessa época, a influência da sabedoria cristã e a sua virtude divina penetravam as leis, as instituições, os costumes dos povos, todas as categorias e todas as relações da sociedade civil. Então a Religião instituída por Jesus Cristo, solidamente estabelecida no grau de dignidade que lhe é devido, em a toda parte era florescente, graças ao favor dos Príncipes e à protecção legítima dos Magistrados. Então o Sacerdócio e o Império estavam ligados entre si por uma feliz concórdia e pela permuta amistosa de bons ofícios. Organizada assim, a sociedade civil deu frutos superiores a toda a expectativa, cuja memória subsiste e subsistirá, consignada como está em inúmeros documentos que artifício algum dos adversários poderá corromper ou obscurecer" (32).

(32) Leão XIII, Encíclica Immortale Dei, de 1 de Novembro de 1885, in AAS, vol. XVIII (1885), p. 169.

"Esta luminosa realidade, –comenta Plínio Corrêa de Oliveira– feita de uma ordem e uma perfeição antes sobrenatural e celeste, do que natural e terrestre, que se chamou a Civilização Cristã, é produto da cultura cristã, a qual por sua vez é filha da Igreja Católica" (33). A Cristandade medieval foi, pois, a sociedade humana que, ao longo da História, realizou o ideal católico com maior perfeição. Se Maritain tinha escrito que "existe uma só Igreja; podem existir civilizações cristãs, cristandades diversas" (34), o pensador brasileiro afirma, pelo contrário, com vigor, que "a Cristandade não foi uma ordem qualquer, possível como seriam possíveis muitas outras ordens. Foi a realização, nas cirscunstâncias inerentes aos tempos e lugares, da única ordem verdadeira entre os homens, ou seja, a Civilização Cristã" (35).

(33) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Cruzada do Século XX", cit.

(34) J. MARITAIN, "Humanisme intégral", cit., p. 442.

(35) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA. "Revolução e Contra-Revolução", Artpress, São Paulo, 1982, p. 28.

A origem da expressão Idade Média e do respectivo conceito (36) liga-se a uma visão historiográfica que pretendia caracterizar todo um milénio de História ocidental como uma longa "noite", tenebroso parênteses entre a "luz" do mundo pagão e o "renascimento" da idade moderna; tal concepção, já presente em Petrarca (37) e no humanismo italiano, seria adpotada pelos iluministas no século XVIII. Desta forma, como observa Eugénio Garin, "O contraste entre idade escura e renascimento iluminante alimentaria uma polémica de quase quatro centúrias, do século XIV ao XVIII, ligando de forma ideal o Humanismo ao Iluminismo" (38).

(36) G. L. BURR, "How the Middle Ages got their Names" in American Historical Review, vol. 18 (1911-1912), pp. 710 ss.; Etienne GILSON, "Notes sur une frontière contestée", in Archives d'histoire dottrinale et litteraire du moyen âge, vol. 25 (1958), p. 65; Ludovico GATTO,

"Viaggio intorno al concetto di Medioevo", Bulzoni, Roma, 1977; Pietro ZERBI, "Il Medioevo nella storiografia degli ultimi vent'anni", Vita e Pensiero, Milão, 1985.

(37) Francesco Petrarca foi o primeiro a cavar um sulco entre a idade "antiga", romana, e a idade "nova", sucessiva à Idade Média (cfr. Epistolae de rebus familiaribus, VI, 2; XX, 8 etc.). Wallace K. FERGUSON, in "Il Rinascimento nella critica storica" (tr. it. Il Mulino, Bolonha, 1968, pp. 20-23), considera-o "o primeiro formulador daquele conceito dos `tempos obscuros' que estava destinado a dominar durante séculos a interpretação da Idade Média e a fornecer o fundo negro sobre o qual se faria brilhar a luz do Renascimento" (p. 21); cfr. também Theodor E. MOMMSEN, "Petrarch's Conception of the Dark Ages", in Medieval and Renaissance Studies, sob a direcção de E. F. RICE JR, Cornell University Press, Nova York, 1959, pp. 226-242); Eugenio GARIN, "Rinascite e rivoluzioni. Movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo", Laterza, Bari, 1976, pp. 4-47.

(38) E. GARIN, "Rinascite e rivoluzioni", cit., p. 15.

A "lenda negra" sobre a Idade Média, que a historiografia marxista relançara, ruiu definitivamente e nenhum historiador sério aceitaria hoje considerar a Idade Média como um parênteses de barbárie negra (39). A expressão Idade Média perdeu qualquer caracterização semântica de sinal negativo, para indicar simplesmente a época histórica em que toda a sociedade, nas suas instituições, leis e costumes, se deixou plasmar pela Igreja Católica. Por isso, Bento XV define a Europa medieval como uma Civilização homogénea, dirigida pela Igreja (40), e Pio XII afirma que "é justo reconhecer à Idade Média e à sua mentalidade uma nota de autêntica catolicidade: a certeza indiscutível de que a religião e a vida formam, na unidade, um todo indissolúvel" (41).

(39) Marco TANGHERONI, "La 'leggenda nera' sul Medioevo", in Cristianità, n° 34-35 (Fevereiro-Março de 1978). p. 6-9; Régine PERNOUD, "Lumière du Moyen Age", Grasset, Paris, 1944; id., "Pour en finir avec le Moyen Age", Seuil, Paris, 1977; Raymond DELATOUCHE, "La chrétienté médiévale", Téqui, Paris, 1989; Jacques HEERS, "Le Moyen Age, une imposture. Vérités et légendes", Perrin, Paris, 1993.

(40) Bento XV, Encíclica Pacem Dei munus de 23 de Maio de 1920, in AAS, vol. 12 (1920), p. 216.

(41) "Nós –afirmou por sua vez João Paulo II– somos ainda os herdeiros de longos séculos nos quais se formou na Europa uma Civilização inspirada pelo cristianismo. (...) Na Idade Média, com certa coesão do continente inteiro, a Europa constrói uma Civilização luminosa da qual permanecem muitos testemunhos" (Discurso à CEE, em Bruxelas, 21 de Maio de 1985, in lP "Osservatore Romano", 22 de Maio de 1985).

Toda a sociedade medieval se conformava harmonicamente com a ordem natural estabelecida pelo próprio Deus ao criar o universo e com a ordem sobrenatural inaugurada com a Redenção e inspirada pela Igreja. Esta foi a grande civilização que emergiu lenta mas vigorosamente do caos da era bárbara, sob o influxo das energias naturais e sobrenaturais dos povos baptizados e ordenados a Cristo.

"A conversão dos povos ocidentais –escreveu Plínio Corrêa de Oliveira– não foi um fenómeno de superfície. O germen da vida sobrenatural penetrou no proprio âmago da sua alma, e foi paulatinamente configurando à semelhança de Nosso Senhor Jesus Cristo o espírito outrora rude, lascivo e supersticioso das tribos bárbaras. A sociedade sobrenatural –a Igreja– estendeu assim sobre toda a Europa a sua contextura hierárquica, e desde as brumas da Escócia até às encostas do Vesúvio foram florindo as dioceses, os mosteiros, as igrejas catedrais, conventuais ou paroquiais, e, em torno delas, os rebanhos de Cristo. (...) Nasceram por essas energias humanas vitalizadas pela graça, os reinos e as estirpes fidalgas, os costumes corteses e as leis justas, as corporações e a cavalaria, a escolástica e as universidades, o estilo gótico e o canto dos menestreis" (42).

(42) Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A grande experiência de 10 anos de luta", cit.

Quais foram as causas da decadência da civilização medieval? Leão XIII na Encíclica Immortale Dei escreve que "o funesto e deplorável espírito de novidade suscitado no século

XVI, começou por convulsionar a religião, passou depois naturalmente desta ao campo filosófico, e em seguida a todas as ordens do Estado" (43). O âmbito religioso, juntamente com o intelectual .e o político-social, são os três campos atingidos pelo processo de dissolução que o Papa denomina "Direito novo". Trata-se de um "inimigo" declarado da Igreja e da Cristandade, o qual por sua vez foi descrito por Pio XII nos seguintes termos:

"Ele encontra-se em toda a parte e no meio de todos: sabe ser violento e astuto. Nestes últimos séculos tentou realizar a desagregação intelectual, moral e social da unidade no organismo misterioso de Cristo. Ele quis a natureza sem a graça, a razão sem a fé; a liberdade sem a autoridade; às vezes a autoridade sem a liberdade. É um "inimigo" que se tornou cada vez mais concreto, com uma ausência de escrúpulos que ainda surpreende: Cristo sim, a Igreja não! Depois: Deus sim, Cristo não! Finalmente o grito ímpio: Deus está morto; e, até, Deus jamais existiu. E eis, agora, a tentativa de edificar a estrutura do mundo sobre bases que não hesitamos em indicar como principais responsáveis pela ameaça que pesa sobre a humanidade: uma economia sem Deus, um direito sem Deus, uma política sem Deus" (44).

(43) Leão XIII, Encíclica Immortale Dei, in IP, "La pace interna delle nazioni", cit.

(44) Pio XII, Discurso Nel contemplare de 12 de Outubro de 1952, in DR, vol. XIV, p. 359.

Este inimigo constituiria o objecto específico do estudo de Plínio Corrêa de Oliveira, que depois de ter analisado a natureza e as formas de acção do adversário, proporá as linhas de uma eficaz reacção para vencê-lo e restaurar a Civilização Cristã.

Sintetizando a natureza do irredutível antagonismo existente entre a Igreja e o seu mortal adversário, escreve:

"Este inimigo terrível tem um nome: chama-se Revolução. A sua causa profunda é uma explosão de orgulho e de sensualidade que inspirou, não diríamos um sistema, mas toda uma cadeia de sistemas ideológicos. Da larga aceitação dada a estes no mundo inteiro, decorreram as três grandes revoluções da História do Ocidente: a Pseudo-Reforma, a Revolução Francesa e o Comunismo" (45).

(45) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 12.

3. A grande crise do Ocidente cristão

"Revolução e Contra-Revolução" apresenta, antes de tudo, um quadro da nossa época que se resume numa palavra hoje dramaticamente actual: crise (46).

(46) "Nos nossos dias –afirmou João Paulo II em São Domingos a 12 de Outubro de 1992– percebe-se uma crise cultural de proporções insuspeitáveis. Certamente o susbtracto cultural de hoje apresenta bom número de valores positivos, muitos dos quais fruto da evangelização; mas ao mesmo tempo, eliminou valores religiosos fundamentais e introduziu concepções enganosas, que não são aceitáveis do ponto de vista cristão" (João Paulo II, Discurso "Nueva Evangelización, Promoción humana, Cultura cristiana. Jesucristo ayer, hoy y siempre" de 12 de Outubro de 1992, in suppl. a L'Osservatore Romano n° 238 de 14 de Outubro de 1992, IV, pp. 21-22).

"As muitas crises que abalam o mundo hodierno –do Estado, da família, da economia, da cultura, etc.– não constituem senão múltiplos aspectos de uma só crise fundamental, que tem como campo de acção o próprio homem. Noutros termos, essas crises têm a sua raíz nos problemas de alma mais profundos, de onde se estendem para todos os aspectos da personalidade do homem contemporâneo e todas as suas actividades" (47).

(47) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 17.

Portanto, no centro da obra do Prof. Plínio está o homem, criatura racional composta de alma e de corpo, hoje vítima de uma crise profunda.

Embora muitos sejam os factores que compõem esta crise, conserva ela sempre cinco caracteres essenciais:

1. É universal, pois não existe povo que não tenha sido por ela afectado, em grau maior ou menor.

2. É una, no sentido que não existe uma pluralidade de crises autónomas, sem ligação entre si, mas uma mesma crise assola hoje o conjunto daquela que outrora foi a Cristandade.

3. É total, porque se desenvolve numa zona de problemas tão profunda, que se estende depois a todas as potências da alma, em todos os campos de acção do homem.

4. É dominante, porque ela é como uma rainha que guia forças e acontecimentos aparentemente caóticos.

5. É um processo, isto é, um longo sistema de causas e efeitos que, tendo nascido nas zonas mais profundas da alma e da cultura ocidental, vão produzindo, desde o século XV até aos nossos dias, sucessivas convulsões.

4. As etapas históricas da Revolução

As etapas históricas deste processo plurissecular são as três grandes revoluções da História do Ocidente: o protestantismo, a Revolução Francesa e o comunismo. Plínio Corrêa de Oliveira assim resumiu este processo:

"1) A Pseudo-Reforma foi uma primeira revolução. Ela implantou o espírito de dúvida, o liberalismo religioso e o igualitarismo eclesiástico, em medida variável aliás nas várias seitas a que deu origem (48).

(48) Sobre o protestantismo permanece fundamental a crítica de Jaime BALMES, "El protestantismo comparado con el Catolicismo", BAC, Madrid 1967, 2 vol. (1842-1844). O desenvolvimento do protestantismo está descrito sobretudo nas seitas inglesas do século XVII e no movimento que culminou com a Revolução inglesa. Para Plínio Corrêa de Oliveira, a Revolução inglesa do século dezassete ocupa lugar saliente na trágica história da crise do Ocidente. "Nesse sentido, com as variantes que sempre existem quando a história parece repetir-se, Carlos I é verdadeiramente uma prefigura de Luís XVI, Cromwell um precursor de Robespierre ou Saint-Just, e a Revolução inglesa uma `avant-première' da Revolução Francesa" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Figuras que encarnam concepções de vida", in Catolicismo, n° 77, de Maio de 1957). Sobre as seitas protestantes in genere, cfr. R. de MATTEI, "Alta Ruet Babylon. L'Europa settaria del cinquecento", IPL, Milão, 1997. Entre os mais lúcidos críticos da Revolução Francesa, não faltam autores protestantes. Cfr. Aa. Vv., "Révolution et Christianisme. Une appréciation chrétienne de la Révolution française", l'Age d'Homme, Lausana, 1992 e especialmente Jean Marc BERTHOUD, "La Révolution française et les révolutions", pp. 114-163.

2) Seguiu-se-lhe a Revolução Francesa, que foi o triunfo do igualitarismo em dois campos. No campo religioso, sob a forma de ateísmo, especiosamente rotulado de laicismo. E na esfera política, pela falsa máxima de que qualquer desigualdade é uma injustiça, qualquer autoridade um perigo, e a liberdade o bem supremo (49).

(49) Para um panorama da Revolução Francesa, vista na sua essência e nas suas verdadeiras causas, à luz do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira, cfr. "Despreocupados... rumo à Guilhotina. A autodemolição do Ancien Régime", Edições Brasil de Amanhã, São Paulo, 1993.

3) O Comunismo é a transposição destas máximas para o campo social e económico" (50).

(50) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 13.

As origens deste processo, para Plínio Corrêa de Oliveira, remontam ao século XIV, quando se inicia na Europa cristã uma transformação de mentalidades que no decurso do século XV se torna cada vez mais nítida.

"O apetite dos prazeres terrenos vai-se transformando em ânsia. As diversões vão-se tornando mais frequentes e mais sumptuosas. Os homens preocupam-se sempre mais com elas. Nos trajos, nas maneiras, na linguagem, na literatura e na arte o anelo crescente por uma vida cheia de deleites da fantasia e dos sentidos vai produzindo progressivas manifestações de sensualidade e moleza. Há um paulatino deperecimento da seriedade e da austeridade dos antigos tempos. Tudo tende ao risonho, ao gracioso, ao festivo. Os corações

desprendem-se gradualmente do amor ao sacrifício, da verdaderia devoção à Cruz, e das aspirações de santidade e vida eterna. A Cavalaria, outrora uma das mais altas expressões da austeridade cristã torna-se amorosa e sentimental, a literatura de amor invade todos os países, os excessos do luxo e a consequente avidez de lucros estendem-se por todas as classes sociais" (51).

(51) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 19.

Este clima moral continha a aspiração a uma ordem de coisas fundamentalmente diversa da medieval. É neste estado de alma, nestas "tendências", que medraram os grandes erros doutrinais e as convulsões históricas dos séculos seguintes.

5. As profundidades da Revolução

O pensador brasileiro distingue na Revolução três pronfundidades que, cronologicamente, até certo ponto se interpenetram.

A dimensão mais profunda é a das tendências. Quando as tendências desordenadas do homem recusam conformar-se com uma ordem de coisas que as deveria guiar e corrigir, começam por modificar as mentalidades, os modos de ser, os costumes e as expressões artísticas.

Dessas camadas profundas, a crise passa para o terreno ideológico. É a Revolução nas ideias. O Prof. Plínio recorda a frase de Paul Bourget na sua célebre obra "Le démon du midi": "cumpre viver como se pensa, sob pena de, mais cedo ou mais tarde, acabar por pensar como se viveu" (52). Inspiradas pelo desregramento das tendências desordenadas, eclodem doutrinas novas. Estas procuram por vezes, de início, um modus vivendi com as antigas, e exprimem-se de maneira a manter com estas um simulacro de harmonia que habitualmente não tarda em romper-se numa luta declarada.

(52) Paul BOURGET, "Le démon de midi", Librairie Plon, Paris, 1914, vol. II, p. 375.

A revolução nos factos segue-se à revolução nas ideias, onde passa a operar, por meios cruentos ou incruentos, a transformação das instituições, das leis e dos costumes, tanto na esfera religiosa como na sociedade temporal (53).

(53) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p.23 .

6. O papel das paixões no processo revolucionário

O processo revolucionário, considerado no seu conjunto, e também nos seus principais episódios, é visto pelo pensador brasileiro como o desenvolvimento, por etapas, e através de contínuas metamorfoses, de algumas tendências desregradas do homem ocidental e cristão e dos erros e movimentos que estas fomentam.

A causa mais profunda deste processo é, para Plínio Corrêa de Oliveira, uma explosão de orgulho e sensualidade que inspirou toda uma cadeia de sistemas ideológicos e uma uma série de acções a eles correlatas.

"O orgulho leva ao ódio a qualquer superioridade, e, pois à afirmação de que a desigualdade é em si mesma, em todos os planos, inclusive e principalmente nos planos metafísico e religioso, um mal. É o aspecto igualitário da Revolução.

"A sensualidade, de si, tende a derrubar todas as barreiras. Ela não aceita freios e leva à revolta contra qualquer autoridade e qualquer lei, seja divina ou humana, eclesiástica ou civil. É o aspecto liberal da Revolução.

"Ambos os aspectos, que têm em última análise um carácter metafísico, parecem constraditórios em muitas ocasiões, mas conciliam-se na utopia marxista de um paraíso anárquico em que uma humanidade altamente evoluída e `emancipada' de qualquer religião vivesse em ordem profunda sem autoridade política, e numa liberdade total da qual entretanto não decorresse qualquer desigualdade" (54).

(54) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., pp. 12-13.

Os autores contra-revolucionários do século XIX, como De Maistre, De Bonald e Donoso Cortés, descreveram bastante bem a Revolução no seu desenvolvimento de erros doutrinais. Mas o que, pelo seu lado, caracteriza a obra de Plínio Corrêa de Oliveira, é a atenção aos factores "passionais" e à sua influência sobre os aspectos estritamente ideológicos do processo revolucionário (55).

(55) H-D. NOBLE, "Passions", in DTC, vol. XI,2 (1932), col. 2211-2241; Aimé SOLIGNAC, "Passions et vie spirituelle", in DSp, vol. XII,1 (1984), col. 339-357. As paixões podem ser entendidas em sentido metafísico (cfr. S. Tomás DE AQUINO, Summa Theologica, I-IIae, q. 23 art. 2-4) num sentido psicológico. Noble define a paixão como "um acto único do apetite sensitivo, que compreende essencialmente uma tendência afectiva e uma reacção psicológica" (col. 2215). Cfr. também Gérard BLAIS, "Petit traité pratique des passions humaines", Editions Paulines, Sherbrooke (Canadá), 1976; Antonin EYMIEU, "Le gouvernement de soi-même. Essai de psychologie pratique", Perrin, Paris, 1910. Indagando sobre as relações entre ideias, sentimentos e actos, Eymieu estabelece algumas grandes leis psicológicas, das quais a primeira é que a ideia leva ao acto do qual é a representação. O segundo princípio é que a acção suscita o sentimento do qual esta deveria ser a expressão normal. O terceiro é que a paixão se aguça até ao máximo, e emprega para os próprios fins as forças psicológicas humanas.

Conformando-se ao costume de diversos autores espirituais, quando fala de "paixões" como causas da Revolução, o autor refere-se às paixões desordenadas da alma humana (56). E, de acordo com a linguagem corrente, inclui nas paixões desordenadas todos os impulsos ao pecado existentes no homem em consequência do pecado original e da tríplice concupiscência denunciada no Evangelho: a da carne, a dos olhos e a soberba da vida (57).

(56) "As tendências desordenadas produzem crises morais, doutrinas erróneas, e depois revoluções. Umas e outras, por sua vez, exacerbam as tendências. Estas últimas levam em seguida, e por um movimento análogo, a novas crises, novos erros, novas revoluções. É o que explica que nos encontremos hoje em tal paroxismo da impiedade e da imoralidade, bem como em tal abismo de desordens e discórdias". E sobre a marcha de requinte em requinte desse processo diz o Prof. Corrêa de Oliveira: "As paixões desordenadas indo num `crescendo' análogo ao que produz a aceleração da lei da gravidade, e alimentando-se das suas próprias obras, acarretam consequências que, por sua vez, se desenvolvem segundo intensidade proporcional" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 24).

(57) Cfr. I Jo. 2, 16. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 30.

A Revolução tem pois a sua primeira origem nas paixões desordenadas. Como os tufões e os cataclismos, elas possuem uma força imensa, mas para destruir (58).

(58) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 24.

7. As velocidades da Revolução

O processo revolucionário dá-se em duas velocidades diversas. Uma, rápida, é destinada geralmente ao fracasso no plano imediato. A outra tem sido habitualmente coroada de êxito, e é muito mais lenta.

Desenvolvem-se na primeira velocidade os movimentos revolucionários mais radicais, como os anabaptistas no século XVI e as correntes jacobinas e anárquicas dos séculos XIX e XX. Na segunda, as correntes moderadas do protestantismo e do liberalismo que, avançando por etapas de dinamismo e inércia sucessivas, vão entretanto favorecendo o deslizamento para o mesmo ponto extremo.

O fracasso dos extremistas é apenas aparente: criam um ponto de atracção fixo que fascina, pelo seu próprio radicalismo, os moderados. A sociedade acaba por assumir lentamente o caminho para o qual os mais radicais pretendiam levá-la.

8. Os agentes da Revolução: a maçonaria e as seitas

O mero dinamismo das paixões e dos erros dos homens, afirma Plínio Corrêa de Oliveira, não é suficiente para explicar a marcha vitoriosa da Revolução. Atingir este sucesso é impossível sem o impulso e a direcção de agentes astutos e conscientes que orientam um processo revolucionário por si mesmo caótico: estes são as seitas anticristãs, de qualquer natureza.

Agentes da Revolução podem ser consideradas todas as seitas e as forças secretas que se propõem como fim a destruição da Igreja e da Civilização Cristã. A seita-mestra, em torno da qual todas se articulam, é a maçonaria (59). Esta, segundo claramente decorre dos documentos pontifícios, e especialmente da Encíclica Humanum Genus de Leão XIII, tem como "último e principal fim, o de destruir até aos seus fundamentos toda a ordem religiosa e social nascida das instituições cristãs e criar uma nova ordem segundo a sua vontade, que extraia do naturalismo os seus fundamentos e as suas normas" (60).

(59) A primeira condenação da maçonaria remonta à constituição In eminenti de Clemente XII, de 24 de Abril de 1738. A excomunhão foi confirmada e renovada por Bento XIV com a constitução Providas de 18 de Maio de 1751 e por Pio VII com a constituição Ecclesiam a Jesu Christo de 13 de Setembro de 1821. Leão XII ratificou e confirmou os decretos precedentes com a Constituição Apostólica Quo graviora de 13 de Março de 1825; no mesmo sentido se expressaram Pio VIII, com a Encíclica Traditi de 21 de Maio de 1829, Gregorio XVI com a Encíclica Mirari Vos de 15 de Agosto de 1832, Pio IX com a Encíclica Qui pluribus de 9 de Novembro de 1846 e numerosas outras intervenções. O último grande documento dos Pontífices relativo à maçonaria é a Encíclica Humanum Genus de Leão XIII de 20 de Abril de 1884 (in AAS, vol. XVI (1906), pp. 417-433). Desde então, os Papas incluiram a condenação nos cânones 684, 2335 e 2336 do Código de Direito Canónico vigente de 1917 a 1983. No novo Código de Direito Canónico que entrou em vigor em 29 de Novembro de 1983, a maçonaria não é mencionada expressamente como no Código anterior. A Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em documento de 26 de Novembro de 1983, reiterou porém que "continua sem alteração o juízo negativo da Igreja no que diz respeito às associações maçónicas, uma vez que os seus princípios sempre foram considerados inconciliáveis com a doutrina da Igreja e portanto permanece proibido inscrever-se nelas. Os fiéis que pertencem às associações maçónicas estão em estado de pecado grave e não podem receber a Santa Comunhão" (L'Osservatore Romano, 27 de Novembro de 1983).

(60) Leão XIII, Encíclica Humanum genus, cit.

Desde o ano de 1931, Plínio Corrêa de Oliveira começou a tratar dos problemas da acção oculta da maçonaria e das forças secretas (61). O pensador brasileiro muitas vezes se referiu às "forças secretas" que agem na História, mas, devido precisamente à importância que atribuía a esse problema, não quis alinhar-se aos pesquisadores fantasiosos tão frequentes neste delicado sector de pesquisa. Encarou este tema sempre com seriedade e equilíbrio, seguindo uma escola que enumera grandes autores como o Padre Augustin Barruel (62), Jacques Crétineau-Joly (63), o Padre Nicolas Deschamps (64) e, no nosso século, depois de Mons. Delassus, Mons. Ernest Jouin (65) e o Conde Léon de Poncins66. Estes autores e outros documentaram de forma inobjectável a existência de uma insidiosa conspiração anti-cristã na História.

(61) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Igreja e o Judaísmo", in A Ordem, n° 11 (Janeiro de 1931), pp. 44-52.

(62) Augustin BARRUEL, S.J., (1741-1820), "Mémoires pour servir à l'histoire du jacobinisme", Fauche, Londres, 1797-1798 (4 vol.), Hamburgo, 1798-1799 (5 vol.). As Mémoires de Barruel foram publicadas novamente pela Diffusion de la Pensée Française, Chiré-en-Montreuïl, 1974, com introdução de Christian Lagrave.

(63) Jacques CRETINEAU-JOLY (1803-1875), historiador da Vandeia e da Companhia de Jesus, utilizando material documental da Santa Sé, delineou em "L'Eglise Romaine en face de la Révolution" (Plon, Paris, 1859, 2 vol.), o quadro da luta entre a Igreja Católica e a Revolução no

período que vai do Pontificado de Pio VI ao início do de Pio IX. A obra foi reeditada pelo Cercle de la Renaissance Française (Paris, 1976, 2 vol.).

(64) Nicolas DESCHAMPS, S.J. (1797-1872), "Les Sociétés Secrètes et la Société ou philosophie de l'histoire contemporaine", Fr. Séguin Ainé, Avignon, 1854, 2 vol., depois Oudin, Paris, 1882, enriquecida por um terceiro volume de documentos e de uma "Introduction sur l'action des sociétés secrètes, au XIX siècle", de Claude JANNET.

(65) Ernest JOUIN (1884-1932) pároco da Igreja de Saint Augustin em Paris, lançou em 1912 a Revue Internationale des Sociétés Secrètes, a celebre RISS, (publicada até 1939) que, pela seriedade da documentação e pela competência dos colaboradores, constituiu um instrumento de estudo de grande valor. Cfr. Joseph SAUVÊTRE, "Un bon serviteur de l'Eglise, Mgr Jouin" (1844-1932), Casterman, Paris, 1936.

(66) Léon de PONCINS (1897-1975), "Les forces secrètes de la Révolution", Bossard, Paris, 1928; com Emmanuel MALYNSKI, "La guerre occulte", Beauchesne, Paris, 1936; "La Franc-maçonnerie d'après les documenta secrets", Diffusion de la Pensée Française, Chiré-enMontreuil, 1972; "Christianisme et franc-maçonnerie", Diffusion de la Pensée Française, Chiré-en-Montreuil, 1975.

"Produzir um processo tão coerente, tão contínuo, como o da Revolução, através das mil vicissitudes de séculos inteiros, cheios de imprevistos de toda a ordem, parece-nos impossível sem a acção de gerações sucessivas de conspiradores de uma inteligência e um poder extraordinários. Pensar que sem isto a Revolução teria chegado ao estado em que se encontra, é o mesmo que admitir que centenas de letras atiradas por uma janela poderiam dispor-se espontaneamente no chão, de maneira a formar uma obra qualquer, por exemplo a Ode a Satanás, de Carducci" (67).

(67) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 27. À maçonaria e às forças secretas está dedicada uma secção inteira da obra "Despreocupados rumo à Guilhotina", cit., pp. 265-317.

Na realidade, para Plínio Corrêa de Oliveira, o verdadeiro problema não está tanto em desvendar a identidade dos conspiradores mas noutro, muito mais importante, que consiste em mostrar a natureza profunda da Revolução e os mecanismos graças aos quais ela avança: com efeito, os agentes podem variar, mas o processo revolucionário, os seus mecanismos e a sua meta anticristã não mudam.

Se a denúncia clássica das forças secretas se centrou nos seus canais de infiltração e de controlo no corpo social, sobretudo no que diz respeito aos gânglios políticos e financeiros dos Estados modernos, a obra de Plínio Corrêa de Oliveira, como bem observa Fernando Gonzalo Elizondo, introduz um âmbito novo:

"É o do estudo e da denúncia das técnicas maçónicas de governo das almas. A explicação em profundidade do conhecimento e manipulação das tendências desordenadas, da criação de ambientes, da difusão, seja por grandes órgãos de comunicação, seja por outros meios, de uma mentalidade que, generalizando-se, garante o êxito do avanço das ideias e dos factos revolucionários" (68).

(68) Fernando GONZALO ELIZONDO, "El deber cristiano de la militancia contrarrevolucionaria", in Verbo, n° 317-318 (Setembro-Outubro de 1993), p. 840 (pp. 825-840).

9. A meta anárquica da Revolução

"A efervecência das paixões desregradas, se desperta de um lado o ódio a qualquer freio e qualquer lei, de outro lado provoca o ódio contra qualquer desigualdade. Tal efervecência conduz assim à concepção utópica do `anarquismo' marxista, segundo a qual uma humanidade evoluída, vivendo numa sociedade sem classes nem governo, poderia gozar da ordem perfeita e da mais inteira liberdade, sem que desta se originasse qualquer desigualdade. Como se vê, o ideal simultaneamente mais liberal e mais igualitário que se possa imaginar.

"A utopia anárquica do marxismo consiste num estado de coisas em que a personalidade humana teria alcançado um alto grau de progresso, de tal maneira que lhe seria possível desenvolver-se livremente numa sociedade sem Estado nem governo" (69).

(69) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p.33. "Nesta sociedade –que, apesar de não ter governo, viveria em plena ordem– a produção económica estaria organizada e muito desenvolvida, e a distinção entre o trabalho intelectual e manual estaria superada. Um processo selectivo ainda não determinado levaria à direcção da economia os mais capazes sem que daí decorresse a formação de classes. Estes seriam os únicos e insignificantes resíduos de desigualdade. Mas, como esta sociedade comunista anárquica não é o termo final da História, parece legítimo supor que tais resíduos seriam abolidos em ulterior evolução" (ibid, p.33).

A Revolução está a destruir no homem contemporâneo a noção de pecado, a própria distinção entre o bem e o mal e, ipso facto, a negar a Redenção de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sem o pecado, se torna incompreensível e perde qualquer relação lógica com a História e a vida (70).

(70) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 36.

Recolocando no indivíduo toda a sua confiança, como aconteceu na fase liberal, ou nas colectividades, como sucedeu na fase socialista, a Revolução idolatra o homem, confiando na sua possibilidade de "auto-redenção" mediante uma radical transformação social.

A meta anárquica da Revolução acaba por confundir-se com a utopia de uma República universal, na qual todas as legítimas diferenças entre os povos, as famílias, as classes sociais se dissolveriam num amálgama confuso e efervescente.

"Um mundo em cujo seio as pátrias unificadas numa República Universal não sejam senão denominações geográficas, um mundo sem desigualdades sociais nem económicas, dirigido pela ciência e pela técnica, pela propaganda e pela psicologia, para realizar, sem o sobrenatural, a felicidade definitiva do homem: eis a utopia para a qual a Revolução nos vai encaminhando" (71).

(71) Ibid., p. 37. As premissas "religiosas" desta utopia foram bem descritas por Thomas MOLNAR na sua obra "Utopia. The perennial heresy", Sheed and Ward, Nova York, 1967.

10. Os valores metafísicos da Revolução

Duas noções, concebidas como valores metafísicos, exprimem o espírito da Revolução: igualdade absoluta e liberdade completa. Estas, são servidas por duas paixões: o orgulho e a sensualidade. "É nestas tristes profundidades que se encontra a junção entre esses dois princípios metafísicos da Revolução, a igualdade e a liberdade, contraditórios em tantos pontos de vista" (72).

(72) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 32.

A pretensão de pensar, sentir e fazer tudo o que as paixões desenfreadas exigem é a essência do liberalismo. Na realidade, a única liberdade que ele tutela é a liberdade para o mal, contrapondo-se, nisto, à Civilização Católica. Esta, pelo contrário, dá ao bem todo o apoio e toda a liberdade, mas cerceia o mal, tanto quanto possível.

Plínio Corrêa de Oliveira detém-se sobre este igualitarismo radical, mostrando as suas consequências no âmbito religioso, político e social. A negação de qualquer desigualdade conduz, no plano metafísico, à recusa do princípio de identidade e de não contradição. Isto chega às últimas consequências com o panteísmo "igualitário", pois que, se a realidade é privada de desigualdades específicas e de identidade, desaparece também a diferença entre os homens e Deus e tudo fica confusamente divinizado. Neste panteísmo consiste o aspecto gnóstico da Revolução. Aspecto fundamental do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira foi, pelo contrário, o amor ao concreto, ao individualizado, ao "distinto". Ele fez seu o princípio fundamental do tomismo, segundo o qual o objecto próprio da inteligência humana não é o ser indefinido, mas a "quidditas rei sensibilis" (73), as essências específicas do real. É através da experiência directa das essências específicas que o homem pode remontar ao conhecimento do universal e à própria formulação dos primeiros princípios.

(73) O "actus essendi", luminoso demais para a inteligência criada, não pode constituir o terreno próprio da especulação filosófica do homem, que tem como primeiro objecto de conhecimento precisamente as "essências". O primado do "actus essendi" sobre a essência é certamente um dado inegável do tomismo. Mas quando a afirmação deste primado conduz a uma exagerada polémica contra o pretenso "essencialismo" da escolástica, arrisca desviar-se para uma postura de cunho existencialista (cfr. C. FABRO C.P.S., "Introduzione a San Tommaso", Ares, Milão, 1983, pp. 100-103).

A essência, explica São Tomás no De ente et essentia, é o objecto da definição da coisa (74), aquilo que ela propriamente é. Tudo aquilo que existe tem uma essência própria porque é distinto da realidade que o circunda e não se confunde com esta. A essência do ente é, pois, a sua específica unidade, a qual o distingue da multiplicidade do real (75).

(74) São Tomás DE AQUINO, De ente et essentia, cap. II.

(75) São Tomás DE AQUINO, Summa Theologica, I, q. 11, a. I.

A primeira propriedade da realidade que conhecemos é a essência das coisas e, com esta, não a unidade mas a desigualdade da realidade. Ou, mais precisamente, conhecemos o uno através do múltiplo.

"São Tomás ensina –afirma Plínio Corrêa de Oliveira–que a diversidade das criaturas e o seu escalonamento hierárquico são um bem em si, pois assim melhor resplandecem na criação as perfeições do Criador (76). E diz que tanto entre os anjos (77) como entre os homens, no Paraíso Terrestre como nesta terra de exílio (78), a Providência instituiu a desigualdade. Por isso, um universo de criaturas iguais seria um mundo em que se teria eliminado em toda a medida do possível a semelhança entre as criaturas e o Criador. Odiar em princípio, toda e qualquer desigualdade é, pois, colocar-se metafísicamente contra os melhores elementos de semelhança entre o Criador e a criação, é odiar a Deus" (79).

(76) Cfr. São Tomás DE AQUINO, Summa contra gentiles, II, 45; Summa theologica, I, q. 47, a. 2.

(77) Ibid., Summa theologica, I, q. 50, a. 4.

(78) Ibid., I, q. 96, a. 3 e 4.

(79) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p.32.

11. A "philosophia perennis" de Plínio Corrêa de Oliveira

Plínio Corrêa de Oliveira definiu-se, sem hesitações, como um tomista convicto, conformando-se nisto com o Magistério da Igreja que no último século, desde Leão XIII (80) até João Paulo II (81), não cessou de indicar o Doctor Communis Ecclesiae como ponto de referência dos estudos filosóficos para os católicos. Ao contrário de muitos neo-tomistas do século XX, preocupados em lançar uma ponte entre a philosophia perennis e o pensamento moderno (82), o pensador brasileiro sempre sublinhou a inconciliabilidade entre a filosofia do ser e a orientação da filosofia "moderna", desde Descartes (83) até Kant, do existencialismo ao nihilismo contemporâneo, vendo nela o itinerário progressivo da inteligência humana em direcção ao suicídio metafísico.

(80) Leão XIII pode ser considerado o promotor do renascimento do tomismo nos tempos modernos, com a Encíclica Aeterni Patris de 4 de Agosto de 1879, na qual declarou São Tomás o único mestre oficial das escolas católicas de todos os níveis. Sobre este importante documento, cfr. Aa. Vv., "Le ragioni del tomismo. Dopo il centenario dell'Enciclica Aeterni Patris", Edições Ares, Milão 1979.

(81) João Paulo II, Il Centenario da Aeterni Patris, Discurso pronunciado no Angelicum em 18 de Novembro de 1979, in L'Osservatore Romano, 19-20 de Novembro de 1979.

(82) Cfr. por exemplo Antonin DALMACE SERTILLANGES O.P., "Saint Thomas d'Aquin", 4a. ed., Alcan, Paris, 1925. Um caso extremo de desvio do tomismo, mediante a adopção do a priori de Kant e do existencialismo de Heidegger é o do jesuíta Karl RAHNER ("Geist im Welt", la. ed. Rauch, Innsbruck, 1939) lucidamente denunciado pelo Padre estigmatino Cornelio

FABRO em "La svolta antropologica de Karl Rahner", Rusconi, Milão, 1974. Do Padre Fabro, Catolicismo publicou em 1963 um artigo, traduzido do Osservatore Romano, no qual o autor sublinhava a impossibilidade de estabelecer uma ponte entre a verdadeira filosofia cristã, que jamais poderá renegar a noção de transcendência divina, e as escolas filosóficas modernas fundadas sobre o "princípio da imanência" (C. FABRO, C.P.S., "Filosofia moderna e pensamento cristão", in Catolicismo, n° 151 (Julho de 1963).

(83) Sobre o abandono da metafísica no pensamento moderno, cfr. C. FABRO C.P.S., "Introdução ao ateísmo moderno", Studium, Roma, 1969, 2 vol.; Tomas TYN, O.P., "Metafisica della sostanza. Partecipazione e analogia entis", Edizioni Studio Domenicano, Bolonha, 1991, pp. 243-384.

A Summa Theologica, que resume, segundo Pio XII, "o universo espiritual do maior génio da Idade Média" (84), é para Pio XI, "o céu visto da terra" (85). Ao lado de São Tomás, cuja Summa conheceu e comentou amplamente, Plínio Corrêa de Oliveira colocou São Boaventura (86), cuja filosofia foi bem definida como "a mais medieval das filosofias da Idade Média" (87). O pensador brasileiro propôs-se reatar com aquele pensamento que teve os seus pilares nos dois grandes Doutores da Igreja, colocados por Sixto V no mesmo plano quanto à santidade da doutrina e à autoridade do magistério: "Hi enim sunt duae olivae et duo caldeara (Apoc. 11, 4) (88)".

(84) Pio XII, Discurso de 25 de Setembro de 1949, in DR, vol. XI, p. 217.

(85) Pio XI, "Allocuzione all'Angelicum" de 12 de Dezembro de 1924, in Xenia Thomistica, Roma, 1925, vol. III, p. 600.

(86) Sobre este aspecto da filosofia de São Boaventura, cfr. J. M. BISSEN, O.F.M.. "L'exemplarisme divin selon Saint Bonaventure", Vrin, Paris, 1929; Efrem BETTONI O.F.M., "San Bonaventura di Bagnoregio", Biblioteca Francescana, Milão, 1973; Francesco CORVINO, "Bonaventura da Bagnoregio, francescano e pensatore", Dedalo, Bari, 1980; E. GILSON, "La philosophie de Saint Bonaventure", Vrin, Paris, 1953.

(87) Ver Jacques Guy BOUGEROL O.F.M., na conclusão do Congresso bonaventuriano de Roma, em 26 de Setembro de 1974, cit. in Leonardo PIAZZA, "Mediazione simbolica in San Bonaventura", Edizioni L.I.E.F., Vicenza, 1978, p. 65.

(88) Sisto V, Bula Triumphantis Jerusalem.

A visão "sapiencial" de Plínio Corrêa de Oliveira liga-se às profundas e lapidares sentenças sobre a "Sabedoria" de São Tomás e de São Boaventura. Se o Doutor Angélico afirma que "Sapientia est ordinare et iudicare" (89), o Doutor Seráfico faz-lhe eco escrevendo que "Sapientia diffusa est in omni re" (90).

(89) São Tomás DE AQUINO, Summa Theologica, I q. 1, a. 6, c.; q. 79, a. 10, ad 3.

(90) S. Boaventura, Hexäemeron, col. 2, n° 21 (V, 340 a).

"Omnia in mensura et numero et pondere disposuisti" (91), ensina por sua vez a Sagrada Escritura. O filósofo belga De Bruyne sublinha a excepcional importância deste versículo sobre o qual se funda aquela que denomina estética "sapiencial" da Idade Média (92). "Plínio Corrêa de Oliveira –recorda um discípulo seu– viveu instintivamente esta estética sapiencial desde os alvores de sua `visão primeva'. Explicitou-a pouco a pouco, até fazer dela uma das pedras fundamentais da doutrina contra-revolucionária, daquilo que ele chama muitas vezes `a imagem total da Contra-Revolução"' (93).

(91) Sap. XI, 21.

(92) Edgar de BRUYNE, "L'esthétique du Moyen Age", Editions de I'Institut Supérieur de Philosophie, Louvain, 1947, p. 11. Cfr. também id., "Etudes d'esthétique médiévale", De Tempel, Brugge, 1946, 3 vol. "Debaixo de quaisquer aspectos que se considere, na realidade não existe senão uma única visão medieval do mundo, ainda que esta se exprima ora em obras de arte, ora em conceitos filosóficos: aquela que Santo Agostinho esboçara magistralmente no seu De Trinitate, e que retoma directamente as palavras do Livro da Sabedoria (11, 21): omnia in mensura, et numero,

et pondere disposuisti" (E. GILSON, "L'esprit de la philosophie médiévale", Vrin, Paris, 1932, p. 105).

(93) Miguel BECCAR VARELA, Carta ao autor.

O Prof. Plínio convidou os seus discípulos a aprofundar a noção de "analogia entis" e a teoria da participação, bem como o valor gnoseológico e metafísico do símbolo. A visão de Plínio Corrêa de Oliveira é, como a medieval, "uma grandiosa e nobre concepção do mundo, um grande sistema de símbolos, uma catedral de ideias, a mais rica expressão rítmica e polifónica de todo o pensável" (94). Para o homem medieval nada existe sem significado "nihil vacuum neque sine signo apud Deum" (95) e tudo aquilo que existe foi feito de modo a despertar o pensamento e a lembrança de Deus. "Em cada criatura existe o esplendor da causa exemplar divina (...). Assim, cada ser é uma via que conduz ao exemplar, é sinal da sabedoria de Deus" (96).

(94) Johan HUIZINGA, "Autunno del Medioevo", tr. it. Rizzoli, Milão, 1995, p. 283. "O homem medieval efectivamente vivia num mundo povoado de significados, remissões, segundos sentidos, manifestações de Deus nas coisas, numa natureza que falava continuamente uma linguagem heráldica (...) porque era sinal de uma verdade superior. (...) Na visão simbólica, a natureza, até nos seus aspectos mais temíveis, tornou-se o alfabeto com o qual o Criador nos fala da ordem do mundo, dos bens sobrenaturais, dos passos a dar para nos orientar no mundo em ordem a conquistar os prémios celestes. (...) O Cristianismo primitivo preparou o caminho para a tradução simbólica dos princípios da fé" (Umberto ECO, "Arte e bellezza nell'estetica medievale", Bompiani, Milão 1978, pp. 68-69). Um fresco do cosmos simbólico medieval foi traçado por Marie-Madeleine DAVY em "Initiation à la symbolique romane", Flammarion, Paris, 1977.

(95) Sto. Irineu, Adversus haereses, libri V, 1. IV, c. 2.

(96) S. Boaventura, Hexäemeron, col. 12, n° 14-15.

São Boaventura propõe-nos um itinerário da alma até Deus "através dos sinais" do mundo sensível que, sob aspectos sempre diversos e desiguais, nos dirigem um único apelo divino. A verdade das coisas consiste em representar a verdade suprema, a causa exemplar. E esta semelhança entre a criatura e o Criador que nos permite elevar-nos a partir das coisas até Deus (97). "O intelecto humano foi criado para ascender gradualmente –como os degraus de uma escada– até ao sumo Princípio que é Deus" (98).

(97) Esta semelhança, como observa Etienne Gilson, não implica numa participação das coisas na essência de Deus. "A real semelhança que existe entre o Criador e as criaturas é uma semelhança de expressão. As coisas estão para Deus como os sinais para o significado que exprimem; elas constituem, pois, uma espécie de linguagem, e o universo inteiro não é senão um livro no qual se lê por toda a parte a Trindade" (E. GILSON, "La philosophie au Mayen Age", Payot, Paris, 1952, p. 442).

(98) S. Boaventura, Breviloquium, p. 2, c. 12 (V, 230 a).

Entre as clássicas "provas" da existência de Deus, Plínio Corrêa de Oliveira apreciou sobretudo a "quarta via" (99), entendendo-a, porém, como um método de formação e um processo psicológico que plasma a alma humana, mais do que como um abstracto silogismo filosófico.

(99) "Quarta via sumitur ex gradibus qui in rebus inveniuntur". De todas as provas tomistas, como observa Gilson, a quarta é aquela que suscitou o maior número de interpretações diferentes (E. GILSON, "Le thomisme", Vrin, Paris, 1972, p. 82). Cfr. C. FABRO C.P.S., "Sviluppo, significato e valore della IV via", in Doctor Communis, n° 7 (1954), pp. 71-109; id., "Il fondamento metafisico della quarta via", in Doctor Communis, n° 18 (1965), pp. 49-70, recentemente fundidos em "L'uomo e il rischio de Dio", Studium, Roma, 1967, pp. 226-271.

A "quarta via", que conduz a Deus, ser perfeitíssimo, através das perfeições das quais participam todas as criaturas, em medida e graus diversos, é aquela na qual maior é o aspecto platónico. Ela mostra-nos Deus não só como causa eficiente e causa final, mas também como

causa exemplar da criação, e contempla a ordem da criação como universo de harmonia e de beleza, reflexo da Beleza incriada divina.

"A beleza de Deus reflecte-se no conjunto hierárquico e harmónico de todos esses seres de tal maneira que não há, em certo sentido, melhor modo de conhecermos a beleza infinita e incriada de Deus do que analisando a beleza finita e criada do universo, considerado, não tanto em cada ser, mas no conjunto de todos eles. Deus reflecte-se, ainda, numa obra prima mais alta e mais perfeita do que o Cosmos. E' o Corpo Místico de Cristo, a sociedade sobrenatural que veneramos com o nome de Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana. Constitui ela mesma todo um universo de aspectos harmónicos e variegados, que cantam e reflectem, cada qual a seu modo, a formosura santa e inefável de Deus e do Verbo Encarnado. Na contemplação do universo de um lado, e, de outro, da Santa Igreja Católica, podemos elevar-nos à consideração da beleza santa, infinita e incriada, de Deus" (100).

(100) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O Escapulário, a Profissão e a Consagração interior**", relatório ao 3° Congresso Nacional da `Ordem Terceira Carmelitana (São Paulo, 14-16 de Novembro de 1958), in Mensageiro do Carmelo, edição especial de 1959.

A filosofia moderna, a partir de Kant, reduziu a beleza a um elemento puramente subjectivo. O belo, entretanto, segundo a philosophia perennis, é uma propriedade transcendental do ser, isto é, uma perfeição que convém a todas as coisas, sem excepções, pelo facto de existirem. Enquanto propriedade do ser, o pulchrum está ligado aos atributos transcendentais: ao verdadeiro, porque agrada aquilo que é conhecido pelo intelecto; e ao bem porque o objecto do belo satisfaz o apetite sensível. O belo é o esplendor da verdade e do bem (101) ou, de outro modo, uma síntese da verdade e do bem (102). "O belo é como uma síntese dos transcendentais. É propriamente a excelência da inteligibilidade dum objecto cujas partes luminosamente harmonizadas (unidade) fascinam a inteligência (verdade) e cativam a vontade (bondade)" (103). O belo, como afirma São Boaventura, abarca todas as causas e é comum a elas. A glória de Deus, fim último do homem e da História, é a contemplação da Sua beleza, e é isto que constitui a felicidade do homem. Com efeito, se o homem, conhecendo a Verdade se move em direcção ao fim que é o bem divino, fá-lo com élan ainda maior quando entrevê Deus através da beleza das coisas criadas. Plínio Corrêa de Oliveira foi um ardente paladino do "belo" como arma por excelência da Contra-Revolução no século XX.

(101) Cfr. Leo J. ELDERS, "La metafisica dell'essere di san Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica", tr. it. Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano, 1995, vol. I, p. 167. Sobre o "pulchrum" em São Tomás, cfr. Summa Theologica, I, q. 5, a. 4; I, q. 39, a. 8; I-IIae, q. 27, a. l ad 3.

(102) "O belo na ordem criada é o esplendor de todos os transcendentais reunidos, do ser, do uno, do verdadeiro e do bem; ou, mais particularmente, é o fulgor de uma harmoniosa unidade de proporção na integridade das partes (splendor, proportio, integritas, cfr. I, q. 39, a. 8)" (R. GARRIGOU-LAGRANGE, O.P., "Perfections Divines", Beauchesne, Paris, 1936, p. 299).

(103) François Joseph THONNARD A, A., "Précis de Philosophie", Desclée, Tournai, 1966, p. 1227.

Se é verdade que o pulchrum é um outro nome do verum e do bonum, a sua substituição pelo horridum não é senão um aspecto, mais insidioso porque menos advertido, daquele processo de destruição de todas as qualidades do ser que caracteriza a Revolução. Neste perverso amor pelo horroroso manifesta-se o ódio das forças revolucionáras pela beleza humana, imagem da divina. A Revolução quer destruir todas as formas de pulchrum na vida do homem, para tornar mais difícil, senão impossível, chegar a Deus por meio das criaturas.

12. Ambientes, costumes, civilizações

Em "Revolução e Contra-Revolução", Plínio Corrêa de Oliveira escreveu que "Deus estabeleceu misteriosas e admiráveis relações entre certas formas, cores, sons, perfumes, sabores, e certos estados de alma, é claro que por estes meios se podem influenciar a fundo as mentalidades e induzir pessoas, famílias e povos à formação de um estado de espírito profundamente revolucionário" (104).

(104) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p.36.

Esta passagem é fundamental para compreender a peculiar contribuição de Plínio Corrêa de Oliveira ao mensário Catolicismo na secção "Ambientes, Costumes, Civilizações", cujo extraordinário alcance nem todos compreenderam.

O ambiente é a resultante da afinidade de vários seres reunidos num mesmo lugar e que, por sua vez, exerce profunda influência sobre os homens. "Os homens formam para si ambientes à sua imagem e semelhança, ambientes em que se espelham os seus costumes e a sua civilização. Mas a recíproca também é, em larga medida, verdadeira: os ambientes formam à sua imagem e semelhança os homens, os costumes e as civilizações" (105).

(105) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Sêde prudentes como as serpentes e simples como as pombas**", in Catolicismo, n° 37 (Janeiro de 1954).

Uma prova da importância do ambiente para o desenvolvimento equilibrado da vida natural e sobrenatural é constituída pela sabedoria com a qual Deus ordenou o grande ambiente da criação no qual estamos imersos, formado pelos seres vivos que nos circundam: plantas, animais e, no ápice, o homem, imagem e semelhança de Deus.

Neste sentido, a interpretação e os comentários das fisionomias dos homens exponenciais, Santos ou revolucionários, constituíram uma nota constante do pensamento de Plínio Corrêa de Oliveira. Com efeito, o modo de ser de um homem exprime-se na fisionomia, no porte, no trato e também nos trajos, cuja mudança ao longo da História está ligada à mudança das personalidades e dos tipos humanos (106). "A sociedade, por assim dizer, –afirmou Pio XII– fala com o trajo que veste; com o trajo revela as suas secretas aspirações e disto se serve, pelo menos em parte, para edificar ou destruir o próprio porvir" (107).

(106) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Indumentária, hierarquia e igualitarismo**", in Catolicismo, n° 133 (Janeiro de 1962); cfr. também "**O hábito e o monge**", in Catolicismo, n° 62 (Fevereiro de 1956).

(107) Pio XII, Discurso de Gran Cuore de 8 de Novembro de 1957, in DR, vol. XIX, p. 578.

"Se o trajo deve estar de acordo com quem o usa, e com a circunstância em que é usado, –nota por seu lado o pensador brasileiro– é bem de ver que no homem eminente deve harmonizar-se com o destaque que esse homem alcançou. Mas Deus não tem por filhos tão somente os homens eminentes. Qualquer criatura humana, por mais modesta que seja, tem uma dignidade própria, natural e inalienável. E maior ainda, incomensuravelmente maior, é a dignidade do último, do mais apagado dos filhos da Igreja, como cristão, isto é, como baptizado, como membro do Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo" (108).

(108) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Dignidade e distinção para grandes e pequenos**", in Catolicismo, n° 33 (Setembro de 1953).

Isto vale para a arte, para o urbanismo, para a arquitectura, que resultam de um conjunto de ideias, tendências, aspirações e atitudes psicológicas (109). Plínio Corrêa de Oliveira contrapõe a Babel moderna à ordem antiga medieval, que exprimia na arquitectura gótica a harmonia da filosofia escolástica (110).

(109) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O espírito cristão e o espírito pagão manifestados pela arquitetura**", in Catolicismo, n° 7 (Julho de 1951).

(110) Cfr. Erwin PANOFSKY, "Gothic architecture and Scholasticism", Archabbey Press, Latrabe, 1951.

"Mas os sons típicos das imensas babeis modernas, o ruído das máquinas, o tropel e as vozes dos homens que se afanam atrás do ouro e dos prazeres; que já não sabem andar, mas correr; que não sabem trabalhar sem se extenuar; que não conseguem dormir sem calmantes, nem divertir-se sem excitantes; cuja gargalhada é um rito frenético e triste; que já não sabem apreciar as harmonias da verdadeira música, mas só as cacofonias do jazz; tudo

isto é a excitação na desordem, de uma sociedade que só encontrará a verdadeira paz quando tiver reencontrado o verdadeiro Deus" (111).

(111) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Tranquilidade da ordem, excitação na desordem**", em Catolicismo, n° 110 (Fevereiro de 1960).

Com os trajos, também a linguagem, os gestos, os ritos, são elementos que têm grande importância cultural e pedagógica para o bem comum dos povos (112). É uma "liturgia" social natural que se exprime na ordem e no fausto.

(112) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Têm os símbolos, a pompa e a riqueza uma função na vida humana?**", in Catolicismo, n° 82 (Outubro de 1957). Cfr. também, sobre o tema do cerimonial do poder pontifício, os dois estudos "**As cerimonias da posse de Eisenhower à luz da doutrina católica**", e "**Por que o nosso mundo pobre e igualitário se empolgou com o fausto e a majestade da coroação?**", em Catolicismo, n° 27 (Março de 1953) e n° 31 (Julho de 1953).

No firmamento da Igreja conciliam-se harmonicamente extremos aparentemente contraditórios como a vocação solitária do monge, inspirada numa total renúncia ao mundo, e o esplendor das cerimónias pontifícias que exprimiam, outrora, o maior fausto do qual o mundo fosse capaz.

"Não, entre uma e outra ordem de valores não existe contradição, senão na mente dos igualitários, servos da Revolução. Pelo contrário, a Igreja mostra-se santa, precisamente porque com igual perfeição, com a mesma sobrenatural genialidade, sabe organizar e estimular a prática das virtudes que resplandecem na vida obscura do monge, e nas que refulgem no cerimonial sublime do Papado. Mais ainda. Uma coisa equilibra-se com a outra. Quase poderíamos dizer que um extremo (no sentido bom da palavra) compensa o outro e com ele se concilia. O fundo doutrinal no qual estes dois santos extremos se encontram e se harmonizam é muito claro.

"Deus Nosso Senhor deu-nos as criaturas, a fim de que estas nos sirvam para chegarmos até Ele. Assim, cumpre que a cultura e a arte, inspiradas pela Fé, ponham em evidência todas as belezas da criação irracional e os esplendores de talento e virtude da alma humana. É o que se chama cultura e civilização cristãs. Com isto, os homens formam-se na verdade e na beleza, no amor da sublimidade, da hierarquia e da ordem que no universo espelham a perfeição d'Aquele que o fez. E assim as criaturas servem, de facto, para a nossa salvação e para a glória divina. Mas por outro lado, elas são contingentes, passageiras, só Deus é absoluto e eterno. Cumpre lembrá-lo. E por isto é bom afastar-se dos seres criados, para no desprezo de todos eles pensar só no Senhor. Do primeiro modo, considerando tudo o que as criaturas são, se sobe até Deus; e do outro modo, se vai até Ele considerando o que elas não são. A Igreja convida os seus filhos a irem por uma e outra via simultaneamente, pelo espectáculo sublime das suas pompas, e pela consideração das admiráveis renúncias que só Ela sabe inspirar e fazer realizar efectivamente" (113).

(113) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Pobreza e fausto: extremos harmónicos no firmamento da Igreja", in Catolicismo, n° 96 (Dezembro de 1958).

13. A Contra-Revolução e a Civilização Cristã

Plínio Corrêa de Oliveira não se limita, na sua obra-prima, a uma denúncia implacável do mal; procura também delinear a única terapia que o pode derrotar. Se a essência do espírito revolucionário consiste no ódio metafísico a qualquer desigualdade e qualquer lei, o contra-revolucionário encontrará a força de que necessita sobretudo no amor metafísico pela verdade, a desigualdade e a lei moral.

"Se a Revolução é a desordem –afirma o pensador brasileiro– a Contra-Revolução é a restauração da Ordem. E por Ordem entendemos a paz de Cristo no Reino de Cristo. Ou seja, a Civilização Cristã, austera e hierárquica, fundamentalmente sacral, antiigualitária e antiliberal" (114).

(114) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 42.

A Contra-Revolução não é um retorno ao passado, nem uma genérica reacção, mas uma acção "feita contra a Revolução como hoje em concreto esta existe e, pois, contra as paixões revolucionárias como hoje crepitam, contra as ideias revolucionárias como hoje se formulam, os ambientes revolucionários como hoje se apresentam (115).

(115) Ibid., p. 41.

Também a Contra-Revolução, como a Revolução, é um processo que conhece diversas fases e velocidades. Mas no itinerário do erro à verdade não se admitem as metamorfoses fraudulentas da Revolução. Se a Revolução esconde aos seus próprios adeptos o seu último fim, o progresso no bem obtém-se dos homens fazendo com que esse fim seja conhecido e amado na sua integridade. A Contra-Revolução é "conservadora" somente se se trata de conservar, do presente, aquilo que é bom e merece viver; é "tradicionalista", mas nada possui em comum com o falso tradicionalismo que conserva certos estilos ou costumes por mero amor arqueológico às formas antigas. O verdadeiro apóstolo contra-revolucionário deve fazer suas as normas estabelecidas por São Pio X, segundo as quais os católicos não devem "cobrir por vezes, quase com um véu, certas máximas fundamentais do Evangelho, por temor de que de outra forma as pessoas se recusem a ouvi-los e segui-los" mesmo se o Pontífice acrescentava que "não estará por certo alheio à prudência o proceder paulatino na proposição da Verdade, quando se tenha que fazê-lo a um homem de todo alheio a nós e longe de Deus" (116).

(116) S. Pio X, Encíclica Jucunda Sane, de 12 de Março de 1904, in AAS, vol. XXXVI, p. 524.

Em estado actual, conclui Plínio Corrêa de Oliveira, contra-revolucionário é quem:

"1) Conhece a Revolução, a Ordem e a Contra-Revolução em seu espírito, suas doutrinas, seus métodos respectivos;

"2) Ama a Contra-Revolução e a ordem cristã, odeia a Revolução e a "anti-ordem";

"3) Faz desse amor e desse ódio o eixo em torno do qual gravitam todos os seus ideais, preferências e actividades" (117).

(117) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 44. Ele distingue entre os contra-revolucionários "actuais", que possuem o quadro em toda a sua amplitude, e contra-revolucionários "potenciais", que captam somente alguns aspectos particulares do combate. Estes devem ser conquistados para a Contra-Revolução integral.

14. A força propulsora da Contra-Revolução

Se a mais potente força propulsora da Revolução é o dinamismo das paixões humanas, desencadeadas num ódio metafísico contra Deus, contra a Verdade e contra o Bem, simetricamente existe também uma dinâmica contra-revolucionária, que visa regular as paixões, subordinando-as à vontade e à razão. A força propulsora da Contra-Revolução está no vigor espiritual que vem ao homem pelo facto de Deus governar nele a razão, a razão dominar a vontade, e esta, por fim, dominar a sensibilidade. Ele é servo de Deus mas, justamente por isso, dono de si.

Tal vigor de alma não pode ser concebido sem se tomar em consideração a vida sobrenatural, que eleva o homem acima das misérias da natureza decaída. Nesta força espiritual está, para Plínio Corrêa de Oliveira, o dinamismo mais profundo da Contra-Revolução.

"Pode-se perguntar de que valor é esse dinamismo. Respondemos que, em tese, é incalculável, e certamente superior ao da Revolução: 'Omnia possum in eo qui me confortat' (Fil. 4, 13).

"Quando os homens resolvem cooperar com a graça de Deus, são as maravilhas da História que assim se operam: é a conversão do Império Romano, é a formação da Idade Média, é a reconquista da Espanha a partir de Covadonga, são todos esses acontecimentos que se dão como fruto das grandes ressurreições de alma de que os povos são também susceptíveis. Ressurreições invencíveis, porque nada há que possa vencer um povo virtuoso e que verdadeiramente ame a Deus" (118).

(118) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 51. Na mesma linha, ver R. de MATTEI, "La vita interiore fondamento della Contro-Rivoluzione", in Lepanto, n° 132-133 (Julho-Agosto de 1993).

15. A Contra-Revolução e a Igreja

Se a Revolução é um processo que visa destruir a ordem temporal cristã, é claro que o seu último alvo é a Igreja, "Corpo Místico de Cristo, Mestra infalível da verdade, tutora da lei natural e, assim, fundamento último da própria ordem temporal" (119). A Revolução é um inimigo que se levantou contra a Igreja para impedir a sua missão de salvação das almas, que ela exerce não só por meio do seu poder espiritual directo, mas também do seu poder temporal indirecto. A Contra-Revolução que se levanta em defesa da Igreja "não é destinada a salvar a Esposa de Cristo. Apoiada na promessa do seu Fundador, não precisa dos homens para sobreviver. Pelo contrário, a Igreja é quem dá vida à Contra-Revolução, que, sem Ela, nem seria exequível, nem sequer concebível" (120).

(119) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 55.

(120) Ibid., p. 56.

Na perspectiva de Plínio Corrêa de Oliveira, a Contra-Revolução não é um fim em si mesmo, mas um instrumento dócil da Igreja. A Igreja, por sua vez, não se identifica com a Contra-Revolução, nem precisa ser salva por esta.

"A Igreja é a alma da Contra-Revolução. Se a Contra-Revolução é a luta para extinguir a Revolução e construir a Cristandade nova, toda resplandecente de fé, de humilde espírito hierárquico e de ilibada pureza, é claro que isto se fará sobretudo por uma acção profunda nos corações. Ora, esta acção é obra própria da Igreja, que ensina a doutrina católica e a faz amar e praticar. A Igreja é, pois, a própria alma da Contra-Revolução" (121).

(121) Ibid., p. 56.

A exaltação da Igreja é o ideal da Contra-Revolução.

"Se a Revolução é o contrário da Igreja, é impossível odiar a Revolução (considerada globalmente, e não num aspecto isolado) e combatê-la, sem ipso facto ter por ideal a exaltação da Igreja" (122).

(122) Ibid.

A Igreja é pois uma força fundamentalmente contra-revolucionária, mas não se identifica com a Contra-Revolução: a sua verdadeira força está em der o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Isto não obstante, o âmbito da Contra-Revolução ultrapassa, de algum modo, o eclesiástico, porque comporta uma fundamental reorganização de toda a sociedade temporal. Esta restauração social deve inspirar-se na doutrina da Igreja, mas envolve por outro lado um sem número de aspectos concretos e práticos que dizem respeito propriamente à ordem civil.

"A este título a Contra-Revolução transborda do âmbito eclesiástico, continuando sempre profundamente ligada à Igreja no que diz respeito ao Magistério e ao poder indirecto desta" (123).

(123) Ibid., p. 56

A obra de Plínio Corrêa de Oliveira conclui com uma homenagem de filial devoção e de obediência ilimitada ao "doce Cristo na terra", coluna e fundamento infalível da verdade, Sua Santidade João XXIII (124), e com uma consagração filial da obra a Nossa Senhora:

"A serpente, cuja cabeça foi esmagada pela Virgem Imaculada, é o primeiro, o grande e perene revolucionário, inspirador e fautor supremo desta Revolução, como daquelas que a precederam e das que se lhe seguiram. Maria é, pois, a Padroeira dos que lutam contra a Revolução.

"A mediação universal e omnipotente da Mãe de Deus é a maior razão de esperança dos contra-revolucionários. E em Fátima, Ela lhes deu a certeza da Vitória, quando anunciou

que, mesmo depois de uma irrupção eventual do comunismo no mundo inteiro, `por fim, o meu Imaculado Coração Triunfará'.

"Que a Virgem se digne aceitar esta homenagem filial, tributo de amor e expressão de confiança absoluta no seu triunfo" (125).

(124) Na edição italiana de 1972, e nas sucessivas, a conclusão foi mantida nos mesmos termos, substituindo o nome de João XXIII pelo do Pontífice então reinante, Paulo VI.

(125) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p.60.

16. Além dos confins do Brasil: uma escola de pensamento e de acção

Alguns dos principais temas abordados por Plínio Corrêa de Oliveira foram tratados também por outros pensadores católicos contemporâneos, genericamente definidos como "tradicionalistas". Basta recordar aqui os nomes do filósofo belga Marcel de Corte (126), do fundador francês da Cité Catholique, Jean Ousset (127), do filósofo italiano Augusto Del Noce (128), do historiador suiço Gonzague de Reynold (129), do pensador espanhol Francisco Elías de Tejada (130).

(126) De Marcel de CORTE (1905-1994), cfr. "Philosophie des moeurs contemporaines", Editions Universitaires, Bruxelas, 1944; "L'homme contre lui-même", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1962. Sobre De Corte cfr. Miguel AYUSO TORRES, Danilo CASTELLANO, Juan VALLET DE GOYTISOLO, "In memoriam Marcel de Corte", in Verbo, n°s. 327-328 (1994), pp. 761-794.

(127) Jean OUSSET (1914-1994), "Pour qu'il règne", Dominique M. Morin, Paris, 1986. A obra de Ousset, publicada em 1957, teve numerosas edições em França e diversas traduções. O movimento La Cité Catholique, fundado por Ousset em 1947, transformou-se em 1963 no Office International des Oeuvres de Formation Civique et d'Action Culturelle selon le Droit Naturel et Chrétien. Teve o seu maior desenvolvimento intelectual em Espanha, em torno da revista Verbo dirigida por Juan Vallet de Goytisolo (cfr. Estanislao CANTERO, "A los treinta años", in Verbo, n°s. 301-302, Janeiro-Fevereiro de 1992, pp. 7-16).

(128) Sobre Augusto DEL NOCE (1910-1989), autor, além das obras já citadas, de "L'epoca della secolarizzazione" (Giuffré, Milão, 1970) e "Il suicidio della Rivoluzione" (Rusconi, Milão, 1979), cfr. Rocco BUTTIGLIONE, Augusto DEL NOCE, "Biografia di un pensiero", Piemme, Casale Monferrato, 1991; R. de MATTEI, "Augusto Del Noce y el suicidio de la Revolución", in Verbo, n°s. 337-338 (1995), pp. 871-886.

(129) Sobre o Conde Gonzague de REYNOLD (1880-1970), cfr. sobretudo "L'Europe tragique", Spes, Paris, 1934; "La formation de l'Europe", Plon, Paris, 1944-1952, 10 vol.

(130) Sobre Francisco Elias de TEJADA (1917-1978), cfr. "La monarquia tradicional", Rialp, Madrid, 1954. Sobre esta figura, cfr. o recente estudo de M. AYUSO TORRES, "La filosofia jurídica y política de Elías de Tejada", Fundación Francisco Elías de Tejada, Madrid, 1994.

"Revolução e Contra-Revolução" não foi, porém, somente uma obra intelectual, mas também o germen vital de um movimento destinado a desenvolver-se e estender-se a todo o mundo. Plínio Corrêa de Oliveira distingue-se de muitos intelectuais tradicionalistas contemporâneos pelo papel que atribuiu ao pensamento vivo, destinado a comunicar-se por meio da acção pessoal e a organizar-se na conquista do apostolado. Esta inédita união de pensamento e de acção não foi compreendida por alguns ambientes tradicionalistas, habituados a conciliar a doutrina contra-revolucionária com uma praxis política inspirada em diversas teorias. Isto sucedeu sobretudo em França, depois da experiência da Action Française.

A França, "Filha Primogénita da Igreja", foi a pátria da Contra-Revolução católica que aí revelou os seus engenhos mais penetrantes, do Padre Pièrre de Clorivière a Mons. Henri Delassus. Mas entre o fim do século XIX e o fim do XX, sob a influência de Charles Maurras (131) e com o nascimento da Action Française, operou-se uma guinada do pensamento tradicionalista francês no sentido positivista e naturalista (132). Um dos seus expoentes, Louis Dimier, ao longo das aulas ministradas em 1906 no Instituto da Action Française, enumera

entre os "mestres da Contra-Revolução" autores como Sainte-Beuve, Balzac, Taine, Renan e até o socialista Proudhon (133). Isto acontecia nos mesmos anos nos quais, no seio da Igreja, se desenvolvia o modernismo social do Sillon condenado por São Pio X. A analogia entre o modernismo e a Action Française não escapou a um autor contra-revolucionário como Augustin Cochin, que assim a resumiu:

"O modernista, levando o movimento até ao seu fim, quereria colocar a Igreja no lugar reservado a Deus. Também hoje existe quem coloque o corpo antes do espírito e a ordem antes do fim: Maurras defende o corpo por meio da ordem que apresenta: Le Roy (134) compromete o espírito. É a mesma doutrina: intelectual em Le Roy, materialista em Maurras" (135).

(131) Charles Maurras (1869-1952), fundador do jornal e do movimento Action Française, exerceu grande influência sobre várias gerações de intelectuais franceses. Um amplo quadro da sua obra lê-se em Eugen WEBER, "L'Action française", Stock, Paris, 1964. Cfr. também Robert HAVARD DE LA MONTAGNE, "Histoire de l'Action Française", Amiot-Dumont, Paris 1950; Colette CAPITAN PETER, "Charles Maurras et I'idéologie d'Action Française", Seuil, Paris, 1972; Victor NGUYEN, "Aux origines de l'Action française. Intelligence et politique à l'aube du XXe. siècle", Fayard, Paris, 1991.

(132) A "guinada" foi bem descrita por R. GAMBRA CIUDAD, em "La monarquia social y representativa en el pensamiento tradicional", Rialp. Madrid, 1964, pp. 21-31 e no verbete "Tradicionalismo", in GER, vol. XXII (1975), pp. 671-673. Gambra distingue entre um tradicionalismo de direita, católico e contra-revolucionário, e um tradicionalismo de esquerda que, influenciado por Comte, chega, através de Taine e Renan, à Action Française. Cfr. também R. de MATTEI, "Augustin Cochin e la storiografia contro-revolucionaria", in Storia e Politica, vol. 4 (1973), pp. 570-585.

(133) Louis DIMIER, "Les maîtres de la contre-révolution au XIX siècle", Nouvelle Librairie Nationale, Paris, 1907, pp. 115-135 (Balzac), pp. 161-184 (Sainte-Bcuve), pp. 187-208 (Taine), pp. 209-230 (Renan), pp. 279-303 (Proudhon).

(134) Edouard Le Roy (1870-1954), seguidor de Bergson, foi o filósofo que tentou conferir uma base doutrinária ao modernismo. Muitas obras do Padre Garrigou-Lagrange foram escritas precisamente para refutar o seu fundamental agnosticismo.

(135) A. COCHIN, "Abstraction révolutionnaire et réalisme catholique", Desclée de Brouwer, Paris-Lille 1960, pp. 54-55. "0 método da Action Française –observa Stéphane Rials– não ignora a transcendência, mas trata-a de forma utilitarista através da interpretação positivista. A humanidade de Comte torna-se a nação de Maurras. A transcendência dobra-se à dimensão horizontal, a imanência é idolatrada, a Providência é negada" ("Révolution et Contre-Révolution au XIX siècle", cit., pp. 48-49).

Inicialmente, alguns católicos contra-revolucionários, como um Padre de Pascal (136) e um D. João Besse (137), colaboraram com a Action Française, apreciando nela o dinamismo e a eficácia das intervenções. Tratou-se porém de uma colaboração sob o estreito plano da praxis, condicionada à fidelidade do movimento à Igreja. Mas a Action Française, na sua evolução de movimento político para escola de pensamento, viu a doutrina maurrassiana prevalecer sobre a contra-revolucionária (138).

(136) Do Padre Georges de PASCAL (1840-1918), vejam-se, entre outros livros, "Enseignement social, vues sociales d'un homme de tradition", Rondelet, Paris, 1899; "Révolution et Contre-Révolution, le centenaire de 1789 et les conservateurs catholiques, avec une lettre de M. le Marquis de La Tour du Pin", Impr. de Saudaux, Paris, 1898. Cfr. A. de LAVALETTE MOBRUN, "Le père de Pascal", Jouve, Paris, 1918.

(137) Jean-Martial BESSE (1861-1920), historiador e erudito beneditino, ocupou em 1909 a cátedra de Sillabus no Institut d'Action Française. Dele, além de "L'Eglise et les libertés", cit., cfr. "Eglise et Monarchie", Jouve, Paris, 1910; "Le catholicisme libéral", Desclée, Paris, 1911; "Les Religions laïques", Nouvelle Librairie Nationale, Paris, 1913.

(138) Este aspecto foi notado por Jean Madiran: "A geração de católicos formados catolicamente, que chegaram à Action Française por força de um `compromisso para a acção', sucedeu uma geração de formação maurrassiana que já não era sensível ao que podia haver de chocante, e em qualquer caso de inaceitável para um cristão, no pensamento de Maurras" (J. MADIRAN, "L'Intégrisme, histoire d'une histoire", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1964, p. 97).

A atitude prudente de São Pio X, que resumiu o seu juízo sobre os escritos de Maurras na fórmula "damnabiles non damnandos", constitui um ponto de referência irremovível (139). O Papa Sarto aprovou a condenação de Maurras, mas adiou a sua promulgação pública, julgando-a inoportuna num momento de aberto conflito com o governo francês. Os sequazes de Maurras colocaram o acento sobre o segundo termo, o qual, porém, manifesta somente um juízo contingente, de carácter diplomático, indicador de uma oportunidade e não de uma avaliação. No damnabiles de São Pio X permanece toda a substância de um claro juízo doutrinal, que não permite a nenhum verdadeiro católico inspirar-se em Maurras como num mestre.

(139) Em 2 de Janeiro de 1914 a Congregação do Index julgou que cinco livros de Maurras ("Chemin de Paradis", "Anthinea", "Les amants de Venice", "Trois idées politiques", "L'avenir de l'intelligence") e a revista L'Action Française por ele dirigida mereciam condenação. São Pio X reputou oportuno adiar a promulgação do decrecto de 29 de Janeiro de 1914, mas a excomunhão foi lançada mais tarde por Pio XI, em 1926. Em 1939, depois de ter sido assinada, por parte do conselho director da Action Française, uma declaração de submissão, as sanções, relactivas ao jornal, foram retiradas por Pio XII (cfr. Decreto do Santo Ofício de 10 de Julho de 1939; resposta da Sagrada Penitenciária de 24 de Julho do mesmo ano; continuou em vigor a condenação dos escritos de Maurras indicados pelo Index), Cfr. também Lucien THOMAS, "L'Action française devant l'Eglise. De Pie X à Pie XII", Nouvelles Edítions Latines, Paris, 1965; Michael SUTTON, "Nationalism, positivism and catholicism: the politics of Maurras and French catholics", Cambridge University Press, Londres, 1982; Oscar L. ARVAL, "Ambivalent alliance. The catholic church and the Action française. 1899-1939", University of Pittsburgh Press, Pittsburgh, 1985; André LAUDOUZE, "Dominicains français et Action Française", Les Editions Ouvrières, Paris, 1989.

O juízo de Plinio Corrêa de Oliveira sobre a Action Française, formulado por várias vezes no Legionário, foi coerente com a posição do Magistério da Santa Sé (140). Entre a doutrina da Igreja e a professada pelos dirigentes da Action Française, para além de afinidades ou convergências no plano estritamente político, existia uma incompatibilidade de fundo.

(140) Quando a excomunhão foi revogada por Pio XII, ele pôs fim à polémica com estas palavras; "Não há mal pior do que a pretensão de ser mais católico do que o Papa. Roma falou: a causa está julgada. Que ninguém se entregue a entusiasmos incondicionais ou a rigor descabido" (Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Action Française", in O Legionario, n° 359 (30 de Julho de 1939)). Cfr. também id., "A Action Française e a Liga das Nações", in O Legionário, n° 276 (26 de Dezembro de 1937); id., "Action Française", in O Legionário, n°. 349 (21 de Maio de 1938).

Ao lado da hipoteca maurrassiana (141), traços de erros antigos como o jansenismo e o galicanismo imprimiram-se nalguns ambientes da cultura tradicionalista francesa do pós-guerra. Tais erros opunham-se ao espírito católico romano que, antes de tudo, é universalidade e capacidade de compreender o bem, onde quer que se manifeste e com as legítimas modalidades próprias a cada realidade. Mas o que caracterizou estes ambientes foi sobretudo uma mentalidade derrotista e renuncista, dificilmente conciliável com as teses combativas e carregadas de esperança de "Revolução e Contra-Revolução" (142).

(141) Cfr. por exemplo o número especial da revista Itinéraires, n° 122, Abril de 1968, dedicado a Maurras, com artigos de Jean Madiran, Henri Charlier, Jean Ousset, Pierre Gaxotte, Roger Joseph, V. A. Berto, Henri Rambaud, Gustave Thibon, Jean-Baptiste Morvan, Jacques Vier, Louis Salleron, Georges Lafly, Marcel de Corte.

(142) Uma descrição desta mentalidade encontra-se no opúsculo "La mano che estingue, la voce che addormenta", publicado pelo Ufficio Tradizione, Famiglia, Proprietà, Roma, 1996.

Ainda que possa parecer singular, na Europa, "Revolução e Contra-Revolução" teve a sua influência mais profunda, além da península ibérica, sobretudo em Itália, país carente de uma cultura tradicionalista no sentido estrito do termo.

Com efeito, o pensamento contra-revolucionário europeu resumia a sua visão na fórmula Trono e Altar, ou seja na fidelidade à Igreja e às dinastias que no decurso da História encarnaram a tradição católica. Na Itália, porém, houve a liquidação das dinastias anteriores à reunificação por parte do Piemonte saboiano e a sucessiva invasão de Roma em 1870. Com isso, o fosso aberto entre o Papado e a Casa de Sabóia não deixou espaço para um legitimismo contra-revolucionário. Mesmo depois da queda da monarquia, os monárquicos arrimaram-se a posições liberal-nacionalistas, enquanto os católicos eram desviados em direcção à democracia cristã, responsável pelo caminhar do mundo católico do pós-guerra para a esquerda (143). Assim, na terra escolhida pela Providência para colocar a Cátedra de Pedro, veio a faltar uma acção política autenticamente católica e o Partido Comunista mais forte e organizado do Ocidente, seguindo a lição de António Gramsci, pôde desenvolver a estratégia do "compromisso histórico" que alcançou o êxito, em Maio de 1996, com a conquista do poder por parte dos neo-comunistas.

(143) Para uma análise deste itinerário, cfr. R. de MATTEI, "Il centro que ci portò a sinistra", Fiducia, Roma 1994 e o manifesto do Centro Culturale Lepanto, "Prodi il Kerensky italiano?" in Il Tempo e Il Giornale de 14 de Maio de 1996. Cfr. também Giovanni CANTONI, "La lezione italiana", Cristianità, Piacenza, 1980.

Enquanto a revolução contestatária assolava a Itália, nascia, em torno dos princípios do livro "Revolução e Contra-Revolução", traduzido e publicado em Piacenza por Giovanni Cantoni (144), o grupo **Alleanza Cattolica** e, em 1973, a revista Cristianità. Em "Revolução e Contra-Revolução" inspiraram-se sucessivamente outros grupos e movimentos, entre os quais o **Centro Cultural Lepanto**, fundado em Roma, no ano de 1982 (145).

(144) A primeira tradução italiana da obra, pelas edições dell'Albero, remonta a 1969. A segunda, com um ensaio introdutório de G. CANTONI, "L'Italia tra `Rivoluzione e Contro-Rivoluzione'", veio à luz em 1972 publicado pelas edições Cristianità. A terceira, com um post-fácio de Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA intitulado "Rivoluzione e Contro-Rivoluzione vent'anni dopo", em 1977. "Nesta obra –escrevia Giovanni Cantoni na sua introdução– encontram-se todos os elementos que nos permitem defini-la como a expressão em forma de tese do pensamento contra-revolucionário na era da Revolução cultural" (Introdução, cit. p. 49). De G. CANTONI cfr. também "Plínio Corrêa de Oliveira ao serviço de um capítulo da doutrina social da Igreja: o comentário do Magistério à parabola dos talentos", in Cristianità, n° 235 (Novembro de 1994).

(145) O Centro Culturale Lepanto, fundado em Roma no ano de 1982 pelo autor destas páginas, afirmou-se na Itália e na Europa pelas suas intervenções doutrinárias a respeito de temas como a Nova Concordata (1985), o Tratato de Maastricht (1992), o perigo islâmico (1993), a legalização do casamento de homossexuais (1994), a denúncia da colaboração entre católicos e neo-comunistas em Itália (1995-1996).

17. Nobreza e elites tradicionais análogas, perante a IV Revolução

"**Nobreza e elites tradicionais análogas**" (146), pode ser considerada a continuação ideal e o desenvolvimento de "Revolução e Contra-Revolução".

(146) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Nobreza e elites tradicionais análogas", cit.. O livro foi traduzido também para o italiano, espanhol, inglês e francês e recebeu o aplauso de várias personalidades entre as quais três Cardeais, Mario Luigi Ciappi, Silvio Oddi e Alfons Maria Stickler, e dois conhecidos teólogos, os Padres Raimondo Spiazzi e Victorino Rodríguez.

Num ensaio intitulado "Revolução e Contra-Revolução vinte anos depois" (147), Plínio Corrêa de Oliveira descrevia o aparecimento, depois da Revolução comunista, de uma IV Revolução menos ideológica e mais tendencial, a qual visa extinguir os velhos modelos de

reflexão, volição e sensibilidade, para atingir mais rapidamente a meta última da Revolução: instalar, sobre as ruínas da Civilização Cristã, uma sociedade "tribal" e anárquica, submetida ao Príncipe das Trevas. A volta ao modelo humano representado pelas "elites tradicionais" pode constituir, segundo o pensador brasileiro, o principal antídoto a este extremo declínio da sociedade. Com efeito, a revolução da Sorbonne, em 1968, constituiu uma explosão de alcance universal, que acelerou a proletarização da sociedade. O impulso ao contínuo aperfeiçoamento, que caracterizava a Idade Média e os séculos sucessivos, poderia hoje renascer se nele a nobreza encontrasse o sentido da sua própria missão histórica.

(147) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Rivoluzione e Contro-Rivoluzione vent'anni dopo**", in "Rivoluzione e Contro-Rivoluzione", cit., pp. 59-74. Cfr. ainda a edição especial de Catolicismo, n° 500 (1992) com uma actualização à III parte feita pelo próprio Prof. Corrêa de Oliveira.

"Se o nobre do século XX se conservar consciente dessa missão e se, animado pela Fé e pelo amor a uma tradição bem entendida, tudo fizer para se desempenhar dela, alcançará uma vitória de grandeza não menor que a dos seus antepassados quando contiveram os bárbaros, repeliram para além Mediterrâneo o Islão, e sob o mando de Godofredo de Bouillon derrubaram as portas de Jerusalém" (148).

(148) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Nobreza e Elites tradicionais análogas", cit., p. 138.

Na conclusão do seu último livro, Plínio Corrêa de Oliveira assim descreveu a funesta desembocadura do longo processo revolucionário:

"Apesar de incontáveis obstáculos, tal é o carácter inflexível da sua caminhada vitoriosa –a partir da confluência histórica na qual a Idade Média declina e morre; a Renascença surge em seus alegres triunfos iniciais; a revolução religiosa do Protestantismo começa a fomentar e preparar de longe a Revolução Francesa, e de muito longe a Revolução Russa de 1917...– que se diria invencível a força que moveu tal processo e definitivos os resultados a que ele chegou.

"`Definitivos' parecerão ser efectivamente esses resultados, se não se fizer uma análise atenta da índole desse processo. À primeira vista, parece eminentemente construtivo, pois levanta sucessivamente três edifícios: a pseudo-reforma protestante, a república liberal-democrática e a república socialista soviética.

"Porém, a verdadeira índole do dito processo é essencialmente destrutiva. Ele é a Destruição. Ele atirou por terra a Idade Média cambaleante, o Antigo Regime evanescente, o mundo burgês apoplético, frenético e conturbado; sob a pressão dele está em ruínas a ex-URSS, sinistra, misteriosa, apodrecida como uma fruta que há tempo caiu do ramo.

"Hic et nunc, não é bem verdade que os marcos efectivos desse processo são ruínas? E, da mais recente delas, o que está a resultar para o mundo senão a exalação de uma confusão geral que promete a todo momento catástrofes iminentes, contraditórias entre si, que se desfazem no ar antes de se precipitarem sobre os mortais, e ao fazê-lo geram a perspectiva de novas catástrofes, ainda mais iminentes, ainda mais contraditórias? As quais quiçá se evanesçam, por sua vez, para dar origem a novos monstros, ou quiçá se convertam em realidades atrozes, como a migração de hordas eslavas inteiras do Leste para o Oeste, ou então de hordas maometanas avançando do Sul para o Norte.

"Quem o sabe? Quem sabe se será isso? Se será só (!) isso? Se será ainda mais e pior do que isso?

"Tal quadro seria desalentador para todos os homens que não têm Fé. Pelo contrário, para os que têm Fé, do fundo deste horizonte sujamente confuso e torvo, uma voz, capaz de despertar a mais alentadora confiança se faz ouvir:

`Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará!"' (149).

(149) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Nobreza e Elites tradicionais análogas", cit., p. 154.

18. Parecer de um eminente teólogo contemporâneo sobre "Revolução e Contra-Revolução"

Entre os pareceres formulados a respeito de "Revolução e Contra-Revolução ", profundo e articulado, destaca-se o do Padre Anastasio Gutiérrez, eminente canonista da Ordem claretiana e consultor de diversos dicastérios vaticanos, que escreveu entre outras coisas:

"Revolução e Contra-Revolução é uma obra magistral, cujos ensinamentos deveriam ser difundidos até fazê-los penetrar na consciência de todos os que se sintam verdadeiramente católicos, e diria mais, de todos os homens de boa vontade. Nela, estes últimos aprenderiam que a única salvação está em Jesus Cristo e na sua Igreja, e os primeiros sentir-se-iam confirmados e robustecidos na sua fé, e prevenidos e imunizados psicológica e espiritualmente contra um processo astuto que se serve de muitos deles como inocentes-úteis, companheiros de viagem.

"A análise que faz do processo revolucionário é impressionante e reveladora, pelo seu realismo e pelo profundo conhecimento da História, a partir do fim da Idade Média em decadência, que prepara o clima ao Renascimento paganizante e à Pseudo-Reforma, e esta para a terrível Revolução Francesa e, pouco depois, ao Comunismo ateu.

"Tal análise histórica não é apenas externa, mas é também explicada e revelada nas suas acções e reacções com os elementos que a psicologia humana proporciona, tanto a psicologia individual como a psicologia colectiva das massas. Contudo, é preciso reconhecer que há alguém a dirigir essa descristianização de fundo e sistemática. É verdade, sem dúvida, que o homem tende para o mal –orgulho e sensualidade– mas se não houvesse quem tomasse em mãos as rédeas dessas tendências desordenadas e as coordenasse sagazmente, não dariam provavelmente o resultado de uma acção tão constante, hábil e sistemática, mantida tenazmente, aproveitando até os altos e baixos provocados pelas resistências e pela natural `reacção' das forças contrárias.

"A Obra prevê também, ainda que com cautela nos seus prognósticos e por via de hipóteses, a possível evolução próxima da acção revolucionária e depois, por sua vez, a da acção contra-revolucionária.

"Abundam pensamentos e observações perspicazes de carácter sociológico, político, psicológico, evolutivo... semeados ao longo de todo o livro, dignos, não poucos, de uma antologia. Muitos deles apontam as `tácticas' inteligentes que favorecem a Revolução, e as que podem ou devem ser utilizadas no âmbito de uma `estratégia' geral contra-revolucionária.

"Em suma, atrever-me-ia a dizer que é uma obra profética no melhor sentido da palavra; mais ainda, que o seu conteúdo deveria ensinar-se nos centros superiores da Igreja, para que ao menos as classes de elite tomem consciência clara de uma realidade esmagadora, da qual –acredito– não se tem clara consciência. (...) A obra é um produto autêntico da Sabedoria Cristã" (150).

(150) P. Anastasio GUTIÉRREZ C.M.F., Carta a Juan Miguel Montes, de 8 de Setembro de 1993.

Capítulo V

"No idealismo, ardor. No trato, cortesia.
Na acção, devotamento sem limites.
Na presença do adversário, circunspecção.
Na luta, altaneria e coragem.
E, pela coragem, a vitória".

TRADIÇÃO, FAMÍLIA, PROPRIEDADE

1. Um bloco coerente e indissociável...

Chegado à plena maturidade da sua vida, Plínio Corrêa de Oliveira decidiu conferir uma forma associativa à família de almas que o circundava e comungava dos mesmos ideais. Em 26 de Julho de 1960 foi fundada em São Paulo a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (1), a primeira de uma série de associações inspiradas no seu pensamento que surgiram progressivamente nos cinco continentes (2).

(1) O início da actividade pública da TFP remonta a 25 de Julho de 1963, quando a associação assumiu oficialmente a gestão de todas as actividades até então exercidas pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, a título pessoal, e pelos seus colaboradores do grupo de *Catolicismo*. O Presidente da TFP brasileira foi, até à morte, Plínio Corrêa de Oliveira; vice-presidente, também ele até à morte, o Prof. Fernando Furquim de Almeida (1913-1981).

(2) Foram fundadas TFPs, entidades afins ou escritórios de representação na Argentina, Chile, Uruguai (1967), Perú (1970), Colômbia, Venezuela, Espanha (1971), Equador (1973), Bolívia, França, Portugal. Estados Unidos (1974), Canadá (1975), Itália (1976), África do Sul (1980), Alemanha, Austrália (1982). Costa Rica (1983), Nova Zelândia (1985), Filipinas (1986), Paraguai (1987), Grã-Bretanha (1990), Índia (1992), Polónia (1995), Japão (1996).

A trilogia Tradição, Família e Propriedade, mais do que designar as associações fundadas e inspiradas por Plínio Corrêa de Oliveira, resume a sua concepção do mundo, a qual reflecte, por sua vez, os fundamentos da doutrina social da Igreja (3).

(3) Nas suas "linhas essenciais - como afirma Pio XII - foram *e* ainda são as mesmas: a família e a propriedade, como base de manutenção pessoal; depois, como factores complementares de segurança, as associações locais e as uniões profissionais, e finalmente o Estado" (Pio XII, *Radiomensagem de Natal de 24 de Dezembro de 1955,* in DR, vol. XVII, pp. 437-438).

A verdadeira tradição, escreve o pensador brasileiro, pressupõe dois princípios:

"a) que qualquer ordem de coisas autêntica e viva tem em si um impulso contínuo rumo ao aprimoramento e à perfeição;

"b) que, por isso, o verdadeiro progresso não é destruir, mas somar; não é romper, mas continuar para o alto.

"Em suma, a tradição é a soma do passado com um presente que lhe seja afim. O dia de hoje não deve ser a negação do de ontem, mas a harmónica continuação dele" (4).

(4) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**TFP - Tradição**",* em *Folha de S. Paulo,* 12 de Março de 1969. Cfr. também id., *"**Nobreza e Elites tradicionais análogas**",* cit., p. 74-75.

Tradição, do latim tradere, não significa, pois, mero apego ao passado, mas a transmissão, de uma geração para outra, de um património de valores (5). "A tradição que nós representamos é a tradição católica, é uma tradição cheia de vida. Uma vida natural e sobrenatural ardente" (6). Aquilo que está vivo tem necessidade, para se desenvolver, de um ambiente propício. O ambiente natural para a transmissão e o desenvolvimento dos valores é a família que, ensina a Igreja, é "a célula fundamental, o elemento constitutivo da comunidade do Estado" (7). Mas a família, para sobreviver e desenvolver-se, tem necessidade, por sua vez, de um substrato material que lhe assegure a vida e a liberdade. Por isso Pio XI, na Encíclica Quadragesimo Anno, afirma que "é necessário que permaneça sempre intacto e inviolado o direito natural de propriedade privada e de transmissão hereditária dos próprios bens, direito que o Estado não pode suprimir" (8).

(5) Pio XII ensinou que não existe verdadeiro progresso fora da tradição. "Etimologicamente o próprio vocábulo é sinónimo de caminho e de marcha para a frente – sinónimia e não identidade. Com efeito, enquanto o progresso indica somente o facto de caminhar para a frente, passo após passo, procurando com o olhar um incerto porvir, a tradição indica também um caminho para a frente, mas um caminho contínuo, que se desenvolve ao mesmo tempo tranquilo e vivaz, de acordo com as leis da vida. (...) Como indica o seu nome, a tradição é um dom que passa de geração em geração; *é* a tocha que, a cada revezamento, um corredor põe na mão do outro, e confia-lha sem que a corrida pare ou diminua de velocidade. Tradição e progresso reciprocamente se completam com tanta harmonia que, assim como a tradição sem o progresso se contradiria a si mesmo assim também o progresso sem a tradição seria um empreendimento

temerário, um salto no escuro". (Alocução ao Patriciado e à Nobreza romana de 19 de Janeiro de 1944, in *"Nobreza e Elites tradicionais análogas.... "*, cit., pp. 263-264).

(6) Plínio CORREA DE OLIVEIRA, Discurso de 3 de Janeiro de 1992, in *Catolicismo* n° 494 (Fevereiro de 1992).

(7) Pio XII, *Alocução aos Pais de Família franceses* de 18 de Setembro de 1951, in DR, vol. XIII, p. 242.

(8) Pio XI, Encíclica *Quadragesimo anno* de 15 de Maio de 1931, in AAS, vol. 23 (1931), pp. 190-216. Cfr. Denz.-H, n° 3728.

Max Delespesse, um conhecido progressista belga, em livro com o significativo título "Tradition, Famille, Propriété. Jésus et la triple contestation", pondera:

"Observadores superficiais poderiam surpreender-se diante da trilogia `tradição-família-propriedade' como se se tratasse de um amálgama artificial. Na realidade, a junção destes três termos não se deveu ao acaso. (...) `Tradição-família-propriedade' é um bloco coerente que se aceita ou se rejeita, mas cujos elementos não podem ser separados" (9).

(9) Max DELESPASSE, *"Tradition, Famille, Propriété. Jésus et la triple contestation"*, Fleurus, Paris, 1972, pp. 7, 8.

A recusa mais radical deste bloco doutrinal foi expresso, na nossa época, pelo social-comunismo, cujos princípios básicos, segundo o matemático russo Igor Safarevic (10), podem ser reduzidos a estes pontos:

a) abolição da propriedade privada;
b) abolição da família;
c) destruição da religião;
d) igualdade, supressão da hierarquia social.

(10) Igor SAFAREVIC, *"Il socialismo como fenomeno storico mondiale"*, tr. it. La Casa di Matriona, Milão, 1980, p. 267.

A fórmula TFP, afirma por sua vez Plínio Corrêa de Oliveira, encerra "os três grandes princípios que o colectivismo moderno negou", que foram contrapostos a um trinómio igualmente significativo: "massificação–servidão–fome" (11).

(11) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"Nobreza e Elites tradicionais análogas"*, cit., p. 130.

2. Novos métodos de apostolado

Aquilo que caracterizou de maneira inconfundível a TFP brasileira e as outras TFPs que Plínio Corrêa de Oliveira inspirou por todo o mundo, não foi só a coerência da visão católica do universo, mas também a supreendente novidade dos métodos de apostolado.

Desde o início da sua actividade, a TFP teve de lutar contra a conspiração do silêncio imposta pelos meios de comunicação social às suas iniciativas. Para atingir directamente a opinião pública, Plínio Corrêa de Oliveira concebeu grandes campanhas públicas nas quais os jovens da TFP, através do uso de megafones, faixas, slogans e músicas atraíssem a atenção das pessoas nas ruas. Em 30 de Março de 1965, no Viaduto do Chá, a mais movimentada artéria de São Paulo, apareceram pela primeira vez os grandes estandartes rubros com o leão rompante, aos quais, em 1969, deveriam seguir as capas vermelhas idealizadas pelo mesmo Prof. Plínio. Estes estandartes e capas distinguem hoje em todo o mundo o apostolado público da TFP. Plínio Corrêa de Oliveira sublinhou sempre a importância deste apostolado feito com os estandartes, o qual "produz sobre a opinião pública um choque vivificante e salutar que simboliza a contra-ofensiva do Bem" (12).

(12) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, ***"Obstáculo à corrida para o caos"***, in *Catolicismo,* n° 517 (Janeiro de 1994). De acordo com o que ensina a história, escreve Plínio Corrêa de Oliveira, "afigura-se que as grandes conversões se dão o mais das vezes por um lance de alma fulminante, provocado pela graça ao ensejo de qualquer facto interno ou externo" *("Revolução e Contra-Revolução"*, cit., p. 50).

No processo de conversão, além do factor lógico, intervém o psicológico e o sobrenatural, pois é sobretudo a graça de Deus que opera na alma do homem, atraindo-o para a adesão à verdade e a prática da virtude. Com efeito, é por meio do "choque" da graça que se verifica a passagem do homem velho para o homem novo, do qual fala São Paulo nas suas Epístolas (13).

(13) Ef., 4, 21-24

Dom Chautard ensina como uma instituição católica digna deste nome deve estar penetrada pela vida interior, que é a condição da fecundidade na acção (14). O grande desenvolvimento das actividades externas fez nascer, nos cooperadores da TFP, o desejo de ambientes particularmente recolhidos, para constituirem contrafortes espirituais a um excesso de activismo. Nasceram assim, ao lado das sedes tradicionais, os "êremos" (15), lugares de estudo e oração caracterizados por um ambiente de recolhimento e por uma regra de vida precisa.

(14) Dom J. B. CHAUTARD, *"L'âme de tout apostolat",* cit., pp. 52-56.

(15) A palavra "êremo" deve-se a Fábio Vidigal Xavier de Silveira, dirigente da TFP brasileira, falecido em 1971. Alguns anos antes da sua morte, visitando o célebre *Eremo delle Carceri,* em Assis, tinha-se entusiasmado com o espírito sobrenatural que o caraterizava e tinha aplicado o uso desta palavra, na linguagem familiar, à sede em que trabalhava.

A constituição de ambientes nos quais se respirasse uma atmosfera embebida de seriedade e de espírito sobrenatural correspondia à exigência, sempre sublinhada pelo Prof. Plínio, de combater a Revolução não somente no plano das ideias, mas também naquele, mais profundo, das tendências. Nesta mesma perspectiva, num momento histórico em que a Revolução se difundia através do tipo humano dos hippies e dos punks, ele idealizou especiais "hábitos de cerimónia", caracterizados pelo escapulário do Carmo e pela Cruz de Santiago, com significado simbólico análogo ao das capas vermelhas usadas nas actividades públicas. Estes hábitos, que por seu corte original não podem ser assimilados nem aos tradicionais hábitos religiosos, nem, muito menos, aos uniformes militares, são envergados em circunstâncias especiais para exprimir um espírito cavalheiresco oposto à degradação moral moderna.

Entre os novos meios de propaganda, o Prof. Plínio concebeu também as "caravanas", formadas por grupos de jovens cooperadores, que desenvolvem um apostolado "itinerante", de ponta a ponta do imenso país. Elas percorreram, entre 1970 e 1995, um total de 5.031.360 quilómetros, desenvolvendo 23.199 campanhas em cidades de todos os Estados do Brasil e difundindo 1.714.080 de publicações editadas pela associação. Tratava-se de um instrumento de propaganda absolutamente novo, que permitia o contacto directo com o grande público, sem passar pelo filtro dos meios de comunicação oficiais. As tiragens das obras difundidas, enormes para a América Latina, confirmaram o acerto da iniciativa do Prof. Plínio.

A TFP promoveu regularmente, durante anos, Semanas de Estudo de Formação Anticomunista (SEFAC) nas quais, com conferências acompanhadas de audiovisuais, se desenvolveu uma crítica cerrada ao comunismo e foi exposta com clareza a doutrina católica oposta a este. Estes cursos de formação da TFP constituíram, para jovens provenientes do Brasil e de todo o mundo, preciosa ocasião de se conhecerem, trocarem opiniões e viver numa atmosfera fraterna.

Por fim, ao lado da actividade dos propagandistas no sentido estrito –chamados sócios e cooperadores– uma nova forma de apostolado começou a difundir-se nos últimos anos: a dos correspondentes-esclarecedores (16), que divulgam os ideais contra-revolucionários nos ambientes familiares e profissionais em que vivem. No fim dos anos 80, através da moderna técnica de mass-mailing, que permite entrar em contacto epistolar com dezenas de milhar de correspondentes, as TFPs dotaram-se com novos e eficazes instrumentos de apostolado. Algumas campanhas desenvolvidas pelos correspondentes chegaram a criar verdadeiros movimentos de opinião e a mudar radicalmente a situação em vários campos.

(16) O próprio Plínio Corrêa de Oliveira assim definiu o papel dos correspondentes: "Os nossos correspondentes possuem a missão de lutar nesta grande batalha da opinião pública, com o seu exemplo, a sua conduta, com tudo aquilo que transparece o seu modo de ser católico. E é isto

que um verdadeiro contra-revolucionário deve fazer e dizer, andando contra a onda de perdição que está a trucidar o mundo moderno. Nós estamos a fazer isto. Devemos dar sempre o bom exemplo, repetir a boa palavra, saber proclamar alto os nossos ideais e levantar alto o nosso estadandarte" (Encontro com os Correspondentes de 7 de Setembro de 1989).

3. A evolução do Clero brasileiro para a esquerda e o nascimento da CNBB

Em 14 de Outubro de 1952, vinte Arcebispos reuniram-se no Rio de Janeiro para constituir a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), a fim de "coordenar e subsidiar as actividades de orientação religiosa, de beneficência, de filantropia e de assistência social" em todo o território nacional (17). D. Hélder Câmara, então Bispo-auxiliar do Rio de Janeiro, e primeiro secretário da CNBB, foi encarregado dos trabalhos preparatórios desse projecto (18). A partir de 1954, a organização episcopal, tomando a dianteira em relação às Dioceses individualmente consideradas, tornou-se a "voz" oficiosa da Igreja no Brasil (19). No seio desta, D. Hélder (20) apresentou-se como a figura destinada a assumir, pelo menos em parte, o papel "carismático" já exercido pelo Cardeal Leme na renovação religiosa dos anos 30. Foi nesse período que se manifestou a "guinada à esquerda" do episcopado brasileiro, também graças à obra do novo Núncio pontifício, D. Armando Lombardi (1954-1966), que favoreceu a nomeação de Bispos progressistas colaborando com o mesmo D. Hélder na formulação das posições sociais mais "avançadas" (21).

(17) Cfr. M. KORNIS, D. FLAKSMAN, *"Conferência Nacional dos Bispos do Brasil"* (CNBB), in DHBB, vol. II, pp. 884-889. "Monsenhor João Montini, Secretário de Estado do Vaticano e futuro Papa Paulo VI, exerceu uma grande influência junto do Papa Pio XII para que a organização fosse aprovada" (ibid., p. 884).

(18) Sergio BERNAL, *"La Iglesia del Brasil y el compromiso social",* Pontificia Università Gregoriana, Roma, 1986, p. 46.

(19) Um alto dignitário dela, o Cardeal Aloisio Lorscheider, tê-la-ia definido sem mais como porta-voz oficioso do Vigário de Cristo (cfr. *O Povo,* Fortaleza, 16 de Fevereiro de 1981).

(20) Mons. Câmara "logo passou a deter um poder de facto, senão de direito, muito superior ao do Cardeal do Rio, D. Jaime Câmara, primeira personalidade, pelo seu cargo, da Igreja nacional" (Richard MARIN, *"D. Hélder Câmara. Les puissants et les pauvres",* Les Editions de l'Atelier, Paris, 1995, p. 83). "No caleidoscópio episcopal, D. Hélder Câmara é um porta-estandarte (...). ele resume na sua pessoa toda a evolução de uma Igreja em ruptura com a ordem social tradicional" (Charles ANTOINE, *"L'Eglise et le pouvoir au Brésil. Naissance du militarisme",* Desclée de Brouwer, Paris, 1971, p. 77).

(21) "Convencido da necessidade de uma renovação da Igreja no país, que se poderia efectivar através da CNBB, D. Lombardi manteve encontros semanais com D. Hélder e assistiu a vários encontros da CNBB onde apoiou as declarações sociais mais avançadas" (M. KORNIS, D. FLAKSMAN, *"Conferência Nacional dos Bispos do Brasil"* (CNBB), cit., p. 885). "Grande amigo de D. Hélder Câmara, com quem almoçava uma vez por semana, sólido aliado dos que desenvolviam as novas estratégias do catolicismo brasileiro, presidiu, durante a sua nunciatura, à criação de 48 Dioceses, 11 Arcebispados e 16 Prelazias. Durante estes dez anos, foram nomeados 109 Bispos e 24 Arcebispos, que formam hoje a maioria do episcopado do país" (Márcio MOREIRA ALVES, "A *Igreja e a política no Brasil",* Editora Brasiliense, São Paulo, 1979, p. 80). Márcio Moreira Alves observa que as nomeações dos Bispos conservadores no Brasil são todas anteriores a 1955, data do início da nunciatura de Mons. Lombardi; desde então, com a única excepção de Mons. José Angelo Neto, nomeado em 1960, todos os Bispos são de linha claramente progressista (ibid.).

Em Maio de 1956, a Conferência dos Bispos do Nordeste, organizada por D. Hélder em Campina Grande (Paraíba), na presença do próprio Presidente da República Kubitschek, que encerrou os trabalhos, denunciou as terríveis injustiças do país, anunciando que os Bispos

se alinhariam "com os oprimidos, para cooperar com estes num trabalho de promoção e de redenção" (22). A questão da "justiça social" e da "reforma agrária" estava destinada a tornar-se o cavalo de batalha da CNBB, sobretudo a partir de 1958, e já no novo pontificado de João XXIII.

(22) R. MARIN, op. cit., p. 84. Desde as primeiras reuniões realizadas em Belém (1953) e Aparecida (1954) a CNBB colocou sobre a mesa o problema da "reforma agrária".

Depois da constituição da CNBB, dois acontecimentos de alcance continental tiveram grande influência sobre a acção da hierarquia brasileira: a criação, em 1955, do CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano) e a Revolução cubana de 1959 (23).

(23) Cfr. José Oscar BEOZZO, "A *Igreja no Brasil",* in "A *Igreja Latino-Americana às vésperas do Concilio",* Edições Paulinas, São Paulo, 1993, pp. 46-77. Cfr. também "A *Igreja nas bases em tempo de transição"* (1974-1985), org. por Paulo José KRISCHKE e Scott MAINWARING, L&PM Editores, Porto Alegre, 1986; C. ANTOINE, *"L'épiscopat brésilien dans les décennies du développement",* in *Etudes,* n° 1-2 (Junho-Julho de 1986), pp. 15-26; J. O. BEOZZO, "A *Igreja do Brasil. De João XXIII a João Paulo II de Medellin a Santo Domingo",* Vozes, Petrópolis, 1994; J.F. REGIS DE MORAIS, *"Os Bispos e a política no Brasil",* Cortez Editora, São Paulo, 1982; Thomas C. BRUNEAU *"The Church in Brasil",* University of Texas Press, Austin, 1982.

"No ponto de partida da irrupção da política no seio da instituição eclesiástica – escreve Pierre Vayssière– encontramos o CELAM, um órgão de ligação entre os diversos episcopados do continente, criado em 1955 por iniciativa de D. Hélder Câmara" (24).

(24) Pierre VAYSSIÈRE, *"Les révolutions d'Amérique Latine",* Seuil, Paris, 1996, p. 263.

No fim dos anos 60, um grupo de teólogos sul-americanos começou a formular uma "teologia da libertação" (25), cujo espírito penetrou na Segunda Assembleia Geral do CELAM, realizada em Medellin em 1968, com a presença de Paulo VI (26). A nova corrente teológica, que afirmava desejar aplicar à América Latina as recomendações do Concílio Vaticano II, apresentava a missão de Jesus Cristo predominantemente como obra de libertação social e política. Utilizava a ciência social, e particularmente a metodologia marxista, como instrumento para "libertar as classes oprimidas". Nesta perspectiva, o teólogo transformava-se, segundo a fórmula gramsciana, num "intelectual orgânico do proletariado" (27), tendo como principal função tornar próximo o "reino da justiça sobre a terra" (28).

(25) A primeira formulação sistemática foi feita, em 1971, pelo teólogo peruano Gustavo GUTIERREZ *("Teologia della Liberazione",* tr. it. Queriniana, Brescia, 1972). Nascido em 1928 e formado pela Universidade de Lovaina, o padre Gutiérrez foi durante muitos anos professor na Universidade de Michigan, exercendo, como observa Pierre Vayssière (op. cit., p. 358), uma notável influência no mundo universitário norte-americano. Entre os teólogos que lançaram as bases da teologia da libertação, recordamos os jesuítas Jon Sobrino e Juan L. Segundo, o franciscano Leonardo Boff e Mons. Hélder Câmara "que mesmo não sendo um teólogo de profissão deu, com a palavra e a acção, enorme contributo ao desenvolvimento da teologia da liberação" (BATTISTA MONDIN, *"I teologi della liberazione",* Borla, Milão, 1977, p. 36). Além de Mons. Câmara, apoiaram o desenvolvimento ideológico e a organização do movimento, Bispos como Leonidas Proaño no Equador, Oscar Romero em Salvador, Sergio Méndez Arceo e Samuel Ruiz no México, Zambiano Camader na Colômbia. Sobre a teologia da libertação cfr. também Armando BANDERA, O.P., *"La Iglesia ante el proceso de liberación",* BAC, Madrid, 1975; Padre Miguel PARADOWSKI, *"El marxismo en la teologia",* Speiro, Madrid, 1976; Alfonso LOPEZ TRUJILLO, *"De Medellin a Puebla",* Editorial Catolica, Madrid, 1980.

(26) Cfr. B. MONDIN, *"I teologi della liberazione",* cit., p. 31. "É no encontro do CELAM em Medellin que a teologia da liberação adquire o seu direito de cidadania" (R. VIDALES, *"Acquisizioni e compiti della teologia latino-americana",* in *Concilium,* n° 4, 1974, p. 154).

(27) José Francisco GÓMEZ, *"El intelectual orgánico según Gramsci y el teologo de la liberación en América Latina",* in *Cristianismo y Sociedad* (México), n° 91 (1987), pp. 102-104.

(28) Alvaro DELGADO, *"Le clergé en révolte",* in *La Nouvelle Revue Internationale,* n° 4 (Abril de 1973), pp. 70-71 (pp. 65-75).

Neste período ocorreu a revolução cubana que "figurou no imaginário latino-americano como o paradigma de qualquer revolução futura", surgindo "como um detonador capaz de acender uma imensa explosão, cuja onda de choque continental devia derrubar os regimes conservadores, para desfechar na `segunda independência' da América Latina" (29). A guerrilha revolucionária, segundo o esquema de Castro e Guevara, chegou a atacar cerca de vinte países da América Centro-Meridional, levando o continente à beira do caos.

(29) P. VAYSSIÈRE, *"Les révolutions d'Amérique Latine",* cit., p. 127, 174.

Na vida religiosa e civil do Brasil e da América Latina, o esquerdismo religioso difundiu-se rapidamente através de um processo "que foi apoiado por membros do Episcopado e pela Acção Católica nos meios operários e universitários e que se manifestou pelo nascimento das comunidades eclesiais de base" (30). No início de 1962, no seio da Juventude Universitária Católica (JUC), foi aprovado um documento chamado "Estatuto Ideológico" que propugnava o "socialismo" e a "revolução brasileira". Da JUC e da JEC (Juventude Estudantil Católica) (31), as duas associações estudantis da Acção Católica, nasceu uma nova organização, a Acção Popular (32), que propugnava uma declarada acção revolucionária para subverter os fundamentos da sociedade brasileira (33). Ela entendia situar-se ao lado da "corrente socialista que está a transformar a sociedade moderna", aderindo ao "papel de vanguarda desenvolvido pela Revolução soviética" (34).

(30) Michael SIEVERNICH, *"Théologie de la Libération"* in DSp, vol. XV (1991), p. 501.

(31) A JUC e a JEC, que constituíam os dois ramos estudantis da Acção Católica Brasileira (ACB), foram reconhecidos pela hierarquia eclesiástica em 1950 e dissolveram-se de facto com o fim da ACB em 1966.

(32) Cfr. Haroldo LIMA, Aldo ARANTES, *"Historia da Acção Popular da JUC ao PC do B",* Editora Alfa-Omega, São Paulo, 1984 e o verbete *"Acção Popular"* (AP) de M. KORNIS e D. FLAKSMAN, in DHBB, vol. I, pp. 16-17. 0 primeiro coordenador nacional da nova organização foi Herbert José de Souza e seu principal ideólogo o Padre jesuíta Henrique de Lima Vaz. O Documento de Base de Janeiro de 1963 afirmava: "A Acção Popular opta por uma política de preparação revolucionária, que consiste na mobilização do povo, sobre a base do desenvolvimento dos seus níveis de consciência e organização do capitalismo (nacional e internacional) e do feudalismo" (cit. em P. J. KRISCHKE, "A *Igreja e as crises políticas no Brasil',* Vozes, Petrópolis, 1979, p. 85). "Seria difícil diferenciar um pronunciamento assim das orientações oficiais dos partidos marxistas. A diferença significativa, entretanto, é que partia de sectores que tinham acesso ao povo através da vasta rede eclesiástica de paróquias, escolas, instituições de assistência social, etc." (ibid.).

(33) Cfr. Aloizio Augusto BARBOSA TORRES, *"Acção Popular, Capítulo deplorável na história do Brasil Católico",* in *Catolicismo,* n° 183 (Março de 1966).

(34) H. LIMA, A. ARANTES, op. cit., p. 37.

Este itinerário já tinha sido previsto por Plínio Corrêa de Oliveira em tempo oportuno. Ele via nesses desvios o desenvolvimento lógico do progressismo que tinha combatido nos anos 30 e 40. Por outro lado, via na TFP, que considerava dever opor-se a tais desvios, o desenvolvimento legítimo do movimento católico de antes, em absoluta fidelidade ao Magistério perene da Igreja.

A vida religiosa do Brasil, segundo um historiador contemporâneo, estava doravante destinada a oscilar entre dois pólos: o progressista e o representado pela TFP (35).

(35) Frei Oscar de FIGUEIREDO LUSTOSA O.P., *"Presencia de la Iglesia en la sociedad brasileña",* in *"Manual de Historia de la Iglesia",* de Quintín ALDEA e Eduardo CARDENAS, Editorial Herder, Barcelona, 1987, vol. X, pp. 1334-1335. `Entre ambos os grupos coloca-se `o grosso' da tropa cristã (Bispos, Sacerdotes e leigos), conservadores e liberais, e nas mais diversas

oportunidades oscilarão, quer aprovando as teses reaccionárias, quer apoiando certas reivindicações progressistas" (ibid., p. 1335).

4. "Reforma agrária": questão de consciência

Desde o início dos anos 50, uma tendenciosa campanha organizada por certa imprensa de inspiração marxista começou a apresentar o Brasil como a terra das injustiças e dos desequilíbrios sociais, dos grandes latifúndios improdutivos e das favelas miseráveis, à margem dos bairros de luxo das grandes cidades. A "reforma agrária" era apresentada como o único meio capaz de satisfazer as elementares exigências de justiça calcadas aos pés pelos proprietários. Esta maneira de encarar o problema baseava-se sobre falsos pressupostos doutrinais e sobre uma visão igualmente falsa da situação sócio-económica brasileira.

Na realidade, o maior latifúndio improdutivo do Brasil e do mundo é o representado pela imensa área de terras pertencentes ao Estado brasileiro. Cerca de 50% do território é hoje constituído por terras que pertencem aos poderes públicos federal, estaduais e municipais do país (36). Não se pode, pois, compreender, a não ser à luz de alguma concepção ideológica de tipo marxista, uma "reforma agrária" que, em vez de distribuir as terras públicas, queira confiscar as privadas que, apesar de tudo, fizeram do Brasil o segundo produtor de géneros alimentícios do mundo, depois dos Estados Unidos.

(36) No início dos anos 60, a percentagem de terras do poder público era ainda mais elevada.

A revolução reivindicada pelo Partido Comunista desde os anos 20 medrou sobretudo nos ambientes da esquerda católica, da intelligentzia universitária e "mediática" e da alta finança (37). Da união destas forças nasceu, em 1960, um projecto de "revisão agrária" proposto pelo governador democrata-cristão do Estado de São Paulo, Carvalho Pinto. Este foi apoiado também pela CNBB. A propaganda da esquerda apresentava a situação do mundo rural como explosiva, devido ao pretenso descontentamento dos trabalhadores agrícolas, e exigia a desapropriação dos assim chamados latifúndios improdutivos, para distribuir a terra aos trabalhadores. A meta era eliminar todas as formas de propriedades rurais grandes e médias, para as reduzir a dimensões mínimas, o que de facto conduziria o país à fome.

(37) Cfr. Gileno DE CARLI, *"História da Reforma agrária",* Gráfica brasileira, Brasília, 1985.

Em 10 de Novembro de 1960, um grande manifesto, publicado na primeira página dos mais importantes jornais do Brasil anunciava o lançamento do livro de Plínio Corrêa de Oliveira: "**Reforma Agrária, Questão de Consciência**" (38). A primeira parte da obra devia-se ao próprio Prof. Plínio, que submeteu o texto à apreciação de D. António de Castro Mayer e a D. Geraldo de Proença Sigaud, respectivamente Bispos de Campos e de Jacarezinho, a fim de que o examinassem do ponto de vista teológico e o assinassem juntamente com ele. Ao economista Luiz Mendonça de Freitas devia-se a segunda parte da obra, de natureza estritamente técnica, em que se demonstrava que o Brasil produzia em abundância suficiente para manter-se e desenvolver-se, sem que a sua economia fosse de alguma maneira prejudicada pela presença de latifúndios.

(38) Cfr. *"Reforma agrária. Questão de Consciência",* Editora Vera Cruz, São Paulo, 1960. Esta obra teve numerosas edições no Brasil, Argentina (1963), Espanha (1969), Colômbia (1971), com um total de cerca de quarenta mil exemplares. Este livro foi seguido por um programa positivo de política agrária obra dos mesmo autores, a *"**Declaração do Morro Alto**",* que teve duas edições em português.

O livro, pela clareza da argumentação, a notoriedade dos autores, mas também pelo sistema de difusão nas menores capilaridades do corpo social, tornou-se imediatamente um "caso nacional". A discussão das ruas ricocheteou nos jornais, rádio, televisão e no Parlamento. "O livro produziu um impacto não somente no Brasil, mas em toda a imprensa internacional. Provocou também fortes reacções no seio do episcopado brasileiro" (39). Enquanto em Agosto de 1961 subia ao poder João Goulart (40), expoente político de esquerda,

que julgava fazer da revolução o seu cavalo de batalha, D. Hélder Câmara, secretário geral da CNBB e Bispo-auxiliar do Rio, anunciou que o projecto de reforma era "um documento inspirado nos princípios da doutrina social da Igreja" (41). A opinião pública brasileira, entretanto, não acompanhou os seus Bispos neste perigoso caminho que abria as portas à comunização do país. A reacção popular não tardou em manifestar-se, culminando no movimento militar que, em 1964, derrubou o presidente Goulart (42). "Na preparação doutrinária do movimento" (43) teve "um papel decisivo" o "livro-bandeira contra a reforma agrária" (44) difundido pela TFP.

(39) José Luis GONZALEZ-BALADO, *"Câmara, l'évêque rouge?",* Ed. Paulinas, Québec, 1978, p. 53.

(40) Sobre João Goulart (1919-1976), cfr. o verbete de Marieta de MORAIS FERREIRA, César BENJAMIM, in DHBB, vol. II, pp. 15041521. Na sua mensagem ao Congresso em Março de 1962, Goulart reclamava reformas no sistema bancário, na administração pública, nos impostos e "a grande aspiração brasileira, à reforma agrária" que ele descreve como "uma ideia-força irresistível" (Mensagem ao Congresso Nacional, Rio de Janeiro 1962, pp. XI-XII). "A Reforma Agrária não poderá jamais ser protelada (...) outras reformas também são imperiosas" *(Folha de S. Paulo,* 2 de Maio de 1962). "A preocupação dele era a reforma agrária. Vivia com isso na cabeça. Era, realmente, a sua idéia fixa" recorda a viúva Maria Teresa Goulart *(Manchete,* 1 de Abril de 1978).

(41) Em 30 de Abril foi publicado um documento pela comissão central da CNBB (cfr. *La Documentation Catholique, n°* 1403 (Julho de 1963), col. 899-906).

(42) Em 19 de Março de 1964 uma grande "Marcha da Família com Deus pela liberdade" reuniu 500.000 pessoas em São Paulo. Onze dias depois o exército interveio. Goulart foi constrangido a abandonar o Brasil enquanto outra manifestação de multidão, no Rio, em 2 de Abril, reunia um milhão de pessoas em apoio ao novo regime.

(43) Thomas NIEHAUS e Brady TYSON, *"The Catholic Right in contemporary Brasil: the case of the Society for the Defense of Tradition, Family and Property", in Religion in Latin America. "Life and Literature",* de Lyle BROWN e William COOPER, Markharm Press Fund, Waco (Texas), 1980, p. 399. Também segundo Georges-André F'IECHTER, a TFP "teve um papel importante na mobilização popular contra Goulart em 1964" *("Le régime modernisateur du Brésil, 1964-1972. Etude sur les interactions politicoéconomiques dans un régime militaire contemporain",* A. W. Sijthoff, Leiden, 1972, p. 175). Cfr. também Emanuel de KADT, *"Catholic Radicals in Brazil",* Oxford University Press, Londres, 1970, p. 98.

(44) M. MOREIRA ALVES, *"O Cristo do Povo",* Ed. Sabiá, Rio de Janeiro, 1968, p. 271.

A queda de Goulart, que repercutiu em todo o mundo, impediu que triunfasse no Brasil uma revolução de tipo marxista. As repercussões estenderam-se do campo político ao eclesiástico. Em Abril de 1964, D. Hélder Câmara era substituído no seu cargo na CNBB, tornando-se Arcebispo de Olinda e Recife, enquanto o Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta, Arcebispo de São Paulo, era transferido para a Arquidiocese de Aparecida. No mesmo ano, a cúpula da CNBB foi renovada, tomando uma orientação moderada. D. Hélder Câmara foi substituído como secretário por D. José Gonçalves, Bispo-auxiliar do Cardeal-Arcebispo do Rio, D. Jaime Câmara, enquanto para a presidência do organismo foi eleito o Arcebispo de Ribeirão Preto, D. Agnelo Rossi. Este último substituiu D. Carlos de Vasconcellos Motta como Arcebispo de São Paulo.

O "golpe" que sob a presidência do marechal Castelo Branco levou os militares ao poder, é conhecido no Brasil como a "Revolução de 64" (45). Esta reprimiu as organizações comunistas, mas não soube articular um programa de positiva reconquista psicológica e cultural. Enquanto nos ambientes moderados se difundia a ilusão de estar definitivamente afastado o perigo comunista, os expoentes da esquerda infiltravam-se nos ambientes do ensino universitário e secundário e nos meios de comunicação social.

(45) Entre 1964 e 1984 sucederam-se na Presidência da República do Brasil os generais Humberto Castelo Branco (1964-1967), Arthur da Costa e Silva (1967-1969), Emilio Garrastazu Medici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979), João Batista Figueiredo (1979-1984). A base ideológica do regime implantado em 1964 foi a doutrina da "segurança nacional" elaborada

pela Escola Superior de Guerra, conhecida como "Sorbonne". A doutrina da "segurança nacional" desenvolvia um conceito de guerra global a combater-se em várias frentes (económica, política, psicológica) para garantir o papel do Brasil como "potência". Cfr. T. E. SKIDMORE, *"The Politics of Military Rule in Brazil 1964-1985"*, Oxford University Press, Nova York, 1988.

Em 30 de Novembro de 1964, o marechal Castelo Branco assinou um Estatuto da Terra, com o mesmo estilo e espírito da Revolução de Goulart. Mas a aplicação do documento, desde a sua promulgação até ao Primeiro Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), lançado pelo governo Sarney em Outubro de 1985, foi lenta e progressiva e ao longo de vinte anos encontrou sempre em Plínio Corrêa de Oliveira um vigoroso e infatigável opositor.

Quando, em Fevereiro de 1980, a Assembleia Geral da CNBB, reunida em Itaici, lançou um documento intitulado "Igreja e problemas da terra" (IPT), em favor da Reforma Agrária, Plínio Corrêa de Oliveira respondeu com o seu livro "**Sou católico: posso ser contra a Reforma Agrária?**", mostrando o contraste entre o Magistério da Igreja e o documento da Conferência Episcopal e denunciando a sua clara concepção socialista e marxista (46). Novo livro do pensador brasileiro em defesa da propriedade privada e da livre iniciativa veio a lume em 1985 (47), quando se difundia no país um movimento de violenta agitação rural, com invasões e ocupações de terras pertencentes a particulares (48). Justificava-se a urgência da revolução com as ocupações de terras privadas (49), raras antes de 1985, mas cada vez mais numerosas depois do lançamento do PNRA.

(46) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Carlos Patrício DEL CAMPO, *"Sou católico: posso ser contra a Reforma Agrária?"*, Editora Vera Cruz, São Paulo, 1981. Carlos Patricio del Campo, nascido em Santiago do Chile em 1940 e diplomado em engenharia agrária, especializou-se depois em Berkeley; docente em Agronomia na Universidade Católica do Chile, colaborou desde 1972 com o sector financeiro e administrativo da TFP brasileira. Do seu livro, difundido entre as elites intelectuais do Brasil e sobretudo entre os proprietários rurais, publicaram-se quatro edições, num total de 29.000 exemplares. Neste período, a TFP difundiu dois números de Catolicismo (n° 402 de Junho de 1984 e n°s 406-407 de Outubro-Novembro de 1984) dedicados a despertar do seu letargo a opinião pública brasileira.

(47) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, C. P. DEL CAMPO, "***A propriedade privada e a livre iniciativa, no tufão agro-reformista***", Editora Vera Cruz, São Paulo, 1985. Além disso, em 1986 veio à lume, com prefácio do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, a obra de C. P. del Campo, *"**Is Brazil sliding toward the extreme Left? Notes on the Land Reform Program in South America's largest and most populous country**"* (The American Society for the Defense of Tradition, Family and Property, Nova York, 1986), em que o autor documenta como, na base da "reforma agrária", não existem sérias avaliações económicas, mas somente uma tomada de posição ideológica, viciada por um espírito igualitário e socialista.

(48) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**Invasões, reforma agrária e temas conexos**"*, in *Folha de S. Paulo,* 21 de Abril de 1986.

(49) Segundo estatísticas do próprio governo brasileiro e pesquisas de institutos competentes, boa parte, por vezes a maioria, dos invasores de terras não era constituída por trabalhadores agrícolas indigentes, mas frequentemente por habitantes das cidades e também por pequenos proprietários rurais.

A finalidade do novo livro era dar aos proprietários agrícolas consciência dos seus direitos, estimulá-los a defender-se com prudência e energia para evitar, mais uma vez, a imposição da revolução agrária confiscatória (50). O carácter socialista desta última patenteava-se antes de tudo pela penalização económica sofrida por quem é expropriado: o Poder público paga, frequentemente com grande atraso e com dinheiro desvalorizado, um preço de expropriação muito inferior ao valor da terra. Mas a Revolução é socialista também pelo facto de que o trabalhador manual ao qual a terra é transferida se transforma, na verdade, não num pequeno proprietário, mas num membro de uma cooperativa agrícola estatal, a qual é a titular do direito de propriedade das terras: torna-se, portanto, um dependente do Estado. Neste sentido "a legislação agrária vigente prejudica, a nosso ver,

tanto o propriétario quanto o trabalhador manual no campo. Tudo em beneficio do Estado. E isto é socialismo" (51).

(50) Em 1988 a TFP publicou um manifesto, *"**Ao término de décadas de luta cordial alerta da TFP ao Centrão**"* (in *Folha de S. Paulo,* 28 de Abril de 1988), em que traça o balanço de cerca de três decénios de luta contra a "reforma agrária", recordando como desde o início tinha previsto que o agro-reformismo teria suscitado movimentos análogos no campo imobiliário e urbano, assim como no das empresas industriais e comerciais *("Reforma agrária, questão de consciência",* cit., pp. 157-158).

(51) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**Reforma Agrária: oportuno pronunciamento do Presidente da TFP**",* em *Catolicismo,* n° 429 (Setembro de 1986).

A batalha de Plínio Corrêa de Oliveira contra a Revolução enquadra-se numa constante defesa da propriedade privada e da livre iniciativa, que faz do pensador brasileiro o maior apóstolo, no nosso século, da doutrina social da Igreja neste ponto específico.

Tende-se, hoje, a esquecer que a propriedade privada constitui um ponto fundamental da doutrina católica (52): "A consciência cristã —confirma com efeito Pio XII— não pode reconhecer a justiça de um ordenamento social que nega ou torna praticamente impossível ou vão, o direito natural de propriedade, tanto sobre os bens de consumo como sobre os de produção" (53).

(52) Os Papas Leão XIII na Encíclica *Rerum Novarum* de 15 de Maio de 1891, Pio XI na Encíclica *Quadragesimo anno* de 15 de Maio de 1931, João XXIII na Encíclica *Mater et Magistra* de 15 de Maio de 1961, João Paulo II na Encíclica *Centesimus annus* de 1 de maio de 1991, ensinam com autoridade que a propriedade constitui um direito natural e inalienável do homem. São Tomás de Aquino afirma que "é lícito", e mesmo "necessário à vida humana possuir bens próprios", e que a propriedade privada constitui um desenvolvimento do direito natural devido à razão humana *(Summa Theologica,* IIa-IIae, q. 66, a. 2, resp. e ad 2).

(53) Pio XII, Radiomensagem de 1 de Setembro de 1944, in DR, vol. VI, p. 275.

Plínio Corrêa de Oliveira sempre ressaltou a importância deste ponto doutrinário, o menos compreendido do mundo moderno, tão impregnado de igualitarismo e de egoísmo (54). Desde os anos 30 ele via no ataque à propriedade privada "uma perturbação profunda em todo o corpo social" que abria as portas "para todos os germes comunistas" (55).

(54) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**Liberdade, trabalho ou propriedade**", in Folha de S. Paulo,* 2 de Outubro de 1968; *"**Propriedade privada**", in Folha de S. Paulo,* 30 de Maio de 1971; *"**Papas e propriedade privada**",* in *Folha de S. Paulo,* 6 de Junho de 1971. O pensador brasileiro não ignorou a "função social" da propriedade privada: "A livre iniciativa e a propriedade individual são insubstituíveis para incrementar a produção. E nisto consiste a sua principal função social. O homem empenha-se o quanto possível, em trabalhar, desde que saiba que pode acumular, em proveito próprio, o fruto do seu labor, e transmiti-lo aos filhos. Se falta esse estímulo, se todo o seu trabalho –descontado o ordenado– reverte para a colectividade, ele se transforma em funcionário público. Daí ser a subprodução, e portanto a fome, o mal inseparável dos regimes colectivistas" (id., *"**Função social**", in O Jornal,* 30 de Setembro de 1972).

(55) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A *causa do comunismo***"*,* in *O Jornal, 5* de Fevereiro de 1936.

Vale a pena sublinhar que Plínio Corrêa de Oliveira não foi, como alguém poderia crer, ou fazer crer, um latifundiário. Embora descendendo de dinastias agrícolas, a sua família tinha perdido, desde os anos 20, toda a riqueza fundiária. Esta absoluta falta de interesses pessoais testemunha a nobreza do seu combate, no exacto momento em que muitos entre os principais detentores das riquezas imobiliárias e fundiárias do país apoiavam de maneira decisiva os grupos e os partidos de esquerda.

5. A denúncia da infiltração comunista do Clero

Entre os anos 60 e o início dos anos 70, a esquerda internacional desfechou na América Latina uma ofensiva de grande envergadura; pretendia utilizar o Clero progressista e os ambientes católicos para desconjuntar os regimes políticos, ainda substancialmente conservadores. Encontrou, porém, no seu caminho, Plínio Corrêa de Oliveira e as TFPs.

Quando, em Julho de 1968, veio a lume o desconcertante documento do Sacerdote belga Joseph Comblin (56), professor no Instituto Teológico de Recife, Plínio Corrêa de Oliveira julgou chegado o momento de reagir abertamente contra as infiltrações comunistas então em expansão no Clero. Endereçou, pois, uma **carta a D. Hélder Câmara, Arcebispo de Recife**, em que denunciava, no documento do Padre Comblin, "o apelo à subversão no país, à revolução na Igreja, (...) a calúnia contra o Poder Civil, a Hierarquia Eclesiástica, as Forças Armadas e a Magistratura, e a configuração de um quadro grosseiramente falsificado da realidade nacional" (57).

(56) Joseph COMBLIN nasceu em 1923 em Bruxelas e, após ter completado os estudos em Lovaina e em Malines, onde foi ordenado Sacerdote em 1947, transferiu-se em 1958 para a América Latina onde ensinou Teologia e Pastoral em numerosos Institutos e Universidades. Entre as suas obras mais conhecidas, cfr. *"Théologie de la Révolution",* Editions Universitaires, Paris, 1970, em que define o homem como um "animal revolucionário".

(57) In *Catolicismo,* n° 211 (Julho de 1968).

"De todas as campanhas organizadas pelo movimento Tradição, Família e Propriedade –segundo o P. Antoine– a mais espectacular é sem dúvida a de Julho de l968" (58). Em dois meses, entre Julho e Agosto, os cooperadores da TFP recolheram mais de um milhão e meio de assinaturas contra a infiltração comunista na Igreja, nas ruas de 158 cidades do Brasil. Entre as assinaturas estavam as de 19 Arcebispos e Bispos, de numerosos ministros, dezenas de deputados e outros políticos. O P. René Laurentin, que estava de passagem pelo Brasil, recorda: "Grupos volantes recolheram assinaturas um pouco por toda a parte, nas estações ferroviárias, nos aeroportos e noutros lugares públicos. Os autores desta iniciativa abordaram-me muito cortesmente num supermercado de Curitiba. Desfraldavam um estandarte de veludo vermelho com a figura de um leão em pé. Convidavam a assinar 'contra o comunismo"' (59). A petição foi apresentada oficialmente ao Vaticano em 7 de Novembro de 1969; não houve resposta da Santa Sé, mas o progressismo sofreu no Brasil uma momentânea travagem e o P. Comblin foi obrigado a abandonar o país.

(58) C. ANTOINE, *"L'Eglise et le Pouvoir au Brésil",* cit., p. 144. "A ocasião imediata do desencadeamento das operações foi a publicação de um estudo reservado feito pelo teólogo belga P. Joseph Comblin, a pedido de D. Hélder. (...) Lançada oficialmente a 10 de Julho, a campanha chegou definitivamente ao fim em 12 de Setembro seguinte. Durante este período, os militantes da TFP recolheram 1.600.000 assinaturas nas ruas de 158 cidades do país" (ibid., pp. 144-145). Segundo Márcio Moreira Alves : "A maior campanha que eles (os militantes da TFP) empreenderam, contra D. Hélder Câmara e os seus amigos, obteve, segundo seus organizadores, 1.600.368 assinaturas, entre as quais as de dezanove Arcebispos e Bispos, de numerosos ministros, de dezenas de deputados e outros políticos" ("A *Igreja e a politica no Brasil",* cit., p. 230). "O Brasil tornou-se o centro da actividade dos meios reacionários da Igreja latino-americana", anota alarmado o ultraprogressista Álvaro DELGADO *("Le clergé en révolte",* cit., p. 72).

(59) René LAURENTIN, *"L'Amérique latine à 1'heure de I'enfantement",* Seuil, Paris, 1970.

Em Janeiro de 1969, por ocasião de uma conferência pronunciada aos estudantes de Harvard, D. Hélder propôs a admissão da China comunista na ONU e a integração de Cuba no sistema latino-americano. A resposta da TFP não se fez esperar: "Num denso artigo publicado no quotidiano O Estado de São Paulo –recorda Sebastião A. Ferrarini no seu livro "A imprensa e o Arcebispo vermelho"– o presidente do Conselho Nacional da TFP (...) exprime todo o seu desacordo em relação às propostas desconcertantes do Prelado que, segundo diz, faz uma inversão de valores típica, seguindo o exemplo de Marx, conferindo o primado à economia" (60). Foi depois desta análise do Prof. Corrêa de Oliveira que D. Hélder Câmara ficou cognominado, no Brasil, e depois no mundo inteiro, como "o Arcebispo vermelho" (61).

(60) Sebastião Antonio FERRARINI, *"A Imprensa e o Arcebispo vermelho (1964-1984)",* Edições Paulinas, São Paulo, 1992, p. 63. Numa entrevista concedida a Oriana Fallaci em Agosto de 1970, Câmara declarava-se "de acordo com a análise da sociedade capitalista" feita por Marx, anelando "uma sociedade refeita do início sobre bases socialistas e sem derramamento de sangue" (O. FALLACI, *"Intervista con la storia",* Biblioteca Universale Rizzoli, Milão, 1980, 4a. ed., pp. 577, 583).

(61) Entre os bispos que naquela ocasião se distanciaram da TFP, o público brasileiro notou com certo espanto D. Vicente Scherer e o então Cardeal de Salvador, D. Eugénio Sales (cfr. *Catolicismo,* n°s 212/214, Agosto-Outubro de 1968).

Ao fim de 70 dias de campanha, 40 caravanas de cooperadores tinham actuado em 514 cidades e divulgado 165 mil exemplares de Catolicismo.

6. Perante a ameaça comunista contra a Igreja

Em Setembro de 1970, o marxista Salvador Allende subiu ao poder no Chile, graças também à colaboração e à cumplicidade da Democracia Cristã e de amplos sectores do Clero. O que estava a ocorrer no Chile tinha um significado que ultrapassava as fronteiras daquele país e constituía um precedente de importância mundial. Já em 1967, um jovem dirigente da TFP brasileira, Fábio Vidigal Xavier da Silveira (1935-1971), num livro intitulado "**Frei, o Kerensky chileno**" (62), denunciara o papel desenvolvido pelo lider da DC, Eduardo Frei (63) e pelos seus sequazes, na comunização do Chile. Sobre o mesmo assunto Plínio Corrêa de Oliveira publicou uma série de importantes artigos na Folha de S. Paulo e, em 1973, a TFP chilena publicava um manifesto em que desenvolvia uma ideia central: o comunismo não teria tomado o poder no Chile se a opinião pública católica não tivesse sido ideologicamente intoxicada e desorientada.

(62) Fabio VIDIGAL XAVIER DA SILVEIRA, *"Frei, o Kerensky Chileno",* Editora Vera Cruz, São Paulo, 1967.

(63) Eduardo Frei (1914-1982), discípulo em Paris de Maritain, tentou colocar em prática a utopia política democrata-cristã através de uma "Revolução na liberdade" que tinha como uma dos seus pilares a "reforma agrária" (cfr. Pierre LETAMENDIA, *"Eduardo Frei ",* Beauchesne, Paris, 1989; Fabio V. XAVIER DA SILVEIRA, *"Frei o Kerensky Chileno",* cit.).

Em 1977, a TFP chilena publicou um importante livro em que denunciava a colaboração de grande parte do Episcopado e do Clero chilenos com a experiência marxista de Salvador Allende. No Brasil preparou-se um resumo do mesmo que veio a lume com o título "**A Igreja ante a escalada da ameaça comunista**" (64), na sua primeira parte, por Plínio Corrêa de Oliveira, este analisava as posições assumidas por influentes figuras da Hierarquia eclesiástica brasileira a favor do comunismo. A obra mostrava como a infiltração comunista nos ambientes católicos tinha sido iniciada há cerca de 40 anos. Um dos muitos sintomas da dramaticidade da situação eram as poesias escandalosamente pró-comunistas de D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia. O livro concluía com um veemente apelo aos "Bispos silenciosos", a fim de que saíssem da sua atitude reservada e tomassem a palavra. "Nas mãos dos silenciosos –escrevia o prof. Corrêa de Oliveira– pôs Deus todos os meios que ainda podem remediar a situação: são eles numerosos, dispõem de posições, de prestígio e de cargo" (65).

(64) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A *Igreja ante a escalada da ameaça comunista. Apelo aos Bispos Silenciosos",* Editora Vera Cruz, São Paulo, 1976. Publicado em Junho de 1976, o livro teve quatro edições num total de 51 mil exemplares.

(65) Ibid., p. 86.

Mais uma vez o silêncio foi a única, embora eloquente, resposta! (66)

(66) Nesse mesmo período, o jornalista italiano Rocco Morabito, correspondente de *O Estado de S. Paulo* em Roma, informava num artigo que: "era possível encontrar, sobre as mesas de

trabalho do Vaticano, alguns exemplares do livro de Plínio Corrêa de Oliveira" *(O Estado de S. Paulo,* 8 de Abril de 1977).

No fim dos anos 70, a atmosfera política no Brasil mudou profundamente, como consequência da gradual liberalização do regime, a chamada "Abertura Política" (67). O processo teve início no governo do Presidente Ernesto Geisel e chegou ao fim no do General João Batista Figueiredo. Nesta fase, a esquerda católica renovou a sua tentativa de conquistar a sociedade sob a liderança de novas figuras, entre os quais o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns (68) e o Cardeal-Arcebispo de Fortaleza, D. Aloísio Lorscheider (69).

(67) O Presidente Geisel revogou o Acto Institucional n° 5 (Al-5) por ele mesmo promulgado, que garantia aos militares o controle do Parlamento, aboliu a pena de morte e a censura do rádio e televisão, permitiu o retorno de alguns exilados políticos. Uma lúcida análise dos factores que influenciaram no processo de Abertura Política foi apresentada pelo prof. Plínio Corrêa de Oliveira em *"**Sou católico: posso ser contra a Reforma agrária**?",* cit., pp. 47-55. O presidente Figueiredo promulgou sucessivamente a amnistia pelos crimes políticos e uma lei sobre a reorganização dos partidos.

(68) O Cardeal Paulo Evaristo Arns, franciscano, foi nomeado por Paulo VI Arcebispo de São Paulo em 22 **de** Outubro de 1970 e Cardeal em 2 de Fevereiro de 1973. Em Maio do mesmo ano vendeu o palácio episcopal de São Paulo, transferindo-se para uma casa comum no bairro do Sumaré. Desde o início do seu episcopado fez da "reforma agrária" e da campanha sobre os direitos humanos, a sua bandeira. Considerou "inevitável" a legalização do Partido Comunista brasileiro e favoreceu a criação do Partido dos Trabalhadores (PT) que reunia os expoentes do sindicalismo de esquerda. Nunca deixou de apoiar os teólogos mais progressistas do Brasil e da América Latina. Depois da publicação, em 30 de Outubro de 1975, da Declaração de Itaicí, documento episcopal de tom abertamente filo-comunista, a TFP fez publicar na imprensa uma mensagem *"**Não se iluda, Eminência**",* em que o Prof. Corrêa de Oliveira assim se dirigia ao Arcebispo de São Paulo: "Não se iluda, porém, Eminência. O nosso povo continua a encher as igrejas e a frequentar os Sacramentos. (...) Atitudes como a dos signatários do documento de Itaicí vão abrindo um fosso cada vez maior, não entre a Religião e o povo, mas entre o Episcopado paulista e o povo. A Hierarquia Eclesiástica, na própria medida em que se omite no combate à subversão comunista, vai se isolando no contexto nacional" (in *Catolicismo,* n° 299-300, Novembro-Dezembro de 1975).

(69) Dom Aloísio Lorscheider, franciscano, foi secretário geral (1968-1971) e presidente (1971-1979) da CNBB. Nomeado por Paulo VI Arcebispo de Fortaleza (1973) e Cardeal (1976), acumulou desde 1975 a presidência do CELAM e a da CNBB.

7. Uma concepção tribalista e comunista das Missões

No apêndice de "Revolução e Contra-Revolução", Plínio Corrêa de Oliveira denunciou, em 1977, o nascimento de novas correntes "tribalistas" no seio da Igreja Católica.

Estas "visam transformar a nobre e óssea rigidez da estrutura eclesiástica, como Nosso Senhor Jesus Cristo a instituiu e vinte séculos de vida religiosa modelaram magnificamente, num tecido cartilaginoso, mole e amorfo, de dioceses e paróquias sem território, de grupos religiosos em que a firme autoridade canónica vai sendo substituída gradualmente pelo ascendente dos `profetas' mais ou menos pentecostalistas, congéneres eles mesmos dos pajés do estruturalismo, com cujas figuras acabarão por se confundir" (70).

(70) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"Revolução e Contra-Revolução",* cit., p. 73.

No mesmo ano, em livro intitulado "**Tribalismo indígena, ideal comuno-missionário para o Brasil no século XXI**" (71), o pensador brasileiro analisava 36 documentos publicados pela nova missiologia progressista, denunciando a sua infiltração na estrutura da Igreja.

(71) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"Tribalismo indígena, ideal comuno-missionário para o Brasil no século* XXI", Editora Vera Cruz, São Paulo, 1977. Novas caravanas da TFP, que percorreram 2.963 cidades, difundiram 76.000 exemplares do livro publicado em sete edições sucessivas. Sobre a missiologia "aggiornata" cfr. também o ensaio do padre M. PARADOWSKI sobre *"El marxismo en la teología de misiones"* no seu livro *"El marxismo en la teología"* (cit.) e do mesmo autor, *"Tribalismo y pastoral misionera",* in *Verbo,* n°' 185-186 (Maio-Junho de 1980), pp. 567-578.

Subvertendo por completo a concepção católica tradicional —segundo a qual o fim das missões cristãs é levar, com a fé, a civilização— a nova corrente missionária via no tribalismo a possibilidade de realizar na terra um utópico "Reino de Deus". Este processo de "tribalização" surge como o desfecho natural do desmantelamento da Civilização Cristã, preconizado pela teologia progressista. Com efeito, afirma São Pio X que fora do Cristianismo não há verdadeira civilização possível. Portanto, a negação da missão civilizadora da Igreja comporta inevitavelmente o regresso ao convívio tribal dos selvagens.

"O maior problema suscitado por esses delírios —escrevia o Prof. Plínio— não está nos próprios missionários, nem nos índios, cumpre repetir. Está em saber como, na Santa Igreja Católica, pôde esgueirar-se impunemente essa filosofia, intoxicando seminários, deformando missionários, desnaturando missões. E tudo com tão forte apoio eclesiástico de retaguarda" (72).

(72) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"Tribalismo indígena...",* cit., p. 48.

Dois anos depois, quando o "sandinismo" tomou o poder na Nicarágua, parecia ter soado a hora da vitória para a "teologia da libertação". "Os liberacionistas –recorda o Cardeal López Trujillo– transformaram a Nicarágua num centro de experiências políticas que apoiaram com empenho e entusiasmo. (...) O sandinismo triunfante tornou-se a ponta de lança da Igreja popular..." (73). No Brasil, os líderes publicitários da teologia da libertação eram os Padres Leonardo e Clodovis Boff, respectivamente franciscano e servita, protegidos pelo Cardeal de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns.

(73) A. LOPEZ TRUJILLO, *"La Teología de la Liberación: datos para su historia",* in *Sillar, n°* 117 (Janeiro-Março de 1985), p. 33.

No fim de Fevereiro de 1980 teve lugar, num subúrbio de São Paulo, um congresso internacional de Teologia, organizado pela "Associação Ecuménica de Teólogos do Terceiro Mundo", que reunia os teólogos da libertação de 42 países, entre os quais Bispos, Sacerdotes, religiosos e leigos "engajados". O Cardeal Arns foi nomeado presidente honorário do congresso, dedicado à eclesiologia das comunidades de base.

A sessão de encerramento do encontro foi marcada por uma aberta apologia da revolução sandinista na Nicarágua, então transformada em "lugar teológico" (74) da "teologia da libertação". Esta homenagem ao sandinismo realizou-se no teatro da Universidade Católica de São Paulo com a participação do "comandante" Daniel Ortega, então presidente marxista da Nicarágua, do Padre Miguel d'Escoto, do "capelão" da revolução Padre Uriel Molina e de Frei Betto, um conhecido dominicano condenado por cumplicidade com os terroristas.

(74) Javier URCELAY ALONSO, *"Sandinismo en Nicaragua: ¿una revolución liberadora?",* in *Verbo, n°'* 256-260 (Outubro-Dezembro de 1987), pp. 1171-1192. Cfr. também *"Nicaragua. Les contradictions du sandinisme",* de P. VAYSSIÈRE, Presses du CNRS, Paris, 1988.

A atmosfera tornou-se quase surrealista quando D. Pedro Casaldáliga, ao vestir um uniforme de guerrilheiro sandinista que a delegação nicaraguense lhe ofereceu, afirmou: "Vestido como guerrilheiro sinto-me como se tivesse envergado as vestes sacerdotais". Acrescentou em seguida solenemente, entre aplausos, que procuraria honrar este "sacramento de libertação" com "os factos e, se fosse necessário, com o sangue".

A TFP difundiu número especial de Catolicismo, que continha uma reportagem especial sobre a "**noite sandinista**" e uma denúncia da infiltração comunista nos ambientes católicos. Tratava-se de uma relação completa e ilustrada do que sucedera, com a transcrição íntegra dos discursos pronunciados, acompanhados de uma análise introdutória e de lúcidos comentários de Plínio Corrêa de Oliveira (75).

(75) Cfr. *Catolicismo,* n° 355 (Julho-Agosto de 1980).

8. Uma denúncia do carácter revolucionário das Comunidades Eclesiais de Base

Neste mesmo período, a teologia da libertação, mesmo depois de condenada por João Paulo II em Puebla, tinha a sua mais poderosa expressão nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), indicadas pela imprensa como a grande potência emergente no Brasil. Em nome do Evangelho, propugnavam a luta de classes e transformações sociais de cunho marxista no país.

A mais eficaz denúncia da acção revolucionária das Comunidades Eclesiais de Base foi o livro "**As CEBs, das quais muito se fala, mas pouco se conhece - A TFP as descreve como são**", publicado em Agosto de 1982 e imediatamente difundido em todo o país (76). Um estudo dos irmãos Gustavo António e Luís Sérgio Solimeo era precedido por uma primeira parte redigida por Plínio Corrêa de Oliveira, na qual o presidente da TFP, apresentando as metas das CEBs no contexto brasileiro, mostrava a função de "Quinto Poder" que a CNBB ia assumindo no Brasil, servindo-se das CEBs como instrumento (77). A obra analisa em seguida a génese, a organização, a doutrina e a acção das CEBs, baseando-se em copiosa documentação. Esta deixa bem patente o carácter subversivo das Comunidades de Base, que promoviam invasões de propriedades urbanas e rurais, sublevações nas fábricas, intimidações e agitações de todo o género, com a finalidade de derrubar o regime político-social vigente no Brasil. Plínio Corrêa de Oliveira definia a actuação das CEBs como uma "cruzada sem cruz" (78).

(76) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA; Gustavo e Luis SOLIMEO, *"As CEBs... das quais muito se fala, mas pouco se conhece. A TFP as descreve como são",* Vera Cruz, São Paulo, 1982. Desta obra seriam publicadas seis edições com um total de 72.000 exemplares, mais uma ulterior versão popular em banda desenhada, de 180.000 exemplares. Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**Suspeita estapafúrdia e juízo temerário**",* in *Folha de S. Paulo,* 30 de Setembro de 1982. Cfr. também António Augusto BORELLI MACHADO, *"Le comunità ecclesiali in Brasile: una crociata senza croce",* in *Cristianità,* n° 92 (Dezembro de 1982).

(77) Plínio Corrêa de Oliveira insiste no facto de que o Estado moderno, sobretudo no Brasil, além dos poderes tradicionais (Executivo, Legislativo e Jiudiciário), é dominado por dois outros poderes, tão "informais" quanto influentes: os meios de comunicação social e o Episcopado. "Em recente livro, afirmei que no Brasil não existem só os três Poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário, mas dois outros, hoje em dia sensivelmente mais influentes diante da opinião pública. 0 4° Poder é a Publicidade, cuja base de prestígio é mais a credulidade dos ingénuos, do que a adesão dos leitores verdadeiramente cultos. O 5° Poder é a CNBB, a qual - salvas as raras e honrosas excepções - pesa muito mais pela sua influência sobre os crédulos, do que sobre os verdadeiros homens de fé" (Plínio CORREA DE OLIVEIRA, *"**Prevenindo para tonificar**",* in *Folha de S. Paulo,* 5 de Julho de 1983). Cfr. id., *"**Ditatorialismo publicitário centrista**",* in *Folha de S. Paulo,* 10 de Agosto de 1983.

(78) Plínio CORREA DE OLIVEIRA, *"As metas das Cebs",* in *"As CEBs... ",* cit., p. 86.

"Essencialmente, as CEBs constituem uma cruzada política (...) que não exclui a passagem da luta cívica legal para o campo da violência, sempre que não haja outro meio para implantar as reformas visadas" (79).

(79) Ibid, p. 88.

O historiador espanhol Ricardo de la Cierva, no seu livro "Jesuítas, Iglesia y Marxismo", assim descreve os aspectos principais do estudo da TFP: "A chave ideológica das Comunidades de Base é quase sempre a teologia da libertação. (...) Se bem que os seus promotores as considerem como um conjunto de pontos isolados, os estudiosos da TFP demonstram que na realidade se trata de uma rede perfeitamente coordenada que recebe impulso da ala esquerda da Conferência episcopal. (...) Uma das chaves das Comunidades de

Base consiste na sua tendência cismática a formar uma nova Igreja em oposição à Igreja institucional" (80).

(80) Ricardo DE LA CIERVA, *"Jesuítas, Iglesia y Marxismo, 1965-1985. La Teología de la liberación desenmascarada",* Plaza & Janés Editores, Madrid, 1986, pp. 116-118.

O historiador espanhol surpreende-se também com o apoio que a Igreja institucional do Brasil prestou às mesmas comunidades contestatárias: "A Conferência Episcopal do Brasil é a mais numerosa do mundo. (...) Ela é composta por uma `maioria silenciosa' dominada geralmente por uma minoria esquerdista e liberacionista que não conta mais de 60 Bispos, mas que arrasta com frequência os `centristas' para as suas decisões. (...) É este mesmo sector esquerdista do Episcopado brasileiro que controla o movimento das Comunidades de Base, que introduziram na sociedade brasileira uma forma absolutamente nova de fazer política, chegando o conjunto das Comunidades ao ponto de converter-se numa `potência eleitoral emergente' (81).

(81) Ibid., pp. 118, 119.

Em 6 de Agosto de 1984, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé publicou a Instrução Libertatis Nuntio (82), em que a "teologia da libertação" era condenada de forma inapelável. A este documento seguia-se, em 22 de Março de 1986, uma segunda Instrução sobre liberdade cristã e libertação, Libertatis Conscientia (83), que se propunha como intervenção "positiva" sobre o mesmo assunto. Os dois documentos, aprovados por João Paulo II, constituem uma única mensagem, a qual pôs fim às pretensões da nova corrente teológica e do movimento das Comunidades Ecclesiais de Base que nela se inspirava.

(82) Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução *Libertatis Nuntio* de 6 de Agosto de 1984, in AAS, vol. 76 (1984), pp. 890-899; Denz.-H, n°. 4730-4741.

(83) Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução *Libertatis Conscientia* de 22 de Março de 1986, in AAS, vol. 79 (1986), pp. 554-559; Denz.-H, nn. 4750-4776. Esta instrução foi precedida por uma notificação da Congregação para a Doutrina da Fé (AAS, vol. 77 (1985), pp. 756-762), em que foi condenado o livro do teólogo Leonardo BOFF, O.F.M., *"Igreja, Carisma e Poder",* Vozes, Petrópolis, 1981.

O contributo doutrinário e prático das TFPs à luta contra a teologia da libertação na América Latina é inegável. Dez anos depois desta campanha de denúncia, um dos precursores da teologia da libertação, o Padre Joseph Comblin, que a TFP denunciara várias vezes, confessou numa entrevista que em 1993, por fim, "as CEBs estão marginalizadas, fustigadas, fulminadas em toda a parte. Hoje, elas constituem minorias sem projecção no conjunto das igrejas locais" (84).

(84) Cit. in *"Expoente da teologia da libertação confessa o fracasso das comunidades eclesiais de base",* in *Catolicismo,* n° 505 (Janeiro de 1993).

9. A TFP no mundo: o desenvolvimento da epopeia anticomunista

No fim da década de 70, o eco da acção da TFP já se tinha estendido a toda a América Latina e daí irradiavam, de maneira cada vez mais marcante, para os Estados Unidos e para a Europa. Um dos principais objectivos das associações que se inspiravam no pensamento e na acção de Plínio Corrêa de Oliveira era o de combater a guerra psicológica conduzida pelo comunismo em todos os continentes, e de lhe contrapor a integridade da doutrina católica.

Em Dezembro de 1981, enquanto os meios publicitários de todo o mundo prestigiavam o recém eleito Presidente francês François Mitterrand, as TFPs então existentes em treze países do mundo, dirigiam às nações ocidentais uma Mensagem de Plínio Corrêa de Oliveira intitulada: "**O socialismo autogestionário em vista do comunismo: barreira ou cabeça-de-ponte?**" (85). O pensador brasileiro, examinando o programa do socialismo francês à luz das grandes categorias expostas em "Revolução e Contra-Revolução", mostrava como existia, entre a Revolução Francesa e o socialismo autogestionário, "toda uma genealogia de revoluções: 1848, 1871 e a Sorbonne-1968" (86).

(85) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"O socialismo autogestionário em vista do comunismo: barreira ou cabeça-de-ponte?".* A mensagem, que ocupava seis páginas de jornal, foi publicada a 9 de Dezembro de 1981 no *Washington Post* e no *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e foi sucessivamente estampado em nada menos que 187 publicações de 53 países e 14 línguas, num total de 34.767.900 exemplares. Cfr. também Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"Autogestion socialiste: les têtes tombent à l'entreprise, à la maison, à l'école",* Tradition, Famille, Propriété, Paris, 1983.

(86) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**Autogestão, dedo e fuxico**",* in *Folha de S. Paulo,* 11 de Dezembro de 1981.

O autor da Mensagem demonstrava que o programa auto-gestionário tinha como objectivo desagregar a sociedade em corpúsculos autónomos, através de uma transformação não apenas das empresas industriais, comerciais, rurais, como também das famílias, da escola, de toda a vida social, transtornando a vida privada de cada indivíduo.

Os temas de fundo abordados por Plínio Corrêa de Oliveira não tinham, evidentemente, alcance meramente francês (87). A finalidade do lance era abrir os olhos da opinião pública internacional. A Mensagem encerrava-se com o histórico texto no qual São Pio X faz votos de que a França torne a brilhar novamente como filha primogénita da Igreja.

(87) Outro homem símbolo do socialismo foi, na Espanha do início dos anos 80, Felipe González. A TFP espanhola levantou a sua voz de alerta por meio do livro *"España, anestesiada sin percibirlo, amordazada sin quererlo, extraviada sin saberlo. La obra del PSOE",* Editorial Fernando III el Santo, Madrid, 1988.

É difícil medir a amplitude dos efeitos deste histórico texto difundido em todo o mundo. Com efeito, desde então, o programa de Mitterrand sofreu rápido declínio de popularidade e o Presidente francês foi obrigado a renunciar, pelo menos em parte, às reformas constantes no seu projecto inicial.

Entre o neo-socialismo de Mitterrand e a Perestroika lançada por Gorbachev (88), em 1985, existe uma continuidade histórica e ideológica. Em ambos os casos assiste-se a uma tentativa do marxismo consistente em libertar-se do seu invólucro estatista para acelerar a marcha em direcção àquela sociedade de tipo auto-gestionário que Plínio Corrêa de Oliveira descrevera no seu apêndice à Terceira Parte de "Revolução e Contra-Revolução".

(88) Sobre a "liberalização" da *Glasnost* (1985) e da *Perestroika* (1986), talvez a maior manobra propagandística da história do comunismo, cfr. as observações e críticas de Françoise THOM, *"Le moment Gorbatchev",* Hachette, Paris, 1989; Mario FURLAN, *"I volti di Gorbaciov",* Greco Editori, Milão, 1990; Hubert BASSOT, *"Du nouveau à l'Est? Niet",* Pierre Téqui, Paris. 1993; Hans HUYN, *"Tromperie sur les étiquettes",* Documentation chrétienne, Lausana, 1993.

A nova etapa do processo revolucionário teve o seu primeiro e espectacular marco em 9 de Novembro de 1989, com a queda do Muro de Berlim. Enquanto a Polónia, a Alemanha Oriental, a Checoslováquia e a Hungria se desprendiam do bloco soviético, Plínio Corrêa de Oliveira lançou uma recolha de assinaturas em apoio da Lituânia, que após proclamar a sua independência, se vira abandonada pelo Ocidente. Com 5.218.000 assinaturas reunidas no espaço de menos de três meses, a Campanha "Pró Lituânia Livre" figura no Livro Guiness dos Recordes como o maior abaixo-assinado da História. A entrega dos microfilmes das assinaturas teve lugar, com grande solenidade, a 4 de Dezembro de 1990, na sede do Parlamento Lituano (89). Em 27 de Agosto de 1991, a independência da Lituânia foi finalmente reconhecida pelos Estados ocidentais e, no dia 6 de Setembro seguinte, pela própria União Soviética. O mesmo acontecia pouco depois com os outros Países Bálticos.

(89) Uma delegação composta por onze membros das diversas TFP, dirigida pelo Dr. Caio V. Xavier da Silveira, director do Bureau-TFP de Paris, fez entrega pessoalmente dos microfilmes do monumental abaixo-assinado ao Presidente Vytautas Landsbergis, em 4 de Dezembro de 1990, em Vilnius.

O desabamento da Cortina de Ferro e os acontecimentos do Leste europeu lançaram novos pontos de interrogação sobre os desdobramentos futuros da Perestroika, mas ofereciam a confirmação, trágicamente evidente, da falência da utopia comunista (90). Num manifesto intitulado "**Comunismo e anticomunismo na orla da última década deste milénio**", publicado em mais de 50 dos maiores jornais do mundo nos primeiros dias de Março de 1990, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, com a costumeira acuidade, observava:

"Toda essa movimentação contemporânea do mapa europeu reveste-se aqui e acolá, de circunstâncias e significados diversos. Mas a todos estes sobrepaira um significado genérico, que os engloba e a todos penetra como um grande impulso comum: é o Descontentamento. (...) Escrevemos esta última palavra com `D' maiúsculo, porque é um descontentamento para o qual convergem todos os descontentamentos regionais e nacionais, os económicos e os culturais, por muitas e muitas décadas acumulados no mundo soviético, sob a forma de apatia indolente e trágica, de quem não concorda com nada, mas está impedido fisicamente de falar, de se mover, de se levantar, em suma de externar um desacordo eficaz.(...) Provavelmente o mais abrangente e total descontentamento que a História conheça. (...) Se se desenrolarem desse modo os acontecimentos no mundo soviético, sem encontrarem em seu curso obstáculos de maior monta, o observador político não precisa ser muito penetrante para perceber o ponto terminal a que chegará. Ou seja, a derrubada do poder soviético em todo o imenso império até há pouco cercado pela Cortina de Ferro, e a exalação, do fundo das ruínas que assim se amontoarem, de um só, de um imenso, de um tonitruante brado de indignação dos povos escravizados e opressos." (91)

(90) "A força do comunismo reside na sua capacidade ilimitada de destruição e a sua fraqueza na incapacidade de construir e criar. (...) Se o comunismo pode ser definido como um movimento que na sua primeira fase destrói tudo, à excepção de si mesmo, na segunda fase paralisa a sociedade, creio então que na sua terceira fase começará a sua auto-demolição" (Carlos FRANQUI, *"From Paralysis to Self-Destruction",* in *Debates on the future of Communism,* sob a direcção de Vladimir TISMANEANU e Judith SHAPIRO, Macmillan, Londres, 1991, p. 19).

(91) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"Comunismo e anticomunismo na orla da última década deste milénio",* publicado na *Folha de São Paulo* de 14 de Fevereiro de 1990, depois no *Corriere della Sera,* de 7 de Março de 1990 e em 50 grandes jornais de 20 países do mundo livre entre Fevereiro e Março de 1990. Naquele mesmo mês, o Prof. Plínio perguntava-se: "Pergunto, com efeito: Gorbatchov, mais a perestroika, mais a derrubada da `Cortina de Ferro', mais a visita do chefe russo a João Paulo II, e mais o encontro Gorbatchov-Bush nas gloriosas águas de Malta, onde outrora se reflectiram as naus dos cruzados, tudo isso não constitui uma colossal manobra de envolvimento do mundo inteiro nas malhas de uma política convergencialista e autogestionária que deixe todos os povos a dois passos do comunismo?" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"**Um comentário actual, uma antiga previsão**", in Folha de S. Paulo,* 9 de Fevereiro de 1990).

Dois anos depois, em 14 de Maio de 1992, numa **entrevista** ao Diário Las Américas de Miami, Plínio Corrêa de Oliveira afirmava:

"Talvez não esteja longe o dia em que a autenticidade discutível da retracção do comunismo revele que esta não foi senão uma metamorfose, e que da larva decomposta sai voando a `linda' borboleta da autogestão... Autogestão esta que todos os téoricos e chefes máximos do comunismo, desde Marx e Engels até Gorbachov, sempre apresentaram como a versão extrema e cabal do comunismo, a quinta-essência dele. (...) O comunismo, aparentemente derrotado, ter-se-ia assim disseminado por todo o mundo. Neste ponto, sim, confirmar-se-iam as profecias de Fátima, que advertem: se os homens não se emendarem, a Rússia espalhará os seus erros pelo mundo!" (92).

(92) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, entrevista ao *Diário Las Américas,* 14 de Maio de 1992. "Gorbachov, – afirmou noutra entrevista– não foi o liquidador do regime comunista, mas quem o livrou desse cancro que era o estalinismo" (entrevista ao *Expreso,* Equador, 31 de Maio de 1992).

10. 1994: O mundo numa visão de conjunto

O último manifesto público redigido e assinado pelo pensador brasileiro foi estampado em 9 de Dezembro de 1994 na Folha de S. Paulo. Dirigia-se então aos participantes da Cimeira Americana que se reuniu em Miami entre 9 e 11 de Dezembro do mesmo ano, e traçava impressionante quadro da situação internacional no crepúsculo do nosso século. As palavras finais renovam aquela confiança na vitória da Civilização Cristã que constituiu a nota dominante do esforço apostólico de Plínio Corrêa de Oliveira e da TFP. Transcrevemos o texto integral deste documento, que se afigura quase como um seu testamento histórico:

"As TFPs das três Américas

I. Exprimem preocupação

- pela enigmática indiferença, moleza e até cumplicidade de certas esferas políticas, intelectuais, eclesiásticas, publicitárias e económicas do Continente em relação ao mal sucedido regime comunista vigente na antiga `Pérola das Antilhas' e ao seu velho inspirador e chefe Fidel Castro;
- pela incongruente política de dois pesos e duas medidas de vários organismos e governos da região em relação aos regimes do Haiti e de Cuba: agiriam com o máximo rigor diplomático contra o primeiro, enquanto vêm fazendo, há décadas, concessões liberais e até lisonjeiras em relação ao segundo;
- pela hábil metamorfose operada, após a queda do muro de Berlim, por numerosas figuras da extrema esquerda que, sem renegarem o seu passado e as suas metas igualitárias, e apenas mudando de rótulos e métodos de acção, alcançaram importantes posições políticas;
- pela utilização do poder político que vem sendo feita por essas figuras, no sentido de promover uma verdadeira revolução cultural que anestesia as reacções sadias da opinião pública, ao mesmo tempo que desfere golpes radicais contra os princípios básicos da Civilização Cristã;
- pelo potencial destrutivo e detonador de caos sócio económico que têm demonstrado na América Latina grupos terroristas e guerrilheiros apoiados em conexões internacionais;
- pela continuidade da crise que, no plano espiritual –porém com inevitáveis reflexos na ordem temporal– afecta a Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, com o paralelo avanço de seitas ditas `cristãs', de religiões animistas e até de movimentos satanistas.

II - Deploram

- a arrogância com que movimentos homossexuais reivindicam, em diversos países americanos, peudo- `direitos', tão radicalmente contrários à Lei de Deus e à ordem natural:
- as inconcebíveis pressões de alguns organismos internacionais e sectores sociais de várias nações do Continente, em favor do aborto e do controle da natalidade (cfr. Conferência do Cairo), do divórcio, do concubinato, da eutanásia e de outras medidas que conduzem à extinção da família;
- as experiências de manipulação genética que envolvem embriões humanos, desconhecendo princípios religiosos e éticos elementares;
- o aumento do tráfico e do consumo de drogas, e as tentativas de despenalização desse consumo;
- a colaboração ominosa de importantes meios de comunicação social na difusão de antivalores que corroem a Civilização Cristã até aos seus fundamentos.

III - Manifestam acentuadas reservas

- diante da precipitação com que alguns sectores políticos desejam levar avante processos de integração hemisférica, com ritmos e condições que na prática poderão desgastar, se não abolir, as necessárias fronteiras nacionais, as características peculiares de cada país e até as suas próprias soberanias;
- ante o desconhecimento, por parte desses sectores, dos resultados tão discutíveis de experiências similares, como o Tratado de Maastricht, na Europa, contestado por milhões de europeus;
- ante as expectativas exageradas e até o verdadeiro fascínio, despertado no espírito das multidões por tantos órgãos de comunicação social, com referência ao desenvolvimento económico, apresentado como se fosse uma panaceia para todos os

problemas do nosso tempo; enquanto isso, fica relegada a segundo plano a profunda crise espiritual e moral que afecta de forma crescente o tecido social, em toda a América;

- ante as esperenças frenéticas com que alguns encaram o surgimento de uma pseudo-civilização cibernética, sem avaliar todos os riscos, nem os inconvenientes graves e certos de transformações psicológicas, morais e culturais que ela acarreta;
- ante a crescente influência, em matéria política, social, económica, que vão assumindo determinadas organizações não-governamentais (ONGs), muitas das quais possuem programas nítidamente revolucionários (por exemplo reivindicações propensas a favorecer um indigenismo retrógrado e contrário à Civilização Cristã), como ficou patente na ECO-92, realizada no Rio de Janeiro; e diante do volumoso financiamento internacional que esse tipo de ONGs vem recebendo;
- ante o processo de asfixia económica e sucateamento de nobres Forças Armadas do hemisfério, com ilusório fundamento em novas realidades nacionais e internacionais;
- em relação àqueles que acusam algumas Forças Armadas de terem violado os direitos humanos dos guerrilheiros, enquanto se mostram suspeitamente omissos em denunciar os crimes que estes cometeram, e continuam a cometer em importantes países como à Colômbia e o Perú, contra populações urbanas e rurais.

IV - Apelam

- aos preclaros participantes da Cúpula de Miami para que abordem em profundidade, sem temor de discrepâncias e debates fecundos, estes e outros temas delicados e urgentes da realidade interamericana;
- aos líderes da Cúpula de Miami para que apresentem soluções efectivas aos mencionados problemas, em harmonia com as tradições cristãs do Continente, interpretando assim os legítimos anelos da opinião pública das três Américas;
- aos referidos participantes da Cúpula de Miami para que adoptem, com a indispensável urgência, medidas políticas, económicas e publicitárias próprias a viabilizar a imediata normalização da situação do povo cubano.

V - Vêem com esperanças

- a saudável repulsa contra múltiplas formas de Revolução anti-cristã que vai despontando –notadamente nas camadas mais humildes– em consideráveis parcelas da opinião pública inter-americana;
- as justificadas e crescentes desconfianças com que essas parcelas da opinião continental vêem a acção de outros meios de comunicação social –especialmente da TV– enquanto veículos da agressiva imoralidade, particularmente nociva para a infância e a juventude;
- o insucesso eleitoral de candidatos ostensivamente esquerdistas em países como o Brasil, México, Colômbia, Perú, Uruguai, Argentina e El Salvador;
- o total descrédito, até entre os sectores mais modestos da população, da assim chamada \`teologia da libertação' e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) nelas inspiradas;
- o debilitamento da obsessão ideológica igualitária que impregnou durante décadas a mentalidade ocidental, em benefício do socialismo e do comunismo;
- as excelentes perspectivas de colaboração da América Latina com os Estados Unidos e o Canadá, em sólidas bases cristãs, que se abrem com os fenómenos descritos neste item.

Concluindo, as TFPs das três Américas

- afirmam a sua profunda convicção de que, quando os homens resolvem cooperar com a graça de Deus, o desenrolar da História gera maravilhas: é esta a lição que nos foi legada pela Europa pré-medieval e medieval, a qual, a partir de populações latinas decadentes e de hordas de invasores bárbaros, chegou, sob todos os pontos de vista, a um nível religioso, cultural e económico sem precedentes;
- manifestam portanto a certeza de que, para além das tormentas morais, das dificuldades materiais e das ciladas de toda a ordem que vão sendo preparadas no Continente pelos inimigos da Igreja e da Civilização Cristã, haverá nas Américas um ressurgir da Cristandade, de acordo com o previsto por Nossa Senhora em Fátima, em 1917, quando anunciou: \`Por fim, o meu Imaculado Coração Triunfará!" (93)

(93) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, *"As Américas rumo ao 3° milénio: convicções, apreensões e esperanças das TFPs do continente"*, in *Catolicismo,* n° 528 (Dezembro de 1994).

11. Plínio Corrêa de Oliveira como "Pai" e "Fundador"

Ao longo de 35 anos, desde a fundação da TFP brasileira até à sua morte, Plínio Corrêa de Oliveira redigiu pessoalmente, ou inspirou indirectamente, centenas de manifestos, declarações, comunicados para a imprensa, cartas abertas, abaixo-assinados, mensagens de todo o género, em seu nome e das TFPs de todo o mundo (94).

(94) *Até aos últimos dias de vida, pronunciava quatro conferências semanais para o conjunto dos membros da TFP residentes em São Paulo, além de inumeráveis encontros e reuniões de formação e de estudo. O total das conferências feitas pelo Prof. Plínio aos membros da TFP ultrapassa vinte mil.*

Na última parte da sua vida, em que desenvolveu uma prodigiosa actividade, revelou-se cada vez mais um homem de profunda vida interior, conformando-se ao modelo traçado por São Paulo: "Não sou mais eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim" (95). Nele, a acção foi sempre a efusão externa da vida sobrenatural em que mergulhava mediante a recitação do rosário, a santa comunhão quotidiana e sobretudo uma guarda contínua das faculdades da alma.

(95) Gal., 2, 20.

O que impressionava os seus colaboradores era a presença nele de virtudes aparentemente contrárias, como a simplicidade e a prudência, a extrema combatividade e a igualmente grande afabilidade e doçura. Em torno da sua figura paterna foi crescendo em medida cada vez maior o afecto e a devoção dos discípulos, que se compraziam em considerar-se seus filhos. O manifesto das TFPs, publicado em 3 de Novembro de 1995, por ocasião do trigésimo dia da sua morte, presta este comovente testemunho:

"O seu exemplo de vida, a sua Fé inabalável, a sua piedade intensa foram e continuam a ser agora que Deus o chamou a si, sustentáculo espiritual de todos os componentes da TFP brasileira, bem como das demais TFPs autónomas e coirmãs, em meio à borrasca contemporânea. Não poucos lhe devem a graça imensa da perseverança na Fé; muitos outros, que andavam transviados pelos caminhos tortuosos do mundo, devem às suas palavras, à sua dedicação e aos seus sacrifícios o retorno ao bom caminho.

"A sua solicitude por todos e cada um dos que integram as fileiras da TFP era irrestrita, podendo-se dizer que não há sócio ou cooperador que não o tenha como verdadeiro pai. O seu desvelo paterno atingia o auge quando se tratava do bem espiritual daqueles que a Providência tinha posto, de alguma forma, sob os seus cuidados, nunca perdendo ocasião de dar um bom conselho, ter algum gesto de atenção ou uma palavra de estímulo" (96).

(96) *"Um homem de Fé, pensamento, luta e acção"*, in *Catolicismo,* n° 539-540 (Novembro-Dezembro de 1995).

O manifesto das TFPs recorda como Plínio Corrêa de Oliveira tinha sido favorecido pela Providência com um dom especial: o discernimento dos espíritos. O capuchinho D. Vital Maria Gonçalves de Oliveira (97), que era a figura do Clero brasileiro mais amada por Plínio Corrêa de Oliveira, afirmava possuir uma forma especial de penetração psicológica, herdada da mãe, pela qual discernia as intenções boas ou más das pessoas. Analogamente o Prof. Plínio, era capaz de penetrar a psicologia e a mentalidade de uma pessoa, ao conversar com ele ou até apenas ao ver a sua fotografia. Esta capacidade nascia de dons naturais, mas também de uma especial luz sobrenatural. Isto não deve causar estranheza: com efeito, a Igreja ensina-nos que as faculdades naturais do homem são elevadas e aperfeiçoadas pelas virtudes e pelos dons do Espírito Santo, necessários –diz Leão XIII– ao "homem justo que vive a vida da graça" (98).

(97) Sobre D. Vital, cfr. a nota *5* do cap. II.

(98) Leão XIII, Encíclica *Divinum illud munus,* de 9-5-1897, in IP, *"Le fonti della vita spirituale"*, cit., p. 51.

12. Entre incompreensões e calúnias...

Plínio Corrêa de Oliveira, na sua longa vida, obteve grandes amizades, sobretudo no campo eclesiástico (99). Entre estas contam-se ilustres defensores da fé, como os Cardeais Slipyi (100) e Mindzsenty, eminentes purpurados, como os Cardeais Aloisi Masella, Pizzardo, Staffa, Ciappi, Echeverria Ruíz, Stickler, Oddi, e teólogos de fama internacional, como os Padres Anastasio Gutiérrez, Victorino Rodríguez, António Royo Marín.

(99) Nem Plínio Corrêa de Oliveira, nem a sua obra jamais incorreram em qualquer censura eclesiástica oficial. Como tal não se pode considerar uma nota crítica da Conferência Episcopal brasileira publicada em 19 de Abril de 1985, sob as roupagens de um comunicado de imprensa e não de decreto eclesiástico. Cfr. a resposta da TFP estampada na *Folha de S. Paulo* e outros quotidianos em 24 de Abril de 1985; cfr. também G. e L. SOLIMEO, *"Analyse par la TFP brésilienne d'une prise de position de la CNBB sur la `TFP et sa famille d'âmes"',* Société Française pour la Défense de la Tradition, Famille et Propriété, Paris, 1989.

(100) O Cardeal ucraniano Josep Slipyj foi hóspede da TFP em São Paulo em 26 de Setembro de 1968. 0 Prof. Plínio Corrêa de Oliveira ofereceu, naquela ocasião, uma recepção em sua honra, com a participação de membros eminentes do Clero, das Forças Armadas e da sociedade paulista (cfr. *Catolicismo,* n° 215, Novembro de 1968).

"Todos aqueles que querem viver piedosamente em Jesus Cristo –adverte entretanto São Paulo– sofrerão perseguições" (101). É difícil encontrar o fundador de uma instituição católica que não tenha tido de sofrer calúnias e perseguições. É ilustrativo o exemplo de Santo Inácio, que foi acusado de ser um "iluminado" e sofreu oito processos antes de ter fundado a sua Ordem. Mesmo depois da aprovação pontifícia, a Faculdade de Teologia de Paris, que três séculos antes condenara as ordens mendicantes, reprovou a "novidade" da Companhia de Jesus, acusando-a de perturbar a paz religiosa e de ter nascido mais para destruir do que para edificar. A própria Companhia de Jesus foi supressa pela autoridade pontifícia entre 1773 e 1814, nos anos críticos que viram a explosão da Revolução Francesa (102).

(101) II Tim. 3, 10-13.

(102) Sobre a supressão da Companhia de Jesus, com o breve *Dominus ac Redemptor* de Clemente XIV, de 22 de Julho de 1773, cfr. Paul DUDON *"De la suppression de la Compagnie de Jésus"* (1758-1773), in *Revue des questions historiques,* vol. 132 (1938), pp. 75-107. "A verdadeira causa" desta supressão, escrevia em 1827 Henri de Bonald, "foi o ódio contra o poder religioso e monárquico, os quais encontravam sólido apoio naquela Ordem educadora da juventude" (H. de BONALD, *"Risposta a nuove offese contra una celebre Compagnia",* tr. it. Tip. Galeati, imola, 1827, p. 52).

Ora espalhada de boca em boca, ora amplificada pelos meios de comunicação, a calúnia é uma velha arma da Revolução, que dela se serve para tentar demolir a credibilidade dos seus opositores. "Menti, menti, sempre restará alguma coisa", era o famoso dito atribuído a Voltaire.

A obra de Plínio Corrêa de Oliveira, mais ainda do que o seu pensamento, sofreu incompreensões e calúnias. As calúnias, que dizem respeito à própria pessoa do fundador da TFP, podem resumir-se na acusação de ter desejado estabelecer, no seio dessa associação, um culto à sua pessoa e a sua mãe, Dª Lucília (103). A incompreensão de fundo diz respeito à sua vocação específica e à da TFP: a luta para defender e restaurar a ordem social cristã, segundo a grande concepção do Magistério Pontifício.

(103) Sobre este pretenso culto "indébito" nas relações com o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, cfr. a obra publicada pela TFP em sua defesa: A. A. BORELLI MACHADO; A. SINKE GUIMARÃES; G. A. SOLIMEO; J. S. CLÃ DIAS, *"Refutação da TFP a uma investida frustra",* Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, São Paulo 1984, vol. I, pp. 155-229, e os dois comunicados de imprensa *"A TFP afirma sua posição doutrinária e interpela*

opositor"(*Folha de S. Paulo,* 17 de Agosto de 1984) e "*Voltando as costas a uma controvérsia realejo*" (*Folha de S. Paulo,* 28 de Agosto de 1984).

Estas acusações provinham dos mais diversos campos, mas sobretudo de dois sectores opostos: o social-comunista (104) e o de alguns ambientes da direita "tradicionalista" (105). Este verdadeiro tufão difamador foi habilmente canalizado pelo chamado "movimento anti-seitas", cuja natureza totalitária e anticristã Plínio Corrêa de Oliveira tinha desvendado, na introdução a um estudo sobre a "lavagem cerebral" (106).

(104) Durante o mês de Fevereiro de 1976, em quatro emissões sucessivas do programa *Escucha Chile,* a *Rádio Moscovo* atacou a TFP chilena a propósito do livro `A *Igreja do silêncio no Chile"* que esta acabava de publicar. Em 20 de Novembro de 1984, o jornal *Izvestia,* órgão oficial do governo soviético, manifestou a sua total solidariedade com a ofensiva publicitária de que foram alvo a *Asociación Civil Resistencia,* coirmã da TFP, e o Bureau de Representação das TFPs em Caracas.

(105) O Prof. Massimo Introvigne levanta uma hipótese que define como "inquietante" ou se se quiser "maliciosa": "Nos últimos anos, particularmente em França, mas também noutros países, diversas publicações 'lefebvristas' e 'sedevacantistas' promoveram campanhas contra as `seitas' com tonalidades particularmente violentas. Se se tratasse somente, ou principalmente, da defesa da doutrina católica tradicional não haveria razão para espanto. Mas, de facto, esta literatura faz seus os argumentos do movimento anti-seitas laicista, e ataca de bom grado realidades do mundo católico como a TFP e o Opus Dei. Por isso, surge a legítima suspeita de que o movimento anti-seitas se sirva de certos grupos 'lefebvristas' e 'sedevacantistas' como tropas de vanguarda, como sapadores, a serem atirados na peleja como primeira carga com arma branca; e, naturalmente, a serem sacrificadas no momento oportuno, uma vez que, adoptando os critérios costumeiros do movimento antiseitas, estes grupos poderão ser facilmente, por sua vez, desqualificados como `seitas' quando, se e na medida em que for necessário" (M. INTROVIGNE, *"'Sette' e 'diritto di persecuzione': le ragioni di una controversia",* in G. CANTONI, M. INTROVIGNE, *"Libertà Religiosa, 'Sette' e 'Diritto' di persecuzione",* in *Cristianità,* Piacenza, 1996, p. 106).

(106) O estudo foi publicado no número 409 (Janeiro de 1985) de *Catolicismo* com o título *"'Lavagem cerebral' - um mito a serviço da nova 'Inquisição terapêutica'".* Cfr. também David G. BROMLEY, *"The Brainwashing. Deprogramming Controversy: Sociological, Psychological, Legal and Historical Perspectives",* The Edwin Mellen Press, Nova York-Toronto, 1983. Em Maio de 1987, a *American Psychological Association,* por sua vez, declarou "não científica" a teoria da "lavagem cerebral" aplicada a movimentos religiosos (cfr. M. INTROVIGNE, *"L'Opus Dei e il movimento anti-sette",* in *Cristianità,* n° 229, Maio de 1994).

Um dentre os primeiros e mais violentos "estrondos publicitários" (107) partiu do Rio Grande do Sul em 1975, quando a TFP estava empenhada em difundir a Carta Pastoral de D. António de Castro Mayer "Pelo casamento indissolúvel". O próprio Bispo brasileiro interveio abertamente na defesa da associação difamada, com uma declaração da qual transcrevemos uma significativa passagem:

"Essa campanha veicula tais injustiças, que não posso abster-me de contra ela formular o meu protesto. Protesto que, no meu caso, é tanto mais imperioso quanto, tomando em consideração as minhas relações com a TFP, a campanha me atinge na minha honra de Bispo da Santa Igreja. (...)

"Se, pois, a TFP fosse subversiva, nazi-fascista, perturbadora da ordem pública, se ela separasse, contra a ordem natural, os filhos dos pais, o que dizer de um Bispo que mantém o mais contínuo contacto com essa Sociedade, que a conhece em todos os aspectos das suas actividades, e aceita, de bom grado, o oferecimento da mesma para difundir a sua Pastoral, em que, contra o divórcio, reivindica os direitos de Deus sobre a sociedade humana? Ele seria cúmplice e até mesmo conivente" (108).

(107) O termo foi cunhado pelo próprio Prof. Plínio para indicar as calúnias públicas organizadas que estavam a ser difundidas contra a TFP.

(108) A carta de D. Antonio de Castro Mayer publicada no n° 294 (Junho de 1975) de *Catolicismo.* A TFP reagiu por sua vez como documento "***A TFP em legitima defesa***", publicado nos jornais e no número especial 294 (Junho de 1975) da mesma revista.

As investidas mais virulentas contra as TFPs foram desfechadas sucessivamente em França (1979) (109), Venezuela (1984) (110), novamente no Brasil (1993) (111) e em Espanha (1995). Esta última perseguição, promovida pelo citado "movimento anti-seitas", desfechou no sequestro de um jovem membro da TFP espanhola, Santiago Canals Coma, ao qual, com métodos brutais, se queria "desprogramar" para o "restituir" à família (112).

(109) Tratava-se de um libelo anónimo, tão calunioso quanto superficial e desprovido daquela lógica característica da inteligência francesa, ao qual a TFP respondeu com uma obra em dois volumes, intitulado *"Imbroglio, Détraction, Délire. Remarques sur um Rapport concernant les TFP",* Association Française pour la Défense de la Tradition, de la Famille, de la Propriété, Paris, 1979. Apesar desta documentada resposta, o libelo, conhecido como "Rapport Joyeux" (nome daquele que em seguida constou ser o seu autor), continuou a ser citado e difundido em publicações semi-clandestinas contra a TFP.

(110) Esta perseguição levou ao fechamento, na Venezuela, por meio de um decreto governamental de 13 de Novembro de 1984, da Asociación Civil Resistencia, entidade autónoma, mas ligada às TFPs de 14 países. Em 1985, para se defender de outros ataques, a TFP publicou uma obra do próprio Plínio CORREA DE OLIVEIRA, "***Guerreiros da Virgem – A réplica da Autenticidade, A TFP sem segredos***", Editora Vera Cruz, São Paulo, 1985 e o livro de A. SINKE GUIMARÃES, *"Servitudo ex Caritate",* Artpress, São Paulo, 1985.

(111) A TFP respondeu com um artigo intitulado "***Usando o mesmo realejo, mais uma vez investe contra a TFP o tablóide Zero Hora. A TFP se defende***", publicado no *Correio do Povo* de 19 de Fevereiro de 1993.

(112) Santiago CANALS COMA, *"¿Renace la persecución religiosa en España? Historia de un secuestro",* Editorial Ramiro el Monje, Zaragoga, 1996. "Diante de Deus, –testemunha o próprio sequestrado– afirmo solenemente que nunca escutei uma palavra ou presenciei um gesto do Prof. Plínio Corrêa de Oliveira que não me aproximasse de Deus Nosso Senhor, da Virgem Santíssima e do Romano Pontífice. Enfim, da Santa Iglesia Católica, Apostólica, Romana, nossa Mãe amadíssima, cuja cabeça invisível *é* Nosso Senhor Jesus Cristo" (ibid., p. 17).

Naquela ocasião, o Padre António Royo Marín, um dos grandes teólogos contemporâneos, sentiu-se no dever de intervir publicamente em defesa da TFP espanhola, e fê-lo com estas palavras:

"Múltiplas circunstancias me proporcionaram a oportunidade de conhecer a fundo a TFP e vários dos seus principais colaboradores internacionais, como também a sua organização, o seu funcionamento, as suas lutas, a sua expansão e as suas vitórias. Eles todos são católicos praticantes em grau superlativo. Com a sua missa, comunhão diária, recitação íntegra dos 15 mistérios do Rosário e outras práticas de piedade, todas elas tradicionais e de uso comum na Santa Igreja Católica. Não praticam nenhuma cerimónia estranha ou obsoleta, todas coincidem com o mais autêntico espírito católico, apostólico, romano. Sentem uma grande veneração pelo Romano Pontífice a quem consideram como Vigário de Cristo e seu supremo representante no mundo. É entranhada a devoção a Nossa Senhora e estão convencidos de que finalmente triunfará no mundo inteiro o seu Coração Imaculado, como Ela prometeu em Fátima" (113).

(113) *"Vehemente desmentido del Padre Royo Marín a la indigna campaña de calumnias contra T.F.P.-Covadonga",* in *La Vanguardia* de 27 de Julho de 1995. 0 Padre Antonio Royo Marín o.p., Pregador Geral da Ordem Dominicana, é autor de 26 obras de teologia e doutrina católica. A sua defesa da Igreja e do Papado foi recompensada com a medalha *"Pro Ecclesia et Pontífice"* que lhe conferiu o Papa João Paulo II.

O fio condutor das acusações é a qualificação pejorativa de "seita", cuja inconsistência (114) a TFP provou em numerosos escritos. Entre as ilustres personalidades que defenderam a

TFP desta calúnia, subrepticiamente dirigida à própria Igreja Católica, estão o Cardeal Alfons Stickler (115) e o Cardeal Bernardino Echeverría Ruíz. Este último, em carta ao presidente da Assembleia Nacional francesa, Philippe Séguin, exprimiu a sua "profunda perplexidade face a este amálgama injurioso em relação a uma associação límpida, composta de católicos animados por um grande amor de Deus e do próximo" (116).

(114) Cfr. o importante livro dos irmãos Gustavo A. e Luis S. SOLIMEO, *"La nouvelle inquisition athée et psychiatrique. Elle taxe de secte ceux qu'elle veut détruire",* Société Française pour la Défense de la Tradition, Famille et Proprieté, Paris, 1991, e o igualmente claro contributo sobre a matéria de Benoît BEMELMANS, *"Le Rapport Guyard à la lumière de la doctrine catholique et du droit français",* Société Française pour la défense de la Tradition, Famille et Propriété, Paris, 1996. Esta obra constitui uma lúcida demolição do *"Rapport"* sobre as seitas em França, lançado pela Assembleia Nacional em Dezembro de 1995.

(115) Cfr. prefácio a esta obra.

(116) Texto in B. BEMELMANS, *"Le Rapport Guyard",* cit., pp. 17-18.

13. Culto lícito ou ilícito segundo a Igreja

As acusações de "culto" ilícito ao Prof. Plínio e à Dª Lucília, provenientes dos arraiais laicistas e progressistas, dificilmente podem ser compreendidas, mas menos ainda o podem ser quando procedem de ambientes católicos, sobretudo "tradicionalistas".

Com efeito, o século XX foi a época da divinização do homem, intronizado sobre os altares outrora dedicados a Deus: homens políticos, campeões desportivos, cantores, foram objecto de um culto que pode ser definido como "fanático" precisamente pelas suas características desregradas que o fizeram tocar na idolatria. Se existe um culto ilícito prestado aos homens, existem, no entanto, formas lícitas de culto, como as reservadas aos santos ou, no plano natural, a homens particularmente ilustres. O culto, na sua essência, é um acto de estima e no seu significado mais vasto não representa outra coisa que a expressão do sentimento interior mediante o qual um homem reconhece a excelência de outro homem (117). A excelência dos santos torna-os dignos de um culto dito de dulia ou veneração, diferente e inferior ao culto supremo de adoração ou latria devido somente à Santíssima Trindade e à Humanidade de Jesus Cristo. A Igreja Católica, definindo com precisão o âmbito desse culto, admite a sua legitimidade contra a negação, de cunho herético, da devoção aos santos (118).

(117) Luigi OLDANI, *"Culto",* in EC, vol. IV (1950), col. 1040 (col. 1040-1044).

(118) A legitimidade e utilidade do culto aos Santos foi definida pelo Concílio de Trento em sua sessão XXV (Denz.-H, nn. 1821-1824). Cfr. também P. SEJOURNÉ, *"Saints"* (culte des), in DTC, vol. XIV (1939), col. 870-978; Justo COLLANTES S.J., *"La fede della Chiesa cattolica",* Libreria Editrice Vaticana, Cidade do Vaticano, 1993, pp. 577-590.

Cabe apenas à Igreja estabelecer, de forma infalível, quem é "santo" e promover-lhe publicamente o culto. Mas é lícito tributar, àqueles que morreram em odor de santidade, um culto "privado", cuja existência, aliás, constitui uma exigência das autoridades eclesiásticas para os processos de beatificação e canonização. "Honramos os servidores –definiu o Papa João XV no mais antigo processo de canonização da Igreja– a fim de que a honra redunde ao Senhor, que disse `Quem vos acolhe, a Mim acolhe' (Mt. 10, 40)" (119). "Qualquer genuína prova de amor prestada aos Santos –lê-se na Lumen Gentium– pela sua natureza tende ao próprio Cristo e n'Ele termina, `coroa de todos os Santos' e através d'Ele a Deus, que nos seus Santos é reconhecido como admirável e é glorificado" (120).

(119) João XV, Encíclica *Cum conventus esset,* de 3 de Fevereiro de 993, aos Bispos e Abades da França e da Alemanha para a canonização do Bispo Ulrico de Augusta, in Denz.-H, n° 675.

(120) Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática *Lumen Gentium,* de 21 de Novembro de 1964, in *Denz.-H,* n° 4170.

Este culto privado nada mais é que a manifestação de devoção que brota espontaneamente do coração dos fiéis antes que a Igreja se pronuncie oficialmente sobre o mérito. Tais expressões de devoção, autorizadas pela Igreja, não nascem de repente, no dia seguinte ao da morte. A "fama de santidade" nimba frequentemente o futuro santo quando ele ainda está vivo: assim ocorreu com quase todos os grandes Santos no seio da Igreja; assim ocorre hoje para pessoas ainda não canonizadas, como o Padre Pio, em torno de quem se criou, quando ainda estava vivo, uma atmosfera de entusiástica veneração que levava alguns a falar em "fanatismo" (121).

(121) Em particular, foram carimbados como fanáticos pelo seu "culto" e denunciados à autoridade eclesiástica por superstição e desobediência, os "grupos do Padre Pio" ainda activos e numerosos. Isto não impediu que, em 20 de Março de 1983, se abrisse, a pedido do episcopado polaco, a causa de beatificação, hoje em curso, do capuchinho de Pietrelcina. Cfr. Rino CAMMILLERI, *"Storia di Padre Pio"*, Piemme, Casale Monferrato, 1993, pp. 169-182.

Para nos limitarmos a mais um exemplo, basta recordar o estrepitoso entusiasmo que circundou D. Bosco na sua viagem a Paris, em 1883. O Bem-aventurado D. Rua fez esta explícita declaração, no processo de beatificação:

"Se ia às igrejas para algum sermão, era tão grande a multidão que accorria, que era preciso três ou quatro acompanhantes para lhe abrirem o caminho para o púlpito; e por vezes foi preciso colocar guardas nas portas, para afastar o perigo de alguma desgraça causada pelo excessivo concurso de povo. Se fosse reconhecido nas praças ou ruas, era logo circundado por imensa multidão, que em pleno dia se prostrava para implorar a sua benção. Em sua casa, desde as horas mais matutinas, havia um concurso contínuo de pessoas, que se considerava feliz por ver um santo" (122).

(122) Giovanni Battista LEMOYNE, *"Vita di San Giovanni Bosco"*, Società Editrice Internazionale, Turim,1977, p. 528. Cfr. também *"Don Bosco nella storia della cultura popolare"*, de Francesco TRANIELLO, SEI, Turim, 1987.

Não pretendemos deduzir que Plínio Corrêa de Oliveira tenha sido um santo, através das manifestações de admiração e de devoção dos seus discípulos, mas apenas queremos ressaltar a plena harmonia de tais expressões de entusiasmo com a doutrina e os costumes da Igreja.

Nesta perspectiva, pode-se compreender, além do tributo de afecto que circundava a pessoa do Prof. Plínio ainda em vida, a especial veneração nascida no seio da TFP em relação à mãe do fundador, Dª Lucília, depois da sua morte.

Dª Lucília Ribeiro dos Santos teve uma vida exclusivamente privada até 1967, quando, pela primeira vez, devido a uma grave doença que tinha afectado o seu filho, muitos amigos destes encheram a sua casa e foram por ela recebidos. Neste difícil período ela, que tinha então 91 anos, dispensou aos companheiros do Prof. Plínio um acolhimento que deixava transparecer, como ele mesmo recorda, "o seu afecto materno, a sua resignação cristã, a sua ilimitada bondade de coração e a encantadora gentileza dos velhos tempos da São Paulo de outrora" (123). Os jovens ficaram encantados com o seu convívio tão simples e afectuoso: "As ténues e belas luzes do crepúsculo e da aurora estavam sempre unidas no seu sorriso" (124).

(123) Cfr. **O Estado de S. Paulo, 22 de Agosto de 1979**.

(124) J.S. CLÁ DIAS, *"Dona Lucília"*, cit., vol. III, p. 187.

Poucos meses depois, em 21 de Abril de 1968, Dª Lucília faleceu (125). Durante sessenta anos ela oferecera o exemplo de um exercício quotidiano de virtude, de onde o filho hauriu exemplo e forças: aquela perfeição na vida ordinária que constitui o segredo da "pequena via" traçada por Santa Teresa do Menino Jesus (126). Com efeito, mesmo entre as paredes domésticas é viável uma "pequena via" para a santidade e desta, na sua longa vida, Dª Lucília, segundo dizem todos os que a conheceram, foi um exemplo vivo.

(125) Dª Lucília morreu um dia antes de completar 92 anos, em 21 de Abril de 1968. "Com os olhos bem abertos, perfeitamente consciente do solene momento que se aproximava, levantou-se um pouco, fez um grande sinal da Cruz e, com inteira paz de alma e confiança na misericórdia divina, adormeceu no Senhor" *("Dona Lucília"*, cit., vol. III, p. 201).

(126) "Na minha pequena via não há lugar senão para as coisas comuns. É preciso que o que eu faço, também o possam fazer as pequenas almas" (Santa TERESA DO MENINO JESUS, *"Gli scritti"*, Postulazione Generale dei Carmelitani Scalzi, Roma, 1979, n° 227, pp. 216-217). Sobre a "pequena via", cfr. André COMBES, *"Introduction à la spiritualité de S. Thérèse de l'Enfant Jésus. Etudes de théologie et histoire de la spiritualité"*, Vrin, Paris, 1948.

Que ninguém estranhe a comparação entre Lucília Ribeiro dos Santos e a carmelita de Lisieux. Sem a publicação da "História de uma Alma", ninguém teria imaginado que píncaros de santidade e de amor de Deus tinha atingido uma freira, morta aos 24 anos, no curso de uma vida comum de convento. No caso de Dª Lucília não foi um livro que nos revelou os esplendores da sua alma, mas a própria vida do filho, como espelho que lhe reflectiu e desenvolveu as virtudes.

Depois da sua morte, no seio da TFP, alguns pensaram em recorrer à intercessão de Da Lucilia e, de forma espontânea e misteriosa, começou a florescer um culto privado junto do seu túmulo (127).

(127) A TFP brasileira foi acusada de ter querido promover um culto indevido à mãe do fundador através da recitação de algumas ladainhas a ela endereçadas (para uma exaustiva refutação destas acusações cfr. G. A. SOLIMEO, *"Um comentário anti-TFP. Estudo acerca de um Parecer concernente a uma Ladainha, apêndice a Refutação da TFP a uma investida frustra"*, cit., pp. 391-463). Com efeito, durante algum tempo circulou entre alguns cooperadores da associação, uma ladainha com invocações a Dª Lucília composta por dois adolescentes em fins de 1977. A ladainha foi proibida pelo Prof. Corrêa de Oliveira, tão logo chegou ao seu conhecimento, também por causa de impropriedades de linguagem e singularidades de expressão, claramente devidos à jovem idade e à inexperiência dos autores. O Padre Vitorino Rodriguez, depois de a ter examinado, comentou: "Várias invocações são um pouco ingénuas, outras muito extravagantes ou técnicas e ainda outras um tanto ambíguas, de onde o malentendido. Por todos estes motivos pareceu-me oportuno que o Prof. Plínio as tenha proibido. Isto não obstante, parece-me exagerado qualificar algumas invocações como heterodoxas ou blasfemas, sem pôr atenção na relatividade da linguagem nelas empregada" *("Refutação da TFP a uma investida frustra"*, cit., p. 395). Por outro lado, se a associação tivesse querido promover e organizar tal culto, tê-lo-ia feito de maneira completamente diversa da que lhe foi atribuída. De resto, que pensar de uma jovem freira que tivesse invocado e feito invocar pelas suas irmãs de hábito o próprio director espiritual logo depois de morto, com uma série de ladainhas em que, chamando-o de "São Claudio", o definia como: "espelho de todas as virtudes", "imagem viva da perfeição", "torrente das perfeições divinas", "campo do Paraíso da Igreja", "lírio plantado em terra virgem", "santuário das graças", "cuja língua foi o órgão do Espírito Santo", "sol de perfeição", "semente do Evangelho", "voz dos apóstolos", "tocha do mundo", "escudo da fé católica"? Estas ladainhas são as que Margarida Maria Alacocque compôs e fez recitar no convento dedicadas ao seu director espiritual, Claudio de la Colombière, há pouco falecido. A freira tornou-se uma grande Santa e também o seu pai espiritual seria canonizado pela Igreja, mas só muitos anos depois da redacção das ladainhas. Os censores do Tribunal que examinaram as causas de beatificação dos dois santos não julgaram que este facto pudesse prejudicar a sua canonização, demonstrando assim qual é a sabedoria da Igreja, sabedoria de que tantas vezes não se revestem alguns dos seus filhos, animados mais de um zêlo amargo do que da verdadeira caridade e amor ao bem.

Evidentemente, pedir a intercessão de uma pessoa não significa proclamar oficialmente a sua santidade. Entretanto, um grande teólogo e mestre espiritual contemporâneo, o P. Royo Marín, depois de ter estudado atentamente a biografia de Dª Lucília, não hesitou em afirmar que esta obra descreve "a vida de uma verdadeira santa, em toda a amplitude do termo" (128).

(128) J.S. CLA DIAS *"Dona Lucília"*, cit., vol. I, p. 9. "A indagação concreta é esta: Dª Lucília foi uma verdadeira santa, em toda a amplitude do termo? Ou, noutros temos: as suas virtudes cristãs atingiram o grau heróico indispensável para ser reconhecida pela Igreja por meio de uma beatificação e canonização? Examinando os dados rigorosamente históricos oferecidos em grande abundância pela biografia que apresentamos,– conclui o padre Royo Marín– ouso responder com um sim rotundo e sem a mínima dúvida" (ibid., vol. I, p. 11).

14. Uma vocação especifica: a "consecratio mundi"

As numerosas e violentas investidas lançadas contra a TFP ao longo da sua história trouxeram como consequência que a associação presidida por Plínio Corrêa de Oliveira, ao defender-se, encontrasse excelente oportunidade para definir de maneira cada vez mais precisa a sua própria fisionomia.

O que é, pois, a TFP? É antes de tudo uma "escola de pensamento" que abarca um amplo património intelectual, com grande riqueza de princípios quer especulativos, quer operativos.

"O que é necessário na escola de pensamento da TFP? Antes de tudo, uma adesão total e entusiasmada à doutrina da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana, expressa nos ensinamentos dos Romanos Pontífices, e do Magistério eclesiástico em geral (atribuindo a cada documento, segundo a sua natureza, toda a medida de acatamento preceituada pelo Direito Canónico). Em seguida, adesão a uma série de princípios teóricos, ou teórico-práticos, que foram deduzidos, com escrupuloso rigor de lógica, da doutrina católica ou da análise da realidade –seja a actual, seja a histórica– segundo metodologia e critérios elaborados cuidadosamente na TFP, e cujos fundamentos se encontram largamente expostos no ensaio "Revolução e Contra-Revolução", já mencionado. Por fim, adesão a uma série de princípios operativos que se foram constituindo pela análise atenta da prática, ao longo de décadas de actuação comum. Tais princípios também têm os seus fundamentos traçados em "Revolução e Contra-Revolução" (Parte II, Caps. V a XI). Esses princípios todos constituem um conjunto que é o património fundamental da escola de pensamento da TFP" (129).

(129) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A *réplica da autenticidade",* cit., pp. 132-133.

A expressão "escola de pensamento", entretanto, não esgota a vocação da TFP que, mesmo tendo nascido como simples associação civil, ao longo de mais de 30 anos caracterizou-se, de maneira cada vez mais profunda, como uma "família de almas" não isenta de analogias com uma "família religiosa".

Com efeito, as relações que se estabeleceram ao longo dos anos entre o Prof. Plínio e os membros da TFP eram semelhantes às que existem entre o fundador de uma instituição religiosa e os próprios discípulos. Qual é a actual posição desta família de almas nas relações com autoridade eclesiástica? "É a da liberdade que a própria Igreja concede aos simples núcleos em formação ou às sociedades católicas nascentes" (130). Com efeito, o Concílio Vaticano II estatuiu a liberdade de associação dentro da Igreja afirmando que "os leigos têm o direito de criar e guiar associações" (131). "Nenhum motivo –comenta o padre Anastasio Gutiérrez– existe para negar tais liberdades sob alegação de perfeição cristã e de apostolado leigo: pelo contrário, estes fins encontram-se explicitamente incluídos na liberdade de associação" (132).

(130) A. SINKE GUIMARÃES, *"Servitudo ex caritate",* cit., p. 266.

(131) Concílio Ecuménico Vaticano II, Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o Apostolado dos leigos, de 18 de Novembro de 1965, n° 19.

(132) A. GUTIÉRREZ C.M.F., verbete *"Istituti di perfezione cristiana",* in DIP, vol. V (1988), col. 85 (col. 75-106).

Para o Direito Canónico, a TFP é uma associação privada de leigos submetidos in rebus fidei et morum à vigilância que a Igreja exerce sobre todos os fiéis, considerados individualmente ou associados entre si. A natureza jurídica destas associações civis não muda com o facto de nelas se realizarem práticas religiosas e dos seus membros adoptarem formas de vida semelhantes à da vida consagrada (133).

(133) No livro *"Refutação da TFP a uma investida frustra",* cit., lê-se que a TFP pode ser considerada como uma *confraternitas laicalis,* isto é, uma associação de católicos, com finalidades religiosas, que não foi erigida nem é governada pela autoritade eclesiástica e cujos membros a dirigem portanto livremente segundo os próprios estatutos sociais" (vol. I, pp. 319-320). Cfr. também Comissão de estudos da TFP, *"A TFP: uma vocação, TFP e famílias, TFP e famílias na crise espiritual e temporal do século XX",* Artpress, São Paulo, 1986, vol. I, pp. 271-272; A. SINKE GUIMARÃES, *"Servitudo ex caritate",* cit., pp. 157-160. "Assim, - comentou o próprio

Prof. Plínio - a TFP define-se perfeitamente como uma associação cívica diante das leis civis e como uma *confraternitas laicalis* face às leis eclesiásticas pelo menos enquanto estudos aprofundados do novo Código de Direito Canónico não sugiram uma terminologia mais adequada" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A *réplica da autenticidade",* cit., p. 219). A respeito da natureza da TFP face ao do Direito Canônico cfr. também G. A. SOLIMEO e L. S. SOLIMEO, *"Analyse par la TFP brésilienne d'une prise de position de la CNBB sur la `TFP et sa famille d'âmes"',* cit.

"Dada esta situação, a TFP e a sua família de almas têm uma característica peculiar. Enquanto pessoa colectiva, a TFP é exclusivamente uma associação civil. Os seus membros, individualmente considerados, têm liberdade de praticar o que desejam como católicos. A TFP apresenta-se assim como um locus em que estes católicos, individualmente considerados, vivem a sua religião segundo práticas comuns que a Igreja sempre propôs aos seus fiéis" (134).

(134) A. SINKE GUIMARÃES, *"Servitudo ex caritate",* cit., pp. 159-160.

Convém notar que aquilo que distingue as associações leigas das eclesiásticas não é o fim, que em ambos os casos é religioso, mas o facto de estarem ou não instituídas no plano eclesiástico.

A finalidade da TFP, expressa no art. 1 dos seus Estatutos, consiste em actuar para a restauração dos princípios fundamentais da ordem natural e cristã. Esta finalidade não é diversa da missão de "instaurare omnia in Christo" (135) e de "consagrar o mundo" (136), a que tantas vezes se referiram os Pontífices deste século e que o Concílio Vaticano II, no Decreto Apostolicam Actuositatem, define como "instaurationem Ordinis temporalis" (137). O próprio João Paulo II, citando o Concílio (138), afirma que "cabe em particular aos fiéis leigos levar a influência da verdade do Evangelho às realidades da vida social, económica, política e cultural. É deles a tarefa específica da santificação do mundo a partir de dentro, empenhando-se na actividade secular" (139). Com estas palavras o Pontífice nada mais faz que reiterar o que já tinha sido exposto pelo Concílio Vaticano II: "O leigo recebe, pela graça de Jesus Cristo, uma vocação especificamente laical que o destina a procurar a santidade e a exercer um apostolado que trate de temas temporais ordenados segundo Deus" (140).

(135) S. Pio X, Carta Apostólica *Notre Charge Apostolique,* cit.

(136) Cfr. Pio XII, Discurso de 5 de Outubro de 1957 para o II Congresso Mundial do Apostolado dos Leigos, in DR, vol. XIX, pp. 459-460.

(137) Cfr. J. COLLANTES, S.J., *"La Fede della Chiesa Cattolica",* cit., p. 320.

(138) Cfr. Concilio Ecumenico Vaticano II, Constituição *Lumen Gentium,* n° 31.

(139) João Paulo II, Discurso a Bispos Norte-americanos de 2 de Julho de 1993, in *L'Osservatore Romano,* 4 de Julho de 1993.

(140) Concilio Ecuménico Vaticano II, Constituição *Lumen Gentium,* n° 31 b.

Plínio Corrêa de Oliveira, que desde os anos 30 travou brilhantes polémicas com o progressismo a respeito do papel indébito que este atribuía ao laicato nas relações com o Clero, paradoxalmente foi acusado de exagerar em detrimento do Sacerdócio o papel dos leigos no serviço da Igreja. A realidade é bem outra.

Segundo a doutrina católica, a ordem espiritual e a ordem temporal são realidades distintas, mas não separadas, como fica implícito na recomendação de Nosso Senhor de "dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" (141). Entretanto, o princípio liberal da separação das duas esferas penetrou, depois da Revolução Francesa, no seio dos ambientes católicos, trazendo como consequência que, enquanto nalguns sectores políticos se imaginava uma restauração temporal que pudesse prescindir da graça e do sobrenatural, outros sectores eclesiásticos, pelo contrário, tendiam a minimizar sempre mais o papel da natureza, da razão, da livre cooperação do homem com a graça divina. Eram os dois erros do naturalismo e do sobrenaturalismo destinados a explodir depois do pontificado de Pio XII. Estes equívocos traduziram-se em ênfases unilaterais e arbitrárias sobre o papel do laicato ou, no outro extremo, do clero, na sociedade. O Magistério da Igreja, ao qual Plínio Corrêa de Oliveira se conformou constantemente, indica o caminho de um equilíbrio harmónico.

(141) Lc. 20, 25; Mc. 12, 17; Mt. 22, 21.

A acção do laicato não deriva de uma tendência natural para a acção, mas do carácter impresso pelos Sacramentos do Baptismo e do Crisma, que impõem o dever de fazer apostolado (142), o qual nada mais é que a prática da caridade cristã que obriga todos os homens (143).

(142) Pio XI, Carta *Ex officiosis litteris* de 10 de Novembro de 1933, in IP *Il laicato,* cit., p. 532.

(143) Pio XI, Carta *Vos Argentinae Episcopos* de 4 de Dezembro de 1930, in IP, *ll laicato,* cit., p. 320.

Os leigos formam uma nação santa, foram consagrados a Deus pelo Baptismo e pelo Crisma, são chamados a honrar a Deus através da santidade da vida e da participação no culto da Igreja; eles possuem a missão específica de "consagrar" a Deus a ordem temporal. "Dignidade, consagração, missão que a Sagrada Escritura e a Tradição compendiam e indicam com uma só palavra: sacerdócio real dos fiéis" (144). A posição de Plínio Corrêa de Oliveira, a respeito deste ponto, foi sempre o eco da doutrina da Igreja.

(144) P. G. RAMBALDI, S.J.. *"Sacerdozio gerarchico e sacerdozio non gerarchico",* in *Civiltà Cattolica,* vol. 102 (1951), n° II, pp. 354-355 (pp. 345-357).

"Os nossos espíritos modernos –observa um escritor católico contemporâneo– têm certa dificuldade em compreender como os leigos puderam outrora exercer um papel importante no domínio espiritual sem que os eclesiásticos os vissem com maus olhos" (145). Recorda, assim, os casos de São Bento e São Francisco de Assis, que fundaram e governaram as Ordens por eles fundadas sem nunca terem ascendido ao Sacerdócio, da mesma forma que Santo Inácio, o qual, muito antes de ser ordenado, pregou os seus Exercícios e reuniu os primeiros companheiros. Poder-se-ia acrescentar outros exemplos, como o do célebre Barão de Renty (146), gentilhomem leigo e pai de família, que dirigiu espiritualmente alguns conventos de religiosas.

(145) Daniel RAFFARD DE BRIENNE, *"L'Action catholique",* Renaissance Catholique, Paris, 1991, p. 8.

(146) Sobre o Barão Gaston de Renty (1611-1649), várias vezes superior da Companhia do Santíssimo Sacramento e propugnador do reflorescimento católico em França no século XVII, cfr. a célebre biografia do Padre Jean Baptiste SAINT-JURE, S.J., *"La vie de monsieur Renty, ou le modèle d'un parfait chrétien",* Le Petit, Paris, 1651, e recentemente Yves CHIRON, *"Gaston de Renty. Une figure spirituelle du* XVIII *siècle",* Editions Résiac, Montsûrs, 1985; Raymond TRIBOULET, *"Gaston de Rent^y, 1611-1649",* Beauchcsne, Paris, 1991, id., verbete in DSp, vol. XIII (1987), col. 363-369.

Predominantemente leigos foram os monges dos primeiros séculos, as ordens militares e hospitalares da Idade Média e os institutos de ensino a partir do século XVII.

"Segundo a doutrina tradicional da Igreja, –afirma por sua vez João Paulo II– a vida consagrada pela sua natureza não é nem laical nem clerical (147), e por isso a `consagração laical', tanto masculina como feminina, constitui um estado de profissão dos conselhos evangélicos de si completo (148). Possui, portanto, quer para a pessoa, quer para a Igreja, um valor próprio, independente do ministério sagrado" (149).

(147) Cfr. Código de Direito Canónico, can. 588. §. 1 .

(148) Cfr. Concilio Ecuménico Vaticano II, Decreto sobre a renovação da vida religiosa *Perfectae caritatis,* n° 10.

(149) João Paulo II, Exortação apostólica *Vita Consecrata,* de 25 de Março de 1996, suppl. a *"L'Osservatore Romano",* 26 de Março de 1996.

Nesta perspectiva, a TFP, ao lado de membros e simpatizantes casados, conta muitíssimos que renunciaram ao matrimónio, escolhendo um estado de vida que não é o do Sacerdote, nem o do religioso. A castidade perfeita, ensina Pio XII na Encíclica Sacra

Virginitas, não é reservada apenas aos religiosos, mas pode ser também aconselhada aos simples leigos, "homens e mulheres" (150). O convite à perfeita castidade é, por outro lado, continuamente recomendado pela Igreja como uma escolha que realiza um estado de vida superior ao matrimónio, podendo ter como fim as obras de caridade, de educação, ou de apostolado (151).

(150) Pio XII, Encíclica *Sacra Virginitas* de 25 de Março de 1954, in DR, vol. XVI, p. 373 (pp. 371-398).

(151) Para conservar a virtude da castidade, a TFP recomenda extrema vigilância. Desaconselha em particular aos seus jovens frequentar praias, piscinas mistas, discotecas, lugares de dissipação e de promiscuidade que colocam em risco evidente a pureza. Esta vigilância, expressão de genuíno espírito católico, constitui um dos pontos que mais irritam o assim chamado "movimento anti-seitas", ideologicamente dependente do pansexualismo freudiano.

Também João Paulo II sublinhou com frequência a importância da continência e da castidade na vida cristã. O cristão coerente com o Evangelho "deve insistir em altos ideais, mesmo se vão contra a opinião corrente". "Jesus Cristo (...) disse que o caminho da continência, da qual Ele mesmo dá testemunho com a sua vida, não só existe e é possível, mas é particularmente válido e importante para o Reino dos Céus. E assim deve ser, uma vez que o próprio Jesus Cristo a escolheu para si" (152).

(152) João Paulo II, Audiência de 31 de Março de 1982, in *Insegnamenti,* cit., vol. I (1982), p. 1047.

A vocação específica da TFP, aquela dos leigos que actuam em ordem à "consecratio mundi", pode suscitar perplexidade pela sua novidade e especificidade no seio da Igreja. Mas "Santo Antão não teve provavelmente muitos precursores, quando partiu para o deserto", escreve o P. Henry, sublinhando o facto de que o Espírito Santo pode suscitar algo de "inteiramente inédito na Igreja" (153). Com efeito, segundo os teólogos, não existem obras de misericórdia para cuja execução não se possa instituir uma ordem religiosa (154). Por isso, a Igreja inclui no seu seio materno uma maravilhosa variedade de ordens, congregações e famílias religiosas também seculares, cada uma das quais, respondendo às várias exigências dos tempos e das almas, trouxe à luz aspectos diversos da radicalidade evangélica e da vida da Igreja (155). Todas se filiam no "carisma" do próprio fundador" (156).

(153) A. M. HENRY o.p., *"Obéissance commune et obéissance religieuse",* suppl. a *La vie spirituelle,* 15-9-1953, b. 26, VI (1953), p. 258.

(154) Paul PHILIPPE, *"Les fins de la vie religieuse selon saint Thomas d'Aquin",* Fraternité de la Très-Sainte-Vierge Marie, Atenas, 1962, p. 88.

(155) Pio XII, na sua Alocução para o I Congresso Mundial para o Apostolado dos Leigos de 14 de Outubro de 1951 (in DR, vol. XII, pp. 291-301), insiste sobre esta ampla liberdade que a Igreja deixa aos fiéis de escolher o caminho por eles julgado mais conveniente.

(156) A expressão "carisma dos fundadores" entrou na linguagem do Magistério oficial com a *Evangelica Testificatio* n° 11 (1971). Este documento indica os dons da natureza e da graça concedidos ao fundador de uma família espiritual para realizar a própria missão. Sobre os "fundadores" cfr. Juan Maria LOZANO, C.M.F., *"El fundador y su família religiosa. Inspiración y carisma",* Publicaciones Claretianas, Madrid, 1970; Fabio CIARDI, *"I fondatori uomini dello spirito. Per una teologia del carisma del fondatore",* Città Nuova, Roma, 1982; id., *"In ascolto dello spirito. Ermeneutica del carisma dei fondatori",* Città Nuova, Roma, 1996; A. SINKE GUIMARÃES, *"Servitudo ex Caritate",* cit., pp. 184-210; Elio GAMBARI, S.M.M., J. M. LOZANO, C.M.F., Giancarlo ROCCA, S.S.P., verbete *"Fondatore",* in DIP, vol. IV (1977), col. 96-101; Michel OLPHÉ-GALLIARD, S.J., verbete *"Fondatore",* ibid col. 102-108; G. DAMIZIA, sub voce, in EC, vol. 5 (1950), pp. 1474-1475; J. F. GILMONT, *"Paternité et médiation du fondateur d'Ordre",* in *Revue d'Ascétique et de Mystique,* vol. 40 (1964), p. 416 (pp. 393-426); Francisco JUBERÍAS, C.M.F., *"La paternidad de los fundadores",* in *Vida Religiosa,* vol. 32 (1972), pp. 317-327.

"Tenham sido canonizados ou não –comenta o P. Olphé-Galliard– os fundadores são os portadores de um carisma que os habilita a suscitar uma família espiritual destinada a perpetuar a seiva da sua própria santidade. A autenticidade desta última reconhece-se, quer pela fecundidade da sua fundação, quer pelo exemplo da sua experiência pessoal" (157).

(157) M. OLPHÉ-GALLIARD, S.J., verbete *"Fondatore"*, cit., col. 102.

De muitos fundadores se repetiu aquilo que os biógrafos de São Pacómio disseram dele e dos seus discípulos: "Depois de Deus, ele era o Pai deles" (158). "A imitação do fundador –como ainda observa o P. Olphé-Galliard– nada tem a ver com o culto da personalidade que certas ideologias modernas adoptam" (159). Ela provém do princípio de mediação segundo o qual toda a paternidade vem de Deus (160).

(158) Ibid., col. 103.

(159) Ibid.

(160) Ef. 3, 5.

Não se pode negar a Plínio Corrêa de Oliveira as características de um fundador. Fundador, não porque quis impor-se neste papel, mas porque assim o vêem espontaneamente milhares de católicos em todo o mundo. Fundador em sentido lato, não tanto de uma ordem específica como, mais amplamente, de uma escola espiritual e intelectual e de um estilo de vida de luta aberta contra a Revolução.

"Novum militiae genus ortum nuper auditur in terris..." (161)."Comenta-se agora pela terra que apareceu um novo género de cavaleiros..." As palavras de São Bernardo bem parecem aplicar-se aos discípulos de Plínio Corrêa de Oliveira. Este, por seu lado, resumiu assim a versão contemporânea do estilo cavalheiresco de outrora: "No idealismo, ardor. No trato, cortesia. Na acção, devotamento sem limites. Na presença do adversário, circunspecção. Na luta, altaneria e coragem. E, pela coragem, a vitória." (162)

(161) *"S. Bernardo de Claraval, De Laude novae militiae"*, in Franco CARDINI, *"I poveri cavalieri del Cristo"*, Cerchio, Rímini, 1994, p. 132.

(162) *Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA*, "Estilo", *in* Folha de S. Paulo, *24 de Setembro de 1969.*

Capítulo VI

**Quantos são os que vivem em união com a Igreja
este momento que é trágico, como trágica foi a Paixão,
este momento crucial da história,
em que uma humanidade inteira
está a escolher por Cristo ou contra Cristo?**

PAIXÃO DE CRISTO, PAIXÃO DA IGREJA

1. "Credo in unam sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam"

Credo in unam sanctam, catholicam et apostolicam Ecclesiam. Estas palavras do Credo por certo foram as que mais profundamente ressoaram no coração de Plínio Corrêa de Oliveira, ao longo do século XX, que ele atravessou quase de ponta a ponta. Ele mesmo recorda como o amor à Igreja e ao Papado sempre inspirou a sua luta em defesa da Civilização Cristã e cresceu sempre desde os anos longínquos da sua infância.

"Lembro-me ainda das aulas de catecismo em que me explicaram o que era o Papado, a sua instituição divina, os seus poderes, a sua missão. O meu coração de menino (eu tinha então nove anos) encheu-se de admiração, de enlevo, de entusiasmo: eu encontrara o ideal a que me haveria de dedicar ao longo de toda a minha vida. De lá para cá, o amor a esse

ideal não tem senão crescido. E peço aqui a Nossa Senhora que o faça crescer mais e mais em mim, até ao meu último alento. Quero que o meu derradeiro acto de amor seja um acto de amor ao Papado. Pois assim morrerei na paz dos eleitos, bem unido a Maria, minha Mãe, e por Ela a Jesus, meu Deus, meu Rei e meu Redentor boníssimo" (1).

(1) Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A perfeita alegria**", in Folha de S. Paulo, 12 de Julho de 1970.

É difícil compreender o sentido profundo destas palavras numa época caracterizada por uma frieza e um desamor tão generalizado pelas instituições eclesiásticas. Foram elas escritas no início dos anos 70, num momento em que a crise da Igreja parecia atingir o seu auge.

No Apêndice a "Revolução e Contra-Revolução", notava o autor como, em 1959, quando apareceu a sua obra pela primeira vez, a Igreja era ainda considerada a única grande força espiritual contra a expansão mundial do comunismo. Nos anos sucessivos –escreveria Plínio Corrêa de Oliveira depois do Concílio– o centro decisivo da luta entre a Revolução e a Contra-Revolução deslocou-se da sociedade temporal para o seio da sociedade espiritual e "passou a ser a Santa Igreja, na qual, de um lado progressistas, criptocomunistas e pró-comunistas, e de outro lado antiprogressistas e anticomunistas se confrontam" (2).

(3) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 68.

A quem perguntava por que se deviam combater os erros que circulavam entre os fiéis, quando havia muitos outros fora das fileiras católicas, Plínio Corrêa de Oliveira respondia, já nos anos 50:

"Se o adversário investe contra as muralhas da fortaleza, é necessário que todos se unam. Mas se ele penetrou na cidadela, não basta lutar extra-muros. É necessário lutar intra-muros também" (3).

(3) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Razões e contra-razões em torno de um tema efervescente**", in Catolicismo, n° 71 (Novembro de 1956); id., "**Indulgentes para com o erro, severos para com a Igreja**", in Catolicismo, n° 72 (Dezembro de 1956); id., "**Não trabalha pela concórdia senão quem luta contra o erro**", in Catolicismo, n° 73 (Janeiro de 1957); Cunha ALVARENGA (José de AZEREDO SANTOS), "Infiltrações comunistas em ambientes católicos", in Catolicismo, n° 61 (Janeiro de 1956). Desta mesma linha são três artigos sobre o modernismo, publicados nos n°s. 81, 82, 83 (Set.-Out.-Nov. de 1957) com os títulos de "O cinquentenário da Pascendi"; "Por orgulho repelem toda sujeição" e "Revivem nos modernistas o espírito e os métodos do Jansenismo".

2. Ano Santo de 1950: triunfo ou crise incipiente?

O Ano Santo de 1950 foi o último momento histórico em que a Igreja apareceu ao mundo com todo o esplendor que lhe vem do facto de ser a Cátedra da Verdade. Enquanto a Europa se recuperava afanosamente das ruínas morais e materiais da guerra, o Jubileu ofereceu uma imagem extraordinária da Igreja militante de Cristo. O momento culminante do Ano Santo foi a proclamação do dogma da Assunção de Maria ao Céu, a 1 de Novembro de 1950.

Uma testemunha conta que, desde a madrugada daquele dia, a Praça de São Pedro, ainda submersa no silêncio, "transformou-se num amplo e desmesurado mar, em que se revezavam incessantemente correntes inconteníveis de povo" (4). Todos os povos e todas as nações estavam representados naquela imensa multidão ondulante; os cantos e as orações fundiam-se harmonicamente. Precedido da branca procissão dos Bispos em pluvial e mitra, apareceu na sédia gestatória o Papa. Depois de ter implorado a assistência do Espírito Santo, Pio XII definiu solenemente "ser dogma revelado por Deus que a Imaculada Mãe de Deus sempre Virgem Maria, terminado o curso da vida terrena, foi assunta em alma e corpo à glória celeste" (5). O mundo inteiro, exultante, acompanhou pela rádio as cerimónias que decorriam na praça. "Parecia uma visão, mas era uma realidade: Pio XII abençoou até alta noite porque a multidão não cessava de o chamar. Quando a janela se fechou, cada caudal de povo que

deixava a praça era substituído por outro. Todos queriam ser abençoados ainda mais uma vez antes que aquele dia maravilhoso acabasse" (6).

(4) Irmã Pascalina LEHNERT, "Pio XII. Il privilegio di servirlo", tr. it., Rusconi, Milão, 1984, p. 172.

(5) Pio XII, Munificentissimus Deus, in Denz-H., n° 3903. Cfr. também o texto in AAS, 42 (1950), pp. 767-770.

(6) Irmã P. LEHNERT, "Pio XII", cit., p. 174.

Os sintomas de uma crise incipiente, entretanto, não faltavam. Em 12 de Agosto do mesmo ano de 1950, o Pontífice publicou a Encíclica Humani Generis, para denunciar os "frutos venenosos" produzidos pelas "novidades em quase todos os campos da teologia" (7). A encíclica condenava o relativismo daqueles que julgavam "poder exprimir os dogmas com as categorias da filosofia hodierna, quer do imanentismo, quer do idealismo, quer do existencialismo ou de qualquer outro sistema" (8). Este relativismo, que já havia caracterizado o modernismo condenado por São Pio X, agora voltava a aparecer sob as vestes de "nova teologia" (9). Eram seus expoentes teólogos jesuítas, influenciados pelo pensamento de Teilhard de Chardin, como os Padres Henri de Lubac e Jean Daniélou, e dominicanos, que propugnavam uma interpretação revolucionária da teologia, como os Padres Marie-Dominique Chenu e Yves Congar. Todos eles iriam ocupar um papel de primeiro plano na vida religiosa dos anos sucessivos e depois seriam elevados à púrpura cardinalícia.

(7) Pio XII, Encíclica Humani Generis, de 2 de Agosto de 1950 in Denz.-H., n° 3890 (n°s. 3875-3899) e in AAS, vol. 42 (1950), pp. 561-577. Sobre este importante documento, cfr. Aa. vv., "La enciclica Humani Generis", C.S.I.C., Madrid 1952; R. GARRIGOU-LAGRANGE, O.P., "La struttura dell'Enciclica Humani Generis", in Id., Sintesi tomistica, Queriniana, Brescia, 1953, pp. 541-554; Mons. Pietro PARENTE, "Struttura e significato storico e dottrinale della Enciclica Humani Generis", in Id., "Dio e i problemi dell'uomo", Belardetti, Roma, 1955, vol. II, pp. 611-636. Cfr. também J. de ALDAMA, "Pio XII y la Teología nueva", in Salmaticensis, n° 3 (1956), pp. 303-320.

(8) Pio XII, Encíclica Humani generis, cit., in Denz-H., n° 3882.

(9) A denominação é de Pio XII na alocução Quamvis inquieti de 17 de Setembro de 1946, in DR, vol. VIII, p. 233. A necessidade da condenação da "semente funestíssima do modernismo" reflorescente no campo dogmático, bíblico e social, emergiu, dez anos depois, em muitos dos "votos ante-preparatórios" do Concilio enviados pelos Bispos a Roma (cfr. Acta et Documenta Concilio Oecumenico Vaticano II Apparando, Series I (Antepraeparatoria), Appendix Voluminis II. Pars I, Typis Polyglottis Vaticanis, 1961, pp. 218-219). Thomas M. Loome assim comenta: "Teilhard de Chardin, Congar e De Lubac estão entre aqueles considerados dignos das atenções do Concilio. E de um Bispo ouvimos uma proposta mais seca: Doctrina J. Maritain damnetur" (Liberal catholicism, cit., p. 25).

A crise incipiente da Igreja é abordada, por exemplo, na correspondência trocada naqueles anos por dois religiosos, hoje beatificados: D. João Calabria, fundador dos Pobres Servos da Divina Providência, e o Cardeal Ildefonso Schuster, Arcebispo de Milão. "Há já anos –escreve D. João Calabria– com crescente insistência sinto repercutir, no fundo do meu coração, a lamentação de Jesus: minha Igreja!" (10). "Deus nos conserve o Santo Padre Pio XII –responde por sua vez o Cardeal Schuster– porque desde agora me compadeço do seu sucessor. A borrasca enfurece-se, e quem ousaria assumir o comando da barca?" (11).

(10) Carta de D. João Calabria ao Cardeal Schuster de 21 de Novembro de 1948, in "L'epistolario Card. Schuster-Don Calabria (1945-1954)", sob a direcção de Angelo MAJO e Luigi PIOVAN, NED, Milão, 1989, p. 30.

(11) Carta do Cardeal Schuster a D. João Calabria de 20 de Julho de 1951, in op. cit., p. 93. Quando, em 1953, Nossa Senhora chorou em Siracusa, o Cardeal comentou: "Também a Santíssima Virgem chora sobre os males da Igreja e sobre o castigo que está reservado para o mundo" (Carta do Cardeal Schuster a D. João Calabria de 6 de Outubro de 1953, in op. cit., p. 160).

3. O anúncio do Concílio Vaticano II

A morte de Pio XII e a eleição de João XXIII, em Outubro de 1958, marcaram uma guinada histórica. O pontificado deste último Papa inaugurou um novo estilo de governo, "absolutamente inusitado no exercício do papel de Papa nos últimos dois séculos" (12). Entre os primeiros actos do pontificado podem-se mencionar a ampliação do colégio cardinalício e a nomeação de novos purpurados, cujo número tinha sido fixado em 70 por Sixto V. Suscitou certa estranheza que o primeiro da lista fosse o Arcebispo de Milão, Mons. João Baptista Montini, cujo afastamento de Roma tinha sido interpretado como uma punição devida a forte divergência de opiniões com Pio XII (13).

(12) Daniele MENOZZI, "La Chiesa cattolica e la secolarizzazione", Einaudi, Turim, 1993, p. 174.

(13) Silvio TRAMONTIN, "Un secolo di storia della Chiesa", Studium, Roma, 1989, vol. II, p. 259. Mons. Hubert Jedin, por sua vez, define como "surpreendente" a nomeação de Mons. Montini a 1 de Novembro de 1954 para Arcebispo de Milão, como sucessor do Cardeal Schuster ("Il Concilio Vaticano II", in HKG, tr. it., vol. X, 1, p. 123).

Em 25 de Janeiro de 1959, no mosteiro beneditino de São Paulo "extra muros", João XXIII comunicou aos Cardeais presentes e ao mundo inteiro o seu desígnio de convocar um Concílio Ecuménico. O anúncio "teve o efeito de um toque de fanfarra dentro, e talvez mais ainda, fora da Igreja" (14).

(14) H. JEDIN, "Il Concilio Vaticano II", cit., p. 108.

No dia seguinte, em Mensagem à diocese de Milão, o Cardeal Montini saudou com entusiasmo o acontecimento: "Este Concílio será o maior que a Igreja jamais celebrou nos vinte séculos da sua história, pelo concurso espiritual e numérico, na unidade total e pacífica da sua hierarquia; será o maior pela catolicidade das suas dimensões, interessando verdadeiramente todo o mundo geográfico e civil. A história abre-se com visões imensas e seculares aos nossos olhares" (15).

(15) G. B. MONTINI, "Discorsi e scritti sul Concilio (1959-1963)", org. A. RIMOLDI, Quaderni dell'Istituto Paolo VI, Brescia-Roma, 1983, p. 25.

4. O Concílio teria condenado o comunismo?

Em Roma e na Europa poucos percebiam a crise que se aproximava. Mas, no Brasil, Plínio Corrêa de Oliveira, comentando o anúncio do Concílio, exprimia, em Janeiro de 1962, em Catolicismo, a esperança de que este fizesse cessar a espantosa desorientação que tomava corpo entre os católicos. "Essa desorientação vai tomando no Brasil e no mundo proporções verdadeiramente apocalípticas, e constitui a meu ver uma das maiores calamidades dos nossos tempos" (16). Neste importante artigo, a atenção do pensador brasileiro centrava-se no problema das relações entre o catolicismo e o comunismo.

(16) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Na perspectiva do próximo Concilio", in Catolicismo, n° 133 (Janeiro de 1962).

"Pelo seu carácter visceralmente ateu e materialista, o comunismo não pode deixar de ter em mira a completa destruição da Igreja Católica, guardiã natural da ordem moral, inconcebível sem a família e a propriedade" (17). Coerentemente com as suas premissas, o comunismo não pode conter-se dentro dos confins de um Estado ou de um grupo de Estados. "Muito mais do que um partido político, ele é uma seita filosófica que contém em si uma cosmovisão" (18). A sua doutrina implica numa concepção do mundo antitética à católica. Estava, pois, para o pensador brasileiro, fadada ao fracasso qualquer tentativa de "coexistência".

(17) Ibid.

(18) Ibid.

"No interior de cada país, como no plano internacional, o comunismo está num estado de luta inevitável, constante, multiforme, com a Igreja e os Estados que se recusam a deixar-se devorar pela seita marxista. Esta luta é tão implacável como a que existe entre Nossa Senhora e a Serpente. Para a Igreja, que é indestrutível, ela só cessará com o esmagamento final da seita comunista não só no Ocidente mas por toda a face da terra, inclusive nos antros mais reconditos de Moscovo, Pequim e alhures. (...)

"Tudo isto posto, não se pode admitir entretanto que a coexistência entre os países cristãos e os comunistas seja susceptível de ter a estabilidade, a compostura, a coerência inerente ao Direito Internacional que deve reger as nações cristãs. Pois o Direito Internacional supõe a probidade no relacionamento entre os povos. Ora, a probidade supõe a aceitação de uma moral. E é inerente à doutrina comunista que a moral seja um mero e vácuo princípio burguês" (19).

(19) Ibid.

Por outro lado, a missão docente da Igreja consiste não só em ensinar a verdade, mas também em definir e condenar o erro. Segundo Plínio Corrêa de Oliveira, a análise e a condenação da doutrina e da praxis do comunismo deveria constituir um dos pontos centrais do Concilio Vaticano II que se inaugurava. Esta convicção era, por outro lado, compartilhada por centenas de Padres Conciliares de todo o mundo. Na fase preparatória do Concílio, nada menos que 378 Bispos pediram que ele tratasse do ateísmo moderno e, particularmente, do comunismo, indicando os remédios para fazer frente ao perigo (20). O Arcebispo sul-vietnamita de Hué, por exemplo, definia o comunismo como "o problema dos problemas", a máxima questão do momento: "discutir outros problemas ... é seguir o exemplo dos teólogos de Constantinopla que discutiam asperamente sobre o sexo dos anjos enquanto os exércitos maometanos ameaçavam as próprias muralhas da cidade" (21).

(20) Mons. Vincenzo CARBONE, "Schemi e discussioni sull'ateismo e sul marxismo nel Concilio Vaticano II. Documentazione", in Rivista di Storia della Chiesa in Italia, vol. XLIV (1990), pp. 11-12 (pp. 10-68).

(21) Acta et Documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando, Series II, vol. II, pars III, Tipografia Poliglotta Vaticana, Roma, 1968, pp. 774-776.

Entre os Bispos aos quais a Santa Sé se dirigiu para receber conselhos e sugestões, estavam também os brasileiros D. António de Castro Mayer e D. Geraldo de Proença Sigaud. A este último se deve uma resposta na qual, dada a amplitude das perspectivas e a concatenação lógica, não é difícil notar a influência do Prof. Plínio, que mantinha com o Prelado uma velha amizade.

"Noto que os princípios, a doutrina e o espírito da assim chamada Revolução penetram no Clero e no povo cristão, como outrora os princípios, o espírito e o amor pelo paganismo penetraram na sociedade medieval, provocando a Pseudo-Reforma. Muitos, no Clero, já não percebem os erros da Revolução nem lhes resistem. Outros expoentes do Clero amam a Revolução como se fosse a boa causa, propagam-na, colaboram com ela, perseguem os seus adversários impedindo e caluniando o seu apostolado. A maior parte dos Pastores cala; outros estão embebidos dos erros e do espírito da Revolução, e favorecem-na aberta ou ocultamente, como ocorreu no tempo do Jansenismo. Aqueles que denunciam e refutam estes erros, são perseguidos pelos colegas, que os carimbam como `integristas' . Os seminaristas voltam dos seminários da própria Cidade Eterna com a cabeça cheia das ideologias revolucionárias. Eles definem-se `maritainistas', ou `seguidores de Teilhard de Chardin', ou `socialistas cristãos', ou `evolucionistas'. Muito raramente os Sacerdotes que combatem a Revolução são elevados à dignidade episcopal; frequentemente são escolhidos aqueles que a favorecem" (22).

(22) Acta et Documenta Concilio Oecumenico Vaticano II apparando, Series I, vol. II, pars VII, Tipografia Poliglotta Vaticana, Roma, 1961, pp. 181-182.

"O comunismo criou a ciência da Revolução. As suas armas principais são as paixões humanas desregradas, metodicamente fomentadas. A Revolução utiliza dois vícios como forças destrutivas da sociedade cristã e construtivas da sociedade ateia: a sensualidade e o orgulho. Estas paixões desordenadas e violentas são cientificamente dirigidas a um fim preciso,

submetidas à férrea disciplina dos chefes, para destruir a partir dos alicerces a Cidade de Deus e construir a Cidade do Homem. Aceita-se até a tirania totalitária, e tolera-se mesmo a miséria, a fim de construir a ordem do AntiCristo" (23).

(23) Ibid., pp. 184-185.

Esta referência às paixões desregradas deixa transparecer claramente a tese de fundo de "Revolução e Contra-Revolução". Perante o processo revolucionário que, no comunismo, tinha a sua mais recente expressão, o Bispo brasileiro não hesitava em afirmar: "A Igreja deveria organizar, a nível mundial, uma luta sistemática contra a Revolução" (24).

(24) Ibid., p. 182. "Segundo a minha modesta opinião –escrevia ainda Mons. Sigaud– a Igreja deveria organizar, a nível mundial, uma luta sistemática contra a Revolução. Ignoro se isto já está previsto. A própria Revolução procede exactamente deste modo. Um exemplo deste trabalho organizado e sistemático é o surgimento mundial, simultâneo e uniforme das `democracias cristãs' em muitas nações, logo depois da Grande Guerra. Este fermento penetra em todos os terrenos. Fazem-se congressos, é criada uma internacional, e por toda a parte levanta-se o slogan: `façamos nós mesmos a Revolução, antes que os outros a façam!' É a Revolução feita com o consenso dos católicos. Segundo a minha humilde opinião, se o Concílio quer produzir frutos salutares, antes de tudo deve meditar na condição da Igreja de hoje, a qual, à semelhança de Cristo, vive a sua Sexta feira Santa, entregue indefesa aos seus inimigos, como dizia Pio XII no seu discurso aos jovens italianos. É preciso considerar a guerra de morte que está a ser feita à Igreja em todos os campos; é preciso identificar o inimigo, discernir a sua estratégia e a sua táctica de luta, meditar sobre a sua lógica, a sua psicologia e a sua dinâmica, com o fim de identificar com certeza as batalhas particulares desta guerra, organizar a contra-ofensiva e dirigi-la com segurança" (ibid.).

5. O Concílio do "aggiornamento"

Na manhã de 11 de Outubro de 1962 reuniram-se na Basilica de São Pedro mais de 2.500 Padres Conciliares (25). A solene cerimónia foi acompanhada, graças à televisão, por milhões de pessoas em todo o mundo. Na Basilica superlotada, os cantores entoaram o Credo e o Magnificat, enquanto o cortejo dos Padres avançava com solenidade. À frente, os superiores das Ordens religiosas, os Abades gerais e os Prelados nullius; em seguida os Bispos, os Arcebispos, os Patriarcas, os Cardeais, e por fim, na cadeira gestatória, João XXIII.

(25) Sobre o Concilio Vaticano II, a obra de conjunto mais recente e completa é a "Storia del Concilio Vaticano II", dirigida por Giuseppe ALBERIGO, Peeters-Il Mulino, Bolonha, 1995. Até ao momento só vieram a lume dois volumes. Na abundante bibliografia, cfr. também: René LAURENTIN, "L'enjeu du Concile", Seuil, Paris, 1962-1966, 4 vol.; Antoine WENGER A.A., "Vatican II", Editions du Centurion, Paris, 1963, 4 vol.; Giovanni CAPRILE S.J., "Il Concilio Vaticano II, Civiltà Cattolica, Roma, 1965-1969, 5 vol.; Gianfranco SVIDERCOSCHI, "Storia del Concilio", Ancora, Milão, 1967; Henri FESQUET, "Diario del Concilio", Mursia, Milão, 1967; Ralph M. WILTGEN S.V.D., "Le Rhin se fette dans le Tibre: le Concile inconnu", Editions du Cèdre, Paris, 1976; "La Chiesa del Vaticano II (1958-1978)", in "Storia della Chiesa", iniciada por Augustine FLICHE e Victor MARTIN, e em seguida dirigida por Jean Baptiste DUROSELLE e E. JARRY, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo, 1994, vol. XXV/1, com ampla bibliografia sobre fontes e estudos.

O cenário incomparável da Basílica de São Pedro, a presença do Vigário de Cristo e dos sucessores dos Apóstolos, fizeram daquela cerimónia um espectáculo majestoso. Nunca, como nesse momento, a Igreja Católica manifestou o seu carácter universal, hierárquico e anti-igualitário.

"A abertura do II Concilio Vaticano –comentou Plínio Corrêa de Oliveira– dá ensejo a que meditemos com particular atenção uma verdade quotidianamente posta sob os nossos olhos, e que entretanto o homem moderno, filho da Revolução, se recusa a reconhecer. A desigualdade justa e harmónica, está de tal maneira no âmago das grandes obras de Deus, que Nosso Senhor Jesus Cristo, ao fundar a obra prima da criação, que é o seu Corpo Místico,

a Santa Igreja Católica, constituiu-a em sociedade desigual, onde há um monarca que é o Papa, com jurisdição plena e directa sobre todos os Bispos e fiéis, há em cada diocese Príncipes espirituais a quem incumbe em união e comunhão com o Papa governar os fiéis, e há o Clero que, sob a direcção dos Bispos, rege nas várias paróquias o povo cristão" (26).

(26) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O Concílio e o igualitarismo moderno**", in Catolicismo, n° 142 (Outubro de 1962), p. 7.

O discurso inaugural do Papa, pronunciado em latim e imediatamente transmitido pelos meios de comunicação de todo o mundo, como observa o Padre Wenger, deu a chave para compreender o Concilio (27). "O discurso de 11 de Outubro era o verdadeiro mapa do Concílio. Mais que uma ordem do dia, estabelecia um espírito; mais que um programa, dava uma orientação" (28). A novidade não estava principalmente na doutrina, mas na nova disposição psicológica optimista com a qual se concebiam as relações entre a Igreja e o mundo: simpatia e "abertura".

(27) A. WENGER, "Vatican II", cit., vol. I, p. 39.

(28) Ibid., p. 38.

No seu discurso, João XXIII criticou os "profetas de catástrofes" (29) e sublinhou que da assembleia resultaria "um magistério de carácter prevalentemente pastoral". O Concilio, segundo o Pontífice, propunha-se formular, com linguagem adaptada aos novos tempos, o perene ensinamento da Igreja. A finalidade, segundo um termo destinado a entrar em voga, era o "aggiornamento" (30). Se o Concilio de Trento passou à História como o Concilio da Contra-Reforma, "é provável que o Vaticano II fique conhecido no futuro como o Concilio do Aggiornamento" (31).

(29) Documentation Catholique, 4 de Novembro de 1962, col. 1380.

(30) João XXIII, discursos de 11 de Setembro de 1960 e de 28 de Junho de 1961.

(31) Christopher BUTLER, O.S.B., "L'aggiornamento del Concilio Vaticano II", in "La teologia dopo il Vaticano II", John M. MILLER, C.S.C., Morcelliana, Brescia, 1967, p. 3 (pp. 3-16). "Aggiornamento", segundo D. Butler significa, também, etimologicamente, "modernização": "A Igreja devia modernizar-se" (ibid.).

A primeira sessão conciliar estendeu-se de 11 de Outubro a 8 de Dezembro de 1962. Na véspera da abertura do Concilio, Plínio Corrêa de Oliveira chegou a Roma, acompanhado de um grupo de amigos e discípulos da TFP brasileira (32). Permaneceu na Cidade Eterna até ao dia 21 de Dezembro, acompanhando todos os trabalhos da sessão, que se encerrou sem ter chegado a nenhuma deliberação. O seu estado de ânimo continuava a ser muito diverso do optimismo em expansão naquele tempo.

(32) Foram a Roma, entre outros, o Prof. Fernando Furquim de Almeida, o jovem príncipe Dom Bertrand de Orleães e Bragança, Luiz Nazareno de Assumpção Filho, Paulo Corrêa de Brito Filho, Fabio Xavier da Silveira, Carlos Alberto Soares Corrêa, Sérgio António Brotero Lefebvre. Este último tinha viajado antecipadamente por navio levando consigo vinte baús de material de propaganda católica, incluindo exemplares em diversas línguas de "Revolução e Contra-Revolução", do Prof. Plínio, e "Problemas do Apostolado moderno" de Mons. Castro Mayer.

"Esta viagem –escrevia à mãe– é fruto de longas reflexões. (...) Eu não poderia jamais, sob consideração nenhuma, renunciar a prestar à Igreja, à qual dediquei a minha vida, este serviço numa hora histórica tão triste como aquela da morte de Nosso Senhor" (33). Na mesma carta, Plínio afirma que "jamais o cerco dos inimigos externos da Igreja foi tão forte, e jamais também foi tão geral, tão articulada, tão audaciosa a acção dos seus inimigos internos".

(33) J.S. CLÁ DIAS, "Dona Lucília", cit., vol. III, p. 117.

Plínio Corrêa de Oliveira, que conhecia tão bem os mecanismos do processo revolucionário, sabia com quanta facilidade uma minoria organizada pode assenhorear-se de uma assembleia e impor a própria vontade a uma maioria passiva e desorientada. Foi o que aconteceu durante a Revolução Francesa e ocorreu novamente durante o Concílio Vaticano II, definido por alguns, não por acaso, como "o 1789 da Igreja". Desde o início organizou-se uma

eficaz estrutura (34), formada por um restrito grupo de Prelados da Europa Central, entre os quais os Cardeais Lercaro, Liénart, Frings, Koenig, Doepfner, Suenens, Alfrink, coadjuvados pelos seus "peritos" (35). Esta teve expressão nas reuniões semanais na Domus Mariae, durante as quais trocavam informações, ou se coordenavam as iniciativas "e eventualmente as pressões a exercer sobre a Assembleia" (36). Somente num segundo período, quando a minoria progressista tomou-se maioria na Assembleia, é que os defensores da Tradição começaram a organizar-se.

(34) Ao lado das actividades dos Padres Conciliares havia as dos especialistas: os oficiais ou "peritos", que assistiam às congregações gerais, sem direito de voto, e os assessores particulares, convidados por alguns Bispos na qualidade de conselheiros. Entre estes últimos estavam teólogos como os Padres Chenu, Congar, Daniélou, De Lubac, Häring, Küng, Rahner, Ratzinger, Schillebeeckx, que exerceram grande influência. Cfr. J. F. KOBLER, "Were theologians the engineers of Vatican II?", in Gregorianum, vol. LXX (1989), pp. 233-250.

(35) "A realidade do Concílio –segundo o Cardeal Siri– é esta: houve uma luta entre Horácios e Curiácios. Aqueles eram três contra três; no Concílio, quatro contra quatro. Do lado de lá: Frings, Liénart, Suenens, Lercaro. Do lado de cá: Ottaviani, Ruffini, Browne e eu" (Benny LAI, "Il Papa non eletto. Giuseppe Siri, Cardinale di Santa Romana Chiesa", Laterza, Roma-Bari, 1993, p. 233). Sobre as origens daquela que o Padre Wiltgen chama "A Aliança mundial" ("Le Rhin se jette dans le Tibre", cit., p. 128), cfr. também D. Hélder CÂMARA, "Les conversions d'un évêque", cit., pp. 152-153.

(36) R. AUBERT, "Organizzazione e funzionamento dell'assemblea", in "La Chiesa del Vaticano II", cit., p. 177.

Os Prelados brasileiros desenvolveram em Roma um papel importante. Se entre os chefes das falanges progressistas se tinha distinguido D. Hélder Câmara (37), no lado oposto figurava na primeira linha D. António de Castro Mayer e D. Geraldo de Proença Sigaud.

(37) "Este homem –recorda o Card. Suenens– desenvolveu um papel fundamental nos bastidores, ainda que nunca tenha tomado a palavra durante as sessões conciliares" (Léon J. SUENENS, "Ricordi e speranze", Edizioni Paoline, Cinisello Balsamo, 1993, p. 220).

Durante a primeira sessão do Concílio, Plínio Corrêa de Oliveira instalou em Roma um secretariado que acompanhou activamente os trabalhos da Assembleia e ofereceu um serviço constante, sobretudo aos dois Prelados brasileiros com os quais mantinha mais relações. Em torno deles logo se formou um grupo de Bispos e teólogos conservadores, entre os quais Mons. Luigi Carli, Mons. Marcel Lefèbvre, e um grupo de Professores da Universidade Lateranense, como Mons. António Piolanti e Mons. Dino Staffa. Estes reuniam-se às terças-feiras à tarde na Cúria Generalícia dos Agostinianos para examinar, com a ajuda de teólogos, os esquemas esporadicamente apresentados na Assembleia.

Mais tarde, em 22 de Outubro de 1963, num instituto religioso situado na Rua do Santo Ofício, teve lugar a primeira reunião do Grupo que assumiria o nome de Coetus Internationalis Patrum (38). Os Bispos participantes no encontro, cerca de trinta, decidiram encontrar-se com regularidade.

(38) Sobre o Coetus Internationalis: R. M. WILTGEN, "Le Rhin se jette dans le Tibre", cit, pp. 147-148; R. LAURENTIN, "Bilan de la troisième session", in "L'enjeu du Concile", cit., vol. III, p. 291; R. AUBERT, "Organizzazione e funzionamento dell'assemblea", cit., pp. 177-179; V. A. BERTO, "Notre-Dame de joie. Correspondance de l'abbé Berto, prêtre. 1900-1968", Editions du Cèdre, Paris, 1974, pp. 290-295; id., "Pour la Sainte Eglise Romaine. Textes et documents", Editions du Cèdre, Paris, 1976.

D. Geraldo de Proença Sigaud foi nomeado secretário, tendo sido por sua vez assistido pelo eficiente secretariado colocado à disposição pelos membros da TFP presentes em Roma.

Plínio Corrêa de Oliveira, que depois da sua volta a São Paulo acompanhava dia a dia o andamento da Assembleia, intuiu a profundidade da transformação em curso, que não só podia ser lida nas entrelinhas da linguagem teológica, mas também se exprimia em gestos

significativos, destinados a ter profundo impacto popular. O Concílio definiu-se como pastoral e não dogmático, mas no século da "heresia da acção", a praxis pode ter um alcance revolucionário maior que as ideias.

João XXIII faleceu após quatro anos de Pontificado a 3 de Junho de 1963. Decorridos apenas dezoito dias, em 21 de Junho, foi eleito Papa o Cardeal João Baptista Montini, Arcebispo de Milão, que tomou o nome de Paulo VI. Na sua primeira radiomensagem, assegurou que a parte mais relevante do seu pontificado seria dedicada à continuação do Concílio Ecuménico Vaticano II.

Embora preocupado com o previsível desenvolvimento dos acontecimentos, Plínio Corrêa de Oliveira quis manifestar, em Catolicismo, "a nossa adesão incondicional, o nosso amor sem limites, a nossa obediência inteira, não só à Cátedra Apostólica, mas também às Pessoas augustas do seu Ocupante de ontem e de seu Ocupante de hoje", não sem recordar que este último era o mesmo Prelado que em 1949 lhe mandara um cortês elogio em nome de Pio XII (39).

(39) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "...E sobre ti está edificada a Igreja", in Catolicismo, n° 151 (Julho de 1963).

Em 30 de Junho de 1963, quando o Papa, ao fim da Missa Pontifical, depôs a mitra e recebeu a tiara, ressoou pela última vez depois de muitos séculos a fórmula solene: "Recebe a tiara adornada de três coroas, e sabe que és pai dos príncipes e dos reis, guia do mundo, Vigário de Nosso Salvador Jesus Cristo, ao qual pertencem a honra e a glória pelos séculos dos séculos". Com efeito, entre as primeiras decisões de Paulo VI estava a de abolir os "flabelli", o baldaquino, a cadeira gestatória e, com a tiara, a própria cerimónia da coroação pontifícia.

A segunda sessão do Concílio, que sob muitos aspectos foi a mais importante, iniciou-se a 29 de Setembro e encerrou-se a 4 de Dezembro com a aprovação da constituição Sacrosanctum Concilium sobre a liturgia. Logo no início da segunda sessão, colocou-se, pela primeira vez na aula conciliar, a questão do comunismo (40).

(40) A respeito das relações entre a Igreja e o comunismo durante o Concílio cfr. R. M. WILTGEN S. V. D., "Council News Service", 2 vol., Divine Word News Service, Roma, 1963; id., "Le Rhin se jette dans le Tibre", cit., pp. 269-274; A. WENGER, "Vatican II", cit., vol. I, pp. 187-346; vol. II, pp. 297-316; G. F. SVIDERCOSCHI, "Storia del Concilio", cit.; Philippe LEVILLAIN, "La mécanique politique de Vatican II", Beauchesne, Paris, 1975, pp. 361-439; V. CARBONE, "Schemi e discussioni sull'ateismo e sul marxismo", cit.; Andrea RICCARDI, "Il Vaticano e Mosca 1940-1990", Laterza, Roma-Bari, 1993, pp. 217-304.

6. A Liberdade da Igreja no Estado Comunista

O pontificado de João XXIII, e depois, a abertura do Concilio, pareciam ter inaugurado um novo clima de "degelo" entre realidades já definidas pelo Magistério como antitéticas (41).

(41) Sobre a Ostpolitik, cujas premissas remontam aos anos 20 (A. WENGER, "Rome et Moscou 1900-1950", Desclée de Brouwer, Paris, 1987), cfr. Giancarlo ZIZOLA, "Giovanni XXIII. La fede e la politica", Laterza, Roma-Bari, 1988, pp. 55-211; A. RICCARDI, "Il Vaticano e Mosca", cit., pp. 217-264. Em 1976, o Padre Alessio Ulisse Floridi, membro durante 15 anos, como "sovietólogo", do colégio dos escritores de La Civiltà Cattolica, publicava um livro intitulado "Mosca e il Vaticano" (La Casa di Matriona, Milão, 1976) em que analisava a Ostpolitik vaticana sob um ângulo inusual: o da "dissensão" soviética, mostrando que aqueles que deveriam ter sido os beneficiários da política de distensão foram, na realidade, as vítimas. A seguir, recordando a participação no Concílio Vaticano Il dos "observadores" do Patriarcado de Moscou, cujo vínculo de directa dependência em relação ao Kremlin era conhecido, afirmava: "É certo que, da parte do Kremlin, havia um profundo interesse em impedir qualquer eventual tentativa do Concilio de condenar oficialmente o comunismo. (...) a Igreja Ortodoxa Russa levantou as suas reservas em relação ao Concílio somente depois que ficou claro que o Concilio não condenaria o comunismo" (In tema di dessenso e di Ostpolitik", entrevista com o Padre Alessio U. Floridi por R De MATTEI, in Cristianità, n° 32, Dezembro de 1977). Cfr. também Dennis J. DUNN, "Détente and Papal-

Communist relation. 1962-1978", Westview Press, Boulder (Colorado), 1979; Mireille MAQUA, "Rome-Moscou. L'Ostpolitik du Vatican", Cabay, Louvain-la-Neuve, 1984.

A 7 de Março de 1963 João XXIII recebeu em audiência, no Vaticano, Alexis Adjubei, genro de Kruschev e director do Izvestia (42). A Encíclica Pacem in terris (43), publicada em 11 de Abril de 1963, foi apresentada à opinião pública como base para uma futura colaboração entre movimentos de inspiração cristã e movimentos de inspiração socialista. Nela se inspirariam muitos teóricos da convergência entre católicos e comunistas, desde o filósofo francês Roger Garaudy até Franco Rodano, o inspirador do "compromesso storico" italiano (44). Entretanto, o Kremlin tinha feito saber que, se nas reuniões do Concílio se debatesse o problema comunista, os observadores eclesiásticos da igreja greco-cismática se retirariam. Esta ameaça contribuiu para paralizar os ambientes eclesiásticos para os quais o ecumenismo constituía um imperativo da hora presente.

(42) Poucos dias depois, o secretário do PCI, Togliatti, em plena campanha eleitoral, propôs oficialmente uma colaboração entre católicos e comunistas, afirmando que a "utopia religiosa" pode servir como fermento revolucionário no caminho para o socialismo (cfr. Rinascita, 30 de Março de 1963). Na Itália, nas eleições de 29 de Abril de 1963, o PCI aumentou a sua votação num milhão de votos, provenientes sobretudo dos ambientes católicos seduzidos pelo "diálogo" entre a Santa Sé e o regime soviético.

(43) Texto in AAS, vol. 55 (1963), pp. 257-304.

(44) Sobre Roger GARAUDY ("De l'anathème au dialogue "Plon, Paris, 1965), cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Garaudy esboça nova aproximação**" e "**A manobra Garaudy**", in Folha de S. Paulo, 8 e 15 de Março de 1970); Sobre Franco RODANO ("Questione democristiana e compromesso storico", Editori Riuniti, Roma, 1977) cfr. A. DEL NOCE, "Il cattolico comunista", Rusconi, Milão, 1981. Cfr. também Gianfranco MORRA, "Marxismo e religione", Rusconi, Milão, 1976.

A atitude dos governos comunistas nas relações com a Igreja Católica e todas as outras religiões estava a evoluir da perseguição aberta para uma tolerância limitada, que permitia uma restrita liberdade de culto e de palavra. Na primeira sessão do Concílio, alguns Prelados conservadores, com os quais Plínio Corrêa de Oliveira estava em contacto, concordavam com ele sobre o facto de que não era lícito aos católicos o acordo com o regime comunista, nem mesmo ao preço da concessão de alguma liberdade de culto. Consideravam, entretanto, que não era fácil demonstrar esta tese. Ele dedicou-se, então, a um novo estudo, que apareceu em Catolicismo, em Agosto de 1963 com o título "**A Liberdade da Igreja no Estado Comunista**" (45). Na obra, dedicada ao problema da liceidade da "coexistência pacífica" entre a Igreja e o regime comunista, o autor demonstra de forma inequívoca que os católicos não podem aceitar nenhum modus vivendi com o comunismo que implique na renúncia de defender o direito de propriedade privada, sancionado pelo 7° e 10° Mandamentos. O ensaio, traduzido em espanhol, francês e italiano, foi distribuído aos 2.200 Padres Conciliares e aos 450 jornalistas de todo o mundo presentes em Roma, obtendo uma repercussão que ultrapassou a Cortina de Ferro (46). Em 4 de Janeiro de 1964, uma versão integral do texto foi publicada no quotidiano romano Il Tempo, suscitando a atenção da opinião pública da Cidade Eterna. O livro teve numerosas edições em todo o mundo, tendo sido traduzido para várias línguas, e obteve uma **carta de aprovação assinada pelo Cardeal Giuseppe Pizzardo, Prefeito da Sagrada Congregação para os Seminários e Universidades, e por Mons. Dino Staffa, secretário do mesmo Dicastério, mais tarde Cardeal**. Nesta carta desejava-se "a mais larga difusão ao denso opúsculo, que é um eco fidelíssimo dos Documentos do supremo Magistério da Igreja".

(45) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A liberdade da Igreja no Estado comunista", in Catolicismo, n° 152, (Maio-Agosto de 1963); ibid., n° 161, (Maio de 1964); depois, com o título "Acordo com o regime comunista: para a Igreja, esperança ou autodemolição?", Editora Vera Cruz, São Paulo, 1974.

(46) O estudo foi violentamente atacado na Polónia pelo movimento "católico-comunista" Pax, nas suas publicações Kierunki (n° 8 de 3 de Janeiro de 1964) e Zycie i Mysl (n° 1-2 de 1964).

Também a revista Wiez de Varsóvia alinhou-se com Pax. Em França, o conhecido jornal católico de Paris L'Homme Nouveau (5 de Março de 1964) defendeu a obra que por sua vez foi atacada pela publicação progressista Témoignage Chrétien (n° 1035 de 1964). Sobre a "anomalia" polaca, ou seja, sobre aquele singular modelo histórico de convivência entre a Igreja católica e o Estado comunista na Polónia, cfr. Giovanni BARBERINI, "Stato socialista e Chiesa Cattolica in Polonia", CSEO, Bolonha, 1983; Norbert A. ZMUEWSKI, "The Catholic-marxist ideological dialogue in Poland 1945-1980", Darmouth Publishing Company, Aldershot (Inglaterra), 1991.

O núcleo do estudo é uma tese de Pio XII que Plínio Corrêa de Oliveira muito apreciava.

"Da forma dada à sociedade, de acordo ou não com as leis divinas, depende e se insinua também o bem ou o mal nas almas, ou seja, se os homens, chamados todos a ser vivificados pela graça de Cristo, nas terrenas contingências do curso da vida, irão respirar o são e vivificante hálito da verdade e da virtude moral, ou o bacilo mórbido e frequentemente letal do erro e da depravação" (47).

(47) Pio XII, Rádiomensagem "La solennità", de Pentecostes, 1° de Junho de 1941, in AAS, vol. 33 (1941), p. 197.

Com efeito, a ordem temporal pode exercer uma profunda acção, formadora ou deformadora, sobre a alma dos povos e dos indivíduos. A Igreja não pode renunciar a rectificar esta ordem, nem mesmo sob o pretexto de finalidades "espirituais".

"Renunciar a ensinar os dois preceitos do Decálogo que fundamentam a propriedade privada importaria em apresentar uma imagem desfigurada desse conjunto, e portanto do próprio Deus. Ora, onde as almas têm uma ideia desfigurada a respeito de Deus, elas formam-se segundo um modelo errado, o que é incompatível com a verdadeira santificação" (48).

(48) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Liberdade da Igreja no Estado Comunista", in Catolicismo n°161, (Maio de 1964). A exactidão desta tese foi demonstrada pelos últimos e dramáticos acontecimentos na Rússia e entre os ex-membros do Pacto de Varsóvia, nos quais decénios de domínio comunista produziram tantos e tais danos nas faculdades do homem, que ainda não foi possível reverter esta situação psicológica.

Por outro lado, a missão magisterial da Igreja tem por objecto um ensinamento que constitui um todo indivisível. "Não pode a Igreja aceitar na sua função docente um meio silêncio, uma meia opressão, para obter uma meia liberdade. Seria uma inteira traição à sua missão" (49).

(49) Ibid.

Durante a congregação geral de 20 de Outubro de 1963, foi apresentado aos Padres, por iniciativa de um grupo de prelados franceses, uma "mensagem à humanidade" redigida pelos dominicanos Chenu e Congar. A mensagem suscitou na assembleia várias críticas, entre as quais a de não conter nenhuma menção à "Igreja do Silêncio". Foi criticada em particular pelos Bispos ucranianos no exílio, que em seguida apresentaram uma declaração na qual se pedia a atenção do mundo para a ausência no Concílio de seu Metropolita Josef Slipyi, deportado para a Sibéria havia já dezassete anos, enquanto nas reuniões conciliares participavam dois observadores do Patriarcado de Moscou, definidos como "instrumento dócil e útil nas mãos do governo soviético" (50).

(50) G. F. SVIDERCOSCHI, "Storia del Concilio", cit., pp. 164-165. Dois dias depois da publicação deste documento, em 23 de Novembro, Mons. Willebrands, falando pelo Secretariado da União entre os cristãos, durante uma conferência de imprensa, defendeu os observadores russos, que tinham "manifestado um espírito sinceramente religioso e ecuménico", lamentando o comunicado dos Bispos ucranianos. Em 9 de Fevereiro do ano seguinte, o Cardeal Slipyi foi libertado de maneira imprevista e chegou a Roma; o mesmo aconteceu, nos primeiros meses de 1965, com o Arcebispo de Praga, D. Josef Beran.

A distribuição de "A Liberdade da Igreja no Estado Comunista" somou-se a duas outras importantes iniciativas: em 3 de Dezembro de 1963, D. António de Castro Mayer entregou oficialmente ao Cardeal Amleto Cicognani, Secretário de Estado, uma petição assinada por 213 Padres Conciliares de 54 nacionalidades diversas, na qual se pedia ao Santo Padre que dispusesse a elaboração e o estudo de um esquema de constituição conciliar em que:

"1. Se exponha com grande clareza a doutrina social católica, e se denunciem os erros do marxismo, do socialismo e do comunismo, do ponto de vista filosófico, sociológico e económico.

"2. Sejam afastados os erros e a mentalidade que preparam o espírito dos católicos à aceitação do socialismo e do comunismo, e que os tornem propensos a estes".

Estes erros e mentalidades, segundo os autores do texto, "encontram a sua origem na Revolução Francesa" (51).

(51) R. M. WILTGEN S. V. D., "Council News Service", cit., vol. I, p. 79. Cfr. o texto desta petição in Catolicismo, n° 157 (Janeiro de 1964).

O cunho contra-revolucionário da petição é evidente e revela como o texto do documento tinha sido inspirado por Plínio Corrêa de Oliveira (52).

(52) O Padre Wiltgen informava que "pouco antes da entrega das petições, um artigo de 16 páginas intitulado "A Liberdade da Igreja no Estado Comunista", escrito pelo Prof. Plínio Corrêa de Oliveira, um leigo católico professor universitário no Brasil, foi distribuído a cada Padre Conciliar. No artigo são dadas as provas doutrinárias para demonstrar que é contra os princípios católicos admitir que a Igreja possa existir e gozar da indispensável liberdade num Estado comunista" ("Council News Service", cit., vol. I, p. 79).

Dom Geraldo de Proença Sigaud, por sua vez, em 3 de Fevereiro de 1964 entregou pessoalmente a Paulo VI uma petição subscrita por 510 Prelados de 78 países, na qual se implorava ao Pontífice, que em união com todos os Bispos, consagrasse o mundo, e de maneira explícita, a Rússia, ao Imaculado Coração de Maria (53). Também neste caso, a contribuição do Prof. Plínio para a elaboração do texto tinha sido decisiva.

(53) O texto do histórico documento in Catolicismo, n° 159 (Março 1964).

As petições apresentadas pelos dois Bispos brasileiros e o livro do Prof. Corrêa de Oliveira constituíam, como ele mesmo assinalou em Catolicismo, um todo orgânico. "No seu conjunto, os três documentos constituem, cada qual a seu modo, três episódios de inconfundível importância, na luta contemporânea contra o maior adversário do Santo Padre, da Igreja Católica e da Cristandade" (54).

(54) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**À margem de três documentos providenciais**", in Catolicismo, n° 159 (de Março 1964), p. 3.

7. O silêncio sobre o comunismo: um Concilio malogrado?

Marxismo e comunismo estiveram no centro da discussão do esquema sobre a Igreja no mundo contemporâneo, durante a terceira sessão do Concílio inaugurada em 14 de Setembro de 1964. Pesou sobre a discussão a Encíclica de Paulo VI Ecclesiam Suam, publicada dois meses antes, em 6 de Agosto de 1964. Nesta, o Pontífice deplorava os sistemas ideológicos negadores de Deus e opressores da Igreja no mundo, mas fazia votos de "que estes possam um dia iniciar com a Igreja outro diálogo positivo, diverso do actual, em que nos obrigamos a deplorar e lamentar" (55). "Pela primeira vez –observa um historiador contemporâneo– entrava numa encíclica a política de diálogo com os não crentes e os regimes socialistas" (56).

(55) AAS, vol. LVI (1964), n° 10, pp. 651-654.

(56) A. RICCARDI, "Il Vaticano e Mosca", cit., p. 269.

No exame geral do esquema conciliar, que omitia qualquer referência ao comunismo, o tema foi abordado por muitos Padres com orientações diversas. O Cardeal Josef Frings, em

nome dos Bispos de línguas alemã e escandinava, pediu que não se usasse a palavra comunismo, para evitar qualquer aparência de ingerência política e de alinhamento com o capitalismo (57). Na posição oposta, Mons. Yu Pin, Arcebispo de Nanquim, em nome de setenta Padres Conciliares, requereu fosse acrescentado um novo capítulo, ou pelo menos uma solene declaração sobre o comunismo, para satisfazer a expectativa dos povos que gemiam sob o jugo comunista (58).

(57) Acta Synodalia sacrosancti concilii oecumenici Vaticani II, Typis Poliglottis Vaticanis 1978, vol. III, pars V, p. 510.

(58) Acta Synodalia, cit., vol. III, pars V, p. 378.

Em 7 de Abril de 1965, enquanto o esquema era submetido a uma revisão, Paulo VI instituiu um Secretariado para os não-crentes, a fim de promover o "diálogo" com estes. A presidência do organismo foi confiada a um austríaco, o Cardeal Kónig, que servira muitas vezes de intermediário entre a Santa Sé e os governos comunistas.

Em 14 de Setembro de 1965 iniciou-se a quarta e última sessão do Concílio (59). Em 21 de Setembro, depois do relatório de Mons. Garrone, abriu-se o debate sobre o esquema de uma "Constituição Pastoral" concernente às relações entre a Igreja e o mundo. O texto distribuído aos Padres não fazia nenhuma referência explícita ao comunismo. Com efeito, segundo os redactores do documento, uma condenação entraria em dissonância com o carácter pastoral do Vaticano II, e constituiria um obstáculo ao "diálogo" com os regimes comunistas.

(59) Paulo VI anunciou duas decisões que provocaram alvoroço: a instituição de um Sínodo dos Bispos que ofereceria ao Papa, com intervalos regulares, o contributo "do seu conselho e da sua colaboração", e a aceitação do convite para visitar a ONU por ocasião do XX aniversário da sua fundação (R. AUBERT, "Il Concilio", cit., p. 323).

O Patriarca libanês Máximo IV Saigh sustentou que, para salvar a humanidade do ateísmo, era preciso, em vez de condenar o marxismo, denunciar as causas que provocam o comunismo ateu, propondo "uma mística dinâmica e uma vigorosa moral social, demonstrando que está em Cristo a fonte do esforço dos trabalhadores em direcção à sua verdadeira libertação" (60). Um jugoslavo, o Cardeal Seper, mostrou-se contrário à condenação do ateísmo comunista, afirmando que uma parte da responsabilidade pelo ateísmo moderno era daqueles cristãos que, com pertinácia, continuavam a defender a ordem estabelecida e a imutabilidade das estruturas sociais. "Por isso, proclamamos claramente que aquele conservadorismo rígido e aquele imobilismo, os quais alguns insistem em atribuir à Igreja Católica, é alheio ao verdadeiro espírito evangélico" (61). Mais explícito ainda foi o Cardeal König, que convidou os católicos, nos países submetidos ao comunismo, a prestar testemunho ao Deus Vivo colaborando sinceramente para o progresso económico e social do regime, para demonstrar que podem brotar da religião energias maiores que as do ateísmo. Não faltaram entretanto protestos e censuras por parte de D. Geraldo de Proença Sigaud (62), de D. Castro Mayer (63) e de outros Prelados como o Cardeal italiano Ermenegildo Florit e o jesuíta checo Mons. Pavel Hnilica, ordenado clandestinamente e recém-chegado ao Ocidente. "É conveniente falar a respeito do materialismo dialético –afirmou Mons. Elko, Bispo dos Rutenos em Pittsburg (EUA)– como sendo a peste da sociedade moderna e condená-lo como se deve, para que os séculos futuros não venham a considerar-nos timoratos e pusilânimes, por termos tratado disto apenas indirectamente" (64). "Todas as vezes que se reuniu um Concílio Ecuménico – disse por sua vez o Cardeal António Bacci– foi para resolver os grandes problemas que se agitavam na época e condenar os erros de então. Creio que calar este ponto seria uma lacuna imperdoável, melhor dito, um pecado colectivo. (...) Esta é a grande heresia teórica e prática dos nossos tempos; e se o Concílio não se ocupar disto, poderá parecer um Concilio malogrado!" (65)

(60) Acta Synodalia, cit. (1977), vol. IV, pars II, p. 451.

(61) G. F. SVIDERCOSCHI, "Storia del Concilio", cit., pp. 595-596.

(62) Acta Synodalia, cit., vol. IV, pars I, p. 555.

(63) Acta Synodalia, cit., vol. IV, pars I, pp. 371-372. Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Lúcida e relevante intervenção do Bispo-diocesano no Concílio**", in Catolicismo, n° 179 (Novembro de 1965), p. 8.

(64) Acta Synodalia, cit., vol. IV, pars II, p. 480.
(65) Acta Synodalia, cit., vol. IV, pars II, pp. 669-670.

8. Novo género de relações entre a Igreja e o mundo

Em 9 de Outubro de 1964, encerrada a discussão sobre o ateísmo, o Coetus Internationalis Patrum apresentou uma petição na qual se pedia que "... depois do parágrafo n° 19 do esquema A Igreja no mundo contemporâneo, que trata do problema do ateísmo, se acrescente um novo e apropriado parágrafo que trate expressamente do problema do comunismo" (66).

(66) Sobre todo o caso cfr. A. WENGER, "Vatican II. Chronique de la quatrième session", cit., pp. 147-173; R. WILTGEN, "Le Rhin se jette dans le Tibre", cit., pp. 272-278; V. CARBONE, "Schemi e discussioni", cit., pp. 45-68. O texto da petição in Acta Synodalia. cit., vol. IV, pars II, pp. 898900. Cfr. também P. LEVILLAIN, « La mécanique politique de Vatican II », cit., pp. 343-360.

Se o Vaticano II tem um carácter eminentemente pastoral, perguntava a petição, "que problema é mais pastoral do que este: impedir que os fiéis se tornem ateus através do comunismo?" Se o Concílio se calasse sobre problema de tal alcance, este silêncio, na mente dos fiéis, equivaleria "a uma tácita abrogação de tudo quanto os últimos Sumos Pontífices disseram e escreveram contra o comunismo". A existência das declarações de tantos Papas não é motivo para ignorar o problema, porque "maior força e eficácia teria o consenso solene de todo o Concílio"; nem "pode ocorrer que os cristãos da Igreja do Silêncio passem no futuro por maior sofrimento do que o que têm hoje" (67).

(67) O texto da proposta encontra-se no estudo "Il comunismo e il Concilio Vaticano II", de Mons. Luigi M. CARLI, na obra de Dom Giovanni SCANTAMBURLO, "Perché il Concilio non ha condannato il comunismo? Storia di un discusso atteggiamento", L'Appennino, Roma, 1967. pp. 177-240. Cfr. também G. F. SVIDERCOSCHI, "Storia del Concilio", cit., pp. 604-605.

A petição foi entregue por D. Geraldo de Proença Sigaud e por Mons. Marcel Lefebvre na Secretaria Geral, em mãos do francês Mons. Glorieux. Este, entretanto, não a comunicou às comissões que estavam a trabalhar no esquema, com o pretexto de não desejar estorvar o seu trabalho. A solicitação tinha sido subscrita por nada menos que 454 Prelados de 86 países, os quais ficaram estupefactos quando, no sábado 13 de Novembro, receberam o novo texto na aula conciliar, sem nenhuma alusão aos seus pedidos. No mesmo dia, Mons. Carli endereçou à Presidência do Concílio uma carta de protesto, denunciando a arbitrariedade da comissão, que tinha ignorado um documento de tão grande alcance. Apesar dos protestos, no dia 15 de Novembro, Mons. Garrone afirmou que o "modo de proceder" da comissão concordava com a "finalidade pastoral" do Concílio, com a "vontade expressa" de João XXIII e de Paulo VI, e com o teor das discussões que tiveram lugar sobre esse assunto na assembleia (68). Mons. Carli confirmou o seu recurso, ao mesmo tempo que o escândalo explodia na imprensa (69).

(68) Ibid., p. 607.

(69) A controvérsia chegou à mesa de Paulo VI que julgou não ser o caso de intervir com o seu peso para sanar a grave irregularidade. Em 26 de Novembro, no escritório do Papa, no terceiro andar do Palácio Apostólico, reuniram-se os Cardeais Tisserant e Cicognani, e os Monsenhores Garrone, Felici e Dell'Acqua. Antes do início da reunião, o Cardeal Tisserant tinha entregue ao Papa uma carta em que afirmava entre outras coisas: "Os anátemas jamais converteram ninguém e, se foram úteis no tempo do Concílio de Trento, quando os príncipes podiam obrigar os seus súbditos a passar para o protestantismo, não servem já hoje, quando cada qual tem o senso da sua independência. Como Vossa Santidade já o disse, uma condenação conciliar do comunismo seria considerada pela maioria como uma jogada de carácter político, coisa que traria imenso dano à autoridade do Concilio e da própria Igreja" (cit. in V. CARBONE, "Schemi e discussioni", cit., p. 58).

Em 3 de Dezembro, o Coetus Internationalis Patrum endereçou um último apelo aos Padres Conciliares a fim de que votassem contra o esquema no seu todo, uma vez que já não era possível obter emendas parciais. Com efeito, 131 Padres votaram contra o documento sobre o ateísmo, enquanto 75 vozes se pronunciaram contra a Constituição Pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo moderno. Esta Constituição –invertendo completamente a posição do Sillabus, como observou o Cardeal Ratzinger (70)– quis ser uma definição completamente nova das relações entre a Igreja e o mundo.

(70) O Cardeal Ratzinger define a Gaudium et Spes como "uma revisão do Sillabus de Pio IX, uma espécie de anti-Sillabus, (...) na medida em que representa uma tentativa de reconciliação oficial da Igreja com o mundo tal como este evoluiu depois de 1789" ("Les principes de la Théologie catholique", Téqui, Paris, 1982, pp. 425-427). "Esta constituição –comenta por sua vez Mons. Jedin– foi saudada com entusiasmo, mas a sua história posterior já demonstrou que, então, o seu significado e a sua importância foram largamente superestimados, e que não se havia compreendido quão profundamente aquele `mundo', que se desejava ganhar para Cristo, havia penetrado na Igreja" ("Il Concilio Vaticano II", cit., p. 151).

No dia 5 de Dezembro teve lugar, com a presença de Paulo VI, um encontro interconfessional de oração, o primeiro de que tinha participado um Pontífice, no curso do qual representantes de todas as confissões religiosas presentes declamaram passagens da Sagrada Escritura (71). Na tarde de segunda-feira, L'Ossservatore Romano publicou o decreto que abolia o Índice dos livros proibidos e transformava o "Santo Ofício" em "Congregação para a Doutrina da Fé", afirmando que "dado que a caridade exclui o temor, agora se provê melhor à defesa da fé promovendo a doutrina" (72). Um abraço público entre Paulo VI e o metropolita greco-cismático Meliton de Heliópolis, vindo de Constantinopla, sancionou o cancelamento da excomunhão de 1054, da Igreja Católica contra a Igreja "Ortodoxa". Na sua homilia, Paulo VI recordou que no Concílio se tinha produzido o encontro entre "a religião do homem" e a "religião de Deus", não deixando de suscitar "assombro e escândalo" (73).

(71) Cfr. G. CAPRILE, "Il concilio Vaticano II", cit., vol. V, pp. 453-457.

(72) AAS, vol. 57 (1965), pp. 952-955.

(73) A. WENGER, "Les trois Romes", Paris, 1991, p. 190. 0 texto da homilia in Acta synodalia, cit., vol. IV, pars VII, pp. 654-662.

Em 7 de Dezembro realizou-se a última sessão pública do Concilio Vaticano II. Na presença do Papa, o secretário geral do Concílio Mons. Péricles Felici propôs à aprovação dos Padres Conciliares os últimos documentos: a Constituição Pastoral Gaudium et Spes; os decretos Ad Gentes sobre a actividade missionária da Igreja e Presbyterorum Ordinis sobre o ministério sacerdotal, a declaração Dignitatis Humanae sobre a liberdade religiosa.

O Concilio Vaticano II encerrava-se sem uma explícita condenação do comunismo; o facto era de tal relevo "que induzia a crer no rumor de ter existido um explícito acordo entre o Patriarcado de Moscovo e a Santa Sé" (74). O silêncio do Concilio sobre o comunismo constituía, com efeito, impressionante omissão da histórica assembleia. A cerimónia de encerramento do Concilio realizou-se a 8 de Dezembro de 1965. Esta, recorda com certa amargura Mons. Hubert Jedin nas suas memórias, "não corresponde ao conceito que eu fazia da solenidade própria a um Concilio ecuménico. Foi uma manifestação e, enquanto tal, uma concessão à época das massas e da imprensa" (75).

(74) A. RICCARDI, "Il Vaticano e Mosca ", cit., p. 281.

(75) Mons. H. JEDIN, "Storia della mia vita", tr. it., Morcelliana, Brescia, 1987, p. 321.

Bem se pode imaginar a preocupação de Plínio Corrêa de Oliveira perante às conclusões do Concilio e, talvez, a sua perplexidade com o facto de que os dois Prelados brasileiros que lhe eram chegados e o próprio Mons. Lefèbvre tivessem assinado o conjunto dos Actos Conciliares, até mesmo os documentos que tinham combatido na aula conciliar (76). O certo é que Plínio Corrêa de Oliveira assumiu uma postura de respeitoso silêncio, à espera de que os factos confirmassem tudo quanto ele já previra.

(76) Num primeiro momento, Mons. Lefèbvre pareceu negar ter assinado estes documentos (Itinéraires, Abril de 1977, pp. 224, 231). A sua assinatura consta entretanto nas Acta

synodalia, cit., vol. IV, pars VII, p. 809, 823. Mons. Carbone, responsável pelo Arquivo histórico do Vaticano II, verificou que a assinatura autêntica consta nos originais (D. MENOZZI, "La Chiesa cattolica e la secolarizzazione", cit., p. 224). O significado da assinatura foi sublinhado pela revista Sedes Sapientiae n° 131 (Inverno de 1990) pp. 41-42 e n° 35 (Inverno de 1991) e pelo P. Georges de NANTES, "Situation tragique de l'Eglise", in La Contre-Réforme Catholique au XXe. siècle, n° 266 (Julho de 1990), e n°s. 280, 281, 282 (Fevereiro-Março, Abril, Maio de 1992).

"Sob a presidência de João XXIII e depois de Paulo VI, reuniu-se o Concílio Ecuménico mais numeroso da História da Igreja. Nele estava assente que iriam ser tratados todos os mais importantes assuntos da actualidade, referentes à causa católica. Entre esses assuntos não poderia deixar de figurar –absolutamente não poderia!– a atitude da Igreja face ao seu maior adversário naqueles dias. Adversário tão completamente oposto à sua doutrina, tão poderoso, tão brutal, tão ardiloso como outro igual a Igreja não encontrara na sua História, então já quase bimilenar. Tratar dos problemas contemporâneos da religião sem tratar do comunismo, seria algo de tão falho quanto reunir hoje em dia um congresso mundial de médicos para estudar as principais doenças da época, e omitir do programa qualquer referência à Sida...
Pois foi o que a Ospolilik vaticana aceitou da parte do Kremlin" (77).

(77) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Comunismo e Anticomunismo na orla da última década deste milênio**", cit.

9. A "Resistência" à Ostpolitik vaticana

A Ostpolitik vaticana teve numerosos críticos em todo o mundo, a começar por aqueles que deveriam ter sido os seus beneficiários e que declararam serem, pelo contrário, as suas vítimas: os cristãos do Leste europeu. Mas a manifestação de discordância pública mais relevante no campo católico foi, indiscutivelmente, a histórica **Declaração de Resistência** publicada em 1974 em 21 jornais de diversos países, pelas TFPs então existentes nos continentes europeu e americano. O autor e primeiro signatário da histórica declaração foi Plínio Corrêa de Oliveira.

Em 1972, a "distensão" tinha recebido um extraordinário impulso com as viagens de Nixon à China e à Rússia (78). O objetivo da política desenvolvida em escala mundial pelo presidente americano e pelo seu Secretário de Estado Henry Kissinger era idêntico ao da política que Willy Brandt, chanceler socialista da Alemanha, desenvolvia em escala europeia: a ideia de uma "convergência" entre o bloco ocidental e o comunista. O único resultado desta política de colaboração, fundada sobre o eixo privilegiado Washington-Moscovo, foi o de adiar por vinte anos, graças às ajudas económicas, o inevitável desmoronamento do império comunista, enquanto a agressividade soviética continuava a crescer na mesma proporção em que aumentavam os subsídios mandados pelo Ocidente.

(78) Segundo Plínio Corrêa de Oliveira, "pode-se afirmar sem exagero o seguinte: desde a bolchevização da Rússia, o comunismo não teve vitória igual. Até mesmo as conquistas catastróficas que a moleza (chamemo-la assim) de Roosevelt proporcionara ao comunismo em Yalta, não iguala em nocividade os resultados difusos mas profundos da `quebra das barreiras ideológicas' operada pela dupla Nixon-Kissinger" ("**A crise louca**", in Folha de S. Paulo, 18 de Agosto de 1974).

No campo eclesiástico, Mons. Agostinho Casaroli (79), "Ministro dos Negócios Estrangeiros" de Paulo VI, adoptava uma política de entendimento com o comunismo análoga à de Brandt e de Kissinger. Uma das mais ilustres vítimas da Ostpolitik vaticana foi o Cardeal Mindszenty, Primaz da Hungria e herói da resistência anticomunista que, em 1974, foi destituído da Arquidiocese de Esztergom por Paulo VI e exilado em Roma, a fim de facilitar a aproximação entre a Santa Sé e o Governo húngaro (80).

(79) Nascido perto de Piacenza em 1914, Agostino Casaroli foi ordenado Sacerdote em 1937, e em 1940 entrou para o serviço da Secretaria de Estado, onde desenvolveu toda a sua carreira eclesiástica. Em 1963 recebeu de João XXIII a incumbência de viajar a Budapeste e a Praga para explorar a possibilidade de retomar contactos com aqueles governos. Iniciou assim uma longa

série de viagens e encontros nos países do Leste comunista que o levou a realizar, sobretudo no pontificado de Paulo VI, a política vaticana conhecida pelo nome de Ostpolitik. João Paulo II nomeou-o em 1979 Cardeal, prefeito do Conselho para os Negócios Públicos da Igreja e seu Secretário de Estado, cargo que ocupou até ao dia 1 de Dezembro de 1990. Cfr. Alceste SANTINI, "Casaroli, l'uomo del dialogo", Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 1993.

(80) Do Cardeal József MINDSZENTY cfr. as "Memórias", tr. it. Rusconi, Milão, 1975. Quando em 5 de Fevereiro de 1974, se tornou de domínio público a notícia de sua destituição, o Card. Mindszenty lançou um comunicado em que declarava nunca ter renunciado à seu cargo de Arcebispo nem à sua dignidade de Primaz da Hungria, sublinhando que "a decisão foi tomada unicamente pela Santa Sé" (ibid., p. 372).

"No panorama de devastação geral, –escreveu Plínio Corrêa de Oliveira– o Cardeal Mindszenty tem-se erguido como o grande inconformado, o criador do grande caso internacional, de uma recusa inquebrantável, que salva a honra da Igreja e do género humano. O seu exemplo –com o prestígio da púrpura romana intacta nos ombros robustos de pastor valente e abnegado– móstrou aos católicos que não lhes é lícito acompanhar as multidões que vão dobrando o joelho ante Belial" (81).

(81) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Ao grande criador do caso imenso**", in Folha de S. Paulo, 31 de Março de 1974. Cfr. também id., "**A glória, a alegria, a honra**", in Folha de S. Paulo, 10 de Fevereiro de 1974; "**Ternuras que arrancariam lágrimas**", in Folha de S. Paulo, 13 de Outubro de 1974; "**Conforme queria Budapeste**", in Folha de S. Paulo, 20 de Outubro de 1974.

Poucos dias depois, em 10 de Abril de 1974, a Folha de S. Paulo publicava, como matéria paga, uma ampla declaração da TFP brasileira com o título "**A política de distensão do Vaticano com os governos comunistas – Para a TFP: omitir-se ou resistir?**"

No mesmo ano, por ocasião de uma viagem a Cuba, Mons. Casaroli tinha afirmado que "os católicos que vivem em Cuba estão felizes sob o regime comunista" e que "os católicos e, em geral, o povo cubano, não têm a menor dificuldade com o governo socialista" (82). Este episódio é recordado na declaração da TFP, ao lado de outros não menos significativos: a viagem à Rússia em 1971, feita por Mons. Willebrands, Presidente do Secretariado para a União dos Cristãos, a fim de encontrar-se com o bispo "ortodoxo" Pimen, homem de confiança do Kremlin, e o apoio do Cardeal Raúl Silva Henríquez, Arcebispo de Santiago do Chile, ao líder marxista Salvador Allende.

(82) Cfr. O Estado de S. Paulo, 7 de Abril de 1974. No curso da viagem, realizada entre 27 de Março e 5 de Abril de 1974 atendendo a convite do Episcopado cubano, Mons. Casaroli teve colóquios com expoentes do governo e com Fidel Castro. No ano seguinte esteve na República Democrática Alemã e entre 30 de Julho e o 1 de Agosto de 1975 tomou parte, como delegado especial de Paulo VI, na Conferência sobre a "segurança" de Helsinki, assinando, em nome da Santa Sé, a acta final.

Perante tais factos, Plínio Corrêa de Oliveira, em nome da TFP, escrevia com linguagem respeitosa mas, ao mesmo tempo, firme:

"A diplomacia de distensão do Vaticano com os governos comunistas cria, entretanto, para os católicos anticomunistas, uma situação que os afecta a fundo, muito menos enquanto anticomunistas do que enquanto católicos. Pois a todo o momento se lhes pode fazer uma objecção supremamente embaraçosa: a acção anticomunista que efectuam não conduz a um resultado precisamente oposto ao desejado pelo Vigário de Jesus Cristo? E como se pode compreender um católico coerente, cuja actuação ruma em direcção oposta à do Pastor dos Pastores? Tal pergunta traz como consequência, para todos os católicos anticomunistas, uma alternativa: cessar a luta, ou explicar a sua posição.

"Cessar a luta, não o podemos. E é por imperativo da nossa consciência de católicos que não o podemos. Pois se é dever de qualquer católico promover o bem e combater o mal, a nossa consciência impõe-nos que difundamos a doutrina tradicional da Igreja, e combatamos a doutrina comunista. (...) A Igreja não é, a Igreja nunca foi, a Igreja jamais será tal cárcere para as consciências. O vínculo da obediência ao Sucessor de Pedro, que jamais romperemos, que amamos com o mais profundo da nossa alma, ao qual tributamos o melhor do nosso

amor, esse vínculo nós o osculamos no momento mesmo em que, triturados pela dor, afirmamos a nossa posição. E de joelhos, fitando com veneração a figura de Sua Santidade o Papa Paulo VI, manifestamos-lhe toda a nossa fidelidade.

"Neste acto filial, dizemos ao Pastor dos Pastores: A nossa alma é vossa, a nossa vida é Vossa. Mandai-nos o que quiserdes. Só não nos mandeis que cruzemos os braços diante do lobo vermelho que investe. A isso se opõe a nossa consciência" (83).

(83) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Política de distensão do Vaticano...", in Catolicismo n° 280 (Abril de 1974). Publicado também em 36 jornais brasileiros e depois reproduzido em 73 órgãos de imprensa, entre jornais e revistas de onze paises, sem receber a mínima objecção a respeito da sua ortodoxia e da sua correcção canónica.

A obediência à hierarquia eclesiástica, que o catecismo e a própria fé nos impõem, não é incondicional; ela certamente possui limites, como afirmam todos os teólogos. O "Dicionário de Teologia Moral" publicado pelos Cardeais Roberti e Palazzini explica, por exemplo: "É claro que nunca é lícito obedecer a um Superior, que ordene algo contrário às leis divinas ou eclesiásticas; dever-se-ia, nesse caso, repetir as palavras de São Pedro: é preciso obedecer antes a Deus que aos homens (At. 5, 29)" (84).

(84) D. Gregorio MANISE, O.S.B., verbete "Obbedienza", in DTM, p. 1115.

Esta legítima "desobediência" a uma ordem de si injusta em matéria de fé e moral pode estender-se, em casos particulares, até à resistência mesmo pública à autoridade eclesiástica. Arnaldo V. Xavier da Silveira, num estudo dedicado à Resistência pública às decisões da autoridade eclesiástica (85), provou bem esta tese, transcrevendo citações de Santos, Doutores da Igreja e ilustres teólogos, os quais demonstram que –em caso de "perigo iminente para a fé" (86) (São Tomás de Aquino) ou de "agressão às almas" (87) (São Roberto Bellarmino) no campo doutrinário– é legítimo, por parte dos fiéis, o direito à resistência, até mesmo pública, à autoridade eclesiástica.

(85) Arnaldo XAVIER DA SILVEIRA, "La nouvelle Messe de Paul VI: qu'en penser?", Diffusion de la Pensée Française, Chiré-en-Montreuil, 1975, pp. 319-334.

(86) Segundo São Tomás de Aquino existe o direito de resistir publicamente, em determinadas circunstâncias, a uma decisão do Romano Pontífice. Afirma a propósito o Doutor Angélico: "existindo um perigo próximo para a fé, os Prelados devem ser repreendidos, até publicamente, por parte dos seus súbditos. Assim São Paulo, que era súbdito de São Pedro, repreendeu-o publicamente, em razão de um perigo iminente de escândalo em matéria de fé. E, como diz o comentário de Santo Agostinho, `o próprio São Pedro deu o exemplo aos que governam, a fim de que estes, afastando-se alguma vez do bom caminho, não recusem como indevida uma correcção mesmo vinda dos seus próprios súbditos" (Gal. 2, 14)" (Summa Theologica, II-II, 33, 4, 2).

(87) Um outro grande teólogo, o Cardeal jesuíta São Roberto Bellarmino, campeão dos direitos do Papado na luta contra o protestantismo, afirma: "assim como é lícito resistir ao Pontífice que agride o corpo, da mesma forma é lícito resistir àquele que agride as almas, ou que perturba a ordem civil ou, sobretudo, àquele que tentasse destruir a Igreja. Digo que é lícito resistir-lhe deixando de fazer aquilo que ordena e impedindo a execução da sua vontade; mas não é lícito julgá-lo, puni-lo e depô-lo, porque estes actos são próprios de um superior" (De Romano Pontefice, II, 29).

Donde a liceidade de uma atitude de "resistência": "Uma resistência que não é separação, não é revolta, não é acrimónia, não é irreverência. Pelo contrário, é fidelidade, é união, é amor, é submissão" (88). Apoiando-se na atitude de São Paulo que "resistiu em face" a São Pedro (89), Plínio Corrêa de Oliveira escrevia: "No sentido em que São Paulo resistiu, o nosso estado é um acto de resistência" (90). Esta declaração de resistência foi publicamente assumida por todas as Associações de Defesa da Tradição, Família e Propriedade, e entidades afins então existentes nas Américas e Europa.

(88) Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A política de distensão do Vaticano. ". cit.

(89) Gal. 2, 11.

(90) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A Política de distensão do Vaticano.", cit.

Vinte anos depois do Concílio, a "Instrução sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação", da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé (91), que definia o marxismo como "uma vergonha do nosso tempo", parecia vir dar razão à declaração de "resistência" da TFP e dos católicos anticomunistas de todo o mundo à Ostpolitik (92).

(91) Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução Libertatis nuntius, cit.

(92) A declaração foi saudada por Plínio Corrêa de Oliveira como "o jacto de água fresca e benfazeja lançada por uma mangueira de bombeiro". "Para quem se afligia diante desse espectáculo, por enquanto trágico, mas que dentro em breve pode transformar-se em apocalíptico – comentou Plínio Corrêa de Oliveira– ver que um órgão como a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé afirma, preto sobre o branco, a incompatibilidade da doutrina católica com o marxismo é algo de análogo a que alguém, dentro de um incêndio, sinta chegar a si, inopinadamente, o jacto de água fresca e benfazeja de uma mangueira de bombeiros.

"E a mim que, como presidente do Conselho Nacional da TFP brasileira, fui o primeiro signatário da Declaração de Resistência à Ostpolitik vaticana, incumbe o dever de justiça de manifestar aqui a alegria, a gratidão e sobretudo a esperança que sinto, dentro do incêndio, com a chegada desse alívio.

"Sei que irmãos de Fé extrínsecos aos arraiais da TFP, sobretudo fora do Brasil, se abstêm de externar análogos sentimentos, notadamente porque julgam que uma só mangueira é insuficiente para apagar todo um incêndio.

"Também julgo que uma só mangueira não apaga um incêndio. Mas isto não impede de saudá-la como um benefício. Tanto mais quanto não tenho prova de que ficaremos só com essa mangueira. - Não foi inesperada a `Instrução' do Cardeal Ratzinger? Um passo inesperado não convida a esperar outros na mesma linha, também mais ou menos inesperados?" (Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Un primo ostacolo agli errori diffusi dalla teologia della liberazione", in Cristianità, n.° 117, Janeiro 1985).

10. A denúncia do "diálogo" modernista

Enquanto a palavra "diálogo" voava de boca em boca, na esteira da Encíclica Ecclesiam Suam, Plínio Corrêa de Oliveira publicava, em 1965, um novo e importante estudo: "**Baldeação ideológica inadvertida e Diálogo**" (93). Nele, o autor denuncia o uso do termo "diálogo" como fazendo parte de uma técnica de persuasão que ocupa, na estratégia marxista da conquista do poder, um lugar não inferior ao da violência clássica.

(93) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Baldeação ideológica inadvertida e diálogo", in Catolicismo, n° 178-179, (Outubro-Novembro 1965) e também Editora Vera Cruz, São Paulo, 1974 (5 ed.).

Silvio Vitale, no prefácio à edição italiana dessa obra, assim sintetizava a análise apresentada pelo Prof. Plínio:

"Através do diálogo, o comunismo conquista a oportunidade de induzir o interlocutor católico a colocar-se num plano de relativismo hegeliano: o colóquio desenvolve-se entre pessoas que, no confronto entre tese e antítese, voltam os seus olhares implicitamente para uma síntese que abarque e supere as primeiras. Tal posição é plenamente coerente com o comunismo. (...) Para o católico, pelo contrário, ela é ruinosa porque, aceitando tal tipo de colóquio, passa a contradizer a existência da verdade e do bem como absolutos, imutáveis, transcendentes. (...) O interlocutor incauto parte convencido de que se pode chegar à verdade e portanto à unidade através do próprio empenho em persuadir o adversário. Depois começa a considerar como fim supremo da interlocução não a verdade, mas a unidade. Em seguida, chega a convencer-se de que não existem verdade e erro objectivos, pelo que não é necessário persuadir ninguém para chegar à unidade. De facto, convence-se de que só em função de `verdades relativas' e contingentes a unidade pode efectivamente afirmar-se e

progredir. Neste ponto, completamente à mercê da utopia irenista, não é dominado por outro fim que não seja o da coexistência com o adversário a qualquer preço" (94).

(94) Silvio VITALE, prefácio a Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Trasbordo ideologico inavvertito e dialogo", Edizione de l'Alfiere, Nápoles, 1970, pp. 6-7, tr. it. de Baldeação ideológica, cit.

Poucas análises da dialéctica hegeliana ombreiam com a obra do pensador brasileiro, na qual a profundidade metafísica faz-se acompanhar de uma grande capacidade de análise psicológica e linguística. Recorda ele que, segundo São Tomás, um dos motivos pelo qual Deus permite o erro e o mal é para que, por contraste, ressalte melhor o esplendor da verdade e do bem (95). Ora, como tornar patente este contraste, senão através da denúncia, aberta e categórica, de tudo quanto o erro contém de falso e o mal de censurável? Com tal denúncia – imposta pelo conselho do Evangelho: "Seja este o vosso modo de falar: sim, sim; não, não"– produz-se um salutar conflito na alma de quem escuta, eliminando equívocos e incertezas e impulsionando-a rumo à adesão à verdade integral.

(95) São Tomás DE AQUINO, Contra Gentes, III, 71.

Contra qualquer tendência irenista, Plínio Corrêa de Oliveira estabelece uma absoluta incompatibilidade: "O comunismo não pode aceitar a coexistência com quem, ao contrário dele, professa uma filosofia baseada no reconhecimento da verdade e do bem como valores absolutos, imutáveis, transcendentes, existentes de um modo perfeito na essência divina." (96).

(96) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Baldeação ideológica...", cit., p. 116.

11. Verdadeiro e falso ecumenismo

A mentalidade "irenista" de transigência para com o erro é típica de uma disposição psicológica utópica que aspira a uma era sem contrastes nem polémicas.

Plínio Corrêa de Oliveira demonstra, em "Baldeação ideológica inadvertida e Diálogo", que no plano religioso o diálogo irenista favorece o interconfessionalismo, debilita todas as religiões e lança-as numa situação de confusão absoluta.

"Convém distinguir desde logo duas formas de ecumenismo. Uma procura - com o fim de encaminhar as almas ao único redil do único Pastor - reduzir quanto possível as discussões puras e simples e as polémicas, em favor da discussão-diálogo e das outras formas de interlocução. Tal ecumenismo tem ampla base em numerosos documentos pontifícios, especialmente de João XXIII e Paulo VI. Mas outra modalidade de ecumenismo vai além e procura extirpar das relações da Religião Católica com as outras religiões todo e qualquer carácter militante. Esse ecumenismo extremado tem um fundo evidente de relativismo ou sincretismo religioso, cuja condenação se encontra em dois documentos de São Pio X, a Encíclica Pacendi contra o modernismo e a Carta Apostólica Notre Charge Apostolique contra o Sillon" (97).

(97) Ibid., pp. 85-86.

Admitindo que todas as religiões sejam "verdades" relativas, que se relacionam entre si dentro de um esquema dialéctico hegeliano, este segundo tipo de ecumenismo empurra as almas em direcção a uma religião única e universal: a artificiosa e falsa "religião do homem".

"O ecumenismo extremado produz não só entre os católicos como também entre os irmãos separados, sejam eles cismáticos, hereges ou outros quaisquer, uma confusão trágica, por certo uma das mais trágicas do nosso século tão cheio de confusões. Não há hoje, com efeito, maior perigo no terreno religioso do que o relativismo. Ameaça ele todas as religiões, e contra ele devem lutar tanto o genuíno católico, quanto qualquer irmão separado que professe seriamente a sua própria religião. E tal luta –vista sob este ângulo– só pode ser levada a efeito por um esforço de cada qual para manter o sentido natural e próprio da sua crença, contra as interpretações relativistas que a deformam e solapam. O aliado do verdadeiro católico, nessa luta, será por exemplo o judeu ou o muçulmano que não deixe pairar a menor dúvida, não só sobre o que nos une, como sobre o que nos separa. É a partir desta tomada de atitude que o

relativismo pode ser expulso de todos os campos em que procura entrar. Como é só a partir dela que a interlocução, nas suas várias modalidades, até mesmo a discussão pura e simples e a polémica, pode contribuir para levar os espíritos à unidade. As boas contas fazem os bons amigos, diz um provérbio. Só a clareza no pensar e no exprimir o que se pensa, conduz verdadeiramente à unidade.

"O ecumenismo exacerbado, tendendo a que cada qual procure ocultar ou subestimar os verdadeiros pontos de discrepância em relação aos outros, induz a um regime de 'maquillage', que só pode favorecer o relativismo, isto é, o poderoso inimigo comum de todas as religiões" (98).

(98) Ibid., pp. 87. "Não compreendo -escreveria dez anos mais tarde o pensador brasileiro, por ocasião da visita de João Paulo II ao templo luterano de Roma– como homens de Igreja contemporâneos, inclusive dos mais cultos, doutos ou ilustres mitifiquem a figura de Lutero, o heresiarca, no empenho de favorecer uma aproximação ecuménica, de imediato com o protestantismo, e indirectamente com todas as religiões, escolas filosóficas etc. Não discernem eles o perigo que a todos nos espreita, no fim deste caminho, ou seja, a formação em escala mundial, de um sinistro supermercado de religiões, filosofias e sistemas de todas as ordens, em que a verdade e o erro se apresentarão fraccionados, misturados e postos em balbúrdia? Ausente do mundo só estaria - se até lá se pudesse chegar - a verdade total, isto é, a Fé católica, apostólica, romana, sem nódoa nem mácula (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Lutero pensa que é divino**", in Catolicismo, n° 398, (Fevereiro 1984).

12. Explode a crise pós-conciliar

Os trinta anos decorridos entre o fim do Concílio Vaticano II e a morte de Plínio Corrêa de Oliveira, ocorrida em São Paulo a 3 de Outubro de 1995, oferecem um ponto de partida para muitas reflexões a respeito da trajectória daquela que foi definida como Igreja "conciliar" ou "pós-conciliar". O problema foi objecto de uma deformação interessada por parte da imprensa, depois da explosão do chamado "caso Lefèbvre", do nome do Arcebispo francês (99) que a partir de 1976 entrou em luta aberta com a Santa Sé sobre o tema da Nova Missa e das reformas conciliares (100). Sob o pontificado de Paulo VI, porém, muito antes das questões concernentes a Mons. Lefèbvre, o tema da "crise da Igreja" (101) já se tinha tornado um ponto central de discussão, suscitando a intervenção dos maiores teólogos e filósofos da época.

(99) Mons. Marcel Lefèbvre nasceu em Turcoing (Lille) em 29 de Novembro de 1905 e morreu em Martigny em 25 de Março de 1990. Aluno do Seminário Francês de Roma, foi ordenado sacerdote em 21 de Setembro de 1929 por Mons. Liénart, Bispo de Lille. Em 1930 entrou para a Congregação do Espírito Santo desenvolvendo na África francesa sobretudo apostolado missionário. Foi sagrado Bispo em 18 de Setembro de 1947, nomeado delegado apostólico para a África francófona e, em 14 de Setembro de 1955, Arcebispo de Dakar. Deixou este cargo em 1962, assumindo o título de Arcebispo de Tulle. De 1962 a 1968 foi superior geral da sua Congregação. Constituiu, em 1970, a Fraternidade Sacerdotal São Pio X na diocese de Friburgo na Suíça, com a aprovação de Mons. Charrière, ordinário do lugar. A partir de 1974 iniciava-se o contencioso com a Santa Sé, que devia levá-lo à suspensão a divinis, na sequência das ordenações sacerdotais de 29 de Junho de 1976, e à excomunhão latae sententiae, após a sagração de quatro bispos, em 30 de Junho de 1988 (cfr. Il Regno-documenti, n° 600, 1 de Setembro de 1988, pp. 477-488).

(100) Mons. Marcel Lefèbvre, depois de se ter distinguido entre os expoentes da ala conservadora durante o Concilio, tinha assinado as Actas da histórica assembleia e nas cartas endereçadas aos membros da Congregação do Espírito Santo - de que era superior geral - manifestou uma avaliação moderadamente positiva sobre as reformas conciliares. Nestes documentos, Mons. Lefebvre não só recordava a oportunidade da renovação litúrgica desejada pelo Vaticano II, como exortava, ainda que exprimindo reservas, a colher os elementos positivos do Concílio, afirmando que este havia recebido graças particulares "para suscitar na Igreja reformas e ajustamentos, que não têm outro escopo senão conduzir a uma mais perfeita santificação e fazer

reviver de novo o mais puro espírito evangélico" (Mons. M. LEFÈBVRE, "Lettres pastorales et écrits", Fideliter, Escurolles, 1989, p. 217). Exprimiu as suas críticas sucessivamente nas obras "Un évéque parle. Ecrits et allocutions, 1963-1975", Dominique Martin Morin, Paris, 1975; "J'accuse le Concile", Editions Saint-Gabriel, Martigny, 1976; "Lettre ouverte aux catholiques perplexes", Albin Michel, Paris, 1985; "Ils l'ont découronné", Editions Fideliter, Escurolles, 1987. "É difícil - observa Daniele Menozzi - explicar as razões desta mudança de posição com base na documentação disponível até ao momento" (D. MENOZZI, "La Chiesa cattolica e la secolarizzazione", cit., p. 202).

(101) A bibliografia sobre este tema é vasta. Veja-se especialmente: Vittorio MESSORI em coloquio com o Cardeal Joseph Ratzinger, "Rapporto sulla fede", Edizioni Paoline, Milão, 1985; Romano AMERIO, "Iota unum. Studio delle variazioni della Chiesa cattolica nel secolo XX", Riccardo Ricciardi Editore, Milão-Nápoles, 1985; Mons. R. GRABER, "Athanasius und die Kirche unserer Zeit", Verlag Joseph Kral, Abensber, 1973; Cfr. também Dietrich von HILDEBRAND, "Das Trojanische Pferd in der Stadt Gottes", J. Habbel, Regensburg, 1969; id, "Der verwüstete Weinberg", J. HABBEL, Regensburg, 1973; abbé Georges de NANTES, "Liber Accusationis", entregue à Santa Sé em 10 de Abril de 1973; Padre Cornelio FABRO C.P.S., "L'avventura della teologia progressista", Rusconi Editore, Milão, 1974; Bernardo MONSEGÚ C.P., "Posconcilio", Studium, Madrid, 1975-1977, 3 vol.; Wiegand SIEBEL, "Katholisch oder konziliar - Die Krise der Kirche heute", A. Langen-G. Müller, Munique-Viena, 1978; Card. Giuseppe SIRI, "Getsemani - Riflessioni sul Movimento Teologico contemporaneo", Fraternità della Santissima Vergine, Roma, 1980; George MAY, "Der Glauben in der nachkonziliaren Kìrche", Mediatrix Verlag, Viena, 1983.

O historiador Hubert Jedin, que havia colaborado com o Concílio, na condição de "perito" do Cardeal Frings, depois de ter tentado opor-se à ideia de uma "crise da Igreja", no fim dos anos 60, foi constrangido a reconhecer a sua existência numa famosa conferência intitulada "História e crise da Igreja", publicada em italiano pelo próprio Osservatore Romano (102). Em 17 de Setembro de 1968, Mons. Jedin apresentou à Conferência Episcopal Alemã um memorial em que descrevia cinco fenómenos relativos à crise da Igreja em curso: "1. A insegurança na fé cada vez mais generalizada, suscitada pela livre difusão de erros teológicos nas cátedras, em livros e ensaios; 2. A tentativa de transferir para a Igreja as formas da democracia parlamentar mediante introdução do direito de participação nos três planos da vida eclesiástica, na Igreja universal, na diocese e na paróquia; 3. Dessacralização do sacerdócio; 4. `Estruturação' livre da celebração litúrgica em lugar da observância do `Opus Dei'; 5. Ecumenismo como protestantização" (103).

(102) H. JEDIN, "Kirchengeschichte und Kirchenkrise", in Aachener Kirchenzeitung, 29 de Dezembro de 1968 e 5 de Janeiro de 1969.

(103) H. JEDIN, "Storia della mia vita", cit., pp. 326-327.

No mesmo ano de 1968, em discurso que marcou época, Paulo VI afirmou: "A Igreja atravessa, hoje, um momento de inquietude. Alguns exercem a autocrítica, dir-se-ia levando-a até à autodemolição. É uma espécie de agitação interior aguda e complexa, que ninguém teria esperado depois do Concílio. (...) A Igreja está a ser agredida pelos que dela fazem parte" (104). Retornou ainda ao tema afirmando ter a sensação de que "por alguma fresta entrou o fumo de Satanás no templo de Deus" e exactamente "por janelas que, pelo contrário, deveriam estar abertas à luz" (105). "Julgava-se que, depois do Concílio, viria um dia de sol para a história da Igreja. Pelo contrário, veio um dia de nuvens, de tempestade, de escuridão, de inquietação, de incerteza" (106).

(104) Paulo VI, Discurso ao Seminário Lombardo em Roma, 7 de Dezembro de 1968, in "Insegnamenti di Paolo VI", Tipografia Poliglotta Vaticana, Roma, 1968, vol. VI, pp. 1188-1189. A maioria dos católicos, escrevia o Prof. Plínio, gostaria de saber "o que é este fumo, quais são os rótulos ideológicos e os instrumentos humanos que servem a Satanás como `sprays' de tal fumo; no que consiste a demolição e como explicar que esta demolição seja, estranhamente, uma auto-demolição?" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Clareza**", in Folha de S. Paulo, 16 de Agosto de 1978).

(105) Paulo VI, Alocução no 9° aniversário da sua coroação, 29 de Junho de 1972, in Insegnamenti, vol. X, pp. 707-708.

(106) Ibid.

Entre os teólogos e os filósofos, mesmo de extracção progressista, que admitiram e denunciaram a expansão desta crise, recordamos apenas algumas declarações significativas:

O Cardeal Henri de Lubac, ex-corifeu da "nouvelle théologie ":

"É uma nova Igreja, diversa da de Cristo, a que se quer instaurar; deseja-se realizar uma sociedade antropocêntrica, ameaçada por uma apostasia imanente; estamos à mercê de um movimento geral de espanto e capitulação, de irenismo e adaptação" (107).

(107) Card. Henri de LUBAC S.J., Discurso ao Congresso Internacional de Teologia em Toronto, Agosto de 1967, cit. in B. MONSEGÚ, "Posconcilio", cit., vol. III, p. 371.

Mons. Rudolf Graber, Bispo de Regensburg:

"O que aconteceu então, há mais de 1600 anos (a crise ariana) repete-se hoje, mas com duas ou três diferenças. Hoje Alexandria é toda a Igreja, sacudida a partir dos alicerces". "Por que se faz tão pouco para consolidar as colunas da Igreja, de modo a evitar o seu desabamento? Se alguém ainda acha que os acontecimentos que se desenvolveram na Igreja são secundários, é um irrecuperável. Mas a responsabilidade dos chefes da Igreja será ainda maior, se não se ocuparem destes problemas ou se julgarem remediar o mal com remediozinhos. Não: aqui trata-se do todo; aqui trata-se da Igreja; aqui trata-se de uma espécie de revolução coperniciana que explodiu no próprio seio da Igreja, de uma Revolução gigantesca na Igreja" (108).

(108) Mons. R. GRABER, "Athanasius und die Kirche unserer Zeit", cit., Tr. it. "Sant'Atanasio e la Chiesa del nostro tempo", Civiltà, Brescia, 1974, pp. 28, 79.

O Padre estigmatino Cornélio Fabro, consultor da Congregação para a Doutrina da Fé:

"Assim a Igreja, naquilo que diz respeito à decisão dos Pastores, deslizou para uma situação de falta de guia a qual, quer no campo da doutrina, quer no da disciplina, caminha para uma crescente desintegração. (...) As terríveis palavras do Evangelho –Erráveis como ovelhas sem pastor– devem aplicar-se em larga escala à situação da Igreja presente" (109).

(109) C. FABRO C.P.S., "L'avventura della teologia progressista", cit., pp. 288-289.

Diz o Padre passionista Enrico Zoffoli, membro da Pontifícia Academia São Tomás de Aquino:

"Hoje a Igreja está empenhada em superar talvez a mais grave de todas as crises: a tempestade desencadeada pelo modernismo há cerca de um século continua devastadora (...) A desorientação dos fiéis é universal, angustiante, e a lamentação destes chega ao auge quando ouvem discursos ou recebem conselhos daqueles homens da Igreja, assistem a alguma das suas cerimónias, notando um comportamento de tal forma estranho e indecoroso que as poderia levar a pensar que o Cristianismo fosse uma enorme impostura. Por estas e outras coisas, não são tentados até de ateísmo?". "As consequências são desastrosas. (...) Não há verdade que, sob algum aspecto, não tenha sido falsificada. Algumas são negadas, outras caladas, outras ridicularizadas, outras adaptadas de forma irreconhecível" (110).

(110) Enrico ZOFFOLI C.P., "Chiesa ed uomini di Chiesa", Il Segno, Udine, 1994, pp. 46-48, 35.

Nas vésperas da sua morte, em 1975, Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer, beatificado por João Paulo II, afirmava por sua vez:

"Quando me tornei Sacerdote, a Igreja de Deus parecia forte como uma rocha, sem nenhuma fenda. Apresentava-se com um aspecto externo que imediatamente exprimia a unidade: era um bloco maravilhosamente sólido. Agora, a ser vista com olhos humanos, parece um edifício em ruína, um monte de areia que se desfaz, que é calcado aos pés, disperso, destruído... O Papa disse uma vez que a Igreja está a auto-destruir-se. Palavras duras, tremendas! Mas isto não pode suceder, porque Jesus prometeu que o Espírito Santo a assistirá sempre, até ao fim dos séculos. E nós que faremos? Rezar, rezar..." (111).

(111) Cit. in Pilar URBANO, "Josemaría Escrivá, romano", Leonardo, Milão, 1996, pp. 442-443.

João Paulo II, que sucedeu em 1978 a Paulo VI depois do brevíssimo pontificado de João Paulo I (112), desde o início admitiu a existência da crise em termos inequívocos:

"É preciso admitir com realismo, e com profunda e sofrida sensibilidade, que os cristãos hoje, em grande parte, se sentem perdidos, confusos, perplexos e até desiludidos. Disseminaram-se às mãos cheias ideias contrárias à Verdade revelada e desde sempre ensinadas; espalharam-se verdadeiras heresias no campo dogmático e moral, criando dúvidas, confusões, rebeliões; arruinou-se a liturgia. Imersos no relativismo intelectual e moral, e portanto no permissivismo, os cristãos são tentados pelo ateísmo, pelo agnosticismo, pelo iluminismo vagamente moralista, por um cristianismo sociológico, sem dogmas definidos e sem moral objectiva" (113).

(112) Durante o conclave de Agosto de 1978, descrevendo o mito de "Wyszynski, o Cunctator" que, "contemporizando" com o comunismo teria salvo a causa da Igreja, Plínio Corrêa de Oliveira prognosticou a eventualidade da eleição do Primaz da Polónia para o trono de Pedro (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O Cunctator, um maximalista?**", in Folha de S. Paulo, 24 de Agosto de 1978). O Cônclave elegeu o Cardeal Albino Luciani, Patriarca de Veneza, mas um mês depois reuniu-se novamente e elegeu para o trono Pontifício o Arcebispo de Cracóvia, Karol Wojtyla, com o nome de João Paulo II.

(113) João Paulo II, Discurso de 6 de Fevereiro de 1981, in L'Osservatore Romano de 7 de Fevereiro de 1981.

No entanto, o documento que por certo suscitou mais alvoroço foi o já célebre "Rapporto sulla Fede" do Cardeal Joseph Ratzinger, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé:

"É incontestável que os últimos vinte anos foram decisivamente desfavoráveis para a Igreja Católica. Os resultados que se seguiram ao Concilio parecem cruelmente opostos às expectativas de todos, a começar por João XXIII e Paulo VI. Os cristãos estão novamente em minoria, mais do que em qualquer época desde o fim da Antiguidade. Os Papas e os Padres Conciliares esperavam que iria estabelecer-se uma nova unidade católica, e pelo contrário caminhou-se rumo a uma dissensão que –para usar as palavras de Paulo VI– pareceu passar da autocrítica à auto-destruição. Esperava-se um novo entusiasmo, e pelo contrário terminou-se com muita frequência no cansaço e no desânimo. Esperava-se um salto em frente, e pelo contrário deparou-se com um processo progressivo de decadência que se desenvolveu em larga medida sob o signo da evocação de um presumido `espírito do Concilio', de tal modo foi desacreditado (...) A Igreja do pós-Concílio é um estaleiro de obras; mas é um estaleiro cujo projecto se perdeu e cada qual continua a fabricar segundo o seu gosto" (114). "O meu diagnóstico é que se trata de uma autêntica crise que deve ser tratada e curada" (115).

(114) Cardeal J. RATZINGER, "Rapporto sulla fede", cit., pp. 27-28. "Parece-me que alguma coisa se tornou inteiramente clara neste último decénio: uma interpretação do Concílio que entenda os seus textos dogmáticos somente como prelúdio a um espírito conciliar que ainda não atingiu a maturidade, que considere o conjunto como uma mera introdução à Gaudium et Spes, e este texto, por sua vez, como ponto de partida para um prolongamento rectilíneo em direcção a uma fusão cada vez maior com aquilo que se chama progresso. Tal interpretação não só está em contradição com a intenção e a vontade dos próprios Padres Conciliares, mas o curso dos acontecimentos levou-a ao absurdo. Onde o espírito do Concílio acaba deturpado contra o seu texto e se reduz a um vago destilado de uma evolução que emanaria da Constituição pastoral, torna-se um espectro e leva ao vazio. As devastações ocasionadas por tal mentalidade são tão evidentes que não podem ser negadas seriamente" (Card. J. RATZINGER, "Les principes de la Théologie catholique", Téqui, Paris, 1982, p. 436).

(115) Card. J. RATZINGER, "Rapporto sulla fede", cit., p. 33.

A descrição da crise traçada pelo Cardeal Ratzinger tornou-se logo um dado adquirido. Vinte anos depois da conclusão do Concilio, La Civiltà Cattolica que, sobretudo por obra do P. Caprile acompanhara, passo a passo, o evento com entusiasmo, escreveu:

"É inegável que no vinténio pós-conciliar houve, antes de tudo, uma crise da fé: toda a revelação cristã nos seus dogmas fundamentais - existência e cognoscibilidade de Deus, Trindade, Encarnação, Redenção, Ressurreição de Jesus, vida eterna, Igreja, Eucaristia - foi colocada em questão ou tentou-se reinterpretá-la segundo categorias filosóficas e científicas que a esvaziam do seu autêntico conteúdo sobrenatural. (...) Diversamente das crises do passado, a actual é uma crise radical e global: radical porque ataca as raízes mesmas da fé e da vida cristã; global, porque ataca o cristianismo em todos os seus aspectos" (116).

(116) "Il Concilio causa della crisi nella Chiesa?", in La Civiltà Cattolica, n° 3247 (5 de Outubro de 1985). Para a Civiltà Cattolica, como para muitos autores, a crise da Igreja não é senão o reflexo da crise mais vasta que feriu a sociedade ocidental nos anos 60-70. "Tal crise deve-se ao vagalhão do secularismo, do permissivismo e do hedonismo que naqueles anos investiu o mundo ocidental com tal violência que chegou a arrastar todas as defesas morais e sociais que a sociedade havia construído ao longo de tantos séculos de "cristandade" (embora mais de nome que de facto)" (ibid).

Plínio Corrêa de Oliveira, desde a sua primeira obra até à última, "**Nobreza e elites tradicionais análogas**" (117), não ignorou tal crise, enquadrando-a na ampla visão histórica de "Revolução e Contra-Revolução". O seu ponto de observação não é o do teólogo, mas o do leigo, filósofo, historiador e homem de acção. Não é sobre o mérito dos documentos conciliares, mas sobre a realidade dos factos e sobre as suas consequências históricas, que fundamenta a sua denúncia do "silêncio enigmático, desconcertante e espantoso, apocalipticamente trágico do Concilio Vaticano II a respeito do comunismo" (118).

(117) Nesta obra, o pensador brasileiro tratou de uma "crise de um vulto absolutamente sem precedentes, pela qual vai passando a Igreja Católica, coluna e fundamento da moralidade e da boa ordenação das sociedades" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Nobreza e Elites tradicionais análogas...", cit., p. 152).

(118) Este juízo está expresso no Apêndice de 1977 em Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 67.

"Este Concílio –escreveu– quis-se pastoral e não dogmático. Alcance dogmático realmente não o teve. Além disto, a sua omissão sobre o comunismo pode fazê-lo passar para a História como o Concilio a-pastoral. (...) A obra desse Concilio não pode estar inscrita, enquanto efectivamente pastoral, nem na História, nem no Livro da Vida.

"É penoso dizê-lo. Mas a evidência dos factos aponta, neste sentido, o Concílio Vaticano II como uma das maiores calamidades, se não a maior, da História da Igreja (119). A partir dele penetrou na Igreja, em proporções impensáveis o `fumo de Satanás' (120), que se vai dilatando dia a dia mais, com a terrível força de expansão dos gases. Para escândalo de incontáveis almas, o Corpo Místico de Cristo entrou no sinistro processo da sua como que autodemolição.

(119) Sobre as calamidades da fase pós-conciliar da Igreja permanece de fundamental importância a histórica declaração de Paulo VI de 29 de Junho de 1972, cit., pp. 707-708.

(120) Ibid., p. 707.

"A História narra os inúmeros dramas que a Igreja sofreu nos vinte séculos da sua existência. Oposições que germinaram fora dela, e de fora mesmo tentaram destruí-la. Tumores formados dentro dela, por ela cortados, e que já então de fora para dentro tentaram destruí-la com ferocidade.

"Quando, porém, viu a História, antes dos nossos dias, uma tentativa de demolição da Igreja, já não feita por um adversário, mas qualificada como `autodemolição' (121) em altíssimo pronunciamento de repercussão mundial?" (122).

(121) Paulo VI, Discurso de 7 de Dezembro 1968, cit., p. 1188.

(122) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 68.

Para descrever a crise da Igreja Plínio Corrêa de Oliveira utiliza o termo "autodemolição" empregue por Paulo VI, ao qual, no mesmo livro em que exprime as suas reservas em relação ao Concilio, o pensador brasileiro dirige "uma homenagem, de filial devoção e de obediência ilimitada", na convicção de que "ubi Ecclesia ibi Christus, ubi Petrus ibi Ecclesia" (123). Todas as teses, até mesmo aquela, tão severa, sobre o Concílio, logo que expressas, já são submetidas "irrestritamente ao juízo do Vigário de Jesus Cristo, dispostos a renunciar de imediato a qualquer delas, desde que se distancie, ainda que de leve, do ensinamento da Santa Igreja, nossa Mãe, Arca da Salvação e Porta do Céu" (124).

(123) Ibid., p. 77.

(124) Ibid.

O juízo histórico do pensador brasileiro sobre o Concilio Vaticano II coincide, como vimos, com o de muitos protagonistas religiosos do nosso tempo. No entanto, através das categorias intelectuais de "Revolução e Contra-Revolução", ele propõe uma chave de interpretação da crise da Igreja como parte integrante do processo revolucionário por ele estudado e descrito. Tal juízo nasce de um profundo amor ao Papado e à Igreja e pela sua coerência mostra-se bem diverso das posições por vezes contraditórias ou excêntricas de muitos daqueles expoentes ou de certos grupos "tradicionalistas". O Magistério Pontifício, o Direito Canónico da Igreja e as normas perenes da Religião católica constituíram os imutáveis pontos de referência de Plínio Corrêa de Oliveira e de todos aqueles que nele se apoiaram (125).

(125) Perante a situação de confusão e desorientação em que está mergulhada actualmente a Igreja, a TFP americana resumiu assim a sua posição: "1. Declaram sua perplexidade em face de algumas reformas e factos passados na Igreja a partir do pontificado de João XXIII; 2. Esta perplexidade caracteriza-se por incompreensões e desorientação; 3. Ela não importa em afirmar que tais acontecimentos e reformas sejam erróneos; como também não afirma que não se tenham cometido erros. Compõem a TFP católicos instruídos e bem formados, mas não especialistas. Eles não têm portanto a possibilidade de resolver os problemas teológicos, morais, canónicos e litúrgicos extremamente complexos subjacentes a esta perplexidade" ("Let the other side also be heard: the TFPs' defense against Fidelity's onslaught", American Society for the Defense of Tradition, Family and Property, Pleasantville (N.Y.), 1989, p. 78).

13. Antigo e novo "Ordo Missae"

Na Carta Apostólica Ecclesia Dei de 2 de Julho de 1988, João Paulo II estabelece que "em toda a parte deverão ser respeitadas as disposições de todos aqueles que se sentem ligados à tradição litúrgica latina, mediante uma ampla e generosa aplicação das directrizes há já tempo emanadas da Sé Apostólica, para o uso do Missal Romano segundo a edição típica de 1962" (126). Por outro lado, pede aos Bispos e a todos aqueles que exercem na Igreja o ministério pastoral para "garantir o respeito das justas aspirações" de todos aqueles fiéis católicos "que se sentem vinculados a algumas das formas litúrgicas e disciplinares precedentes, da tradição latina".

(126) Cfr. o texto da Carta Apostólica de João Paulo II in AAS, vol. 80 (1988), pp. 1495-1497. Muitos institutos religiosos reconhecidos pela Santa Sé obtiveram permissão para celebrar a Santa Missa segundo o Missal Romano tradicional. Entre estes, a Sociedade de São Pedro, a Fraternidade de São Vicente Ferrer, o Opus Sacerdotale, os monges beneditinos do Mosteiro de Santa Madalena do Barroux, o Instituto Cristo Rei Sumo Sacerdote de Gricigliano.

Este importante documento leva em conta o que aconteceu na Igreja depois do Concílio Vaticano II: o "caso Lefèbvre", que culminou com as ilegítimas consagrações episcopais de 30 de Junho de 1988 não é senão um sintoma preocupante do mal-estar difuso que se seguiu à reforma litúrgica, a qual culminou com o Novus Ordo Missae de 1969 (127). "A atracção teológica pela Missa tridentina –afirmou o Cardeal Alfons Stickler– está em correlação com as deficiências teológicas da Missa procedente do Vaticano II" (128). O resultado da

reforma litúrgica, segundo o próprio Cardeal Ratzinger, "em sua realização concreta (...) não foi uma reanimação mas uma devastação" (129).

(127) Em 3 de Abril de 1969 veio a lume a Constituição Apostólica Missale Romanum que constava de dois documentos: a Institutio generalis missalis Romani e o Novus Ordo Missae propriamente dito, ou seja, o novo texto da Missa e as rúbricas que o acompanharam. Um dos seus principais artífices, Mons. Annibale BUGNINI, secretário do Consilium ad exsequendam Constitutionem de Sacra Liturgia, no seu livro "La riforma liturgica" (1948-1975), (Edizioni Liturgiche, Roma, 1983), acentua o papel desempenhado por Paulo VI no qual vê "o verdadeiro realizador da reforma litúrgica": "O Papa viu tudo, acompanhou tudo, examinou tudo, aprovou tudo" (p. 13).

(128) Card. Alfons M. STICKLER, "L'attrattiva teologica della Messa Tridentina", Conferência feita em Nova York para a associação Christi fideles em Maio de 1995.

(129) Card. J. RATZINGER, "Klaus Gamber; L'intrépidité d'un vrai témoin", prefácio a Mons. Klaus GAMBER, "La réforme liturgique en question", Editions Sainte-Madeleine, Le Barroux, 1992, p. 6.

Quando, em 1969, o novo Ordo Missae entrou em vigor, alguns membros eminentes da Hierarquia, bem como muitos teólogos e leigos, desenvolveram uma apertada crítica à nova liturgia da Missa (130). Desde Outubro daquele ano, os Cardeais Ottaviani e Bacci apresentaram a Paulo VI um Breve exame crítico do Novus Ordo Missae redigido por um grupo escolhido de teólogos de várias nacionalidades. Na carta por eles endereçada ao Pontífice, afirmava-se que "o Novus Ordo Missae (...) representa, tanto no seu conjunto como nos detalhes, um impressionante afastamento da teologia católica da Santa Missa, tal como foi formulada na sessão XXII do Concilio Tridentino, o qual, fixando definitivamente os "cânones' do rito, levantou uma barreira intransponível contra qualquer heresia que ferisse a integridade do mistério" (131).

(130) Entre os numerosos trabalhos críticos sobre a "Nova Missa" e a Reforma litúrgica, na maior parte compostos por estudiosos leigos, assinalamos: A. V. XAVIER DA SILVEIRA, "La nouvelle Messe de Paul VI qu'en penser?", cit.; Jean VAQUIÉ, "La Révolution liturgique ", Diffusion de la Pensée Française, Chiré-en-Montreuil, 1971; Louis SALLERON, "La Nouvelle Messe", Nouvelles Editions Latines, Paris, 1976 (1971); Wolfgang WALDSTEIN, "Hirtensorge und Liturgiereform", Lumen Gentium, Schaan (FI) 1977; Mons. K. GAMBER, "Die Reform der Riimischen Liturgie", F. Pustet, Regensburg,1979 (esta obra na versão francesa, cit., contém prefácios dos Cardeais Silvio Oddi, Joseph Ratzinger e Alfons M. Stickler); Michael DAVIES, "Pope Paul's New Mass", The Angelus Press, Dickinson, (Texas) 1980.

(131) O estudo, promovido por Una Voce-Italia, foi reeditado pela mesma associação juntamente com um novo exame crítico do Novus Orda Missae, obra de um liturgista e teólogo francês ("Il Novus Ordo Missae: due esami critici", Una Voce, supl. ao n° 48-49 do noticiário Janeiro-Julho de 1979).

A partir daquela data, começaram a multiplicar-se os apelos de fiéis de todas as nacionalidades, que pediam o restabelecimento da Missa tradicional, ou pelo menos a "par condicio" a seu favor (132). Recorda-se entre outras coisas um "memorandum" em que, no ano de 1971, mais de cem eminentes personalidades de todo o mundo pediam à Santa Sé para "considerar a responsabilidade tremenda que esta teria perante a história do espírito humano se não deixasse que a Missa tradicional subsista no futuro" (133), Plínio Corrêa de Oliveira acompanhou com atenção as fases da polémica que se desenvolveu nos órgãos da imprensa e em revistas especializadas e informou a respeito delas o público do seu país (134). O problema dizia respeito a cada católico e, assim sendo, não podia deixar indiferente o pensador brasileiro, tão atento e sensível a qualquer tema que dissesse respeito de algum modo à Igreja. Estudou e fez estudar o tema, e solidarizou-se com a obra de Arnaldo Xavier da Silveira (135), mas, a pedido de altíssima autoridade eclesiástica, absteve-se de sair a público com a matéria do livro, cujas conclusões eram objecto de um consenso firme e profundo dos membros das várias TFPs, sem, porém, chegar a ser uma posição oficial das entidades (136).

Tratava-se, com efeito, de um campo estritamente teológico, externo à competência específica da TFP, a qual se limita à esfera temporal.

(132) Três peregrinações internacionais de católicos dirigiram-se a Roma para reiterar a fidelidade à Missa tradicional e ao catecismo de São Pio X (cfr. Guglielmo ROSPIGLIOSI, "La manifestazzione dei cattolici tradizionalisti riconfermano la fedeltà al messale e al catechismo", in Il Tempo, 19 de Junho de 1970). Uma colectânea dos apelos até 1980 in Et pulsanti aperietur (Lc 11, 10)", FI-Una Voce, Clarens, 1980.

(133) Entre os signatários figuravam: Romano Ameno, Augusto Del Noce, Marius Schneider, Marcel Brion, Julien Green, Henri de Montherlant, Jorge Luis Borges, os escritores ingleses Agatha Christie, Robert Graves, Graham Green, Malcolm Mudderidge, Bernard Wall, o violinista Yehudi Menuhin. Cfr. o texto e o elenco dos signatários in Una Voce, n° 7 (Julho de 1971).

(134) Cfr. por exemplo "**O direito de saber**", in Folha de S. Paulo, 25 de Janeiro de 1970 e Catolicismo, n° 230 (Fevereiro de 1970) em que informava o público brasileiro sobre as primeiras manifestações de resistência ao Novus Ordo. Mons. Castro Mayer publicava por seu lado uma "Carta Pastoral sobre o Santo Sacrífício da Missa", no n° 227 (Novembro de 1969) de Catolicismo. Em 1971, apareceu amplo e documentado artigo de Gregorio VIVANCO LOPES, "Sobre a nova Missa: repercussões que o público brasileiro ainda não conhece", in Catolicismo, n°. 242 (Fevereiro de 1971).

(135) O citado estudo de Arnaldo Xavier da Silveira analisa cuidadosamente o Novus Ordo, sob a óptica de um conjunto de questões teológicas, canónicas e morais centradas no problema da autoridade. O livro veio a lume em S. Paulo em 1970 e teve uma difusão restrita. Mais tarde foi editado em francês (op. cit.), juntamente com três diferentes estudos já antes publicados em português: “Considerações sobre o Ordo Missae de Paulo VI”, São Paulo, Junho, 1970; "Modificações introduzidas no Ordo de 1969", S. Paulo, Agosto, 1970; "A infalibilidade das leis eclesiásticas", São Paulo, Janeiro, 1971). Sobre esta obra afirmou o Prof. Corrêa de Oliveira: "No seu livro, Arnaldo Xavier da Silveira afirma expressamente a sua fidelidade inquebrantável à doutrina e disciplina da Igreja. E se levanta certos problemas delicados de Teologia ou Direito Canónico, fá-lo declarando de antemão que acata em toda a medida preceituada pelo Direito Canónico o que a própria Igreja decidir. É precisamente esta a posição da TFP. Temos pois a consciência inteiramente tranquila no que diz respeito à nossa perfeita união com a Santa Igreja Católica Apostólica Romana" (P. CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Sobre o decreto anti-TFP de D. Isnard**", in Folha de S. Paulo, 27 de Maio de 1973); Cfr. "A política de distensão do Vaticano com os regimes comunistas. Para a TFP: omitir-se? Ou resistir?", in Folha de S. Paulo, 8 de Abril de 1974.

(136) "Uma vez definida a posição das TFPs enquanto associações, é preciso observar, quanto a seus membros e simpatizantes, que, como católicos (...), sofrem pessoalmente a repercussão dos problemas especificamente religiosos que têm convulsionado a Igreja depois do Concílio Vaticano II. É inevitável que, como simples católicos, eles troquem entre si opiniões sobre essas questões. Concretamente, essa troca de opiniões jamais deu lugar a dissensões. Pelo contrário, dela tem saído um consenso firme e amadurecido a propósito dos principais temas referentes ao misterioso processo de autodemolição, pelo qual atravessa a Igreja e sobre o fumo de Satanás que penetrou nela. (...) O consenso, inteiramente pessoal, dos membros e simpatizantes da TFP em certas matérias estranhas à esfera cívica, não constitui o pensamento oficial da TFP. Mas ele dá lugar a um consenso extra-oficial na TFP". Cfr. "Imbroglio, détraction, délire – Remarques sur un rapport concernant les TFP", pp. 176 e 177.

(137) O Padre dominicano Roger-Thomas CALMEL, em artigo publicado no número de Novembro de 1971 de Itinéraires, tratando do problema da assistência à Nova Missa, afirmava que "as condições de obrigação legal foram anuladas", permanecendo, pelo contrário, a obrigação grave de confessar abertamente a fé na Missa católica ("L'assistance à la Messe suivie de l'apologie pour le Canon Romain", in Itinéraires, n° 157 (Novembro de 1971), p. 6). Cfr. também "A Missa Nova:

um caso de consciência", compilado sob a responsabilidade dos Padres tradicionalistas da Diocese de Campos, Artpress, São Paulo, 1982.

Talvez se possa estabelecer uma analogia entre a posição que ele assumiu perante a Ostpolitik e a que tomou no que diz respeito ao Novus Ordo de Paulo VI: em ambos os casos, manifestou uma "resistência" ao que sentia como prejudicial à fé e imposição à sua consciência (137). Mas, enquanto a posição tomada perante a Ostpolitik foi pública, porque dizia respeito àquela ordem social que compete aos leigos instaurar segundo a doutrina da Igreja, a atitude relativa à Nova Missa permaneceu extra-oficial e privada [**Nota de um dos colaboradores do site Plinio Corrêa de Oliveira:** Para se conhecer mais pormenorizadamente a posição do líder católico a respeito do presente assunto e temas conexos, sugerimos aos interessados que consultem a entrevista concedida em **12 de outubro de 1976 ao jornalista Hugh O'Shrwshgni, do "Financial Times" e também colaborador do "The Tablet" (ambos de Londres)**]. Encorajado pelas opiniões de numerosos e ilustres pastores e teólogos, Plínio Corrêa de Oliveira quis permanecer fiel à tradição litúrgica na qual tinha sido educado, na convicção de que o problema, de qualquer forma, estava enquadrado na crise mais ampla da Igreja pós-conciliar, e que somente neste quadro poderia ser resolvido.

14. Paixão de Cristo, Paixão da Igreja

"Roma –escreveu no início do século um dos chefes do modernismo– não pode ser destruída num único dia, mas é preciso fazer com que caia em pó e em cinza de modo gradual e inofensivo; então teremos uma nova religião e um novo decálogo" (138). Como não ver em tudo o que aconteceu depois uma tentativa de tornar realidade esta sinistra "profecia"?

(138) George TYRREL, "Lettres à Henri Brémond", Aubier, Paris, 1971, p. 287.

Plínio Corrêa de Oliveira percebeu este processo de dissolução dentro da Igreja, sofreu profundamente com ele e empregou todas as suas forças para combatê-lo, mantendo-se sempre na firme convicção de que não haveria salvação fora da união com o Papado.

"É sinal e condição de vigor espiritual, uma extrema susceptibilidade, uma vibratilidade delicadíssima e vivaz dos fiéis por tudo quanto diga respeito à segurança, glória e tranquilidade do Romano Pontificado. Depois do amor a Deus, é este o mais alto dos amores que a Religião nos ensina. (...) Ubi Petrus, ibi Ecclesia –onde está São Pedro, aí está a Igreja. De tal maneira a Igreja Católica está vinculada à Cátedra de São Pedro, que onde não há a aprovação do Papa, não há catolicismo. O verdadeiro fiel sabe que o Papa resume e compendia em si toda a Igreja Católica, e isto de modo tão real e indissolúvel que, se por absurdo todos os Bispos da terra, todos os Sacerdotes, todos os fiéis abandonassem o Sumo Pontífice, ainda assim os verdadeiros católicos se reuniriam em torno dele. Porque tudo quanto há na Igreja, de santidade, de autoridade, de virtude sobrenatural, tudo isto, mas absolutamente tudo sem excepção nem condição, nem restrição, está subordinado, condicionado, dependente da união à Cátedra de São Pedro. As instituições mais sagradas, as obras mais veneráveis, as tradições mais santas, as pessoas mais conspícuas, tudo enfim que mais genuína e altamente possa exprimir o Catolicismo e ornar a Igreja de Deus, tudo isto se torna nulo, maldito, estéril, digno do fogo eterno e da íra de Deus, se se separar do Romano Pontífice" (139).

(139) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A guerra e o Corpo Místico**", in O Legionário, n° 610 (16 de Abril de 1944).

Plínio Corrêa de Oliveira reafirmará continuamente, até ao fim, este amor ao Papado:

"Não é com o meu entusiasmo dos tempos de jovem, que eu me coloco hoje ante a Santa Sé. É com um entusiasmo ainda maior, e muito maior. Pois à medida que vou vivendo, pensando e ganhando experiência, vou compreendendo e amando mais o Papa e o Papado" (140).

(140) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A perfeita alegria**", in Folha de São Paulo, 12 de Julho de 1970.

A História do século XX é o desvelar progressivo de uma tragédia. No centro do drama, a Santa Igreja Católica, aparentemente submersa pelos vagalhões de uma terrível tempestade, mas miraculosamente sustentada pela infalível promessa do Seu Divino Fundador. Nesta tragédia, Plínio Corrêa de Oliveira viu a Paixão da Igreja, reflexo da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo na História. "Quantos são os que vivem em união com a Igreja este momento que é trágico como trágica foi a Paixão, este momento crucial da história, em que uma humanidade inteira está a escolher por Cristo ou contra Cristo?" (141). À Igreja ele tinha dedicado a sua vida (142), e para Ela se lançou com a generosidade da Verónica.

(141) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Via Sacra", in Catolicismo, n° 3 (Março 1951), VIII Estação.

(142) Na noite de 1 de Fevereiro de 1975, durante uma reunião com sócios da entidade, Plínio Corrêa de Oliveira ofereceu-se heroicamente a Nossa Senhora para sofrer pela TFP em ordem ao serviço da Santa Igreja. Apenas 36 horas depois, sofreu um grave acidente automobilístico, nas proximidades de Jundiaí. As graves consequências deste acidente perduraram até ao fim da sua vida. Foram vinte anos de cruzes suportadas com ânimo resoluto e varonil.

"No Véu, a representação da Face divina foi feita como num quadro. Na Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana ela é feita como num espelho.

"Nas suas instituições, na sua doutrina, nas suas leis, na sua unidade, na sua universalidade, na sua insuperável catolicidade, a Igreja é um verdadeiro espelho no qual se reflecte o nosso Divino Salvador. Mais ainda, Ela é o próprio Corpo Místico de Cristo.

"E nós, todos nós, temos a graça de pertencer à Igreja, de sermos pedras vivas da Igreja!

"Como devemos agradecer este favor! Não nos esqueçamos, porém, de que "noblesse oblige". Pertencer à Igreja é coisa muito alta e muito árdua. Devemos pensar como a Igreja pensa, agir como a Igreja quer que procedamos em todas as circunstâncias da nossa vida. Isto supõe um senso católico real, uma pureza de costumes autêntica, uma piedade profunda e sincera. Noutros termos, supõe o sacrifício de uma existência inteira.

"E qual é o prémio? "Christianus alter Christus". Eu serei de modo exímio uma reprodução do próprio Cristo. A semelhança de Cristo imprimir-se-á, viva e sagrada, na minha própria alma" (143).

(143) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Via Sacra", II, cit., "VI Estação".

Capítulo VII

**"Para além da tristeza e
das punições supremamente prováveis
para as quais caminhamos,
temos diante de nós os clarões sacrais
da aurora do Reino de Maria!"**

RUMO AO REINO DE MARIA

1. O caos do fim do milénio

O Século XX, que se abriu num clima de confiança optimista no futuro, encerra-se numa atmosfera de incerteza e de confusão. A palavra "caos", frequentemente usada por Plínio Corrêa de Oliveira para indicar a meta anárquica da Revolução, tornou-se, a partir dos anos 90, de uso corrente na imprensa e nas próprias conversas miúdas do homem da rua, para indicar uma total falta de clareza e de pontos de referência. A euforia com a qual o Ocidente acolhera o fim da guerra fria, a libertação dos países do Leste europeu, a reunificação da Alemanha, seguiu-se um sentimento cada vez mais difuso de preocupação e de inquietude (1).

(1) Hoje, segundo Inácio Ramonet, "pode-se efectivamente falar de 'geopolítica do caos' para definir este período que o mundo atravessa" (La planète des désordres, no número dedicado à geopolítica do caos in "Manière de voir 33 – Le Monde diplomatique", Fevereiro de 1997). Já desde 1991 no "Corriere della Sera" o seu director, Ugo Stille, num editorial com o significativo título "A desordem mundial" escrevia: "O ano de 1990 tinha-se inaugurado sob o signo da esperança e do optimismo. Pelo contrário, 1991 apresenta-se como um ano difícil, cheio de incógnitas e de perigos, sobre um fundo de turbulência e de confusão" (U. STILLE, Il disordine mondiale, in "Corriere della Sera", 2 de Janeiro de 1991). Dentre a nova literatura sobre o tema, cfr. Pierre LELLOUCHE, "Le nouveau monde. De l'ordre de Malta au désordre des nations", Grasset, Paris, 1992; Gianni STATERA, Roberto GRITTI, "Il nuovo disordine mondiale", Franco Angeli, Milão, 1994; Alberto CAVALLARI, "L'Atlante del disordine. La crisi geopolitica di fine secolo", Garzanti, Milão, 1994. "O exame mais superficial da realidade –escrevia em 1992 Plínio Corrêa de Oliveira– coloca em evidência que a palavra `caos' tornou-se uma palavra da moda" (Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Os dedos do caos e os dedos de Deus**", in Catolicismo, n° 499 (Julho 1992).

Descrita por Plínio Corrêa de Oliveira com 40 anos de antecedência em **Revolução e Contra-Revolução**, a "crise" parece chegar à sua maturação final. Nunca, na História, a humanidade pareceu estar tão distante do modelo ideal da Civilização Cristã indicado pelo Magistério Pontifício.

O século que se encerra, afirmou no início do seu Pontificado João Paulo II, "foi até agora um século de grandes calamidades para o homem, de grandes devastações, não apenas materiais, mas também morais, aliás talvez sobretudo morais" (2). Na sua Encíclica Evangelium Vitae, o Papa insistiu nesta avaliação sobre o nosso tempo: "O século XX virá a ser considerado uma época de investidas maciças contra a vida, de uma interminável série de guerras e de um massacre permanente de vidas humanas inocentes" (3). Este juízo opõe-se diametralmente àquele outro cheio de optimismo que tinha saudado a aurora do século, ao ritmo do ballet Excelsior. O século XX não será recordado como a era triunfal do progresso, mas como a dos sacrifícios humanos em massa e da barbárie tecnológica. A internacionalização das guerras, o nascimento do universo concentracionário, o aborto em escala mundial, são expressões diversas mas coincidentes do grande holocausto que este século fez ao culto da modernidade (4).

(2) João Paulo lI, Encíclica Redemptor Hominis de 4 de Março de 1979, n° 17.

(3) João Paulo II, Encíclica Evangelium Vitae de 25 de Março de 1995, n° 17. Este juízo reitera o já pronunciado pelo Pontífice em 14 de Agosto de 1993 em Denver, por ocasião da VIII Jornada Mundial da Juventude (AAS, vol. 86,1994, p. 419).

(4) Os primeiros a demolir este mito são hoje os seus próprios fautores. Cfr. por exemplo o livro do conhecido historiador marxista inglês Eric HOBSBAWM, "The Age of the Extremes. The short Twentieth Century, 1914-1991", Penguin, Londres, 1994.

Sucede ao "sonho de construção" de um novo mundo que entra hoje em ocaso, um "sonho de destruição" que investe contra o edifício da modernidade, para abatê-lo a partir dos alicerces (5). Falida a pseudo "ordem nova" propugnada pelos totalitarismos, o mundo precipita-se numa "nova desordem mundial" na qual a marcha auto-destrutiva da Revolução parece encontrar a sua consumação definitiva. "Caos e modernidade são dois conceitos que se vão aproximando cada vez mais, até ao ponto de fundir-se" (6).

(5) R. DE MATTEI, "1900-2000. Due sogni si succedono", cit., p. 11-28. Sobre a nova "teoria do caos" cfr. também Jean-Luc MÉLANCHON, A la conquête du chaos, Denoél, Paris, 1991; James GLEICK, Chaos, Heinemann, Londres, 1989.

(6) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Os dedos do caos e os dedos de Deus", cit.

As grandes escolas filosóficas nascidas com a Revolução francesa –a hegeliana, a positivista, a marxista– revelam-se incapazes de compreender o sentido dos acontecimentos e de prever o seu rumo. A crise da ideia de progresso desmascara a impostura de uma filosofia profana da história, que se opõe à doutrina cristã. A teologia cristã da história, que está na

base do pensamento contra-revolucionário, volta hoje a aparecer em todo o vigor e actualidade.

2. A teologia da história de Plínio Corrêa de Oliveira

Se é verdade, como afirma o Cardeal Ratzinger, que "uma teologia e uma filosofia da história nascem sobretudo nos períodos de crise da história do homem" (7), pode-se compreender como a ininterrupta reflexão de Plínio Corrêa de Oliveira sobre a própria época está em proporção com a amplitude e a profundidade da crise contemporânea.

(7) J. RATZINGER, "San Bonaventura. La teologia della storia", tr. it. Nardini, Florença, 1991, p. 23

Esta reflexão, como qualquer teologia da história cristã, configura-se segundo duas dimensões históricas: uma natural, fundada sobre a liberdade do homem; outra sobrenatural, baseada na intervenção da Providência nos factos humanos. "Com efeito, do ponto de vista católico –observa Donoso Cortés– existe apenas uma causa geral de todos os factos humanos, e esta é a Providência divina" (8).

(8) J. DONOSO CORTÉS, "Estudios sobre la Historia", in "Obras", cit., vol. II, p. 234. "Prorsus divina Providentia regna –escreveu Santo Agostinho– constituuntur humana" (Santo Agostinho, "De Civitate Dei", libro V, cap. 1, n° 1).

Para o Cristianismo, a história não é apenas magistra vitae, mas historia Salutis, história sacra, universal, que abarca o acontecer de todo o género humano (9). Ela é "sacra", porque tem como autor o próprio Deus e como centro Jesus Cristo e o Seu Corpo Místico, a Santa Igreja Católica, num curso de acontecimentos que tem início com a Criação e termina com o Juízo, no fim dos tempos.

(9) Sobre a teologia da história cristã, permanece sempre válido o grande panorama de Mons. Jacques-Bénigne BOSSUET, "Discours sur l'histoire universelle", Flammarion, Paris, 1966 (1681); cfr. também C. FABRO C.P.S., "La storiografia nel pensiero cristiano", in GAF, vol. V (1954), pp. 311-340; R. T. CALMEL O.P., "Théologie de l'histoire", Dominique Martin Morin, Paris, 1984 (1966).

A primeira grande teologia da história cristã foi, como afirmou Leão XIII, a agostiniana. "Primeiro entre todos, o grande doutor da Igreja Agostinho ideou e aperfeiçoou a filosofia da história. Todos os que vieram depois dele, dignos de ser recordados neste ramo de estudos, tomaram o próprio Agostinho por autor e mestre" (10). Nesta perspectiva, a história da humanidade configura-se como a luta entre a Cidade de Satanás e a Cidade de Deus, descrita no "De Civitate Dei ": "dois amores geraram duas cidades: a terrena, o amor de si até ao desprezo de Deus; a celeste, o amor de Deus até ao desprezo de si" (11) . O amor de Deus e o amor de si são, também para Plínio Corrêa de Oliveira, os pólos que oferecem a decisiva chave de leitura dos acontecimentos históricos.

(10) Leão XIII, Carta Saepenumero considerantes de 18 de Agosto de 1883.

(11) Santo Agostinho, "De Civitate Dei ", libro XIV, cap. 28. Sobre a concepção agostiniana das duas cidades, cfr. Mons. Antonino ROMEO, "L'antitesi delle due Città spirituali di sant'Agostino, in Sanctus Augustinus Vitae Spiritualis Magister", Analecta Augustiniana, Roma, 1959, vol. I, pp. 113-146; Michele F. SCIACCA, "Interpretazione del concetto de storia in S. Agostino", Ed. Agostiniane, Tolentino, 1960.

"Noutros termos, ou o mundo se converte e reproduz fielmente a visão agostiniana da Civitas Dei, em que cada povo leva o amor de Deus a ponto de renunciar a tudo quanto lese aos outros povos; ou pelo contrário, o mundo será aquela cidade do demónio, em que todos levam o amor de si mesmos a ponto de se esquecerem de Deus" (12).

(12) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Um remédio que agravará o mal", in O Legionário, N°. 491 (8 de Fevereiro de 1942).

Mas a teologia da história de Plínio Corrêa de Oliveira, antes de ter o seu ponto de referência na visão agostiniana das duas cidades, foi vivida concretamente na prática da meditação inaciana das duas bandeiras, "uma de Cristo, sumo Capitão e Senhor nosso, a outra de Lúcifer, mortal inimigo da nossa natureza humana" (13). "Foi com razão –escreveu ele– que Santo Inácio esperou grandes frutos da sua meditação dos dois estandartes. Cristalinamente claro como estava o panorama do mundo tinha o valor de uma página apologética" (14).

(13) Santo Inácio de LOYOLA, "Exercícios Espirituais", n°s. 136-138.

(14) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "3° Acto?", in O Legionário, n° 419 (22 de Setembro de 1940).

Mas esta visão teológica nasce, e sobretudo, pode ser aproximada, da obra, não menos profunda, de um grande Santo do século XVIII: São Luís Maria Grignion de Montfort, autor do célebre "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem" (15).

(15) S. Luís Maria GRIGNION DE MONTFORT, "Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge" (1712), in Oeuvres complètes, Seuil, Paris, 1966, pp. 481-671. Esta obra, composta em 1712, permaneceu manuscrita e sepulta "no silêncio de um cofre" por mais de um século, como previra o seu autor. Encontrada casualmente em 1842, teve fulgurante difusão, com mais de 300 edições em três dezenas de línguas.

Comentando, no Tratado, as palavras do Génesis, "colocarei inimizades entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a descendência dela; Ela esmagará a tua cabeça, e tu armarás traições ao seu calcanhar", São Luís Maria de Montfort ensina: "Uma única inimizade tem Deus por autor, mas esta é irreconciliável, e não só durará, mas aumentará até ao fim: aquela existente entre Maria, sua digna Mãe, e o demónio: entre os filhos e os servos da Santíssima Virgem, e os filhos e sequazes de Lúcifer" (16).

(16) S. Luís Maria GRIGNION DE MONTFORT, "Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem", Vozes, Petrópoles, 1971 (7.° ed.).

Para Plínio Corrêa de Oliveira, como para São Luís Maria de Montfort, a antítese entre estas duas famílias espirituais provoca uma divisão implacável da humanidade, até ao fim da história. Tal guerra nada mais é que o prolongamento histórico da oposição entre a Virgem e a serpente, entre a descendência espiritual de Maria e a descendência espiritual do demónio.

"A supressão dessa luta por uma reconciliação ecuménica entre a Virgem e a serpente, entre a raça da Virgem e a raça da serpente –comenta Plínio Corrêa de Oliveira– (...), eis o regresso (ou antes, o retrocesso) à orgulhosa torre de Babel, que de todos os modos o neopaganismo procura reerguer" (17).

(17) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Volta à Torre de Babel?**", in Folha de S. Paulo, 12 de Agosto de 1980.

Para Montfort, como para Santo Inácio e Santo Agostinho, trata-se de um dualismo não ontológico mas moral, segundo o qual a história não pode ser explicada sem a acção do mal que, com "infernal estratégia, adopta todos os meios e empenha todas as forças para destruir a fé, a moral, o Reino de Deus" (18). Com efeito, Deus "julgou existir mais potência e mais perfeição em tirar o bem do mal, que em impedir o mal de existir" (19). Sobre este panorama de fundo, Plínio Corrêa de Oliveira observa que "estamos nos lances supremos de uma luta, que chamaríamos de morte se um dos contendores não fosse imortal, entre a Igreja e a Revolução" (20).

(18) Pio XII, Radiomensagem "Bendito seja o Senhor", de 13 de Maio de 1946, in DR, vol. VIII, p. 89.

(19) Santo Agostinho, "De Civitate Dei", libro XXII, cap. 1, n° 2.

(20) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 77.

3. São Luís Maria Grignion de Montfort e o "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem"

Nasceu São Luís Maria Grignion de Montfort na Bretanha em 31 de Janeiro de 1673 e morreu consumido pelas fadigas do apostolado em Saint-Laurent-sur-Sèvre, na Vandeia, em 28 de Abril de 1716 (21). A sua vida, como já foi observado (22), inscreve-se quase perfeitamente dentro dos limites cronológicos (1680-1715) do período tratado por Paul Hazard na sua obra, hoje justamente clássica, sobre a crise da consciência europeia (23). Montfort foi beatificado por Leão XIII em 22 de Janeiro de 1888 e proclamado Santo por Pio XII em 20 de Julho de 1947 (24). Dele afirmou Pio XII: foi "o apóstolo por excelência do Poitou, da Bretanha e da Vandeia"; os vandeanos que se levantaram em armas contra a impiedade revolucionária eram os filhos e netos dos camponeses que o grande Santo, com as suas missões populares, tinha preservado dos vírus da Revolução, a tal ponto que, como afirma o mesmo Pontífice, foi possível escrever sem exagerar "que a Vandeia de 1793 tinha sido obra das suas mãos" (25).

(21) Entre as numerosas biografias sobre São Luís Maria Grignion de Montfort, as melhores continuam a ser as mais antigas. Cfr. em particular P.-J. PICOT de CLORIVIÈRE, "La vie de M. Louis-Marie Grignion de Montfort", Paris-St. Malo-Rennes, 1785. Obras principais do Santo são: "O Amor da Eterna Sabedoria" (1703-1704), "As cartas" (1694-1716), "Os cânticos" (1700-1716), o "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem" e "O Segredo de Maria" (1712), "0 Segredo admirável do Santo Rosario" (1712), a "Oração abrasada" (1713), a "Carta aos amigos da Cruz" (1714), as "Regras das Filhas da Sabedoria" (1715). Consideram Montfort seu fundador ou inspirador espiritual as Filhas da Sabedoria, os Missionários da Companhia de Maria, os irmãos da Instrução Cristã de São Gabriel. Em 8 de Junho de 1981 os superiores gerais destas famílias religiosas dirigiram um apelo a João Paulo II a fim de que São Luís Maria de Montfort fosse declarado 'Doutor da Igreja' "em consideração pela sua grande santidade, pela eminência de sua doutrina e pela notável influência que continua a exercer na Igreja universal" (Carta pessoal ao Santo Padre).

(22) Marco TANGHERONI, "Introduzione a S. Luigi Maria Grignion di Monfort, Il segretto ammirabile del Santo Rosario", tr. it. Ed. Cantagalli, Siena. 1975, pp. 7-8.

(23) P. HAZARD, "La crise de la conscience européenne", cit.

(24) Pio XII, Homilia para a canonização de São Luís Maria Grignion de Montfort, 21 de Julho de 1947, in DR, vol. IX, pp. 177-183.

(25) Ibid., p. 178.

"A grande mola de todo o seu ministério apostólico, o seu grande segredo para atrair as almas e dá-las a Jesus, é a devoção a Maria" (26). Nossa Senhora, enquanto Medianeira entre Jesus Cristo e os homens, foi objecto da ardente meditação de Montfort. Em torno à Mediação universal de Maria, o Santo francês, segundo Plínio Corrêa de Oliveira, "construiu toda uma mariologia que é o maior monumento de todos os séculos dedicado à Virgem Mãe de Deus" (27).

(26) Ibid., p. 182.

(27) Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, **Prólogo à edição argentina de "Revolución y Contra-Revolución"**, Tradición, Familia, Propriedad, Buenos Aires, 1970, p. 16.

O encontro entre Plínio Corrêa de Oliveira e São Luís Maria de Montfort deveria, em certo sentido, obrigatoriamente ocorrer. Com efeito, a devoção a Nossa Senhora representou um fundamento da espiritualidade do Prof. Plínio, que aprendeu em criança; através do exemplo da sua mãe, começou a admirar sobretudo um aspecto, o da maternidade divina (28) . A Santíssima Virgem –escreveu o pensador brasileiro– representa "a quinta essência inefável, a síntese amplíssima de todas as mães que houve, que há e que haverá. De todas as virtudes maternas que a inteligência e o coração do homem possam conhecer. Mais ainda, daqueles graus de virtude que só os Santos sabem descobrir, e das quais só eles sabem aproximar-se, voando nas asas da graça e do heroísmo. É a mãe de todos os filhos e de todas as mães. É a mãe de todos os homens. É a mãe do Homem. Sim, do Homem-Deus, do Deus que se fez Homem no seio virginal dessa Mãe, para resgatar todos os homens. É uma Mãe que se define por uma palavra –o mar– a qual, por sua vez, dá origem a um nome. Nome que é um céu: é Maria" (29).

(28) Sobre a divina maternidade de Maria, solenemente proclamada em Efeso em 431, cfr. J. COLLANTES S.J., "La fede nella Chiesa cattolica", cit., pp. 298-301.

(29) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**O serviço, uma alegria**", in Folha de S. Paulo, 13 de Setembro de 1980.

Plínio Corrêa de Oliveira, que foi congregado mariano e terceiro carmelita, durante toda a sua vida conheceu, praticou e propagou as principais devoções a Nossa Senhora: rezou quotidianamente as três partes do Santo Rosário, o Angelus, o Pequeno Ofício da Imaculada Conceição; envergou o Escapulário do Carmo e levou sempre consigo a Medalha Milagrosa, revelada a Santa Catarina Labouré; mas entre todas as devoções, considerou mais perfeita a consagração montfortiana, conhecida como "escravidão de amor" à Santíssima Virgem.

Afirma o Padre António Royo Marín que nenhuma devoção mariana pode ser comparada à que apresenta São Luís Maria no "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem" (30). É o livro por excelência, que encerra uma sublime doutrina (31). "Este pequeno tratado –escreve por sua vez o P. Garrigou-Lagrange– é um tesouro para a Igreja, bem como o resumo que o Bem-aventurado escreveu para uma religiosa com o título "O Segredo de Maria" (32). "Pode-se dizer –segundo o P. De Finance– que com ele a ideia de Consagração atingiu a sua perfeita expressão" (33).

(30) António ROYO MARÍN O.P., "La Virgen Maria", BAC, Madrid, 1968, p. 367.

(31) Ibid., p. 393.

(32) R. GARRIGOU-LAGRANGE O.P., "Vita spirituale", Città Nuova, Roma, 1965, p. 254.

(33) Joseph de FINANCE, S.J., "Consécration", in DSp, vol. II,2 (1953), col. 1583 (col. 1576-1583); Jean WEEGER, André DERVILLE, "Esclave (spiritualité de 1')", in DSp, vol. IV,1 (1960), coll. 1067-1080; H. M. GEBHARD, "La devotion du Saint Esclavage du point de vue dogmatique", J. Poncet, Lyon, 1967.

Entre os inumeráveis testemunhos, é significativo o do próprio João Paulo II, que assim descreveu o papel do Tratado na sua formação espiritual:

"A leitura daquele livro marcou na minha vida uma guinada decisiva. Disse guinada, embora se trate de um longo caminho que coincidiu com a minha preparação clandestina para o Sacerdócio. Foi justamente então que me caiu nas mãos este singular tratado, um dos livros que não basta "ter lido". Recordo tê-lo levado comigo durante muito tempo, até na fábrica de soda, de tal forma que a sua capa estava manchada de cal. Relia continuamente certas passagens, uma depois da outra. Logo me dei conta de que, para além da forma barroca do livro, tratava-se de alguma coisa fundamental. Em consequência, a devoção à Mãe de Deus da minha infância e também da minha adolescência foi substituída por uma nova atitude, uma devoção que vinha do mais profundo da minha fé, do próprio coração da realidade trínitária e cristológica" (34).

(34) João Paulo II, "N'ayez pas peur!", de André FROSSARD, Editions Robert Laffont, Paris, 1982, pp. 184-185. 0 Padre Ernesto MURA, in "Il corpo mistico di Cristo" (Paoline, Alba, 1949, vol. II, pp. 131-133, 167-173), recorda a influência do Tratado sobre São Pio X e sobre a sua Encíclica Ad diem illum. de 2 de Fevereiro de 1904.

Plínio Corrêa de Oliveira "descobriu" o Tratado e consagrou-se a Nossa Senhora com vinte e dois anos, depois de ter feito uma novena a Santa Teresinha do Menino Jesus para pedir um progresso na vida espiritual. A sua vida e a sua obra podem ser consideradas como uma meditação contínua sobre o livro de São Luís Maria Grignion de Montfort.

"Se há um trabalho em que se comprende aquela \`luz intelectual cheia de amor' de que fala Dante, esse é o de Grignion de Montfort" (35).

(35) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Grignion de Montfort", in O Legionário, n° 376 (26 de Outubro de 1939).

"Penso não errar afirmando que, em essência, o Tratado não é senão a exposição de duas grandes verdades ensinadas pela Igreja, das quais ele extrai todas as consequências necessárias, à luz da qual examina toda a vida espiritual. Estas duas verdades são a

maternidade espiritual de Nossa Senhora em relação ao género humano e a mediação universal de Maria Santíssima" (36).

(36) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Grignion de Montfort", in O Legionário, n° 378 (10 de Dezembro de 1939).

Foi do "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem" que nasceu "Revolução e Contra-Revolução", tendo o próprio autor enunciado os principais pontos de afinidade entre este livro e a obra-prima montfortiana (37).

(37) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Grignion de Montfort",artigos cit.; id., "Pro Maria fiant maxima", in O Legionário, n° 379 (17 de Dezembro de 1939); id., "Prólogo à edição argentina de Revolución y Contra-Revolución", cit.

Na eminência da canonização de Montfort, quando a labareda nuclear consumia Nagasaki e Hiroshima, Plínio Corrêa de Oliveira revelava o nexo profundo deste episódio com a difusão da "Verdadeira Devoção" no mundo:

"Há dois séculos que está pronta a bomba atómica do Catolicismo. Quando ela explodir de facto, compreender-se-á toda a plenitude da palavra da Escritura: 'non est qui se abscondat a calore ejus'. Esta bomba tem um nome muito doce. É que as bombas da Igreja são bombas de Mãe. Chama-se "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem". Livrinho de pouco mais de cem páginas, no qual cada letra é um tesouro. Este é o livro dos tempos que hão de vir. (...) E, nós o repetimos, é essa a `Verdadeira Devoção', a bomba atómica que, não para matar mas para ressuscitar, Deus pôs nas mãos da Igreja em previsão das amarguras deste século" (38).

(38) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Grignion de Montfort**", in O Legionário, n° 689 (21 de Outubro de 1945).

O pensador brasileiro sempre ressaltou o carácter profético de São Luís Maria Grignion de Montfort e a utilidade da sua doutrina no século XX.

"Se alguém me pedisse para indicar um apóstolo-modelo para os nossos tempos, eu responderia sem vacilação, mencionando o nome de um missionário... falecido há precisamente 239 anos!" (39).

(39) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Doutor, Profeta e Apóstolo na crise contemporanea**", in Catolicismo n° 53 (Maio de 1955), Cfr. também id., "**O Reino de Maria, Realização do mundo melhor**", in Catolicismo, n° 55 (Julho de 1955); id., "**Exsurge Domine! Quare obdormis?**", in Catolicismo, n° 56 (Agosto 1955), e o artigo de Cunha ALVARENGA (José de AZEREDO SANTOS), "Servo de Maria, Amigo da Cruz e apóstolo da Contra-Revolução", in Catolicismo, n° 64 (Abril de 1956).

São Luís Maria é actual, como actualíssimo seria hoje o profeta Elias, no sentido de ser o homem mais adaptado e adequado aos nossos tempos.

"Adaptado, no sentido de que será `apto' a fazer-lhe bem. Adequado sim, no sentido de que disporá dos meios adequados a corrigi-lo. E por isso mesmo modernissimo. Pois ser moderno não é necessáriamente parecer-se com os tempos, e muitas vezes até é precisamente o contrário. Mas, para um apóstolo, ser moderno é estar em condições de fazer o bem no século em que vive..." (40).

(40) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Doutor, Profeta e Apóstolo na crise contemporânea", cit.

4. A devoção mariana e o apostolado contra-revolucionário

"A luta entre a Revolução e a Contra-Revolução –escreve Plínio Corrêa de Oliveira– é uma luta que, na sua essência, é religiosa" (41).

(41) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, **Prólogo à edição argentina de "Revolución y Contra-Revolución"**, cit., pp. 22-23.

"A graça depende de Deus, mas apesar disso Deus, por um acto livre da Sua vontade, quis fazer depender de Nossa Senhora a distribuição das graças. Maria é a Medianeira Universal, é o canal através do qual passam todas as graças. Por isso, a sua ajuda é indispensável para que não haja a Revolução ou que esta seja vencida pela Contra-Revolução. (...) Portanto, a devoção a Nossa Senhora é condição sine qua non para que a Revolução seja esmagada e para que vença a Contra-Revolução" (42).

(42) Ibid, pp.23-24. A mediação universal de Maria, ainda não definida oficialmente como dogma, foi reiterada nas Encíclicas de Leão XIII Octobri Mense (1891), de São Pio X Ad diem illum (1904), de Pio XII Mystici Corporis (1943). Cfr. J. COLLANTES S.J., "La fede nella Chiesa cattolica", cit., pp. 327-332.

Entretanto, a contribuição de Nossa Senhora ao apostolado contra-revolucionário vai mais longe. Com efeito, é preciso não esquecer a parte do demónio na explosão e nos progressos da Revolução. "Como é lógico pensar, uma explosão de paixões desordenadas tão profunda quanto generalizadas, como as que deram origem à Revolução, não teria lugar sem uma acção preternatural" (43). Entretanto, também este factor propulsivo da Revolução depende da vontade e do poder de Nossa Senhora, a quem Deus reservou o privilégio de esmagar o demónio.

(43) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Prólogo à edição argentina de "RCR", cit., pp. 26-27.

A constatação deste poder soberano da Virgem introduz a ideia da Realeza de Maria na qual, segundo Plínio Corrêa de Oliveira, não se deve ver um título puramente decorativo, mas "um poder de governo pessoal, bem autêntico" (44).

(44) Ibid, p.28.

"Pode-se dizer que a fé dos católicos na Realeza de Maria –escreve um conhecido mariólogo– é tão antiga como é antiga a Igreja Católica" (45). Esta verdade de fé foi admiravelmente sintetizada na Encíclica Ad coeli Reginam de Pio XII (46), promulgada por ocasião da instituição da festa litúrgica de Nossa Senhora Rainha, no encerramento do Ano Mariano de 1954. "Jesus é Rei dos séculos eternos por natureza e por conquista; por Ele, com Ele, em submissão a Ele, Maria é Rainha pela graça, pela parentela divina, por conquista, por singular eleição. E o seu Reino é tão vasto como o do seu Divino Filho, uma vez que nada se subtrai ao seu domínio" (47). Nosso Senhor –escreve por sua vez Plínio Corrêa de Oliveira– quis fazer de Nossa Senhora "um régio instrumento do seu amor" (48), havendo pois "um regime verdadeiramente marial no governo do universo. Assim se vê como Nossa Senhora, ainda quando sumamente unida a Deus e dependente d'Ele, exerce a sua acção ao longo da História" (49).

(45) P. G. M. ROSCHINI O.S.M., "Maria Santissima nella storia della salvezza", Tipografia Editrice Pisani, Isola del Liri, 1969, vol. II, p. 486. Segundo outro conhecido mariólogo "o império de Maria estende-se, ainda que seja de uma ordem subordinada, tanto quanto se estende o reino do próprio Cristo, de quem S. Paulo diz, que diante dele devem dobrar o joelho por reverência todas as criaturas: as que se encontram no Céu, e as que se encontram nos abismos, e as que se encontram sobre a terra (Philipp. 2, 10). Assim é a respeito de Maria: por ser rainha do mundo, ela é rainha do Céu, da terra, do purgatório, e além disso faz sentir o seu poder real sobre os condenados no inferno" (Don Emilio CAMPANA, "Maria nel dogma cattolico", Marietti, Turim, 1936, p. 937). Sobre a Realeza de Maria cfr. Théodore KOHLER, "Royauté de Marie", in DSp, vol. XIII (1988), col. 1098-1103; G. M. ROSCHINI O.S.M., "Maria Santissima", cit., vol. II, pp. 345-516; Tommaso M. BARTOLOMEI O.S.M., "Giustificazione dei titoli o fondamenti dommatici della Regalità di Maria", in Ephemerides Mariologicae, vol. XV (1965), pp. 49-82.

(46) Pio XII, Encíclica Ad coeli Reginam de 11 de Outubro de 1954, in AAS, vol. 46 (1954), pp. 625-640.

(47) Pio XII, Radiomensagem "Bendito seja o Senhor", cit., pp. 87-88.

(48) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Prólogo à edição..., p. 29, cit.

(49) Ibid.

"Nossa Senhora é infinitamente inferior a Deus, é evidente, mas Ele quis dar-Lhe esse papel num acto de liberalidade. É Nossa Senhora quem, distribuindo ora mais largamente a graça, ora menos, impedindo ora mais, ora menos a acção do demónio, exerce a sua Realeza sobre o curso dos acontecimentos terrenos. Nesse sentido, depende d'Ela a duração da Revolução e a vitória da Contra-Revolução" (50).

(50) Ibid.

5. O Reino de Maria na perspectiva montfortina

"Foi por intermédio da Santíssima Virgem Maria que Jesus Cristo veio ao mundo, e é também por meio dela que Ele deve reinar no mundo" (51). As palavras que abrem o Tratado constituem um admirável resumo do mesmo. Elas libertam rapidamente o campo de qualquer equívoco definindo perfeitamente a distinção de natureza e de missão entre Maria Santíssima e Jesus Cristo: Maria é o meio, Jesus Cristo é o único fim. Estabelece o autor, por outro lado, uma relação entre dois acontecimentos diversos, mas estreitamente conexos: o primeiro, constituído pela Encarnação do Verbo e pelo seu Nascimento; o segundo, envolvido em mistério, uma vez que ainda não ocorreu, é a plenitude do Reino de Jesus no mundo: um reino na História que, como se tornará claro no desenvolvimento do Tratado, o Santo não entende como sendo a Parusia, mas como o triunfo do seu Corpo Místico, a Igreja, graças aos prodígios mais uma vez produzidos, depois da Encarnação, pela união entre o Espírito Santo e a Virgem Maria (52). Este Reino é definido por São Luís Grignion como o Reino de Maria.

(51) S. L. M. Grignion de Montfort, "Tratado da Verdadeira Devoção", cit., n° 1

(52). "A união entre a Imaculada e o Espírito Santo é tão inexprimível e perfeita –escreve São Maximiliano Maria Kolbe– que o Espírito Santo age unicamente através da Imaculada, sua Esposa. Em consequência. Ela é a medianeira de todas as graças do Espírito Santo" (Carta a Frei Salesio Mikolajczyk de 28 de Julho de 1935). 0 Santo polaco chega a declarar que a Imaculada, é de certa forma a incarnação do Espírito Santo" (cfr. H. M. MANTEAU-BONAMY, O.P.. "Lo Spirito Santo e l'Immacolata", tr. it. LEMI, Roma, 1977, p. 61).

"O reino especial de Deus Pai durou até ao dilúvio –escreve ele na Oração Abrasada– e foi encerrado por um dilúvio de água; o reino de Jesus Cristo foi terminado por um dilúvio de sangue, mas o Vosso reino, Espírito do Pai e do Filho, continua presentemente e há de ser terminado com um dilúvio de fogo, de amor e de justiça" (53).

(53) S. L. M. GRIGNION DE MONFORT, "Oração Abrasada", n° 16.

São Luís Maria é um profeta que anuncia o advento do Reino de Maria, pedindo ao Senhor um dilúvio de fogo do puro amor que purificará a humanidade e será ateado "de modo tão suave e tão veemente que todas as nações, os turcos, os idólatras e até os próprios judeus hão de arder nele e converter-se" (54).

(54) Ibid., n° 17.

Quando virá esse tempo afortunado "em que Maria será estabelecida Senhora e Soberana nos corações, para submetê-los plenamente ao império do seu grande e único Jesus ? (...) Este tempo –escreveu Montfort– só chegará quando se conhecer e praticar a devoção que eu ensino: "Ut adveniat regnum tuum, adveniat regnum Mariae: para que venha o teu reino, venha o Reino de Maria" (55).

(55) S. L. M. GRIGNION DE MONTFORT. "Tratado da Verdadeira Devoção", cit., n° 217.

São Luís Maria afirma que o Reino de Maria será uma época com um florescimento da Igreja que a história nunca conheceu. Acrescenta ainda que, para instaurar esta época, "o Altíssimo e a sua Santa Mãe devem suscitar grandes Santos, de uma santidade tal que sobrepujarão a maior parte dos Santos, como os cedros do Líbano se avantajam às pequenas árvores em redor" (56).

(56) Ibid., n° 47. Sobre os "apóstolos dos últimos tempos", cfr. A. LHOUNEAU, "La Vierge Marie et les apôtres des derniers temps d'après le B. Louis-Marie de Montfort", Mame, Tours, 1919; H. FREHEN, "Le second avènement de Jésus-Christ et la `méthode' de saint Louis-

Marie de Montfort", in Documentation Montfortaine, vol. 7 (1962), n° 3; Stefano DE FLORES S.M.M., "La `missione' nell'itinerario spirituale e apostolico di S. Luigi Maria di Montfort", in Aa. vv., "La missione monfortana ieri ed oggi", Actas da 2° Convenção intermonfortiana (1984), Centro intermonfortano di Documentazione, Roma, 1985.

O modo pelo qual se realizará esta união especial de Maria com as almas dos seus apóstolos será a prática da "verdadeira devoção", cujo segredo ele revela e aprofunda no Tratado. A Realeza de Nossa Senhora deverá realizar-se em primeiro lugar dentro das almas; a partir das almas reflectir-se-á sobre a vida religiosa e civil dos povos considerados como um todo.

"O Reino de Maria - conclui Plínio Corrêa de Oliveira - será, pois, uma época em que a união das almas com Nossa Senhora alcançará uma intensidade sem precedentes na História (excepção feita é claro dos casos individuais). Qual é a forma dessa união em certo sentido suprema? Não conheço meio mais perfeito para enunciar e realizar esta união do que a sagrada escravidão a Nossa Senhora, como é ensinada por São Luis Maria Grignion de Montfort no `Tratado da Verdadeira Devoção´" (57).

(57) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Prólogo à edição argentina de "Revolución..." cit., p. 33.

6. "Servitudo ex caritate": obedecer para ser livre

A consagração a Maria, sob várias formas, é considerada parte essencial do carisma, não só dos montfortianos, como dos maristas, dos claretianos e de várias outras instituições religiosas (58). Constitui ela, por outro lado, costume de muitas associações, como a "Legião de Maria", a "Milícia da Imaculada", o "Apostolado Mundial de Fátima", a associação "Maria Rainha dos Corações" e as próprias Congregações Marianas. "Com a eleição ao Pontificado de João Paulo II e os seus actos repetidos de consagração das Igrejas singulares e do mundo inteiro (1981, 1982, 1984) –observa o Padre monfortino Stefano De Flores– a consagração/entrega a Maria torna-se tema teológico sem fronteiras" (59).

(58) Sobre a relação entre a consagração a Maria de São Luís Maria Grignion de Montfort e a de São Maximiliano Kolbe, cfr. Padre António M. DI MONDA O.F.M. Conv., "La consacrazione a Maria", Milizia dell'Immacolata, Nápoles, 1968.

(59) Stefano DE FLORES S.M.M., "Maria nella teologia contemporanea", Centro "Madre della Chiesa", Roma, 1987, p. 314-315. Cfr. também A. RIVERA, "Boletín bibliográfico de la consagración a la Virgen", in Ephemerides Mariologicae, vol. 34 (1984), pp. 125-133.

Apesar de incluída desde sempre na tradição da Igreja, a consagração a Maria sofreu, porém, incompreensões de vários géneros. Na oposição a esta consagração confluem dois tipos de críticas: a primeira refere-se ao seu própro objecto, a Santíssima Virgem, à qual se prestaria um indébito culto de "latria" (60); a segunda crítica diz respeito ao modo de fazer a consagração, que na perspectiva montfortina é concebida como uma "escravidão" a Nossa Senhora.

(60) "Uma consagração propriamente dita –objecta por exemplo o teólogo progressista Juan Alfaro– não se faz senão a uma Pessoa divina porque a consagração é um acto de latria, cujo termo final apenas pode ser Deus" (J. ALFARO, "Il cristocentrismo della consacrazione a Maria nella congregazione mariana", Stella Matutina, Roma, 1962, p. 21).

O primeiro ponto foi refutado com clareza pelo próprio São Luís Maria de Montfort: se todas as devoções devem tender para Cristo como fim e centro de tudo, pois "de outra forma seriam enganosas" (61), é evidente, explica, que também a consagração a Maria não pode ter outro fim senão Cristo. "Portanto –diz Montfort– se estabelecemos a sólida devoção à Santíssima Virgem, é só para estabelecer mais perfeitamente a devoção dirigida a Jesus Cristo" (62). Não se trata, portanto, de culto de "latria", mas de legítimo culto de "hiperdulia". "A teologia–com efeito– diz-nos que devemos ter por Maria não somente um culto de dulia,

como o que é devido aos Santos, mas de hiperdulia, que vem imediatamente antes do culto de latria, reservado a Deus e à divina Humanidade do Salvador" (63).

(61) S. L. M. GRIGNION DE MONTFORT, "Tratado da Verdadeira Devoção", cit., n° 61.

(62) Ibid., n° 62.

(63) R. GARRIGOU-LAGRANGE O.P., "Vita spirituale", cit., p. 254.

Mas é sobretudo o segundo ponto, relativo à ideia de "escravidão" (64), que choca a sensibilidade moderna, porque exprime uma relação de dependência e de submissão como súbdito que é antitética à ideia de "libertação" e autodeterminação, a qual constitui o leitmotiv da mentalidade progressista (65). O homem moderno não pode imaginar que exista alguém que deseje encontrar a própria liberdade na dependência de outro. "Já ninguém quer ser escravo, nem sequer escravo de amor" (66), objecta um conhecido teólogo progressista.

(64) A doutrina da Igreja sobre a escravidão está expressa na frase de São Paulo: "Já não existe diferença entre o judeu e o grego, o escravo e o homem livre, o homem e a mulher; sois um em Jesus Cristo" (Ad Galatas, III, 28). "A casa de cada homem é uma cidade –acrescenta São João Crisóstomo– e, nela, há uma hierarquia: o marido tem poder sobre a mulher, a mulher sobre os escravos, os escravos sobre as suas esposas, os homens e as mulheres sobre os seus próprios filhos" (in Epistula ad Ephesios, cit. in Paul ALLARD, "Les esclaves chrétiens depuis les premiers temps de l'Eglise jusqu'à la fin de la dominatian romaine en Occident", Didier et C., Paris, 1876, p. 279.

(65) Sobre a escravidão e a moral cristã: Pietro PALAZZINI, verbete "Schiavitù", in EC, vol. XI (1953), col. 58; Viktor CATHREIN S.J., "Moralphilosophie", Herder, Friburgo, 1899 (2 vol.), vol. II, pp. 435-448.

(66) Edward H. SCHILLEBEECKX, "Maria Madre della Redenzione", tr. it. Ed. Paoline, Catânia, 1965, p. 142.

Entretanto os Santos e os Papas, que desde o século IX até aos nossos dias, tomaram nos actos oficiais o título de Servus servorum Dei (67), sentiam-se honrados em consagrar-se como escravos a Jesus Cristo, à Santíssima Virgem e até ao próximo (68). "O Senhor fez-me escravo do povo de Hipona", escrevia Santo Agostinho (69), enquanto São João Crisóstomo afirmava: "Se aquele que está na forma de Deus se aniquilou a si mesmo tomando a forma do escravo para salvar os escravos, quem se deve admirar que eu, que sou somente um escravo, me faça escravo dos meus companheiros de escravidão?" (70)

(67) A. Pietro FRUTAZ, "Servus Servorum Dei", in EC, vol. XI (1953), col. 420-422. São Gregório Magno foi o primeiro Papa a fazer largo uso deste título (cfr. Paolo DIACONO, "Vita S. Gregorii", in PL, vol. 75, p. 87).

(68) S. L. M. GRIGNION DE MONFORT, "Tratado da Verdadeira Devoção", cit., n° 135, mas também "Imitação de Cristo", livro III, cap. X.

(69) P. ALLARD,`"Les esclaves chrétiens", cit., p. 242.

(70) S. João CRISÓSTOMO, De mutatione nominum, Homilia II, 1, 1 cit. in P. ALLARD, pp. 242.243. Segundo o Padre Garrigou-Lagrange, "se há no mundo escravos do respeito humano, da ambição, do dinheiro e de outras paixões ainda mais vergonhosas, felizmente existem também escravos da palavra dada, da consciência e do dever. A santa escravidão pertence a esta última classe. Temos aqui uma metáfora viva que se contrapõe à escravidão do pecado" (R. GARRIGOU-LAGRANGE O.P., "La Mère du Sauveur et nôtre vie intérieure", Editions du Cerf, Paris, 1975, apêndice IV).

Plínio Corrêa de Oliveira, numa série de artigos para o grande público, estampados na Folha de S. Paulo, tratou do problema com a clareza costumeira, reconduzindo os termos "escravidão" e "liberdade" ao seu autêntico significado (71):

(71) O ensinamento de Plínio Corrêa de Oliveira reflecte o de Leão XIII, na Encíclica Libertas de 20 de Junho de 1888 (in , vol. VI, "La pace interna delle nazioni", cit., pp. 143-176) e antecipa o de João Paulo II, na Encíclica Veritatis Splendor de 6 de Agosto de 1993.

"Do homem cumpridor das suas obrigações dizia-se outrora que era `escravo do dever'. De facto, era um homem situado no ápice da sua liberdade, que entendia por um acto todo pessoal quais as vias que devia trilhar, deliberava com varonil vigor trilhá-las, e vencia o assalto das paixões desordenadas que tentavam cegá-lo, amolecer-lhe a vontade e vedar-lhe assim o caminho livremente escolhido. O homem que, alcançada esta suprema vitória, prosseguia com passo firme para o rumo devido, era livre.

"`Escravo' era, pelo contrário, aquele que se deixava arrastar pelas paixões desregradas para um rumo que a sua razão não aprovava, nem a vontade preferia. A estes genuínos vencidos se chamava `escravos do vício'. Tinha-se libertado' por escravidão ao vício do sadio império da razão.

"Hoje, tudo se inverteu. Como tipo de homem 'livre' temos o hippie de flor em punho, a deambular sem eira nem beira, ou o hippie que, de bomba na mão, espalha o terror a seu bel-prazer. Pelo contrário, é tido por atado, por homem não livre, quem vive na obediência das leis de Deus e dos homens.

"Na perspectiva actual, é 'livre' o homem a quem a lei faculta comprar as drogas que queira, usá-las como entenda, e por fim... escravizar-se a elas. E é tirânica, escravizante, a lei que impede o homem de escravizar-se à droga.

"Sempre nesta estrábica perspectiva feita de inversão de valores, é escravizante o voto religioso mediante o qual, em plena consciência e liberdade, o frade se entrega, com renúncia de qualquer recuo, ao serviço abnegado dos mais altos ideais cristãos. Para proteger contra a tirania da sua própria fraqueza essa livre deliberação, o frade sujeita-se, nesse acto, à autoridade de superiores vigilantes. Quem assim se vincula para se conservar livre das suas más paixões está sujeito hoje a ser qualificado de vil escravo. Como se o superior lhe impusesse um jugo que cerceasse a sua vontade... quando, pelo contrário, o superior serve de corrimão para as almas elevadas que aspiram, livre e intrepidamente –sem ceder à perigosa vertigem das alturas– subir até cima as escadarias dos supremos ideais.

"Em suma, para uns é livre quem, com a razão obnubilada e a vontade quebrada, impelido pela loucura dos sentidos, tem a faculdade de deslizar voluptuosamente no tobogã dos maus costumes. E é `escravo' aquele que serve à própria razão, vence com força de vontade as próprias paixões, obedece às leis divinas e humanas, e põe em prática a ordem.

"Sobretudo é escravo, nessa perspectiva, aquele que, para mais inteiramente garantir a sua liberdade, opta livremente por submeter-se a autoridades que o guiem para onde ele quer chegar. Até lá nos leva a atmosfera actual, impregnada de freudismo!" (72).

(72) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Obedecer para ser livre**", in Folha de S. Paulo, 20 de Setembro de 1980.

Em que sentido se pode ligar a palavra "amor" a "escravidão", sendo que esta última parece contradizer a primeira enquanto odiosa imposição de uma vontade sobre a outra?

"Amor em sã filosofia, –explica ainda Plínio Corrêa de Oliveira– é o acto pelo qual a vontade quer livremente alguma coisa. Assim, também na linguagem corrente, `querer' e `amar' são palavras utilizáveis no mesmo sentido. 'Escravidão de amor' é o nobre auge do acto pelo qual alguém se dá livremente a um ideal, a uma causa. Ou, por vezes, se vincula a outrem.

"O afecto sagrado e os deveres do matrimónio têm qualquer coisa que vincula, que liga, que enobrece. Em espanhol, às algemas chama-se `esposas'. A metáfora faz-nos sorrir. E aos divorcistas pode arrepiar. Pois alude à indissolubilidade. Em português falamos dos `vínculos' do matrimónio.

"Mais vinculante do que o estado de casado é o do Sacerdote. E, em certo sentido, mais ainda é o dos religiosos. Quanto mais alto é o estado livremente escolhido, tanto mais forte o vínculo, e tanto mais autêntica a liberdade" (73).

(73) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, ibid. "Chamando todos os homens aos píncaros da `escravidão de amor', São Luis Maria Grignion de Montfort fá-lo em termos tão prudentes, que deixam livre campo para importantes matizes. A sua `escravidão de amor', tão cheia de significado especial para as pessoas ligadas por voto ao estado religioso, pode igualmente ser praticada por Sacerdotes seculares e por leigos. Pois, ao contrário dos votos religiosos, que obrigam durante certo tempo ou durante vida inteira, o `escravo de amor' pode deixar a qualquer momento essa elevadíssima condição, sem ipso facto cometer pecado. E enquanto o religioso que desobedece à

sua regra incorre em pecado, o leigo `escravo de amor' não comete pecado algum pelo simples facto de contraditar de algum modo a generosidade total do dom que fez. Isto posto, o leigo mantém-se nesta condição de escravo por um acto livre implícita ou explícitamente repetido cada dia. Ou melhor, a cada instante." (ibid.).

Recorda Plínio Corrêa de Oliveira que a consagração de São Luís Maria Grignion de Montfort possui uma admirável radicalidade. Ela sacrifica não apenas os bens materiais do homem, mas também o mérito das suas boas obras e orações, a sua vida, o seu corpo e a sua alma. Ela não possui limites, porque o escravo, por definição, nada tem de seu, pertence completamente ao senhor. Nossa Senhora, em troca, obtém para o seu "escravo de amor" especiais graças divinas que iluminam a sua inteligência e robustecem a sua vontade.

"Em troca dessa consagração, Nossa Senhora actua no interior do seu escravo de modo maravilhoso, estabelecendo com ele uma união inefável.

"Os frutos dessa união aparecerão nos Apóstolos dos Últimos Tempos, cujo perfil moral é traçado por São Luiz Maria com linhas de fogo na sua Oração Abrasada. Usa para isso uma linguagem de grandeza apocalíptica, na qual parece reviver todo o fogo de um Baptista, todo o clamor de um Evangelista, todo o zelo de um Paulo de Tarso. Os varões portentosos que lutarão contra o demónio pelo Reino de Maria, conduzindo gloriosamente até ao fim dos tempos a luta contra o demónio, o mundo e a carne, São Luis descreve-os desde já como magníficos modelos que convidam à perfeita escravidão a Nossa Senhora a todos aqueles que, nos nossos tenebrosos dias, lutam nas fileiras da Contra-Revolução." (74).

(74) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Prólogo à edição argentina de "Revolución" cit. p. 34.

7. Os frutos da consagração: uma nova Idade Média?

Como se explica que a consagração a Nossa Senhora tenha como fruto a Civilização Cristã? Consagrar é, por definição, subordinar a Deus o homem e a sociedade (75). A expressão "Reino de Maria" exprime aquele ideal de sacralização da ordem temporal através da mediação de Maria, que mais não é do que a Civilização Cristã, sempre apontada como meta pelos Pontífices. A Civilização Cristã, que se submete inteiramente a Deus e reconhece a suprema Realeza de Jesus Cristo e de Maria; é, neste sentido, "sacral" e hierarquicamente ordenada.

(75) Santo Agostinho, "De Civitate Dei", lib. 10, c. 6; cfr. verbete "Consacrare" de S. de FLORES S.M.M., in "Nuovo Dizionario di Mariologia", org. S. De FIORES e Salvatore MEO, Paoline, Milão, 1985, pp. 394-417 e J. de FINANCE, "Consécration", cit.

O Reino de Maria será uma civilização sacral porque estará ordenado segundo Deus nos seus fundamentos; a lei que regulará as relações com Deus e entre os homens será a da dependência, que encontrará a sua mais alta expressão na "escravidão de amor" à Santíssima Virgem.

A mediação humana na escravidão mariana apresenta analogias com as relações feudais na Idade Média: com efeito, estas exprimiam um conceito cristão de dependência que não excluía, pelo contrário valorizava, a liberdade e a responsabilidade dos súbditos. A sociedade feudal era uma sociedade de homens livres, fundada numa relação bilateral de fidelidade recíproca (76). A escravidão é, por certo, imoral se for considerada como sujeição total de um homem a outro, no sentido de lhe negar os inalienáveis direitos naturais; a dependência em relação a outro homem, entretanto, não é imoral se estes direitos forem reconhecidos, e se for escolhida livremente, como acontece nas ordens religiosas e como aconteceu na Cristandade medieval (77).

(76) Cfr. François-Louis GANSHOF, "Qu'est-ce que la féodalité?", Tallandier, Paris, 1982; Robert BOUTRUCHE, "Seigneurie et féodalité", Aubier. Paris, 1968 (1959); Joseph CALMETTE, "La société féodale", Colin, Paris, 1947 (6a. ed.); Marc BLOCH, "La société féodale", Albin Michel, Paris, 1989.

(77) Cfr. P. ALLARD, "Les origines du servage en France", J. Gabalda, Paris, 1913, 2a. ed.; Charles VERLINDEN, "L'esclavage dans l'Europe médiévale", De Tempel, Brugge, 1955 - Gent 1977, 2 vols.; Francesco MICHELINI, "Schiavitù, religioni antiche e cristianesimo primitivo", Lacaita, Manduria, 1963.

"Aquilo que a Idade Média sentia e exprimia era que cada homem tinha um superior. Este superior era seu senhor, seu soberano, e este, por sua vez, tinha um senhor, um soberano. Assim, a sociedade oferecia ao olhar aquilo que Augustin Thierry definiu magnificamente como `uma grande cadeia de deveres"' (78).

(78) Bertrand de JOUVENEL, "De la souveraineté", Genin, Paris, 1955, p. 218.

Neste sentido, o Reino de Maria assemelhar-se-á à Idade Média, idade sacral e cristã por excelência, mas saberá tirar as lições dos erros que levaram à sua decadência, entesourando essa experiência.

"A Ordem nascida da Contra-Revolução deverá refulgir, mais ainda do que na Idade Média, nos três pontos capitais em que esta foi vulnerada pela Revolução:

"1) Um profundo respeito pelos direitos da Igreja e do Papado e uma sacralização, em toda a extensão do possível, dos valores da vida temporal, tudo por oposição ao laicismo, ao interconfessionalismo, ao ateísmo e ao panteísmo, bem como as suas respectivas sequelas.

"2) Um espírito de hierarquia marcando todos os aspectos da sociedade e do Estado, da cultura e da vida, por oposição à metafísica igualitária da Revolução.

"3) Uma diligência no detectar e no combater o mal nas suas formas embrionárias ou veladas, em fulminá-lo com execração e nota de infâmia, e em puni-lo com inquebrantável firmeza em todas as suas manifestações, e particularmente nas que atentarem contra a ortodoxia e a pureza dos costumes, tudo por oposição à metafísica liberal da Revolução e à tendência desta a dar livre curso e protecção ao mal" (79).

(79) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 42.

O Reino de Maria será um retorno ao passado, ou abrirá o caminho para um futuro novo e imprevisível?

"A ambas as perguntas se deveria responder pela afirmativa. A natureza humana tem as suas constantes, que são invariáveis para todos os tempos e todos os lugares. Os princípios básicos da Civilização Cristã também são imutáveis. Assim, por certo, esta nova ordem de coisas, esta nova Civilização Cristã será profundamente parecida, ou melhor, idêntica à antiga nos seus traços essenciais. E há-de ser, queira Deus, no século XXI a mesma do século XIII. Mas, de outro lado, as condições técnicas e materiais da vida transformaram-se profundamente, e nada seria mais anorgânico do que abstrair destas modificações. Neste particular, é preciso exactamente não fazer muitos planos. Os fundadores da Civilização Cristã na alta Idade Média não tinham em mente o século XIII tal qual existiu. Tinham eles simplesmente a intenção genérica de fazer um mundo católico. Para isto, cada geração foi resolvendo com profundidade de análise e senso católico os problemas que estavam ao seu alcance. E quanto ao mais, não se perdiam em conjecturas.

"Façamos como eles. Nas linhas gerais, já conhecemos todo o arcabouço pela história e pelo Magistério da Igreja. Quanto aos pormenores, caminhemos passo a passo sem planos meramente teóricos, elaborados em gabinete: sufficit diei malitia sua "(80).

(80) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A sociedade cristã e orgânica e a sociedade mecânica e pagã**", in Catolicismo, n° 11 (Novembro de 1951). Sobre este ponto cfr. também id., "**A réplica da autenticidade**", cit., pp. 233-237.

"Os admiradores da Idade Média –escreveu ainda–exprimem-se mal quando sustentam que o mundo atingiu nessa época o máximo do seu desenvolvimento. Na linha em que caminhava a própria civilização medieval, muito ainda haveria que progredir. O encanto grandioso e delicado da Idade Média não provém tanto do que ela realizou, como da veracidade cintilante e da harmonia profunda dos princípios sobre os quais ela construiu. Ninguém possuiu como ela o conhecimento profundo da ordem natural das coisas; ninguém teve como ela o senso vivo da insuficiência do natural –mesmo quando desenvolvido na plenitude da sua ordem própria– e da necessidade do sobrenatural; ninguém como ela brilhou

ao sol da influência sobrenatural com mais limpidez e na candura de uma maior sinceridade" (81).

(81) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A grande experiência de 10 anos de luta", cit.

Na família de almas que reconhece a paternidade espiritual de Plínio Corrêa de Oliveira, a confiança no Reino de Maria não é um elemento secundário e acessório.

A relutância em relação a essa perspectiva é típica de quem nega o verdadeiro progresso na vida espiritual e civil dos indivíduos e dos povos. No século XIX, uma desconfiança deste género avolumou-se em torno do conceito da Realeza de Cristo e da grande devoção a esta intimamente ligada, a do Sagrado Coração de Jesus. Um nexo igualmente profundo une hoje o conceito de Reino de Maria à devoção ao Coração Imaculado da Virgem, que teve a sua confirmação nas aparições de 1917 em Fátima (82). Mas o conceito de Realeza de Cristo por sua vez está ligado ao da Realeza de Maria, assim como se encontram estreitamente ligadas as devoções aos Sagrados Corações de Jesus e de Maria. O Reino de Cristo nas almas e nas sociedades não é diverso do Reino de Maria, e a devoção aos dois Sagrados Corações prepara o advento do mesmo triunfo.

(82) Péricles CAPANEMA, "Fátima e Paray-le-Monial: uma visão de conjunto", in Catolicismo, n° 522 (Junho de 1994). Foi São João Eudes, em 1643, o primeiro a iniciar, entre os seus religiosos, a festa litúrgica do Coração de Maria que Pio XII, em 1944, estendeu a toda a Igreja. O próprio Pio XII, em 31 de Outubro de 1942, aderindo às súplicas do Episcopado português, consagrava solenemente a Igreja e todo o género humano ao Coração Imaculado de Maria.

"Para todos os fiéis, a `escravidão de amor', é pois, essa angélica e suma liberdade com que Nossa Senhora os espera no umbral do século XXI: sorridente, atraente, convidando-os para o Reino d'Ela, segundo a sua promessa em Fátima: `Por fim, o meu Imaculado Coração Triunfará'" (83).

(83) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Obedecer para ser livre", cit.

8. "De Fatima numquam satis"

Em 1917, em Fátima, Nossa Senhora confiou a três crianças portuguesas uma mensagem que apontava horizontes de tragédia mas também de uma doce esperança, ligada à promessa do triunfo do Seu Coração Imaculado (84). Só muitos anos mais tarde Plínio Corrêa de Oliveira conheceu a Mensagem de Fátima, encontrando nela o eco de um desejo profundo que há muito tocava o seu coração: as aspirações de São Luís Maria Grignion de Montfort e de todas as almas que no curso dos séculos tinham desejado e profetizado o "Reino de Maria".

(84) As seis aparições de Nossa Senhora a Lúcia dos Santos, de dez anos, e aos seus dois primos, Francisco de nove anos e Jacinta Marto de sete. ocorreram entre 13 de Maio e 13 de Outubro de 1917. Em 1930, o Bispo de Leiria, Dom José Alves Correia autorizou o culto a Nossa Senhora de Fátima. Em 1946 o Cardeal Bento Aloisi Masella coroou solenemente a imagem de Nossa Senhora de Fátima em presença de 600.000 peregrinos.

Nos primeiros dias de Abril de 1945, enquanto a segunda Guerra Mundial chegava ao seu trágico epilogo, o Prof. Plínio, no Legionário, elevava o olhar a Maria entrevendo nas aparições de Fátima o evento mais importante e significativo do século.

"`De Maria numquam satis'. `De Fatima numquam satis', poder-se-ia dizer. Fátima não é um facto ocorrido apenas em Portugal, e que interessa apenas para o nosso tempo. Fátima é um marco novo na própria História da Igreja. Fátima é, queiram ou não queiram, a verdadeira aurora dos tempos novos cujos albores despertaram nos campos de batalha..." (85).

(85) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Livros versus canhões**", in O Legionário, n° 661 (8 de Abril de 1945). Sobre Fátima cfr. também O Legionário n° 597 (**16 de Janeiro de 1944**), n° 598 (23 de Janeiro de 1944) e n° 614 (**14 de Maio de 1944**).

No ano de 1952, escrevia em Catolicismo: "na confusão da terra abriram-se os Céus, e a Virgem apareceu em Fátima para dizer aos homens a verdade. Verdade austera, de admoestação e penitência, mas verdade rica em promessas de salvação. O milagre de Fátima repetiu-se quase ao findar este triste e vergonhoso ano de confusão, aos olhos do Vigário de Cristo, para atestar que as ameaças de Deus continuam a pairar sobre os homens, mas que a protecção da Virgem jamais abandonará a Igreja e os seus verdadeiros filhos" (86).

(86) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, **"Nolite timere pusillus grex"**, in Catolicismo, n° 13 (Janeiro de 1952

"O triunfo do Imaculado Coração de Maria –escrevia ainda no Catolicismo, em 1957– o que pode ser, senão o Reinado da Santíssima Virgem, previsto por São Luis Maria Grignon de Montfort? E esse Reinado, o que pode ser senão aquela era de virtude em que a humanidade, reconciliada com Deus, no regaço da Igreja, viverá na terra segundo a Lei, preparando-se para as glórias do Céu ?" (87).

(87) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Hodie in terra canunt angeli, laetantur archangeli, hodie exsultant justi**", in Catolicismo, n° 84 (Dezembro de 1957).

Consiste a Mensagem de Fátima, como afirma a Irmã Lúcia, num único segredo com três partes diversas (88). Duas destas três partes foram reveladas pela própria Irmã Lúcia em 1941. A primeira é a terrível visão do inferno, onde se precipitam as almas dos pecadores; a isto contrapõe-se a misericórdia do Coração Imaculado de Maria, supremo remédio oferecido por Deus à humanidade para a salvação das almas. A segunda parte do segredo diz respeito à dramática alternativa histórica do nosso tempo: a paz, fruto da conversão do mundo e do cumprimento dos pedidos de Nossa Senhora, ou um terrível castigo que atingirá a humanidade se esta se obstinar nas vias do pecado. Condições essenciais estabelecidas por Nossa Senhora para evitar o castigo são a consagração da Rússia ao Seu Coração Imaculado e a prática da Comunhão reparadora nos primeiros sábados do mês. Está implícita neste apelo a necessidade de uma conversão, entendida sobretudo como uma recristianização da sociedade e uma regeneração dos seus costumes. "Se atenderem aos meus pedidos, a Rússia converter-se-á e terão paz; senão espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja; os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas; por fim, o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz" (89).

(88) Memórias e Cartas da Irmã Lúcia", com Introdução e notas do Padre António Maria MARTINS S.J., Guimarães, Porto, 1976, pp. 218-219.

(89) Ibid.

A referência a Fátima caracterizou quase todas as intervenções públicas de Plínio Corrêa de Oliveira. Na sua introdução ao livro de António Augusto Borelli Machado, apresentou Fátima "como o mais importante acontecimento do século XX":

"O Império Romano do Ocidente encerrou-se com um cataclismo iluminado e analisado pelo génio de um grande Doutor, que foi Santo Agostinho. O ocaso da Idade Média foi previsto por um grande profeta, São Vicente Ferrer. A Revolução Francesa, que marca o fim dos Tempos Modernos, foi prevista por outro grande profeta, e ao mesmo tempo Doutor, São Luis Maria Grignion de Montfort. Os Tempos Contemporâneos, que parecem na iminência de se encerrar com nova crise, têm um privilégio maior. Veio Nossa Senhora falar aos homens.

"Santo Agostinho não pôde senão explicar para a posteridade as causas da tragédia que presenciava. São Vicente Ferrer e São Luis Maria Grignion de Montfort procuraram em vão desviar a tormenta: os homens não os quiseram ouvir. Nossa Senhora a um tempo explica os motivos da crise, e indica o seu remédio, profetizando a catástrofe caso os homens não a ouçam.

"Sob todos os pontos de vista, pela natureza do conteúdo como pela dignidade de quem as fez, as revelações de Fátima sobrepujam, pois, tudo quanto a Providência tem dito aos homens na iminência das grandes borrascas da História.

"Por tudo isto, pode-se afirmar categoricamente e sem o menor receio de contradita, que as aparições de Nossa Senhora e do Anjo da Paz em Fátima constituem o acontecimento mais importante e mais empolgante do Século XX" (90).

(90) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, apresentação a António A. BORELLI MACHADO, "As aparições e a mensagem de Fátima conforme os manuscritos da Irmã Lucia", Companhia Editora do Minho, Barcelos, 1994. A primeira versão deste estudo foi publicada em Catolicismo, n° 197 (Maio de 1967) por ocasião do cinquentenário das aparições. O trabalho foi inteiramente revisto e ampliado com base nos manuscritos da Irmã Lucia, publicados em 1973, e reeditado em Catolicismo, n° 295 (Julho de 1975). A obra desde então teve uma difusão de centenas de milhares de exemplares nas principais línguas.

9. A "terceira parte do segredo" de Fátima

A "terceira parte do segredo" de Fátima, segundo as indicações de Nossa Senhora à Irmã Lúcia, deveria ter sido divulgada, o mais tardar, em 1960.

João XXIII, o primeiro Pontífice que leu o texto da Irmã Lúcia, recusou a sua divulgação. Em 8 de Fevereiro de 1960, através de um lacónico comunicado de imprensa, o Vaticano informou que o segredo de Fátima não seria revelado.

Paulo VI, eleito em 23 de Junho de 1963, leu por sua vez a mensagem, mas manteve a mesma posição do seu predecessor (91).

(91) Nem João Paulo II considerou oportuno dar a conhecer a última parte da mensagem de Fátima, que assim figura, na época da "sociedade transparente", como o segredo mais ciumentamente guardado dos nossos tempos. "Um segredo é um segredo. E, em boa lógica, ninguém pode tirar deduções do seu conteúdo, já que não o conhece. Entretanto, não é fora de propósito fazer aqui uma conjectura. A parte ainda não divulgada do segredo provavelmente contém pormenores assustadores sobre o modo pelo qual se cumprirão os castigos anunciados em Fátima. Pois só assim se explica porque possa parecer duro publicá-la. Se ela contivesse perspectivas distensivas, tudo leva a crer que já estaria publicada" (Plinio CORRÊA DE OLIVEIRA, prefácio a A. A. BORELLI MACHADO, "As aparições e a Mensagem...", cit., p. 16).

Em 13 de Maio de 1973, os sócios e colaboradores da TFP acolheram, na sede de São Paulo, a imagem peregrina de Nossa Senhora de Fátima, que tinha chorado miraculosamente em Nova Orleães em 1972, com uma vigília de orações, na qual renovaram a sua consagração a Nossa Senhora segundo o método de São Luis de Montfort. Persuadido de que o "terceiro segredo" contivesse palavras decisivas de advertência, orientação e conforto para a humanidade nessa hora extrema, Plínio Corrêa de Oliveira redigiu naquela ocasião uma **mensagem à Irmã Lúcia**, a vidente ainda viva, pedindo-lhe que rompesse o silêncio, revelando a parte desconhecida da mensagem celeste da qual é despositária, a fim de "abrir os olhos daqueles que dormem como dormiam os apóstolos no Horto das Oliveiras". A mensagem foi assinada com particular solenidade por 735 membros das TFPs, do Brasil e de outras nações, presentes, naquela noite, na sede paulista da associação (92). No mês de Agosto do mesmo ano, iniciou-se a divulgação da versão actualizada do opúsculo do Eng° António Augusto Borelli Machado, "As aparições e a mensagem de Fátima segundo os manuscritos da irmã Lúcia" (93).

(92) Cfr. o texto in "Um homem, uma obra, uma gesta", cit., pp. 201-202.

(93) A obra teve cartas de aprovação de cerca de quarenta Bispos, entre os quais Mons. Philip M. Hannan, Arcebispo de Nova Orleães, o Cardeal Bernardino Echeverría Ruiz O.F.M., Arcebispo de Guaiaquil, o Cardeal Silvio Oddi, Mons. Germán Villa Gaviria, Arcebispo de Barranquilla na Colômbia.

O persistente silêncio mantido pelas autoridades eclesiásticas sobre o "terceiro segredo" cercou-o de um halo de mistério com contornos apocalípticos. A opinião pública em geral considera que o terceiro segredo diz respeito a uma guerra nuclear, acompanhada de

catástrofes naturais. Mas a maior parte dos estudiosos da mensagem de Fátima não é desta opinião.

"Fatimólogos" como o claretiano espanhol Joaquim Maria Alonso (94), o francês Michel de la Sainte Trinité (95) e o brasileiro António Augusto Borelli Machado (96) julgam que a parte essencial do terceiro segredo, mais que a uma catástrofe material, diga respeito a um castigo espiritual, constituido pela crise interna da Igreja. "Antes que esta crise se tornasse notória –escreve António Borelli– compreende-se que um espírito piedoso sentisse horror perante tal hipótese. Mas, a partir do momento em que a crise se tornou pública, não há razão para recuar diante deste prognóstico" (97).

(94) Entre as várias obras do Padre Alonso, falecido em 1981, cfr. Joaquín M. ALONSO C.M.F., "La verdad sobre el Secreto de Fatima", Centro Mariano, Madrid, 1976.

(95) Frère Michel de la SAINTE TRINITE, "Toute la Vérité sur Fatima", Editions Renaissance Catholique-Contre-Réforme Catholique, Saint Parres-les-Vaudes, 1984-1985, 3 vv., resumidos pelo Frère François de MARIE DES ANGES. "Fatima. Joie intime, évènement mondial", Ed. la Contre-Réforme Catholique, Saint Parres-les-Vaudes, 1991. Cfr. sobretudo o III volume, "Le Troisième Secret" (1985).

(96) A.A. BORELLI MACHADO, "As Aparições e a Mensagem....", cit., pp. 71-77.

(97) Ibid., p. 76.

Entre os que sustentam esta hipótese, está o Cardeal Silvio Oddi, ex-Prefeito da Congregação para o Clero.

"Não me espantaria –afirma ele– se o terceiro segredo aludisse a tempos obscuros para a Igreja: graves extravios, apostasias inquietantes que se verificariam dentro do Catolicismo. Se consideramos a grave crise vivida a partir do Concílio, os sinais de cumprimento desta profecia não parecem faltar" (98).

(98) Card. Silvio ODDI, entrevista a Il Sabato de 17 de Março de 1990, p. 9.

A razão da decisão de não publicar o terceiro segredo, segundo palavras que o próprio Cardeal atribui à irmã Lúcia, é que "poderia ser mal interpretado". "Para mim –acrescentou o Purpurado– o segredo de Fátima contém uma profecia triste sobre a Igreja e é por isso que o Papa João XXIII não a divulgou; Paulo VI e João Paulo II tampouco fizeram. Na minha opinião está escrito mais ou menos que em 1960 o Papa teria convocado o Concilio do qual, contrariamente às expectativas, resultariam indirectamente tantas dificuldades para a Igreja" (99). "A esta altura –comenta o Cardeal– permito-me avançar uma hipótese: que o terceiro segredo de Fátima previsse alguma coisa de grave que a Igreja, naturalmente sem intenção, teria feito. Que por causa de más interpretações, de desobediências ou de coisas do género, a Igreja atravessaria um momento um tanto difícil. (...) Mas se realmente assim fosse, esse segredo já estaria conhecido, porque a crise da Igreja está à vista de muitos. E os espíritos mais perspicazes já perceberam isso há anos" (100).

(99) Id., entrevista a 30 Giorni, n° 11 (Novembro de 1990), p. 69.

(100) 30 Giorni, n° 4 (Abril de 1991), p. 57; "Fatima, una profezia ancora incompiuta", in Lepanto, n°s. 108-109-110 (Março-Abril-Maio de 1991).

10. Interpretação do Apocalípse e milenarismo

A perspectiva de Fátima, centrada na ideia de um castigo da humanidade, e a visão monfortiana do Reino de Maria, baseada na ideia de uma era de triunfo para a Igreja, têm sido por vezes erroneamente definidas como "apocalípticas" e "milenaristas".

Com a palavra apocalíptica tende-se hoje a qualificar qualquer perspectiva escatológica que preveja uma catástrofe, mais ou menos iminente, no curso da história. A palavra milenarismo, pelo contrário, diz respeito, de maneira genérica, à previsão de um "período áureo" para o futuro da humanidade. Nesta acepção muito ampla, os dois termos acabam por abranger qualquer perspectiva relativa ao fim de uma época da humanidade e à

instauração de uma nova civilização, para indicar genericamente uma disposição psicológica a uma transformação radical e à espera de uma "era nova" (101).

(101) Cfr. por exemplo Jean SÉGUY, "Millénarisme", in Catholicisme, vol. IX (1982), col. 158-165; id., "Sur l'apocalyptique catholique", in Archives de Sciences Sociales des Religions, n° 41 (1978), pp. 165-172.

Estendem alguns essas acusações à teologia da história de Plínio Corrêa de Oliveira que, seguindo a escola de Fátima e de São Luis Maria, prevê um grande triunfo da Igreja e da Civilização Cristã, depois de uma crise metaforicamente definida, na linguagem quotidiana da TFP, como "bagarre". Entretanto, os termos apocalíptica e milenarismo, tão canhestramente utilizados nos nossos dias ficam esclarecidos, à luz da doutrina católica, quanto ao seu autêntico significado.

Milenarismo (102), ou quiliasmo, é, em sentido próprio, a doutrina escatológica segundo a qual Jesus Cristo reinará visivelmente na terra com seus eleitos por um período de mil anos entre uma primeira ressurreição dos Santos e a segunda, universal, no fim do mundo. Esta teoria, fundada sobre a interpretação literal de uma passagem do Apocalipse (103), foi sustentada nos primeiros séculos da Igreja por Padres gregos e latinos como Santo Irineu (104), São Justino (105) , Tertuliano (106), Lactâncio (107).

(102) Sobre o milenarismo: cfr. os verbetes de H. LESÊTRE, in DB, vol. IV (1908), col. 1090-1097; Gustave BARDY, in DTC, vol. X (1929), col. 1700-1763; António PIOLANTI, in EC, vol. VIII (1952), col. 1008-1011; Maurilio ADRIANI, in ER, vol. IV (1972), col. 383-387. Cfr. também Ted DANIELS, "Millennialism: An International Bibliography", Garland, Nova York-Londres, 1992; "Il Millenarismo. Testi dei secoli I-II, de Carlo NARDI, Nardini Ed., Fiesole, 1995.

(103) Vi descer do céu um anjo que tinha a chave do abismo e uma grande cadeia na sua mão. E prendeu o dragão, a serpente antiga, que é o demónio e Satanás, e amarrou-o por mil anos; e meteu-o no abismo, e fechou-o e pôs selo sobre ele, para que não seduza mais as nações até se completarem os mil anos; e depois disto deve ser solto por pouco tempo. (...)" (Apoc. 20, 1-5).

(104) S. Ireneo, Adversus Haereses, V, 32-35, in PG, vol. VII, col. 1210-1221.

(105) S. Justino, Dialoghi con Trifone, 80-81, in PG, vol. VI, col. 664-669.

(106) Tertulliano, Adversus haereses, 5, 32, 1.

(107) Lactâncio, De Divinis Institutionibus, VII, 24, in PL, vol. VI, col. 808.

(108) Santo Agostinho, "De Civitate Dei", livro XX, cap. 7, in PL, vol. XLI, col. 667-668.

Santo Agostinho, que confessa ter sofrido a atracção milenarista, repele decisivamente este sistema no De Civitate Dei , bem como São Tomás na "Summa Theologica" (109). "Ainda que o quiliasmo não tenha sido catalogado como heresia –afirma o Padre Allo– o sentimento comum dos teólogos de todas as escolas é o de estar diante de uma doutrina "errónea" à qual alguns dos antigos Padres poderiam ter sido arrastados devido a certas condições das eras primitivas" (110).

(109) São Tomás de AQUINO, "Summa Theologica", III, q. 77, art. 1, ad. 4.

(110) E. B. ALLO, O.P., "Saint Jean, L'apocalypse", J. Gabalda et C., Paris 1933, 3a. ed., p. 323.

O Santo Ofício, em decreto de 19-21 de Julho de 1944, afirmou que o milenarismo, mesmo mitigado, entendido como sistema segundo o qual "Cristo Senhor, antes do Juízo Final, virá de modo visível reinar nesta terra, com ou sem a ressurreição prévia da maior parte dos justos, (...) não pode ser ensinado sem perigo ("tuto doceri non posset")" (111).

(111) AAS, vol. 36 (1944), p. 212; Denz-H, n° 3839. "0 decreto afirma, pois, que o milenarismo (ou quiliasma), mesmo mitigado ou espiritual, segundo o qual Cristo retornaria visivelmente à terra para nela reinar, antes do juízo universal, precedido ou não da resurreição de certo número de justos, esta doutrina não pode ser ensinada sem imprudência no que diz respeito à fé" (G. GILLEMAN, S.J., "Condamnation du millénarisme mitigé", in Nouvelle Revue Théologique, t. 67 (Maio-Junho de 1945), p. 240).

Qualquer católico familiarizado em grau mínimo com a história da doutrina da Igreja pode facilmente compreender que o "milenarismo" constitui uma doutrina inconfundível e bem definida, bastante diferente da mensagem de Fátima e das teses de São Luís Maria Grignion de Montfort e de Plínio Corrêa de Oliveira.

Pelo contrário, pode-se falar legitimamente de uma "apocalíptica católica", se com esta expressão se entende a especulação teológica sobre o Apocalipse que, para qualquer cristão, é o livro profético e inspirado que fecha o Novo Testamento (112), Descreve a história futura, relacionando-a com o presente e abarcando o conflito de todos os tempos entre Jesus Cristo e o eterno adversário, até à "última perseguição que, na iminência do Juízo final, a Santa Igreja deverá sofrer em toda a terra, isto é, toda a Cidade de Cristo, de parte de toda cidade do demónio" (113).

(112) Mons. A. ROMEO, "Apocalisse", in EC, vol. I (1948), col. 1600-1614.

(113) Santo Agostinho, "De civitate Dei", livro XX, cap. 11.

"Porque então será grande a aflição, como nunca o foi, desde o princípio do mundo até agora, nem jamais será. E, se não se abreviassem aqueles dias, não se salvaria pessoa alguma; porém, serão abreviados aqueles dias em atenção aos eleitos" (114).

(114) Mt. 24, 21-22.

A história do género humano não se concluirá com uma apoteose que levará ao auge uma ascensão histórica irreversível, mas com uma catástrofe, uma tirania universal do mal. "Na tradição da filosofia da história própria ao Ocidente –observa um conhecido filósofo católico contemporâneo– o próprio fim do tempo tem um nome: domínio do Anticristo" (115). O Anticristo, comenta Mons. Antonino Romeo, "é o inimigo capital de Cristo", que no fim dos tempos "seduzirá muitos cristãos com prodígios satânicos e astúcias", antes de ser aniquilado por Cristo na Sua Parusia (116).

(115) Josef PIEPER, "Sulla fine del tempo", tr. it. Morcelliana, Brescia, 1959, p. 113. No termo da história apresenta-se, segundo o Padre Pieper, a imagem de uma "pseudo-ordem mantida com o uso da força" (ibid., p. 121). O estado mundial do Anticristo será um estado totalitário em sentido extremo (ibid., p. 123).

(116) A. ROMEO, "Anticristo", in EC, vol. I (1948), col. 1433 (col. 1433-1441). Cfr. também A. ARRIGHINI, "L'anticristo, la venuta e il regno del vicario de Satana", Fratelli Melita, Milão, 1988. Para uma recente meditação sobre o tema, cfr. Card. Giacomo BIFFI, "Attenti all'Anticristo! L'ammonimento profetico di V. S. Solovëv", Piemme, Casale Monferrato, 1991.

A vida cristã é, nesta perspectiva, invocação e "expectativa" da Parusia (117) descrita no Apocalipse: a segunda vinda do Senhor "com poder e com glória" (118), para consumar o seu Reino messiânico, com a derrota do Anticristo e a instauração da Jerusalém celeste. A liturgia do Advento, como a da Páscoa, exprime a expectativa implorante desta vinda que incentiva os cristãos a "estar sempre prontos" (119).

(117) J. CHAINE, "Parousie", in DTC, vol. XI (1932), col. 2043-2054; A. ROMEO, "Parusia", in EC, vol. IX (1952), col. 875-882.

(118) Mt. 24, 30.

(119) S. Bernardo de CLARAVAL, "In adventu Domini" sermones VII, in PL, vol. 183, . col. 35-56.

"Com efeito –comenta o Cardeal Billot– basta abrir o Evangelho para admitir que a Parusia é de facto o alfa e o omega, o princípio e o fim, a primeira e última palavra de Jesus, que é a chave, a solução, a explicação, a razão de ser, a sanção desta; em suma, que é o acontecimento supremo ao qual todo o resto se refere e sem o qual todo o resto desaba e desaparece" (120).

(120) Card. Louis BILLOT S.J., "La Parousie", Beauchesne, Paris, 1920, p. 10.

Esta apocalíptica católica, sempre ensinada pela Igreja, nada tem a ver com o milenarismo antigo, nem com o moderno, cujas origens certos estudiosos localizam no pensamento de Joaquim de Flora, ou na deturpação deste.

Discutiu-se muito sobre a figura, ainda envolta numa sombra de mistério, do abade calabrês (121). Elaborou ele uma teologia da história em que, seguindo o esquema trinitário, distingue entre uma idade do Pai, iniciada com Adão, uma idade do Filho, que tem em Cristo a sua consumação, e uma terceira idade do Espírito Santo, anunciada por São Bento. O que nele ou na sua "posteridade" (122) é heterodoxo, não é a divisão trinitária da história, nem a espera de uma "idade nova", mas a negação, se realmente ocorreu, da unidade divina das Três Pessoas, da perenidade do Evangelho de Cristo e da missão salvífica da Igreja na "terceira idade". Segundo alguns estudiosos, procederia de Joaquim um processo de imanentização da escatologia cristã destinado a animar a utopia moderna de uma auto-redenção do homem (123).

(121) Sobre Joaquim de FLORA (1130-1202) e o joaquinismo a bibliografia é abundante. Cfr. os numerosos estudos dedicados por Mons. Giovanni DI NAPOLI ao abade calabrês: "La teologia trinitaria di Gioacchino da Fiore", in Divinitas, n° 3 (Outubro de 1976); id., "L'ecclesiologia di Gioacchino da Fiore", in Doctor communis, n° 3 (Setembro-Dezembro 1979); id., "Teologia e storia in Gioacchino", in "Storia e messaggio in Gioacchino da Fiore", Actas do Congresso Internacional de Estudos Joaquimitas (19-23 de Setembro de 1979), Centro di Studi Gioachimiti, S. Giovanni in Fiore, 1980, pp. 71-150. Cfr. também Marjorie REEVES, Beatrice HIRSCH-REICH, "The Figure of Joachim of Fiore", Clarendon Press, Oxford, 1972; Delno C. WEST e Sandra ZIMDARS-SWARTZ, "Joachim of Fiore: a Study in Perception and History", Indiana University Press, Bloomigton, 1983; Bernard McGINN, "L'abate calabrese Gioacchino da Fiore nella storia del pensiero occidentale", tr. it. Marietti, Génova, 1990.

(122) É preciso distinguir entre o abade calabrês e a sua "posteridade", da qual foram traçados itinerários filosóficos e literários que chegam até aos nossos dias. O Padre de Lubac que procurou estudar as pegadas do joaquinismo no decurso dos séculos, afirma que "a história da posteridade espiritual de Joaquim é também, e na maior parte, a história das traições ao seu pensamento" (Henri de LUBAC S.J., "La posterité spirituelle de Joachim de Flore", Lethielleux, Paris, 1978 (2 vols.), vol. I, p. 67. Cfr. também Marjorie REEVES-Warwick GOULD, "Joachim of Fiore and the Myth of Eternal Evangel in the Nineteenth Century", Clarendon Press, Oxford, 1987.

(123) Assim por exemplo Eric VOEGELIN, "The new Science of Politics. An Introduction", The University of Chicago Press, Chicago, 1987 (1952); id., "Les religions politiques" tr. fr. Editions du Cerf, Paris, 1994.

O que é certo é que no século XIV se inicia uma apocalíptica que representa a antítese da teologia da história cristã. O milenarismo moderno desenvolve-se com a ala esquerda da Revolução protestante, a partir de Thomas Müntzer e dos anabaptistas, e propõe uma revolução terrena entendida como a instauração do Reino de Deus na ordem puramente temporal. A ideia humanista de "Renascença" (124), como a protestante de "Reformatio" (125), exprimem a expectativa escatológica de uma idade nova caracterizada pelo fim da Igreja católica e do Papado, frequentemente identificado com o Anticristo. Trata-se, mais que do milenarismo, de um "messianismo" que caracteriza as seitas do ambiente anglo-saxão e germânico, permeia as origens da filosofia moderna, e desemboca na Revolução Francesa (126). O mito do progresso, típico do século passado, o da sociedade sem classes marxista, o nacional-socialista do "Terceiro Reich" e o ecológico dos "verdes" (127) entroncam com este filão de messianismo laico: ele pressupõe a negação do pecado original e da missão da Igreja e a "auto-redenção" da humanidade na história e através da história (128).

(124) Cfr. Harry LEVIN, "The Myth of the Golden Age in the Renaissance", Faber & Faber, Londres, 1969; Gustavo COSTA, "La leggenda dei secoli d'oro nella letteratura italiana", Laterza, Bari, 1972.

(125) Sobre a apocalíptica protestante, sobretudo entre as seitas inglesas do século XVII, cfr. Bernard S. CAPP, "Fifth Monarchy Men: a Study in Seventeenth Century English Millenialism", Bowman and Littlefield, Totowa, 1972; Eric RUSSEL CHAMBERLIN, "Anti-Christ

and the Millennium", Saturday Review Press, Nova York, 1975; William B. BALL, "A Great Expectation: Eschatological Thought in English Protestantism", E. J. Brill, Leiden,1975; Paul CHRISTIANSON, "Reformers in Babylon: English Apocalyptic Visions from the Reformation to the Eve of the Civil War", University of Toronto Press, Toronto, 1978; Catherine FIRTH, "The Apocalyptic Tradition in Reformation Britain 1530-1645", Oxford, University Press, Nova York 1979; Robin BRUCE BARNES, "Prophecy and Gnosis: Apocalypticism in the wake of the Lutheran Reformation", Stanford University Press, Stanford,1988.

(126) Cfr. Renzo DE FELICE, "Note e ricerche su i "Illuminati" e il misticismo rivoluzionario" (1789-1800), Storia e Letteratura, Roma, 1960; Clarke GARRETT, "Respectable Folly Millenarians and the French Revolution in France and England", John Hopkins University Press, Londres, 1975; D. MENOZZI, "Millenarismo e rivoluzione francese", in Critica Storica, vol. 14 (1977), pp. 70-82.

(127) Cfr. Romolo GOBBI, "Figli dell'Apocalisse", Rizzoli, Milão, 1993, pp. 264-281.

(128) Sobre a utopia moderna cfr. Walter NIGG, "Das ewige Reich", Artemis, Zürich, 1954; E. GILSON, "Les métamorphoses de la Cité de Dieu", Vrin, Paris, 1952; T. MOLNAR, "Utopia", cit.; Bronislaw BACZKO, "Lumières de l'utopie", Payot, Paris, 1978; Cfr. também Alexander CIORANESCU, "L'avenir du passé. Utopie et littérature", Gallimard, Paris, 1972.

A oposição não poderia ser mais nítida: a escatologia cristã quer sacralizar a sociedade e a história ordenando-a a Deus; o messianismo laico quer uma implícita divinização do homem e das estruturas sociais para realizar o "Reino de Deus" sobre a terra, na sua absoluta perfeição (129).

(129) Cfr. Padre Reginald GREGOIRE, "Rapporti tra apocalittica medievale e messianismi laici odierni", in "Storia e messaggio in Gioacchino da Fiore", cit., pp. 225-244. O messianismo laico, observa o Padre Grégoire, "cria um sentimento de satisfação, de admiração pelo homem capaz de criar a própria felicidade no interior da mesma humanidade. O Absoluto não possui mais nenhum significado. É o apogeu do naturalismo" (ibid., p. 237). Este naturalismo encontraria a sua expressão não só no ateísmo político marxista e nazi, mas também nalgumas formas da "teologia da libertação" que procuram a realização puramente histórica do Reino de Deus. Sobre o milenarismo pós-medieval, cfr. também o verbete Chiliasmus IV de Richard BAUCKHAM in TRE, vol. 7 (1981), pp. 737-745.

Nada tem de comum com o milenarismo, a ideia de uma era histórica em que o Catolicismo atinja a sua plenitude, realizando a sentença e o desejo de São Paulo e dos grandes Pontífices deste século: "Instaurare omnia in Christo" (130).

(130) Ef. 1, 10.

11. Visão do futuro de Papas e de Santos

A ideia de uma época histórica de triunfo da Igreja e da Civilização Cristã, remonta, antes de São Luís Maria Grignion de Montfort e de Plínio Corrêa de Oliveira, a Santos como São Boaventura, e adoptada no nosso século por um outro grande apóstolo mariano que foi São Maximiliano Kolbe.

Esta perspectiva de triunfo da Igreja nada absolutamente tem de comum com qualquer forma de milenarismo condenado pela Igreja. Trata-se, com efeito, de um período histórico que precede não somente a Parusia, mas o próprio domínio do Anticristo e não propõe nenhum "Reino Visível" de Jesus Cristo sobre a terra. A presença visível de Jesus Cristo tornaria inútil a missão da Igreja, ao passo que a tese de Plínio Corrêa de Oliveira é outra: o Reino de Maria será uma idade em que a Igreja, Corpo Místico de Cristo, terá uma influência e representará um papel como nunca aconteceu na história. Mesmo que se queira aplicar ao Reino de Maria a passagem enigmática do Apocalipse, nisto não haverá milenarismo, pois o Reino social de Jesus Cristo e de Maria prognosticado por Plínio Corrêa de Oliveira não exclui a presença do pecado original e a acção do demónio.

"Por mais concreta, evidente e tangível que seja a realidade terrena do Reino de Cristo é necessário não esquecer –escreve Plínio Corrêa de Oliveira– que este reino é somente uma preparação e um prólogo. Na sua plenitude, o Reino de Deus será no Céu: `O meu reino não é deste mundo' (Jo. 18, 36)" (131).

(131) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, **A cruzada do século XX**, cit.

"A Igreja ensina-nos que esta terra é, de facto, um lugar de exílio, um vale de lágrimas, um campo de batalha, e não um lugar de delícias.(...) Imaginar pois um mundo sem luta e sem adversidade seria conceber um mundo sem Jesus Cristo" (132).

(132) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**A utopia e a mensagem**", in Folha de S. Paulo, 19 de Julho de 1980.

Na expectativa desta época bendita, o pensador brasileiro encontra-se em companhia de numerosos Santos e teólogos antigos e modernos. O Cardeal Ratzinger estabeleceu um paralelo entre a Cidade de Deus de Santo Agostinho, nascida durante a crise do Império Romano, e aquele "momento culminante no modo cristão de pensar a história" (133) representado pelas Collationes in Hexaëmeron de São Boaventura (134).

(133) J. RATZINGER, "San Bonaventura. La teologia della storia", cit., p. 25.

(134) S. Boaventura, "Collationes in Hexaëmeron", sue "Illuminationes Ecclesiae ", in "S. Bonaventurae opera omnia ", Collegium S. Bonaventurae, Quaracchi 1883-1902, vol. V, pp. 372-454, tr. esp. Hexameron, BAC, Madrid, 1972. Estas conferências foram pronunciadas para um numeroso auditório de Frades, em Paris, entre a Páscoa e o Pentecostes de 1273. Alois Dempf viu nesta obra "a maior e última filosofia da história da Idade Média" (Sacrum Imperium, cit., p. 311). O Card. Ratzinger admite uma forte influência de Joaquim de Flora sobre São Boaventura ("San Bonaventura. La teologia della storia", cit., pp. 207-214) vendo naquele "o precursor de uma nova compreensão da história, a qual hoje nos parece ser, de modo tão óbvio, a compreensão cristã que fica difícil crer não ter sido assim em algum momento" (ibid., p. 211).

Nesta obra, São Boaventura procura fazer algo semelhante ao que Santo Agostinho tinha feito na Cidade de Deus: "tornar compreensível o presente e o futuro da Igreja a partir do seu passado" (135).

(135) J. RATZINGER, "San Bonaventura. La teologia della storia", cit., p. 43.

A glória da "sétima idade", de que fala o Doutor Seráfico no Hexaëmeron, refere-se a um triunfo temporal da Igreja situado no mundo e na história (136). "A teologia da história de Boaventura culmina com a esperança de uma era, interna à história, de descanso sabático dado por Deus. (...) Não é aquela paz na eternidade de Deus que não terá mais fim e que se seguirá à ruína deste mundo; é uma paz que Deus instituirá sobre esta mesma terra, a qual presenciou tanto sangue e tantas lágrimas, como se quisesse ainda mostrar, pelo menos no momento do fim, como na realidade teria podido ser ou deveria ter sido, segundo os seus desígnios" (137).

(136) Ibid., pp. 24-34. Cfr. também Miguel BECCAR VARELLA, "São Boaventura, Doutor para o Reino de Maria", in Catolicismo, n° 536 (Agosto 1995).

(137) J. RATZINGER, "San Bonaventura. La teologia della storia", cit., pp. 121, 302.

As afirmações do Cardeal Ratzinger relativas à teologia da história de São Boaventura, podem também ser entendidas muito bem à luz do pensamento de São Tomás. Com efeito, se o homem, como ensina o Doutor Angélico, é por sua natureza um ser social (138), evidentemente é chamado não só à sua santificação pessoal, mas à santificação da sociedade; e se a história humana não atingir esse auge de perfeição social, ficará com isto prejudicada aquela glória de Deus que é o fim último da criação.

(138) São Tomás DE AQUINO, "De Regimine Principum ", I, 1. A tese de São Tomás foi retomada por Leão XIII na Encíclica Libertas e por Pio XI na Quadragesimo Anno. Cfr. Josephus GOENAGA, s.j., "Philosophia socialis", C.I.S.I.C., Roma, 1964, pp. 39-40.

Este fundamento teológico e filosófico está implícito na perspectiva escatológida de muitos Santos do século XX.

"Uma grande época está para vir!", anuncia o Beato Luís Orione: "Teremos novos coelos et novam terram. A sociedade restaurada em Cristo voltará mais jovem, mais brilhante, voltará reanimada, renovada e guiada pela Igreja. O Catolicismo, cheio de divina verdade, de caridade, de juventude, de força sobrenatural, levantar-se-á no mundo, e colocar-se-á à frente do século renascente, para conduzi-lo à honestidade, à fé, à felicidade, à salvação" (139).

(139) Beato Luís ORIONE, Carta de 3 de Julho de 1936, in Lettere, III ed. ampliata, Postulazione, vol. II, Roma 1969, pp. 369-370. Sobre o Beato Luís Orione (1872-1940), fundador da Pequena Obra da Divina Providência, cfr. Carlo STERPI, "Lo spirito di don Orione", Libreria Emiliana Editrice, Veneza,1941; Giorgio PAPASOGLI, "Vita di don Orione", com um prefácio de S. Emcia. o Card. Giuseppe Siri, Gribaudi, Turim, 1974.

"Vivemos numa época –escreve por sua vez São Maximiliano Kolbe– que poderia ser chamada o início da era da Imaculada" (140). "... Sob a sua bandeira combater-se-á uma grande batalha e nós hastearemos as suas bandeiras sobre as fortalezas do rei das trevas. E a Imaculada tornar-se-á Rainha do mundo inteiro e de cada alma individual, como a Beata Catarina Labouré previa" (141). "Desaparecerão então as lutas de classes e a humanidade aproximar-se-á, quanto é possível nesta terra, da felicidade, de uma antecipação daquela felicidade rumo à qual cada um de nós já tende naturalmente, vale dizer, à felicidade sem limites, em Deus, no paraiso" (142). "Com efeito, quando isto acontecer, a terra tornar-se-á um paraiso. A paz e a verdadeira felicidade entrarão nas famílias, nas cidades, nas aldeias e nas nações de toda a sociedade humana, uma vez que, onde Ela reinar, aparecerão também as graças de conversão e de santificação e a felicidade"(143).

(140) S. Maximiliano KOLBE O.F.M. Conv. (1894-1941), "La difesa della Chiesa sotto il vessillo dell'Immacolata: la fondazione della Milizia dell'Immacolata e i suoi primi sviluppi", in Miles Immaculatae, Julho-Setembro de 1939, atualmente em "Gli Scritti di Massimiliano Kolbe", tr. it. Ed. Città di Vita, Florença, 1975-1978, vol. III, p. 555. Sobre o Santo polaco, cfr. também António RICCIARDI O.F.M. Conv., "Padre Massimiliano Kolbe", Postulatione Generale, Roma, 1960; Maria WINOWSKA, "Le secret de Maximilien Kolbe", Ed. Saint Paul, Paris-Friburgo, 1971; "La mariologia di S. Massimiliano Kolbe", Actas do Congresso Internacional de Roma (8-12 de Outubro de 1984), E. S. PANCHERI, Miscellanea Francescana, Roma, 1985.

(141) S. M. KOLBE O.F.M. Conv., Carta ao Padre Floriano Koziura de 30 de Maio de 1931, in "Gli Scritti", cit., vol. I, p. 550.

(142) S. M. KOLBE O.F.M. Conv., "La Regina della Polonia", in Rycerz, Maio de 1925, actualmente in "Gli Scritti", cit., vol. III, p. 209.

(143) S. M. KOLBE O.F.M. CONV., Calendário do Rycerz para o ano de 1925, actualmente em "Gli Scritti", cit., vol. III, p. 189.

O próprio Pio XII, instituindo a festa de Maria Rainha e mandando renovar cada ano, naquele dia, a consagração do género humano ao Coração Imaculado de Maria, colocava neste acto "grande esperança de que possa surgir uma nova era, alegrada pela paz cristã e pelo triunfo da religião" (144), e afirmava que "a invocação do Reino de Maria é (...) a voz da fé e da esperança cristã" (145), reforçando num de seus últimos discursos a "certeza de que a restauração do Reino de Cristo por Maria não poderá deixar de se efectivar" (146).

(144) Pio XII, Encíclica Ad Coeli Reginam, cit.

(145) Pio XII, Discurso de 1 de Novembro de 1954, in DR, vol. XVI, p. 238.

(146) Pio XII, Radiomensagem de 17 de Setembro de 1958 ao Congresso Mariano de Lourdes, in DR, vol. XX, p. 365.

12. Rumo ao século do imenso triunfo

A teologia da história de Plínio Corrêa de Oliveira situa-se, pois, no âmbito da mais ortodoxa doutrina da Igreja, com uma modulação eminentemente monfortiana. Ela brota de

uma profunda especulação teológica e de uma ainda mais profunda piedade mariana, que o levou a desejar ardentemente, mas também a entrever profeticamente, o Reino de Maria anunciado por Montfort e previsto pela própria Santíssima Virgem em Fátima, entendido como "uma era histórica de Fé e virtude, que será inaugurada com uma vitória espectacular de Nossa Senhora sobre a Revolução", uma época em que "o demónio será expulso e voltará aos antros infernais e Nossa Senhora reinará sobre a humanidade por meio das instituições que para isso escolheu" (147).

(147) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, Prólogo à edição argentina de "Revolución y Contra Revolución", cit., p. 31.

Até ao último dia da sua vida, o Prof. Plínio quis infundir nos seus discípulos o amor ardente a Nossa Senhora e a confiança no Seu triunfo. As ruínas da Cristandade às quais tinha dedicado a sua vida apareceram-lhe resplandecentes e transfiguradas, às vésperas do século XXI, o primeiro século do Terceiro Milénio.

"Para além da tristeza e das punições supremamente prováveis, para as quais caminhamos, temos diante de nós os clarões sacrais da aurora do Reino de Maria: `Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará'. É uma perspectiva grandiosa de universal vitória do Coração régio e maternal da Santíssima Virgem. É uma promessa apaziguadora, atraente e sobretudo majestosa e empolgante" (148).

(148) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Fátima numa visão de conjunto**", prefácio a A. A. BORELLI MACHADO, op. cit., pp. 16-17.

Ao pensador e homem de acção brasileiro bem se pode aplicar o que um mariólogo contemporâneo escreveu sobre Montfort:

"Se o critério mais seguro para verificar se alguém é profeta é `a realização da sua profecia', ou seja, `o veredicto da história' (W. Vogels), hoje é preciso dizer que a história caminha no sentido previsto por Montfort" (149).

(149) S. De FLORES S.M.M., "Le Saint-Esprit et Marie dans les derniers temps selon Grignion de Montfort", in Etudes Mariales (1986), número monográfico dedicado a "Marie et la fin des temps", vol. III, "Approche historico-théologique", p. 156 (pp. 133-171). "Montfort demonstra-se homem aberto aos grandes horizontes da história da salvação e voltado para o futuro. Sobre as bases –desigualmente sólidas– das revelações privadas, da Bíblia e do seu carisma teológico-profético pessoal, ele vê os últimos tempos como `reino do Espírito do Pai e do Filho' e –pela primeira vez na tradição católica– situa a devoção mariana na perspectiva da segunda vinda de Jesus Cristo" (ibid., p. 160).

As palavras com as quais Plínio Corrêa de Oliveira, num dos seus mais célebres artigos, resumia a sua visão futura, iluminam com uma luz trágica, mas carregada de esperança sobrenatural, a guinada histórica do terceiro milénio, enquanto o século XX chega ao seu fim:

"A guerra, a morte e o pecado estão a apresentar-se para devastar novamente o mundo, desta vez em proporções maiores do que nunca. Em 1513, representou-os o talento incomparável de Dürer sob a forma de um cavaleiro que parte para a guerra, revestido de armadura completa, e acompanhado da morte e do pecado, este último personificado num unicórnio. A Europa já então imersa nas agitações que precederam a Pseudo-Reforma, encaminhava-se para a era trágica das guerras religiosas, políticas e sociais que o protestantismo desencadeou.

"A próxima guerra, sem ser explícita e directamente uma guerra de Religião, afectará de tal maneira os mais sagrados interesses da Igreja que um verdadeiro católico não pode deixar de ver nela, principalmente, o aspecto religioso. E o morticínio que se desencadeará será por certo incomparávelmente mais devastador do que os dos séculos anteriores.

"Quem vencerá? A Igreja?

"Não são róseas as nuvens que temos diante de nós. Mas uma certeza invencível nos anima, de que não só a Igreja –como é obvio dada a promessa divina– não desaparecerá, mas que alcançará nos nossos dias um triunfo maior do que o de Lepanto.

"Como? Quando? O futuro a Deus pertence. Muita causa de tristeza e apreensão se nos depara ao olhar até mesmo para alguns irmãos na Fé. Ao calor da luta, é possível e até

provável que tenhamos terríveis decepções. Mas é bem certo que o Espírito Santo continua a suscitar na Igreja admiráveis e indomáveis energias espirituais de Fé, pureza, obediência e dedicação, que no momento oportuno cobrirão mais uma vez de glória o nome cristão.

"O século XX será, não só o século da grande luta, mas sobretudo o século do imenso triunfo" (150).

(150) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "O século da guerra, da morte e do pecado", in Catolicismo, n° 2 (Fevereiro de 1951).

CONCLUSÃO

"Estou certo de que os princípios
aos quais consagrei a minha vida
são hoje mais actuais que nunca,
e apontam o caminho que o mundo seguirá
nos próximos séculos.
Os cépticos poderão sorrir.
Mas o sorriso dos cépticos
jamais conseguiu deter
a marcha vitoriosa dos homens de Fé"

Plínio Corrêa de Oliveira morreu em São Paulo, com quase 87 anos de idade, a 3 de Outubro de 1995, festa, segundo o antigo calendário, de uma Santa à qual professava especial devoção: Santa Teresinha do Menino Jesus.

"A vida da Igreja e a vida espiritual de cada fiel –escreveu Plínio Corrêa de Oliveira, referindo-se a Santa Teresinha– são uma luta incessante. Deus dá por vezes à sua Esposa dias de uma grandeza esplêndida, visível, palpável. Dá às almas momentos de consolação interior ou exterior admiráveis. Mas a verdadeira glória da Igreja e do fiel resulta do sofrimento e da luta. Luta árida, sem beleza sensível, nem poesia definível. Luta em que se avança por vezes na noite do anonimato, na lama do desinteresse ou da incompreensão, sob as tempestades e o bombardeio desencadeado pelas forças conjugadas do demónio, do mundo e da carne. Mas luta que enche de admiração os Anjos do Céu e atrai as bençãos de Deus" (1).

(1) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "A verdadeira glória só nasce da dor", in Catolicismo, n° 78 (Junho de 1957).

Isto corresponde àquilo que São Luís Maria Grignion de Montfort pediu a Nossa Senhora na página que conclui "O segredo de Maria":

"Por minha parte, nada quero na terra senão o que Vós nela tivestes: crer puramente, sem nada sentir ou ver; sofrer alegremente, sem consolação das criaturas; morrer continuamente a mim mesmo, sem tréguas; trabalhar resolutamente por Vós, até à morte, sem buscar o meu interesse, como o menor dos vossos servos" (2).

(2) São Luís Maria GRIGNION DE MONTFORT, "O Segredo de Maria", n° 69.

A vida espiritual de Plínio Corrêa de Oliveira não constituiu o objecto principal deste estudo, que quis colocar em foco sobretudo o aspecto público do seu pensamento e da sua obra. Entretanto, é evidente que só na profundidade da sua vida interior se pode compreender o mistério desse amor desmedido à Civilização Cristã e desse ódio implacável contra a Revolução que a agredia. Deste amor e deste ódio fez o eixo em torno do qual gravitaram todos os seus ideais e actividades (3), levantando-se assim como paradigma e pedra de contradição do seu tempo.

(3) Cfr. Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "Revolução e Contra-Revolução", cit., p. 44.

A sua vida, escreveu o Cardeal Bernardino Echeverría Ruiz, "convida-nos a reflectir sobre o facto de que, quanto mais intensos são os males de uma época, tanto mais notáveis

são as figuras que a Divina Providência chama para combatê-los, pois o seu desígnio é debelar as crises suscitando almas de fogo" (4).

(4) Card. Bernardino ECHEVERRÍA RUIZ, O.F.M., "**Plínio Corrêa de Oliveira: apóstolo insigne, polemista fogoso e intrépido**", in Catolicismo, n° 542 (Fevereiro de 1996).

Plínio Corrêa de Oliveira foi um cruzado do século XX: enfrentou de viseira erguida a marcha destrutiva da Revolução anticristã, combatendo sucessivamente, e muitas vezes ao mesmo tempo, o pseudo-misticismo nazi, o hedonista way of life americano, a utopia igualitária socialista e comunista, o progressismo católico que tentava demolir a Igreja por dentro.

"A combatividade cristã –escreveu– tem o sentido exclusivo de legítima defesa. Não há para ela outra possibilidade de ser legítima. É sempre o amor de alguma coisa ofendida que move o cristão ao combate. Esse combate será tanto mais vigoroso quanto mais alto for o amor com que se combate. E por isso mesmo, não há, no católico, combatividade maior do que aquela com que ele luta pela defesa da Igreja ultrajada, negada, calcada aos pés" (5).

(5) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Passio Christi, conforta me**", in O Legionário, n° 637 (22 Outubro 1944).

Nas lutas e nas dificuldades, ao lado da virtude da fortaleza, Plínio Corrêa de Oliveira praticou sobretudo a da esperança, na convicção, como escrevia à sua mãe em 1930, que "àquele a quem Deus dá a Fé, Ele próprio exige a Esperança" (6). Síntese suprema destas duas virtudes cristãs é a confiança, que São Tomás define com profundidade como "spes roborata", "uma esperança fortificada por uma sólida convicção" (7).

(6) J.S. CLÁ DIAS "Dona Lucília", cit., vol. II, p. 107.

(7) São Tomás de AQUINO, "Summa Theologica", II-IIae, q. 129, art. 6 ad 3.

A diferença entre esperança e confiança, comenta por sua vez o P. Thomas de Saint-Laurent, não é de natureza, mas só de grau de intensidade. "Os alvores incertos da aurora, tal como o esplendor do sol no zénite, fazem parte do mesmo dia... Assim a confiança e a esperança pertencem à mesma virtude: uma é apenas o desabrochar completo da outra" (8).

(8) Raymond de THOMAS DE SAINT-LAURENT, "O Livro da Confiança", Companhia Editora do Minho, Barcelos, 1994, p. 20. Plínio Corrêa de Oliveira amou e difundiu particularmente esta inspirada obra.

A confiança na vitória final da Contra-Revolução católica e no advento do Reino do Coração Imaculado de Maria foi a virtude que Plínio Corrêa de Oliveira mais profundamente infundiu nos seus numerosos discípulos espalhados pelo mundo, mesmo fora das fileiras da TFP. Fortificou esta confiança, além da fonte de Fátima, numa devoção mariana que lhe foi especialmente querida: a de Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano, da qual, em 1967, por ocasião de uma grave doença e de uma aflitiva provação espiritual, tinha recebido uma grande graça interior: a certeza sobrenatural de que não morreria sem ter cumprido a missão que a Divina Providência lhe confiou (9).

(9) Cfr. **declaração do próprio Plínio Corrêa de Oliveira**, publicada na revista Madre del Buon Consiglio (Julho-Agosto de 1985) e transcrita como documento in J. S. CLÁ DIAS, "Nossa Senhora do Bom Conselho de Genazzano", com o prefácio de Plínio Corrêa de Oliveira, Ed. Brasil de Amanhã, São Paulo, 1992, pp. 122-123.

Ao fim deste estudo, como historiador e como católico, sinto-me em condições de afirmar com tranquila certeza, que a poucos homens na história da Igreja convêm como a Plínio Corrêa de Oliveira as palavras de São Paulo tantas vezes aplicadas aos grandes defensores da fé: "Bonum certamen certavi", "combati o bom combate, acabei a minha carreira, guardei a fé" (10).

(10) 2 Tim. 4, 7.

O cortejo que, erguendo os grandes estandartes da TFP, acompanhou em 5 de Outubro de 1995 Plínio Corrêa de Oliveira com recolhida solenidade à última morada,

atravessou uma São Paulo bem diversa daquela em que ele vira a luz. Talvez nenhuma cidade do mundo tenha sofrido neste período as devastações urbanísticas e arquitectónicas pelas quais passou São Paulo e nenhuma, nesta radical transformação, reflectiu melhor o itinerário nihilista do século XX, da Belle Époque ao caos turbulento que precede a viragem do milénio.

No decurso de uma época em que, como sua cidade natal, tudo mudou radicalmente, levando de roldão valores e instituições, Plínio Corrêa de Oliveira permaneceu irremovível nos princípios em que acreditava, coerentemente fiel àquele ideal de Civilização Cristã em que tinha visto não apenas o passado, mas também o irreversível futuro da história, se os homens correspondessem à Graça divina.

"Estou certo –escreveu– de que os princípios aos quais consagrei a minha vida são hoje mais actuais do que nunca e apontam o caminho que o mundo seguirá nos próximos séculos. Os cépticos poderão sorrir. Mas o sorriso dos cépticos jamais conseguiu deter a marcha vitoriosa dos homens de Fé" (11).

(11) Plínio CORRÊA DE OLIVEIRA, "**Auto-retrato filosófico**", cit.

Nesta coerência simples e absoluta está todo o heroísmo e a grandeza de Plínio Corrêa de Oliveira! O seu testamento espiritual, que transcrevemos parcialmente na conclusão da nossa obra, explica, melhor do que qualquer outra palavra, o segredo desta grandeza.

"Em nome da Santíssima e Indivisível Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. E da Bem-aventurada Virgem Maria, minha Mãe e Senhora, eu, Plínio Corrêa de Oliveira declaro que vivi e espero morrer na Santa Fé Católica Apostólica e Romana, à qual adiro com todas as veras da minha alma.

"Não encontro palavras suficientes para agradecer a Nossa Senhora o favor de ter vivido desde os meus primeiros dias, e de morrer, como espero, na Santa Igreja, à qual votei, voto e espero votar até ao último alento, absolutamente todo o meu amor. De tal sorte que todas as pessoas, instituições e doutrinas que amei durante toda a minha vida, e actualmente amo, só as amei ou amo porque eram ou são segundo a Santa Igreja, e na medida em que eram ou são segundo a Santa Igreja. Igualmente, jamais combati instituições, pessoas ou doutrinas senão porque e na medida em que eram opostas à Santa Igreja Católica.

"Agradeço da mesma forma a Nossa Senhora –sem que me seja possível encontrar palavras suficientes para fazê-lo– a graça de ter lido e difundido o "Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem" de São Luis Maria Grignion de Montfort, e de me ter consagrado a Ela como escravo perpétuo. Nossa Senhora foi sempre a Luz da minha vida, e da sua clemência espero que seja Ela a minha Luz e o meu Auxílio até ao último instante da existência.

"Agradeço ainda a Nossa Senhora –e quão comovidamente– ter-me feito nascer de Da Lucília. Eu a venerei e amei em todo o limite do que me era possível e, depois da sua morte, não houve dia em que não a recordasse com saudades indizíveis. Também à alma dela peço que me assista até ao último momento com a sua bondade inefável. Espero encontrá-la no Céu, na coorte luminosa das almas que amaram mais especialmente Nossa Senhora.

"Tenho consciência do dever cumprido, pelo facto de ter fundado e dirigido a minha gloriosa e querida TFP. Osculo em espírito o estandarte desta que se encontra na Sala do Reino de Maria. São tais os vínculos de alma que tenho com cada um dos sócios e cooperadores da TFP brasileira, como das demais TFPs, que me é impossível mencionar aqui especialmente alguém em particular para lhe exprimir o meu afecto. Peço que Nossa Senhora os abençoe a todos e a cada um. Depois da morte, espero junto d'Ela rezar por todos, ajudando-os assim de modo mais eficaz do que na vida terrena.

"Aos que me deram motivos de queixa, perdôo de toda a alma. Faço votos de que a minha morte seja para todos ocasião da graça que chamamos do Grand Retour.

"Não tenho directrizes a dar para essa eventualidade, pois melhor do que eu fá-lo-á Nossa Senhora. Em qualquer caso, a todos e a cada um peço entranhadamente e de joelhos que sejam sumamente devotos de Nossa Senhora durante toda a vida. (...)".